JORNAL DO BRASIL

©JORNAL DO BRASIL S A 1989 | Rio de Janeiro - · Domingo, 2 de abril de 1989 | Ano XCVIII — Nº 355 | Preço para o Rio: NCz$ 0,50

Tempo

No Rio e em Niterói, claro a parcialmente nublado com possíveis pancadas de chuvas a partir da tarde. Visibilidade boa a moderada. Tempearatura estável. Máxima e mínima de ontem: 35,3º em Bangu e 20,3º no Alto da Boa Vista. Foto do satélite, mapa e tempo no mundo, página 36.

Guerra comercial

Os Estados Unidos abriram nove contenciosos comerciais com o Brasil em conseqüência de denúncias de protecionismo nas seguintes áreas: comércio em geral, propriedade intelectual, eletrônica, cinema e TV, remédios, autopeças, câmeras polaroid, chocolate e vinhos. (Página 33)

DOMINGO

Dilmar Cavalher

☐ A boneca Barbie, que vendeu até hoje mais de 500 milhões de unidades, é o símbolo mais evidente de um brinquedo já encontrado em escavações do império grego e que continua imbatível entre as crianças e adultos. Ney Latorraca não se separa de um velho Pinóquio, Elba Ramalho tem o quarto repleto de *biscuits*. Bonecas de pano, plástico ou fina porcelana — o mercado se renova quase que semanalmente para todos os gostos, e até para os meninos, que têm uma linha especial de heróis. A sensualidade da Barbie e o estímulo ao consumismo desenfreado — revelado nos carros, piscinas e roupas da boneca — são criticados pela psicóloga Ana Elisa Vianna: "Ela representa um ideal quase impossível de alcançar."

Brasília dá mais a mordomias do que à população

O governo do Distrito Federal consome mais dinheiro público para dar conforto aos seus secretários do que para melhorar as condições de higiene e saúde da população que o sustenta. Este ano, o governador Joaquim Roriz destinará NCz$ 13 milhões para manter 87 imóveis de luxo — valor 11 vezes maior do que o previsto para saneamento e tratamento de lixo e 10 vezes maior do que planeja gastar em saúde.

Só mansões o Distrito Federal administra 17 (mais do que o governo federal, que tem 15). Numa cidade que dispõe de todas as facilidades, fincou-se a tese de que o funcionário público deve viver como nababo para não bater em retirada. Isso faz com que uma administração praticamente municipal converta em mordomias quase o dobro do orçamento das 8 cidades-satélites de Brasília, onde vivem 1,5 milhão de pessoas. (Pág. 4)

Brasília - Gilberto Alves

Numa cidade que tem tudo, acredita-se que os funcionários precisam de mordomias para ficar

Namíbia começa independência com 40 mortos

Trinta e oito guerrilheiros e dois policiais morreram, no mais grave confronto da guerrilha da Namíbia com as forças de ocupação sul-africanas desde junho do ano passado. O incidente ocorreu no exato dia em que a Namíbia iniciou, sob a supervisão da ONU, o processo de independência em relação à África do Sul.

O chanceler da África do Sul, Roelof Botha, ameaçou expulsar as forças de paz da ONU se o secretário-geral, Javier Pérez de Cuéllar, "não assumir uma posição clara" contra o rompimento do cessar-fogo por parte da Organização do Povo do Sudoeste Africano (Swapo). O início do processo de independência foi comemorado nas ruas pela população. (Página 24)

Classe média está gastando poupança

Para uma fatia premiada da classe média, o Plano Verão assumiu um ligeiro sabor de Plano Cruzado. Há um nítido aumento de consumo e uma precipitação nas compras por pessoas que temem o fim do congelamento. As vendas de combustível cresceram 20% e aumentou a procura por táxi. "Hoje qualquer *pé rapado* anda de táxi", define o motorista Hermes Chaves, que rodava 170 quilômetros por dia e agora roda 250.

Para o economista Antonio Carlos Porto Gonçalves, os ganhos da classe média em aplicações no overnight e na caderneta provocaram o aumento de consumo. Preços congelados e remuneração elevada da poupança foram a fórmula que permitiu à engenheira Edir Cruz Vieira comprar um carro. Há um ano ela economizava e, a cada mês, via os preços dispararem à frente de seus rendimentos.

Casas de show tiveram um aumento de freqüência de 10% e as vendas no shopping Rio Sul e no Norte Shopping cresceram 25% em fevereiro. Antes do Plano Verão as lojas G. Aronson, em São Paulo, vendiam 30 fornos microonda por semana. Hoje vendem 500.O ministro Mailson da Nóbrega revela que o governo estuda o assunto, mas acredita que, além dos ganhos com os juros altos, as pessoas gastam por temer o descongelamento.

☐ **Os pecuaristas de São Paulo estão intransigentes: se não conseguirem aumento não entregarão o boi, apesar de o país estar na safra. "Não vendo. Se quiserem podem confiscar", desafia Sílvio Lazzarini. (Págs. 27 e 29)**

Polícia apura sabotagem no Túnel Rebouças

O secretário de Polícia Civil, Hélio Saboya, pedirá amanhã a abertura de inquérito para apurar denúncia de que Cláudio Teles de Freitas, funcionário do Departamento de Estradas de Rodagem (DER), interrompeu de propósito o trânsito no Túnel Rebouças, causando um gigantesco engarrafamento.

Na sexta-feira, segundo e último dia da greve do DER, Cláudio Teles parou na pista central da galeria Lagoa—Rio Comprido o Chevette de placa UN 9434. Depois, saiu com o carro e, rindo, disse a outro motorista que tinha ficado sem combustível. O governador Moreira Franco afirmou que respeita o direito de greve, mas "sabotagem, nunca". (Pág. 36)

Turnê de Jânio custa a amigos US$ 47.382

Ique

O casal Jânio e Eloá Quadros tem excelentes e generosos amigos. Esta é a conclusão que se colhe da explicação do assessor de Jânio, Wilson Pereira, segundo o qual são eles que patrocinam a viagem do ex-prefeito de São Paulo e de sua mulher pelo mundo. O casal se encontra há 98 dias no exterior e gastou até agora US$ 47.382, no mínimo.

Esta seria a despesa de duas pessoas que, como Jânio e dona Eloá, percorressem Boston, Londres, Paris, Milão, Cairo, Istambul e Roma, hospedando-se em bons hotéis e comendo em restaurantes de luxo. Nas contas de Pereira, porém, Jânio até agora só bancou um casaco de lã azul-marinho para sua mulher, em Londres, e um sobretudo. (Página 3)

BE SPECIAL

Liberati

☐ Uma mesa-redonda sobre a transição democrática espanhola, e os paralelos que podem ser traçados entre ela e a brasileira, realizada no auditório do *JORNAL DO BRASIL*, motiva uma reflexão mais aprofundada. As idéias do ex-ministro da Educação e Ciência espanhol, José Maria Maravall, e a reflexão sobre a economia na transição por Guilherme de la Dehesa, José Antonio Garcia Lopez e Emilio de la Fuente têm como contraponto artigos dos professores brasileiros Luciano Martins e Sérgio Abranches. Uma entrevista com o sociólogo espanhol Juan José Linz, da Universidade de Yale, enfatiza as diferenças entre a transição espanhola e a brasileira, mas termina com uma previsão otimista em relação ao Brasil.

Baile da estação

O superintendente da Rede Ferroviária em Minas, Márcio Ferreira, fechará dia 22 a estação central, em Belo Horizonte, para comemorar, com um baile de máscaras, os 17 anos de sua filha. (Página 4)

Debate salarial

O governo continuará interferindo nas negociações salariais, embora defenda acordo direto entre patrões e empregados. A decisão foi tomada pelos ministros do Trabalho, da Fazenda e do Planejamento. (Página 26)

Cinto obrigatório

Na estréia do uso obrigatório do cinto de segurança nas estradas federais, a Polícia Rodoviária multou 70 pessoas na Ponte Rio-Niterói até meio-dia e calculou que 70% dos motoristas respeitaram o regulamento (Página 14)

Dívida em alta

A dívida pública em circulação no mercado financeiro passa de US$ 50 bilhões. (Páginas 30 e 31)

Eleitorado quer mudar prefeito em S. Lourenço

A população de São Lourenço, estância hidromineral no sul de Minas, está arrependida de ter votado no empresário Helmar Junqueira Vilela (PDC). Hoje, os eleitores vão às ruas exigir a posse do candidato que derrotaram em novembro — Clóvis Nogueira (PS), conhecido como *Nega Véia*, dono de bar e personagem muito popular na cidade.

Em Valença, 155 quilômetros do Rio e 90 mil habitantes, a Câmara Municipal dá exemplo de moralização do Legislativo: a folha de funcionários, pensionistas e aposentados custou apenas NCz$ 2 mil 42 em fevereiro. Seis pessoas trabalham na Câmara e os 15 vereadores ocupam 50m2 de um casarão que dividem com a prefeitura para economizar despesas. (Pág. 8)

Vereador pode perder verba da roupa nova

As camisas coloridas e brilhantes do vereador Jorge Pereira (Pasart), os anéis tão ao gosto de sua colega Neuza Amaral (PL) e a definição de elegância do vereador Wilson Leite Passos (PDS) — "questão de civilização" — bateram de frente com os eleitores.

Manifestação realizada ontem na Tijuca exigiu o fim da ajuda de NCz$ 2.067 concedida aos 42 vereadores do Rio para manter o "status de legisladores". Chico Alencar (PT) disse que é contra a concessão do auxílio, mas considerou a questão pequena e capaz de, com sua discussão, "desmanchar o trabalho sério que se faz na Câmara". (Pág. 15)

'Verdes' viram opção política para europeus

Em menos de 15 anos, os *verdes* europeus passaram de um movimento aparentemente juvenil para uma força política com peso cada vez maior no cenário político do continente. As previsões mais modestas indicam que os partidos ecológicos devem, no mínimo, triplicar sua representação nas eleições de maio para o Parlamento Europeu.

As explicações para este *fenômeno* variam de um crescimento da consciência ecológica ao desencanto dos europeus com ideologias e mitos antigos. Há, porem, quem se preocupe, como o presidente da Liga para o Meio Ambiente, Ermete Realacci. Ele teme que o sucesso transforme tudo o que é verde numa *griffe* da moda dos anos 80. (Pág. 19)

Ladrões atacam entregadores das pizzarias

Entregar pizzas no Rio é a mais recente atividade de risco. Na Tijuca (Zona Norte) e em vários bairros da Zona Sul, pivetes e bandos de rapazes estão assaltando os entregadores para roubar as pizzas. Às vezes, levam também as motos ou o dinheiro que o entregador carrega para troco.

O restaurante La Molle da Tijuca desistiu das entregas porque, de acordo com o supervisor Oswaldo Nunes, nos fins de semana eram roubadas até 80 da média de 200 encomendas. Há também na trajetória das pizzas episódios bizarros, como o da mulher que encomendou uma ao Bella Blu da Tijuca e, depois de abri-la na cozinha, informou ao entregador que não tinha dinheiro nem poderia devolvê-la, pois seus filhos já haviam comido um pedaço. (Pág. 15)

JORNAL DO BRASIL

EXEMPLAR DE ASSINANTE

©JORNAL DO BRASIL S.A. 1989 | Rio de Janeiro -- Domingo, 2 de abril de 1989 | Ano XCVIII — Nº 355 | Preço para o Rio: NCz$ 0,50 | 2ª Edição

Tempo

No Rio e em Niterói, claro a parcialmente nublado com possíveis pancadas de chuvas a partir da tarde. Visibilidade boa a moderada. Temperatura estável. Máxima e mínima de ontem: 35,3º em Bangu e 20,3º no Alto da Boa Vista. Foto do satélite, mapa e tempo no mundo, página 36.

Loteria

O 1º prêmio da Loteria Federal saiu para o bilhete 09732 vendido em São Paulo. O 2º, 59529 também foi para São Paulo. O 3º prêmio (19474) saiu para Pernambuco, o 4º prêmio para o Rio de Janeiro, com o bilhete 97911 e o 5º (22316) para São Paulo.

DOMINGO

Dilmar Cavalher

☐ A boneca Barbie, que vendeu até hoje mais de 500 milhões de unidades, é o símbolo mais evidente de um brinquedo já encontrado em escavações do império grego e que continua imbatível entre as crianças e adultos. Ney Latorraca não se separa de um velho Pinóquio, Elba Ramalho tem o quarto repleto de *biscuits*. Bonecas de pano, plástico ou fina porcelana — o mercado se renova quase que semanalmente para todos os gostos, e até para os meninos, que têm uma linha especial de heróis. A sensualidade da Barbie e o estímulo ao consumismo desenfreado — revelado nos carros, piscinas e roupas da boneca — são criticados pela psicóloga Ana Elisa Vianna: "Ela representa um ideal quase impossível de alcançar."

Brasília dá mais a mordomias do que à população

O governo do Distrito Federal consome mais dinheiro público para dar conforto aos seus secretários do que para melhorar as condições de higiene e saúde da população que o sustenta. Este ano, o governador Joaquim Roriz destinará NCz$ 13 milhões para manter 87 imóveis de luxo — valor 11 vezes maior do que o previsto para saneamento e tratamento de lixo e 10 vezes maior do que planeja gastar em saúde.

Só mansões o Distrito Federal administra 17 (mais do que o governo federal, que tem 15). Numa cidade que dispõe de todas as facilidades, fincou-se a tese de que o funcionário público deve viver como nababo para não bater em retirada. Isso faz com que uma administração praticamente municipal converta em mordomias quase o dobro do orçamento das 8 cidades-satélites de Brasília, onde vivem 1,5 milhão de pessoas. (Pág. 4)

Brasília - Gilberto Alves

Numa cidade que tem tudo, acredita-se que os funcionários precisam de mordomias para ficar

Namíbia inicia independência com 40 mortos

Trinta e oito guerrilheiros e dois policiais morreram, no mais grave confronto da guerrilha da Namíbia com as forças de ocupação sul-africanas desde junho do ano passado. O incidente ocorreu no exato dia em que a Namíbia iniciou, sob a supervisão da ONU, o processo de independência em relação à África do Sul.

O chanceler da África do Sul, Roelof Botha, ameaçou expulsar as forças de paz da ONU se o secretário-geral, Javier Pérez de Cuéllar, "não assumir uma posição clara" contra o rompimento do cessar-fogo por parte da Organização do Povo do Sudoeste Africano (Swapo). O início do processo de independência foi comemorado nas ruas pela população. (Página 24)

Classe média começa a gastar poupança

Para uma fatia premiada da classe média, o Plano Verão assumiu um ligeiro sabor de Plano Cruzado. Há um nítido aumento de consumo e uma precipitação nas compras por pessoas que temem o fim do congelamento. As vendas de combustível cresceram 20% e aumentou a procura por táxi. "Hoje qualquer *pé rapado* anda de táxi", define o motorista Hermes Chaves, que rodava 170 quilômetros por dia e agora roda 250.

Para o economista Antonio Carlos Porto Gonçalves, os ganhos da classe média em aplicações no overnight e na caderneta provocaram o aumento de consumo. Preços congelados e remuneração elevada da poupança foram a fórmula que permitiu à engenheira Edir Cruz Vieira comprar um carro. Há um ano ela economizava e, a cada mês, via os preços dispararem à frente de seus rendimentos.

Casas de show tiveram um aumento de freqüência de 10% e as vendas no shopping Rio Sul e no Norte Shopping cresceram 25% em fevereiro. Antes do Plano Verão as lojas G. Aronson, em São Paulo, vendiam 30 fornos microonda por semana. Hoje vendem 500. O ministro Mailson da Nóbrega revela que o governo estuda o assunto, mas acredita que, além dos ganhos com os juros altos, as pessoas gastam por temer o descongelamento.

☐ **Os pecuaristas de São Paulo estão intransigentes: se não conseguirem aumento não entregarão o boi, apesar de o país estar na safra. "Não vendo. Se quiserem podem confiscar", desafia Sílvio Lazzarini. (Págs. 27 e 29)**

Polícia apura sabotagem no Túnel Rebouças

O secretário de Polícia Civil, Hélio Saboya, pedirá amanhã a abertura de inquérito para apurar denúncia de que Cláudio Teles de Freitas, funcionário do Departamento de Estradas de Rodagem (DER), interrompeu de propósito o trânsito no Túnel Rebouças, causando um gigantesco engarrafamento.

Na sexta-feira, segundo e último dia da greve do DER, Cláudio Teles parou na pista central da galeria Lagoa—Rio Comprido o Chevette de placa UN 9434. Depois, saiu com o carro e, rindo, disse a outro motorista que tinha ficado sem combustível. O governador Moreira Franco afirmou que respeita o direito de greve, mas "sabotagem, nunca". (Pág. 36)

Turnê de Jânio custa a amigos US$ 47.382

Iquo

O casal Jânio e Eloá Quadros tem excelentes e generosos amigos. Esta é a conclusão que se colhe da explicação do assessor de Jânio, Wilson Pereira, segundo o qual são eles que patrocinam a viagem do ex-prefeito de São Paulo e de sua mulher pelo mundo. O casal se encontra há 98 dias no exterior e gastou até agora US$ 47.382, no mínimo.

Esta seria a despesa de duas pessoas que, como Jânio e dona Eloá, percorressem Boston, Londres, Paris, Milão, Cairo, Istambul e Roma, hospedando-se em bons hotéis e comendo em restaurantes de luxo. Nas contas de Pereira, porém, Jânio até agora só bancou um casaco de lã azul-marinho para sua mulher, em Londres, e um sobretudo. (Página 3)

B ESPECIAL

Liberati

☐ Uma mesa-redonda sobre a transição democrática espanhola, e os paralelos que podem ser traçados entre ela e a brasileira, realizada no auditório do *JORNAL DO BRASIL*, motiva uma reflexão mais aprofundada. As idéias do ex-ministro da Educação e Ciência espanhol, José Maria Maravall, e a reflexão sobre a economia na transição por Guilherme de la Dehesa, José Antonio Garcia Lopez e Emilio de la Fuente têm como contraponto artigos dos professores brasileiros Luciano Martins e Sérgio Abranches. Uma entrevista com o sociólogo espanhol Juan José Linz da Universidade de Yale, enfatiza as diferenças entre a transição espanhola e a brasileira, mas termina com uma previsão otimista em relação ao Brasil.

Guerra comercial

Os Estados Unidos abriram nove contenciosos comerciais com o Brasil em conseqüência de denúncias de protecionismo nas seguintes áreas: comércio em geral, propriedade intelectual, eletrônica, cinema e TV, remédios, autopeças, câmeras polaroid, chocolate e vinhos. (Página 33)

Baile da estação

O superintendente da Rede Ferroviária em Minas, Márcio Ferreira, fechará dia 22 a estação central, em Belo Horizonte, para comemorar, com um baile de máscaras, os 17 anos de sua filha. (Página 4)

Debate salarial

O governo continuará interferindo nas negociações salariais, embora defenda acordo direto entre patrões e empregados. (Página 26)

Dívida em alta

A dívida pública em circulação no mercado financeiro passa de US$ 50 bilhões. (Páginas 30 e 31)

Eleitorado quer mudar prefeito em S. Lourenço

A população de São Lourenço, estância hidromineral no sul de Minas, está arrependida de ter votado no empresário Helmar Junqueira Vilela (PDC). Hoje, os eleitores vão às ruas exigir a posse do candidato que derrotaram em novembro — Clóvis Nogueira (PS), conhecido como *Nega Véia*, dono de bar e personagem muito popular na cidade.

Em Valença, 155 quilômetros do Rio e 90 mil habitantes, a Câmara Municipal dá exemplo de moralização do Legislativo: a folha de funcionários, pensionistas e aposentados custou apenas NCz$ 2 mil 42 em fevereiro. Seis pessoas trabalham na Câmara e os 15 vereadores ocupam 50m2 de um casarão que dividem com a prefeitura para economizar despesas. (Pág. 8)

Vereador pode perder verba da roupa nova

As camisas muito coloridas e brilhantes do vereador Jorge Pereira (Pasart), os anéis tão ao gosto de sua colega Neuza Amaral (PL) e a definição de elegância do vereador Wilson Leite Passos (PDS) — "é uma questão de civilização" — bateram de frente com os eleitores.

Manifestação realizada ontem na Praça Saens Peña, na Tijuca, exigiu a suspensão da ajuda de NCz$ 2.067 concedida aos 42 vereadores do Rio para que possam manter o "status de legisladores" Chico Alencar (PT) disse que é contra a concessão do auxílio, mas considerou a questão pequena e capaz de, com sua discussão, "desmanchar o trabalho sério que se faz na Câmara" (Página 15)

'Verdes' viram opção política para europeus

Em menos de 15 anos, os *verdes* europeus passaram de um movimento aparentemente juvenil para uma força política com peso cada vez maior no cenário político do continente. As previsões mais modestas indicam que os partidos ecológicos devem, no mínimo, triplicar sua representação nas eleições de maio para o Parlamento Europeu.

As explicações para este *fenômeno* variam de um crescimento da consciência ecológica ao desencanto dos europeus com ideologias e mitos antigos. Há, porém, quem se preocupe, como o presidente da Liga para o Meio Ambiente, Ermete Realacci. Ele teme que o sucesso transforme tudo o que é verde numa *griffe* da moda dos anos 80. (Pág. 19)

Ladrões atacam entregadores das pizzarias

Entregar pizzas no Rio é a mais recente atividade de risco. Na Tijuca (Zona Norte) e em vários bairros da Zona Sul, pivetes e bandos de rapazes estão assaltando os entregadores para roubar as pizzas. Às vezes, levam também as motos ou o dinheiro que o entregador carrega para troco.

O restaurante La Mole da Tijuca desistiu das entregas porque, de acordo com o supervisor Oswaldo Nunes, nos fins de semana eram roubadas até 80 da média de 200 encomendas. Há também na trajetória das pizzas episódios bizarros, como o da mulher que encomendou uma ao Bella Blu da Tijuca e, depois de abri-la na cozinha, informou ao entregador que não tinha dinheiro nem poderia devolvê-la, pois seus filhos já haviam comido um pedaço. (Pág. 15)

Coisas da Política

Os profetas do fim do mundo

Nas últimas horas, o presidente José Sarney e o ex-presidente Jânio Quadros se renderam ao hábito que cultivam com raro zelo de apontar as evidências do fim do mundo sempre que isso lhes convém ou pode lhes trazer vantagens. Em Brasília, o presidente da República aproveitou mais uma emissão do programa *Conversa ao pé do rádio* para denunciar um complô contra sua administração e o processo democrático.

Em Londres, o ex-presidente atacou a nova Constituição, o Congresso, a Justiça e, indiretamente, o governo para advertir, em seguida, que "os radicais estão em sua hora, seja qual for o matiz". O presidente e o ex-presidente são amigos há muito tempo e os caminhos políticos deles já se cruzaram, pelo menos, uma vez. Integrante, na época, da ala liberal da UDN, Sarney apoiou a candidatura de Jânio à Presidência da República.

Jânio cogitou de retribuir o apoio convidando Sarney para ocupar o cargo de embaixador do Brasil em Cuba. Dona Marly desaconselhou o marido a aceitar o convite. Sarney examina o atual quadro de aspirantes a candidato a sua sucessão para definir, mais tarde, que nome poderá vir a ajudar. Auxiliares dele o aconselham a apoiar Jânio para presidente. Mais uma vez, Sarney não se precipitará.

Não é costume dele apostar todas as fichas que possui em uma carta só. De resto, sabe que o apoio do governo a qualquer um dos futuros candidatos terá que ser dado de maneira discreta, sem alarde. A não ser que queira condenar o candidato que escolher a uma derrota por antecipação. O presidente está em apuros com os primeiros sinais de esgotamento precoce do seu terceiro plano para deter a inflação.

O ex-presidente está à procura de condições que viabilizem a candidatura dele à eleição de novembro próximo. No mais das vezes, sempre que está acuado, Sarney permanece acuado. Vez por outra, avança e atira. Jânio atira sempre. A renúncia à Presidência da República em 1961 não foi um ato de defesa, foi de ataque. Com ele, Jânio imaginou preparar o retorno nos ombros do povo e sob a sombra das armas que fechariam o Congresso.

Não deu certo. Até aqui, pelo menos, não deu certo nenhuma tentativa de Sarney de ameaçar com o fim do mundo para conseguir melhorar o mundo dele. Quando o Plano Cruzado começou a fazer água, o presidente pôs a culpa do insucesso anunciado no boi gordo, nos empresários insensíveis e nos radicais que atuam na área sindical. Quando o insucesso se estabeleceu de vez, ele ofereceu ao país a cabeça de alguns dos seus ministros.

O figurino foi o mesmo por ocasião do Plano Bresser e poderá se repetir quando o Plano Verão implodir ou for substituído por outro em qualquer das próximas estações. O mundo não se acabou das vezes em que Sarney o enxergou desabando. Nem a rala credibilidade exibida pelo governo cresceu porque o presidente profetizou o fim do mundo. O processo de redemocratização do país seguiu em frente, apesar da inflação e da incompetência do governo.

As evidências que se afirmam são de que o processo continuará seguindo. Não há uma só força política de relatva expressão que deseje, se empenhe ou esteja agindo para que a redemocratização seja truncada. Os partidos de esquerda optaram pela via eleitoral porque se converteram a ela ou porque descobriram que o voto poderá, de fato, catapultá-las para o poder. Os militares estão quietos e não têm um projeto para o país como tinham em 64.

Contra o recrudescimento da inflação, o governo poderá apelar sempre para o falso e temporário remédio do congelamento. Assim, atravessará seu último ano de mandato e não deixará saudade. Foi um ano extraído da Constituinte ao preço de favores distribuídos e de ameaças proclamadas. O governo não soube ou nada tinha o que fazer com ele. Jânio admite que não sabe o que poderia fazer por um país que dispõe de uma Constituição como a atual.

Não é tão difícil prever o que ele faria se chegasse à Presidência da República. Em 1961 e, mais tarde, em sucessivas entrevistas que concedeu para explicar por que renunciou, Jânio alvejou sempre a Constituição que manietava o Poder Executivo e que privilegiava "um Legislativo desqualificado". Defendeu a incorporação à Constituição do AI-5 — o ato que instalou em 1968 a ditadura declarada no Brasil. Jânio não mudou nada.

Mudou a natureza do poder que rege o país com a promulgação, no ano passado, da nova Constituição. Com seus defeitos e virtudes, ela estabeleceu um sistema de governo muito mais próximo do parlamentarismo, que poderá vir a ser adotado com o plebiscito marcado para 1993, do que do presidencialismo autoritário dos sonhos de Jânio. A eleição de quem não compreende ou conteste isso, será o caminho mais rápido para o desastre.

Para um estado de colisão permanente entre os poderes, que imobilizará a administração do país, ou para a tentativa do que se sentir mais forte de fechar ou de depor o outro.

Ricardo Noblat

Jânio passeia na Europa por conta dos admiradores

Marcos Emílio Gomes

SÃO PAULO — O padrão Jânio Quadros de turismo custa 500 dólares por dia, com vinhos e refeições, sem incluir bebidas destiladas, *souvenirs*, roupas e quinquilharias em geral. Passeando no exterior desde o Natal, quando abandonou o posto na prefeitura de São Paulo e partiu para Boston, nos Estados Unidos, alegando uma crise súbita de saúde de sua mulher, Eloá, Jânio Quadros realiza um roteiro turístico digno de cultura e bolsos privilegiadíssimos.

Nesse roteiro de viagem iniciado há 98 dias no Aeroporto Internacional de São Paulo, com escalas em Boston, Londres, Paris, Milão, Cairo, Istambul e Roma —, hospedando-se em bons hotéis, comendo pratos refinados, andando às vezes de carro alugado ou de táxi, Jânio gastou, até agora, no mínimo, 47.000 dólares. Essa é a conta desde que saiu de São Paulo e estacionou em Londres, onde está no momento. Sem contar as despesas extraordinárias, como o casaco de lã azul-marinho que o ex-prefeito comprou no magazine Selfridges, de Londres, por 69 libras (120 dólares). O velho sobretudo bege de Jânio tornou-se imprestável ao ficar enroscado numa escada rolante, em Istambul.

Injustiça — Seguir as pegadas do ex-prefeito através dos Estados Unidos, Europa e Oriente equivale a desembolsar oito salários mínimos por dia. Em dólares, essa viagem custou até agora pelo menos US$ 14 mil a mais que a soma de todos os salários do prefeito acumulados ao longo de três anos no cargo. Uma parte imensa dos brasileiros não pode fazer essa turnê por falta de dinheiro. A outra parte não tem tempo. Jânio arranjou os dois.

Não se deve alimentar suspeitas precipitadas. Para custear suas despesas turísticas, Jânio não raspou o saldo da conta 333.082 PWJ do Citicorp de Genebra (Suíça), vendeu algum dos 10 ou 12 imóveis que possui alugados — como escreveu num papel de embrulho ao declarar seus ens à Câmara Municipal em 1986 — ou mesmo arriscou pedir dinheiro emprestado. Não. Acostumado a viver "de contribuições", entre o período da renúncia à Presidência da República, em 1961, e sua eleição para a prefeitura de São Paulo, há quatro anos, Jânio continua sendo um peso financeiro para os admiradores.

"A viagem e a hospedagem estão sendo patrocinadas por amigos", afirma o coordenador da campanha de Jânio à Presidência, o guarda penitenciário aposentado Wilson Pereira. Os 50 mil dólares do périplo turístico de Jânio são, no fundo, uma conta até modesta para quem já calculou gastar 10 dólares por voto arrecadado na próxima eleição, como Pereira fez há um mês. Por essa tabela, a fatura de uma eventual vitória de Jânio pode chegar a 250 milhões de dólares.

Pôr-do-sol — Mais do que enriquecer a coleção de cartões postais dos netos com imagens das pirâmides egípcias ou da Igreja de Santa Sofia, em Istambul, a viagem de Jânio produziu alterações no quadro político que ele deixou a mil quilômetros de distácia. No final de fevereiro, retido na Turquia uma semana a mais do que gostaria para que Dona Eloá se curasse de um resfriado, o ex-prefeito e ex-presidente deixou claro que saíra do Brasil calçando o par de chuteiras que ficou pendurado por três anos em seu gabinete no Ibirapuera. "Convido a população brasileira a ver o pôr-do-sol", escreveu Jânio entre uma e outra visita a lojas de artesanato de cobre em Istambul, lançando sua campanha com o refrão da "Marcha para o Oeste".

Até então, a viagem de Jânio com Eloá era mais uma lua de mel no melhor estilo de Hollywood. Depois de dois dias hospedado no Dana Farber Cancer Institute, de Boston, onde Eloá se submeteu a exames de rotina, o casal voou para uma temporada de 23 dias em Londres, onde Jânio reviu os ônibus vermelhos que copiou em São Paulo e matou saudades de pratos indianos apimentados. Tiete da comida italiana, ele pediu Espaguete ao Vôngole da cantina de Gênova, mesmo no bistrô L'Eucheté Saint-German, em Paris, onde comemorou seu aniversário — 72 anos — dia 25 de janeiro. Mas não tinha macarrão. Jânio teve de se conformar com pato.

Tintas e pincéis — Vieram depois de Paris uma agradável viagem de carro pelas regiões francesas da Bretanha e da Normandia e outra pelo Norte da Itália. (Genebra e o Citicorp ficam a um pulinho dali). Augusto Marzagão, o executivo da TV mexicana Televisa em Londres, que tirou dois meses de férias e um de licença para fazer o papel de relações públicas de Jânio na Europa, nega que o ex-prefeito tenha aproveitado esse período para ir também a Quiberon, no Oeste da França, tratar-se à base de talassoterapia — tratamento que aproveita o efeito benéfico do contato com a água do mar até mesmo para rejuvenescimento. Em Milão, Jânio lembrou-se de seus dotes artísticos e comprou tela, tinta e pincéis antes de retornar a Paris.

No Cairo, passando entre os túmulos dos faraós, que detinham o poder hereditário, vitalício e absoluto, reencontrou o seu gosto pela política falando mal de Leonel Brizola. Não é fácil calcular quanto gastou de telefone daí em diante, ligando para Marzagão, em Londres, e distribuindo declarações confirmando sua candidatura. No retorno a Londres, onde organizou seu comitê político no exílio, fez uma escala de quatero dias em Roma, para visitar antiquários, tomar um Campari no Bar Trevi, almoçar no Restaurante Quirino com Marzagão e o embaixador do Brasil no Vaticano, Afonso Arinos de Melo Franco Júnior, e jogar moedas na Fontana di Trevi (a conhecida Fonte dos Desejos) — mesmo seca por causa de uma reforma. Consta que pediu para voltar a Roma no futuro.

O percurso de Jânio

Luiz Dacosta

EUA · Inglaterra · França · Itália · Turquia · Egito

O custo da viagem em dólares

Desembarque	Permanência (dias)	Cidade	Preço das passagens	Diárias em hotel	Aluguel de carro	Refeições	Total
26-12	0	Nova Iorque	1.752	—	—	—	1.752
26-12	2	Boston	78	Dana Faber Cancer Institute 300	100	200	678
28-12	0	Nova Iorque	78	-	-	-	78
28-12	23	Londres	1.524	Moatin 2.760	849	4.600	9.733
20-01	5	Paris	379	Concorde Lafayette ..... 720 Vernêt 510	431	1.000	3.040
25-01	14	Regiões da Normandia, Bretanha Norte Itália	—	Vários 1.400	862	2.800	5.062
08-02	3	Milão	—	casa de amigos	269	600	869
11-02	3	Paris	616	Vernêt 510	258	600	1.984
14-02	12	Cairo	1.194	Mena House 2.040	420	2.400	6.054
26.02	15	Istambul	382	Hilton Istambul 3.225	525	3.000	7.132
13-03	4	Roma	871	Dernini Bristol 1.000	400	800	3.071
17-03	15	Londres	1.570	Moatin 2.550	849	3.000	7.969
TOTAL	96		8.444	15.015	4.963	19.000	47.382

Para calcular o valor da viagem de Jânio Quadros e Dona Eloá, há um caminho fácil que resulta numa excursão mais em conta e outros, pedregosos, que levam mais perto da realidade. Pela rota mais simples, basta juntar os nomes das cidades e hotéis e pedir um pacote a uma agência de turismo. Por essa fórmula, pode-se reduzir em até 40% os custos de uma turnê pela Europa e Oriente.

Mas, no caso de Jânio, como sua assessoria sustenta que ele ganhou as viagens de amigos e não tinha conhecimento antecipado de seu destino, só é possível fazer as contas relativas a cada trecho de seu périplo pelo exterior. Nesse caso, somam-se os valores individuais de cada passagem, o custo da diária média nos hotéis em que o casal se hospedou, uma estimativa de 100 dólares para cada refeição (em restaurantes de primeira linha e com doses de uísque, conhaque e licor) e o preço do aluguel de um carro médio em cada cidade, mais barato, em geral, do que o táxi.

Não há razão para apressar o regresso

Villas-Bôas Corrêa

O candidato Jânio Quadros pode regalar-se com a generosidade de amigos anônimos que financiam sua espichada viagem ao redor do copo e demorar-se com vagares espertamente calculados: por ora, ele não tem nada a fazer por aqui e convém que se resguarde por mais uma boa temporada para não se expor aos desgastes da cobrança de definições.

As coisas estão confusas para todos ou para quase todos. Jânio pesca em águas turvas, desde que enxergue o fundo do poço.

Qual é a dele?

Claro, seu projeto pessoal mira o acerto da biografia, corrigindo o erro de cálculo que frustrou o golpe da renúncia, purgado em 29 anos de remorso.

A viabilidade da trama do retorno —, num pastiche do modelo getulista da desforra da deposição com a volta por cima nos braços do povo,— reclama algumas condições preliminares.

A estratégia retornista segue roteiro que passa, necessariamente, pela angústia da maioria centrista na busca desesperada de candidatura com o açucarado do carisma para enfrentar Brizola ou Lula no mano a mano do segundo turno. E antes, garantindo a classificação a 15 de novembro, emplacando o primeiro ou segundo lugar na corrida louca com mais de dezena de concorrentes.

Sustos e ansiedade sufocam os corações conservadores, aceleram seus batimentos.

Mas, nem todas as alternativas se esgotaram. Há prioridades que precisam ser testadas; é preciso dar um tempo.

O PMDB não decidiu ainda se queima o doutor Ulysses, com todo o respeito e entre tocantes homenagens, e vai de Orestes Quércia para a aventura caipira de candidato com perfil remoçado, retoques plásticos e sólida sustentação financeira ou se, apesar dos pesares, sustentam sua solução natural.

O calendário pemedebista, enfim, está pronto, com a Convenção Nacional convocada para 30 de abril.

O que quer dizer que até fins de maio, começos de junho, as pesquisas indicarão se o candidato oficial do PMDB ocupou seu espaço ao centro ou se abriu passagem para a improvisação.

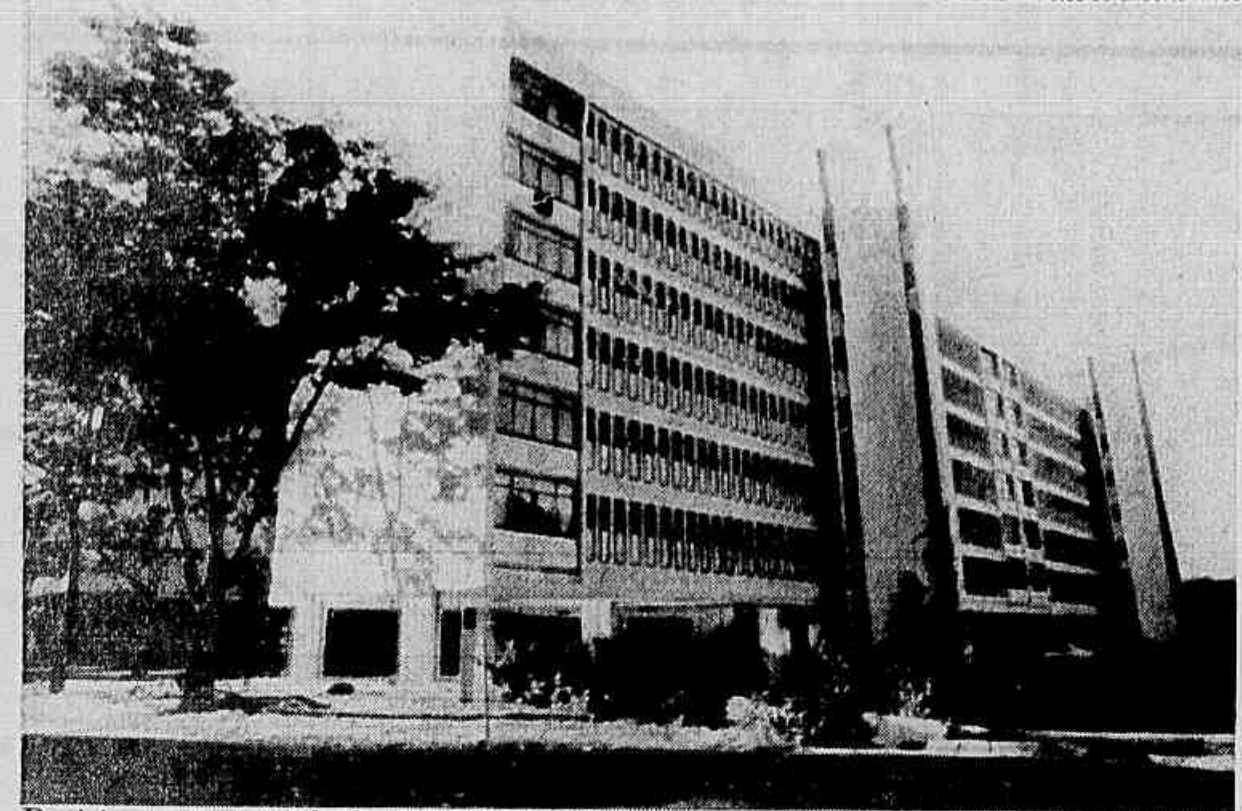
Depois do PMDB, outras opções se ofertam com direito à preferência: Aureliano Chaves, com o cacife da segunda legenda ou o governador Fernando Collor de Mello a exibir o terceiro lugar na última rodada do IBOPE.

Jânio só em último caso. Receita para o desatino, a véspera do desespero.

Então o velho ator deve entrar no palco, dirigir-se ao respeitável público com os mesmos trejeitos e a mesmíssima eloquência proparoxítona.

Lá para junho, quando o verão esquentar a Europa e a campanha começar a aquecer.

Mansões custam mais a Brasília que gastos com saúde

Brasília — Fotos de Gilberto Alves

Buritigate *é o apelido desse prédio da SQS: o aluguel não passa de NCz$ 800 mil*

Luiz Lanzetta e João Domingos

BRASÍLIA — Para a manutenção de seus 87 imóveis de luxo, o governo do Distrito Federal vai gastar, este ano, NCz$ 13 milhões, 11 vezes mais que o previsto para a execução de obras e equipamentos do sistema de saneamento e tratamento de lixo, e 10 vezes mais que o orçamento para obras e equipamentos de saúde. O total previsto para investimentos em casa própria pelo Banco de Brasília é quase três vezes menor: NCz$ 4,7 milhões. E todo o orçamento das oito cidades-satélites (1,5 milhão contra 300 mil habitantes de Brasília) é pouco superior à metade do que será gasto com a manutenção dos imóveis.

Outro dado curioso: enquanto o governo federal mantém 15 mansões para seus ministros no Lago Sul, o setor mais nobre de Brasília, o governo do Distrito Federal tem 17. Nem todas são ocupadas pela equipe do secretariado. Uma delas, que fica na Península dos Ministros, no mesmo conjunto onde morou o ex-ministro da Administração, Aluízio Alves, está sendo habitada pelo atual presidente do Clube dos Servidores do Distrito Federal, Paulo Xavier. Vaidoso, Xavier preocupa-se em mostrar sua marca pessoal naquilo que possui. O Opala Diplomata de sua propriedade tem a placa PX-0001.

Ex-secretário da Administração do governador José Aparecido, Paulo Xavier deu lugar a Jorge Caetano, nomeado pelo atual governador Joaquim Roriz. Mas, mesmo fora da Secretaria, ocupou até a semana passada o imóvel destinado ao secretário, na QL-2, onde o aluguel de uma casa não sai por menos de NCz$ 1,5 mil. Em frente à residência que morou e que aguarda para quarta-feira a chegada do secretário de Finanças, Ozias Ribeiro, reside o secretário da Agricultura e Produção, Carlos Alberto Reis. Três quadras adiante, na QL-5, está um novo núcleo de habitações luxuosas do governo do Distrito Federal. Ali mora o secretário da Segurança Pública, coronel João Manoel Brochado que, por ser antigo diretor da Divisão de Segurança e Informações (DSI) do Ministério da Educação, residia em apartamento funcional da União.

Próxima de seus 30 anos, Brasília não precisaria oferecer vantagens para atrair os serviços qualificados de seu secretariado, diretores de empresas do governo e do Banco de Brasília. Afinal, da extremidade do Eixo Rodoviário Sul ao Eixo Rodoviário Norte, percorrem-se apenas 16 quilômetros. O Distrito Federal inteiro tem 5.814 quilômetros quadrados. Ninguém importante na administração, entretanto, reside fora do Plano Piloto.

No Lago Norte, onde os aluguéis não são muito inferiores aos do Lago Sul, a Novacap, empresa que construiu a capital federal, mantém 36 casas em dois conjuntos residenciais. Todas são ocupadas por funcionários, graduados ou não, da empresa. A Caesb — empresa de abastecimento de água — tem um condomínio de 16 casas, no Plano Piloto, para seus funcionários, que recebem salários de até NCz$ 2 mil. Um secretário de estado está ganhando mensalmente NCz$ 4.200.

O bloco A da Superquadra Sul 203 pertence ao governo do Distrito Federal e tem 24 apartamentos de luxo, todos com quatro quartos, duas suítes e amplas salas. O aluguel de um apartamento nessa quadra custa NCz$ 800 mil, mensalmente. O prédio tem uma peculiaridade, além de abrigar 24 felizardos funcionários do segundo escalão. É conhecido por **Buritigate**. Adquirido no início dos anos 70 pelo ex-governador Hélio Prates, um coronel reformdo do Exército, para o governo do Distrito Federal em troca de terrenos, o prédio logo caiu na boca do povo. É que Hélio Prates começou a vender os apartamentos para parentes por valor irrisório. Em 1976 houve uma ação popular contra as vendas dos imóveis e o prédio está *sub judice* até hoje. Enquanto isso, é habitado por funcionários semigraduados.

O secretário de Comunicação do governo do Distrito Federal, Renato Riela — um dos raros auxiliares do primeiro escalão de Joaquim Roriz que ficou na residência particular — disse que o governo não tem nenhum projeto para acabar com as residências oficiais.

— O uso de casas oficiais é muito antigo. Mas eu acho que não há necessidade. Já tenho a minha — disse.

Além das casas e apartamentos, os funcionários graduados do governo do Distrito Federal têm carros oficiais para servi-los. Também têm direito a chapa branca os diretores e os chefes de departamento e divisão.

Secretário de Agricultura, Carlos Alberto Reis, tem casa e carro no Lago Sul

Pefelista dá baile em estação

Prédio histórico de Minas serve a festa particular

Maurício Lara

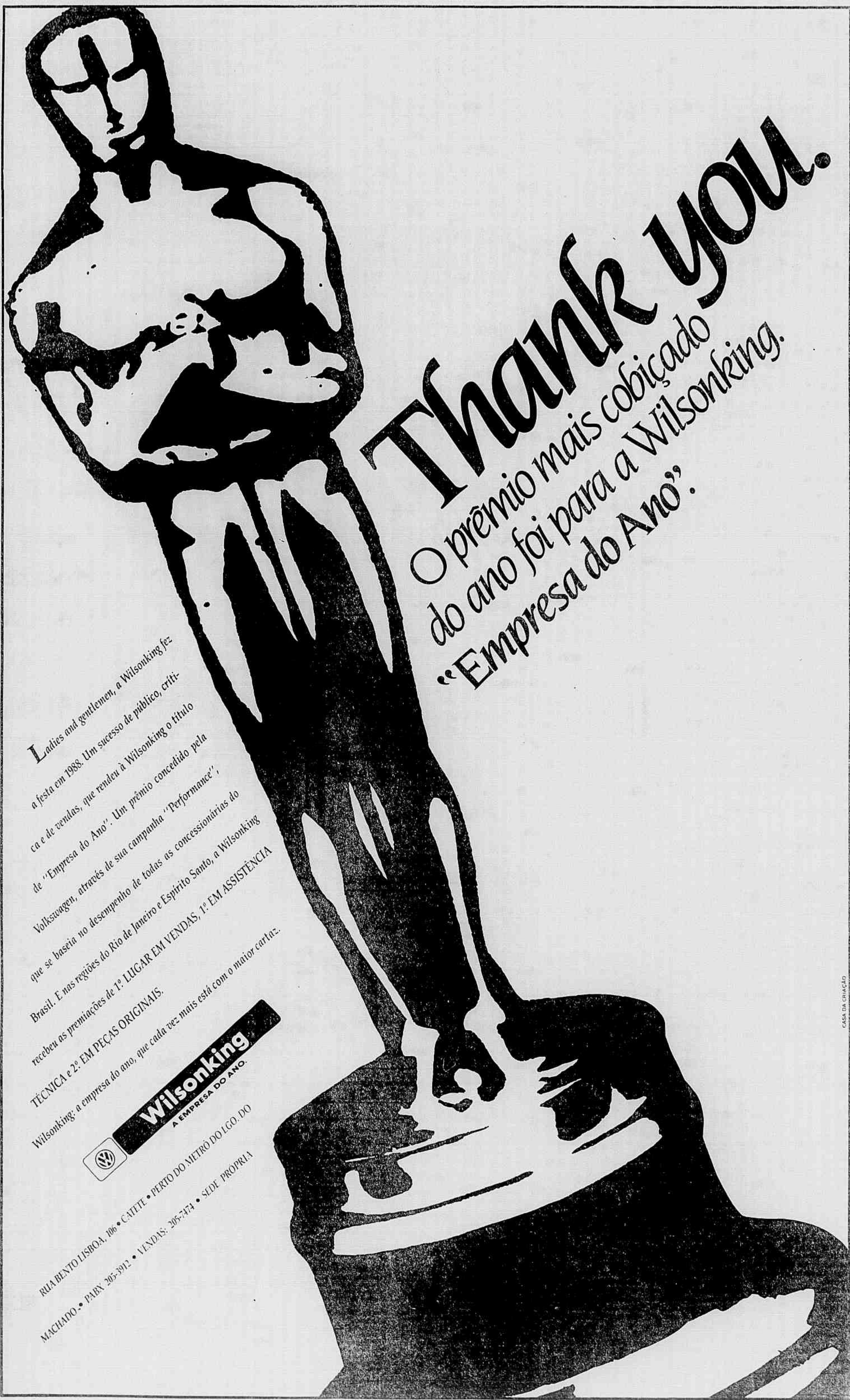
BELO HORIZONTE — O superintendente da Rede Ferroviária Federal, Márcio Maia Ferreira, pretende comemorar o 17º aniversário de sua filha Marcelle, no próximo dia 22, com uma festa no prédio e na plataforma da Estação Central de Belo Horizonte — um baile particular em um edifício público. O velho prédio, construído no início do século e tombado pelo Patrimônio Histórico, servirá de cenário para um baile de máscaras, com fantasias inspiradas na Idade da Pedra até o século passado, animado por figuras da alta sociedade belo-horizontina.

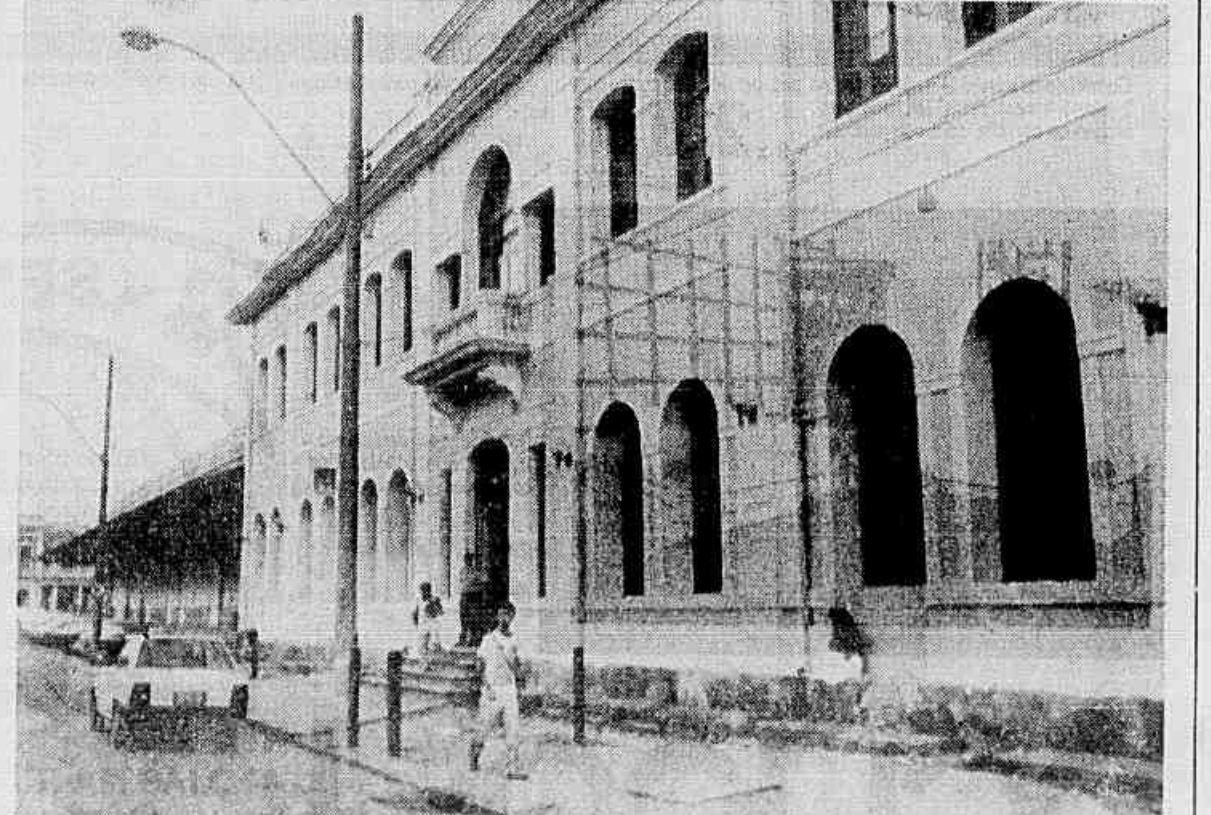
A coluna de Eduardo Couri, no *Estado de Minas*, garantiu que "sem dúvida, o aniversário de Marcelle, pela originalidade e pelas presenças elegantes, será um dos grandes acontecimentos sociais da temporada". O superintendente da Rede, entretanto, disse que a festa da filha será apenas "para o grupo dela, umas 80 pessoas". Mas admitiu que pode convidar também os amigos do casal.

Espírito da coisa — "Nesse lado social, as coisas são ampliadas algumas vezes", declarou o pai da aniversariante, candidato do PFL a deputado estadual, derrotado nas últimas eleições. Ele considera que a festa será "relativamente econômica, porque na estação não tem como o pessoal se sentar". A própria Marcelle não tem "a menor idéia" de quanto o pai vai gastar na festa. Mas informou que será instalado na plataforma um sistema de som e de iluminação, além da decoração em estilo medieval.

Segundo o assessor de imprensa da RFF em Belo Horizonte, Gentil José dos Santos "o espírito da coisa é divulgar a Rede, pois a notícia da festa vai para as colunas sociais e a presença de muita gente na comemoração é uma oportunidade de elas conhecerem o prédio". "O superintendente gosta de promover e divulgar a rede", comentou Gentil.

Ele informou que anteriormente a estação foi liberada para dois outros eventos: um desfile de modas, promovido pelo Grupo Mineiro de Moda e a apresentação de um vídeo. "Vamos ceder sempre que for viável, vamos abrir isso à comunidade", disse Márcio Maia, que garantiu estar o prédio liberado também para festas de funcionários da Rede.

Ele afirmou que a velha estação está praticamente paralisada, com apenas dois horários diários do trem de subúrbio e dois horários semanais do trem Vera Cruz, que liga Belo Horizonte ao Rio. Na verdade, o trem de subúrbio, que vai do centro da capital a Rio Acima tem quatro horários diários e serve a uma população de baixo poder aquisitivo. E, além do Vera Cruz, parte da velha estação também o *Trem do Sertão*, que faz a ligação ferroviária com o Norte de Minas.

Marcelle justificou a escolha da estação como cenário por gostar de "coisa medieval" e garantiu que não vai permitir nenhuma fantasia do século XX em seu baile. Ela deseja uma "festa de jovens" e, empolgada, torce para que a animação atravesse a madrugada, a noite inteira. Se durar, invadirão sua festa os passageiros habituais do primeiro trem de subúrbio, que desembarcam na plataforma às 6h15 em direção ao trabalho.

Belo Horizonte — Waldemar Sabino

A estação, tombada, terá decoração "medieval" nos 17 anos de Marcelle

Thank you.
O prêmio mais cobiçado do ano foi para a Wilsonking. "Empresa do Ano".
Ladies and gentlemen, a Wilsonking fez a festa em 1988. Um sucesso de público, crítica e de vendas, que rendeu à Wilsonking o título de "Empresa do Ano". Um prêmio concedido pela Volkswagen, através de sua campanha "Performance", que se baseia no desempenho de todas as concessionárias do Brasil. E nas regiões do Rio de Janeiro e Espírito Santo, a Wilsonking recebeu as premiações de 1º LUGAR EM VENDAS, 1º EM ASSISTÊNCIA TÉCNICA e 2º EM PEÇAS ORIGINAIS.
Wilsonking: a empresa do ano, que cada vez mais está com o maior cartaz.
Wilsonking
A EMPRESA DO ANO.
RUA BENTO LISBOA, 106 • CATETE • PERTO DO METRÔ DO LGO. DO MACHADO • PABX 205-3912 • VENDAS: 205-7474 • SEDE PRÓPRIA
CASA DA CRIAÇÃO

Informe JB

O ministro Oscar Dias Correa, em conversas reservadas, considera o ex-governador Leonel Brizola um candidato bastante forte à presidência da República, tanto no primeiro como num segundo turno.

A força de Brizola reside, segundo o ministro da Justiça, na desunião das forças políticas de São Paulo, onde residem 18 milhões de eleitores de um colégio eleitoral estimado em 78 milhões.

E explica:

— Se o Brizola chegar no segundo turno com Lula, a direita toda vota nele. Se chegar com um candidato de direita, aí será a vez da esquerda em peso brizolar.

É dentro desse quadro que o ministro acha fundamental a união de Minas Gerais — segundo maior contingente eleitoral, com 8 milhões de eleitores — em torno de um único nome.

□

O dele, por exemplo.

Aos navegantes

Nada menos que 78% dos eleitores brasileiros que vão votar em 15 de novembro não chegaram aos 40 anos.

Loucura geral

Em perfeita sintonia com a candidatura do ex-presidente Jânio Quadros, o ex-ministro Delfim Netto disse:

— Melhor um louco varrendo do que um varrido.

Aposentadoria

Um dos mais famosos slogans da publicidade brasileira está sendo aposentado:

Coca-Cola é isso aí.

Maldade

Piadinha maldosa que corre nos arraiais que não gostam do PMDB.

O partido está prestes a definir uma chapa de candidatos a presidente e vice que vai dar o que falar.

● A chapa UI (Ulysses-Íris). Uma chapa de doer.

● Ou então QI (Quércia-Íris). Uma chapa para subestimar a inteligência do eleitor.

Opção

O sanitarista Sérgio Arouca está deixando a presidência da Fundação Oswaldo Cruz.

Ele é, como se sabe, candidato a vice-presidente da República, na chapa do PCB, encabeçada pelo deputado Roberto Freire.

Rejeição

Definitivamente o jornalista Fernando Gabeira não é o candidato a vice-presidente da República dos sonhos de Lula.

Reencontro

Com a adesão formal, na quarta-feira, à candidatura de Lula à presidência da República, o PC do B finalmente dá a mão à palmatória. Lula é assessorado politicamente por Wladimir Pomar — até hoje uma espécie de inimigo nº 1 da cúpula do partido de João Amazonas, da qual foi expulso em 1982.

Juízo

O candidato peronista Carlos Menem, favorito em todas as pesquisas para a presidência da Argentina, pode ser louco — mas não rasga dinheiro.

Nas praças públicas, tem feito uma apologia do calote do pagamento da dívida externa.

Nos bastidores, procura manter um mínimo de diálogo com os banqueiros internacionais, temeroso de evitar uma crise, sem caminho de volta, nas relações da Argentina com o primeiro mundo.

□

Na última reunião do BID, em Amsterdã, por exemplo, um grupo de discretos economistas peronistas manteve com banqueiros conversas bastante amistosas.

Estocada

Do ex-ministro João Sayad, em debate com um grupo de empresários sexta-feira, no Rio, sobre a economia brasileira e o Plano Verão:

— Nós não temos problemas econômicos. O que falta é um governo com coragem política e respaldo popular.

Volta às aulas

O ex-governador Franco Montoro, que abriu formalmente mão de sua candidatura à presidência da República pelo PSDB em favor do senador Mário Covas, voltou a dar aulas na Faculdade de Direito da PUC de São Paulo.

Montoro está conseguindo brechas em sua agenda de presidente do partido dos tucanos para dar em média uma aula magna por semana.

Divergência

Muitos sócios da Associação Comercial do Rio não estão satisfeitos com a forma como será eleito em maio o novo presidente.

Ele vai ser escolhido por um conselho superior formado por 75 sócios beneméritos e não pelos 2.900 associados.

Calote

A Companhia Siderúrgica Nacional, atolada em dívidas até o pescoço, não recolheu o ICM, este mês.

A usina, que é a maior contribuinte desse imposto no estado, deixou de recolher cerca de 10 milhões de dólares.

Carnaval

Mais duas escolas já definiram o enredo do próximo carnaval.

A Unidos da Ponte vem com *Guerra avisada não mata aleijado*, uma sátira sobre os políticos que antes do lançamento dos pacotes econômicos tiram vantagens do acesso a informações secretas.

A São Clemente apresenta *E o samba sambou*, criticando não só a perda de autenticidade das escolas de samba como o grande espaço que a música estrangeira tomou no país.

Ordem na praia

A partir de agora, todo e qualquer evento com fins lucrativos realizado nas praias cariocas deverá ter o aval da Secretaria Municipal de Fazenda, mediante pagamento de licença à Prefeitura.

Mais um

O deputado Antônio Brito, que ficou famoso como porta-voz do presidente Tancredo Neves, não anda muito feliz com o PMDB.

O PSDB e o PDT estão de olho no seu passe.

Não é bem assim

O juiz Sérgio de Andréa Ferreira, recém-empossado no Tribunal Regional Federal, garante que antes de ser nomeado para o atual cargo aposentou-se no Ministério Público.

E que a "futura acumulação de proventos e vencimentos está submetida aos órgãos competentes da União e do Estado do Rio".

A razão

A gota d'água que fez o neto de Tancredo Neves, deputado Aécio Neves (PSDB-MG), deixar o partido de seu falecido avô foi a inclusão, entre os *progressistas* do PMDB, do governador de Minas, Newton Cardoso.

— Se o governador Newton Cardoso é *progressista* no PMDB, eu não poderia mais ficar naquele partido.

A salvadora

A novela *O salvador da pátria*, da TV Globo, está sendo escrita a quatro mãos.

O autor Lauro César Muniz está contando com a colaboração da escritora Ana Maria Moretzon, chamada por Daniel Filho para dar um toque feminino à novela que conta com grandes atrizes.

Lance-livre

● A partir de julho, todos os motores de carros a óleo diesel deverão estar equipados com um sistema de circulação de gases.Estes aparelhos, que eliminam a emissão de gases tóxicos, já são fabricados no país. A decisão de implantá-los foi tomada na semana passada pelo Conselho Nacional do Meio Ambiente.

● **Uma loja de fliperama no Centro de Belo Hor'zonte cumpre religiosamente o preço congelado de NCz$ 0,10 por ficha. Só que várias máquinas automáticas passaram, de repente, a necessitar de duas fichas para entrar em funcionamento.**

● O DNER vai investir NCz$ 8 milhões na mudança das placas de sinalização das rodovias federais. Estes recursos são provenientes do Banco Mundial e da arrecadação da venda do auto-selo.

● **O chefe do Programa Mundial de Luta contra a Aids da Organização Mundial de Saúde, Anthony Meyer, solicitou à Abia autorização para reprodução e distribuição de seus vídeos e audiovisuais.Serão utilizados em programas de prevenção da Aids em 160 países de todo o mundo.**

● O ex-presidente do Senado Humberto Lucena vendeu sua casa no Lago Norte, na QL-13. Ocupa agora um apartamento funcional de senador na 309 Sul.

● **Fernando Gabeira fala hoje sobre a questão da Amazônia na abertura do show** Homem de Bem, **no Morro da Urca, no Rio.**

● A Editorial Progresso de Moscou acaba de lançar a edição russa do livro **Bukharin: Biografia Política,** do sovietólogo norte-americano Stephen Cohen. O livro é sobre o revolucionário russo que foi fuzilado por ordem de Stálin, em 1938. Parte da renda da primeira edição será doada ao fundo para a construção do monumento às vítimas do stalinismo.

● **A atriz Tônia Carrero festeja 40 anos de carreira estreando dia 6 no Teatro Cultura Artística de São Paulo a peça** Esta valsa é minha, **de William Luce, sobre os últimos momentos da vida de Zelda Fitzgerald. O patrocínio é da Shell.**

● A Prefeitura de Campos lançou o Programa de Apoio ao Pequeno Agricultor, com a distribuição de 3,5 toneladas de sementes de feijão para 260 famílias de trabalhadores da Usina Novo Horizonte. Os agricultores darão como pagamento 20% da produção.

● **O Comitê Pró-Dom Evaristo Arns está organizando ato-show dia 11, no Circo Voador, no Rio, para mobilização de apoio à indicação do cardeal-arcebispo de São Paulo ao Prêmio Nobel da Paz.**

● Calma! Dentro de 227 dias, o brasileiro vai, finalmente, eleger o presidente da República. A primeira eleição direta desde 1960.

Ancelmo Gois, com sucursais

JORNAL DO BRASIL

Diretor • MAURO GUIMARÃES

Áreas de Comercialização

Superintendente Comercial
José Carlos Rodrigues

Superintendente de Vendas:
Luiz Fernando Pinto Veiga

Superintendente Comercial (São Paulo)
Sylvian Mifano

Superintendente Comercial (Brasília)
Fernando Vasconcelos

Gerente de Classificados:
Saulo Ornelas

Sucursais

Brasília — Setor Comercial Sul (SCS) — Quadra I, Bloco K, Edifício Denasa, 2º andar — CEP 70302 — telefone (061) 223-5888 — telex (061) 1 011
São Paulo — Avenida Paulista, 1.294, 17º andar CEP 01310 — S. Paulo, SP — telefone (011) 284-8133 (PBX) — telex (011) 21 061, (011) 23 038
Minas Gerais — Av. Afonso Pena, 1.500, 7º andar — CEP 30130 — B. Horizonte, MG — telefone (031) 273-2955 — telex (031) 1 262
R. G. do Sul — Rua Tenente-Coronel Correia Lima, 1.960/Morro Sta. Teresa — CEP 90640 — Porto Alegre, RS — telefone (0512) 33-3711 (PBX) — telex (0512) 1 017
Bahia — Rua Conde Pereira Carneiro, 226 — Salvador — Bahia — CEP 41100 — Tel. (071) 244-3133 — Telex 1 095
Pernambuco — Rua Aurora, 325 — 4º and. s/ 418/420 — Boa Vista — Recife — Pernambuco — CEP 50050 — Tel. (081) 231-5060 — Telex (081) 1 247
Ceará — Rua Desembargador Leite Albuquerque, 832 — s/202 — Edifício Harbour Village — Aldeota — Fortaleza — CEP 60150 — Tel. (085) 244-4766 — Telex (085) 1 655
Correspondentes nacionais
Acre, Alagoas, Amazonas, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraná, Piauí, Rondônia, Santa Catarina
Correspondentes no exterior
Buenos Aires, Paris, Roma, Washington, DC
Serviços noticiosos
AFP, Tass, Ansa, AP, AP-Dow Jones, DPA, EFE, Reuters, Sport Press, UPI
Serviços especiais
BVRJ, The New York Times, Washington Post, Los Angeles Times, Le Monde, El País, L'Express

Atendimento a Assinantes
Supervisão: Luciana Sarcinelli Paes
De segunda a sexta, das 8h às 17h
Sábados e domingos, das 7h às 11h
Telefone: (021) 585-4183

Preços das Assinaturas

Rio de Janeiro	
Mensal	NCz$ 11,10
Trimestral	NCz$ 30,00
Semestral	NCz$ 56,60
Minas Gerais — E. Santo	
Mensal	NCz$ 12,50
Trimestral	NCz$ 33,50
Semestral	NCz$ 63,90
São Paulo	
Mensal	NCz$ 13,80
Trimestral	NCz$ 37,30
Semestral	NCz$ 70,50
Brasília	
Mensal	NCz$ 19,00
Trimestral	NCz$ 51,20
Semestral	NCz$ 96,80
Trimestral (sábado e domingo)	NCz$ 15,40
Semestral (sábado e domingo)	NCz$ 30,30
Goiânia — Salvador — Maceió — Curitiba — P. Alegre — Cuiabá — C. Grande	
Mensal	NCz$ 19,00
Trimestral	NCz$ 51,20
Semestral	NCz$ 96,80
Recife — Fortaleza — Natal — J. Pessoa — Teresina — São Luís	
Mensal	NCz$ 21,20
Trimestral	NCz$ 57,20
Semestral	NCz$ 108,10
Camaçari — BA	
Semestral	NCz$ 128,50
Entrega postal em todo o território nacional	
Trimestral	NCz$ 61,50
Semestral	NCz$ 116,50

Atendimento a Bancas e Agentes
Telefone: (021) 585-4127

Preços de Venda Avulsa em Banca

Rio de Janeiro	
Dias úteis	NCz$ 0,35
Domingos	NCz$ 0,50
Minas Gerais — E. Santo	
Dias úteis	NCz$ 0,40
Domingos	NCz$ 0,53
São Paulo	
Dias úteis	NCz$ 0,45
Domingos	NCz$ 0,53
DF, GO, SE, AL, BA, MT, MS, PR, SC, RS	
Dias úteis	NCz$ 0,63
Domingos	NCz$ 0,65
MA, CE, PI, RN, PB, PE	
Dias úteis	NCz$ 0,70
Domingos	NCz$ 0,75
Demais Estados	
Dias úteis	NCz$ 0,75
Domingos	NCz$ 0,85
Com Classificados DF, MT, MS, PR	
Dias úteis	NCz$ 0,80
Domingos	NCz$ 0,92
Pernambuco	
Dias úteis	NCz$ 0,90
Domingos	NCz$ 0,98
Pará	
Dias úteis	NCz$ 0,98
Domingos	NCz$ 1,00

Avenida Brasil, 500 — CEP 20949 — Caixa Postal 23100 — S. Cristóvão — CEP 20922 — Rio de Janeiro — Telefone — (021) 585-4422 • Telex — (021) 23 690 — (021) 23 262 — (021) 21 558 • Classificados por telefone (021) 580-5522 — Outras Praças — 8(021) 800-4613 (DDG — Discagem Direta Grátis)

Presidente da OAB quer fim de nepotismo nos tribunais

Ricardo Miranda Filho

Brasília — Gilberto Alves

Ophir (E): "Letra morta"

BRASÍLIA — O novo presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), o paraense Ophir Cavalcante, em um duro discurso durante sua posse, afirmou que espera "que o Judiciário não mais permita serem nossos tribunais superiores receptáculos de políticos em final de carreira e que repila a investidura de familiares na magistratura, por dever moral". Em cerimônia que durou cinco horas, Ophir foi eleito com o voto de 17 das 26 seccionais da OAB nos estados, para o biênio 89/90, período em que se dará a sucessão presidencial.

Compareceram à eleição o presidente da Câmara dos Deputados, deputado Paes de Andrade(PMDB-CE),o presidente do Supremo Tribunal Fedral (STF), José Neri da Silveira, o presidene do Superior Tribunal Militar (STM), Rafael Branco, o presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Francisco Rezek, entre outros parlamentares e representantes de tribunais. Paes de Andrade, que ouviu Ophir alertar para o " grave risco de ver a nova Cosntituição virar letra morta" se as leis complementares não forem votadas "rapidamente", concordou que "esta Constituição precisa ser completada para ter aplicabilidade". Os ministros dos tribunais superiores não quiseram comentar o discurso.

Após uma longa votção, da qual participaram os 78 conselheir os federais da OAB em 26 estados-eleitos, por sua vez, pelos 280 miladvogados do país —, foram eleitos todos os membros da Chapa 1: Ophir Cavalcante, presidente; Tales Castelo Branco, vice; Marcelo Laverene, secretário-geral; Aristéfanes Bezerra Filho, sub-secretário-geral; e Amaury Serralvo, tesoureiro. A chapa teve os votos dos estados doPará, SãoPaulo, Alagoas, Distrito Federal, Amazonas, Roraima, Paraná e Mato Grosso do Sul, ficando os demais estados com a Chapa 2, derrotada.

O novo presidente da OAb que chorou emocionado durane seu discurso afirmou ser favorável à eleição direta na entidade desde que todos os estados tenham o mesmo peso eleitoral. Sua intenção constará de um projeto em fase de estudos que será remetido ao Congresso Nacional ainda este ano. Ophir afirmou que a OAB está muito preocupada com a sucessão presidencial."A nossa preocupação primeira é que essa eleição se realize",disse. Ele afirmou ainda que não acredita que o Plano Verão dê certo "enquanto ogoverno atual for o seu mentor". Segundo ele, o atual governo "não tem credibilidade, confiabilidade ou autoridade" para executar qualquer plano com sucesso.

A vitória de Ophir, segundo delegados de diversos estdos, não fo de uma proposta ideológica ou regional — pelo fato de ele ser paraense."Foi quem trabalhou melhor as bases da OAB no país", definiu um advogado.que não enxerga qualquer diferença entre ele e o candidato derrotado, o gaúcho Luís Carlos Madeira. O ex-presdiente da OAb, Márcio Thomas Bastos,em seu discurso de despedida, classificou a nova Constituição de "relutante, de compromissose de transação", mas apelou para que seja cumprida.

Covas-Waldir — O plenário do I Congresso Nacional do PSDB manifestou-se a favor do nome do governador da Bahia, Waldir Pires, do PMDB, para vice da chapa do candidato do partido à Presidência da Repúbliuca, senador Mário Covas (SP). Os 600 **tucanos** presentes ao encontro gritaram em coro "Waldir, Waldir" e aplaudiram com entusiasmo Raimundo Miranda, representante do governador. "Se pudesse, faria esse casamento imediatamente", disse Covas, confirmando que Waldir Pires é o vice de seus sonhos. Ante a indefinição do PMDB na escolha de seu candidato à sucessão do presdiente José Sarney, o PSDB adiou para maio a escolha do companheiro de chapa de Covas. No discurso que fez para os correligionários, Covas disse que os males que afligem o Brasil são "o sistema financeiro internacional, os especuladores, os predadores da natureza, a terra improdutiva e a corrupção". Antes do discurso, Covas irritou-se quando perguntaram por que sua campanha ainda não começou de fato. "Ninguém nos ditará o tempo", disse. No plenário, entretanto, ficou evidente que os **tucanos** ainda divergem sobre o programa que Covas deverá levar às ruas. Um grupo de Minas Gerais queria a inclusão da proposta de construção do socialismo pela via democrática e foi contestado por liberais, social-democratas e democratas-cristãos. Decidiu-se levar a questão do socialismo para discussão nas bases do PSDB.

BRIZOLA

Sérgio Jockymann

1 - Satanás então levou Jesus para um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e disse: "Tudo isso será teu se prostrado me adorares".

2 - Antes que alguém salte, quero avisar que não pretendo comparar Brizola a Jesus Cristo, mas apenas encerrar a discussão sobre carisma com o que me parece ser o último e mais impressionante mistério dos carismáticos: a sua inabalável confiança no próprio destino. Não fosse ela, funda, irracional e irredutível, e todos eles seriam apenas executivos ambiciosos, iguais aos que são fabricados anualmente pelas nossas universidades.

3 - Quando menino, eu não conseguia entender a Tentação de Cristo. Como Satanás, tão perversamente inteligente, podia oferecer os reinos do mundo para o Filho de Deus, que já era dono de todo o Universo? Quando fiz a pergunta a uma tia italiana e protestante, ela me respondeu que o Diabo era capaz de tudo, inclusive de pôr perguntas bobas na boca de meninos desobedientes. Quatro anos depois, numa aula de religião, por puro exibicionismo declarei que a proposta de Satanás provava que Jesus não era Filho de Deus, mas um simples homem comum. Fui expulso da aula por heresia. O diretor do colégio que era um espanhol muito paciente, me disse que meninos católicos ou protestantes tinham o mesmo e terrível destino quando se metiam a fazer perguntas inconvenientes: se tornavam ateus. Estava absolutamente certo.

4 - Foi, no entanto, um ateu, um professor, que um dia me deu a versão mais bonita da Tentação de Cristo. "Satanás", me disse ele, "não propôs todos os reinos do mundo. Não, não foi nada tão espetacular. Satanás conhecia a sua profissão. Ele disse: Olha aqui, Jesus, desse jeito tu vais acabar mal. Esquece essas idéias malucas, aceita um emprego de Herodes e vai falar com Caifaz. O sumo-sacerdote anda precisando de gente competente. Com esse jeito que tu tens para lidar com a multidão, em três tempos Pilatos te oferece um cargo melhor em Roma e estás feito na vida". Ele fez uma pausa e concluiu: "E Jesus respondeu que aquele era o seu destino e que ele continuaria pregando suas idéias mesmo que elas o conduzissem para o Calvário". Não vamos discutir religião, vamos pensar apenas em Jesus como um homem. Ele foi um líder carismático. Por que resistiu à tentação? Porque era fiel ao próprio destino e porque estava disposto até ao sacrifício para defender suas idéias.

5 - Talvez essa nossa imensa e atávica paixão pelos líderes carismáticos se deva ao fato que eles são extremamente raros na História do Brasil. Nossos líderes sempre demonstraram uma repulsa irreprimível pelo sacrifício e uma tendência irresistível para a negociação. Tiradentes, coitado, com todas as suas trapalhadas, foi o único exemplo em dois séculos. Fomos colônia, reinado e república sem um só herói nacional que pudesse ser mostrado aos nossos filhos. Getúlio teve um mau começo que somente foi salvo pelo seu heróico fim. Jânio, bêbado, demente e irresponsável, é o exemplo típico da caricatura de líder carismático que conseguimos depois de muito esforço. Todos os demais na primeira dificuldade renegaram seu destino e preferiram o conforto de um acerto vantajoso.

6 - Menos Brizola. Concordando ou discordando dele, não há como negar sua extrema fidelidade ao seu destino. Ele pode fazer voltas, ele pode cortar atalhos, ele pode abrir picadas surpreendentes, mas nunca se afastou do seu rumo original. Ele não teve condições de negociar em 64, mas poderia ter negociado em 70, quando foi sondado; em 74, quando foi inocentado e em 80, quando surpreendeu os americanos descendo em Nova Iorque. Em 81 ele poderia ter conseguido um atestado de bons antecedentes entrando para o PMDB, em 82 poderia ter sido eleito governador do Rio de Janeiro sem esforço, aceitando o apoio da Rede Globo: em 86 poderia ter feito o seu sucessor negociando com as esquerdas e em 89 poderia estar sendo aclamado no Brasil inteiro como a salvação nacional se tivesse concordado em jantar secretamente com o sr. Roberto Marinho. Por que Brizola resistiu a todas essas tentações? Só há uma explicação: porque confia cega e convictamente no seu destino.

7 - E essa fidelidade a si mesmo que o povo percebe que cria o milagre do carisma. Mas ao lado dessa confiança existe também uma espantosa sensibilidade política. Em 70, já com a cabeça fria, Brizola profetizou com absoluta precisão o que ele chamava de "apodrecimento do regime militar". Em 81, quando o PMDB era a própria Convenção dos Santos, Brizola declarou que "aquela frente se desintegraria quando chegasse ao Poder". Em 85, quando os puristas se horrorizavam, ele abraçou Marchezan, subiu no palanque com o PDS e disse que o inimigo era o PMDB. Em 86, quando o Brasil inteiro babava o Plano Cruzado, ele denunciava a medida como um engodo eleitoral.

8 - Nos últimos dez anos, Brizola não tem cometido um só erro político. Sua intransigência com o PT, que era considerada como um de seus maiores defeitos políticos, desde novembro do ano passado se tornou a sua maior virtude. Tudo isso exige bem mais do que o velho instinto caudilhesco. É uma impressionante demonstração de lucidez política: por sinal, a responsável pela conversão de vários empresários à sua candidatura. Brizola, lá dos cafundós do Uruguai, traduziu toda a algaravia otimista dos noticiários e descobriu que bastava se manter fiel a si mesmo para que lhe jogassem no colo a Presidência da República. Neste país de imediatistas, onde ninguém consegue planejar trinta dias, essa longa, paciente e determinada espera é um milagre. Brizola apostou sua vida nele e, se receber o prêmio, até os seus mais ferozes inimigos serão obrigados a confessar que ninguém mais fez tanto para merecê-lo.

9 - Então lhe respondeu Jesus: "Vai-te, Satanás, porque está escrito: ao teu Deus adorarás e só a ele servirás". E então Satanás o deixou.

ARTIGO "BRIZOLA-II" TRANSCRITO DO SEMANÁRIO RS, Nº 131, 18/3/89

Presidente da OAB quer fim de nepotismo nos tribunais

Brasília — Gilberto Alves

Ricardo Miranda Filho

BRASÍLIA — O novo presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), o paraense Ophir Cavalcante, em um duro discurso durante sua posse, afirmou que espera "que o Judiciário não mais permita serem nossos tribunais superiores receptáculos de políticos em final de carreira e que repila a investidura de familiares na magistratura, por dever moral". Em cerimônia que durou cinco horas, Ophir foi eleito com o voto de 17 das 26 seccionais da OAB nos estados, para o biênio 89/90, período em que se dará a sucessão presidencial.

Compareceram à eleição o presidente da Câmara dos Deputados, deputado Paes de Andrade(PMDB-CE),o presidente do Supremo Tribunal Fedral (STF), José Neri da Silveira, o presidene do Superior Tribunal Militar (STM), Rafael Branco, o presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Francisco Rezek, entre outros parlamentares e representantes de tribunais. Paes de Andrade, que ouviu Ophir alertar para o " grave risco de ver a nova Cosntituição virar letra morta" se as leis complementares não forem votadas "rapidamente", concordou que "esta Constituição precisa ser completada para ter aplicabilidade". Os ministros dos tribunais superiores não quiseram comentar o discurso.

Após uma longa votção, da qual participaram os 78 conselheir os federais da OAB em 26 estados-eleitos, por sua vez, pelos 280 miladvogados do país —, foram eleitos todos os membros da Chapa 1: Ophir Cavalcante, presidente; Tales Castelo Branco, vice; Marcelo Laverene, secretário-geral; Aristéfanes Bezerra Filho, sub-secretário-geral; e Amaury Seralvo, tesoureiro. A chapa teve os votos dos estados doPará, SãoPaulo, Alagoas, Distrito Federal, Amazonas, Roraima, Paraná e Mato Grosso do Sul, ficando os demais estados com a Chapa 2, derrotada.

O novo presidente da OAb que chorou emocionado durane seu discurso afirmou ser favorável à eleição direta na entidade desde que todos os estados tenham o mesmo peso eleitoral. Sua intenção constará de um projeto em fase de estudos que será remetido ao Congresso Nacional ainda este ano. Ophir afirmou que a OAB está muito preocupada com a sucessão presidencial."A nossa preocupação primeira é que essa eleição se realize",disse. Ele afirmou ainda que não acredita que o Plano Verão dê certo "enquanto ogoverno atual for o seu mentor". Segundo ele, o atual governo "não tem credibilidade, confiabilidade ou autoridade" para executar qualquer plano com sucesso.

Ophir (E): "Letra morta"

A vitória de Ophir, segundo delegados de diversos estdos, não fo de uma proposta ideológica ou regional — pelo fato de ele ser paraense."Foi quem trabalhou melhor as bases da OAB no país", definiu um advogado,que não enxerga qualquer diferença entre ele e o candidato derrotado, o gaúcho Luis Carlos Madeira. O ex-presdiente da OAb, Márcio Thomas Bastos,em seu discurso de despedida, classificou a nova Constituição de "relutante, de compromissose de transação", mas apelou para que seja cumprida.

Antônio Carlos — O ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, deixou à tarde o Instituto do Coração (Incor) em São Paulo em boas condições de saúde e hospedou-se no Hotel Caesar Park, na Rua Augusta, no Centro. Segundo os recepcionistas do hotel, o ministro chegou andando, acompanhado da mulher, Arlete, e do filho, o deputado federal Luiz Eduardo Magalhães (PFL), e instalou-se no 17º andar, numa suíte presidencial reservada há pelo menos uma semana cuja diária custa NCz$ 800. Todo o andar está reservado ao ministro e seus acompanhantes.A nota do Instituto do Coração diz que Antônio Carlos Magalhães recebeu alta médica após 11 dias de sua última operação e 33 dias de internação e garante que a evolução pós-operatória foi habitual para o tipo de cirurgia a que se submeteu, sem qualquer complicação. "O ministro sai do hospital em boas condições, alimentando-se bem e já realizando pequenas caminhadas para sua reabilitação. O resultado do tratamento a que se submeteu foi considerado amplamente satisfatório", diz a nota do Incor.

BRIZOLA

Sérgio Jockymann

1 - Satanás então levou Jesus para um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e disse: "Tudo isso será teu se prostrado me adorares".

2 - Antes que alguém salte, quero avisar que não pretendo comparar Brizola a Jesus Cristo, mas apenas encerrar a discussão sobre carisma com o que me parece ser o último e mais impressionante mistério dos carismáticos: a sua inabalável confiança no próprio destino. Não fosse ela, funda, irracional e irredutível, e todos eles seriam apenas executivos ambiciosos, iguais aos que são fabricados anualmente pelas nossas universidades.

3 - Quando menino, eu não conseguia entender a Tentação de Cristo. Como Satanás, tão perversamente inteligente, podia oferecer os reinos do mundo para o Filho de Deus, que já era dono de todo o Universo? Quando fiz a pergunta a uma tia italiana e protestante, ela me respondeu que o Diabo era capaz de tudo, inclusive de pôr perguntas bobas na boca de meninos desobedientes. Quatro anos depois, numa aula de religião, por puro exibicionismo declarei que a proposta de Satanás provava que Jesus não era Filho de Deus, mas um simples homem comum. Fui expulso da aula por heresia. O diretor do colégio que era um espanhol muito paciente, me disse que meninos católicos ou protestantes tinham o mesmo e terrível destino quando se metiam a fazer perguntas inconvenientes: se tornavam ateus. Estava absolutamente certo.

4 - Foi, no entanto, um ateu, um professor, que um dia me deu a versão mais bonita da Tentação de Cristo. "Satanás", me disse ele, "não propôs todos os reinos do mundo. Não, não foi nada tão espetacular. Satanás conhecia a sua profissão. Ele disse: Olha aqui, Jesus, desse jeito tu vais acabar mal. Esquece essas idéias malucas, aceita um emprego de Herodes e vai falar com Caifaz. O sumo-sacerdote anda precisando de gente competente. Com esse jeito que tu tens para lidar com a multidão, em três tempos Pilatos te oferece um cargo melhor em Roma e estás feito na vida". Ele fez uma pausa e concluiu: "E Jesus respondeu que aquele era o seu destino e que ele continuaria pregando suas idéias mesmo que elas o conduzissem para o Calvário". Não vamos discutir religião, vamos pensar apenas em Jesus como um homem. Ele foi um líder carismático. Por que resistiu à tentação? Porque era fiel ao próprio destino e porque estava disposto até ao sacrifício para defender suas idéias.

5 - Talvez essa nossa imensa e atávica paixão pelos líderes carismáticos se deva ao fato que eles são extremamente raros na História do Brasil. Nossos líderes sempre demonstraram uma repulsa irreprimível pelo sacrifício e uma tendência irresistível para a negociação. Tiradentes, coitado, com todas as suas trapalhadas, foi o único exemplo em dois séculos. Fomos colônia, reinado e república sem um só herói nacional que pudesse ser mostrado aos nossos filhos. Getúlio teve um mau começo que somente foi salvo pelo seu heróico fim. Jânio, bêbado, demente e irresponsável, é o exemplo típico da caricatura de líder carismático que conseguimos depois de muito esforço. Todos os demais na primeira dificuldade renegaram seu destino e preferiram o conforto de um acerto vantajoso.

6 - Menos Brizola. Concordando ou discordando dele, não há como negar sua extrema fidelidade ao seu destino. Ele pode fazer voltas, ele pode cortar atalhos, ele pode abrir picadas surpreendentes, mas nunca se afastou do seu rumo original. Ele não teve condições de negociar em 64, mas poderia ter negociado em 70, quando foi sondado; em 74, quando foi inocentado e em 80, quando surpreendeu os americanos descendo em Nova Iorque. Em 81 ele poderia ter conseguido um atestado de bons antecedentes entrando para o PMDB, em 82 poderia ter sido eleito governador do Rio de Janeiro sem esforço, aceitando o apoio da Rede Globo: em 86 poderia ter feito o seu sucessor negociando com as esquerdas e em 89 poderia estar sendo aclamado no Brasil inteiro como a salvação nacional se tivesse concordado em jantar secretamente com o sr. Roberto Marinho. Por que Brizola resistiu a todas essas tentações? Só há uma explicação: porque confia cega e convictamente no seu destino.

7 - E essa fidelidade a si mesmo que o povo percebe que cria o milagre do carisma. Mas ao lado dessa confiança existe também uma espantosa sensibilidade política. Em 70, já com a cabeça fria, Brizola profetizou com absoluta precisão o que ele chamava de "apodrecimento do regime militar". Em 81, quando o PMDB era a própria Convenção dos Santos, Brizola declarou que "aquela frente se desintegraria quando chegasse ao Poder". Em 85, quando os puristas se horrorizavam, ele abraçou Marchezan, subiu no palanque com o PDS e disse que o inimigo era o PMDB. Em 86, quando o Brasil inteiro babava o Plano Cruzado, ele denunciava a medida como um engodo eleitoral.

8 - Nos últimos dez anos, Brizola não tem cometido um só erro político. Sua intransigência com o PT, que era considerada como um de seus maiores defeitos políticos, desde novembro do ano passado se tornou a sua maior virtude. Tudo isso exige bem mais do que o velho instinto caudilhesco. É uma impressionante demonstração de lucidez política: por sinal, a responsável pela conversão de vários empresários à sua candidatura. Brizola, lá dos cafundós do Uruguai, traduziu toda a algaravia otimista dos noticiários e descobriu que bastava se manter fiel a si mesmo para que lhe jogassem no colo a Presidência da República. Neste país de imediatistas, onde ninguém consegue planejar trinta dias, essa longa, paciente e determinada espera é um milagre. Brizola apostou sua vida nele e, se receber o prêmio, até os seus mais ferozes inimigos serão obrigados a confessar que ninguém mais fez tanto para merecê-lo.

9 - Então lhe respondeu Jesus: "Vai-te, Satanás, porque está escrito: ao teu Deus adorarás e só a ele servirás". E então Satanás o deixou.

ARTIGO "BRIZOLA-II" TRANSCRITO DO SEMANÁRIO RS, Nº 131, 18/3/89

São Lourenço nas ruas pede 'Nega Véia' para prefeito

Alexandre Medeiros

SÃO LOURENÇO, MG — A população desta estância hidromineral do Sul de Minas, comumente pouco afeita às picuinhas da política, está no entanto mobilizada para levar à Prefeitura um candidato que, apesar de ter perdido a eleição de novembro do ano passado por 82 votos, considera com mais direito de exercer o cargo do que o atual prefeito — Helmar Junqueira Vilela, o **Mazinho**, um empresário local da construção civil. Ele se chama Clóvis Aparecido Nogueira, mas é muito mais conhecido, em São Lourenço, como **Nega Véia**. Sua história lembra inevitavelmente o Sassá Mutema da novela da TV Globo. Negro, simpático e carismático, **Nega Véia** perdeu a eleição mas não o carinho do povo. Já o atual prefeito — apoiado pelo governador do estado, Newton Cardoso — estaria exercendo ilegitimamente seu mandato, pois é acusado de corrupção eleitoral, sobre o que responde a processo, e de não pertencer a partido legalizado.

Hoje à tarde, o povo de São Lourenço vai às ruas exigir a posse de **Nega Véia** e denunciar que o primeiro colocado nas urnas só conseguiu vencer porque prometeu tijolos, sacos de cimento e areia em troca de votos. Prometeu, aliás, e não cumpriu. "A gente confiou nele, deu o voto e até agora não recebeu nada. Deu até na Rádio Estância, aqui de São Lourenço, que todo mundo que precisasse de material era só ir na Prefeitura e se inscrever. O doutor Mazinho ia distribuir, ganhando ou perdendo a eleição, a partir de 1º de janeiro. Era essa a promessa. A gente caiu direitinho", desabafa Maria Aparecida de Jesus, 28 anos, três filhos, moradora no Bairro de São Lourenço Velho.

Praça Brasil — Como ela, centenas de outros moradores de São Lourenço votaram em **Mazinho**, candidato do Partido Democrata Cristão (PDC), com a esperança de ter o material de construção prometido. Maria Aparecida trocou seu voto por um milheiro de tijolos, quatro telhas, três metros cúbicos de areia, uma caixa-d'água de 250 litros, quatro sacos de cimento e um metro cúbico de pedra. "Não pedi nenhum absurdo, só o que eu preciso para ajeitar minha casa", pondera. Outras pessoas pediram menos ainda. Ana Balbina dos Santos Silva, 63 anos, viúva, impedida de trabalhar por doença, mora em um casebre de dois metros quadrados, no mesmo bairro, e pede diariamente em suas orações a Jesus: "Um pouco de cimento para consertar minha parede, só isso, será que ainda vem?"

Se Ana Balbina ainda mantém esperanças, Margareth Pereira, 28 anos, casada, três filhos, já perdeu todas: "Meu marido não pode trabalhar porque é doente e a gente vive correndo atrás de uma melhoria na vida. Pedi um pouco de tijolo e cimento em troca do voto. Isso é pedir demais?", diz ela, que mora na casa nº 79 da Rua Wanda de Barros, em São Lourenço Velho, um dos bairros mais pobres da cidade.

Esses eleitores acabaram descobrindo que venderam seus votos por muito pouco. Ou melhor, entenderam que um voto vale muito mais que alguns sacos de cimento. Por isso, Maria Aparecida, Ana Balbina e Margareth vão estar hoje às seis da tarde, na principal praça de São Lourenço, que se chama Brasil, em frente ao Parque de Águas da cidade. Ali vão protestar contra a corrupção eleitoral, em um ato que reúne os três candidatos derrotados na última eleição: além de o **Nega Véia**, candidato pelo Partido Socialista (PS), estarão lá José Celso Garcia, da coligação PMDB-PSB, e Ronaldo Colossao, do Partido Liberal.

Nada disso, no entanto, parece perturbar o prefeito empossado. Em seu gabinete da Prefeitura, **Mazinho** dá socos na mesa quando fala sobre as denúncias de corrupção eleitoral: "É tudo mentira, é papo de comunista, desses caras da esquerda. Eles estão desesperados porque nunca poderiam imaginar que eu venceria essa eleição. Não sou corrupto, não comprei um voto sequer, não sou comunista nem sou agitador. A minha consciência é que manda e ela está tranqüila. Estão querendo me desestabilizar mas não vão conseguir", reage.

Os socos na mesa cessam quando o prefeito fala de seus planos e de seu futuro político: "Não sou político, sou um empresário do setor de construção civil e não sei como vou sair dessa situação. Não sou de falar, sou de fazer. Se tiver que sair da Prefeitura, sairei de cabeça erguida", garante o mineiro de Carmo de Minas, 45 anos, ex-presidente do Rotary Club de São Lourenço, que guarda um trunfo na manga da camisa: o apoio do governador Newton Cardoso, que mesmo ausente da campanha eleitoral não deixou de mandar assessores a São Lourenço para prometer em palanques a construção de casas populares.

Denúncias — Sobre a tranqüilidade do prefeito pairam dois fantasmas: um deles é o próprio PDC, que teve o pedido de registro indeferido pelo Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais. A rejeição consta de um acórdão do TRE-MG de 12 de outubro do ano passado e isso já impedira a candidatura de **Mazinho**. Esse no entanto é o fantasma mais manso.

Está nas mãos do juiz eleitoral de São Lourenço o fantasma mais assustador. É o processo que cuida do crime eleitoral. Depois de ir até Belo Horizonte, onde teve que esperar uma decisão sobre a suspeição do juiz Pedro Jorge de Oliveira Neto, da 259ª Zona Eleitoral (de São Lourenço), o processo começa a ser tocado a partir de amanhã, com a citação dos três acusados de corrupção eleitoral. Além do prefeito estão citados o vice-prefeito, José Testi Filho, cujo sogro é proprietário da Rádio Estância, e Leda Nonato Verdum, a única vereadora eleita pelo PDC.

Há de tudo nesse processo, e as denúncias ultrapassaram os limites das páginas para as ruas da cidade. Segundo o advogado Ari Lobo de Almeida, as primeiras testemunhas serão convocadas para depor esta semana pelo juiz eleitoral de São Lourenço. São eleitores que constavam de uma lista para recebimento de material de construção em troca de votos, apreendida no comitê eleitoral do PDC. Esse comitê funcionava na Prefeitura, já que **Mazinho** foi apoiado pelo ex-prefeito, Orestes Silvestrini, um industrial da região.

Há até uma fita de vídeo no processo, em que estão registradas as atividades do comitê eleitoral do PDC na Prefeitura e entrevistas com eleitores declarando voto em troca de material de construção, sem o menor constrangimento. Há também uma denúncia do uso indevido de propaganda eleitoral no dia da eleição, através da Rádio Estância, sob a alegação de que o candidato **Mazinho** teria que se defender de uma carta renúncia apócrifa distribuída na boca-de-urna. **Mazinho** garante que a oposição forjou a carta para derrubar sua candidatura, a oposição garante que o próprio confeccionou o documento para utilizar a rádio no dia da eleição.

Um retrato do Brasil. Do alto do bairro de São Lourenço Velho, de onde se tem uma bela vista da cidade, Maria das Graças dos Santos, de 21 anos, espera o quarto filho. Ela pediu um pouco de areia, cimento e tijolos para depositar na urna o voto em favor de quem lhe prometeu o quartinho do novo bebê. Talvez ela não possa ir à manifestação de hoje à tarde. É que o menino, ou a menina, deve nascer no mesmo dia, atender por um nome que os pais ainda não escolheram a ser mais um brasileiro nascido em Minas Gerais. Que seja feliz.

Preferido pela população, o dono de bar 'Nega Véia'...

São Lourenço — Mauro Nascimento

...ameaça prefeito Helmar

'Nega Véia'

Clóvis gosta de ser comparado a Sassá Mutema

Sassá Mutema existe, nasceu em Osasco (São Paulo), veio com 11 meses para São Lourenço e daqui não pretende sair. Pelas ruas da cidade muita gente o chama de Sassá, mas o apelido de Clóvis Aparecido Nogueira não é menos original: **Nega Véia**.

"Eu tinha um forró na cidade que se chamava Forró do Nega Véia. O forró fechou mas o **Nega Véia** continua e, se Deus quiser, ainda vai merecer a confiança desse povo", justifica Clóvis.

Para quem tem só até o terceiro ano primário e nenhuma experiência política, perder por apenas 82 votos para um candidato apoiado pelas máquinas municipal e estadual é uma façanha. "Isso sem contar a corrupção e as traições", destaca **Nega Véia**, 39 anos, casado, dois filhos, dono do pequeno Bar Esporte, defronte ao mercado de São Lourenço. Ele não bebe e não fuma, mas se deixa fotografar com um copo na mão: "Bebida é coisa do povo e eu sou o povo."

Clóvis não acredita, ainda, que possa tomar posse, apesar de não cansar de receber nas ruas o cumprimento de "prefeito" dos moradores. "Acreditei muito na vitória e hoje estou decepcionado com tanta sujeira. Vou participar da manifestação para botar para fora tudo o que está engasgado e amanhã poder voltar e me candidatar de cabeça em pé." **Nega Véia** é bom de palanque, como Sassá: no primeiro comício reuniu apenas 13 pessoas, mas no último, encerrando a campanha de 1986, falou para oito mil.

"Torço pelo Miramar aqui de São Lourenço, mas no Rio sou Vasco." Ator de teatro amador, Clóvis gosta da comparação com o personagem principal de O Salvador da Pátria: "Não vou salvar a pátria de ninguém. Quero trabalhar pela comunidade como já venho trabalhando, mas a única diferença entre mim e o Sassá é a cor. Torço para que não roubem ele lá em Tangará.

Como Sassá, **Nega Véia** conhece todos pelo nome, sabe onde mora fulano, quantos filhos tem sicrano, essas coisas que só se sabe com anos de convívio. Uma vez por ano, no Natal, ele reúne os mendigos da cidade e dá uma ceia. Mora em um bairro popular, o Nossa Senhora de Lourdes, conhecido como Cafundó, onde teve boa votação. Por isso sabe que São Lourenço não é apenas a cidade limpa e tranqüila dos cartões-postais: "Essa cidade cresceu muito e pra todos os lados. Tem muita coisa errada aí pra consertar."

O ingênuo Sassá de São Lourenço não é mais tão ingênuo assim. Perdeu amigos, levou rasteiras na eleição, mas aprendeu muita coisa: "A gente entrou nessa guerra com pedras na mão contra metralhadoras e dinamite."

A cidade que tem boa aura

São Lourenço é um dos menores municípios brasileiros, com apenas 51 quilômetros quadrados. Mas guarda nesse espaço muito mais que as fontes de água que tornaram a cidade um dos grandes sucessos turísticos de Minas Gerais. Hoje, basta subir ao alto do Memorial Tancredo Neves, uma imensa torre de concreto por sobre as colinas da Serra da Mantiqueira, para se tomar consciência dos problemas que o crescimento imobiliário pode acarretar.

Saindo da área central, onde se destaca o Parque das Águas mantido pela Empresa São Lourenço, a cidade mostra bairros pobres, de ruas de terra e casas de madeira e alvenaria, onde o saneamento básico ainda não substitui as fossas. Nesses bairros — São Lourenço Velho, Nossa Senhora de Lourdes, Alto do Santo Cruzeiro, Carioca Barreiro e Vila Nova, entre outros — mora a população carente, que trabalha nos hotéis e no comércio. Nélson Santos mora com a mulher Nirce e cinco filhos em uma casa de dois cômodos no Alto do Bairro São Lourenço Velho e recebe por mês NCz$ 40,00.

Com cerca de 40 mil habitantes, 16 mil eleitores e arrecadação mensal de NCz$ 200 mil, São Lourenço tem 42 hotéis que vivem do turismo do Parque das Águas e dos cassinos na região, sobretudo o de Carmo de Minas, onde jogam apostadores do Rio e São Paulo. Alguns desses apostadores chegam de avião à cidade apenas para um fim-de-semana. Apesar de proibido por lei, o jogo é uma espécie de instituição em São Lourenço. Fala-se de cassino pelas ruas, como se fala de futebol ou política municipal.

Há apenas um cinema, o Vogue, que esta semana está exibindo o apimentado filme "O Beijo da Mulher Piranha", em duas sessões: 20h e 22h30. A vida cultural é escassa e os poucos bares e restaurantes, que ficam abertos até mais tarde, só enchem a partir de sexta-feira. Voltam a ficar às moscas na segunda-feira. Apesar de não possuir nenhuma escola de nível superior, a cidade não exporta grande número de estudantes, mas quando o faz o destino é quase sempre Belo Horizonte.

A salada de brasileiros residentes na cidade inclui cariocas, paulistas, mato-grossenses, acreanos e nordestinos. A aura mística da cidade faz com que visitantes eventuais terminam virando moradores fixos e apaixonados. Além da sede da Sociedade Brasileira de Eubiose, cujos integrantes acreditam que nessa região irá surgir uma nova civilização, há a aura comum a outras cidades mineiras, como Ouro Preto. Uma aura que não se explica, apenas se respira.

Valença só emprega seis funcionários na sua Câmara

Florência Costa

A moralização do Poder Legislativo está a 155 km do Rio. Na cidade de Valença, Sudoeste do Estado do Rio, a Câmara Municipal, com 15 vereadores, serve aos 90 mil habitantes da região com o trabalho de apenas seis funcionários. Além de não jogar fora o dinheiro do contribuinte, a Câmara de Valença economiza espaço: está instalada em 50 metros quadrados, dividindo metade de um andar com a Prefeitura.

O poder político de Valença está centralizado num antigo casarão, de dois pavimentos, construído com pedra e cal em 1861. Desde 1867 a Câmara ocupa este prédio. Hoje se restringe ao plenário, ocupado por uma mesa com 15 cadeiras em volta, e a uma sala para os seis funcionários, técnicos legislativos e assessores jurídicos. O restante do casarão pertence à Prefeitura.

Dos seis funcionários, apenas três pertencem ao quadro permanente. A outra metade ocupa cargos em comissão e é passível de demissão. Até mesmo a faxina sai de graça para a Câmara: fica por conta de um funcionário requisitado da Prefeitura. Os salários dos funcionários variam de NCz$ 175,73 a NCz$ 330,18.

Festa — Se um deputado estadual do Rio resolver doar metade de seu salário, em torno de NCz$ 4 mil 400, para a Câmara de Valença, estará sustentando toda a folha de pagamento dos funcionários. Segundo o presidente da Mesa Diretora, vereador Haroldo Mancebo (PMDB), o contribuinte gastou apenas NCz$ 2 mil 42 com os salários dos funcionários, pensionistas e aposentados em fevereiro. "Nós poderíamos ter até 45 funcionários, e cada vereador, um assessor. Mas por que vamos esbanjar se não é necessário", questiona Haroldo Mancebo. E no que depender do presidente, a economia vai ser maior: ele acredita que três é o número ideal de funcionários.

Dia de sessão é festa. Todas as segundas e quartas-feiras, às 19h30, os 15 vereadores — oito do PMDB, três do PDT, dois do PDC, um do PTB e um do PL — colocam as melhores roupas para irem à "reunião", que não começa sem a oração do "Pai Nosso". Cumprindo o papel de protetores de seus distritos — Valença possui cinco —, os vereadores fazem de tudo, nas sessões, para conseguirem calçar e iluminar as ruas de seus eleitores.

Valença (RJ) — Carlos Mesquita

Vereadores de Valença se dão as mãos e rezam o Pai Nosso no início da sessão

Mas nem sempre a Câmara se prende a pequenas conquistas. Conta o atual presidente, Haroldo Mancebo, que em 67, por exemplo, a Fundação Educacional André Arcoverde — composta por cinco faculdades (Medicina, Direito, Odontologia e Ciências Econômicas) — foi criada por iniciativa da Câmara. No ano passado os vereadores conseguiram credenciar a UTI do Hospital José Fonseca (pertencente à Santa Casa da Misericórdia) — que estava ameaçada de fechar — à rede do INPS.

Cafezinho — Em mais uma medida moralizadora, a Câmara aprovou uma resolução que diminuiu a verba de representação do seu presidente, de dois terços para um terço do subsídio do vereador. "Eu poderia estar ganhando NCz$ 400, mas só recebo a metade disso", vangloria-se Mancebo. Mai um motivo de orgulho dos vereadores é a inexistência de carros oficiais. Até mesmo o presidente utiliza seu fusca, ano 75, para ir à Câmara. "Mordomia aqui é cafezinho e água filtrada porque não temos água mineral", conta Mancebo.

A Sala Pedro Gomes — onde funciona o plenário — fica repleta de populares e militantes do PT, com direito a participarem da **Tribuna Livre**, que há anos dá voz aos populares no Legislativo. Uma figura já virou folclórica nas sessões: a petista Lindsey Fernandes, que disputou a Prefeitura nas eleições de 88. Ela traz sempre um gravador para aproveitar no boletim do partido, *O Petisco*, as gafes cometidas pelos adversários.

Gazeteiros — Mesmo a oposição ao prefeito Fernando Graça (PMDB), grande liderança política local, reconhece que não há mordomias na Câmara de Valença. No entanto, os petistas e pedetistas acusam a Câmara de ser "submissa" à Prefeitura. "A Câmara não tem orçamento próprio e depende da Prefeitura para tudo", acusou o vereador do PDT, Álvaro Cabral.

De qualquer forma, os vereadores valencianos, tanto da situação como da oposição, sentem-se orgulhosos em não onerarem os gastos públicos. Peito estufado, o presidente Haroldo Mancebo, que na legislatura passada ocupava o cargo de vice-presidente, informa que desde o dia 5 de dezembro e até o final de fevereiro, os vereadores receberam somente a parte fixa de seus salários, correspondente a NCz$ 294.

"Ao contrário da maioria das Câmaras, o nosso prefeito não convocou extraordinariamente os vereadores no período de recesso. Por isso não recebemos nos meses de janeiro e fevereiro nosso salário total, que é de NCz$ 588", gaba-se. Quase não há **gazeteiros** (faltosos) na Câmara de Valença. É que as faltas são rigorosamente descontadas. A cada sessão ausente, o vereador perde NCz$ 29. Nem mesmo em caso de doença prolongada eles recebem o salário integral, mas apenas o vencimento, de NCz$ 294. Salário, aliás, que os vereadores — obedecendo à tradicional política do interior — gastam com remédios, roupas e ajudas financeiras a seus eleitores.

O vale-tudo de quem honra os mandatos

Os políticos acostumados à boa vida das mordomias bem que poderiam se mirar no exemplo de João Batista e Vitor Emanuel. Os dois vereadores mais bem votados de Valença, Vitor Emanuel Couto (923 votos) e João Batista Gomes Filho (655 votos) andam muitos quilômetros por estradas de terra esburacadas, um a bordo de um ônibus e outro num velho fusquinha, para participarem das sessões da Câmara de Valença, às segundas e quartas-feiras, às 19h30.

Os 60 quilômetros de terra batida que separam o distrito de Santa Izabel do Rio Preto de Valença não desanimam nem um pouco o vereador João Batista (PMDB) — chamado carinhosamente de **Guingo** pelos moradores da região — que gasta 20 litros de gasolina por dia no seu fusquinha vermelho, ano 72. "Faço por gosto e só peço a Deus que me dê forças para continuar o trabalho de meu pai, que durante 28 anos ia às sessões da Câmara a cavalo. A gente nem pensa que é sacrifício porque tem muito gosto pela coisa", conta.

No ano passado, quando recebia a módica quantia de NCz$ 104, João Batista chegou a tirar dinheiro do próprio bolso para cumprir seus compromissos com o eleitor, indo à Câmara. E nunca reclamou disso. Hoje ele recebe NCz$ 588 e como seu salário — como o dos demais vereadores — não deve aumentar até o final do ano (segundo o presidente da Câmara, Haroldo Mancebo), João Batista já sabe que terá em breve novos problemas financeiros. "Só na semana passada tive que comprar um pneu novo que me custou NCz$ 30, que vou pagar em duas vezes", disse depois de constatar que o pneu traseiro, do lado esquerdo do fusquinha, está totalmente careca.

Bicicleta — Antes de encarar a poeirenta jornada até Valença (duas horas de viagem), João Batista coloca numa velha sacola de pano os trajes do plenário: calça e camisa sociais. Pouco antes da "reunião", como os vereadores costumam dizer, ele coloca a roupa do plenário e passa brilhantina no cabelo, cuidadosamente repartido ao lado.

Na volta, João Batista dá uma carona ao companheiro de bancada, Vitor Emanuel, que mora no distrito de Conservatória, a 40 minutos de Valença. Na sua terra, Emanuel Vitor, 50 anos, é conhecido como **Vitinho**. "Eu sempre vou de ônibus para a Câmara. Não tenho carro, nunca tive. A única coisa que tenho é uma casa e uma bicicleta", relata Vitor Emanuel. Além de serem extremamente dedicados ao trabalho da Câmara, os vereadores têm em comum a popularidade. João Batista conta com orgulho: "Em dia de eleição fico em casa, não sou eu que vou atrás de eleitor. São eles que correm atrás de mim". *(F.C.)*

Valença (RJ) — Carlos Mesquita

João Batista anda 20 km para chegar ao Legislativo

Grupo gaúcho imita Swat e ganha apelido de 'ninjas'

José Mitchell

PORTO ALEGRE — A Brigada Militar tem, desde fevereiro, um grupo de elite que se assemelha à Swat americana. É o CT-9 (Comando Tático do 9º Batalhão da PM), especializado em operações antiterrorismo, anti-seqüestro, antiguerrilha urbana e rural, praticamente desconhecido da população gaúcha, mas já apelidado no mundo do crime de 'os ninjas'. Apesar do rígido treinamento a que é submetido, o grupo prefere atuar em sigilo e já é considerado um sucesso; em poucos meses de existência, salvou 23 pessoas de assaltantes armados e prendeu 26 criminosos.

"Nosso lema é a inteligência e a técnica superando a força física", explicou o tenente PM Heitor Sá de Carvalho Jr., 25 anos, comandante do grupo de 14 sargentos, cabos e soldados, que conseguiram completar um curso originalmente com 50 candidatos.

O tenente Heitor foi aliás o único gaúcho entre os oito oficiais que conseguiram, no ano passado, completar um curso oferecido pela Companhia Independente de Operações Especiais (Cioe) da Polícia Militar do Rio de Janeiro. Trinta oficiais de todo o país foram selecionados, mas alguns desistiram e outros sofreram acidentes durante os treinamentos. De volta a Porto Alegre, o tenente Heitor, com apoio do comandante do 9º BPM, tenente-coronel PM Eugênio Ferreira da Silva Filho, coordenou um curso semelhante de três meses e meio — originalmente com 50 inscritos — formando a primeira turma em fevereiro. E já tem planos de iniciar novo treinamento para ampliar o CT-9.

O CT-9 realiza o mesmo tipo de treinamento (do alpinismo ao pára-quedismo, de ações anti-seqüestro a aulas de caratê e até psicologia) praticado por comandos especializados do mundo inteiro, como o GSG-9, da Alemanha, o Gign, da França, o SAS da Inglaterra, a SWAT norte-americana, os comandos de Israel ou o Delta-Force dos Estados Unidos, entre outros. A disciplina e os testes são rígidos — quem não passa na revisão a cada três meses sai do CT-9 — e o seu símbolo lembra um homem encapuzado, só com os olhos de fora, junto ao desenho de trichulas, arma de Chiva, deus indiano guerreiro.

Camuflagem — O símbolo não é gratuito: com uniformes pretos, os integrantes do CT-9 usam, nas operações externas, um capuz que preferem chamar touca de comando, que deixa apenas seus olhos de fora. "Isso facilita a camuflagem urbana e intimida os bandidos", contou o tenente Heitor. Por causa do uniforme, eles foram denominados 'ninjas' pelos bandidos da cidade. O capuz também evita a identificação dos agentes, que só se tratam por números, e não pelos nomes.

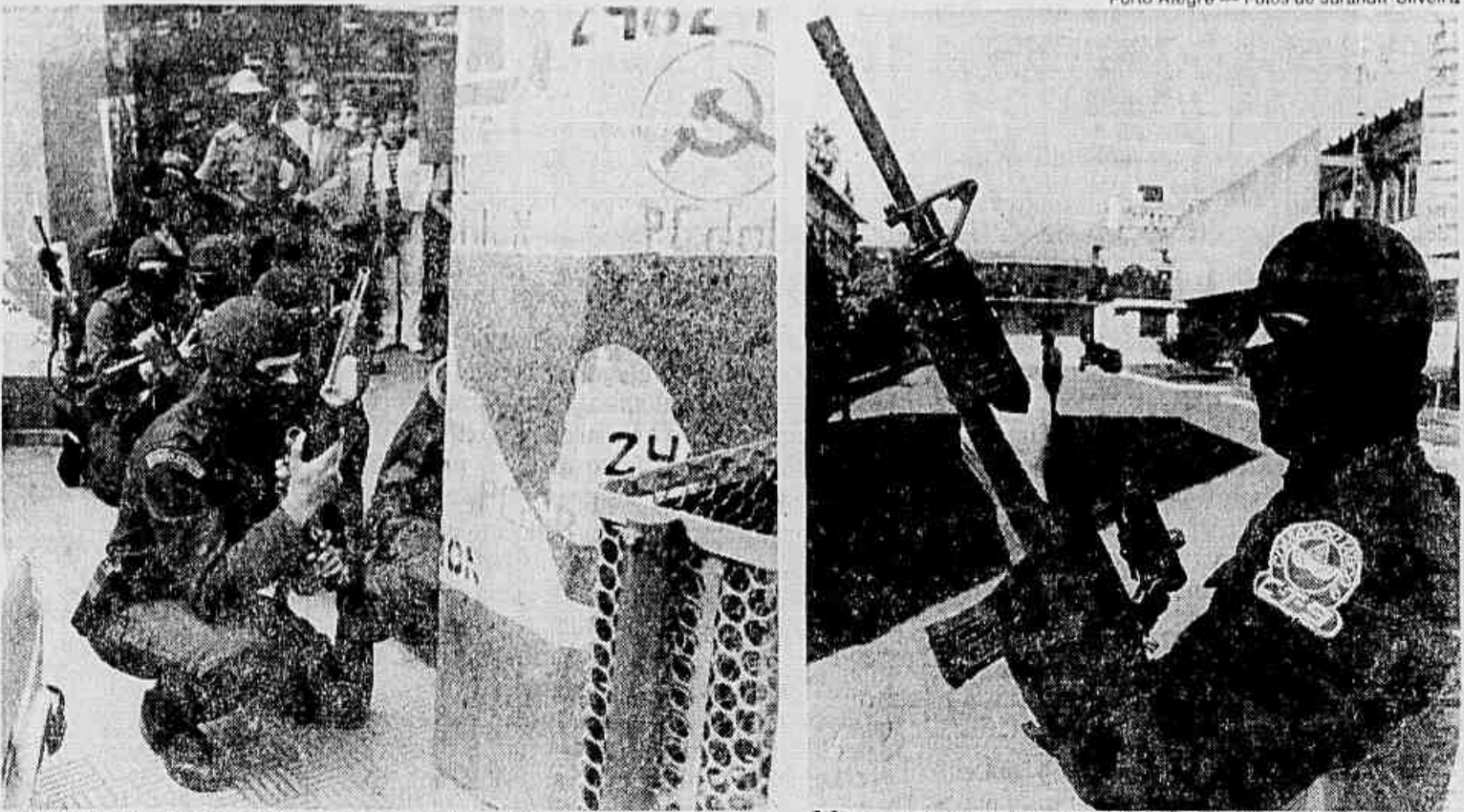
Com um forte armamento, que vai da besta (um arco de aço e uma flecha de ferro, que derruba bandidos silenciosamente) a fuzis M-16 e AR-15 com luneta, submetralhadoras Mini Ruger 14, Uzis e Mini-uzis israelenses, pistolas calibre 45 e Magnum 357, os integrantes do CT-9 são treinados, por exemplo, em técnicas de camuflagem urbana — como entrar numa casa e se esconder em latas de lixo ou armário, utilizando ainda uma das 14 formas diferentes de passar por uma porta.

Mas engana-se quem concluir que comandos como o CT-9 só são acionados para entrar atirando num lugar onde, por exemplo, existam reféns. Eles recebem aulas de psicologia, de persuasão e treinamentos de ilusionismo (usar efeitos de sombras de móveis para se esconder) e aprendem a manter a calma no momento da operação. Assim são treinados a receber um tapa sem reagir, tentando pela conversação fazer um seqüestrador se entregar, e dando prioridade sempre à vida do refém.

O avanço da criminalidade, com crescente número de reféns, e também a morte em ação de soldados da Brigada Militar foram as motivações iniciais para o surgimento do CT-9, com apoio integral do comandante-geral da corpração, coronel PM Jerônimo Braga. Quando o grupo não está em operação externa, passa o dia em treinamento, com aulas de educação física, defesa pessoal, tiro de combate (técnicas de rolar atirando), treinamento de reflexos, etc. Os treinamentos são realizados em diferentes locais e incluem, por exemplo, métodos de combater uma eventual operação terrorista nos trens.

Alvo — Com base em informações da P2 (polícia secreta da Brigada Militar, um dos órgãos da rede nacional de informações controlada pelo (SNI), o CT-9 é acionado em operações determinadas. Às vezes, uma informação errada leva o grupo para a rua, como aconteceu na Rua Quintino Bocaiúva recentemente: a vizinha de uma moradora achou que havia um assalto, com mortos e bandidos dentro do apartamento, e os membros do CT-9 chegaram a subir ao terceiro andar usando cordas.

Nos três subgrupos do CT-9, denominados Alfa, Beta e Delta, entretanto, já ocorreram situações de enfrentamento armado com assaltantes e traficantes, sem que ninguém se ferisse e com a prisão de 26 bandidos. "Sempre com muita disciplina e respeito à hierarquia, nossa ambição é sermos os melhores em tudo", afirma o tenente Heitor. Em pontaria, os integrantes do CT-9 são considerados os melhores no estado: nos treinamentos com armas, eles são obrigados a acertar dois bonecos, entre os quais, a um palmo de distância, está um companheiro da própria unidade. "No início, alguns criticaram a prática, mas o pessoal hoje tem uma excelente pontaria. Isso é necessário porque numa ação externa, eles não podem errar nunca", observou o tenente Augusto Mamede Freitas de Lima, subcomandante do grupo.

Porto Alegre — Fotos de Jurandir Silveira

O CT-9 não brinca em serviço e salvou 23 pessoas

Máscara esconde a identidade dos 'ninjas'

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*

MARIA REGINA DO NASCIMENTO BRITO — *Diretora*

MARCOS SÁ CORRÊA — *Editor*

•

FLAVIO PINHEIRO — *Editor Executivo*

•

ROBERTO POMPEU DE TOLEDO — *Editor Executivo*

Hora da Reparação

"A América Latina precisa crescer novamente e os frutos de seu crescimento precisam ser mais largamente divididos", afirmou o secretário de Estado dos Estados Unidos, James Baker III, no seminário que discute o endividamento latino-americano, sob o patrocínio dos ex-presidentes Gerald Ford e Jimmy Carter. Este novo compromisso americano com o resgate econômico e social da região merece ser examinado com entusiasmo.

A América Latina está histórica e economicamente ligada aos Estados Unidos. Nos últimos cinqüenta anos as relações de comércio dos diversos países continentais invariavelmente tiveram os EUA como primeiro ou segundo parceiro. Em razão direta do poderio econômico, também os investimentos de empresas americanas lideram a presença do capital estrangeiro. Por fim, os bancos americanos, como maiores instituições de crédito do mundo, tornaram-se os principais credores da região.

A crise de balanço de pagamentos dos países latino-americanos teve várias e diversas causas. No plano interno, a falta de diversificação das economias as deixou expostas quando as relações de trocas dos produtos agrícolas e minerais exportados, em especial o petróleo, se deterioraram na virada dos anos 70. No plano externo, o fator preponderante foi a forte alta nas taxas de juros dos EUA, causada pelo descompasso entre a aplicação de uma política monetária restritiva e a manutenção de uma política fiscal expansionista.

Como resultado da forte alta dos juros reais, a economia mundial mergulhou na estagnação que durou até meados de 1984. Os países em desenvolvimento ficaram com o pior dos mundos: tiveram as receitas de exportação diminuídas e o serviço da dívida fortemente onerado. O México, que se endividara pesadamente confiando na sustentação da alta dos preços do petróleo, foi o primeiro a declarar a insolvência com a moratória de 1982. Os demais devedores, diante da imediata suspensão dos empréstimos internacionais, seguiram a mesma trilha.

Decorridos mais de seis anos, tornou-se claro que as receitas clássicas para ajustamento do balanço de pagamentos e saneamento interno das economias em crise estão ultrapassadas. Os países da região que recorreram à ortodoxia do Fundo Monetário Internacional interromperam o processo de crescimento econômico que haviam obtido nos anos 70. E todos, sem exceção, terminaram acusando dificuldades em gerar divisas para honrar os compromissos da dívida.

Os Estados Unidos, felizmente, hoje reconhecem que o receituário do FMI, onde exercem o poder de veto com 18% dos votos (as decisões do FMI e do Banco Mundial precisam de 85% dos votos), contribuiu para agravar o estado de pobreza da região — que ameaça transformar-se em um caldeirão político e social de futuro imprevisível — e aumentar o fosso entre os países em desenvolvimento e os mais ricos.

O compromisso com o crescimento não deixa de significar um *mea culpa* dos EUA: um reconhecimento da responsabilidade que o descontrole de seu déficit público assumiu, ao onerar acima de qualquer previsão racional o serviço da dívida externa pela alta sem precedentes das taxas de juros promovidas pelo ex-presidente do Federal Reserve, Paul Volcker, em gestões democratas (Jimmy Carter) e republicanas (Reagan). Afinal, grande parte dessa dívida resulta de juros reais recordes.

Os Estados Unidos também têm graves problemas econômicos. Seu déficit público, superior a US$ 160 bilhões, só agora começa a dar sinais de declínio, com a redução de gastos militares, possível após os acordos com a União Soviética. E sua balança comercial apresenta déficit acima de US$ 140 bilhões. Mas a América Latina, em especial o Brasil, tem uma posição singular: acumula alto superávit comercial com os EUA; de outra parte, financia o balanço de pagamentos americano com a exportação de capitais referentes ao serviço da dívida.

O Plano Brady, versão atualizada do fracassado Plano Baker, de 1985, quando o atual secretário de Estado ocupava a pasta do Tesouro, procura harmonizar os problemas econômicos da região com o reforço das relações bilaterais com os Estados Unidos. Ou seja, os países da região devem ter suficiente apoio para recuperar condições de crescimento. Mas, uma das precondições é a abertura da economia ao investimento estrangeiro e a redução das barreiras de comércio, que implicam mais importações de produtos americanos. O México, seguindo a nova tendência, reduziu sensivelmente as tarifas de importação. Por isto, vai ser o primeiro país alcançado pelo Plano Brady.

O Brasil, que mantém uma economia bastante fechada, à custa de barreiras tarifárias e reservas de mercado que permitiram à indústria nacional atender a 95% das necessidades do país, precisa redefinir seu futuro: continuar com o atual modelo semi-autárquico que está levando o país a uma década de estagnação e atraso econômico em relação à competição internacional e frente a nações emergentes, como a Coréia do Sul; ou optar pelo caminho da integração às modernas economias de mercado, seguido até mesmo pela URSS e a China.

Escolher a Guerra

É contristador saber, por uma pesquisa recém-publicada, que os professores primários do Rio de Janeiro ganham o correspondente ao de seus colegas em cidades asiáticas, como Bombaim, e um pouquinho mais do que o salário pago em Jacarta ou no Cairo — classificando-se, no todo, em quarto lugar entre os professores mais mal pagos do mundo.

Como foi possível chegar a isto? Todos os especialistas concordam em que foi uma queda progressiva, desde os bons tempos em que as normalistas do Instituto de Educação podiam terminar seu curso e iniciar com toda a confiança uma carreira honrosa.

De queda em queda, chega-se à triste situação de hoje, em que professores aparentemente desorientados fazem greve a todo momento, deixam seus alunos perderem o ano sem dores na consciência e são capazes de afirmar, por uma de suas lideranças, que o movimento só chegará ao fim "com uma revolução".

De que revolução estão falando? Se é aquela revolução tradicional ao gosto dos ideólogos, seria melhor perder as esperanças. Nem todas as greves do mundo produzem uma revolução do tipo da que um Lênin abençoaria; e, se há uma lição dos tempos recentes, é justamente a falência desse tipo de utopia. Os povos inteligentes mostram-se hoje mais interessados em boas reformas do que em revoluções — movimentos que ninguém sabe onde terminam, como se pode ver pelo caso infeliz do Irã.

Se se trata, entretanto, de uma revolução pedagógica, a hora é mesmo de tratar disto — contanto que isto signifique mais horas de aulas e não cada vez menos, como parecem sugerir os adeptos do grevismo, a todo pano.

A tragédia do ensino brasileiro tem origens diferentes, que acabam convergindo. Como declarou um conhecido educador, no estágio de agora, "o estado finge que paga e os professores fingem que ensinam". Tudo se tornou uma grande farsa, a começar pelo número de professores que estão afastados de suas funções no Rio de Janeiro (fala-se em 30 mil). Com esse exército de apaniguados, não há como dar alguma racionalidade ao quadro geral do ensino. É dever urgente dos administradores fulminar esse verdadeiro escândalo.

Outro fator corretamente lembrado é o da pirâmide invertida que comanda a realidade educacional brasileira. Sendo este um país de formalistas, ficou mais ou menos estabelecido, nos textos constitucionais, que a União cuidaria do ensino superior público, enquanto estados e municípios cuidariam das etapas elementares.

Teoricamente correto; só que a concentração de recursos no plano federal foi matando à míngua os estágios fundamentais, de tal modo que a estrutura do ensino público nesses estágios simplesmente faliu.

Já se apontou, vezes sem conta, a iniqüidade deste quadro: alunos de bom nível social fazem os seus estudos básicos em escolas particulares e, depois, beneficiados em relação aos outros, ocupam as vagas existentes nas universidades públicas. E, quando se fala em cobrar de quem possa pagar, nessas universidades, é um deus-nos-acuda. Onde está a lógica, ou o espírito de justiça?

A esta altura, está tudo tão errado que só uma mobilização geral da sociedade pode obter alguma coisa. É inútil fazer pressão sem maior sobre a escola particular, querendo que ela preencha o papel do poder público. Greves selvagens também não resolvem: a classe dos professores não pode comportar-se como um sindicato comum, praticante da luta de classes. Precisa convencer a sociedade de que é uma classe superespecial. E, para isso, também teria de elevar o seu nível de preparação. Professores sem formação, vulneráveis a *slogans* e movimentos de rua, não convencerão ninguém de que são depositários confiáveis das novas gerações de brasileiros.

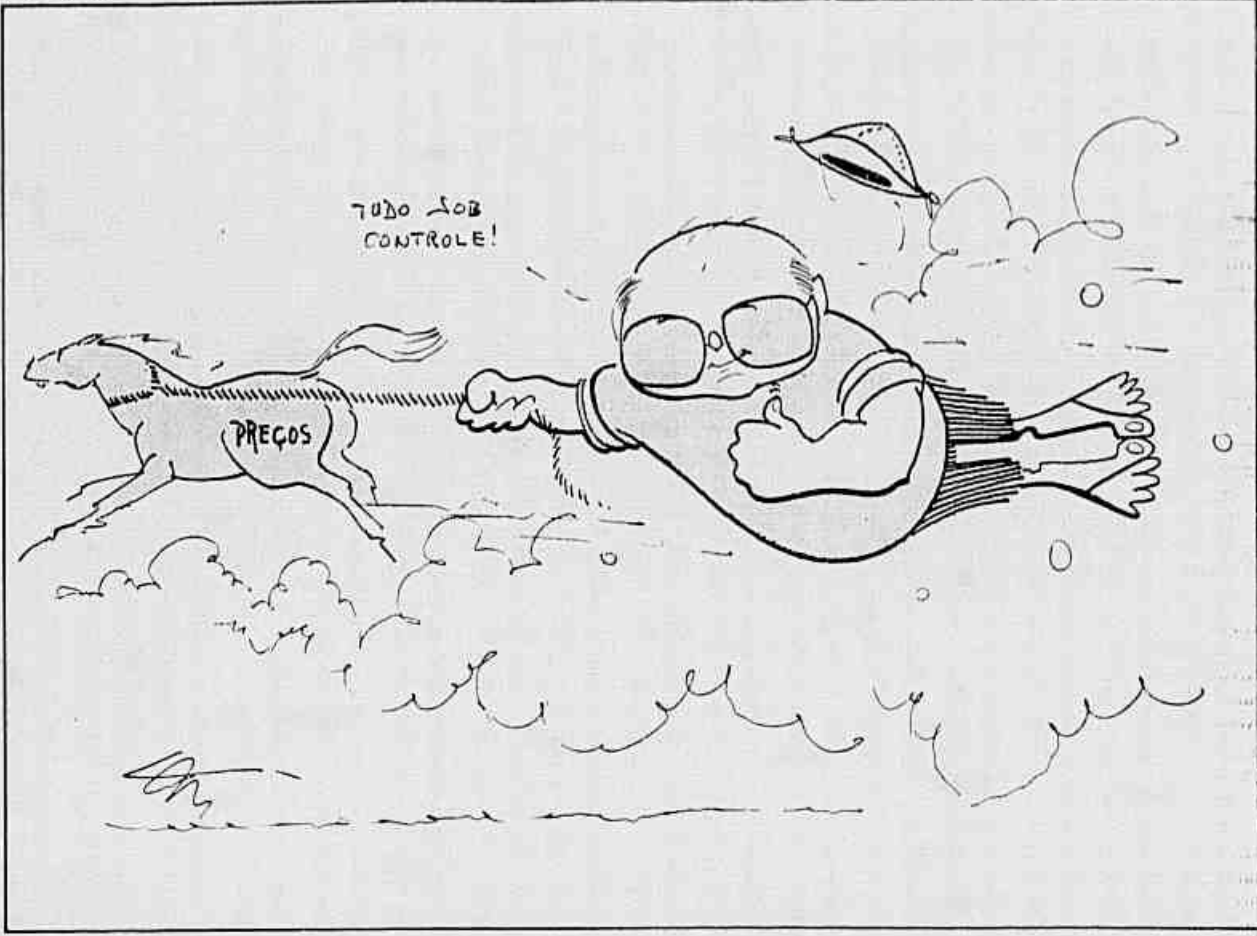
Tópico

Humildade

A tragédia ecológica do petroleiro que poluiu as praias do Alasca é mais uma advertência quanto ao impacto da civilização moderna sobre o meio ambiente — e uma lição de humildade aos países desenvolvidos quando cobram um comportamento irrepreensível, neste terreno, às nações em desenvolvimento. Chega a ser quase inacreditável o impacto de um acidente desse tipo sobre a biologia marinha da região; e também causa perplexidade a carência de recursos para contrariar os efeitos do sinistro.

O que tudo isto deixa à mostra é que o debate ecológico veio para ficar. Foi-se o tempo em que esta preocupação era considerada atividade eminentemente romântica de espíritos sonhadores. O ser humano dispõe, hoje, de um assustador poder de impacto sobre o planeta; o que implica a existência de uma nova filosofia na relação entre o homem e a terra.

O Brasil é um retardatário nesse debate; mas está sendo obrigado a recuperar o tempo perdido com a acesa polêmica em torno da Amazônia. Como demonstra, entretanto, o acidente do Alasca, não estamos assim tão atrasados em relação aos outros.

Lan

Cartas

Bondinho

Dentro de um processo de descentralização da oferta turística na cidade do Rio de Janeiro, Santa Teresa é uma ótima opção, não só pela sua situação geográfica como ainda pela preservação de diversos aspectos arquitetônicos que ali estão enraizados, e mostram os contrastes da grande metrópole carioca. O bondinho, sem dúvida alguma, é a marca do bairro, e traz o saudosismo daquele meio de transporte que circulava em plena cidade.

É engraçado que muitos países como o Canadá, por exemplo, investem recursos para a manutenção de tal transporte, enquanto o Rio deseja substituí-lo por microônibus. O turista que nos visita não pode se limitar ao Corcovado, Pão de Açúcar, Floresta da Tijuca, pois se a cidade limitar a sua oferta apenas aos atuais atrativos, chegaremos a um momento decisivo de saturação. A evolução é primordial, mas o patrimônio cultural não pode ser menosprezado, sobretudo quando ele pode encantar aquele ser de suma importância para o Rio, o turista, e não apresenta problemas para a comunidade. **Bayard Do Coutto Boiteux, técnico de Turismo, Riotur — Rio de Janeiro.**

Contraste

Assisti no dia 23/3 o programa do PCB, no horário determinado pelo Tribunal Eleitoral. Foi uma hora de propaganda do partido, que se baseou principalmente na distribuição de renda. A miséria do pobre e os problemas sociais. Muito bem exposto, com declarações de várias pessoas dos mais variados níveis da sociedade. Nada a contestar. Tudo o que foi dito espelha o quadro atual da desorganização que o país atravessa, tudo decorrente da desídia, da desonestidade e da falta de patriotismo da maioria dos políticos.

No dia seguinte, porém, o *JORNAL DO BRASIL* publicava o protesto da vereadora Jandira Feghali contra a medida em tramitação na Câmara contra o uso dos carros oficiais. (...) A Sra. Jandira alegou que com o salário de NCz$ 4 mil 429 não pode adquirir o seu próprio carro. É inacreditável, mas é verdade. Qual seria o carro dos seus sonhos? Que contraste a propaganda eleitoral do dia anterior e o protesto de D. Jandira! (...) **Fernando Ferreira da Silva — Rio de Janeiro.**

Santo Daime

O artigo publicado na página *Opinião* de 29/3/89, *O Brasil no século XXI*, do Sr. Armando Daudt D'Oliveira Filho, "cientista político formado pela Universidade da Califórnia", é de ofender a inteligência e o bom senso dos leitores do *JORNAL DO BRASIL*, constituindo um verdadeiro desserviço à informação do público.

Ao fazer — em nome da ciência — uma apologia da chamada *Doutrina do Santo Daime*, o articulista só faltou pregar a distribuição de alucinógenos em nossas universidades e centros de pesquisa, como forma de compensar o nosso atraso científico e tecnológico e os cortes de verbas para a pesquisa.

Só lamento que o JB, que através de sua página diária de Ciência tanto tem contribuído para a difusão da informação científica, tenha publicado, como coisa séria, tamanho besteirol pseudo-científico. **Sergio Moraes C. Brandão, presidente da Associação de Jornalismo Científico do Rio de Janeiro.**

Deficientes

A Sociedade Pestalozzi do Brasil encontra-se prestes a fechar suas portas deixando sem atendimento 600 pessoas portadoras de deficiência mental, crianças e adolescentes com problemas emocionais, porque desde janeiro/89 não recebe da LBA as verbas referentes aos seus atendimentos.

Técnicos, professores, mães dos alunos e pacientes fazem um apelo. **Nadir Marques dos Santos Bezerra — Rio de Janeiro.**

Haja paciência

Como é que um cidadão brasileiro pode viver, entender e estar em dia com: *carteira de identidade, CPF, IPTU, IPVA, TRU, seguro obrigatório, taxa de incêndio, taxa de água, taxa de limpeza urbana, taxa de iluminação, Darf, Darj, salário de referência, piso salarial, salário de contribuição, OTN, ORTN, OTN fiscal, LBC, LFTN, IPC, INPC, Unif, Uferj, taxa de condomínio, INPS, recadastramento, Inamps, Iapas, imposto de renda, retenção na fonte, trileão, mensalão, carnê leão, selo do pedágio, cadastro do automóvel, FGTS, PIS, Pasep, Rais, correção monetária, juros, open, over, fundo 157, CDB, IBV, índice Bovespa, fundo de ações, fundo de renda fixa, fundo ao portador, caderneta de poupança, conta remunerada, aposentadoria, pensão, auxílio funeral, auxílio natalidade, taxa de insalubridade, SPU, laudêmio, foro, imposto de transmissão, taxa de expediente, alvará, contribuição sindical, aviso prévio, 13º salário, carga horária semanal, horas extras, diurnas, noturnas, dólar oficial, dólar turismo, dólar*

L. Brígido

paralelo, CBF, ISS, ICM, direitos trabalhistas, UPC, MVR, tablita do dia, tablita de deflação, tabela de correção de aluguéis, semestrais, anuais, inflação, indexação, Telerj, CEP, CEG, Light, fator de conversão, ICMS, BM & F, plano cruzado I, plano cruzado II, plano Bresser, medidas provisórias, decretos lei, cartórios, certidões, guias, 2as. vias, carimbos, selos, vistos, protocolos, processos, reconhecimento de firmas, autenticações, recibos, comprovantes, emolumentos, CUT, CGT, UDR, carteira de motorista, carteira de trabalho, título de eleitor, FGV, IBGE, instrução normativa, aviso, ordem interna, Banco Central, Banco do Brasil, BNDE, Banerj, loto, sena, quina, quadra, Brasília, ministros, senadores, deputados, vereadores, assessores, motoristas, mordomias, chapas frias...(...) **Haroldo L. Uchôa Cavalcanti — Rio de Janeiro.**

Tia Ciata

Em nov/88, cerca das 20h, quase fui assaltada por um pivete de uns 16 anos, na Rua Tonelero, em Copacabana. Tanto gritei que o garoto me largou e segui o meu caminho. Mas a figura do rapaz sujo e maltrapilho continuou na minha lembrança; comecei a me perguntar o que poderia fazer para evitar situações como a que tinha vivido.

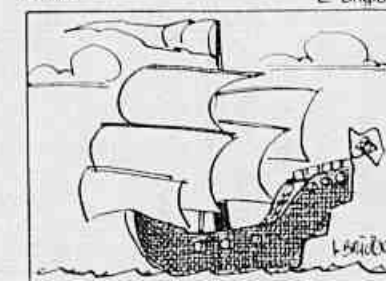
Soube nessa ocasião da existência da Escola Tia Ciata, e pensei que seria ajudando a essa escola que eu poderia resgatar um pouco a dívida da sociedade em relação à infância abandonada. Fiz uma campanha financeira que obteve resultado em dinheiro e interesse por essa instituição.

Lamentavelmente, o nosso prefeito não é da mesma opinião, conforme artigo publicado no *JORNAL DO BRASIL* em 8/3/89. Faço votos para que a semente plantada pela equipe exonerada frutifique, dê muitos rebentos, a despeito de variações meteorológicas e mudanças governamentais. **Mary Dreux, professora aposentada — Rio de Janeiro.**

Brasil x Portugal

Peço ao Sr. José Alberto Braga, de Lisboa, Portugal, o favor de suportar alguns comentários sobre o teor de sua carta publicada pelo *JORNAL DO BRASIL* em 26/3/89. Responde-lhe um brasileiro, de pais portugueses. Nas terras da Beira Alta, à sombra da Serra da Estrela, vivi, cresci e estudei. (...) Por tudo isso, reivindicamos o direito de retrucar ao longínquo leitor.

Diz o Sr. Braga que ao ler os artigos da correspondente Norma Couri teve a impressão de vivermos — eles e nós — realidades diferentes. Que os escritos da repórter pecam pela inexatidão.

L. Brígido

Guardamos com sentimento de espanto e desencanto o texto do artigo publicado pelo JB sob o título *Portugal — inferno dos brasileiros*. O que existirá de inexato naquele texto? Pois se a correspondente se limitou a transcrever trechos dos resultados de uma pesquisa promovida por uma publicação popular da imprensa portuguesa! Mentiu ela, quando copiou a expressão rasteira do ator M. Cavaco "tanto brasileiro já é mau cheiro"... Mentiu, quando debitou a Raul Solnado a referência a "pandeiros, cuícas e mulatas"? (...)

Impraticável dissecar todas as *delicadezas* e *agrados* publicados na enquete da revista popular lisboeta revelados e denunciados para espanto e desencanto dos brasileiros pela jornalista Norma Couri.

Realmente, Sr. Braga, as realidades daí e daqui são estranhamente muito díspares. Tão dissonantes essas realidades, que os trechos verdadeiros transcritos da revista portuguesa pela repórter causaram reação negativa na imprensa e opinião pública lusitanas. Estranha reação negativa, quando os ofendidos e tratados de forma grosseira e incivilizada foram os brasileiros que aí estão!

Reveladora a afirmativa de que os portugueses não "estavam habituados a serem invadidos". (...) Imagine, Sr. Braga, se aos brasileiros ocorresse essa mesma alergia. O que seria dos milhões de patrícios e descendentes a conviver, progredir e a se amalgamarem conosco aqui no Brasil?

Há menos de uma década fomos "invadidos" pelos portugueses de Angola, (...) que hoje estão em todas as atividades (...) e não sofreram nenhuma deprimente exigência. (...) Esse é o Brasil, assim somos nós. (...)

Qua a jornalista continue a cumprir o seu dever de informar a verdade, a realidade do tratamento dado pelos *irmãos* portugueses aos emigrantes brasileiros. **Antonio Ítalo dos Santos — Rio de Janeiro.**

Ações

Recentemente, a leitora Ana Kling, acionista da Petrobrás, solicitou, através da Seção *Cartas* desse jornal, alguns esclarecimentos sobre o pagamento de dividendos a que teria direito. Informamos à leitora que os dividendos de ações preferenciais ao portador são pagas no ato, contra apresentação dos respectivos cupões. É preciso, apenas, que ela compareça ao Banerj, agência Imperador, 486, em Teresópolis (RJ). Alertamos à acionista que nos pregões das Bolsas de Valores somente são negociadas ações representadas por títulos com direitos atualizados. Quanto ao certificado emitido pela BVRJ, D. Ana Kling deverá providenciar sua substituição junto àquela entidade, através da sociedade corretora que operou a negociação. Caso precise de outros esclarecimentos, poderá dirigir-se à Divisão de Títulos e Valores do Serviço Financeiro da Petrobrás, Av. Chile, 65, térreo. **Glaucio Heemann, chefe da assessoria de imprensa, Petrobrás — Rio de Janeiro.**

Saúde em discussão

(...) Os dados publicados que comparavam, na área de saúde, o governo Moreira com o governo Brizola foram manipulados.

Reformamos vários hospitais do estado — e do município do Rio — sendo que os de emergência passaram por grandes obras e reequipamento, apesar de não contarmos com tão polpudas verbas do Inamps.

Desativamos leitos nominalmente existentes dos hospitais Ferreira Machado, Azevedo Lima e Albert Schweitzer e também de hospitais asilares arcaicos (tuberculose, hanseníase e doenças mentais) graças a uma correta oreintação da política de saúde, que priorizou o atendimento ambulatorial. Quanto às *zero* ambulâncias compradas, (...) não só foram compradas ambulâncias normais, como foi instituído moderno serviço de atendimento às emergências em via pública a cargo do Corpo de Bombeiros. (...) **Eduardo Costa, secretário de Saúde do governo Brizola — Rio de Janeiro.**

Inflação

Não sou empresário, não sou comerciante, não sou líder sindical, não sou economista. Mas eu sou o passado do Brasil, sou aposentado. A inflação está acabando comigo.

Vocês que são tudo isso, têm que fazer alguma coisa contra a inflação. Vocês têm que obrigar o governo a acabar com todo este desperdício! Vocês têm que forçar o governo a demitir os 90 mil funcionários ociosos e acabar com obras faraônicas como a Norte-Sul! Só assim poderei viver o restante da minha vida com dignidade. **Werner Kubelka — Niterói (RJ).**

As cartas serão selecionadas para publicação no todo ou em parte entre as que tiverem assinatura, nome completo e legível e endereço que permita confirmação prévia.

Ruim com ele

Wilson Figueiredo

Desde antes de ser formulada, uma velha lei da Física impede dois corpos de ocuparem ao mesmo tempo o mesmo lugar no espaço. A Lei Eleitoral não faz por menos: proíbe a oferta de dois candidatos pela mesma legenda na mesma eleição presidencial.

No primeiro turno do raciocínio político da sua convenção, o PMDB se vê obrigado a levar em conta o segundo para decidir com sentido útil, até o fim do mês, qual o seu melhor candidato entre os que se escondem atrás da preferência pelo nome de Ulysses Guimarães. O segundo turno pode esperar mas o primeiro precisa aproveitar enquanto 50% dos eleitores ainda não fizeram opção de voto.

Não estão mais aí aqueles figurões que encheram a convenção de março. Ficaram todos com Ulysses Guimarães, que tenta demonstrar em vão, por A mais B, que a fórmula com que atarrachou no PMDB a candidatura Orestes Quércia na sucessão paulista de 86 é auto-aplicável no seu caso: ruim com ele, pior sem ele.

O agradecimento do governador de São Paulo foi a retirada tática, reforçada com a preferência por Ulysses Guimarães como candidato natural, mas a tempo de permitir a inversão de que se encarregou agora o governador de Minas: ruim sem ele, pior com ele. Foi o que, por outras palavras, quis dizer Newton Cardoso ao trocar em tempo útil a preferência pela candidatura Orestes Quércia.

Não é difícil, com um pequeno esforço de persuasão, converter a resistência de Quércia em aquiescência. Muito mais fácil do que dizer na bucha a Ulysses Guimarães que ele não convenceu como candidato. A solução encontrada foi confiar ao governador de Minas o encargo de amarrar o guizo no pescoço do candidato natural.

É sabido que uma mão lava a outra (num partido ambidestro, é indiferente a direita ou a esquerda) desde o tempo em que o sabonete **Santelmo** se propunha a lavar as duas. Nada impede, no entanto, que uma possa igualmente sujar a outra.

Como quem não quer nada, vai entrando pelo lado a candidatura que faltava para o PMDB resolver à moda da casa — sem prévias e sem bater chapa na convenção — um assunto que ficou difícil decidir com briga. Orestes Quércia passou a ser considerado um bom candidato nas circunstâncias; não pelas qualidades mas pelos defeitos mais úteis numa campanha eleitoral. Do ponto de vista estritamente paulista, passou a ser olhado como um novo Ademar de Barros com tudo para dar certo.

Pelo código editado por Orestes Quércia para a convenção de abril, pode-se entender que a preferência de Miguel Arraes por Ulysses Guimarães o situa pelo outro lado na linha de arrebentação do PMDB. Agora são dois governadores que contam por que o terceiro ficou para trás: Waldir Pires foi **boi de piranha** entre a primeira e a segunda convenção. Permitiu aos outros dois, no vácuo de Ulysses Guimarães, chegarem perto sem chamar atenção.

Pode-se traduzir pelo oposto a proposta de Arraes para que o PMDB, antes de tratar de nomes, decida com que forças políticas e sociais pretende compor-se eleitoralmente. Seria fazer pouco do presidencialismo, que deixa ao candidato a negociação do que lhe falta. O autor da idéia, quando se habilitou ao governo de Pernambuco, primeiro cuidou da indicação, e só depois foi ciscar votos no quintal da direita.

A fórmula clássica desses casos, quando se quer evitar a solução pelo voto, não pode ter mais de dois candidatos: é o **tertius**. Havendo muitos pretendentes, a palavra latina torna-se inadequada. Com tantas cerzideiras, como seria possível ao PMDB costurar apoios à direita e à esquerda antes de ter candidato? Arraes pede para o PMDB alinhavar idéias antes de costurar o enxoval. Idéias não vêm enroladas em carretéis. Quem gosta de idéias em campanha eleitoral é o pequeno burguês, porque o grande prefere tratar diretamente com o eleito. Depois, sem intermediários e sem ágio.

A cada passo à frente Arraes reafirma que não é candidato para não ficar atrás de Quércia. Vão juntos para a convenção atrás de Ulysses Guimarães, que não toma conhecimento dessas coisas. Pelo visto, quem merece a preferência deles não precisa disputar a convenção: pode desistir em tempo.

Há outras considerações e desconsiderações a serem levadas na devida conta. A insatisfação social com um governo que diz respeito ao PMDB é a primeira consideração. Os partidos põem candidatos e os eleitores dispõem deles. É onde pode ocorrer a desconsideração. O presidente Sarney presta a Ulysses Guimarães a homenagem de considerá-lo um bom candidato — bom demais — para perder, mas não se mostra interessado em compartilhar o insucesso do PMDB. Para o risco, prefere outro — e o PMDB tem muitos — que realize sozinho o prejuízo. Sócio majoritário de derrota alheia, nunca mais. Nas eleições municipais, sobrou tudo para ele — e Ulysses continua fagueiro.

Tem tempo suficiente o PMDB para pensar melhor no assunto. Será realmente a convenção do final de abril a preliminar decisiva do jogo principal entre a direita e a esquerda na sucessão? Ulysses Guimarães não é o político pós-moderno preferido da faixa de eleitores com fadiga do capitalismo mas sem ânimo para o socialismo. E Orestes Quércia?

A esquerda do PMDB muitas vezes — até demais — se mistura com a direita para formar um centrinho eventual. Noutras circunstâncias arroga-se uma autenticidade que não é exclusiva. A direita do partido tem a mesma idade e também dispõe de votos. O PMDB não é um partido dividido entre o poder e o dever para com os eleitores apenas na sua representação. Os representados estão entre aqueles 50% indecisos de que tanto falam as pesquisas.

A fração de esquerda que, prevendo tudo isto, saiu porta afora, e se alinhou pela idéia social-democrata no PSDB, não pode ser aferida pelo saldo eleitoral de novembro, mas pelo crédito que passará a ter depois que o PMDB chegar a uma conclusão. Por enquanto está cuidando apenas da convenção mas o segundo turno da sucessão será inevitável.

Pior sem ele

Fernando Pedreira

"Abril é o mais cruel dos meses", escreveu certa vez o poeta T.S. Eliot. Ele pensava no esforço humilde das raízes brotando na terra dura e gelada pelos meses de inverno; pensava na surda força que vem com a primavera e rompe a paz branca do gelo e da neve, transformando em lama e vida os puros cristais do frio.

No nosso país tropical não temos a rigor invernos e menos ainda primavera. Abril é aqui o primeiro mês do outono. Traz uma luz clara e limpa, um ar mais leve e, nas encostas das montanhas, as vivas manchas de roxo, rosa e amarelo das quaresmeiras, paineiras, acácias e fedegosos. É o nosso arremedo de primavera.

No entanto, com sua luz leve e lúcida, também entre nós abril pode ser um mês cruel, especialmente em anos como este de 1989, centenário da República, em que devemos escolher um novo presidente e, quem sabe, um novo destino para um país que, como o *Boeing* da Transbrasil em S. Paulo, parece às vezes a ponto de esborrachar-se numa favela.

Nestes dias, nestas primeiras semanas do outono caboclo, vão caindo as últimas ilusões, as últimas vãs esperanças e, vai enfim se definindo com mais crueza o quadro de opções que os brasileiros terão diante de si, em novembro. As candidaturas fracas estouram como bolas de sabão, os "amadores" (Ermírio, Sílvio Santos) retiram-se de cena, e as linhas mais nítidas permitem que se comece a tratar a série de dúvidas que eram, ainda ontem, pouco mais que especulação temperada de *wishful thinking*.

Até mesmo as magras expectativas geradas pelo Plano Verão desfazem-se. O governo Sarney é incapaz de austeridade, incapaz de conter-se. Emitiu em um mês 400 milhões de novos cruzados, provocou no trimestre uma expansão monetária da ordem de 40%. Autoridades fazendárias que, num quadro de inflação reprimida e congelamento de preços, emitem moeda em tais proporções, não são apenas incompetentes, mas criminosas. Deviam ser degoladas, e não só no sentido figurado.

Paulo Rabello de Castro, talvez o mais lúcido dos nossos economistas, acredita que tudo o que se pode ainda esperar do atual governo é que ele restabeleça critérios razoáveis de indexação (para permitir à economia continuar funcionando apesar da inflação) e cumpra o calendário eleitoral que nos deve dar, em mais doze meses, outro governo.

Que governo? O estado de coisas decorrente da incompetência e da desmoralização governamentais favorece consideravelmente, com certeza, as duas primeiras linhas desenhadas no quadro sucessório: a da esquerda, capitaneada por Lula, o metalúrgico, e a populista, chefiada por Leonel Brizola.

A esta altura, com efeito, não parece haver dúvida que o PT e seu candidato vão polarizar as preferências de tudo o que pode haver de *sério* na esquerda brasileira, aí incluídos os setores operários, intelectuais e estudantis dessa tendência. Assim como também não há dúvida que, em circunstâncias como as que temos hoje no país, não se pode esperar dessa esquerda nem lucidez, nem bom senso. Ao contrário, ela tende a deixar-se dominar cada vez mais pelo ressentimento e pelo radicalismo demagógico, como aliás se pode muito bem ver do que tem ocorrido nas últimas greves, em Minas e no Rio.

Em outras palavras, a proposta do candidato Lula, cuja bandeira é o PT, mas cuja base real é a rede dos militantes cristãos-marxistas da CNBB, deve ficar muito *atrás* não só de socialistas "modernos", como o espanhol Felipe Gonzales ou o francês Michel Rocard, mas até mesmo da *pierestroika* de Gorbatchov e Deng Chiaoping.

A alternativa populista de Leonel Brizola não é melhor, nem mais nova. Brizola é o último remanescente do velho caudilhismo gaúcho, chimango, que ocupou o Brasil nas águas da revolução de 1930, amarrou seus cavalos no obelisco da Avenida Rio Branco, e provocou um considerável retrocesso, uma persistente e insidiosa deterioração (corrupção) dos nossos costumes políticos e da nossa cultura cívica.

Brizola tenta hoje, com a ajuda do deputado César Maia, modernizar o seu uniforme de campanha. Não me parece que seu esforço nesse sentido seja insincero, mas também não creio que possa ser bem-sucedido porque a alma do PDT, na verdade, é a nostalgia do populismo getuliano, com suas facilidades, sua demagogia, seu caudilhismo patrimonialista e paternalista. Brizola e sua candidatura, apesar dos esforços modernizadores do bravo deputado Maia, representam o lado latino-americano, o lado "cucaracha" do Brasil que, afinal, liga-se culturalmente à América Latina exatamente pelo Sul, pela fronteira gaúcha.

E então? Esborrachamo-nos, em março do ano que vem, entre os barracos de uma favela? Tudo depende do *Boeing* que tomarmos em novembro. Os de Brizola e Lula, apesar de fuselagem brilhante e das linhas aparentemente avançadas, na verdade são modelos obsoletos, retardatários, nostálgicos de um passado que malogrou (no próprio Brasil, no caso de Brizola; na Nicarágua, na Ásia e na África, na China e na própria Rússia, no caso de Lula).

Neste mês de abril outras opções de vôo, nada entusiasmantes à primeira vista, mas razoavelmente práticas e até confortáveis, estão sendo oferecidas pelas principais companhias aéreas. A Varig ou, melhor dizendo, o PMDB, nosso maior partido, parece ter afinal conseguido conter a desmedida ambição do Iscariotes paulista e marcha enfim para fazer candidato o seu próprio presidente, Ulysses Guimarães.

O doutor Ulysses, manda a verdade que se diga, não é apenas o melhor candidato que o PMDB pode ter (o que não seria dizer muito); ele é também, desde que o partido se una em torno dele, e desde que ele saiba retomar o seu discurso corajoso de outros tempos, um candidato passavelmente forte. E, o que é mais: é o melhor (certamente o menos mau) dos candidatos fortes, ou viáveis, de que o país até agora parece dispor para novembro. Já não é pouco.

Em 1986, quando a candidatura Quércia afundava e muitos queriam trocar de candidato, o velho Ulysses foi a S. Paulo e decretou: "Ruim com ele, pior sem ele". Salvou-se o Quércia, embora o mesmo não se possa dizer de S. Paulo e do próprio PMDB paulista, no que ele tinha de mais decente e digno: Fernando Henrique, Covas, Montoro.

Agora é a vez de Ulysses.

MILLÔR

ANOTTAÇÕES

A vida se alimenta do ato de viver.

* * *

Como dizia o supremo covarde: "Puxa, escapei por muito!"

* * *

O mundo estará salvo no dia em que houver mais **PhDs** em esgotos e latrinas.

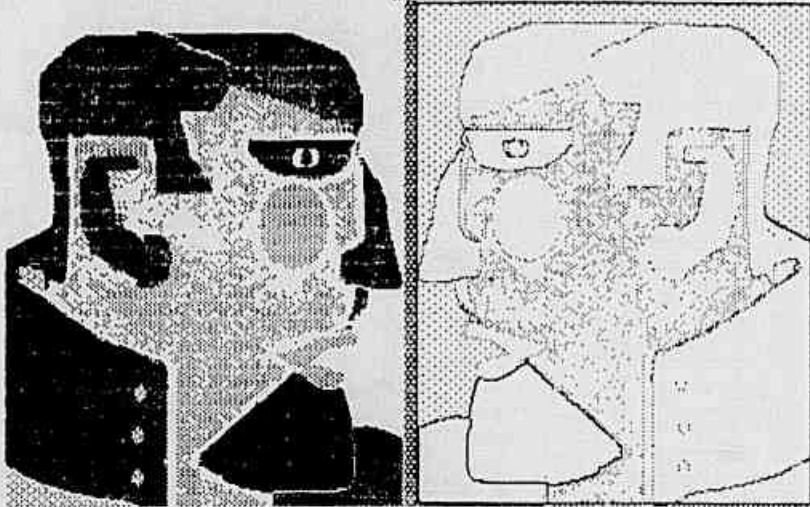
* * *

A libido é uma força extraordinária. Com ela a fêmea atrai qualquer macho, domina-o completamente, e deixa o marido em pânico.

* * *

Cientista social é um cara que acha facílimo convencer os outros com três ou quatro pontapés ideológicos.

* * *

Os homens nunca foram iguais, mas não eram muito desiguais. Aí veio a ideologia e uns viraram reis e outros continuaram trogloditas.

O ESPELHO É O NÃO-EU DE VOCÊ MESMO

A falácia do pulmão do mundo

Barbosa Lima Sobrinho

No início da década de 20, divulgava-se, nos meios científicos, políticos e jornalísticos, que a "floresta amazônica era responsável pela maior parte da produção e emissão de oxigênio para a atmosfera terrestre. Em conseqüência, o desmatamento dessa biomassa iria causar a morte, por asfixia, de toda a biosfera". E, a partir daí, surgia a idéia de que não se podia abandonar a Amazônia à sua própria sorte, ou ao seu próprio governo, se havia, na conservação de suas florestas, interesse universal. Estava em causa a própria humanidade. Era o início da tese da planetarização da Amazônia, isto é, subordinar a região a um comando internacional, com poderes suficientes para manter a sua função de pulmão do universo. Para isto, como condição inicial, havia que anular a soberania do Brasil, substituindo-a por um condomínio, em que estivessem presentes as grandes nações do universo. Substituída a soberania nacional por uma soberania planetária.

Este é um dos temas expostos e estudados pelo sr. Samuel Benchimol, numa publicação em xerox, intitulada *Amazônia: planetarização e moratória ecológica*, edição do Instituto de Estudos da Amazônia, Isea, que tem, como sede, a cidade de Manaus. Seu autor é um empresário, que conhece, com verdadeira proficiência, os assuntos e os problemas daquela região. Creio mesmo que o cientista supera o empresário, não só na extensão das informações reunidas, como na maneira precisa e segura com que as expõe numa admirável monografia, cuja leitura me foi proporcionada pelo clínico no Rio de Janeiro Rafael Benchimol, que sabe participar, com entusiasmo, dos estudos e batalhas de seu irmão.

O que impressiona, na monografia do professor Samuel Benchimol, não é apenas a extensão e segurança de suas informações. Escreve bem, com um estilo preciso, a que não falta a mestria de uma dialética apurada. Embora trate de diversos aspectos dos problemas da Amazônia, elucida, de maneira irrefutável, a falácia do pulmão do mundo, com que se dissimulavam apetites imperialistas, valendo-se de pretexto, como sempre aconteceu, desde as fábulas de La Fontaine, ou muito antes delas, com as ambições dos poderosos.

A tese tem a intenção de fazer da Amazônia uma fábrica de oxigênio a serviço do planeta, explica o professor Samuel Benchimol. Mas surgia de uma "falsa, espúria e caluniosa interpretação da imprensa internacional e nacional de um pronunciamento do ilustre limnologista, professor Harold Sioli, quando, em resposta a uma pergunta sobre a "contribuição da floresta amazônica para o balanço oxigênio-gás carbônico, afirmou que cerca de 25% do carbono existente na atmosfera terrestre estavam armazenados na biomassa dessa floresta amazônica. Os 25% do teor de carbono foram interpretados como 25% de oxigênio, produzindo, assim, o clamor universal contra uma possível devastação da mata amazônica. Acrescenta o professor Benchimol que "a tese apócrifa ganhou foro de verdade nos círculos ligados à *ecologia populista*, a despeito do conhecimento científico de que a composição química da atmosfera terrestre é constituída, basicamente, de 78,11% de nitrogênio (N_2), de 20,85% de oxigênio livre (O), perfazendo estes dois elementos 99,05% dos gases permanentes, e o saldo constitui pequenas percentagens de gases variáveis, como gás carbônico, dióxido de enxofre, etano e vapor dágua, conforme quadro demonstrativo publicado pelo climatologista Luís Molion.

Acrescenta o autor da monografia que estamos acompanhando que a tese do pulmão do mundo e da fábrica de oxigênio foi logo repudiada pelo conhecido cientista agrícola Paulo de Tarso Alvim, no seu livro, publicado em 1972, *Os mitos da Amazônia*, com argumentos decisivos.

Baseado numa idéia falsa, construía-se, contra o Brasil, um verdadeiro libelo, o de que estaria acabando com o ar com que respirava o pulmão do mundo. Era, também, acusado de estar concorrendo para o efeito estufa, que já era responsável por tantos males de que sofria a humanidade. Eram deixadas de lado as explosões nucleares, que encontravam absolvição fácil, por partirem de nações poderosas. Aqui já não se falava no pulmão do universo. Mas, insistia-se nas queimadas, que concorreriam para destruir o ozônio, com que o planeta se defende, ou se protege, e levariam a humanidade a uma hecatombe inarredável, se não fossem tomadas medidas suficientes para afugentar os males que se iam acumulando, de ano para ano.

Neste ponto, a argumentação do professor Benchimol e dos cientistas em que se apóia é irrespondível. Não é o Brasil o maior responsável pelo dióxido de carbono com que se polui a atmosfera, comprometendo a camada de ozônio com que o planeta se protege. Desde a revolução industrial, que vem dos fins do século XVIII, com o aproveitamento do carvão de pedra, e, mais tarde, com a utilização do petróleo, o delito, se era delito, estava em função do progresso industrial dos países industrializados. Não se podia deixar de levar em consideração o número de veículos, que usam carburantes, diz o professor Luís Carlos Molion, do Instituto de Ciências Espaciais de S. José dos Campos. Como resultado, temos o quadro geral de Emissão de Carbono de Combustíveis Fósseis, incluindo automóveis, fábricas e usinas termoelétricas, em milhões de toneladas métricas, conforme pesquisa publicada pela revista americana *Time*, em janeiro de 1988. É por ela se verifica que, em 1987, o Brasil figura apenas com 50,2, enquanto os Estados Unidos surgem com 1.224,7 e a União Soviética com 1.013,6 e a Europa Ocidental com 791,6. Nada mais do que um reflexo do progresso industrial destes países. Compare-se o índice deles com os 50,2 do Brasil, para verificar como é pequena a participação do nosso país na emissão de carbono. Com a chancela da insuspeita revista *Time*.

Há, pois, necessidade de divulgar estes números para arredar do Brasil a acusação de vilão, com que nos procura condenar a imprensa estrangeira. E, se se interessam tanto pela conservação da mata amazônica, por que não se queixam do trabalho desesperado das serrarias, que exportam madeiras para o resto do mundo e especialmente para os Estados Unidos? A começar pelo mogno, que dá preferência ao mercado americano. De certo, não há, como nas queimadas, a poluição da atmosfera, mas não se sabe ainda qual o maior responsável pelo desmatamento da Amazônia, no paralelo entre o fogo e a serra.

Não quer isto dizer que não haja erros, na política brasileira, em face do vale amazônico. Mas erros que cabe ao Brasil encarar e resolver, corrigindo-os de acordo com os interesses nacionais. A ecologia impõe deveres, que o Brasil não ignora e sabe muito bem o que significam. Pior seria que este vocábulo viesse a servir de máscara a reivindicações imperialistas, como instrumento da cobiça estrangeira, tão magistralmente recordada no excelente livro de Artur César Ferreira Reis. Pulmão do mundo, ou efeito estufa não chegam a ser novidade, mesmo quando se revestem de um cunho de modernidade. Basta fazer, em torno deles, um pequeno exercício de memória.

O dilema eleitoral da direita

Florestan Fernandes

O amálgama político que é designado como "direita" abrange um amplo leque de situações de interesses e de opções especificamente políticas. Além da composição interclasses, há que levar em conta as facções de cada classe, com suas alianças e as posições variáveis do capital estrangeiro, hegemônico, econômica e culturalmente, mas associado, no plano militar e estatal. Os partidos da ordem no governo, ou fora dele, são instâncias para acordos e desacordos, conciliações e barganhas e, principalmente, para promover acertos eleitorais, "ganhar eleições" e intervir ativa ou passivamente nos "negócios do Estado", que são, literalmente, "negócios das classes dominantes", manejados através de suas elites, tendo os partidos como biombos. Só em sentido metafórico poder-se-ia chamar tal amálgama como a base social de uma democracia. Ela engendra uma democracia restrita, válida só para os do tope, os donos do poder e das grandes fortunas — e para os cavalheiros de boa sorte...

Ao aproximar-se o momento eleitoral, os partidos ganham, nessa moldura rústica e dura, seus períodos de apogeu. Eles não decidem nada, mas servem de canais para a luta pelo poder (travada fora dos seus quadros) e para a intermediação da chamada "sucessão governamental". O que ocorre é que, desde 1930, todo esse edifício político está em ruínas. A crise foi atalhada, sem êxito, por uma revolução política, por duas ditaduras e meia, por governos eleitos com promessas de instauração de algum tipo de equilíbrio. Porém, as "turbulências" vêm de baixo, fomentadas e ampliadas pela crise do poder burguês e pela crescente inquietação incontrolável dos de baixo: trabalhadores livres e semilivres, miseráveis da terra e turbas errantes, que são muitos milhões de oprimidos, potencialmente rebeldes e abertamente revoltados contra o que lhes proporciona (ou, antes, não proporciona) a ordem existente. O "barco não segue". Ameaça afundar...

É nesse clima histórico que liberais, conservadores e reacionários se dividem. Tomem-se como exemplos os dois maiores partidos da ordem e protagonistas da "conciliação" e do parto desse monstro de quatro faces que se batizou como "nova República". O PMDB, inopinadamente, retomou as técnicas políticas arcaicas do PSD, lançou no esgoto o prestígio acumulado nos entreveros como a ditadura militar, recebeu inscrições de políticos adversos, etc.. Inchou, serviu de ponte para a sonhada "transição lenta, gradual e segura" dos mandões da ditadura militar, tentou preservar a face de "centro-esquerda" e de "campeão constitucional" — e agora vive o drama farsesco do ser ou não ser, em um palco melancólico. Perdeu um grupo de grandes talentos políticos e continua dividido entre "históricos" e "moderados", sem resolver a questão de definir-se, se é ou não um partido da ordem submisso ao governo e à tutela militar. Ainda é o maior partido, em organização e em potencial eleitoral. Mas não consegue sequer decidir rapidamente se o seu "candidato natural", o deputado Ulysses Guimarães, sairá à liça e vê-se acossado pelo fantasma de Jânio Quadros, que renasceu das cinzas para a felicidade do que há de pior nos de cima e para a desgraça do Brasil. O PFL, apesar de alguns figurantes de proa inquestionáveis, nasceu das costelas da ditadura militar e está com um osso entalado na garganta, o "homem político ético" mais estranho do Brasil, por sua conivência e participação no sistema de poder militar — até hoje! Provavelmente, as melhores inteligências e vocações políticas do PFL migrarão para outros partidos e ele abrigará o velho fantasma, que o prefere por causa do tempo de que dispõe na televisão. Safa!...

Ambos os partidos buscam uma aparência de "centro esquerda", difícil de engolir sem alterações profundas no cenário atual. Não que os "históricos" do PMDB e os dissidentes do PFL estejam destituídos de estofo para constituir um partido burguês radical e, portanto, de esquerda das classes dominantes. Porém, porque semelhante saída seria eleitoralmente muito magra e maldita pela própria burguesia, que não possui imaginação política tão produtiva para vôos dessa natureza. Portanto, a melhor solução para os de cima é sufocada pela falta de arejamento imposto há mais de um século e meio pelos senhores das casas grandes ou dos sobrados e por seus sucessores republicanos. Tirando a alternativa que paira como uma espada de Dâmocles sobre as eleições, restam às classes dominantes: 1º) uma pugna em que se apresentem divididas, com pequenas probabilidades de vitória (apesar do peso da ordem existente e das interferências quase certas do governo); 2º) o recurso ao populismo arcaico de Jânio Quadros, que tem pouco a dar mas que possui o atrativo de Tancredo Neves, de cavar a picada para o candidato real...; 3º) de recuperar no "centro esquerda" um político profissional "confiável" para os empresários e "palatável" para os militares, as duas chaves-mestras das portas do Palácio do Planalto. A primeira via eleitoral é temida, não por escrúpulos ideológicos e políticos, inexistentes entre os que mandam em um país de capitalismo associado. Porque ela empurra os candidatos de centro esquerda mais para fora de seu controle direto e indireto, engrossando o vigor de seus laços com os de baixo. A segunda vereda corresponde a um grau de cinismo político chocante. Mas, por que não? — Se a ordem e a iniciativa privada se "acham ameaçadas"?... O avesso do civismo e do patriotismo adquire o tom de uma audácia necessária, para bloquear o caminho dos "comunistas" e "salvar a democracia". Trata-se de uma velha cantilena. O terceiro desfecho possui o mesmo caráter. Todavia, cumpre aos candidatos darem as provas de sua lealdade e demonstrarem estômago para digerir um prato tão envenenado. O sr. Leonel Brizola parece tentado a servir à democrocia mesmo dentro desses limites. O sr. Mário Covas acentuou que o socialismo não cabe dentro de sua concepção de socialdemocracia. Contudo, eles mantêm um perfil muito avançado para os círculos burgueses mais decisivos e para os militares menos dados à compreensão da circulação das elites. A escolha de um deles (ou de ambos) aparece como um jogo de azar, a ser empreendido em última instância...

Um observador superficial diria que essa situação simplifica a evolução da esquerda e, em particular, a ascensão eleitoral de Luiz Inácio Lula da Silva. Como ele possui uma mensagem mais franca, ousada e direta, ele poderá sensibilizar melhor a parte do eleitorado formada pelos de baixo e por estratos radicais da pequena burguesia e das classes médias tradicionais. Eu não diria isso. Acuados, os de cima são capazes de tudo e contam com um largo tirocínio no uso da corrupção da cooptação, da intimidação, da repressão e da opressão. Seus ardis, experimentados reiteradamente, são variadíssimos e numerosos como as estrelas do céu. Eles só persistem no embate democrático em virtude das esperanças que depositam no segundo turno, onde esperam dar o xeque-mate. Por isso, a união das esquerdas é tão importante e se torna urgente ir à busca de eleitores sensíveis ao socialismo o mais cedo possível e com o maior ardor político exeqüível. Para a esquerda, a questão não se resume em "fabricar um candidato". Ou ela ganha as eleições, ou perde uma oportunidade rara de transformar o Brasil, passando por cima de tudo que é arcaico, semi-arcaico, moderno ou ultramoderno que sejam instrumentais para o renascimento do poder conservador, agora ungido pelas urnas.

Florestan Fernandes, sociólogo, é deputado federal (PT-SP)

Campanha contra cigarro aumenta e segrega fumantes

BRASÍLIA — O combate ao fumo sempre foi um dos assuntos favoritos dos parlamentares em seus projetos, mas até hoje poucos foram aprovados. A falta de leis, porém, não constitui empecilho para uma expressiva mudança de comportamento no Brasil com relação ao cigarro. Seguindo o exemplo de países mais desenvolvidos, que deflagraram, há tempos, uma verdadeira guerra contra o tabaco, brasileiros e brasileiras não-fumantes reagem e estão dispostos a segregar os milhões de fumantes inveterados.

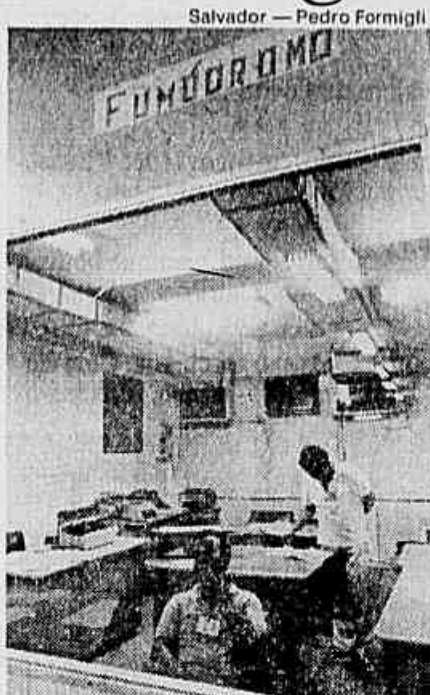
As empresas começam a restringir os locais onde se pode fumar e até estão preferindo contratar não-fumantes. Repartições públicas criam *fumódromos*, restaurantes reservam áreas para não-fumantes, e até operários em fábricas se solidarizam na cruzada antitabagista. E nem mesmo as crianças estão a salvo das campanhas contra o cigarro: nas escolas primárias começa a ser distribuída uma cartilha - *Para de fumar perto de mim* - elaborada pelo Ministério da Saúde.

Embora 222 projetos relativos ao fumo já tenham sido apresentados no Congresso Nacional, somente sete tornaram-se leis. Ainda assim, o projeto mais significativo limita-se a instituir o dia 29 de agosto como o Dia Nacional de Combate ao Fumo. E nem mesmo um projeto que pretendia acabar com o uso do cigarro no plenário do Congresso obteve sucesso.

A maior vitória legal dos antitabagistas é, sem dúvida, uma portaria de agosto do ano passado, que obriga as empresas produtoras de cigarro a inserir nas embalagens do produto a inscrição "O Ministério da Saúde adverte: Fumar é prejudicial à saúde". O aviso, que deve constar também em qualquer publicidade, baseia-se no artigo 220 da nova Constituição, que estabelece em seu parágrafo 4º que "a propaganda comercial do tabaco estará sujeita a restrições legais".

Dos sete projetos aprovados até hoje sobre o assunto, apenas o projeto de lei do então deputado Ítalo Conti (PDS-PR), que institui o Dia Nacional de Combate ao Fumo, tem caráter antitabagista. Os demais tratam de incentivos e créditos especiais a festas e congressos de fumo, e para a indústria, inclusive o primeiro projeto elaborado no Congresso sobre o tema, em 1949, no qual o então deputado João Mendes (UDN-BA) consegue a concessão de isenção de máquinas agrícolas para a empresa Suerdieck, para o cultivo de fumo campeiro.

Entre 1949 e 1975, quando começaram a surgir mais projetos antitabagistas, foram apresentados 43 projetos. Somente nos últimos 15 anos foram propostos 179 projetos — e apenas quatro conseguiram aprovação. Nesta década, 117 projetos foram elaborados — 52% do total. Ainda hoje tramitam na Câmara dos Deputados e no Senado 29 projetos de lei, todos de caráter antitabagista. Os projetos proíbem propaganda de cigarros nos veículos de comunicação — atualmente o limite é após as 22 horas —, pedem o isolamento dos fumantes em área isolada nos restaurantes, vedam o fumo no interior de aviões e de repartições públicas e até restringem o cigarro nos estabelecimentos de ensino de primeiro e segundo graus do país.

Fumo no brasão — Mas já foram apresentados projetos para todos os gostos. Em 1964, o então deputado Pedro Marão (PTN-SP) queria proibir a venda de cigarros a menores de 18 anos. O deputado Paulo Abreu (MDB-SP), quatro anos mais tarde, tentou sem sucesso proibir o fumo em qualquer programa de televisão. O deputado Walter Silva (MDB-RJ), em 1972, foi mais longe e tentou enquadrar a venda de fumo entre menores de 16 anos como contravenção penal. Em 1975, o deputado Emanoel Waisman queria restringir a venda de cigarros a recintos fechados proibidos para menores de idade. Foi também arquivado projeto do deputado Pedro Lauro, que no mesmo ano tentou proibir o uso de nomes sagrados na publicidade de cigarros.

Salvador — Pedro Formigli

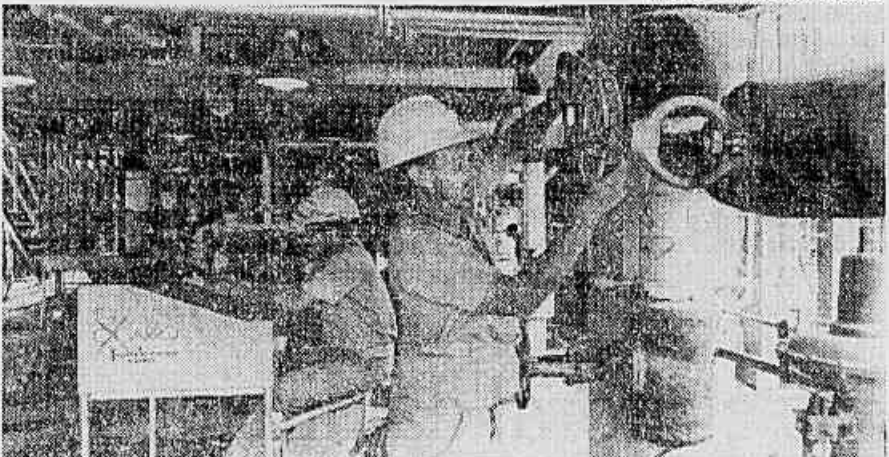
□ *Antes a paz do fumódromo que o tormento de ouvir as constantes críticas dos coleguinhas antitabagistas. Assim pensam os jornalistas da Tribuna da Bahia que ocupam as 15 mesas da sala de vidro especialmente destinada a eles na redação. Minoria vencida (representam apenas 30% dos profissionais do jornal), os fumantes foram alvo de um abaixo-assinado, passado pelo editor de cultura, Jolivaldo Freitas, que exigia o isolamento do bloco da nicotina. A reivindicação foi atendida em uma semana. "Agora o ar é mais puro para todos", diz o vitorioso Jolivaldo. Para não tripudiar sobre os vencidos, o jornal equipou seu fumódromo com três aparelhos de ar condicionado e um exaustor.*

Curitiba — Chumiti Kawamura

□ *Nem caretas, nem chatos. Os estudantes Sérgio de Oliveira, 17 anos, Juan Vieira, 18, e Rodrigo Saporiti, 17, recusam o rótulo que alguns tentam lhes impor por conta da militância antitabagista que empreendem nas escolas curitibanas. Os garotos começaram sua cruzada despretensiosamente, apresentando um trabalho no Colégio Medianeira ano passado. Agradaram tanto que foram convidados a fazer palestras em outros colégios. E hoje preenchem suas agendas promovendo dias da conscientização sobre os males do fumo entre os colegas. "Fumar deixou de ser ato de rebeldia e virou consumismo. Nem apelo sexual tem mais, pois sabe-se que o cigarro causa até impotência", defende Sérgio.*

São Paulo — José Carlos Brasil

□ *O restaurante é o Giambelle, na sofisticada região paulistana dos bairros Jardins, e lá gente agradecida ao fato de haver mesas separadas para não fumantes comparece todo dia (como a ex-jurada de TV Cinira Arruda, atual diretora de empresa imobiliária, na foto com o amigo Pedro Mascarenhas). São quatro mesas sempre reservadas a quem não fuma.*

Recife — Natanael Guedes

□ *O cigarro está sendo gradativamente apagado pela maioria dos 1.266 operários da Companhia Pernambucana de Borracha Sintética (Coperbo), em Recife. O articulador da campanha antitabagista na empresa, o médico Carlos Alberto Marinho, usou nada menos que um trabalho realizado por 34 mil médicos ingleses para convencer os fumantes a abandonar o vício. Folhetos sobre os malefícios do fumo foram distribuídos entre os empregados e o resultado é que hoje apenas 10% deles fumam. Ex-fumante, Carlos Alberto recomenda o mesmo caminho a todas as empresas.*

Censo de 'guimba' e 'fumódromo'

Quem é fumante, mora em Curitiba e está desempregado pode perder as esperanças de conseguir trabalho na Julixburk Perfumes. Como cheiro de fumaça e perfume decididamente não combinam, o empresário Júlio Burko, dono da empresa, fiel adepto da cruzada antitabagista que assola o país, decidiu há um ano não mais contratar fumantes. "Os que já trabalhavam aqui obviamente não foram demitidos, mas todos estão terminantemente proibidos de fumar no ambiente de trabalho", explica o empresário.

Na opinião de Burko, a simples proibição de fumar no local de trabalho, onde se passa a maior parte do dia, já é um desestímulo aos viciados. "O benefício retorna para eles", defende o empresário, que já está fazendo escola. Na Companhia Pernambucana de Borracha Sintética (Coperbo), situada na região metropolitana de Recife, por exemplo, a meta é apagar qualquer sinal de fumaça de cigarro até outubro. A Coperbo iniciou em outubro do ano passado sua campanha antifumo, utilizando inicialmente os tradicionais folhetos sobre os malefícios do tabagismo, para em seguida criar o slogan "Cigarro: a força de vontade o apaga", hoje afixado em diversos setores da fábrica.

"Hoje já não se fuma mais nas salas de reuniões, restaurante, biblioteca, departamento médico e auditórios da empresa por decisão dos próprios funcionários", conta orgulhoso o chefe do Departamento Médico da Coperbo, Carlos Alberto Tavares Marinho, idealizador da campanha.

Economia — Ele se inspirou na Portaria 3.257, baixada pelos ministérios do Trabalho e da Saúde, em setembro passado, restringindo o hábito de fumar em ambientes de trabalho. Juntou a isso um trabalho científico realizado por 34 mil médicos ingleses e estava feita a campanha. Ninfa Cristina Barbosa, 25 anos, funcionária da Coperbo, atendeu aos apelos e abandonou as duas carteiras que consumia por dia. "Quando vi o mal que estava sofrendo, decidi parar de fumar e hoje estou satisfeita com a economia e o fôlego recuperado", garante.

Já a montadora de caminhões e ônibus da Volvo de Curitiba partiu para uma campanha mais amena, após constatar através de levantamento entre seus funcionários, que 97% deles concordam que não se deve fazer fumaça em salas fechadas. A empresa não instituiu a proibição sumária, mas a simples recomendação de se evitar os cigarros em ambientes fechados.

Pior vexame sofrem mesmo os fumantes do Hospital Mãe de Deus, em Porto Alegre. Ali o movimento antitabagista, significativamente chamado de Projeto Vida, instituiu o *censo da guimba*. Periodicamente, os encarregados da limpeza são orientados a separar todas as pontas de cigarro do resto do lixo para que a direção do hospital contabilize em que setores está sendo desobedecida a recomendação de não fumar. A implacável campanha, que bombardeia funcionários, pacientes e visitas com cartazes e folhetos, só não atinge o setor de atendimento a drogados e alcoólatras, que mesmo assim têm que se contentar com uma sala reservada para dar vazão ao vício (de fumar, bem entendido).

Às escondidas — Na entrada do hospital, há uma placa com os dizeres: "Em favor da vida, fechamos as portas para o fumo. Você é bem-vindo. Deixe aqui seu cigarro", com uma seta que indica uma lixeira. Esse foi o primeiro passo da campanha que começou em agosto de 86 e, de acordo com o chefe da assessoria de comunicação social do hospital, Mário Rocha, já conseguiu diminuir de 55% para 35% o número de fumantes. Os transgressores detectados pelo *censo da guimba* recebem cartas com apelos para deixar o vício e são obrigados a recordar o juvenil hábito de fumar escondido. "Alguns ainda fumam nas escadas ou se escondem num vão de janela", conta Mário Rocha, inconformado com a "insensibilidade" dos desobedientes.

Triste destino espera os funcionários públicos da Bahia. Ferrenho inimigo dos fumantes, o deputado estadual Gérson Gomes (PFL) conseguiu aprovar na Assembléia Legislativa baiana uma lei proibindo o uso de cigarro, cachimbo, charuto ou cigarro de palha em órgãos na administração pública estadual e nos meios de transporte coletivo. Esta semana, a lei será encaminhada o governador Waldir Pires, que, além de não-fumante, tem fortes reações alérgicas à fumaça de cigarro. Resultado: o deputado está convicto de que a lei será sancionada pelo governador e que será cumprida, mesmo que para isso seja preciso criar *fumódromos* nas repartições públicas.

São Paulo — José Carlos Brasil

Comida sem fumaça

Ninguém sabe explicar, mas consumo caiu

SÃO PAULO — Ninguém é capaz de explicar se o motivo é a crise econômica do país ou as campanhas antitabagistas, mas a verdade é que o consumo de cigarros caiu de 1987 para 1988. Segundo os fabricantes, foram transformados em fumaça no ano passado 157,5 bilhões de unidades (o que significa mais ou menos 1.100 cigarros para cada um dos 143 milhões de habitantes). Em 1987 o consumo foi 161,1 bilhões de cigarros para uma população estimada em menos do que 140 milhões de habitantes.

O médico sanitarista Sérgio Rodrigues, que assessora a Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo para questões ligadas ao tabagismo, duvida que esse dado represente o sucesso das campanhas antitabagistas, na sua opinião em fase muito inicial. Ainda é hora, diz ele, de se procurar entender melhor quem é o consumidor de cigarros no Brasil para poder orientar o trabalho de educação.

De posse de uma pesquisa realizada pelo Instituto de Saúde em 1987 no município de São Paulo, Rodrigues já acha possível afirmar que, na cidade, cerca de 44% dos homens adultos fumam e são acompanhados por 32% das mulheres. "Essa informação é alarmante", preocupa-se o médico. Segundo ele, os números registrados em anos anteriores indicavam a adesão de pouco mais de 20% das mulheres paulistanas ao fumo.

Outra constatação preocupante da pesquisa é a de que os que mais fumam são os jovens, especialmente os da faixa entre 25 e 34 anos. "Quem começa a fumar aos 25 anos", alerta Rodrigues, "entre os 40 e 45 já estará propenso a apresentar algum dos comprometimentos de saúde provocados pelo cigarro".

Tudo isso, porém, já era previsto pelos médicos que coordenaram a pesquisa. A informação que mais os surpreendeu foi a de que, ao contrário do que eles imaginavam, a maior parte dos fumantes não está entre os cidadãos de nível superior de escolaridade. "Ainda não tabulamos esses dados, mas já podemos dizer que quem fuma mais é mesmo o pobre, sem escola, e que o consumo de cigarros vai caindo na medida em que sobre o nível de instrução da pessoa".

Cresce a pressão de não-fumantes

SÃO PAULO — Ainda não faz um mês que a direção do Hotel Maksoud Plaza, um dos cinco estrelas mais procurados de São paulo, resolveu reservar algumas mesas do Vikings, seu restaurante de comida escandinava, somente para não-fumantes. E não foi por um simples ato de bondade que a decisão foi tomada. Há tempos, clientes da casa vinham reclamando da incômoda fumaça dos cigarros alheios, que temperava desagradavelmente seus almoços e jantares. "Temos recebido elogios diários", gaba-se agora Karl Lilienwald, o gerente de alimentos e bebidas do hotel, convencido de que a providência deve se estender aos outros quatro restaurantes do Maksoud.

O Vikings é mais um dos restaurantes paulistanos a se render à insistência da luta antitabagista que, se ainda não tomou a forma de guerra declarada, como nos Estados Unidos e Inglaterra, já pode exibir consideráveis vitórias no Brasil. E a cidade de São Paulo é um bom exemplo dessas conquistas. "Eu acho que uma pessoa tem o direito de fumar, mas eu também tenho o direito de não querer respirar a fumaça do cigarro dos outros", protestou Rui Tupinambá, empresário de shows de dança, enquanto almoçava, quinta-feira, no restaurante Nello's, no bairro de Pinheiros, Zona Oeste da cidade, que há cerca de um ano reservou, também, uma área para os clientes não-fumantes.

Ninguém mais fica quieto. Nos ambientes de trabalho, a grita dos não-fumantes também tem soado alto, mas ainda não é tão comum encontrar empresas adotando medidas restritivas ao uso do cigarro. "A gente procura educar o pessoal com a distribuição de cartilhas e mostras de vídeo que explicam os efeitos do cigarro sobre a saúde", conta Ana Maria Baccaro, do Departamento de Segurança e Medicina do Trabalho da Philco, empresa de aparelhos eletrônicos. Ana fez sua primeira campanha há cerca de dois anos e notou, nos exames médicos feitos com os 2.700 funcionários, na época, uma significativa redução no número de cigarros consumidos. "Mas não durou muito", lamenta Ana. "Pouco depois o consumo voltou ao normal".

Solução negociada — Sem esperar uma providência oficial, um grupo de trabalhadores da Oficina Técnica de Veículos, da General Motors do Brasil, em São Caetano do Sul, na Grande São Paulo, procurou solucionar o problema por conta própria. "Há uns dois anos atrás nós éramos mais ou menos dez pessoas na sala, sendo que a metade fumava", explica o técnico de serviço Walter Romão, de 46 anos, que largou o cigarro há 12 anos. "Resolvemos, então, de comum acordo, que só fumaria um de cada vez, para não haver acúmulo de fumaça". Pouco tempo depois, uma decisão democrática proibiu acender cigarros dentro da sala.

Notícias de restrições a fumantes na seleção de novos trabalhadores para algumas empresas circulam, mas não se confirmam. "Parece que algumas companhias fazem esse controle veladamente, pois não querem apresentar uma imagem autoritária", afirma o médico sanitarista Sérgio Rodrigues, coordenador do Grupo de Tabagismo da Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo. Por enquanto, Sérgio se contenta com a companha que está prestes a lançar em escolas do primeiro grau, cujas crianças vão receber 250 mil cartilhas produzidas há dois anos pelo Ministério da Saúde e intituladas *Pára de fumar perto de mim*.

Mais radical é a posição do gastroenterologista Thomas Szego, do grupo que assessora o Ministério da Saúde para o controle do tabagismo. "Não adianta nada a gente fazer campanha contra, se não é proibida a propaganda direta e indireta que incentiva o fumo nos meios de comunicação", reclama o médico. Segundo ele, todos têm o direito de estrilar contra os dois terços de fumaça que o fumante tira de seu cigarro e joga no meio ambiente. "As empresas que não querem ver seus funcionários doentes terão de tomar providências e educá-los para a questão", avisa Szego.

As conquistas isoladas dentro das empresas e a adesão de donos de restaurantes à campanha antifumo vêm se juntar a outras providências que também já estão ficando comuns no cenário paulistano. Na maior parte dos hotéis de primeira linha, qualquer cliente pode pedir um apartamento na "ala dos não-fumantes". Hotéis como o Eldorado, um quatro estrelas do bairro de Higienópolis, por exemplo, adotaram a iniciativa logo depois de receber uma recomendação da Embratur, em novembro passado. O Maksoud é um dos poucos hotéis de primeiro time que ainda não oferece esta vantagem.

Paranapanema desmente denúncia de perseguição a garimpeiro em Roraima

SÃO PAULO — Grupos de contrabandistas e sonegadores de impostos são os grandes responsáveis pelo clima de terror instaurado na cidade de Ariquemes (RO), afirmou o diretor de Mineração da Paranapanema, Samuel Hanan, ao desmentir denúncia do Sindicato dos Garimpeiros de Ariquemes, de que a empresa, com a colaboração da Polícia Federal, estaria perseguindo os garimpeiros da região.

— Seguramente, a portaria que tirou os garimpeiros da ilegalidade feriu o interesse de muita gente — afirmou Hanan. A antiga guerra entre a concessionária da Paranapanema na região - MS Mineração Ltda - e os garimpeiros envolve a exploração das minas de cassiterita locais.

Os garimpeiros chegaram a denunciar as pressões para que abandonassem a região ao ministro da Justiça, Oscar Dias Corrêa, que pediu providências ao diretor-geral da Polícia Federal, delegado Romeu Tuma. "Antes de mais nada, precisa ficar claro que a empresa não tem segurança própria", garantiu Samuel Hanan. Segundo o diretor da empresa, a segurança da área, assim como a fiscalização, é feita por agentes do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), órgão responsável pela política federal de mineração, que sempre se faz acompanhar de policiais federais em suas investidas.

A portaria que teria ferido o interesse de contrabandistas e sonegadores fiscal, de acordo com Hanan, é a expedida pelo DNPM no ano passado, com o número 226. Ela disciplinou toda a política de produção e comercialização de cassiterita produzida na área, tirou da ilegalidade os garimpeiros que trabalham no local, assegurou sua permanência em caráter definitivo e obrigou a MS Mineração Ltda. a comprar toda a produção, visando a assegurar o mercado e garantir o preço do produto fixado pelo próprio DNPM, reajustado de acordo com o Conselho Interministerial de Preços (CIP).

"Antes desta portaria, os garimpeiros eram ilegais na região, devido a outra portaria, do Ministério das Minas e Energia, a 195 70, que proibia a atividade garimpeira de cassiterita em Rondônia", disse Hanan. "Portanto, a denúncia só pode partir de grupos que perderam espaço no comércio ilícito, pois a Secretaria da Fazenda do Estado tem agido com mais rigor", disse.

Justiça dá corpo como intocável

PORTO ALEGRE — Com base no princípio jurídico da intocabilidade do corpo (o direito da pessoa de não permitir exames em seu próprio corpo), um homem suspeito de ser pai de uma criança não é mais obrigado a fazer exames hematológicos de genética nos processos de investigação de paternidade. Mas sua recusa em fazer o exame pode pesar contra ele no final do julgamento.

Essa foi a decisão, unânime, dos desembargadores Milton dos Santos Martins, Elias Mansur e Tupinambá Castro do Nascimento, da 1ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, garantindo o direito do comerciário Nei G. C., que se recusou a fazer, e pagar do próprio bolso, o exame hematológico no Departamento de Genética da UFRGS, que a Justiça em sua cidade, Frederico Westphalen (a 446 quilômetros da capital), havia determinado que ele fizesse.

A obrigatoriedade, revogada agora pela 1ª Câmara Cível, atendia pedido de Rosa Inês G., que queria provar na Justiça que a menina Cristiane era filha de Nei e resultado de uma ligação amorosa entre ele e Rosa Inês. A decisão inicial obrigava Nei a pagar os exames dele próprio e de sua suposta filha, mas, através de um recurso ao Tribunal de Justiça, Nei conseguiu evitar a realização dos exames, com base no seu direito jurídico de que ninguém pode tocar no seu corpo, a não ser que ele espontaneamente permita.

Com isso, por enquanto, Nei não será obrigado a fazer o exame, pelo qual teria de pagar NCz$ 200,00 ao Departamento de Genética da UFRGS, e que examinaria, pelos seus marcadores genéticos no sangue, se ele é pai ou não de Cristiane. O Departamento de Genética, segundo informou um de seus diretores e mais renomado geneticista gaúcho, Francisco Salzano, examina de 15 a 17 sistemas genéticos diferentes. Como, por exemplo, as substâncias determinadas (proteínas das hemácias) que existem no sangue e que são transferidas geneticamente de pai para filho, independente de condições ambientais.

Os exames hematológicos de genética permitem, num primeiro momento, testes que excluem a paternidade, numa proporção de até 85% de probabilidade, e, depois, fazem-se exames de probabilidades positivas, que podem chegar a 99,99% de acerto.

Embora Nei tenha conseguido escapar desses exames — se o fizer espontaneamente agora deverão ser pagos pela mãe da criança até a decisão final da Justiça —, poderá estar ainda sujeito, no decorrer do processo, a exames de HLA: testes imunológicos, no exame de substâncias existentes no plasma do sangue, que custam NCz$ 600,00 no Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Os testes considerados com maior probabilidade de acerto são os dos marcadores ADN, ou seja, o recolhimento do material genético diretamente no ADN (molécula que contem formação genética), e que no Brasil, por enquanto, só são realizados em Belo Horizonte.

Motorista adere a cinto no 1º dia de uso obrigatório

Desde ontem, quem circula pelas rodovias federais sem o cinto de segurança está sujeito a uma multa de NCz$ 18,37, equivalentes a meio salário mínimo de referência. Se o carro não tiver o equipamento instalado poderá ser apreendido. Embora em vigor desde 1º de janeiro, só ontem a Resolução 720/88 do Conselho Nacional de Trânsito passou a ser controlada pela Polícia Rodoviária Federal. Durante três meses, o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER) promoveu campanhas educativas sobre o uso do cinto de segurança que, segundo estatísticas, reduz em até 70% o número de ferimentos graves em caso de acidente.

No Rio de Janeiro, a operação da Polícia Rodoviária Federal para punir os motoristas que não estavam usando o cinto de segurança limitou-se aos dois sentidos da Ponte Rio-Niterói embora o estado seja cortado por sete rodovias federais. Até o meio-dia, 70 pessoas que passaram pelo pedágio da ponte sem o cinto foram multadas. Mas, apesar das ameaças feitas durante a semana pelo DNER, nenhum carro chegou a ser apreendido por não ter o equipamento. Por volta das 13h, quem passasse pela praça do pedágio não seria importunado pois não havia nenhum patrulheiro à vista.

Informação errada — Vinte homens da Polícia Rodoviária, comandados pelo inspetor João Bernardo, trabalharam na ponte distribuindo multas e orientando motoristas sobre a utilização correta do cinto. As multas não eram pagas na hora. O motorista recebia uma via do auto de infração para pagar no banco. Os patrulheiros informavam errado aos motoristas, dizendo que a multa era de NCz$ 36,00, isto é, um salário mínimo de referência. Em alguns carros, os cintos ainda estavam enrolados e os motoristas custaram muito a aprender a usá-los. Nos cálculos do inspetor Adauto, da Polícia Rodoviária, cerca de 70% dos que passavam pela ponte usavam o cinto. "A campanha do DNER funcionou", garantiu.

Segundo o inspetor Bernardo, o controle na ponte foi intensificado a partir das 7h, quando é maior o número de pessoas que ali passa rumo às cidades da Região dos Lagos ou às praias de Niterói. Nas outras estradas, foi feito o patrulhamento normal, de ronda, e a preocupação maior era deter os veículos que não estivessem usando o auto-selo com o número 3 que vale só até amanhã. No posto Pavuna da Polícia Rodoviária, na Via Dutra (Rio-São Paulo), não havia *blitz* para controle do uso de cinto de segurança. Naquela estrada, o patrulhamento foi feito por três guardas e, segundo o patrulheiro Nei Rieger, até o meio-dia 12 carros haviam sido multados.

Esquecimento — As desculpas dadas pelos motoristas que não usavam o cinto foram as mais diversas. Angela Maria Noronha Dias, dona de um Chevette prateado, disse que acha o cinto "desconfortável" e foi multada. Antônio Lirio da Silva, dono do Fusca laranja placa KC- 9598, de Duque de Caxias, não sabia que o cinto agora é obrigatório. "Ah, é?", surpreendeu-se ao ser multado pelo patrulheiro Cauby de Oliveira.

Maria Neiva Surrage alegou ter esquecido de colocar o cinto antes de passar pela ponte em direção a Niterói. Foi detida pela polícia e admitiu que nem sabia como usar o equipamento de seu Voyage 87 placa do Rio, XH-1691. "Sinceramente, eu nunca usei isso. Mas agora não esqueço mais. Para a gente aprender tem que apanhar", comentou, conformada com a multa. Sua amiga Ana Maria Alves Marins acha que cinto só serve "para matar a gente mais rápido".

O patrulheiro Sant'Anna explicou que algumas pessoas nem sabiam onde ficava o cinto. Mas não era esse o caso do técnico em telecomunicações Antônio Carlos Pereira, motorista de um Gurgel. Ele garantiu que nunca se esquece de colocar o cinto, mas ontem de manhã entrou e saiu do carro várias vezes, pois fez compras antes de seguir para Pendotiba, perto de Niterói. Esqueceu e também foi multado.

Flagrados sem cinto pelos patrulheiros, alguns motoristas tentaram fugir da multa argumentando que estavam só na praça do pedágio, ainda não tinham entrado na ponte e, portanto, não trafegavam em estrada federal. O inspetor Adauto explicou, porém, que o acesso à ponte já é rodovia federal.

Com ele não concordou o inspetor João Bernardo, comandante do grupo de operações especiais que atuou ontem na ponte. Bernardo aceitou as desculpas de Norma Nigro Vereza, que parou na praça do pedágio para colocar o auto-selo do mês de abril no pára-brisa de seu Monza cinza metálico placa do Rio ZG-9812. "Parei porque quis. Nenhum guarda mandou. Eu ia colocar o selo e o cinto antes de entrar na ponte", explicou Norma. Ela conseguiu convencer o inspetor Bernardo, mas depois pediu ajuda a um patrulheiro para localizar o cinto de segurança no carro, pois nunca o havia usado antes e se atrapalhou toda para colocá-lo.

Fernando Lemos

Maria Neiva alegou esquecimento mas depois confessou não saber usar o cinto

Polícia elogia obediência à nova lei

Nos outros estados, a estréia do uso obrigatório do cinto de segurança também foi bem-sucedida. Quem não obedeceu à resolução do Conselho Nacional de Trânsito foi multado pela Polícia Rodoviária Federal, que parava carros alternadamente para orientar e aplicar a lei. Mas, de maneira geral, o comportamento dos motoristas mereceu elogios dos policiais.

São Paulo — Até o início da tarde de ontem, na BR-116 (Via Dutra), entre Guarulhos e Bonsucesso, apenas cinco multas foram aplicadas. Sérgio Fernandes, 41 anos, foi um dos infratores: "Não tenho tempo para assistir à televisão e não fiquei sabendo que iam começar a multar", justificou. Os que obedeceram à resolução do Contran alegaram questões de segurança e pareciam pouco preocupados com a obrigatoriedade. "Eu uso cinto tanto nas estradas quanto na cidade", disse o engenheiro Luis Hipólito, 40 anos. "É uma questão de consciência", completou. Já o comerciante Júlio Kato, um dos multados, desculpou-se: "Eu cheguei ontem do Japão e não sabia dessa lei. Lá todo mundo usa cinto, mas como aqui ninguém respeita as leis, entrei no clima." O vendedor Carlos Eduardo Mentem, 29 anos, também multado, confessou que, decididamente, não aprova a nova lei: "O cinto é muito incômodo e numa emergência você não tem como sair do carro."

Porto Alegre — No Rio Grande do Sul, os patrulheiros ficaram frustrados: fortes chuvas e acidentes impediram que uma rigorosa vistoria fosse realizada. "O pessoal destacado para a fiscalização foi deslocado para atender as ocorrências", explicou o chefe do posto de Gravataí, Olmiro Almeida. Na BR-290, entre Porto Alegre e o município de Osório, duas duplas de guardas foram escaladas para a vistoria alternada e o resultado foi que a cada 10 motoristas interceptados, apenas um era autuado por não usar o cinto. Olmiro Almeida confessou-se supreso com o bom resultado, embora admitisse que o movimento nas estradas foi pequeno devido ao mau tempo.

Salvador — Durante as primeiras cinco horas de fiscalização no posto rodoviário de Simões Filho, na BR-324, entre os mais de 1.200 veículos que ali passaram, apenas 30 motoristas estavam sem o cinto. Segundo o inspetor-chefe do posto, Acyr Rodrigues Alves, não escaparam da fiscalização os que usavam o cinto apenas para passar em frente aos postos, pois as patrulhas estavam distribuídas em pontos estratégicos. Embora elogiasse o comportamento dos motoristas no primeiro dia da fiscalização, ele prometeu que a Polícia Rodoviária organizará *batidas* nos próximos dias para reprimir os infratores. "A *blitz* se repetirá até quando se fizer necessária", garantiu.

Recife — Treze pernambucanos conseguiram driblar a nova lei, exibindo nos postos da polícia mandados expedidos pela 5ª Vara da Justiça Federal. Um deles, o advogado Everaldo Magalhães, livrou-se do pagamento da multa, mas foi advertido pelo guarda rodoviário de que, na próxima vez, terá que pedir ao DNER um documento que o libere do uso do cinto. Exceções à parte, a Polícia Rodoviária estimou que apenas um em cada 10 carros que trafegaram pelas estradas federais de Pernambuco desobeceram à lei. Mas os policiais desconheciam que, no município de Igarassu, centenas de carros tomaram uma estrada variante, para escapar da fiscalização.

Exemplo negativo começa pela polícia

"Não vou brigar com eles", se esquiva o guarda

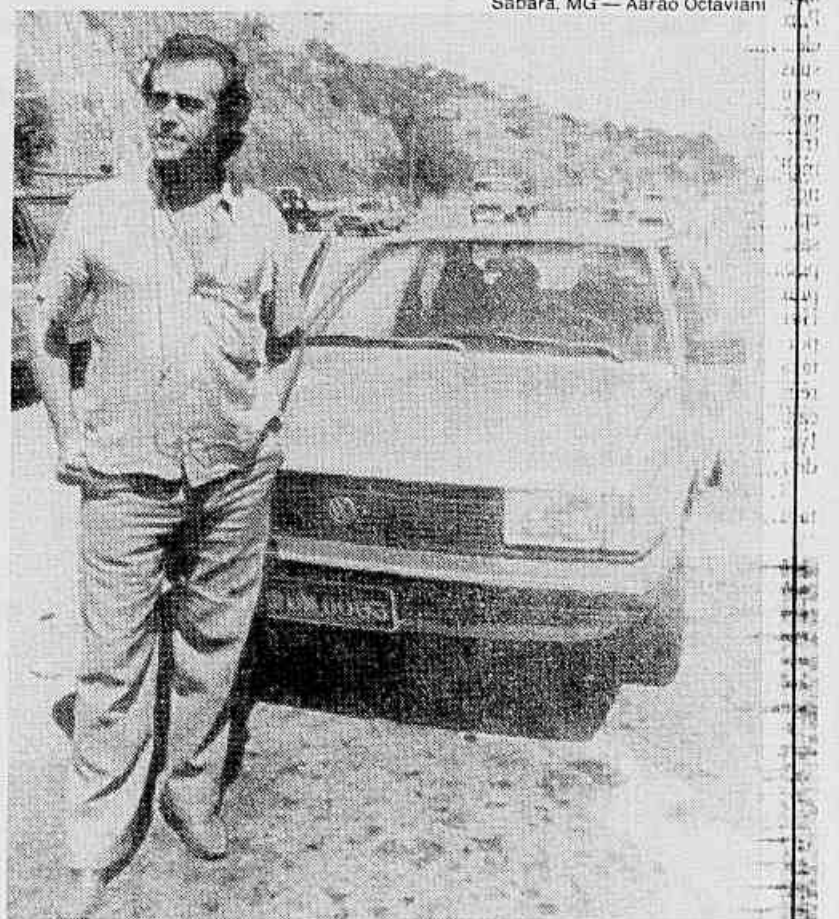
Sabará, MG — Aarão Octaviani

O prefeito, multado, alegou calor

SABARÁ, MG — A Polícia Rodoviária Federal foi impotente para obrigar três passageiros de um Fiat Uno sem placas, da Polícia Civil mineira, a colocar o cinto, às 11h42, no posto da BR-262, a 15 km de Belo Horizonte. Um patrulheiro que parara o carro da polícia chegou a pedir, nervoso e insistente, que a reportagem do *JORNAL DO BRASIL* não fotografasse o veículo infrator, que arrancou velozmente quando o motorista percebeu a presença do fotógrafo.

"O que eu posso fazer? Não vou brigar com eles", justificou o patrulheiro, que confessou já ter, na mesma manhã, mandado que passageiros de outro carro da Polícia Civil colocassem os cintos, sem sucesso. "É besteira. Eles não obedecem", resignou-se o policial federal, implacável, até ali, em multar qualquer veículo cujos ocupantes não usassem o cinto e em impedir o prosseguimento da viagem, além de multar aqueles que não possuíssem o equipamento.

Não escapou da multa, por exemplo, o prefeito da cidade mineira de Pescador, a 440 km da capital, o médico Vanderlei Nascimento Bastos, sem partido, que dirigia o Santana OM 0003, da Prefeitura. "Acho que o cinto não me dá segurança. A engenharia prova que sim, mas não acredito", afirmou o prefeito. Ele confessou que, logo adiante, se começasse a sentir calor, tiraria novamente o cinto. Ele não pareceu preocupado em dar bom exemplo ao povo de sua cidade. "Em estrada de chão ninguém vai usar isto. Quando chega no asfalto, não vai usar também", explicou. Pescador fica a 20 km não pavimentados da perigosa rodovia Rio—Bahia.

O alfaiate Antonio Carlos Pereira, 31 anos, ia com a mulher e dois filhos no Opala 1973, placa AH 8997, nadar em uma cachoeira, 15 km além do posto policial. "Nem sei se esse carro tem cinto de segurança", confessou ao patrulheiro. Antonio Carlos procurou debaixo dos bancos e não encontrou nenhum cinto. Foi multado e obrigado a retornar para Belo Horizonte.

Outro carro oficial, sem a mesma sorte do Uno da Polícia Civil, foi a Kombi OF 8494 da Universidade Federal de Minas Gerais. O motorista Dijardes Rosa, além de notificado, teve que pedir ao patrulheiro que o ensinasse a colocar o cinto. "Nunca usei, e não sabia que era obrigatório. Se soubesse, não passava por este vexame", disse constrangido. Pior ainda foi a sorte de Renato Jacinto da Cunha e seus quatro acompanhantes no Escort XR 3 conversível placa JC 1963, que não usavam cinto. O motorista não portava os documentos do carro, que ficou retido.

Uma avaliação preliminar do inspetor adjunto Hélio Sueleno apontava um índice de 8% de veículos cujos ocupantes não usavam cinto ontem. Das 7h às 10h35 tinham sido lavradas 70 autuações no posto da BR-262. Enquanto isto, no Quilômetro 15 da rodovia MG-10, que liga Belo Horizonte às cidades ao norte da região metropolitana, uma *blitz* da Polícia Rodoviária Estadual continuava usando o "bom senso", segundo o sargento Jacy. Das 7h às 10h ninguém tinha sido multado.

A cadete Zuleica informou que só encontraram alguns casos de pessoas que estavam "indo providenciar" o cinto e outras que não sabiam usar o equipamento. Um cabo que não quis identificar-se disse que muitas pessoas não sabiam nem encaixar o cinto e outras acabavam tirando os cintos enferrujados debaixo dos bancos. "É preciso tirar os ratos primeiro, para depois se amarrar", brincou o cabo.

Protesto pode fazer vereador desistir de roupa nova

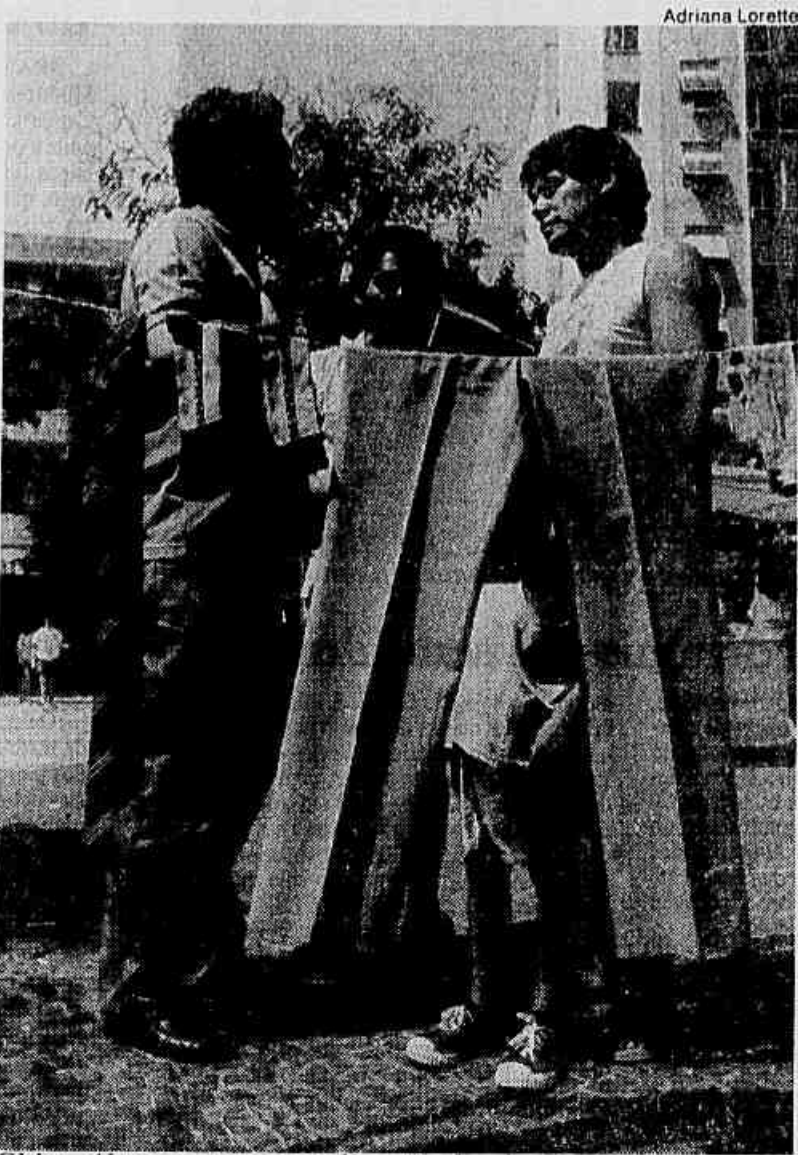
Para protestar contra a verba de representação de NCz$ 2.067 que os vereadores do Rio receberam com o salário de fevereiro — e que seria usada na compra de roupas —, o Comitê de Defesa do Voto e do Dinheiro do Povo armou ontem um pitoresco varal na Praça Saens Peña, Tijuca (Zona Norte). A idéia era receber roupas para serem enviadas como doações à mesa diretora da Câmara dos Vereadores, pressionando os representantes do legislativo a devolver o dinheiro.

A manifestação surtiu efeito. O vereador Chico Alencar (PT), segundo vice-presidente da mesa diretora — que esteve no local para protestar contra a retirada de painel com informações sobre a atuação dos constituintes —, prometeu levar à mesa discussão sobre o assunto. O pequeno varal atraiu curiosos, em meio a dezenas de barracas coloridas da Feira Hippie, que todos os sábados se instala na Praça Saens Peña. As doações, porém, se restringiram a dois pares de meia, uma calça comprida e uma gravata.

O líder do comitê, Wilmar Torres, ofereceu uma gravata a Chico Alencar, mas quem gostou do *presente* foi seu filho Emanuel, de seis anos, que enrolou a gravata no pescoço. O paraibano Manuel Miranda se interessou em comprar a calça pendurada no varal. "Custa NCz$2.067", brincou o vereador. Os conhecidos ironizavam com frases como "olha as roupas do Chico".

Wilmar Torres criticou a posição dos 42 vereadores que, segundo ele, defenderam o recebimento do dinheiro. "Eles tinham que reagir, mostrando o absurdo que é isso", afirmou. Ao chegar, Chico Alencar disse ser contra a verba, mas admitiu: "De fato eu tinha que comprar roupas, embora meu salário (NCz$1600 líquido, segundo ele) seja suficiente para isso". Alencar considerou a questão pequena diante, por exemplo, da discussão sobre a remuneração dos políticos, alertando para o risco de se usar o assunto para "desmanchar o trabalho sério que se está fazendo na câmara", o da tentativa de moralização.

"Eu não posso entrar na câmara desse jeito", disse Chico, que vestia bermuda, camiseta e sandálias. Ele é autor de projeto de resolução que propõe abolir a obrigatoriedade do paletó e gravata no plenário. Muitos vereadores não cumprem a determinação, pois o ar refrigerado está enguiçado. "Era exatamente o que eu estava querendo que acontecesse", comemorou Wilmar Torres, depois de o vereador informar que vai propor discutir a questão.

Adriana Lorette

Chico Alencar prometeu discutir devolução da verba

Painel — Outro protesto aconteceu na Praça Saens Peña, organizado pelo Plenário Pró-Participação Popular, pela volta do painel que — segundo a presidente da Associação de Moradores de Usina e Muda, Rosalina Costa Fernandes — foi retirado pela Administração Regional da Tijuca, a pedido da Associação Comercial do bairro, no dia 23 de março. Pouco antes de passar o cargo a Marcello Alencar, o ex-prefeito Saturnino Braga autorizou a permanência do painel até 1990.

O placar forneceu dados sobre a atuação dos constituintes e ultimamente dava informações sobre a tentativa de moralização na Câmara dos Vereadores, comandada pela presidente Regina Gordilho. O líder do movimento, Antônio Filgueiras, disse que no dia 27 de março entrou em contato com o gabinete do prefeito Marcello Alencar, recebendo orientação para enviar ofício solicitando colocação de novo painel. O vereador Chico Alencar acha a retirada do painel "um atentado ao direito de informação".

O Plenário Pró-Participação Popular montou uma banca para recolhee assinaturas com a finalidade de aprovar emendas populares à constituinte estadual. Para participar, basta levar o título de eleitor. Há bancas na Central do Brasil, na Praça XV, na Cinelândia, no Largo da Carioca, em Nova Iguaçu e no Largo da Taquara, em Jacarepaguá.

O perigo de entregar pizzas

Ladrões de comida atacam motoqueiros dos restaurantes

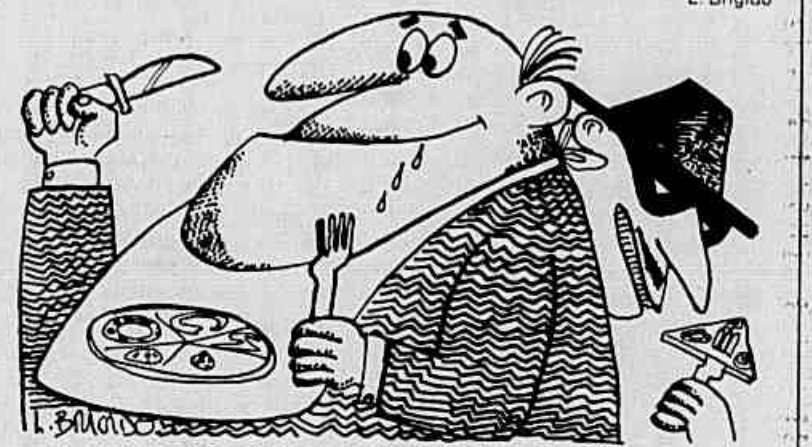
L. Brigido

José Carlos Pelosi

"A pizza ou a vida." Para saciar a fome de alguns ou para satisfazer de graça o apetite de outros, esse ultimato passou a ser usado por pivetes e bandos de rapazes ricos que assaltam os funcionários de pizzarias que, de moto e bicicleta, fazem entregas nas casas dos fregueses, principalmente na Tijuca (Zona Norte) e nos bairros da Zona Sul. Em alguns casos, os ladrões aproveitam para levar também a moto e dezenas já foram roubadas.

A nova modalidade de assalto é, na maioria das vezes, praticada "por bandos de viciados, filhinhos de papai, em locais já conhecidos", segundo o proprietário de uma pizzaria. Na Zona Sul, são famosas as gangs da Rua Assis Brasil e do Bairro Peixoto, em Copacabana; das ruas Álvaro Ramos, Visconde de Ouro Preto e Sorocaba, em Botafogo; da Praça São Salvador e das ruas General Glicério e Pereira da Silva, em Laranjeiras; e da Rua Silveira Martins, no Flamengo. Na Tijuca, os ataques são mais freqüentes nas imediações da Rua Haddock Lobo e do Largo da Usina.

O recordista é o La Molle. Uma de suas casas — a da Rua Marquês de Valença, na Tijuca — sofreu tantos assaltos, que deixou de fazer entregas, segundo o seu supervisor, Osvaldo Nunes. "Havia fins de semana em que, de 200 pizzas entregues, 80 eram roubadas. Além do mais, já estava perigoso até para os entregadores, que apanhavam feio e eram até ameaçados com revólveres e facas", informou Osvaldo Nunes.

Castro, dono da Bella Roma, no Leme (Zona Sul), diz que já esteve perto de um dos ladrões, armado, mas pensou bem e viu que não valia a pena atirar. Ele já foi vítima de um golpe mais sofisticado: o ladrão telefonou, encomendou uma pizza, pediu que o entregador levasse troco e roubou também o dinheiro. Agora, nas entregas grandes, o motoqueiro da Bella Roma é acompanhado por um segurança. Mesmo assim, das 500 pizzas encomendadas em cada fim de semana, pelo menos 10 são roubadas.

Uma vez, Feliciano, um dos sócios da La Mamma, na Gávea (Zona Sul), resolveu levar em seu próprio carro as pizzas encomendadas, porque eram tantas que não cabiam na moto. Resultado: os ladrões levaram as pizzas, o seu dinheiro e até seus cigarros. O carro foi devolvido.

Garrafada — Mas não só pivetes e gangs de rapazes aplicam golpes. Carlos Bonet, sócio da Bella Blu da Tijuca, lembra que uma senhora encomendou uma pizza e, ao recebê-la, levou-a para a cozinha, onde estavam seus filhos. Depois, disse ao entregador ter se esquecido de que não tinha dinheiro nem cheques. Quando o entregador lhe pediu que devolvesse a pizza, a senhora respondeu: "Agora, não dá. Meus filhos já comeram um pedação."

E a vida dos entregadores vai ficando cada vez mais dura. De tanto ser roubado, Carlos Domingues, um dos sócios da Bella Roma da Rua Uruguai, na Tijuca, resolveu "mesmo com o coração em pedaços", cobrar a pizza do entregador. O resultado, segundo ele, é que o índice de roubos diminuiu muito. Como se vê, além de correr riscos e apanhar, os entregadores ainda são postos sob suspeita. E eles se esforçam. Olavo Rodrigues, o *Japonês*, de 28 anos, entregador da Bella Roma, conta que uma vez se atracou com os ladrões e conseguiu ficar apenas com um pedaço da pizza e um *galo* na cabeça. Miguel, entregador da Bella Blu de Botafogo, está há uma semana sem trabalhar, pois foi atacado por pivetes perto do Morro Dona Marta, no mesmo bairro, e levou uma garrafada na cabeça.

A *moda* de roubar pizzas já chegou até os colégios da Zona Sul. Segundo Manuel Vieira, da Bella Blu de Copacabana, "os garotos costumam apostar para ver quem arranja mais e mais variadas". Manuel Vieira diz também que entregar pizzas em final de noite, perto da discoteca Help, na Avenida Atlântica (Copacabana), é roubo na certa:"A rapaziada sai em bandos da discoteca e é um *arrastão* só."

Alguns ladrões não se contentam em roubar apenas as pizzas. Antônio Bilar, da Bella Blu de Botafogo, diz que pelo menos uma moto é roubada por mês e só nesses casos é feito o registro na delegacia, apenas para que os donos das pizzarias recebam o seguro. Por causa das pizzas, ninguém registra queixa. O inspetor Caio, da 14ª DP (Leblon), desconhece o problema. "Já vi ladrão de automóvel, de toca-fitas...mas, de pizza?", disse ele.

As várias tendências da moda na Câmara

Luciana Leal

Não é difícil constatar tendências e posições na moda dos 42 inquilinos do Palácio Pedro Ernesto, sede da Câmara Municipal. Basta olhar. Do estilo *hippie-caipira* tipicamente petista de Chico Alencar ao *esporte-nobre* de seu colega Jorge Pereira (Pasart), os vereadores cariocas recebem, nestes primeiros meses de legislatura, subsídio de representação só para adquirir "*status* de legislador". O difícil é definir exatamente que representação é esta. Para alguns, significa comprar envelopes e papéis de carta personalizados. Para outros, comprar terno e gravata. De qualquer maneira, quase todos admitem que o acréscimo no salário é bem vindo.

"Só ando com camisa de seda. É mais fino", gaba-se Jorge Pereira. Não há como deixar de notar a presença de Pereira no plenário. Primeiro, porque ele tem 1,80m e 123kg. Depois, porque suas camisas mais discretas são verde escuro ou — a que usou na quarta-feira passada, por exemplo — cinza com listras pretas. Há também a roxa, a vermelha de bolinhas, a bege com pequenos losangos marrons e a quadriculada em tom prateado, todas muito brilhosas. Para ele, a taxa de representação pode servir para vários fins, menos comprar suas pastas, sempre importadas de Hong Kong. "Outro dia, comprei uma por NCz$ 2.500. Se dependesse dessa taxa, não compraria nada", reclama. Pereira tem uma bolsa para combinar com cada camisa, segundo seu colega do PDC Ivanir de Mello. "Tem até capanga cor-de-rosa", diz.

César Pena (PS) acha muito importante que o vereador use terno, porque "impõe respeito". Porém, nunca foi visto de paletó no plenário. Está sempre de *jeans* surrado e blusa de algodão para fora da calça, que ressaltam a grande barriga e os 110kg espalhados por 1,70m de altura. "Não tem ar condicionado no plenário, e não há quem agüente este calor", explica. "Gosto de andar arrumado, não sou da esquerda festiva que mora na Zona Sul". Pena não fuma, não bebe e mora em Jacarepaguá. Ivanir de Mello — sempre de terno e gravata escuros — brinca mais uma vez, falando dos trajes do colega do PS: "Ele gastou o dinheiro todo na campanha e não tem como comprar uma roupa melhorzinha."

Mulambento — Com uma calça *jeans* comprada há seis anos, já branca de tão gasta, Chico Alencar gosta de dizer que não se acha elegante. "O importante é me sentir bem com o que uso", filosofa. "Mas minha família acha que ando muito mulambento". O vereador costumava ir de sandálias franciscanas, mas descobriu que seu uso é proibido para os visitantes. "Gosto do estilo franciscano, mas como os outros não podem ficar aqui de sandália, mudei de idéia", justifica.

Chico Alencar usou a taxa de representação para comprar cinco camisas na Mesbla. Comprou também dois ternos — não tinha nenhum —, na loja Pelicano, em Marília, interior de São Paulo, mas só usou um no dia da posse. Alencar jamais tira as duas pulseiras de algodão que ganhou de presente. Uma é vermelha e branca, com a sigla do PT, e outra é tão velha que perdeu a cor. Seus adornos são opostos ao de Paulo César de Almeida (PFL). Duas grossas pulseiras de ouro estão sempre enfeitando o pulso vereador, que tem preferência por gravatas e camisas de cores fortes, como vermelha, verde e amarela.

Os pedetistas ganham de longe em matéria de elegância. Tito Ryff e Carlos Alberto Torres, por exemplo, estão sempre impecavéis, metidos em ternos escuros. "Sempre fui elegante", vangloria-se Ryff, que confessa uma mania: nunca sai de casa com os sapatos sujos ou arranhados. A mesma vaidade vai também para os cabelos e a barba, sempre aparados. Carlos Alberto Torres diz que aprendeu a se "vestir de acordo com a ocasião" nos seis anos em que morou nos EUA, jogando no Cosmos.

Para a vereadora Neuza Amaral (PL), que raramente repete um vestido, "vestir-se bem não significa gastar dinheiro". Seu armário tem 23 portas duplas. Raramente, Neuza usa calças compridas — "mulher pede saia" —, mas tem algumas, todas de seda. As bijuterias são da loja Ciro's, na 5ª Avenida, em Nova Iorque. "São imitações lindíssimas". No entanto, a vereadora já foi vista em plenário com um colar de pérolas verdadeiras, dando quatro voltas no pescoço.

O vereador Wilson Leite Passos (PDS) está inconformado com os colegas que andam à vontade no plenário. No terceiro mandato consecutivo, ele nunca entrou na Câmara sem terno e gravata. Leite Passos acha que andar elegante é "questão de civilização". E não perdoa os mal arrumados: "Se um vereador não faz o sacrifício mínimo de andar bem vestido, não fará sacrifício nenhum pelos interesses da população", raciocina.

Luciana Leal

Carlos Alberto Torres, do PDT, prefere o estilo sóbrio; seu colega Wilson Leite Passos, do PDS, só desistiu dos coletes recentemente; e a atriz Neuza Amaral, do PL, não abre mão dos vestidos de seda pura

Marco Antônio Teixeira

Rod Stewart não deixou que as brigas na platéia prejudicassem sua apresentação

Bebedeira e brigas prejudicam a festa no show de Rod Stewart

Sergio Sá Leitão

Há quem pense que uma celebração pop é o cenário ideal para cenas de bebedeira e pancadaria. Na noite do reencontro de Rod Stewart com a platéia carioca, chamada por ele de "uma das mais calorosas do planeta", a minoria adepta do trinômio violência, porre e rock and roll marcou presença e atrapalhou a festa programada pelo cantor e seus excelentes coadjuvantes musicais. Foi uma pena: no palco, ele demonstrou para as 30 mil pessoas presentes que permanece em forma e deu lições de competência e profissionalismo. O homem, honra seja feita, protagoniza um dos melhores shows de rock disponíveis na praça.

Se Charles Manson usou *Helter skelter*, dos Beatles, como trilha sonora dos seus assassinatos, os vândalos — entre eles, vários ladrões — presentes na Praça da Apoteose se valeram de *Do ya think I'm sexy* para transformar o local, por alguns minutos, em uma frente de batalha. Enquanto o baterista Tony Brock esmerava-se no seu número solo e a misteriosa namorada de Rod Stewart, capa da última *Playboy* americana, rebolava sem parar em uma minissaia laranja e preta, dezenas de rapazes bem nutridos aproveitaram para exercitar sua degradante bestialidade. Para uma coisa, pelo menos, a balbúrdia serviu: mostrou que violência em shows não é privilégio dos *headbangers*. O balanço médico assemelhou-se ao da apresentação do Motorhead: cerca de 200 atendimentos.

As latas, facas e socos, entretanto, não chegaram propriamente a estragar o *bailão*. Rod ignorou-os, os seguranças reagiram (às vezes, pagando na mesma moeda) e o público, em estado de graça, perturbou-se apenas momentaneamente. Fora da Apoteose, policiais garantiram que não trabalharam muito — isso, claro, porque não estavam encarregados de proibir a ação criminosa dos guardadores, que cobraram NCz$ 5 por automóvel.Ao final, Rod Stewart deve ter ficado satisfeito — afinal, foi aplaudido freneticamente, ganhou urros de presente nas quatro vezes em que mudou de roupa e botou a massa para pular e dançar alucinadamente.

Noite de apoteose tribal na praça

Tárik de Souza

Se o Maracanãzinho joga squash com o ouvido do público na reverberação de seus espaços circulares, a sintomática Apoteose embola no meio campo igualmente guitarras, teclados e sopros nas arestas retangulares da praça, como aconteceu sexta à noite ao megashow de Rod Stewart. No esquentamento do palco promovido numa exibição de milimétricos 30 minutos do Barão Vermelho às 20h30, o som já estava qualquer nota, a ponto de Frejat, com ironia, convocar "a polícia" para dar um trato no retorno de sua guitarra. Ao contrário do *Rock in Rio*, os desmandos da aparelhagem afetaram tanto o minishow nativo do Barão quanto o concertão importado de Rod. A certa altura do campeonato de distorções amplificadas (sim, ele matou no peito, fez embaixadas e bicou várias bolas *Sisley* para a malta ululante) o descendente de escoceses Stewart parecia acompanhado por um magote de adequadas gaitas de foles.

O meio A-Ha de público (de inesperada predominância jovem e grande contingente de além-túneis) da noitada não estava nem aí para tais sutilezas. Queria era festa tribal, de acender isqueiros e ondular braços nas *mela-cuecas* ou pular *pogo* nos rocks abrasivos, quando a voz de lixa do cantor volatizava-se como um Rodiasol nos ouvidos da turba. Sem surpresas no repertório (*Hot legs*, *Infatuation*, *You're in my heart*, *Tonight is the night*, *Sailing*, *Passion* e as do último LP, *Forever young* e *Lost in you*), o cuco do cabelo espetado dosou energias como qualquer craque catimbeiro, de 44 anos no lombo. Um intervalo de "somente 10 minutos", ultrapassou o dobro e fez o espetáculo, iniciado com atraso de um quarto de hora, avançar para além da meia noite, no bis com *Twistin' the night away*. Rod atira para todos os lados o pedestal do microfone, troca sucessivamente de roupas ou circula na passarela ao alcance dos cumprimentos da galera do gargarejo, num atestado de que sabe tudo de *show bizz*. Até utilizar o manjado coro a capela do público imantado, a ponto de fazê-lo acreditar que viveu um bis do *Rock in Rio*, comandado pelo mesmo cantor de quatro anos atrás.

Usina de Candiota leva chuva ácida ao Uruguai

PORTO ALEGRE — A usina termelétrica de Candiota, no município de Bagé (a 372 quilômetros de Porto Alegre), queima carvão mineral para gerar energia e tem sido a responsável por prejuízos ao meio ambiente da região desde que começou a operar, em 1974. Agora, com a instalação de uma chaminé de 150 metros, e apesar dos sistemas de filtragens já estarem funcionando há quase dois anos, essa poluição — cinza leve carregada com gases ácidos e outros elementos químicos — se espalha para outras áreas mais distantes, atingindo até o Uruguai. Um problema que ameaça agravar as relações entre Brasil e Uruguai e que a diplomacia terá que resolver.

Em outubro do ano passado, o jornal uruguaio *El País* denunciou em uma série de reportagens que os gases emanados pela fumaça de Candiota estavam provocando chuva ácida nas cidades fronteiriças com o Rio Grande do Sul, uma chuva que parece igual às outras, só que contém um índice de acidez que ao longo do tempo danifica a vegetação, cursos d'água e até monumentos. O geneticista e ecologista gaúcho Flávio Lewgoy lembra que em cinco anos a metade das florestas da Europa foram afetadas pela chuva ácida, e Candiota já está operando desde 1976, sendo que apenas há dois anos dispõe de um sistema de filtragem que fica aquém da eficiência esperada.

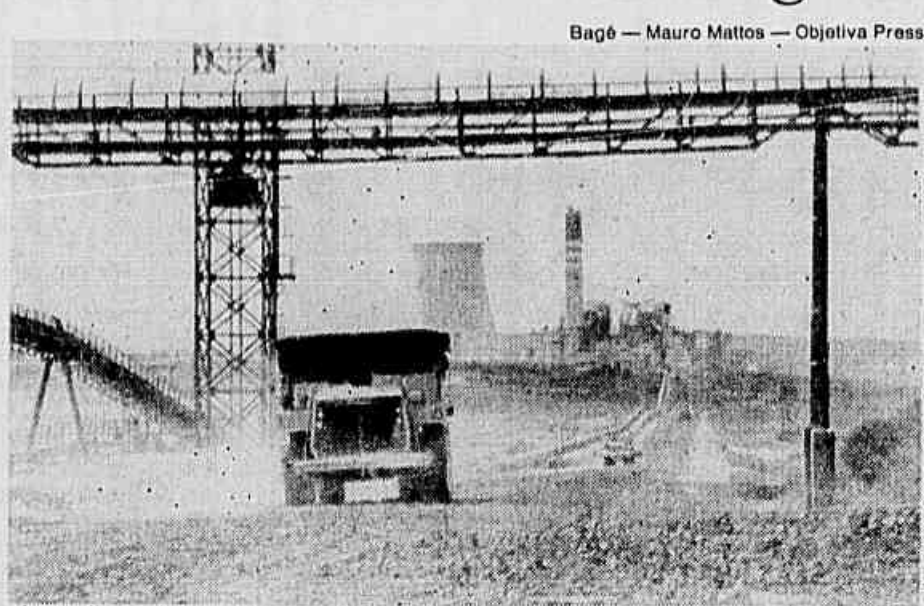
O químico Ayrton Martins, especialista em química analítica ambiental e autor de uma tese de mestrado sobre os problemas ambientais relacionados com a exploração e queima do carvão de Candiota, acha que os uruguaios exageram um pouco quando afirmam cair "chuva ácida "como se fosse suco de limão" em seu território. Mas admite que no lugar deles também ficaria alarmado, e trataria de fazer pressão junto ao governo brasileiro (quem explora Candiota é o governo gaúcho) para que a indústria adote medidas de segurança e evite um mal maior no futuro, já que os ventos predominantes em Bagé sopram para o lado do Uruguai.

O professor Ayrton Martins, teve seu trabalho de pesquisa sobre o carvão de Candiota solicitado pelo Ministério de Saúde Pública do Uruguai — o texto também foi entregue à extinta Secretaria Especial do Meio Ambiente (Sema), lembra que o grau de eficiência dos precipitadores eletrostáticos (filtros) instalados pela Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), empresa responsável pela usina, estão aquém dos índices de eficiência esperados em atividades poluentes como a queima do carvão. "O índice de eficiência deve ser de 99,9%, mas isso só é conseguido com condições perfeitas de funcionamento da usina", diz ele.

O mais grave é que a fase A da usina, com duas máquinas com capacidade para 63 megawatts cada uma, e que opera desde 1974, trabalhou mais de dez anos praticamente sem filtros, já que eles continuamente apresentavam falhas, o que é admitido pela própria CEEE. Mesmo agora, com os precipitadores funcionando na fase A — embora os testes de eficiência ainda não tenham sido feitos — e a entrada em operação da fase B — mais potente, pois gera 320 megawatts, os problemas ainda persistem.

Segundo relatório do Departamento de Química da Universidade Federal de Santa Maria sobre o carvão de Candiota, existem dois tipos de problemas com o minério lá queimado: os gases ácidos e os metais liberados. A cinza volante (cinza leve) que sai pela chaminé (contém gases ácidos, que ao se misturarem com as nuvens, dão origem à chuva ácida na região. O professor Ayrton Martins tem indicação de que a água colhida dos mananciais locais apresenta um PH (índice de acidez) de 2,1 a 4,6. Os índices abaixo de 7 indicam acidificação na água. Junto com os gases da fumaça há outros elementos, como os fluoretos, verificados em amostras de pastagens.

Entre esses gases ácidos liberados pela queima de carvão estão os óxidos de enxofre e de nitrogênio, o gás carbônico, ácido clorídrico e metais. Análise de pastagens mostraram que um grama de pastagem continha um micrograma de fluoreto, quantidade suficiente para prejudicar a dentição e a estrutura óssea dos animais. Também os cursos d'água — riachos, arroios — recebem partículas da cinza pesada depositada nas proximidades da usina. Com as chuvas, essas partículas são conduzidas para o lençol freático da área, desembocando nos arroios Tigre e Candiota e daí para o rio Jaguarão. O agrônomo da Emater Átila Sá Siqueira, de Bagé, explica que esses materiais poluentes são levados até a Lagoa Mirim pelo rio Jaguarão. Esses dois mananciais são os responsáveis também pela irrigação de todo o arroz plantado no sul do estado.

Junto com a cinza leve, a usina libera também, metais pesados, como o mercúrio. Calcula-se que são liberados 4,8 quilos/dia de mercúrio junto com o material particulado, poluentes que ficam depositados no solo a uma distância de 20 a 30 quilômetros da usina. Um coquetel de outros elementos como arsênio (21 kg/dia), selênio (9,3 kg/dia), cobre (348,3 kg/dia), fluoreto (1.104 kg/dia) zinco (408 kg/dia) é liberado pela usina. Alguns desses elementos são cancerígenos e mutagênicos e se instalam no animal e, portanto, na cadeia alimentar do homem.

Bagé — Mauro Mattos — Objetiva Press

A queima de carvão em Candiota virou problema diplomático

Dez anos de emissões sem filtro

"Queimar carvão é uma atividade poluente, assim como andar de carro. A geração de energia sempre implica num custo para o meio ambiente", justificou o engenheiro Hermes gerati, responsável pela geração da usina termelétrica Presidente Médici, mais conhecida como usina de candiota, ao responder às queixas dos ecologistas gaúchos, fazendeiros da região e até às denúncias dos uruguaios sobre a poluição provocada pelo complexo termelétrico.

Ele admite aque houve falhas no sistema de filtros (precipitadores eletrostáticos) durante mais de 10 anos, quando a fase A da usina começou a operar com capacidade para 126 MW em duas máquinas. Durante esse período, e até 1986, a cinza era jogada diretamente no ar, porque os filtros adquiridos ao grupo italiano GIE, também responsável pela implantação de toda a fase inicial, não correspondiam ao esperado. A partir de 1986 foram instalados novos equipamentos com eficiência de apenas 96% (o ideal é 99,9%). Só agora as duas máquinas da fase A estão operando com eficiência ideal mas os testes para confirmar isso só serão feitos ao longo deste mês.

A fase B da usina, com outras duas máquinas com capacidade para gerar 320 MW, está em operação experimental, e foi inaugurada em 1987. Nessa fase, mais potente, e portanto com um volume muito maior de cinzas do que a fase A, os testes de eficiência dos filtros também só serão feitos neste mês de abril. O engenheiro Hermes Gerati acha que, "pelo que se observa visualmente, o equipamento deve estar funcionando com 98% de eficiência".

O Relatório de Impacto Ambiental (Rima) exigido para instalação de qualquer indústria poluente será concluído nas próximas semanas, pela Fundação de Ciência e Tecnologia, e vai analisar os efeitos da poluição na flora, fauna e água da região. Segundo Cerati, o custo total da fase B foi de US$ 550 milhões. Cerca de 15% desse total foram investidos em tecnologia de controle de efluentes gasosos, material particulado e líquidos. Além dos precipitadores que filtram a cinza, deixando passar somente a partícula leve e fina, estão em fase de instalação quatro bacias de sedimentação, para evitar que a montanha de cinza liberada diariamente com a queima do carvão polua as águas da região.

A cinza pesada, aliás, é o grande problema enfrentado hoje pela CEEE. A usina consome 7 mil toneladas diárias de carvão nas quatro unidades. Como o minério de Bagé — onde estão localizadas as maiores jazidas, com 8,5 bilhões de toneladas de carvão — tem um teor de cinzas de 52%, acumulam-se anualmente nas proximidades da usina 3,5 mil t/dia de cinzas. E a esse lixo que não queima e polui o solo quando é carregado pelas chuvas que a CEEE quer dar um destino. A primeira providência foi vender 800 toneladas/dia de cinzas para as fábricas de cimento Cimbagé, que fica próxima à usina, e Votorán, de Canoas.

A CEEE também faz uma pesquisa para avaliar a utilização desse resíduo do carvão na pavimentação de estradas, misturado com a cal, o que além de reduzir o volume de cinzas na usina pode diminuir também os custos de pavimentação. O destino da cinza tem que ser resolvido logo,porque a terceira fase de Candiota está prevista para 1991, e deverá consumir 1 milhão 826 mil toneladas de carvão ao ano, apenas em sua primeira máquina. A terceira fase está projetada para seis máquinas.

Recentemente um grupo de uruguaios da província de Cerro Largo, na fronteira com Bagé, visitou a usina. Eles estavam alarmados com as notícias sobre os efeitos da poluição em seu país, onde predomina a criação de gado e a produção agrícola. O grupo foi conduzido pelo prefeito de Bagé, Luiz Simão Kalil, e, aparentemente, segundo Kalil, "ficou satisfeito" com as providências que a CEEE está tomando para evitar a poluição.

Além de Candiota, outra indústria está preocupando os moradores das proximidades. É a fábrica de clinquer (um componente do cimento) Cimbagé. Ela produz 2.000 toneladas/dia de clinquer, usando como matéria-prima o calcário, mas queimando carvão em seus fornos numa média de 10 toneladas por hora. Ali a cinza se mistura ao calcário para gerar o clinquer, e o que sai pela chaminé são as partículas finas de calcário com vapor d'água que não ficam retidas no eletrofiltro. Apesar das queixas dos fazendeiros de que, conforme a ação dos ventos, os campos, árvores e animais amanhecem brancos quando a fábrica está funcionando a pleno, o engenheiro Jaime Fernandez afirma que "é pura ignorância" deles.

Mais meio ambiente na página 18

Poluição ataca sobretudo o gado

A Estância Três Lagoas, uma área de 4 mil hectares com 2.400 cabeças de gado bovino e 1.000 ovinos, responsável pela produção de terneiros do cruzamento entre Nelore e Hereford e principal pólo de produção de sementes de cebela e cenoura, foi uma das principais prejudicadas com a instalação da usina termelétrica de Candiota praticamente dentro de suas terras, numa área arrendada pelo estado.

O Laboratório de Veterinária da Universidade Federal de Pelotas constatou diversas lesões dentáriais nos animais de propriedade do estancieiro Paulo Ferreira.

O esmalte dentário dos animais estava opaco, a dentina exposta em alguns casos, a erupção dentária foi retardada e havia também desgaste dos incisivos e retardamento do crescimento dos bovinos que ficavam próximos à usina. Essas lesões foram provocadas pela intoxicação por flúor. O fazendeiro Paulo Ferreira observa que os riachos são escassos devido à seca na região, e os poucos que ainda têm água estão contaminados. Os prejuízos não foram sentidos nas lavouras de arroz, milho, soja e semente, cujo ciclo de produção é mais curto do que o do gado, por isso ficaram a salvo.

Reunião conclui que a ecologia depende do desenvolvimento

BRASÍLIA — Os participantes da 6ª Reunião Ministerial sobre Meio Ambiente na América Latina e Caribe conseguiram chegar, depois de discutir pela noite a dentro, a um documento comum. Os países de língua inglesa do Caribe, liderados por Trinidad Tobago, queriam a eliminação dos termos mais críticos em relação aos países do Primeiro Mundo. Mas o documento final, liberado na manhã de ontem, não parece diferir substancialmente do texto proposto pelo Brasil.

A maior parte do tempo das discussões foi gasto em torno de uma frase incluída no documento proposto pelos países de língua inglesa do Caribe. Ela dizia que "considerando que o conceito de meio ambiente transcende as fronteiras nacionais, o exercício desse direito reforça a necessidade de cooperação internacional".

Os países de língua espanhola e portuguesa discordaram da inclusão da frase no texto final da reunião, achando que abriria caminho à intervenção estrangeira em problemas internos de cada país. Na reunião, alguns representantes chegaram a levantar suspeitas de que haveria um "dedo" da Inglaterra, na posição dos países caribenhos, já que eles pertencem à Comunidade Britânica, o *Commonwealth*.

O documento finalmente aprovado, em torno da 1h da madrugada de ontem, reafirma o direito soberano dos países à administração de seus recursos naturais mas destaca que "o melhoramento das condições econômicas e sociais é o fator essencial para impedir a degradação ambiental"."Na América Latina e Caribe, bem como nos demais países do terceiro mundo", acrescenta a declaração,"o subdesenvolvimento e a deterioração ambiental são elementos de um círculo vicioso que condena milhões de pessoas a uma qualidade de vida abaixo dos níveis de dignidade humana".

O direito soberano de administrar livremente seus recursos naturais não exclue, pelo contrário, reforça, segundo os dirigentes , a necessidade de cooperação internacional. Na declaração conjunta consta que "o problema da dívida externa e o estabelecimento de uma nova ordem internacional justa e equitativa, são condições essenciais para a consolidação democrática da América Latina e Caribe, a promoção da paz na região e o desenvolvimento econômico e social, única alternativa possível para aproveitamento racional de nossos recursos naturais".

Os ministros enfatizaram que o melhoramento das condições econômicas e sociais é o fator essencial para impedir a degradação ambiental em seus países. Na opinião deles, os níveis atuais de crescimento "limitam severamente os objetivos de que uma gestão ambiental adequada possa ser facilmente alcançada".

"A dívida — assinala o documento — não pode ser paga nas condições atuais, nem aumentando a fome e a miséria de nossos povos, nem com mais sub-desenvolvimento e a consequente degradação de nosso meio ambiente".

Os países da América Latina e Caribe, que se reuniram em Brasília dias 30 e 31 de março, propuseram que os organismos financeiros internacionais assegurem, mediante facilidades institucionais específicas, a disponibilidade de recursos adicionais suficientes para a realização de projetos de proteção ambiental. Além disso, os países desenvolvidos devem garantir o livre acesso dos países do terceiro mundo às novas tecnologias, repassadas sem fins lucrativos. "O acesso a novas tecnologias ambientais não pode ser subordinado a interesses puramente comerciais", diz a declaração de Brasília.

Os ministros defendem ainda fim imediato de todos os testes nucleares, realizados pelos países do Primeiro Mundo."Somente assim — declaram os ministros no documento — será possível garantir a proteção do meio ambiente contra o risco da contaminação e da destruição ecológica. Estes recursos liberados deveriam ser canalizados para promover o desenvolvimento social e econômico".

Cobaia de laboratório é tratada tão bem que chega a causar inveja

Cilene Pereira

SÃO PAULO — Não se sabe se eles tiveram a sorte típica daqueles que nasceram olhando para a Lua ou se tiveram o azar de serem os escolhidos para os dolorosos rituais necessários às experiências científicas humanas. Parece que foram as duas coisas. A verdade, é que, pelo menos enquanto não são levados para servir de cobaia em experiências de laboratório, os 9 mil camundongos e 6 mil ratos abrigados sob o ar condicionado do Centro Multinstitucional de Bioterismo (Cemib), unidade da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a 100 quilômetros de São Paulo, usufruem de uma infra-estrutura recheada de mordomias de fazer inveja a qualquer pessoa. Os privilégios vão desde um ar impecavelmente limpo — o ar que respiram é renovado nada menos do que 20 vezes por hora (uma renovação a cada 3 minutos) — até um enfático recado aos pesquisadores: não falar alto perto dos animais para que eles não fiquem estressados.

Tanto cuidado não é excentricidade de cientistas. É somente através de um rígido controle sanitário e ambiental das câmaras onde vivem tanto os ratos como os camundongos que o Cemib consegue obter e fornecer para outras instituições de pesquisa os melhores animais sob o ponto de vista genético e de saúde da América Latina. "O que produzimos tem uma qualidade bastante depurada", orgulha-se o imunologista Humberto de Araújo Gurgel, coordenador do Centro e um dos maiores incentivadores do projeto, que conta, ainda, com a participação da Universidade de São Paulo (USP), e da Escola Paulista de Medicina, uma instituição federal também localizada em São Paulo.

Solução brasileira — Na verdade, a própria criação do Cemib, em 1984, originou-se justamente das grandes dificuldades encontradas por cientistas brasileiros diante da crônica falta de animais de qualidade para servirem de cobaia em suas experiências. "Já tive muitos estudos inacabados ou interrompidos por falta de cobaias", atesta o biólogo Luiz Augusto Correa Passos, assistente de coordenador do Cemib, braço direito do imunologista Gurgel. Um animal de procedência desconhecida ou criado de forma inadequada (sem cuidados de higiene ou sem o mínimo acompanhamento diário dos responsáveis pela sua sobrevivência) acaba se transformando, nos laboratórios de pesquisa, em mais um problema do que propriamente um instrumento de trabalho para que o pesquisador encontre a solução que procura.

Como o biólogo Correa Passos, foram muitos os cientistas que viram todo o esforço de uma experiência se frustrar na constatação de que o animal observado possuía, em vez de uma doença contra a qual se tentava encontrar a droga mais eficaz, pelo menos três outras, completamente diferentes. "Como é que se pode ficar sabendo de que maneira age a droga se não se sabe contra o que, exatamente, ela atuou ?", indaga o imunologista Gurgel. Entretanto, deste tempo até hoje, o médico garante que muita coisa mudou, citando, com orgulho, o reconhecimento internacional do Centro, cuja produção anual, só em Campinas, é de 40 mil camundongos e 15 mil ratos.

Não poderia ser diferente. Andar entre os corredores do Cemib, em Campinas, é como percorrer as assépticas salas de cirurgia dos melhores hospitais do país. Já na primeira entrada para o laboratório, todos os funcionários e visitantes são obrigados a trocar seus sapatos por chinelos impecavelmente lavados. Para ter acesso às ante-salas de uma das seis câmaras onde estão os animais, os funcionários devem acionar um moderno controlador eletrônico de abertura de portas, que garante um rígido controle sobre a entrada e saída de pessoas.

Já nas ante-salas — refrigeradas e esterilizadas— os cuidados são redobrados. Troca-se novamente de chinelos e veste-se um jaleco novo. Mas em nenhum outro lugar os cuidados são tão necessários como dentro das câmaras. Só para se ter uma idéia, quem for entrar em contato direto com os animais tem que tomar quatro banhos e usar uma roupa idêntica à usada pelos cirurgiões.

São Paulo — Zaca Feitosa

O biólogo Luís Augusto Correa zela pela linhagem dos ratos

Centro cria primeiro banco de embriões

Abrindo uma nova frente na produção de animais de laboratório, o Centro Multinstitucional de Bioterismo (Cemib) vai inaugurar, ainda neste ano, o primeiro banco de embriões de ratos e camundongos do Brasil. A exemplo do que já se faz com sêmen de outros animais, como o touro, e com o sêmem humano, os embriões dos animais do Cemib serão congelados a 196 graus negativos em contêineres de nitrogênio líquido. Esta prática representará a oportunidade de utilizar um animal pertencente a determinada linhagem 10 anos depois de esta mesma linhagem ter sido extinta, por falta de utilização oportuna à época de sua criação.

Deixar que uma linhagem termine pura e simplesmente, sem prever meios de recuperá-la no futuro, é jogar no lixo anos a fio de trabalho. Para se conseguir um camundongo CBA — designação de uma das mais apuradas linhagens, ideal, por exemplo, para pesquisas sobre a doença de Chagas — são necessários pelo menos 20 anos de cruzamentos entre camundongos da mesma família, utilizando-se o conhecido método do isolamento genético. "O acasalamento entre um pequeno número de animais pertencentes à mesma família leva a uma padronização de aparência e de conteúdo genético", explica o biólogo Luís Augusto Correa Passos. Por conteúdo genético, entenda-se todo o conjunto de genes — unidades hereditárias responsáveis pelas diferenças físicas entre todas as espécies. Hoje, existem pelo menos 400 linhagens de camundongos e 200 de ratos, cada uma destinada a pesquisas específicas.

Com o novo banco de embriões, a coordenadoria do Cemib espera economizar muitos dólares, hoje gastos na manutenção de animais de linhagens atualmente não utilizadas. Os embriões, retirados durante uma espécie de cirurgia cesariana nas fêmeas, poderão ser gerados por qualquer outra fêmea, sem a necessidade de haver compatibilidade de linhagem. (C.P)

Novos ecologistas propõem a reforma do desenvolvimento

Fotos de Flávio Rodrigues

Ricardo Arnt

Os novos ecologistas estão em ação há muito tempo, mas só agora começam a ter seu trabalho reconhecido. Há 10 anos há movimentos sociais com preocupação ecológica na Amazônia, no Rio Grande do Sul e no Nordeste, sem falar nos estados do Sudeste. Não foram as pressões externas que provocaram a emergência das questões ecológicas no Brasil, mas sim o trabalho sistemático de grupos e instituições brasileiras.

Alguns dos mais produtivos ecologistas brasileiros evitam o rótulo. No Sul do Pará, Raimundo Cruz Neto articula — como Chico Mendes no Acre, mas enfrentando maiores dificuldades — ecologia e sindicalismo rural. No Noroeste do Rio Grande do Sul, Luis Dalla Costa, do movimento dos atingidos pelas barragens do Rio Uruguai, discute política energética numa perspectiva mundial. Em São Paulo, Lúcia de Andrade, da Comissão Pró-Índio, pensa o indigenismo nos cenários do futuro da economia brasileira. Os três anunciam tempos modernos: o da reforma do desenvolvimento brasileiro e sua adequação ao meio ambiente e às demandas sociais.

Lucia: uma nova relação dos homens com a Natureza

Lucia de Andrade

O indigenismo vira os olhos para o futuro

Altamira não é o Mississipi dos anos 60, mas há *fredoom riders* em ação na Amazônia há muito tempo, propagando direitos civis em regiões onde eles não são respeitados. A antropóloga Lúcia de Andrade, 28 anos, uma das coordenadoras da Comissão Pró-Índio, de São Paulo, é um deles. As circunstâncias induziram a Comissão, fundada para defender os interesses das populações indígenas, em 1978, a dedicar-se, hoje, à análise do programa energético e à discussão de alternativas estratégicas para a economia brasileira.

Há três meses, a Comissão lançou o volume *As Hidrelétricas do Xingu e os Povos Indígenas*: 191 páginas de mapas, fotos, gráficos e análises, de 22 biólogos, agrônomos, antropólogos, sociólogos, físicos, engenheiros e advogados, abordando desde as implicações sociais da política elétrica até os efeitos ecológicos das barragens programadas para o Rio Xingu. Um ano e meio de trabalho. Os exemplares que chegaram à Europa deixaram os ecologistas de lá impressionados.

A Comissão está envolvida com "a discussão de alternativas políticas e econômicas que resultem em uma nova relação do homem com a natureza e dos homens entre si". Ela trabalha, hoje, com índios e não-índios: sindicatos, engenheiros e planejadores. Quer transparência no setor elétrico. Monitora o trabalho da Funai e prepara o Encontro Nacional dos Atingidos por Barragens, em Goiânia, no próximo dia 19. Discute legislação ordinária na Constituição e assessora parlamentares na Comissão de Minas e Energia. No momento, avalia a conveniência de embarcar em mais um grande trabalho de análise sócio-ambiental, sobre as represas da Eletrosul no vale do Rio Uruguai.

Os antropólogos são formados na crítica ao etnocentrismo. Não lhes é difícil passar à crítica ao antropocentrismo — o que não quer dizer que essa passagem não tenha as suas turbulências. "É estranho. Assessorar sindicatos rurais e a CUT não estava no programa original. Nós estamos juntando tudo. Ecologia é muito mais do que cuidar de árvores: é uma coisa em movimento", afirma Lúcia.

Ecologia, para a CPI, é bem mais que o *ambientalismo de estado*, desenvolvido, nos últimos dois anos, pelos departamentos de meio ambiente de empresas estatais como a Eletrobrás e a Vale do Rio Doce. "O governo reduz o discurso ambientalista à sua dimensão mitigadora. Eles minimizam impactos. Destroem habitats inteiros e afogam milhares de espécies e, depois, fazem bancos genéticos e escada de peixes. O ambientalismo vem como uma política de relações públicas, para melhorar a imagem. O pessoal que trabalha com meio ambiente não tem a menor força dentro das empresas. Os antropólogos não têm acesso a documentos básicos. No Estado, o discurso ambientalista começou com uma forma grosseira, mas eles estão se aprimorando."

Propostas — Lúcia afirma que é necessário repensar o Plano 2010, da Eletrobrás. "Achamos que é preciso, antes de embarcar em novos grandes projetos, acabar Tucuruí, que das oito turbinas previstas só tem três funcionando. Acabar, também, Itaipu. Repensar a política de subsídios de energia. Parar projetos onerosos, como a produção de alumínio. Adotar medidas de conservação, na linha do professor José Goldemberg, em São Paulo, que mostrou que com investimentos relativamente pequenos o Brasil pode economizar 30% a 40% de energia. Isso nos daria uma boa folga para discutir um novo Plano 2010, aprovado pelo Congresso, adequado ao crédito e à capacidade de pagamento do país, e baseado em taxas de crescimento realistas".

Raimundinho quer mudar a cultura agrícola do Pará

Raimundo Neto

Caixa Agrícola une ecologia e sindicalismo

Para um seringueiro é fácil ser ecologista: preservar a floresta é preservar seu sustento. Introduzir preocupações ecológicas na cultura agrícola dos trabalhadores rurais na região de Carajás é um pouco mais difícil. A exemplo do que Chico Mendes fez nos seringais do Acre, Raimundo Gomes da Cruz Neto, o *Raimundinho*, realiza um trabalho pioneiro no Sul do Pará: articula sindicalismo rural ao ecologismo — uma fusão volátil em um país como o Brasil.

Piauiense, 35 anos, dois filhos, agrônomo formado pela Faculdade de Ciências Agrárias do Pará, Raimundinho mudou-se para Marabá em 1956, de onde assistiu às transformações violentas que o Sul do Pará sofreu com o Programa Grande Carajás. Só ao longo da ferrovia Carajás-São Luís, por exemplo, segundo dados da Secretaria Executiva do Programa, 3.700 quilômetros quadrados de floresta são desmatados a cada ano.

Raimundo formou-se em 1977. Em 1978, aderiu ao Movimento de Educação de Base, da Igreja Católica. Em 1984, foi contratado pela Secretaria de Agricultura do Pará para coordenar as pesquisas sobre o uso de agente laranja no desmatamento da área inundada pela represa de Tucuruí. Em 1986 entrou para o Partido dos Trabalhadores. Foi um dos fundadores do Centro de Educação, Pesquisa e Assessoria Sindical e Popular (Cepasp). Em 1988, recusou candidatar-se à prefeitura de Marabá, pelo PT: "É coisa demais para administrar", explica.

Em outubro passado, Raimundinho ajudou a criar o Conselho Popular de Meio Ambiente e Cultura, um forum de discussão e formulação de alternativas para questões sócio-ambientais no sul do Pará. O Conselho é apoiado por 21 entidades, sindicatos, associações de moradores e centros culturais e atua nos municípios de Marabá, Itupiranga, Curionópolis, Parauapebas e São João do Araguaia, onde há 120 mil trabalhadores rurais. Uma de suas primeiras vitórias foi pressionar as autoridades até o fechamento de 180 fornos para a produção de carvão vegetal que ameaçavam a saúde dos moradores da periferia de Marabá.

Os problemas ambientais do Pará desafiam a razão. Raimundo acha que é preciso, de saída, mudar a cultura agrícola, baseada na queimada e na derrubada da floresta. "Muitos dos migrantes da região de Carajás já vêm de áreas degradadas, como o Maranhão. Eles olham a floresta como uma barreira hostil à agricultura. É preciso desenvolver um modelo de ocupação e uso racional do solo", afirma.

Proposta — O instrumento dessa mudança, de baixo para cima, já existe. São as Caixas Agrícolas, uma forma de organização associativista dos trabalhadores rurais residentes em uma mesma área, para recolher recursos e contratar técnicos para conduzir seu próprio projeto, específico, de desenvolvimento agrícola. A Caixa Agrícola de Araras, fundada em outubro de 1988, a primeira em funcionamento, cuida da produção de uma área ocupada por 92 famílias, dosando e alternando cultivos de subsistência com culturas permanentes e exploração extrativista dos castanhais. "À medida que o uso racional do solo aumentar o rendimento da produção, diminuirá a pressão para a derrubada da floresta", confia Raimundinho. A segunda Caixa Agrícola deverá nascer em São João do Araguaia. O Conselho trabalha para que a proposta se espalhe pelo sul do Pará.

Luis lidera um dos maiores movimentos sociais do Sul

Luis Dalla Costa

A força dos direitos da cidadania

Luis Alencar Dalla Costa, 24 anos, bisneto de italiano, ex-pedreiro, professor do segundo grau de Estudos Sociais e Geografia em Erexim, Rio Grande Sul, lidera um dos maiores movimentos ecologistas do Brasil. Dalla Costa, que já discutiu o programa hidrelétrico brasileiro em São Francisco, em Washington e em Berlim Ocidental, é secretário-geral da Comissão Regional de Atingidos por Barragens (Crab), que defende os interesses de 200 mil pessoas no noroeste do Rio Grande do Sul e em Santa Catarina — os atingidos pelas 22 represas que a Eletrosul planeja construir na bacia do Rio Uruguai.

"Esse é o primeiro movimento social de envergadura na região, desde a Guerra do Contestado (1912-1915)", afirma Dalla Costa. Mais de 75 mil km2 de terras férteis poderão ser inundadas. As duas primeiras represas, Itá e Machadinho, afetam 22 municípios, atingem 21.500 pessoas e submergem as cidades de Itá e Carlos Gomes.

Desde a divulgação dos primeiros projetos, em 1979, a população começou a se organizar. Itá é uma anti-Sobradinho, a usina que a Companhia Hidrelétrica do São Francisco construiu, em 1977, na Bahia, submergindo dezenas de povoados e removendo 60 mil pessoas de suas casas, para criar o maior lago artificial do Brasil: 4.214 quilômetros quadrados.

"A população do Sul tem uma forte tradição associativa. São colonos descendentes de alemães, italianos e poloneses. Gente com uma próspera atividade econômica, baseada no minifúndio de trabalho familiar. Eles produzem tudo em casa e geram excedente. Só sairão de suas terras se for para ir para uma melhor", explica Dalla Costa.

O movimento dos atingidos pelas barragens envolveu a Comissão Pastoral da Terra, a Igreja Evangélica da Confissão Luterana, sindicatos rurais, cooperativas e dezenas de prefeitos da Associação dos Municípios do Alto Uruguai. Atos públicos, assembléias e romarias em 36 municípios, conduziram, em 1983, à instalação da Comissão Especial de Barragens, na Assembléia Legislativa gaúcha, com apoio do PDS ao PT. Em agosto de 1984, 1 milhão e 16 mil pessoas assinaram um abaixo assinado com as reivindicações do movimento.

Avanço — "A população chegou a invadir canteiros de obras e tomar funcionários da Eletrosul como reféns. Em 1986, fechamos um acordo com a Eletrosul, referendado pelo ministro Aureliano Chaves, em Brasília — o primeiro, no Brasil, feito antes do início da construção do muro da barragem. O acordo diz que as obras só começam depois que a questão social for resolvida. Em Itá, onde a terraplenagem já começou, já foram indenizadas 600 famílias. Os reassentados trocaram terra por terra, com indenização e benfeitorias. Mas em Machadinho, o acordo não está sendo cumprido. A Eletrosul afirma que não tem recursos e quer cancelar definitivamente a obra", conta Dalla Costa.

Novos temas transitam no movimento dos atingidos pelas barragens, como, por exemplo, a economia política da energia, os direitos dos sem-terra e a reforma agrária. "Precisamos entender o projeto energético brasileiro do ponto de vista da internacionalização do capital. Queremos a ajuda dos sindicalistas e dos ecologistas para mudar o modelo de geração de energia no Brasil".

Desafio para o professor

Leitura enfrenta império da TV e o culto ao corpo

Eliane Bardanachvili

A missão de estimular o gosto pela leitura nos alunos tornou-se uma árdua batalha para os professores de 1º e 2º graus que precisam, cada vez mais, concorrer com o império da televisão, do videocassete, do computador — formas mais cômodas de receber a informação — e do culto ao corpo — modismo incompatível com uma atividade sedentária e que demanda concentração, como a leitura.

Optar por autores contemporâneos de fácil digestão, crônicas e textos tirados de jornais diários, e acatar ao máximo as sugestões dos alunos — em geral tendendo para os livros mais simples —, foi a solução encontrada pela maioria das escolas para tentar fazer com que eles leiam.

"Não costumamos ler um livro inteiro no 1º grau. E optamos pelos textos modernos, mais próximos da realidade dos alunos", explica o padre Humberto Venuto, do Colégio São Vicente, no Rio, cuja biblioteca é muito freqüentada pelos estudantes, mas onde a preferência é por livros de ficção científica, aventuras e *best sellers*.

Acatar a rejeição a certas obras — sob a alegação de que "é muito chato" ou "o livro é muito grosso" —, ou insistir para que os alunos leiam livros mais complexos e enriquecedores — eis a questão. O professor de graduação e pós-graduação da Faculdade de Letras da UFRJ, Roberto Corrêa dos Santos, não tem dúvidas em escolher a segunda opção: "Não se deve aproximar o estudante dos meios de comunicação de massa só porque ele vive no mundo da mídia. O bom ensino não é o que serve para integrar, mas para desestruturar", avisa.

Nem sempre a escolha dos textos "fáceis" é uma opção pedagógica. Pode ser também decorrência da limitação dos professores. No Colégio Princesa Isabel, a coordenadora de Português, Lygia Dias, 54 anos de magistério, conta que bons livros didáticos de coletânea de textos saíram de circulação por serem difíceis para os professores. "Eram livros que já apresentavam para a 6ª série textos de Fernando Pessoa e Camões. Mas também o professor tinha que conhecer a fundo esses autores. Agora, somos obrigados a adotar um outro com textos inferiores, mas mais acessíveis", comenta.

"Já que não temos alunos que entram em êxtase lendo o melhor de Machado de Assis, a tendência é de se adotarem livros que sejam mais do agrado da molecada, como os de Marcos Rey e Fernando Sabino", constata Maria Lajolo, professora de teoria literária da Unicamp.

"Se um professor pedir a leitura de *Helena*, de Machado de Assis, para fazer uma prova, com certeza vou receber no dia seguinte um abaixo-assinado de protesto dos alunos", reconhece o diretor do Colégio Princesa Isabel, Paulo Sampaio. "Para eles é mais fácil assistir à novela." A reação dos alunos não é quanto à qualidade do açucarado *Helena*, uma obra menor.

Christina Bocayuva

Na Edem, contato com livros começa no pré-escolar

Com *Dom Casmurro*, obra-prima de Machado, ocorre o mesmo. "A linguagem do livro é arcaica, o aluno não entende e continua achando Machado um chato de galocha", diz José Ricardo Diniz, diretor do Colégio Contato, em Recife.

Seja em escolas privadas, seja em escolas públicas, a apresentação de um livro em sala de aula está cada vez mais cercada de adereços, para envolver o aluno. Desde contar as histórias em capítulos, para criar suspense, até exibir filmes ou telenovelas que tenham se baseado em obras literárias. "Às vezes, fazemos exercícios modificando a maneira de escrever determinados livros", diz a orientadora pedagógica Cristina Capistrano, do Colégio Novo Horizonte, em São Paulo. "Os alunos da 7ª série, há dois anos, transformaram o livro *Éramos seis*, da Sra. Leandro Dupré, em drama e em ilustração", conta.

A Escola Dinâmica de Ensino Moderno (Edem), no Rio, tenta criar o hábito da leitura desde a alfabetização: começa-se com o manuseio do livro, o interesse pelas ilustrações, numa pequena biblioteca montada no andar superior do prédio. Nos primeiros anos de escola a leitura é bem aceita, por ser uma novidade para quem acabou de se alfabetizar. Mas a partir da 5ª série começa a sofrer a competição dos meios eletrônicos de comunicação. E, então, vale apelar. Num sintomático exemplo de que o simples prazer da leitura — ou o conhecimento adquirido — não é suficiente para o leitor, a Escola Municipal George Summer, no Rio, criou um sistema de prêmios: o aluno anota os livros que lê durante o ano, fazendo um pequeno resumo de cada um. Ao final do ano, quem tiver lido mais livros pode receber agrados como uma excursão com direito a acompanhante.

Livro ensina a ler livros

Pesquisa aponta 200 títulos de alta qualidade

Embora acredite que o ponto de partida para fazer o aluno gostar de ler é corresponder às suas expectativas, a professora gaúcha Maria da Glória Bordini condena as soluções fáceis, com a utilização de livros de baixa qualidade, sem valor literário e "não perturbadores das organizações sociais". Ela diz isso com a autoridade de quem fez uma alentada pesquisa sobre os problemas do ensino da literatura, que resultou no recém-lançado livro *A formação do leitor - Alternativas metodológicas*, da editora Mercado Aberto.

Após seis anos de pesquisas, Maria da Glória e sua colega Vera Teixeira de Aguiar, ambas da PUC gaúcha, concluíram, entre outras coisas que os alunos de 1º e 2º graus preferem enredos lineares, em que os personagens sejam crianças ou jovens e que falem do tempo presente ou de um passado próximo.

Partindo de conclusões como essas, o livro sugere cinco métodos de ensino da literatura e cerca de 200 títulos distribuídos segundo as séries escolares. Os títulos visam a despertar o interesse do aluno pela leitura por procurarem perseguir exatamente o que as autoras constataram ser de sua preferência, na pesquisa que realizaram com 240 estudantes de diferentes classes sócio-econômicas. Mas com uma preocupação: "Nossa seleção é estética", faz questão de frisar Maria da Glória, mestra em Teoria da Literatura e professora de pós-graduação da PUC.

"A solução é simples. De acordo com a realidade ambiental do aluno, procura-se na produção literária textos de boa execução que sejam familiares, para, aos poucos, passar para os mais complexos, ou desestruturadores, que também têm que ser oferecidos." Na opinião de Maria da Glória, é obrigação da escola apresentar ao aluno determinados textos. "Onde uma criança de classe popular pode ter contato com Machado de Assis se não for na escola?", indaga.

Entre as sugestões de livros — selecionados a partir da leitura de cerca de 800 títulos, durante dois anos — estão os contos dos irmãos Grimm e *Quase de verdade*, de Clarice Lispector, para as primeiras séries do 1º grau; *Alice no país das maravilhas* e *Dom Quixote* para os alunos de 5ª a 8ª séries; e *Buffo & Spallanzani*, de Rubem Fonseca e *Um coração singelo*, de Gustave Flaubert, para o segundo grau. Todos eles, segundo Maria da Glória, dentro dos critérios de preferência indicados pelo aluno em sua pesquisa. "Se o livro é grosso ou fino, não importa. O que se nota na escola é que os alunos não gostam de ler quando o professor não sabe trabalhar com literatura".

Participaram: Cilene Pereira, de São Paulo, e Vera Ogando, de Recife

Verdes são opção para europeu descrente de ideologia

Araújo Netto
Correspondente

ROMA — Nas próximas eleições para a terceira legislatura do Parlamento Europeu, em maio, ninguém deve se surpreender com uma espetacular afirmação dos *verdes*. As previsões mais modestas admitem que sua representação — de 11 deputados, eleitos por apenas dois países (Alemanha Federal e Bélgica) dos 12 da Comunidade Econômica Européia — deve, no mínimo, triplicar. Numa Europa que se desencantou com as ideologias, os mitos e mesmo com algumas religiões, dois intelectuais tão diferentes e distantes — por suas culturas e idades — já entenderam e não encontraram dificuldade para explicar o fenômeno do vertiginoso crescimento de número, de prestígio e poder que os diversos movimentos *verdes* tiveram em menos de 15 anos, principalmente no Velho Continente.

Para Alberto Moravia, romano octogenário, o mais premiado, consagrado e lido dos romancistas italianos vivos, tudo se explica com a fulminante formação de uma consciência popular sobre a importância da questão ecológica. Como agentes e promotores dessa obra de conscientização, os *verdes* passaram a ser vistos como apóstolos daquela que será a grande religião do proximo século, toda dedicada à defesa e ao culto do meio-ambiente, mais simplesmente da natureza.

Heróis mortos — À mesa de um bar de Haia, poucos dias atrás, o brasileiro Fernando Gabeira, cinqüentão mineiro, simplificou ainda mais sua interpretação do fenômeno. A ele parece que a fragilidade e insuficiência dos mitos e heróis mortos encarregaram-se de dar vida e força à grande onda *verde* que hoje agita e rejuvenesce a Europa. Para esses europeus, construtores e consumidores de grandes utopias, está sendo fácil entender que nada é mais indispensável do que a proposta comum feita pelos movimentos ambientalistas e ecológicos que continuam a sustentar a atualidade dos versos do *Romancero sonambulo*, escritos há 55 anos pelo espanhol Federico Garcia Lorca: "*Verde que te quiero verde. Verde viento. Verdes ramas. El barco sobre la mar. Y el caballo en la montaña.*" "A coisa é tão concreta que até um número sempre maior de industriais europeus vem se preocupando com o equilíbrio ecológico da terra", observou Gabeira.

Depois da recente divulgação do *Relatório sobre o estado do planeta* do *Worldwatch Institute*, dos Estados Unidos, e de seu dramático diagnóstico (dando ao homem apenas 10 anos para salvar a terra), Ermete Realacci, presidente da Liga para o Ambiente, um dos primeiros movimentos *verdes* da Itália, prefere externar sua preocupação com uma séria ameaça que neste momento paira sobre o destino de todos os movimentos *verdes* da Europa Ocidental. Ao contrário de outros líderes, Realacci sente e confessa um "profundo desconforto" diante de um sucesso que vem transformando tudo o que é *verde* numa etiqueta para as *griffes* da moda dos anos 80.

— As associações ambientalistas nestes anos viram crescer muito a sua força e sobretudo o prestígio que gozam na opinião pública. Existe, porém, o perigo de que eles (ambientalistas) tenham recebido uma procuração muito ampla dessa mesma opinião pública para enfrentar os problemas ambientais. É um risco que exercita grande fascínio sobre alguns ambientalistas: a muitos agrada imaginar-se no papel do cavaleiro sem pecado e sem medo, que se lança, como um Dom Quixote, contra os moinhos de vento. Mas não é esta a estrada certa. O movimento ambientalista não tem qualquer esperança de sucesso sem o apoio e a participação consciente de cidadãos informados e atentos", adverte o presidente italiano da Liga para o ambiente.

Arquivo

Moravia: consciência popular

Reuters — 15/10/88

Aparentemente um movimento juvenil nos anos 70, o Partido Verde alemão cresceu e hoje mobiliza milhares de pessoas

Em três países, uma história de sucesso

Novamente a Alemanha pode reclamar essa primazia: de ter sido o berço do primeiro, mais forte e bem sucedido Partido Verde da Europa. Nos últimos anos da década dos 70, os alemães anteciparam-se aos demais europeus. Em pouco tempo, o que parecia um movimento juvenil transformou-se num partido, que nas eleições de 1981 pode ser representado no Parlamento (*bundestag*), ao receber mais de 5% dos votos do eleitorado nacional. Hoje, o Partido Verde está tão consolidado e oficializado, que não registra mais os grandes índices de crescimento de seus primeiros anos. No plano nacional, conta com 7% dos votos alemães, mas em varias cidades oscila entre os 6% e os 11%

Nos últimos 5 anos, os *verdes* alemães vêm se dilacerando numa interminável discussão interna, realmente fratricida, que se faz basicamente sobre uma questão fundamental (também para os italianos e franceses): se aceitam ou não uma aliança com partidos de esquerda para chegar ao governo. Esquematicamente, os protagonistas dessa luta fratricida são definidos entre *realistas*, *fundamentalistas* e *neutros*. Dos três, os mais intransigentes são os *fundamentalistas*, que recusam qualquer aliança política com quem quer que seja. Sua posição prevaleceu até 5 meses atrás. Nos últimos tempos, encontraram-se em minoria. Principalmente porque *realistas* e *neutros* passaram a aceitar uma aliança com os social-democratas, que parecem em fase de recuperação de votos e credibilidade nas mais importantes regiões do país.

A explosão dos movimentos *verdes* na Itália foi observada nos anos 80. Antes, tudo o que existia na península eram pequenos grupos, pequenas associações tradicionais: tipo WWF, ou associação Itália Nostra, que há mais de 30 anos se batia contra a especulação imobiliária e para melhorar as condições de vida nos centros urbanos, principalmente nos centros históricos das cidades monumentais.

> *"Ainda está para nascer um ex-fascista que se fará verde"*

No início dos anos 80, a questão das centrais nucleares mobilizou o primeiro grande movimento *verde*. Naquela ocasião, o papel de liderança foi desempenhado pela Liga para o Ambiente, a mais politizada de todas as organizações. Pode-se dizer que foi assim que se criou uma consistente e vigorosa resistência anti-nuclear na Itália.

Nesta véspera de uma nova eleição européia, todos estão prevendo um imponente aumento do potencial eleitoral dos *verdes* italianos. Sondagens e pesquisas realizadas até aqui antecipam que eles devem ter, no mínimo, de 4% a 6% dos votos. Mas nada disso levou-os a reconsiderar a atitude e a decisão que anunciaram desde que passaram a concorrer às eleições: a de continuar recusando qualquer proposta de constituição de um novo partido político.

Embora repitam insistentemente que não são de esquerda nem de direita, em 90% dos casos os *verdes* formaram-se, militaram ou pelo menos votaram até poucos anos atrás em partidos de esquerda. Um maior número deles é formado por egressos ou ex-simpatizantes do Partido Comunista. Paolo Gentiloni, diretor da revista *La Nuova Ecologia*, diz que ainda está para nascer um ex-fascista que se fará *verde*.

Recentemente, uma das decisões mais difíceis e importantes tomadas pelos *verdes* italianos foi sobre o melhor uso que poderiam fazer da subvenção que por lei o Estado deve dar anualmente aos partidos, grupos e movimentos representados no Parlamento, proporcionalmente aos votos que obtiveram. Com raro e admirável exemplo de desprendimento e coragem, ao fim de vários dias de assembléia geral, anunciaram uma decisão que certamente lhes renderá mais eleitores: a de aplicar esses US$ 8 milhões em três grandes iniciativas:

1) Na criação de um *eco-instituto*, especializado em pesquisas sobre problemas do ambiente;

2) Na fundação de um *eco-banco*, que deve agir como um autêntico banco, financiando pequenos projetos de conservação e defesa do meio-ambiente;

3) Num observatório dos problemas do Terceiro Mundo, que deve cuidar, inclusive, do *swap* entre a dívida externa de países do Terceiro mundo e a natureza.

Tão ou mais importante do que essas iniciativas dos italianos, devem ser consideradas a novidade e a surpresa representadas nos resultados dos *verdes* franceses nas recentes eleições admnistrativas. Em muitas das grandes cidades, chegaram a superar os 10% dos votos no primeiro turno eleitoral. Quando se recorda que na França das 38 centrais nucleares (proporcionalmente à sua população, é o país com maior número de centrais nucleares no mundo), a morte prematura do *Le Vert* chegou a ser comemorada em 1983 — depois de sua medíocre tentativa de impedir a construção da Super-Phoenix — essa sua inesperada ressureição é outro indício de que a *onda verde* pode ser responsável por um próximo maremoto político que não respeitaria nem mesmo a sempre menos visível linha demarcatória da Europa da Otan daquela do Pacto de Varsóvia. (A.N.)

Escândalo Harrods testa 'efeito Teflon' de Thatcher

João Bosco

LONDRES — O governo da primeira ministra Margaret Thatcher e seu Partido Conservador podem acabar levando as sobras da verdadeira guerra travada entre dois super-milionários pelo controle da sofisticada loja de departamentos Harrods, de Londres. Nem mesmo a rainha Elizabeth II escapou ilesa do episódio, pois esta semana o jornal *Observer* publicou, em primeira página, uma foto em que a soberana britânica aparece conversando animadamente com o empresário egípcio Mohamed Fayed, um dos principais protagonistas do rumoroso caso.

As ondas de choque do *affair* Harrods podem balançar o barco da senhora Thatcher porque o *Observer* divulgou esta semana um alentado relatório sobre o inquérito instaurado pelo ministério inglês da Indústria e Comércio sobre a controvertida venda da loja para o não menos controvertido Fayed em 1985. O jornal dominical concentrou suas baterias sobre a resistência do governo Thatcher em tornar público o conteúdo do relatório. O caso deixou de ser apenas uma quebra de braço entre o egípcio Fayed e o multimilionário britânico Roland Rowland, mais conhecido pelo seu apelido Tiny, para se transformar num novo teste para o *teflon* político da Dama de Ferro, apelido de Margareth Thatcher. Nos quase 10 anos de poder da primeira ministra inglesa, nenhum escândalo conseguiu *grudar* na sua imagem política.

Libelo — O inquérito sobre a venda da Harrods, cuja divulgação vinha sendo sucessivamente adiada desde julho de 1988, foi apresentado aos leitores do *Observer* como um libelo de Tiny Rowland, proprietário do jornal e maior acionista do império comercial Lonrho, contra Mohamed Fayed e seus irmãos Salah e Ali, atuais donos da loja. Eles teriam dado um golpe baixo em 1985 ao comprarem a Harrods da House of Fraser, o maior conglomerado de lojas de departamentos da Europa, por 615 milhões de libras esterlinas (cerca de US$ 1 bilhão ao câmbio de hoje), numa operação que, segundo Rowland, foi fraudulenta e realizada com a conivência de figuras de proa do governo conservador.

O bate-boca entre Rowland e os irmãos Fayed vinha se arrastando há quatro anos, quando esta semana explodiu a bomba da proibição imposta pela Justiça britânica à publicação dos resultados do inquérito pela imprensa, minutos depois que 250 mil exemplares do *Observer* começarem a ser vendidos numa quinta-feira, numa edição especial. A proibição no entanto não conseguiu impedir que milhares de leitores tivessem a rara oportunidade de descobrir um até então bem guardado segredo do ministro da Indústria e Comércio, Lord Young. Agora, além de ter que responder a embaraçosas perguntas sobre detalhes comprometdores da venda da Harrods, o governo terá que explicar como o documento vazou para o jornal de Rowland e por que as autoridades esconderam a verdade do público, durante oito meses.

Desde 1977, Tiny vinha tentando comprar a Harrods, mas suas propostas sempre esbarravam na má vontade da Monopolies and Merges Commission (Comissão de Monopólios e Fusões de Empresas), um organismo oficial encarregado de aprovar ou vetar transações comerciais tidas como capazes de prejudicar o interesse público. Em novembro de 1984, Rowland vendeu aos irmãos Fayed as ações que a Lonrho tinha na House of Fraser, então proprietária da Harrods. Os 29,9% de ações da loja foram vendidos por US$ 230 milhões, numa transação que até hoje continua envolvida num denso mistério.

Apesar de violentamente pressionado pela Lonrho, o então ministro da Indústria e Comércio, e ex-líder conservador do Parlamento, Norman Tebbit, recusou-se a investigar como os irmãos Fayed conseguiram juntar dinheiro para pagar à vista as ações que lhes garantiram 51,03% do controle da Harrods.

O milionário inglês concentrou todos os seus esforços na tentativa de descobrir qual era o cacife financeiro dos Fayed na época da compra da Harrods e de onde teriam tirado o dinheiro para a transação. Rowland jura de pés juntos que todo ou parte do dinheiro foi fornecido pelo sultão do Brunei, Hassanal Bolkiah. Se ele conseguir provar isto, os Fayed serão acusados de perjúrio e violação do direito comercial britânico, perdendo o controle da loja.

Em maio do ano passado, o *Observer* publicou um artigo sugerindo ter provas de que Mark, o filho de Margaret Thatcher, teria acompanhado Mohamed Fayed numa visita ao sultão. Mas o próprio soberano do Brunei, uma ex-colônia inglesa na Ásia, desmentiu a informação, afirmando que a prova do jornal, uma carta, fora falsificada.

Vista grossa — O explosivo relatório publicado esta semana pelo *Observer* não chega a acusar os irmãos Fayed de serem testas-de-ferro do sultão, mas confirma que eles não tinham uma fortuna pessoal suficiente para pagar 615 milhões de libras pelo controle da Harrods. O Ministério da Indústria e Comercio teria feito vista grossa à declaração do grupo egípcio de que o negócio fora feito com recursos próprios.

Reprodução

SPECIAL REPORT

OBSERVER — 25p

'The lies of Mohamed Fayed and his success in 'gagging' the Press created a new fact: that lies were the truth and that the truth was a lie.'

EXPOSED : THE PHONEY PHARAOH

A edição especial do 'Observer' denunciando o escândalo foi apreendida pela Justiça

Tiny Rowland

A obsessão de um inglês 'rejeitado'

Ele ainda espera um dia antepor a seu nome as prestigiosas três letrinhas: *Sir* Roland Rowland. Mas tudo conspira contra semelhante pretensão. Filho de pai alemão, enriquecido depois de um passado *africano* nebuloso e graças em parte a métodos pouco ortodoxos, Tiny (Minúsculo) Rowland, 71 anos, pode ter quase 2 m de altura e uma das maiores fortunas da Grã-Bretanha, mas não passa na garganta do *establishment*, que dizer da Coroa!

Rowland comanda há 30 anos o conglomerado Lonrho, com volume de negócios de US$ 72 milhões e que explora desde minas no Zimbabwe até o jornal dominical inglês *Observer*. Mas *Minúsculo* tem uma obsessão: a Harrods, que nem é tão rentável, mas é o símbolo mais que secular do bem-estar *british*.

É um caso psicanalítico. Sentimento de rejeição. Seu pai e ele mesmo tiveram de ser internados em campos para cidadãos considerados *perigosos*, na Inglaterra, respectivamente durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundiais.

Sua fortuna foi crescendo, mas não o prestígio. As acusações são muitas. Métodos de gângster que podiam valer na África, mas não aqui — levantam seus narizes os ingleses. Rowland seria um especialista em sonegação de impostos. O ex-primeiro ministro conservador Edward Heath resumiu: "Ele é a face mais inaceitável do capitalismo."

Roland Rowland não é convidado para as recepções da rainha. Não é membro dos clubes chiques. Cometeu o máximo descuido de respingar a família real, comprometendo Angus Ogilvy — marido da princesa de Kent e seu antigo sócio — num caso escuso. Mas não dá o braço a torcer. Sua *rejeição* pela *high class* britânica não é uma rejeição: "Não tenho tempo a perder com mundanidades", interpreta, altivo. Uma obsessão o absorve.

Sultão do Brunei

O delírio do homem mais rico

Diz a malícia britânica que foi como no filme *E.T.* O sultão do Brunei passava num de seus Rolls-Royce em frente ao prédio da Harrods em Londres, gloriosamente iluminado, e exclamou: "Que lindo! Casa! Eu quero!"

Ele pode. Hassanal Bolkiah, 42 anos, é considerado o homem mais rico do mundo. Comanda uma fortuna de US$ 25 bilhões — que não se sabe até que ponto é pessoal ou pertence também ao minúsculo país que governa de forma absoluta, na ilha de Bornéu, sudeste asiático. Fontes de renda: petróleo e gás natural.

Hassanal tem duas mulheres e nove filhos. Reina há 22 anos num país menor que o Distrito Federal do Brasil, com 230.000 súditos. A independência da Inglaterra veio há apenas cinco anos, e para celebrar ele construiu um palácio de 1.800 compartimentos, em mármore e ouro fino.

Hassanal joga golfe, pilota seus Boeings particulares... e investe no Ocidente. A falta de liberdade no país é tamanha que para uma execução pública do oratório *Messias*, de Handel, foi preciso recentemente submeter o texto à censura. Notícias na imprensa ou na TV sobre os países comunistas e religiões outras que a muçulmana, nem pensar.

Mas os habitantes de Brunei não têm muito mais do que se queixar, com renda *per capita* maior que a dos americanos. Não há dívida nacional, déficit comercial, impostos ou desemprego. Há quase tantos carros quanto pessoas. E mesmo que as reservas de petróleo e gás se esgotem daqui a uns 25 anos, como previsto, a população ainda poderá continuar vivendo das rendas dos investimentos do sultão, provavelmente o último monarca absoluto do planeta. *Et pour cause*...

Harrods

Onde se pode comprar até a fantasia

A Harrods ocupa quase um quarteirão inteiro da Brompton Road, no bairro de Knightsbridge, no sudoeste de Londres. A loja surgiu neste local como uma pequena mercearia em 1849. Em 1861, seu proprietário, Henry Harrod, vendeu a mercearia a seu filho Charles, que gradualmente a transformou numa loja de artigos variados.

Em 1898, sob nova direção, com suas instalações ampliadas num prédio de dois andares, a loja recebeu a primeira escada rolante instalada em Londres. Na ocasião, os jornais londrinos já alardeavam a reputação internacional do estabelecimento — "Harrods serve o mundo" era o *slogan* da época.

O prédio atual foi construído entre 1901 e 1905 e reformado em 1939. Vinte anos depois, a loja foi comprada pela House of Fraser. Hoje com cerca de 6.000 funcionários, a Harrods é uma das maiores lojas de departamentos do mundo. O mais famoso deles, de alimentos, costuma ser uma ameaça a todos os sentidos.

A loja se diz em condições de oferecer qualquer artigo que o cliente necessite. Mas os preços geralmente estão acima do que pode gastar o consumidor médio.

Seja como for, diz-se que é a única loja do mundo onde o freguês chega, pede um elefante, e o imperturbável vendedor o atende sem hesitar: "Africano ou asiático, *sir*?" É nela que fazem suas compras os membros da família real britânica. Foi na Harrods que os czares de todas as Rússias se dotaram das pratarias com que ainda puderam adornar seus serviços de mesa, até 1917. É ali que se realizam anualmente, em janeiro, as mais cobiçadas *sales* (liquidações) da Europa — de abricós a pianos de cauda, passando por porcelanas e discos. (J.B.)

Um mercado persa polonês em Berlim

Camelôs cruzam fronteira e vendem de tudo

Jean-Marc Gonin
L'Express

BERLIM OCIDENTAL — Tadeusz Slusarski exibe uma pequena lata de conserva e é logo abordado por um freguês. Tadeusz cobra 20 marcos (11 dólares, com o dólar valendo 1,8 marcos) e, rapidamente, as 100 gramas de caviar soviético mudam de mãos. O vendedor polonês embolsa suas preciosas notas e tira outra lata do casaco, à espera do próximo comprador.

A cena acontece num sábado à tarde, num estacionamento entre a Galeria Nacional, a Biblioteca do Estado e a Filarmônica de Herbert von Karajan, em Berlim Ocidental. Cerca de 100 poloneses vendem suas mercadorias. Caviar e vodca despertam a atenção dos clientes, mas é possível achar de tudo nesta espécie de mercado persa: vasos de cristal, sapatos de couro, bonecas, champanhe da Criméia, tapeçarias, guardanapos, roupas íntimas femininas. Até as sobras de manteiga, enviadas pela Comunidade Européia à Polônia, voltam a Berlim pela mão dos camelôs.

Tadeusz é motorista de táxi em Plock, um povoado às margens do Rio Vistula, a 400 quilômetros de Berlim. Após duas revistas (uma na fronteira da Polônia com a Alemanha Oriental e outra no posto de Dreilinden, na entrada de Berlim Ocidental) ele chegou ao Eldorado do capitalismo. A venda de dez latas de caviar - compradas a 4 marcos cada uma dos contrabandistas soviéticos —, de um litro de vodca e um par de sapatos rendeu-lhe cerca de 300 marcos. "Vou gastar 100 marcos em Wertheim (uma grande loja em Berlim), troco o resto em dólar e volto para a Polônia." Trata-se de uma pequena fortuna, sobretudo num momento em que o câmbio é livre na Polônia.

Milhares de poloneses estão seguindo o exemplo de Tadeusz Slusarski desde o início do ano, desde que as autoridades de Varsóvia passaram a liberar passaportes sem problemas. Munidos do precioso documento, eles chegam a Berlim Ocidental (que fica a 70 km da fronteira polonesa), onde podem ficar 31 dias sem visto. Mas, em vez de fazer turismo, cerca de 25.000 poloneses comerciam ou trabalham.

No início, as autoridades berlinenses não se importaram. Mas, de algumas dezenas em janeiro, os camelôs passaram a centenas em fevereiro e chegaram a 5.000 em março. Os comerciantes e artesãos de Berlim começaram a reclamar. "Em cada marco que ganho, cerca de 20% eu perco em impostos e taxas", diz Jürgen Krahn, motorista de táxi. "Enquanto isto os poloneses embolsam tudo o que ganham", continua. O racismo também está presente em reações como esta, que são bem típicas de Berlim, pois, historicamente, a orgulhosa Prússia despreza os *polacos*.

O risco é ganhar carimbo vermelho nos passaportes

O Senado de Berlim Ocidental resolveu intervir à moda prussiana. Em 4 de março, uma dezena de carros de polícia invadiu as ruas perto do Mercado Krempel e os poloneses tiveram de esconder suas mercadorias. Cerca de 200 deles receberam um carimbo vermelho no passaporte. Isto significa uma ordem de deixar imediatamente Berlim Ocidental e uma proibição de voltar nos próximos cinco anos. O Senado alegou que os camelôs não pagam taxas, não tomam cuidados higiênicos com os produtos e importam mais álcool do que o permitido. Assim, os pontos dos camelôs foram cercados com arame e cobertos de cartazes, em polonês e alemão, proibindo o comércio.

Holofotes — Ao mesmo tempo, cresceu a vigilância nas fronteiras. Sacos e valises foram revirados e, à luz crua dos holofotes, vinhos espumantes eram colocados ao lado de cigarros, sob o olhar desapontado e cansado dos poloneses. A Alemanha Federal pediu também ao governo polonês para reprimir o comércio em casa. E assim foi feito. A imprensa oficial polonesa criticou aqueles que buscam o "dinheiro fácil, denegrindo a imagem do país no exterior". Segundo Kazimierz Olschewski, um silesiano aposentado naturalizado berlinense, "os camelôs não são pobres, a maioria tem carro. Eles vendem mercadoria roubada, são uns escroques que a polícia tem razão em prender".

- Os 100 marcos que ganho aqui representam três vezes o meu salário na Polônia, justifica-se um jovem que oferece roupas e cigarros aos turcos em sua pequena Fiat Polski. Será que ele não tem medo do carimbo vermelho? "Você sabe, sempre se pode dizer que a gente perdeu o passaporte e pedir um novo...", responde ele.

Uma semana depois da repressão, o mercado negro voltou a funcionar. E tudo indica que a questão caminha para um acordo. "Podemos chegar a um entendimento", explica Walter Momper, eleito recentemente prefeito de Berlim Ocidental. "Pensamos em proibir a venda de bebidas e autorizar o artesanato de madeira, tecido, brinquedos", continua. E para acalmar a fúria dos comerciantes, a Câmara do Comércio publicou uma declaração conciliatória lembrando que "a experiência miserável do pós-guerra berlinense conduz à tolerância".

— O dinheiro ganho pelos poloneses acaba sendo gasto nas lojas de Berlim", lembra Momper, "e assim Berlim Ocidental está se tornando o primeiro supermercado polonês!" Christian Ströbele, líder dos verdes de Berlim, vai mais longe: "Queremos nos transformar na Hong Kong da Europa Central e a distensão nos países socialistas nos dá esta chance". (J.-M.G.)

Aliedo

12/3/89 — Reuters

Boris Yeltsin ganhou as eleições por maioria, apesar do boicote que sofreu da imprensa

Soviéticos criticam desempenho medíocre da imprensa na eleição

Luiz Recena

MOSCOU — "A cobertura das eleições não correspondeu ao nível da nossa *glasnost*." É com irritação e certa mágoa que o jornalista e deputado recém eleito Mikhail Poltoranin analisa o trabalho dos meios de comunicação soviéticos durante o processo eleitoral. O descontentamento com a imprensa tem crescido a tal ponto que é possível que, como conseqüência da sua atuação nas eleições, o governo faça modificações na direção de algumas empresas jornalísticas.

Poltorani sabe do que fala, pois ele foi um dos expoentes da campanha do ex-chefe do PCUS em Moscou, Boris Yeltsin, o grande vencedor do pleito de domingo, apesar dos obstáculos e boicotes que sofreu. Dois fatos foram os mais notórios: o debate ao vivo na televisão, duas semanas antes do pleito, entre Yeltsin e seu adversário Brakov e a denúncia de Vladimir Tikhomirov, membro do Comitê Central, feita contra Yeltsin durante a plenária que elegeu os 100 deputados do PCUS no novo Parlamento.

No primeiro caso, a maioria das pesadas perguntas feitas a Yeltsin foi atribuída a moradores de Moscou. Só que tais moradores não foram encontrados. O uso de moradores fantasmas foi denunciado por Poltoranin no programa de televisão *Vzgliad* (*Olhar*), um dos raros exemplos de telejornalismo dinâmico e bem sucedido. Todo mundo falou da fraude mas os jornais não aprofundaram, a tv não deu nenhuma explicação e o repórter Sacha Politkovski, que convidou Poltoranin, quase perdeu seu emprego.

No segundo caso, Tikhomirov pediu uma comissão de ética para averiguar possíveis desvios de Yeltsin na campanha. Poucos dias depois um artigo com a mesma denúncia apareceu no *Moskovskaia Pravda*. Um ofendido Yeltsin escreveu uma carta-resposta, que só foi publicada 48 horas antes do pleito, depois de muitas pressões e brigas internas no jornal.

Esses e outros exemplos indicam a gravidade do momento vivido pela imprensa em Moscou e nas repúblicas onde, segundo Poltoranin, a manipulação foi bem pior, o que teria levado o povo a reagir com o voto. Até agora, são quase 50 os dirigentes do Partido que perderam a eleição.

Também recém eleito deputado, Leonid Kravchenko, principal dirigente da agência oficial Tass, acha que o equilíbrio na cobertura nem sempre foi respeitado, métodos antiquados foram usados e os leitores escreveram aos jornais demonstrando que eles não publicavam tudo. "Somos a ovelha forte no rebanho ruim." Com a ironia possível, Anatoli Lisenko, criador e diretor do programa *Olhar*, dá o tom da divergência reinante na TV, onde o programa é campeão de audiência com suas reportagens-denúncia. No mesmo canal, o telejornal *Vremia* (*Tempo*), equivalente ao *Jornal Nacional*, teve comportamento parecido com o do seu congênere brasileiro durante a campanha das diretas-já, em 84: obedeceu à política da casa e não deu nada até o final.

Novos deputados querem jornais mais destemidos e democráticos

A falta de neutralidde do *Moskovskaia Pravda*, as omissões do *Pravda*, a parcialidade da televisão, tudo isso são pontos negativos da campanha, admite o experiente comentarista político Kraievski, mas, como ele é otimista, garante: "Em breve teremos outra campanha e tudo será melhor, mais objetivo. Houve tentativas de elevar ou derrubar candidatos, mas os eleitores não se deixaram enganar. Os meios de comunicação também tiveram sua lição e irão aprender."

Menos otimista, o também experiente jornalista de origem armênia Marian Timanarian acha que o assunto passa pela biologia e pelo desenvolvimento das espécies. Segundo ele, o homem desenvolveu o pé para caminhar, a mão para pegar, a cabeça para pensar, etc. "Mas nossos jornalistas perderam todas as faculdades para fazer um bom trabalho. Vamos demorar muito para poder ver a recuperação deles", exagera.

Na verdade, o que se viu na imprensa foi o reflexo da briga maior entre conservadores e progressistas. A diferença é que, mantendo-se em lugares-chaves, os conservadores usaram habilmente a *glasnost* para investigar e julgar o passado ou abordar tabus na área de costumes (prostituição, câmbio negro, máfia dos alimentos, corrupção na Era Brejnev, etc). Com isso, acumularam méritos e mantiveram seus postos, sem olhar para dentro, sem mexer na estrutura.

Com a eleição, a contradição veio para dentro de casa. O eleitorado leu, viu e ouviu. No final, deu seu veredito, derrotando os dirigentes, elegendo os que querem acelerar a *perestroika* e que não tiveram espaço digno nos meios de comunicação. Essa derrota particular bateu no Kremlim. Afinal, foi aí que a *glasnost* foi proposta e certamente daí sairão as soluções.

Na última quarta-feira, Gorbachev reuniu os diretores dos meios de comunicação. Levou com ele Libatchev, conservador, e Medvedev e Razumosvski, liberais. Espera-se orientações, especula-se, como em todas as vezes em que há reuniões desse tipo. Ainda que todos torçam por alterações no sistema dirigente dos meios de comunicação oficiais, ninguém arrisca fazer qualquer tipo de prognóstico. Afinal, quando a briga vem para dentro de casa, é bom fazer tudo para diminuir o barulho, comentou um velho repórter soviético, que, escaldado por outras experiências, pediu anonimato.

Para deputados como Poltoranin e Kravtchenko, a solução seria mexer na estrutura do sistema e democratizar o acesso do público à informação. Os dois pensam em trabalhar no assunto depois da instalação do Parlamento. O primeiro tem uma proposta mais radical: descentralizar, diminuir a independência da iamprensa e dos jornalistas. Não a *glasnost* em pequenas doses, mas o livre acesso à informação e o fim do monopólio da distribuição. Segundo ele, o papel da imprensa não é o de um moço de recados do departamento ideológico do Comitê Central. Os jornalistas devem reunir-se num organismo democráticos e ter meios econômicos para sustentar sua independência. Bravo e magoado, o novo deputado confia em que o futuro será melhor.

Homossexuais na URSS, um tabu a menos

Vitya e Piotr já vivem juntos sem grandes sustos

MOSCOU — Vitya e Pyotr consideram-se casados. Na época em que tinham pouco mais de 20 anos, costumavam fazer ponto no Café Sadko, na Rua Gorki, e no ponto de ônibus perto do Teatro Bolshoi, em busca de *transas* de uma noite. Mas há seis anos eles vêm levando uma vida mais calma. Passaram a dividir um apartamento de dois quartos nos arredores de Moscou, tentando levar uma vida razoavelmente normal num país onde a prática do homossexualismo pode levar homens adultos ao campo de trabalhos forçados por até cinco anos.

"Temos sorte", diz Vitya. "Na maior parte das vezes não há vida *gay* na União Soviética. Só tristeza e uma vida de mentiras."

Advogados e cientistas que leram o projeto de uma revisão do Código Penal afirmam que o artigo 121 — que proíbe o sexo entre homens — será eliminado. Não existem leis contra o lesbianismo.

Mas mesmo na era da *glasnost*, o homossexualismo é ainda um tabu considerado, por vezes, uma perversidade, uma doença lamentável ou, segundo a Grande Enciclopédia Soviética, "uma manifestação da decadência ocidental".

O patologista chefe dos hospitais de Leningrado, Boris Malenkov, disse recentemente ao jornal *Vecherni Leningrad* que os homossexuais deveriam ser registrados pelo Estado para "serem tratados".

"As pessoas aqui acham que os *gays* são depravados e só desejam fazer sexo grosseiramente ou seduzir criancinhas", afirmou o sociólogo Igor Kon, cujo livro *Introdução à sexologia* foi publicado este ano. "Se você escreve um artigo, é considerado defensor de um fenômeno abominável e isto significa automaticamente ser homossexual, ou demoníaco ou parte de uma conspiração internacional", disse Kon.

De alguma forma, os *gays* na União Soviética acreditam que sua situação piorou. Nos "velhos tempos", disse Vitya, quando o homossexualismo não era "nunca, jamais" mencionado, ele e dezenas de outros *azuizinhos* — a gíria soviética para homossexuais — podiam fazer ponto no Blue Ring, perto do Bolshoi, em relativa paz. Normalmente a polícia os prendia apenas quando sentia que havia alguma ameaça a meninos menores de idade.

"Nessa época, era como se fôssemos uma doença que as pessoas preferiam ignorar", disse Vitya. Mas agora, gangues de jovens chamados *remonti* — literalmente homens do conserto — saem à procura de *gays* para espancá-los e roubá-los. "De tudo o que já ouvimos falar do Ocidente", acrescentou Vitya, "a vida aqui deve ser algo parecido com o que acontecia nos Estados Unidos nos anos 50. Somos párias."

Vitya e Pyotr, que têm trinta e poucos anos, estão bem conscientes das conseqüências dolorosas de se exporem. A maior parte dos homossexuais, homens e mulheres, levam vidas furtivas, muitas vezes se casam e têm até filhos, como uma espécie de disfarce. Vitya e Pyotr têm muitos amigos *gays* que se casam e escondem a verdade de suas mulheres, contendando-se ocasionalmente com relações homossexuais clandestinas.

Quando apareceu o primeiro artigo sobre Aids na imprensa soviética há três anos, um vice-ministro da Saúde, Nikolai Burgasov, confirmou que o vírus existia, mas afirmou que não havia nada a temer porque na União Soviética drogas e homossexualismo eram ilegais.

Aliedo

Apesar da discussão sobre Aids ter crescido consideravelmente e se tornado mais sofisticada nos dois últimos anos, o debate sobre homossexualismo ainda é imaturo e tímido.

Para se ter uma idéia, os moscovitas ainda se lembram com horror da noite, há alguns anos, de um dos primeiros *telebridges* (diálogo pela televisão via satélite) entre soviéticos e americanos, com os americanos fazendo perguntas aos soviéticos sobre questões sexuais. Uma soviética, ruborizada de vergonha, levantou-se da cadeira e gritou: "Nós, na União Soviética, não temos sexo!" Desde então, começaram a aparecer pela cidade *buttons* irônicos com o desenho do Kremlin e a frase: "Não temos sexo."

'Intifada' troca luta de rua por investida política

Glenn Frankel
The Washington Post

JERUSALÉM — A *intifada*, rebelião palestina nos territórios ocupados por Israel, está se transformando numa guerra secreta. Quinze meses depois que adolescentes palestinos, munidos de paus e pedras, começaram a luta pelo controle da Cisjordânia e da Faixa de Gaza, a *intifada* está saindo das ruas para se organizar numa luta menos visível e vulnerável.

Os comitês secretos e as milícias formadas por ativistas palestinos contra a rede de operadores e informantes do Shin Bet (serviço de segurança israelense) está trocando os coquetéis molotov e as armas de fogo por outro tipo de arma: dinheiro, contas bancárias e informações, transmitidas através de panfletos, telefones e máquinas de fac-símile.

"Como os israelenses conseguiram suprimi-la nos centros urbanos, a revolta passou a atuar num ambiente cada vez mais secreto", diz Joel Greenberg, correspondente do *Jerusalem Post* na Cisjordânia. "É como uma planta — você corta, pisa em cima, as raízes se espalham por baixo da terra, mas ela ainda sobrevive."

Continuidade — No ano passado, por exemplo, agentes de segurança israelenses julgaram ter infligido um sério golpe na *intifada*, ao prenderem quatro homens e apreenderem uma impressora num bairro rico da cidade cisjordaniana de Birch. Os homens foram expulsos para o Líbano. Duas semanas depois o folheto saía novamente.

"Estamos conseguindo cada vez mais controlar a violência", disse um comandante do Exército israelense que quis manter o anonimato. "Mas a essência da *intifada* não está no nível real de atividade, mas na maneira como é encarada pela população... senso de identidade, direção e organização" — coisas que, admite ele, o Exército não pode controlar.

A principal ferramenta dos palestinos é o Comando Unificado, um comitê diretor secreto, estabelecido poucas semanas depois de iniciado o movimento. Consta de representantes rotativos da Al Fatah e de três movimentos esquerdistas menores. Originalmente, o movimento também deveria ter um representante do movimento fundamentalista islâmico Jihad, mas os israelenses conseguiram esmagar suas células tão rapidamente que jamais o Jihad se tornou membro ativo.

AFP — Cisjordânia, 20/3/88

Os jovens palestinos descobriram que a informação pode ser mais eficiente do que as pedras

A grande arma do comando têm sido os 38 folhetos quase semanais publicados em seu nome desde que começou a *intifada*. Os membros do Comando Unificado preparam uma minuta e a transmitem por fac-símile ao Supremo Comando da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) para a Revolta, em Túnis. A OLP indica temas políticos e sugere modificações, mas os dias de greve e outras ações são decididos localmente. Os ativistas insistem em que o Comando Unificado tem sempre a última palavra. Os panfletos são distribuídos manualmente e também transmitidos por estações de rádio em Bagdá e Damasco.

As autoridades israelenses admitem que não podem acabar com os panfletos. "Se prendermos os que os escrevem — e já fizemos isso uma ou duas vezes — outro grupo os escreverá", disse o veteranao comandante do Exército israelente. "Mesmo que ponhamos as mãos nas máquinas impressoras ou nos próprios folhetos, as pessoas ouvirão seu conteúdo pelo rádio. Um exemplar é suficiente."

O Comando Unificado é a estrutura de âmbito regional mais visível. Mas seu coração vivo é a rede de células locais, comitês populares e forças de choque que recebem seus temas e princípios gerais do comando, mas funcionam independentemente. "As forças de choque, os comitês populares, os adolescentes constituem o verdadeiro poder nas ruas", disse um ativista da Fatah que também não quis que seu nome fosse divulgado.

Em Nablus, por exemplo, ativistas adolescentes são organizados em *comitês de choque* de 10 ou 15. Eles são designados para praticamente cada quarteirão da cidade, onde fazem com que as ordens estipuladas nos panfletos sejam obedecidas e os comerciantes cumpram as horas de greve. Na ausência de polícia local — todos os policiais se demitiram por ordem do Comando Unificado —, os comitês de choque resolvem disputas, dirigem patrulhas de bairro contra o crime e hostilizam criminosos conhecidos e traficantes de drogas e colaboracionistas.

O dinheiro tem sido um ingrediente chave. Fontes palestinas calculam que a OLP transferiu pelo menos US$ 300 milhões para os territórios durante o ano passado. A maior parte, para pagar salários a ativistas de tempo integral e cobrir despesas com o uso de carros, casas e máquinas impressoras.

O Exército israelense tentou acabar com isso, limitando a menos de US$ 500 a quantidade de dinheiro que os palestinos podem trazer para o país. Mas ambos os lados concordam que é praticamente impossível deter o fluxo de fundos. Qualquer ativista da Cisjordânia pode abrir uma conta bancária em seu nome no exterior.

A parte mais violenta da guerra secreta tem sido a luta no campo da informação. Antes da *intifada*, o Shin Bet mantinha uma extensa rede de colaboradores e informantes que forneciam dados detalhados e regulares sobre praticamente todos os aspectos da vida palestina. A revolta alterou dramaticamente o equilíbrio de poder.

Uma cilada para os árabes

Ricardo Setyon

JERUSALÉM — Usadas como equipamento-padrão para combate de distúrbios de rua, as balas de borracha do Exército israelense estão agora no epicentro de uma nova controvérsia. Desde a sua introdução há três meses, os projéteis disparados por fuzis comuns foram apresentados como um recurso para não causar mortes. Mas pelo menos dois palestinos, um deles um garoto de 10 anos, já perderam a vida por causa das balas. Agora, a imprensa israelense descobriu que o equipamento é produzido numa fábrica que usa mão-de-obra palestina.

A notícia não chegou a ser publicada porque os zelosos censores militares proibiram os jornais de mencionar o nome, endereço e até a identificação do dono da fábrica. O veto valeu como uma confirmação oficial de que a notícia era verdadeira. A parte da informação que escapou da tesoura militar revela que os palestinos empregados na fábrica acreditavam até agora estarem fazendo bolinhas de ferro para serem usadas como enfeites de mesa em festas de aniversário.

Estas bolinhas são revestidas de borracha e colocadas nos cartuchos de munição usados por soldados encarregados de reprimir a *intifada* (rebelião palestina contra a ocupação israelense da Faixa de Gaza e da Cisjordânia). A fábrica, localizada no distrito industrial de Jerusalém, deve se tornar agora um dos principais alvos da revolta palestina, após a divulgação da notícia de que as balas são feitas pelos mesmos árabes contra os quais elas são usadas.

Os projéteis de borracha foram desenvolvidos em Israel para substituir as balas de plástico importadas da Europa, que causaram quase 50 vítimas fatais no ano passado entre palestinos em choque contra tropas do Exército israelense. A explicação oficial era a de que o material plástico podia provocar ferimentos graves e até a morte. Tecnicamente, no entanto, as balas de borracha parecem ser mais perigosas, pois têm 98% de seu corpo em metal, pesam três vezes mais do que as de plástico e, se disparadas a menos de 50 centímetros, podem penetrar no organismo.

AFP — 17/1/89

Com 98% de metal, as balas de borracha já mataram dois

Jalalabad, último bastião da guerra

Batalha demora a definir rumo da situação afegã

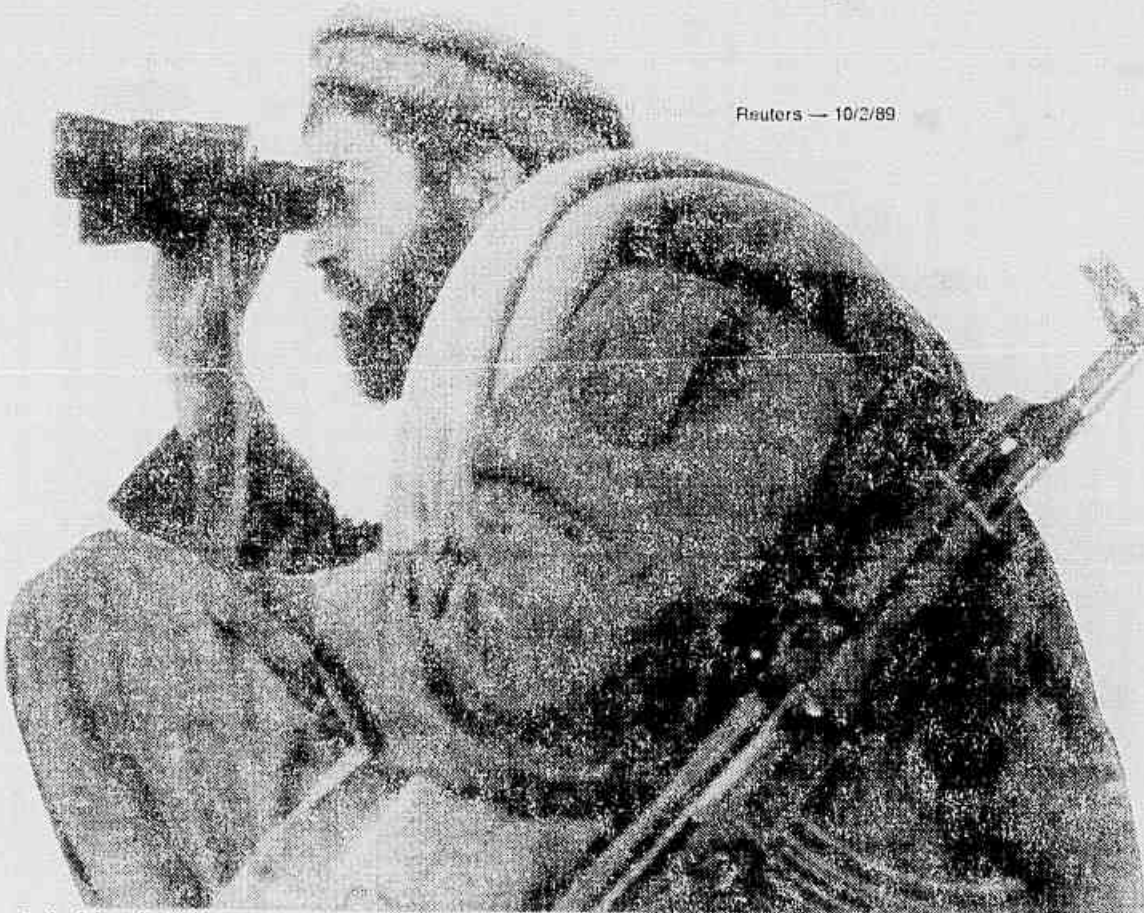
Richard Weintraub

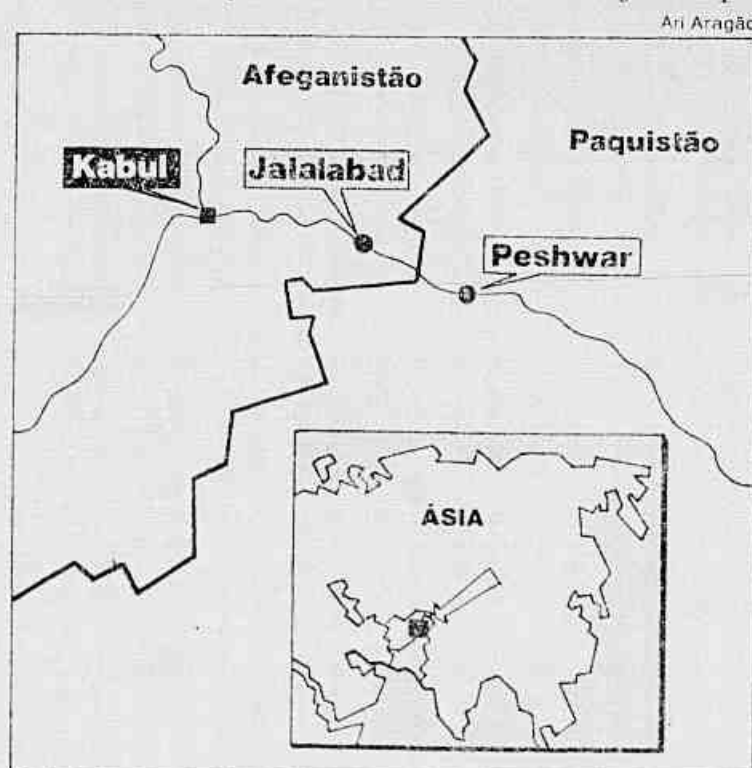
ISLAMABAD, Paquistão — Jalalabad resiste. A cidade, cujas origens remontam à época em que Alexandre o Grande conquistou a Índia, em 337 antes de Cristo, é ponto estratégico na ofensiva dos *mujahedins* contra o governo do presidente Najibullah, pois controla a rodovia que liga a capital afegã Cabul ao Paquistão, fonte de recursos e armas dos rebeldes. Centenas de combatentes de ambos os lados foram mortos e milhares de civis abandonaram suas casas nos últimos nas últimas semanas, período que já dura a maior e mais decisiva batalha nos 10 anos de guerra civil no Afeganistão.

Estima-se entre 6.000 e 8.000 o número de rebeldes *mujahedins* que cercam Jalalabad, em alguns pontos a menos de quatro quilômetros do centro da cidade, a terceira mais importante do país. Para defendê-la, calcula-se que o governo disponha de aproximadamente 12.000 os soldados. O teste de força, que muitos diplomatas ocidentais esperavam durasse uma semana, se tanto, ganha novas proporções a cada dia que passa. O fracasso na tentativa de tomar a cidade pode representar uma séria derrota para os *mujahedins* e o governo provisório declarado no mês passado. Serviria também para estimular as tropas do governo, que lutam sua primeira batalha sem o apoio do Exército soviético.

Guerrilha — O confronto pode determinar o futuro da guerra, que já matou mais de um milhão de pessoas e deixou o interior do Afeganistão devastado. As forças do governo, concentradas em uma dúzia de cidades importantes e alguns povoados, desafiam os rebeldes a deixarem as táticas de guerrilha usadas até agora e atacarem suas bem guardadas posições. A habilidade dos *mujahedins* em adotar uma estratégia de guerra convencional pode determinar se o conflito irá terminar em questão de meses ou se acabará transformando-se num crescente e sangrento impasse. A resposta trará grandes conseqüências para ambos os lados e seus aliados, especialmente Paquistão e Estados Unidos, que armam e apóiam a guerrilha anti-comunista.

As baixas entre os rebeldes, segundo diplomatas que têm acompanhado o conflito, são conservadoramente calculadas em torno de 150 mortos e mais de 500 feridos, ainda que fontes do governo afirmem que mais de 500 guerrilheiros morreram em apenas um setor de cerco a Jalalabad. As baixas entre as tropas do governo são ainda menos claras, mas a Rádio Cabul admite perdas significativas e os guerrilheiros falam em mais de 700 mortos. Refugiados em busca de segurança nos hospitais de Peshwar, no Paquistão, falam em um grande número de mortos e feridos por bombas e morteiros.

Muitas das baixas rebeldes refletem a inexperiência dos *mujahedins* em

Reuters — 10/2/89

Rebelde observa posições do Exército num confronto que dura mais que o previsto

Jalalabad recebe reforços por terra do Paquistão

combates convencionais. Num incidente próximo ao aeroporto de Jalalabad, testemunhado pelo correspondente do jornal *The Washington Post* Timothy Weaver, um grupo de 500 rebeldes, acreditando nos rumores de que a guarnição que defendia o aeroporto havia fugido, simplesmente pegou suas armas e rumou para o objetivo, sendo surpreendido pelos disparos dos soldados do governo.

Foi o temor de perdas em grande escala que fez os líderes rebeldes adiarem os ataques a Jalalabad e outras cidade desde que as tropas soviéticas deixaram o país, em 15 de fevereiro. Os comandantes afirmam que a vitória poderia custar a vida de tantos civis e danificar tanto as cidades que seria questionável. Os *mujahedins* também temem que o governo bombardeie severamente qualquer cidade por eles conquistada, muito mais do que as forças soviéticas fizeram antes.

Em entrevistas, líderes rebeldes na área de Jalalabad dizem preferir uma rendição negociada das tropas do governo a um ataque final. Mas a pressão para uma solução rápida começa a crescer por parte dos assessores militares paquistaneses, para dar impulso ao governo provisório declarado pelos *mujahedins* e deixá-lo em melhor posição para ser reconhecido pelos outros países islâmicos.

Refugiados — Muitos paquistaneses esperavam também que a retirada das tropas soviéticas permitisse que alguns dos 3 milhões de refugiados afegãos no país começassem a retornar ao Afeganistão. Ao contrário, mais de 17.000 novos refugiados foram registrado pelas autoridades paquistanesas desde que a luta começou a Jalalabad, e milhares ainda são esperados.

Enquanto uma vitória rebelde em Jalalabad é considerada crucial para manter o avanço dos *mujahedins*, ainda não está claro o que uma derrota pode significar. Analista ocidentais acreditam que o prolongamento da guerra pode levar a um racha nas difícil aliança entre os principais grupos guerrilheiros. No mínimo, um longo impasse no conflito pode representar uma situação perigosa não apenas entre os rebeldes, mas também no relacionamento com seus aliados paquistaneses, especialmente diante da relutância de alguns dos principais comandantes *mujahedins* em tentar tomar Jalalabad de assalto.

Carta de Lisboa

Novo acordo para ortografia já não assusta Portugal

O avião aterrisa no Brasil mas aterra em Portugal, depois de decolar aqui e descolar lá. E enquanto o português carrega o autoclismo na retrete do seu avião, o brasileiro, no seu, aperta a descarga do vaso sanitário. O primeiro usou a casa de banho. Mas quando o brasileiro, ao desembarcar, perguntou ao guardavidas português onde estava o banheiro, ouviu como resposta: "Sou eu." Na verdade, as diferenças lingüísticas parecem tantas que o jornalista brasileiro Dudu Guenes se esmera, nos seus 15 anos de Portugal, em aprontar um *Dicionário luso-brasileiro*, contendo mais de 1.500 palavras com duplo sentido. Mas o presidente da Academia de Ciências de Lisboa, Jacinto Nunes, garante que nas 110 mil palavras mais usuais da língua portuguesa nos dois países, as diferenças somam apenas 1,98%.

Escarapates — Guenes ainda recorda que Machado de Assis colocava, em seus livros, os pratos nos escaparates (como se diz em Portugal) e não nas prateleiras, enquanto Eça de Queiroz vestia seus personagens com paletó (como é usual no Brasil) e não de fato. Nossos clássicos estariam de algum modo antecipando-se ao Acordo Ortográfico que Jacinto Nunes vai, a partir desta semana, discutir uma vez mais no Brasil, depois de ter passado pelas ex-colônias africanas. Nunes acha que o novo acordo tem 80% de chances de ser aprovado.

Não deixa de ser um avanço. Poucas coisas irritam mais um português do que as alterações na língua que há mais de 500 anos vem se espalhando pela América do Sul, Ásia e África. Há pelo menos meio século vem-se tentando, sem sucesso, um acordo ortográfico para a última flor do Lácio. Mas a última reforma ortográfica foi mesmo aquela que, em 1911, despedia-se saudosamente do sofisticado *ph* em favor da finura do *f*.

Há três anos, a última tentativa de acordo propunha a queda dos acentos que colocam um *chapéu* sobre a cabeça do brasileiro Antônio e um acento agudo sobre o António português. Mas neste projeto os portugueses capitularam ao aceitar abrir mão das consoantes mudas — mantendo, entretanto, o c de facto (já que fato é terno) e permitindo um c no nosso aspecto.

"Os portugueses sempre tiveram uma reação que tem menos a ver com acentos e mais com emoção", admite Jacinto Nunes, referindo-se às campanhas promovidas contra um acordo ortográfico. Em 1986, o presidente do Grêmio Literário, Geraldo Lanes, reuniu 15.000 assinaturas de apoio ao Movimento contra o Acordo Ortográfico. Lanes garante: "Nem o Brasil pode sair ufano nem os portugueses dominados. Quando ouço falar de acordo não tiro logo o revólver, mas fico à beira da fúria, acho tudo de mau gosto, uma chanchada, um aborto, um desrespeito ao povo português."

Mas desta vez, celebrando um esplêndido momento de unificação entre os povos de língua portuguesa, o projeto do acordo ressuscita o *x*, o *y* e o *w* — mas mexe menos nas diferenças, embora traga muito mais modificações para Portugal do que para o Brasil.

Não faz muito tempo, o ministro da Cultura, José Aparecido de Oliveira, veio a Portugal fazer o que chamou de "viagem de Vasco da Gama pelo ar" — visitando em sete dias Portugal, Moçambique, Guiné, Angola, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe — para propor a criação de um Instituto Internacional de Língua Portuguesa. O ministro acordou Portugal para um ponto: na virada do século seremos 250 milhões de pessoas a falar o português, a sétima entre as 11 mil línguas faladas no planeta.

Também ficou claro que, entre proteger o português do *brasileiro* das novelas da Globo e proteger o português do gigantismo da Comunidade Econômica Européia, Portugal optou pelo último. Há pouco mais de um mês, quando o ministro do Exterior João de Deus Pinheiro fez em Paris um discurso em inglês durante uma conferência sobre armas químicas, Portugal veio abaixo. "Não há culturas maiores nem menores, há culturas", dizia o escritor José Saramago. "É preciso reviver e não esconder o português", reclamaram os jornais de Lisboa. Agora Portugal mostrou estar resolvido a se aliar a seus parceiros lingüísticos, e se afirmar na CEE dando vivas ao português.

"Portugal vem se comportando como o novo rico do desenvolvimento, ainda feito um provinciano deslumbrado com a Europa, quando são a África e a América Latina que contêm a nossa reserva de valores", dizia o escritor Antonio Alçada Baptista nos intervalos do Primeiro Congresso de Língua Portuguesa.

Corrupção — Foi a festa do português em todos os seus sotaques que celebrou diferenças e igualdades. Na sua palestra, a psicanalista paulista Betty Milan contou a história de um brasileiro que, ao pedir ao sapateiro português para trocar o salto do sapato, viu o salto do pé direito ir parar no pé esquerdo. Diante da irritação do brasileiro, o português ensinou: "O senhor devia ter pedido para substituir, não para trocar."

"É a mesma história do telegrama do Lourival Fontes em 1932 sobre um atentado ao governador negro de Alagoas. Ele perguntava ao chefe de gabinete se Menezes Pimentel havia sido alvejado e recebeu a resposta: 'Não, senhor, continua negro'", conta, rindo, Antonio Alçada Baptista. "Os portugueses", diz, "estão começando a compreender que a vitalidade de uma língua vive de sua corrupção, caso contrário estaríamos todos falando latim. Se continuarmos a fechar barreiras, vamos apenas estimular entre países da mesma língua aquele sintoma que Freud chamava de socialização da esquizofrenia."

Norma Couri

Argentina vive clima pré-eleitoral

Candidatos pouco confiáveis deixam eleitor confuso

Maurício Cardoso
Correspondente

Reuters — 22/11/88

Menem tornou-se favorito com o 'slogan' 'Sigam-me'

BUENOS AIRES — A 45 dias de eleger o sucessor de Raul Alfonsin, os argentinos estão mais preocupados com o futuro do país do que com o futuro presidente. A falta de experiência em processos democráticos de transferência de poder e o descontrole das variáveis econômicas, aliados a um calendário eleitoral confuso e candidatos pouco confiáveis transformaram a campanha eleitoral numa angustiante caminhada para um destino desconhecido e temido.

As pesquisas de opinião indicam com clareza a provável vitória do candidato peronista Carlos Saul Menem. A última pesquisa do instituto de opinião pública AyC, publicada nesta semana pela revista Somos, mostra que 38,8% dos eleitores estão dispostos no candidato peronista, contra 29,2% que se declaram em favor do radical Eduardo Angeloz, que representa o partido do governo.

Se Menem tem na conturbada política econômica do governo seu principal cabo eleitoral, Angeloz e os radicais revolvem o passado em busca de desmandos peronistas para aliar a sua campanha. A estréia nos cinemas de Buenos Aires, na última quinta-feira, do filme *Licença para pensar*, encheu de indignação os articuladores peronistas. O filme, uma colagem de noticiários e filmes da época em que os peronistas chegaram pela primeira vez ao poder com Juan Domingo Peron, procura mostrar o totalitarismo do partido de Menem. Embora o diretor Eduardo Meilij tenha pretendido fazer apenas um documentário, o lançamento do filme em plena reta de chegada da campanha foi automaticamente incorporado pelo clima eleitoral.

A vitória anunciada de Menem é o primeiro fator de temor dos eleitores em geral, aí incluídos os peronistas. Durante a semana, o presidente do partido e governador de Buenos Aires Antônio Cafiero lançou a idéia de se formar um governo de coalizão depois encabeçado pelo presidente a ser eleito no dia 14 de maio. A idéia visa a diminuir o poder de Menem e seu autor conhece bem o alvo que mira. Cafiero era o candidato ungido pelo partido para ser o candidato peronista à sucessao de Alfonsin. Menem desafiou toda a máquina do partido e, numa eleição limpa e democrática, conquistou as bases e a candidatura.

As juras de eterna vocação democrática do favorito a ocupar a Casa Rosada não chegam para compensar as armadilhas da legislação eleitoral. A primeira arapuca armada é o calendário eleitoral. No dia 14 os eleitores não escolhem um presidente, mas um eleitor para representá-lo no colégio eleitoral que se reúne no dia 10 de agosto para referendar - ou não - a vontade popular. E a posse está marcada para o dia 10 de dezembro. De maio a dezembro estarão funcionando todas as usinas de incertezas e crises.

O que vai acontecer no colégio eleitoral é impossível de se prever. A tradição sempre funcionou no sentido de confirmar o resultado da votação popular, com seus membros despejando seus votos no candidato que venceu, ainda que não tivesse obtido maioria. Pela primeira vez surge a possibilidade de duas forças afins — como aparentemente são a União Cívica Radical e a União de Centro Democrático — se unirem e derrotar o peronismo. O artifício está previsto na Constituição que prevê o funcionamento do colégio eleitoral, mas causa arrepios entre os peronistas e seus aliados. O veterano deputado Oscar Allende, do Partido Intransigente, que apóia Menem, já indicou até a solução para o problema, se ele vier a ocorrer: uma *pueblada*. Mais ou menos o que pretendiam os terroristas que invadiram o quartel de La Tablada em janeiro: o povo na rua em marcha para tomar o poder. Outros, como seguidores do coronel Mohamed Seineldin chefe da rebelião militar de Vila Marteli em dezembro, vão direto ao tema e sugerem um golpe de estado.

AFP — 29/3/89

AFP — 13/2/89

Noriega (E) ainda tem prestígio suficiente para eleger presidente o amigo Carlos Duque

Pressão dos EUA não conseguiu desestabilizar general Noriega

Denis Hautin-Guiraut
Le Monde

CIDADE DO PANAMÁ — Estranho país. O cenário já é único: um istmo como território — com um canal como símbolo — onde vivem 2 milhões de habitantes, mais de 15 mil soldados americanos e onde está instalada uma centena de bancos. As múltiplas pressões políticas e econômicas exercidas por Washington há mais de um ano deveriam ter modificado a fisionomia política e econômica da capital. Na verdade, nada, ou quase nada, parece ter mudado.

Em junho de 1987, os Estados Unidos *descobriram* que seu protegido e aliado, o general Manuel Antonio Noriega, era traficante de drogas, corrupto, ditador. Passaram a exigir sua saída. Pois o comandante das Forças Armadas do Panamá, qualificado de *homem forte*, era, de fato, o único dirigente real do país.

A menos de dois meses das eleições gerais de 7 de maio, o general desistiu — como o atual presidente, Manuel Solis Palma — de se candidatar, mas não de desempenhar um papel. O candidato à presidência é o homem de confiança de Noriega. Ele é Carlos Duque, que há muito tempo toma conta de seus negócios e dos de boa parte do Exército, que mistura a prática das armas com a dos negócios. Com ele estão Ramón Sieiro, cunhado de Noriega, e Aquilino Boyd, diplomata de carreira. Uma **troika** inteiramente devotada ao comandante das Forças Armadas.

Politicamente, a cruzada de Washington parece ter fracassado. Em contrapartida, o antiamericanismo se mostra abertamente no Panamá. Diante da embaixada dos EUA, um imenso painel representa três rostos, entre os quais o do atual embaixador Arthur Davis, com este comentário: "O povo rejeita esses gringos." Em seu primeiro discurso, o candidato Carlos Duque desejou que partissem do território panamenho "até o último dos soldados americanos", e denunciou "a agressão econômica e militar" do grande vizinho.

Michael Polt, conselheiro político da embaixada americana, não acredita que "o sentimento antiamericano seja realmente importante". O próprio Carlos Duque afirmou em seu último discurso: "Não somos inimigos do povo americano e queremos dizer ao novo presidente dos EUA que o Panamá é um povo amigo."

Na verdade, no Panamá, o espetáculo é o principal. E os atores, políticos e econômicos, gostam de brincar com a realidade. É o teatro das aparências.

O mesmo acontece com a economia. Após as sanções americanas visando a empobrecer o Estado, o fechamento de bancos em março do ano passado e problemas diversos, seria de esperar encontrar um país em plena recessão. Os primeiros sinais desta suposta degradação parecem evidentes: **free shops** pouco sortidas, circulação menos densa na capital, restaurantes quase desertos, vendedores ambulantes oferecendo frutas, legumes e objetos diversos. Segundo a embaixada americana, o nível de vida teve uma queda brutal: em apenas um ano, o PNB *per capita* caiu de US$ 2.284 para US$ 1.830.

Paradoxos — Este balanço, porém, deve ser ponderado com cuidado. A venda de direitos para navios estrangeiros usarem a bandeira do país bateu todos os recordes. Todo mês, vendem-se seis carros Porsche último modelo. As taxas de lucro das empresas e do comércio, depois de terem **baixado** para 23%, retomaram o confortável nível de 30% dos melhores anos. Guillermo Chapman, economista responsável por um centro de estudos, acha que, no essencial, "a coluna vertebral da economia panamenha não foi muito atingida". E explica: "As rendas do canal aumentaram 2%, as da zona livre de Colón registraram apenas uma ligeira baixa da ordem de 3%."

E há uma coisa mais paradoxal: no mesmo momento em que Washington adotava sanções, o Pentágono reforçava sua presença no Panamá. "Os 15 mil militares americanos vivem e consomem aqui. É um afluxo de dinheiro não desprezível e que tem aumentado", diz Guillermo Chapman.

"No geral", comenta outro observador, "a situação só é dramática pela incerteza que provoca quanto ao futuro. Mas o presente nada tem de desastroso. Graças à crise, aumentou a competitividade, as empresas reorganizaram e racionalizaram seu trabalho. Houve redução de salários, aposentadorias, diminuição de horas de trabalho."

Assim é que os ricos continuam bem e os pobres nem sequer viram a mudança de situação. A classe média, a mais atingida (a taxa de desemprego está por volta de 25%), é que teve de baixar seu padrão de vida.

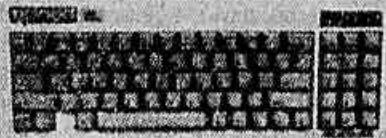
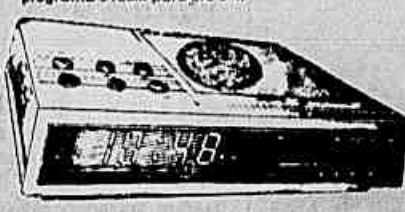
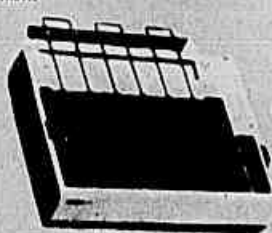
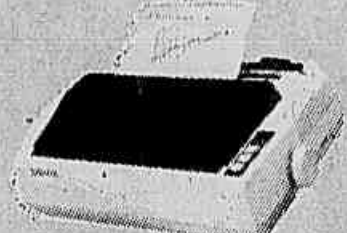
Neste quadro, resta a incerteza das próximas eleições. Pois neste país de jogo duplo e linguagem dupla, qualquer previsão é arriscada. A oposição baseia sua campanha no tema do "plebiscito de fato", organizado, segundo ela, pelas autoridades panamenhas em torno do general Noriega. Guillermo Endarra, Ricardo Arias Calderón e Guillermo Ford, os candidatos dos três principais partidos de oposição (Panamenho Autêntico, Democrata Cristão e Liberal), obtiveram, no lançamento de sua campanha, o apoio da Internacional Democrata Cristã, que, no início de fevereiro, reuniu seu birô político na Cidade do Panamá.

Nos meios opocicionistas, há certa inquietação quanto à atitude americana. Os Estados Unidos fizeram tudo para conseguir a saída de Noriega, o "inimigo comum", e desejam oficialmente a realização de eleições livres e honestas. Mas a oposição guarda uma lembrança desagradável do reconhecimento, por Washington, dos resultados das últimas eleições de 1984, que ela assegura haver vencido, e teme a repetição dessa "punhalada nas costas". Ainda mais que os meios americanos desenvolvem uma nova campanha sobre o tema "o Panamá já não é importante para nós nem tem mais o mesmo interesse estratégico de antes".

Quanto ao real estado de espírito da população, é uma incógnita. A oposição, baseada em pesquisas de opinião pouco rigorosas, afirma ter 75% dos votos. Em contrapartida, o poder calcula que a maioria da população lhe é fiel.

"Uma coisa é certa", diz o ex-ministro do Comércio Mario Rognoni, hoje candidato a deputado: "O ex-presidente Eric Delvalle" — deposto pelo general Noriega e ainda reconhecido pelos EUA como chefe do Estado panamenho — "não poderá mais ser considerado por Washington como presidente do Panamá no próximo dia 14 de maio. Os americanos terão de reconhecer o próximo chefe de Estado."

MAIOR VARIEDADE - MENOR PREÇO
ENTREGA IMEDIATA

TK 3000 IIe MICRODIGITAL
Memória básica de 64K e teclado numérico incorporado.
À VISTA: 559,46
OU EM 3 x IGUAIS

RÁDIO RELÓGIO DLE-380 CCE
AM/FM, TV Band — sintoniza 2 canais de TV. Sleep programa o rádio para até 2 h.
À VISTA: 44,98
OU EM 3 x IGUAIS

IMPRESSORA GRAFIX MTA
80 colunas e 80 CPS. Compatível com micros de 8 bits APPLE e MSX.
À VISTA: 499, OU EM 3 x IGUAIS

IMPRESSORA GRAFIX 80 FT
80 colunas. 160 CPS. P/ todos os micros. Puxa folha solta.
À VISTA: 678, OU EM 3 x IGUAIS

IMPRESSORA GRAFIX GS 800
80 colunas. 200 CPS. Buffer 4K. P/ todos os micros. Puxa folha solta.
À VISTA: 749,
OU EM 3 x IGUAIS

FITA CASSETE GN 60 GRADIENTE
Desempenho e qualidade à toda prova.
À VISTA: 1,99
GRÁTIS: Na compra de 10 fitas, 1 estojo Leo!

ARQUIVO PARA FITAS GRADIENTE
Do tamanho exato de seu equipamento de som.
À VISTA: 29,90

CONJUNTO PULSAR DS 25 GRADIENTE
Amplificador e equalizador, AM/FM, T. Discos belt-drive, cx. bass reflex, rack opcional.
DUPLO DECK
À VISTA: 532,35 OU EM 3 x IGUAIS

CONJUNTO MAGIC STAR DS 30 GRADIENTE
90 W PMPO, controle remoto infravermelho, 12 memórias AM/FM, karaokê, cx. bass reflex, rack opcional.
DUPLO DECK
À VISTA: 804, OU EM 3 x IGUAIS

CONJUNTO CONQUEST GRADIENTE
135 W controle remoto s/fio, 12 memórias, AM/FM, karaokê, laser disc e rack opcionais.
DUPLO DECK
À VISTA: 849, OU EM 3 x IGUAIS

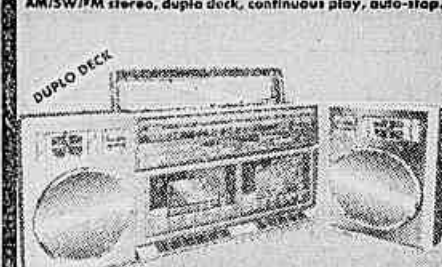
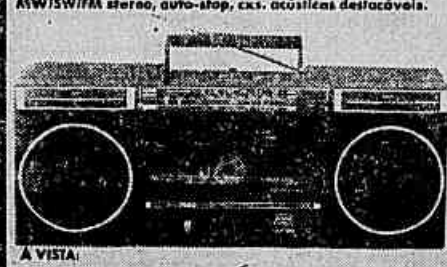
CONJUNTO STRIKE MS7/BS60 GRADIENTE
Sintoniza canais de TV, karaokê, rack opcional.
À VISTA: 369, OU EM 3 x IGUAIS

CONJUNTO DOUBLE STRIKE MS77/BS60 GRADIENTE
Sintoniza canais de TV, karaokê, rack opcional.
DUPLO DECK
À VISTA: 479, OU EM 3 x IGUAIS

CONJUNTO STARLET MS5 GRADIENTE
80 W PMPO, deck auto-stop, t. discos belt-drive, cxs. acústicas bass reflex, rack opcional.
À VISTA: 278,16 OU EM 3 x IGUAIS

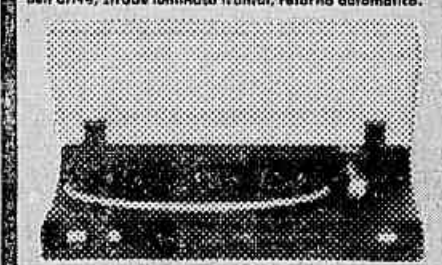
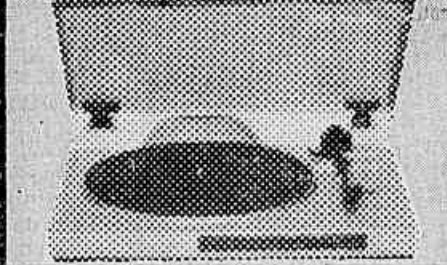
MICRO SYSTEM PARTNER CS5 GRADIENTE
Continuous play, 80W PMPO, karaokê, 2 faixas para sintonia de TV.
DUPLO DECK
À VISTA: 309,84 OU EM 3 x IGUAIS

AIKO MICRO SYSTEM S.3000
Cassete deck stereo, AM/FM, amplificador de potência, 2 cxs. acústicas.
À VISTA: 323,80 OU EM 3 x IGUAIS

MICRO SYSTEM MS22 CCE
AM/SW/FM stereo, duplo deck, continuous play, auto-stop.
DUPLO DECK
À VISTA: 149,90 OU EM 3 x IGUAIS

MICRO SYSTEM MS20 CCE
MW/SW/FM stereo, auto-stop, cxs. acústicas destacáveis.
À VISTA: 139,90 OU EM 3 x IGUAIS

RÁDIO GRAVADOR CS840 CCE
Auto-stop, continuous play, duplo deck, microfones embutidos.
À VISTA: 129,90
OU EM 3 x IGUAIS

CÂMARA MIRAGE
Compacta, portátil e eficiente.
À VISTA: 39,90
OU EM 3 x IGUAIS

TOCA-DISCO TS 5 GRADIENTE
Belt drive, retorno automático.
82,32 OU EM 3 x IGUAIS

TOCA-DISCO BD 5000 CCE
Belt drive, strobo luminoso frontal, retorno automático.
À VISTA: 94,22 OU EM 3 x IGUAIS

TOCA-DISCO AKAI
À VISTA: 149,90 OU EM 3 x IGUAIS

CÂMERA YASHICA MF 3 SUPER
Compacta, portátil e eficiente.
Flash embutido.
Várias cores.
À VISTA: 89,90
OU EM 3 x IGUAIS

CÂMERA YASHICA MF-MOTOR
Compacta, flash embutido, fácil manejo.
À VISTA: 139,
OU EM 3 x IGUAIS
GRÁTIS: 1 filme 24 poses e 1 bolsa térmica Leo

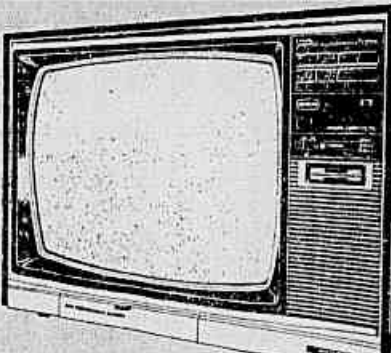
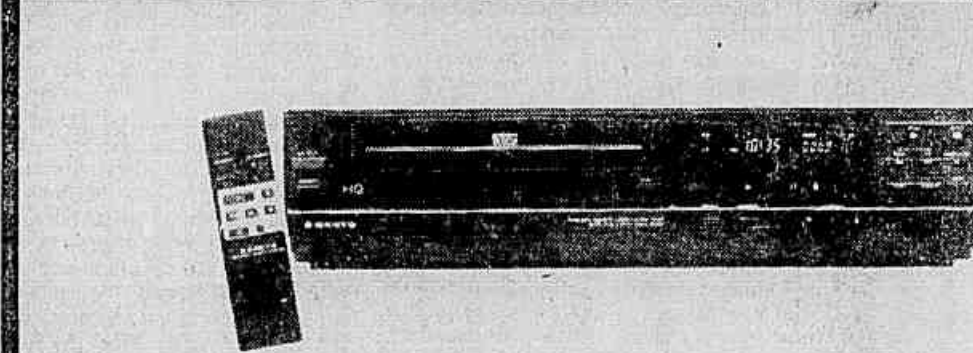
CALCULADORA HP 20S CIENTÍFICA
Sistema algébrico, funções matemáticas. Programação, memória 10 linhas, visor 12 caracteres.
À VISTA: 89,50
OU EM 3 x IGUAIS

CALCULADORA HP-32S CIENTÍFICA RPN
Sistema RPN, estatística, conversões, programação, memória 27 registros, visor alfanumérico.
À VISTA: 119,50
OU EM 3 x IGUAIS

CALCULADORA HP-14B DE NEGÓCIOS
Sistema algébrico, estatística, funções finanças e negócios, memória 4 registros, visor 12 caracteres.
À VISTA: 129,50
OU EM 3 x IGUAIS

CALCULADORA HP-12C FINANCEIRA
Funções matemáticas, financeiras, estatística, programação.
À VISTA: 148,15
OU EM 3 x IGUAIS

CALCULADORA HP 27S CIENTÍFICA FINANCEIRA
Sistema algébrico, estatística, finanças, interface p/ impressora, 22 caracteres alfanuméricos.
À VISTA: 178,80
OU EM 3 x IGUAIS

TV COLOR HPS-2010 CCE 20"
HPS, AFC, VHF e UHF, teclas push-switch, AFT — controle automático de sintonia, free-voltage.
À VISTA: 479,90
OU EM 3 x IGUAIS

STEREO VIDEO SYSTEM IMPACT GRADIENTE
Estéreo dolby, efeito surround, já vem transcodificado, 2 cxs. acústicas, controle remoto.
À VISTA:
PREÇO IRRESISTÍVEL

VIDEO CASSETE VHR 1100 MB SANYO
2 cabeças, sistema high quality, rebobinamento e memória operação, controle remoto s/ fio, automático, 3 velocidades de
À VISTA: 759,90
OU EM 3 x IGUAIS

VIDEO CASSETE VHR 1600 MB SANYO 3 CABEÇAS
3 cabeças, pausa de imagem, controle remoto s/fio, 3 velocidades de reprodução e gravação.
À VISTA: 869,90
OU EM 3 x IGUAIS

FITA PARA VIDEO CASSETE GRADIENTE
T.120. Alto padrão de qualidade.
À VISTA: 8,49
GRÁTIS: Na compra de 6 fitas, 1 estojo LEO

CINE - FOTO - SOM - INFORMÁTICA

Av. Rio Branco, 156 - Loja XIII - Tel.: 262-0236 e 262-0285
Edifício Avenida Central
R. Gonçalves Dias, 45 - Tel.: 222-3548
R. do Ouvidor, 130 - Loja L e M - Tel.: 242-1367
Estr. do Portela, 99 - Loja 122/153 - Tel.: 359-5766
Pólo 1 de Madureira
Rua Viúva Dantas, 80-C - Tel.: 394-0770 - Campo Grande.

BREVE NO MÉIER!

Revele seu filme no Leo e
GANHE 15 % de desconto
+ BRINDES

PREÇOS PROMOCIONAIS VÁLIDOS ATÉ 05/04.

Namíbia começa independência com ataque e 40 mortos

WINDHOEK, Namíbia — Uma incursão militar da guerrilha da Organização do Povo do Sudoeste Africano (Swapo) causou 40 mortes na fronteira da Namíbia com Angola, no primeiro dia do processo de transição da Namíbia para a independência em relação à África do Sul. O ministro sul-africano de Relações Exteriores, Roelof Botha, disse que o incidente criou "uma situação extremamente grave", e ameaçou expulsar as tropas de paz da ONU que acabam de se instalar na Namíbia para garantir o processo de transição, se o secretário geral Javier Pérez de Cuéllar "não assumir uma posição clara" sobre a violação do cessar-fogo pelos guerrilheiros.

Segundo Botha, 38 guerrilheiros e dois policiais da Namíbia — território colonizado pela África do Sul há mais de 70 anos — morreram quando cerca de 60 homens da Swapo atravessaram a fronteira de Angola em direção à Namíbia, em desrespeito ao cessar-fogo que entrou em vigor no início da manhã de ontem. Ele acrescentou que 14 policiais ficaram feridos, considerando que "a declaração escrita da Swapo de que cessaria todos os atos de hostilidade é uma farsa".

Investigação — Foi este o confronto com maior número de mortos neste conflito, desde que um ataque aéreo angolano-cubano matou 12 soldados sul-africanos no dia 27 de junho do ano passado. Ele ocorreu pouco antes de dezenas de milhares de pessoas irem às ruas das cidades da Namíbia para começar o início do processo de libertação da África do Sul.

"A menos que o secretário geral da ONU torne bem clara sua posição sobre esta flagrante violação da decisão do Conselho de Segurança, baseada em acordos internacionais, o governo sul-africano só terá a escolha de exigir que o Grupo de Assistência das Nações Unidas para o Período de Transição (Untag, em inglês) se retire da Namíbia, até que a Swapo seja chamada à razão", declarou Botha.

Martti Ahtisaari, o representante especial da ONU na Namíbia, enviou imediatamente uma equipe para investigar o incidente, ocorrido na mesma região de Ruacana onde na véspera 13 militares prisioneiros angolanos e três cubanos foram trocados por um sul-africano.

A denúncia de Botha foi feita horas depois que a primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, concluiu sua viagem de seis dias a quatro países da África com uma imprevista visita à Namíbia, onde dezenas de milhares de pessoas foram às ruas para festejar o início do período de transição para a independência.

Thatcher chegou do Malawi, e foi recebida por Ahtisaari, pelo comandante das forças internacionais de paz da ONU, general Prem Chand, e o administrador geral sul-africano Louis Pienaar. Sua visita foi interpretada como um gesto de apoio ao processo de independência e um sinal de que os britânicos e a ONU não permitirão que a África do Sul volte atrás.

"A atuação desta unidade pode ajudar a determinar todo o futuro do sul africano. Ela representa a paz, a liberdade, a independência e a justiça", disse Thatcher, referindo-se à Untag, durante visita ao quartel do contingente de representantes britânicos nesta força.

Depois de anos de guerra de guerrilha, a África do Sul aceitou em dezembro a resolução 435 aprovada em 1978 pelo Conselho de Segurança ONU para dar a independência à Namíbia. O acordo prevê que Cuba retirará gradualmente da vizinha Angola seus 50.000 soldados, que davam apoio ao governo angolano contra a guerrilha da Unita, apoiada pela África do Sul. E o governo sul-africano supervisionará, juntamente com a ONU, as eleições que em 1º de novembro formarão uma Assembléia Constituinte na Namíbia, ou África do Sudoeste.

O general Prem Chand presidiu uma breve cerimônia na base militar da ONU em Windhoek, para marcar o início do processo de independência, enquanto multidões dançavam e cantavam no centro da cidade. Mas um incidente com a polícia sul-africana se registrou nas proximidades da capital, quando cerca de 15.000 habitantes da cidade próxima de Katutura tentaram marchar sobre Windhoek.

Vestidos em sua maioria com as cores da Swapo — o grupo guerrilheiro que vinha lutando contra a dominação sul-africana, e que deve ganhar as eleições —, os manifestantes protestavam contra os planos de privatizar serviços públicos na região. "Fora sul-africanos!", "Liberdade igual a socialismo" e "Viva Cuba! Viva Angola!" eram alguns dos *slogans* que carregavam em faixas e cartazes. Eles foram barrados, mas depois de meia hora de negociações retornaram sem maiores incidentes. "Onde está a Untag? Se a Untag não nos ajudar, as coisas voltarão a ser como antes", queixou-se George Benjamin, um dos organizadores da manifestação.

Cerca de 1.000 dos 4.650 militares de 20 países que assegurarão em nome da ONU o processo de transição já estão na Namíbia. A Untag, instalada em 50 quartéis no território da Namíbia, já iniciou seu trabalho, que inclui a desmontagem de minas junto à fronteira com Angola e a supervisão do retorno de refugiados.

Windhoek, Namíbia — Reuters

Manifestantes celebram o início do processo de independência homenageando Nujoma

Um mercado nem tão comum

Portugal reage a dentistas ilegais vindos do Brasil

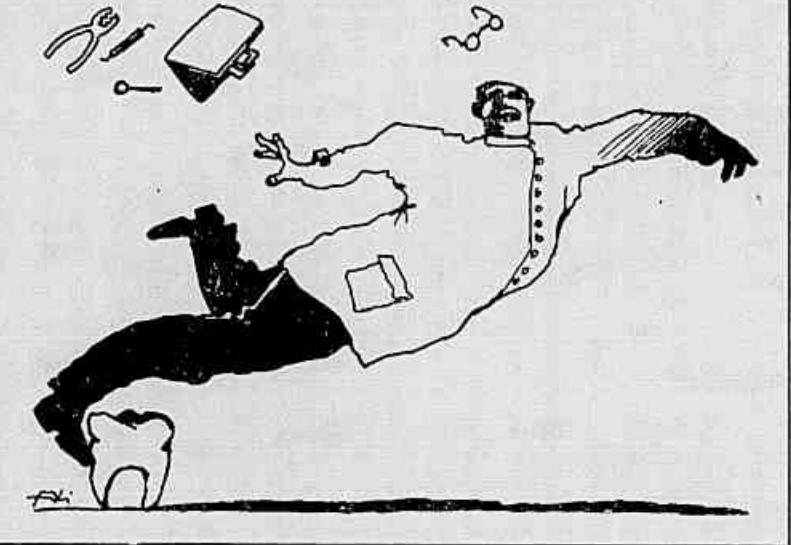
LISBOA — Os melindres portugueses, entre os benefícios da adesão à Comunidade Econômica Européia (CEE) e o receio de que o Brasil tire *casquinhas* indevidas, entraram em novo capítulo com uma denúncia feita ontem contra a *invasão* de centenas de dentistas brasileiros em Portugal.

A denúncia foi feita à agência Lusa por João Carvalho, presidente do Comitê para a Cooperação e Intercâmbio de Informação, que reúne cerca de 250.000 dentistas dos 12 países da CEE, da qual Portugal é integrante desde janeiro de 1986.

Segundo Carvalho, cerca de 2.000 dentistas brasileiros exercem ilegalmente a profissão em Portugal, constituindo uma rede clandestina que opera em todo o país. A título de exemplo, ele revelou que o jogador de futebol brasileiro Vando é proprietário em Braga, norte de Portugal, de uma clínica de odontologia em que trabalham profissionais brasileiros.

João Carvalho pediu ontem uma audiência à ministra da Saúde, Leonor Beleza, para expor o assunto. Ele considera que a invasão dos brasileiros se deve ao fato de a legislação portuguesa sobre o exercício da medicina ser excessivamente liberal, pregando uma revisão segundo o modelo da legislação espanhola.

Existem em Portugal apenas cerca de 500 médicos formados em estomatologia e odontologia — especialidade que não conta com faculdades próprias no país. João Carvalho informou que o comitê que preside prepara uma reunião em Lisboa para o próximo mês de maio, com o objetivo de debater temas relacionados à organização dos profissionais liberais e questões de ética.

Num momento em que é grande o afluxo de migrantes brasileiros para Portugal, especialmente profissionais liberais, estes sustentam — contrariando a tese de Carvalho — que as dificuldades que encontram para trabalhar no país de adoção são excessivas. No caso da odontologia, os brasileiros estão tentando preencher as brechas deixadas por um atendimento considerado precário por parte dos profissionais portugueses.

Cuba em festa recebe a primeira visita de Gorbachev

HAVANA — Cuba preparou-se para receber em grande estilo o dirigente soviético, Mikhail Gorbachev, que chega hoje à ilha para uma visita de três dias. Meio milhão de cubanos sairão às ruas para saudá-lo. Nos 16 quilômetros que separam o aeroporto internacional José Martí e o Palácio da Revolução, centenas cartazes com dizeres "*Bienvenido compañero Gorbachev*", indicam o tom amistoso em que o regime de Fidel Castro pretende manter a primeira visita de um líder soviético à ilha desde a viagem de Leonid Brezjnev, em 1974.

Será o primeiro *tête-à-tête* entre a reestruturação (*perestroika*) soviética e a *retificación* (ou *castroika*) cubana. Apesar de seguirem caminhos opostos, as duas políticas ao menos já se desviaram de uma rota de colisão. Mesmo assim, Fidel Castro costuma ir direto ao assunto quando se trata de divergências entre os dois métodos de governo: "O socialismo desta ilha não pode ser igual ao da União Soviética, assim como uma palmeira não pode crescer lá e a vegetação da tundra não crescerá em nosso país."

Gorbachev discursará na Assembléia Popular e assinará um acordo de amizade e cooperação com o presidente cubano. A primeira-dama soviética, Raisa, será recepcionada por Vilma Espin, presidente da Federação das Mulheres de Cuba e ex-mulher do primeiro-vice-presidente, general Raúl Castro.

Havana — AP

Uma cubana compra o jornal Granma, *cuja manchete anuncia chegada do líder soviético*

EUA esperam nova atitude

Rosental Calmon Alves
Correspondente

WASHINGTON — As antenas da administração Bush, sintonizadas com a situação política da América Central, estão se direcionando para Havana a partir de hoje. Estarão atentas para captar qualquer sinal do presidente Mikhail Gorbachev que possa ser interpretado como uma resposta aos apelos diretos que lhe foram mandados por seu colega George Bush, no sentido de que aproveite a visita a Cuba para mudar sua política em relação à crise centro-americana e, em especial, à situação da Nicarágua. Diante de apelos anteriores, a União Soviética não deu nenhum sinal de estar disposta a atender à solicitação dos Estados Unidos para que, pelo menos, reduza a ajuda militar aos sandinistas.

O secretário de Estado, James Baker, confessou, recentemente, que em todas suas conversas com o chanceler Eduard Shevardnadze a reação foi dura quando se tocou no tema da Nicarágua. "Até agora, a resposta tem sido a de que ele vão parar (de ajudar os sandinistas) quando os Estados Unidos pararem de ajudar outros regimes, instituições democráticas e governos da América Central. É claro que nós dissemos que assim não dá nem para começar a conversar", disse Baker, contando os resultados de seus últimos contatos com Shevardnadze, especialmente a reunião de semanas atrás em Viena.

Esta semana, porém, o governo americano decidiu que uma mudança da atitude soviética sobre a América Central é tão vital neste momento que os canais diplomáticos ou comunicações entre chanceleres deveriam ser substituídos por uma mensagem direta a Gorbachev. O presidente Bush mandou, então, uma carta pessoal que foi entregue ao líder soviético na quarta-feira passada em Moscou. Não houve depois disso, porém, nenhuma reação pública dos soviéticos, que parecem estar reservando alguma surpresa para os discursos da visita que Gorbachev inicia hoje a Havana.

A União Soviética manda anualmente cerca de US$ 1 bilhão para a Nicarágua, metade em armas, munições e equipamentos militares. O que os Estados Unidos gostariam é que houvesse uma redução tanto da ajuda militar quanto da econômica, a fim de aumentar a pressão sobre os sandinistas para que eles cumpram o acordo de paz assinado, em fevereiro, pelos presidentes dos cinco países centro-americanos, entre eles Daniel Ortega, da Nicarágua.

Os sandinistas se comprometeram a demonstrar até o dia 15 de maio que estão colocando em vigor reformas democráticas capazes de dar um caráter mais pluralista ao seu regime político. Em troca, os vizinhos se comprometeram a desarticular a força armada rebelde — os contras — financiada pelos Estados Unidos e estacionada atualmente em Honduras.

Um encontro entre dois socialismos

Alfredo Muñoz-Unsain
France Presse

HAVANA — A revolução cubana preparou para Mikhail Gorbachev uma das recepções mais maciças em seus 30 anos, prólogo para o clima deliberadamente amistoso que o presidente Fidel Castro deseja nos três dias de conversações com o líder soviético. Meio milhão de pessoas se reunirão no caminho do aeroporto ao centro da capital, para manifestar a "eterna amizade" em relação à URSS.

A viagem, marcada inicialmente para dezembro do ano passado, foi na ocasião adiada por causa do terremoto da Armênia, quando o clima para a visita era tenso: a pública desconfiança do anfitrião cubano em relação a alguns aspectos da perestroika *parecia prognosticar um encontro difícil. Hoje, a atmosfera mudou.*

A imprensa cubana vem destacando a enorme ajuda dada pela URSS à Cuba e o imenso volume de comércio e colaboração técnica mútuos que se planeja para o futuro. O intercâmbio global entre os dois países chegará este ano a quase 9 milhões de rublos, segundo um protocolo recentemente assinado em Moscou. Essa cifra representa mais de 70% do comércio exterior cubano, um percentual recorde.

Mas o incremento da relação comercial entre os dois países foi uma constante nas últimas três décadas e a recente melhoria das relações cubano-soviéticas se deve mais, segundo observadores, a dois discursos.

O primeiro foi o de Gorbachev em dezembro nas Nações Unidas, quando o líder soviético abraçou algumas idéias básicas de Fidel Castro sobre a dívida externa dos países pobres. O segundo foi proferido por Fidel em Havana, em janeiro, quando enumerou as expectativas, desejos e necessidades do Terceiro Mundo em suas relações com os países socialistas.

Fidel Castro sabe que Gorbachev terá sempre em mente que ele, como líder de um país integrante do bloco socialista, do Movimento Não-Alinhado, da América Latina e do hemisfério onde se situam os Estados Unidos e importantes países do Terceiro Mundo, é um aliado especial e merece ser profundamente compreendido.

Com a perestroika, *Gorbachev sacode um país gigantesco que parecia em estado de hibernação, e com o seu processo de* retificação, *Fidel Castro deseja evitar que seu país esqueça os ideais comunistas. Entre os dois processos há grandes diferenças, mas ambos afirmam hoje que respeitam o direito de cada um limpar sua casa com sua própria vassoura e compreendem os malefícios de se criticar em público a casa alheia.*

Nas relações entre a URSS e Cuba existem problemas, mais econômicos e técnicos do que ideológicos e políticos. São necessários ajustes para que a sistema cubano de economia centralmente planificada engrene com as reformadas estruturas soviéticas de comércio exterior.

Na política internacional, o interesse e a recém-adquirida eficácia soviética para ajudar a resolver os conflitos regionais são convenientes a Cuba, como demonstra o caso da África Austral. Os cubanos aspiram a assessorar a URSS sobre a América Central, sede de um dos conflitos mundiais de mais difícil resolução.

Fidel Castro apóia a política de coexistência pacífica entre as superpotências, mas o faria com mais entusiasmo se se certificasse que ela será estendida à relação entre ricos e pobres. Parece improvável que Gorbachev deixe de assegurar-lhe que com a coexistência a URSS não pensa em ceder aos EUA o benefício unilateral da paz.

Ao novo governo dos Estados Unidos, que já deixou claro a manutenção da política anticastrista de seu antecessor, seria conveniente uma disputa entre Fidel e Gorbachev, mas tanto o líder cubano quanto seu hóspede soviético se esforçarão para evitá-la, nem que seja por essa única razão, opinam observadores.

A exportação da revolução *parece hoje uma política do período paleolítico do castrismo. Mas para o dirigente cubano a paz sem mudanças nas relações econômicas internacionais será insuficiente para acabar com o conflito de interesses entre o Ocidente desenvolvido e o Terceiro Mundo.*

AFP — 11/11/88

Gorbachev: boas relações

AP — 13/8/88

Fidel: recepção amistosa

Um teste para a 'castroika'

A reestruturação (*perestroika*) soviética e a *retificación* cubana podem não estar ainda em lua-de-mel, mas pelo menos já se desviam de uma aberta rota de colisão política. O mal-entendido tem várias origens: diferenças estruturais das duas economias e sociedades, suscetibilidades óbvias entre parceiros desiguais e até problemas de *timing* e falta de tato.

Quando Mikhail Gorbachev iniciou sua cruzada de reformas políticas e econômicas, em 1985-86, Fidel Castro, sob certos aspectos, já estava voltando. Desde o início dos anos 80 ele tentara a *sua* reestruturação. Na mesma linha de flexibilização da ortodoxia marxista e de liberalização econômica, autorizou experiências de mercados livres, começou a estudar já em 1982 a criação de *joint ventures* com capitais estrangeiros.

Não deu certo. Nos mercados para venda de produtos agrícolas que o Estado não era capaz de oferecer, por exemplo, surgiram a especulação e os intermediários. Castro começou a "retificação de erros", que logo a população passaria a chamar de *castroika*. Por coincidência contingencial, misturada a uma certa falta de habilidade diplomática do *líder máximo*, o movimento exatamente oposto ao da reestruturação soviética começava meses depois da chegada de Gorbachev ao poder.

Era uma espécie de *neo-guevarismo*: retomada do planejamento e da direção centralizada da economia; volta dos "estímulos morais" à produtividade, em detrimento do estímulo do lucro; fim dos mercados camponeses e compressão do já incipiente setor artesanal. Explicava-se que a tentativa cubana de reestruturação "criou o caldo de cultura de uma série de vícios, deformações e formas de corrupção" — exatamente, aliás, como acontece agora na China.

As críticas na União Soviética não demoraram. A revista *Novy Mir* (Novos Tempos) investiu ainda recentemente contra a incapacidade da revolução cubana de alimentar plenamente a população, contra o baixo índice de produtividade das empresas, o crescimento da dívida para com a URSS (apesar da enorme ajuda econômica a fundo perdido) e até — sinal dos tempos — contra os "excessivos" gastos militares do regime castrista.

Castro fez alguns modestos esforços de *glasnost* (transparência política), autorizando no ano passado uma inspeção internacional da situação dos direitos humanos no país, abrindo um espaçozinho bem controlado às críticas, sobretudo na área da cultura. Mas o que aparentemente permitiu iniciativas como a plena retomada dos acordos comerciais e de ajuda econômica e a visita de Gorbachev foi a evolução da questão africana.

Fidel Castro aceitou afinal retirar suas tropas de Angola — quando ainda em 1986 afirmava que só sairiam com o fim do *apartheid* na África do Sul. Ele aderiu assim à posição soviética sobre a necessidade de pôr fim aos conflitos regionais.

Mas não falta quem acredite que a *castroika* não será a última etapa da reestruturação à cubana. Por uma razão simples. Se as empresas soviéticas e a economia da URSS em geral se virem efetivamente obrigadas a ajustar as despesas para equilibrar os custos e até obter lucros, os *presentes* ao parceiro cubano terão de ser cortados. E com isto a produtividade pode ter de se tornar uma virtude revolucionária também no Caribe.

Europeus se chocam com americanos sobre plano Brady

Informe Econômico

O renomado consultor de empresas Tom Peters, norte-americano, autor do clássico *Thriving on Chaos* (*Prosperando nos caos*), escreveu para a revista *The Economist* um ensaio no qual relaciona os dez princípios ou as dez forças que moverão "as companhias do amanhã". Eis um resumo:

- prepara-se para agir numa era de incertezas sem precedentes.
- o tempo, portanto, é o principal campo de batalha; rapidez, uma força na competição: a Boeing, por exemplo, está construindo uma fábrica que reduz de 13 para 4 dias a montagem de peças básicas.
- os mercados serão cada vez mais fraturados, os produtos, personalisados. Por exemplo: histórias infantis, em disquetes de computador, nas quais as personagens são as crianças presenteadas.
- qualidade, design e serviço (assistência, manutenção, renovação) ganham importância.
- os gigantes, grandes companhias, têm de mudar para buscar simplicidade e agilidade. Criar ramos novos com unidades autônomas, por exemplo.
- pesadas hierarquias já não funcionam; é preciso ter menos níveis de administração.
- velhas idéias sobre economia de escala estão sendo desafiadas; pequenas companhias, em rede com empresas de mesmo porte, mantêm serviços comuns e conseguem agir em escala mundial.
- formar redes cooperativas; por exemplo, a Xerox está transformando fornecedores em sócios.
- a internacionalização é essencial; disputar mercados onde houver.
- apesar das novas tecnologias, continua decisivo o papel do trabalhador (competência, treino, iniciativa, recompensas) na linha de produção.

Nacional

Está criada a Câmara da Indústria Farmacêutica Nacional de Produtos Éticos — Farmaética. A entidade informa que vai lutar contra a desnacionalização do setor, "sem xenofobia e radicalismos". O presidente da Farmaética é Adalmiro Batista, presidente do Laboratório Ache, a maior indústria farmacêutica nacional.

Símbolo caro

Todos os governos estaduais vão ter um ganho liquido com os impostos sobre telefonia, cuja receita passa de federal a estadual. Menos o Rio Grande do Sul. Lá é o único estado em que a empresa telefônica é estadual (a Companhia Riograndense de Telecomunicações). É federal nos demais estados. Estes receberão o novo imposto e será dinheiro no bolso. Os investimentos no setor continuam por conta do governo federal. Já o Rio Grande terá que investir em sua própria telefônica.

O caso é político. A Companhia gaúcha foi criada pelo então governador Leonel Brizola, após desapropriar a norte-americana ITT, ficou um simbolo. Que custa dinheiro.

Quem vai pagar

Da Carta de Conjuntura do Departamento de Estudos Econômicos do grupo Pão de Açúcar, depois de mostrar que o déficit público vai a 7,5% do Produto Interno Bruto, dos quais 5,7% por conta do pagamento de juros das dividas interna e externa.

"A menos que seja realizada uma contração fiscal sem precedentes, a deterioração das condições fiscais e financeiras do setor público inviabilizarão o sucesso de qualquer programa de estabilização."

Contração fiscal é corte de gastos, mas também aumento de impostos.

Aproveitando

O presidente da Confederação Nacional da Agricultura, deputado Alyson Paulinelli, aproveitou o encontro no Fórum de Negociação Salarial, em Brasília, para pedir ao ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, uma desvalorização do cruzado em relação ao dólar. Paulinelli está de olho nas exportações da supersafra agricola e, pois, na valorização dos dólares a serem recebidos pelos agricultores.

O ministro negou. "As exportações vão bem, não se justifica a preocupação com o câmbio", disse. E foi tratar de salários.

Prevenindo

O grupo Rhodia decidiu pagar uma antecipação salarial de 18% a 21% a todos os seus 13 mil trabalhadores. O reajuste havia sido dado aos empregados da fábrica de Santo André (SP), após uma greve de 15 dias. Para prevenir, o grupo estendeu a antecipação para as outras unidades.

Antecipando

A Siemens e a Bayer deram antecipação salarial de 15% para os funcionários, a partir de 1º de março. Não foi combinado, foi coincidência.

O presidente da Siemens, Hermann Wever, diz que a maioria das empresas está se antecipando a medidas de politica salarial.

Jogo de cena

Está na cara que as centrais sindicais não vão topar qualquer acordo em torno da reposição salarial. Quem entra numa negociação pedindo 49% não pode fechar negócio por 15% ou mesmo 20%. E o governo não pode passar destes números, por razões óbvias: se todos os salários do país são aumentados de 49%, de uma só vez, a inflação dispararia.

As centrais sindicais, assim, estão fazendo política. Reclamam os 49% tranqüilamente, pois sabem que alguma reposição virá de qualquer modo. Os salários sobem e as centrais sindicais continuam atacando o governo, o Plano Verão, os patrões, o sistema...

Se a regra da negociação estabelecesse que só haveria reposição salarial se as partes chegassem a um acordo quanto ao índice, talvez as propostas fossem mais razoáveis.

Carlos Alberto Sardenberg, com sucursais

Rosental Calmon Alves
Correspondente

WASHINGTON — Os ministros das Finanças dos paises europeus fizeram importantes restrições ao plano Brady de redução da divida do Terceiro Mundo, ao se reunirem aqui às vésperas das deliberações semi-anuais do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial. O principal ponto de divergência é a utilização dos recursos dessas duas instituições multilaterais para dar garantias aos bancos comerciais de que os paises devedores vão pagar as dividas depois de renegociadas e reduzidas, como parte do novo esquema. Os ministros do Grupo dos 24, que reúne paises em desenvolvimento, discutiram um documento que será divulgado hoje, dando as boas-vindas ao plano Brady, mas acentuando que é preciso alcançar com urgência uma substancial redução da divida externa.

Paralelamente a essas reuniões de ministros das Finanças, que se realizam no âmbito do FMI e do Bird, o presidente George Bush tomou o café da manhã com o presidente da Venezuela, Carlos Andrés Perez, no que acabou sendo uma reunião de trabalho com a participação das principais figuras do governo americano.

Logo ao desembarcar em Washington, o ministro da Alemanha Federal, Gerhard Stoltenberg, declarou que seu pais não concorda com a proposta americana de que deva ser criado um pool de contribuições financeiras de nações industrializadas, que funcione como uma espécie de "janela assistencial", paralelamente no FMI e ao Bird, para dar garantias aos bancos comerciais de que os paises endividados pagarão a divida reduzida. Esse aval, sugerido no Plano Brady, é fundamental para incentivar os bancos comerciais a perdoarem voluntariamente parte da divida dos paises do Terceiro Mundo: eles assumiriam certo prejuizo, mas em troca da garantia de que se os paises pobres não pagarem alguém pagará.

"Nós faremos nossa contribuição (ao plano de redução da divida) somente dentro da estrutura das instituições", disse. O ministro holandês, Ono Ruding, também deixou clara outra divergência dos europeus em relação à proposta americana. Neste caso, refere-se ao plano de que seja formado um fundo especial para dar garantias aos bancos comerciais de que eles vão receber os juros da divida renegociada e reduzida. Ele disse que seu pais está de acordo em contribuir para a redução do principal, mas não se dispõe a dar nenhum dinheiro extra para garantir que os bancos vão receber o serviço da nova divida. "Não sei como isso poderia ser feito. De todas as maneiras, seria necessária uma soma impressionante para dar essa garantia até o pagamento total da divida", disse Rudinger. Sobre a possibilidade de uma garantia limitada a um ou dois anos, o ministro disse que "talvez isso seja possivel", mas acrescento: "Seria pouco e talvez não valesse a pena."

■ O ministro Mailson da Nóbrega, que veio participar das reuniões do FMI e do Banco Mundial, se encontrou ontem com o diretor-gerente do Fundo, Michel Camdessus, e com o presidente do Bird, Barber Conable. "São apenas visitas de cortesia", disse Mailson ao chegar ao prédio do FMI. O ministro participou ontem da reunião do Grupo dos 24, que discutiu um documento que será encaminhado hoje ao Comitê Interno do FMI e ao Comitê de Desenvolvimento do Banco Mundial.

Dívida externa diminui de 50% para 36% do PIB

Miriam Leitão

A mais recente idéia que surgiu na negociação da divida, e que foi batizada no Brasil com o insólito nome de perenização da dívida *foi apresentada ao ministro Mailson da Nóbrega, em Amsterdã, por três banqueiros com quem se encontrou na assembléia anual do BID. Depois de ouvir a surpreendente proposta, o ministro voltou convencido de que em dois ou três anos a questão da divida não será mais problema para o pais.*

"De 1982 para cá, a divida deixou de representar 50% do PIB para ser apenas 36%. Em 86 a divida representava cinco vezes o valor das exportações, agora não chega a quatro vezes" comemora Mailson.

O primeiro banqueiro a falar no assunto -Mailson não revela quem foi- aproximou-se do ministro brasileiro e ensaiou: "vocês poderiam começar a pensar em aceitar a queda das taxas de juros em vez de comprar a divida no mercado secundário". Mailson gostou da idéia porque em plena época de subida das taxas, nada mal começar a se beneficiar instantaneamente do efeito da redução do serviço. Depois, outros dois banqueiros falaram também no assunto e explicaram melhor: os títulos da divida brasileira seriam trocadas por outros com o mesmo valor de face, mas de uma categoria nova: seriam títulos perpetual, com uma garantia dos organismos multilaterais.

Credores e devedores ganhariam com a nova fórmula mágica. "Os bancos teriam uma vantagem fiscal" explica Mailson. Isto porque, se eles apenas venderem os títulos atuais no mercado secundário têm que abater já os prejuizos em seus balanços. Mas, com a troca pelo outro papel, o valor de face é o mesmo e a redução dos juros não provocaria estragos contábeis. A nova proposta foi recebida com um certo ceticismo no governo brasileiro, mas foi encarada como mais uma demonstração de que a criatividade do mercado é maior do que se imagina, como também está mal avaliada a disposição dos banqueiros de perder dinheiro na busca das soluções para este problema.

AP

Pugliese: pesado espólio do ex-ministro da Economia

Sourrouille deixa legado de crise para Argentina

Maurício Cardoso
Correspondente

BUENOS AIRES — A demissão do ministro da Economia, Juan Vital Sourrouille, com a nomeação do deputado Juan Carlos Pugliese para o seu lugar, deixou a impressão de que uma bonança sucedeu a uma tempestade. Autor do Plano Primavera, em agosto do ano passado, quando a inflação tocou seu ponto mais alto (27,6% ao mês), Sourrouille conseguiu desarticular toda a estrutura cambial da Argentina, comprometeu as reservas do Tesouro — apenas na última semana de janeiro foram gastos US$ 500 milhões para acalmar o mercado — e isolou o governo interna e externamente.

Tendo contido o custo de vida apenas enquanto durou o controle de preços, o Plano Primavera teve como principal inovação a criação do câmbio livre. O dólar, na realidade, é o principal instrumento de poupança da população argentina, uma espécie de OTN dos pampas. Sem reconhecer a importância deste fato, o governo se dispôs a controlar o preço do câmbio livre com uma poderosa intervenção no mercado, ao mesmo tempo em que cobrava um confisco cambial disfarçado sobre as exportações para tentar reforçar suas divisas.

A alquimia praticada pelo ministro Sourrouille ofereceu à população argentina, entre outras agruras, um crescimento de apenas 30% do dólar contra um incremento de 90% da inflação. Foi para conseguir este feito que gastou os US$ 500 milhões. Isso pode ter evitado a alta da moeda americana, mas não impediu que milhares de investidores argentinos enviassem para outros mercados financeiros, como o de Montevidéu, milhões e milhões de dólares nas últimas semanas.

Desperdício — O desperdicio dos US$ 500 milhões despertou a indignação dos credores estrangeiros, que exigiram explicações, pois desde abril do ano passado a Argentina está em virtual moratória com o serviço da divida. Em fevereiro deste ano, o governo, de cofres vazios, decidiu retirar-se do mercado livre. De um dia para outro o dólar livre passou de 17 para 25 austrais, gerando graves prejuizos para os investidores.

Tentando evitar uma debandada de capitais para o exterior, que veio de fato a ocorrer, o governo adiou a unificação do tipo de câmbio e a liberação do controle de preços, quebrando compromisso que havia assumido em troca do apoio empresarial ao Plano Primavera. Sem o Banco Central, o dólar disparou no mercado livre, alcançando um aumento de 194% em dois meses e tornando inviável qualquer tipo de exportação.

Sem apoio dos empresários, a inflação recobrou forças e em março deve ter atingido 15%. Uma das últimas desventuras de Sourrouille foi a negativa do Banco Mundial em liberar uma parcela de empréstimo já negociado, alegando que o governo não havia cumprido condições acertadas previamente, como a redução do déficit fiscal. Com a demissão do ministro, o mercado se acalmou e o dólar baixou 20%.

Governo continuará arbitrando negociação de salários

Sergio Léo

BRASÍLIA — Reunidos no Ministério do Trabalho, na última sexta-feira, os ministros da Fazenda, Mailson da Nóbrega, do Planejamento, João Batista de Abreu, e do Trabalho, Dorothéa Werneck, todos os três defensores da política de livre negociação entre empregados e empregadores, concluíram que o governo não deve abrir mão de continuar a negociação tripartite de salários. "É a única forma de sairmos suavemente do congelamento", resumiu um dos participantes da reunião.

Pródigos em declarações a favor do afastamento do governo das definições da política salarial, os ministros têm fortes motivos para permanecerem em cena nas negociações, porém, segundo explicam assessores da equipe econômica, as greves em todo o país alarmam a equipe, que teme um aperto exagerado nos salários e uma crise que ameace a própria estabilidade política do país. Por outro lado, o governo tem como princípio básico em seu plano impedir aumentos reais de salários.

Mercado — O peso do governo foi ressaltado pelo vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria, Luis Eulálio Vidigal, porta-voz dos empresários na reunião do Forum de Negociação Salarial, quarta-feira: "Sou a favor de que assuntos como a política salarial sejam deixados à livre força do mercado; mas, infelizmente, o mercado não está atualmente em regime de liberdade".

Abreu, Mailson e Dorothéa, apesar de garantirem a reposição salarial de até 13%, ainda avaliarão se isso não confronta a determinação constitucional de limitar os gastos de pessoal a 65% das receitas públicas.

Gilberto Alves — 15.10.88

Dorothéa: O início é mais lento até definirmos a regra do jogo

Vale iniciará nova experiência

BRASÍLIA — Convencidos de que o governo tem sido incompetente para administrar a política de pessoal de suas próprias empresas, os ministros do Planejamento, João Batista de Abreu, e do Trabalho, Dorothéa Werneck, iniciam este mês uma reviravolta na política para as estatais: eles substituirão os decretos restritivos — e invariavelmente frustrados — pelo *contrato de gestão*, pelo qual as empresas ganharão maior liberdade, inclusive nas negociações salariais, em troca do compromisso com metas de desempenho e produtividade.

A ambição dos ministros se encerra numa decisão de delicadas implicações políticas: pela proposta elaborada na Seplan, para o contrato de gestão, o não-cumprimento das metas acertadas pelas empresas levará automaticamente à destituição de sua diretoria.

"Estamos amadurecendo há um ano a proposta dos contratos de gestão e queremos acelerar o capítulo da política de recursos humanos, para aplicá-la com a maior rapidez possível", informa a ministra do Trabalho, Dorothéa Werneck. Em abril a experiência começa com apenas uma empresa, a Companhia Vale do Rio Doce, que assinará seu contrato de gestão com o governo, após quase nove meses de negociação. A empresa, em troca da liberdade de administração e garantia de tarifas adequadas, se comprometerá com metas de desempenho, como sua remuneração, endividamento, produtividade e ganhos de escala.

Controle ilusório — O ministro Abreu, em conversas reservadas, admite que teme ver o governo perder o controle de suas empresas ao conceder a elas maior liberdade. Mas, na prática, a tentativa anterior de segurar as estatais por sucessivos decretos proibindo concessões salariais ou aumento nas contratações teve efeito contrário no governo Sarney: enquanto de 1980 a 1984 as despesas com pessoal caíram 20%, os gastos da Nova República com os funcionários das empresas do governo subiram 50% até 1987, segundo o último *Perfil das Empresas Estatais*, publicado em março. Proibidas, as contratações continuaram, chegando a 35 mil, embora esse número represente um aumento de modestos 6% no quadro de pessoal das estatais, nesse período.

O congelamento por dois meses do salário do funcionalismo em 1988 garantiu alguma economia, estimam os economistas da Seplan que, no entanto, ainda mantêm em reserva os números referentes ao ano passado. A proposta orçamentária para 1989, elaborada antes do Plano Verão — e, por isso, em reestimativa dentro da Secretaria de Controle das Estatais (Sest) — prevê um aumento de 26% reais nos gastos com pessoal das estatais.

"Os métodos do governo, até hoje, só dão ilusão de que alguém controla as estatais; quando se quer contratar gente, por exemplo, aparece todo tipo de artifício", avalia o presidente da consultora Trevisan & Associados, Antoninho Marmo Trevisan, que, em 1985, foi o primeiro secretário de controle das estatais do governo Sarney.

Em sua passagem pelo governo, Trevisan costumava ir à Seplan de carona com seu vizinho, o então secretário geral do Ministério da Fazenda, João Batista de Abreu, com quem discutia as dificuldades com as estatais. Os dois, já em 1986, se entusiasmavam com a possibilidade de adoção de uma fórmula semelhante ao contrato de gestão. "Não se pode tratar a Petrobrás da mesma forma que uma Siderama", sentencia Trevisan.

Pressões — A tentativa de implantar algo parecido com contrato de gestão quando Trevisan estava na Sest, acabou gerando efeito contrário: em meio às negociações, o governo Sarney promoveu uma de suas intermináveis trocas de ministros, o secretário da Sest deixou o cargo e as empresas, nesse meio tempo, se acharam livres para fazer sua própria política de pessoal. Assim, ao final de 1986, os gastos com pessoal estavam 33% acima dos de 1984. "As pressões são enormes, e a conseqüência de tratar todas empresas pela mesma norma é que os aumentos salariais não têm nada a ver com a produtividade da empresa", comenta Trevisan. "O Sarney, presidente de um governo debilitado, não tem disposição de segurar pressões da Petrobrás, ou do Banco do Brasil", analisa.

No contrato de gestão, segundo o modelo elaborado na Sest, as empresas terão de fixar e obedecer um *índice de fator trabalho*, na prática um limite para o número de funcionários de acordo com o desempenho econômico e financeiro da empresa. Terão de negociar, caso a caso, também limites para a participação dos gastos de pessoal nas despesas operacionais e nas receitas da empresa. Empresas de auditoria e o Conselho Interministerial de Salários das Estatais passarão a verificar o cumprimento do contrato.

"O início é mais lento, até definirmos a regra do jogo. Depois de acertada com a CVRD, podemos usar a experiência de negociação com essa empresa para acelerarmos a negociação com as próximas", analisa a ministra Dorothéa Werneck. O medo de perder o controle das estatais é exorcizado pela ministra com o argumento: "Não se pode partir do princípio que todos os diretores das estatais são irresponsáveis."

Empreguismo é maior nas regiões Norte e Nordeste

BRASÍLIA— O aumento dos gastos do governo Federal com sua folha de pagamentos — estimado por economistas do Ministério do Planejamento entre 116% a 140% nos quatro primeiros anos do período Sarney — não pode ser explicado apenas pelo aumento no número de empregos. O empreguismo, usado claramente "com objetivos político-eleitorais" toma dimensões extraordinárias fora da administração federal, nas administrações estaduais e municipais, principalmente no Norte e Nordeste, segundo avaliação das economistas Rosane Maia e Rosângela Saldanha, do Ministério do Trabalho.

Pesquisando os precários dados sobre a administração pública à disposição do governo, as economistas fizeram um estudo sobre o empreguismo oficial com base em dados estatísticos de 1982 a 1985. Concluíram que, nesse período, enquanto o governo Federal aumentou em apenas 5% seu quadro de pessoal, os municípios incharam seu funcionalismo em 41% e os estados em 15%.

Nesse período de contratações generalizadas, desmoralizou-se uma das inúmeras tentativas do governo de controlar a fúria empreguista dos administradores públicos: pelo decreto 86.795, de dezembro de 1981, teoricamente em vigor durante esse tempo, eram proibidas contratações, por qualquer pretexto, na administração direta. Foi insuficiente para impedir que 649 mil empregos fossem criados, 94% dos quais nos estados e municípios.

Quanto mais pobre, mais empreguista, constataram as economistas: no Sudeste, o emprego nos estados cresceu a uma média de 1,9% ao ano, e, nos municípios, o empreguismo aumentou a uma taxa de 9,5% anuais. Já os estados do Norte aumentaram seus quadros ao ritmo de 16% ao ano (13% nos municípios). O Nordeste não ficou atrás: enquanto os governadores contrataram 8% a mais de funcionários a cada ano, os prefeitos exorbitavam, no período, com 18% de novos empregados a cada doze meses.

"A extraordinária expansão do emprego na administração pública nordestina é a evidência mais transparente do uso da máquina estatal como instrumento para o empreguismo com objetivos estritamente político-eleitorais", acusam as economistas. Elas comparam: enquanto nesses quatro anos, as prefeituras aumentaram em 65% seus quadros de pessoal, o número de escolas de primeiro grau caiu em 11%, e foi reduzida em 0,4 pontos percentuais a quantidade de casas ligadas a redes de esgoto e cresceu em apenas 2% o número de residências com instalações sanitárias do tipo fossa rudimentar.

Falta de moradias implode congelamento dos aluguéis

Gecy Belmonte

BRASÍLIA — O aumento dos aluguéis, um dos vilões da inflação de março, que atingiu 6,09% contra todas as expectativas da área econômica, só surpreendeu ao governo. Desde 15 de janeiro, quando começou o congelamento de preços, a Sunab e os órgãos regionais de defesa do consumidor receberam centenas de pedidos de informações sobre as regras de reajustamento. Junto, vieram as primeiras denúncias de irregularidades praticadas pelas imobiliárias, refletindo um quadro que tende a se agravar diante do crescente déficit habitacional — cerca de 10 milhões de moradias — e da pouca oferta de imóveis.

Neide Salim, assessora da Superintendência da Sunab, que recebe aproximadamente 60 telefonemas e atende a aproximadamente 30 pessoas por dia com consultas e denúncias sobre aluguéis no Rio de Janeiro, não tem dúvidas. A escassez de imóveis coloca cada vez mais o inquilino nas mãos das administradoras, embora grande número deles se negue a pagar os reajustes ilegais solicitados. À Sunab resta explicar que todos os aluguéis estão congelados desde janeiro e enviar os fiscais às imobiliárias, numa visita que começou tarde. Com apenas 500 fiscais em todo o país, a instituição teve que concentrar a atenção do controle dos produtos alimentícios nos primeiros meses do plano, uma das prioridades do governo.

Déficit — O estrangulamento da oferta de imóveis tende a agravar cada vez mais a situação habitacional do país, na opinião de Luiz Estêvão de Oliveira Neto, diretor-superintendente do Grupo OK, maior grupo privado do Distrito Federal, com atuação também no ramo imobiliário. A cada plano de estabilização econômica, com o congelamento de preços, a situação fica pior, diz ele, comprometendo o fornecimento de imóveis para todas as classes sociais, tanto nos empreendimentos novos como naqueles que estão em construção.

Luiz Estevão diz que apenas em Brasília o déficit habitacional é de 60 mil moradias, com tendência a se ampliar. Lembra que em função do Plano Verão houve uma forte perda na captação da poupança que provocou a paralisação dos financiamentos para imóveis novos em todo o país. Este quadro só deverá ser revertido depois do segundo semestre, afirma, observando que a situação também é crítica para os prédios que estão sendo construídos, porque muitas empresas, que dependem do retorno do pagamento das prestações dos empréstimos de poupança (parcela financiada diretamente pela incorporadora) não terão condições de concluir suas obras.

Com as prestações da poupança congeladas pela OTN de janeiro — NCz$ 6,17 —, o diretor do Grupo Ok garante que as incorporadoras saíram prejudicadas. De janeiro a março, segundo ele, o material de construção teve um aumento de 48% e a prestação congelada em janeiro não refletiu este custo. Por isso, as incorporadoras defendem um reajuste que cubra esta defasagem nos empréstimos referentes à poupança. Como o governo acena com a possibilidade de correção pelo IPC, descontando fevereiro e março, restaria um reajuste de cerca de 36%.

Vilões — Luiz Cláudio Nasser Silva, proprietário da Luiz Cláudio Empreendimentos Imobiliários e de cem lojas comerciais no Conjunto Nacional — maior shopping center do plano piloto de Brasília — diz que o Plano Verão foi um desastre para o setor, especialmente para as locações não residenciais. Luiz Cláudio, assim como Luiz Estêvão, já foi visitado pelos fiscais da Sunab e afirma que a sua maior dúvida é com o destino dos aluguéis que acabam durante o congelamento.

Para as administradoras, os contratos com menos de cinco anos de imóveis não residenciais findos durante o congelamento têm livre negociação. Mas esta não é a interpretação oficial. Para as locações residenciais, Luiz Cláudio Nasser afirma que os prejuízos também foram pesados. Muitos aluguéis vêm defasados desde o Plano Cruzado e uma ação revisional do valor de contrato só pode ser feita depois de cinco anos. Além disso, a cada reajuste negociado acima do índice, antes desse período, o prazo começa a ser contado novamente.

A consequência do congelamento, segundo o proprietário da Luiz Cláudio Empreendimentos, se faz sentir nos aluguéis contratados após o Plano Verão. Os valores praticamente duplicaram, afirma, porque os locatários querem se precaver de futuras surpresas. Este quadro, segundo ele, ocorre em todas as capitais do país, deixando o mercado conturbado tanto para proprietários como para inquilinos. "O inquilino passa a ser um inimigo, e vice-versa, na medida em que as regras econômicas desestimulam qualquer investimento no setor", conclui.

Rio é líder em irregularidades

BRASÍLIA — O Rio de Janeiro e Brasília são os campeões em irregularidades praticadas pelas imobiliárias, que abrangem não só o aumento do próprio aluguel, mas especialmente das taxas de administração cobradas pelas empresas. Neide Salim, da Sunab, afirma que as armadilhas das administradoras variam. A mais comum, aplicada no Rio de Janeiro, segundo, ela, diz respeito ao contratos de locação firmados em dezembro e janeiro últimos, que ainda não completaram um ano. Para as empresas, estes contratos não entram nas regras do congelamento, contrariando frontalmente a interpretação oficial.

Neide Salim esclarece que todas as locações residenciais foram adequadas às regras do Plano e permanecem congeladas. Também os contratos não-residenciais e comerciais estão congelados pelo valor pago em janeiro, seja com base na OTN ou em outros índices. Aos inquilinos que recorrem à Sunab no Rio ou em outra localidade, o conselho é o mesmo: conversar com o locatário e manter o preço. Se esse não aceitar, procurar um advogado e entrar na Justiça. Através de uma ação de consignação e pagamento, o inquilino se respalda, depositando o valor do aluguel em juízo.

Evidência — As reclamações dos inquilinos acontecem em todos os pontos do país, segundo Melchiades do Espírito Santo Ferreira, diretor do Procon (Grupo Executivo de Defesa do Consumidor) em Brasília. Em reunião realizada pelo Conselho Nacional do Consumidor na capital federal na semana passada, segundo ele, isso ficou evidente. "Todos os Procons denunciaram irregularidades e ameaças de retomada do imóvel pelas imobiliárias."

Desde o início do Plano Verão, o Procon de Brasília atendeu a cerca de nove mil consultas. Destas, 80% eram relativas a informações e denúncias nas locações e irregularidades praticadas pelos construtores de imóveis, afirma Melchiades Ferreira. Como exemplo dos desmandos praticados, ele cita o caso da Brunelli Empreendimentos Imobiliários, de Brasília. A empresa alugou um imóvel não-residencial para Arlete Ferreira em março do ano passado, com contrato de ano, onde constava que o mesmo cessava de pleno direito quando completasse 12 meses. Caso fosse devolvido antes desse período, a inquilina deveria pagar uma multa correspondente ao valor de três meses de aluguel. Mesmo com as cláusulas cumpridas, a imobiliária está exigindo a multa e cobrando NCz$ 339,71 do aluguel.

Ilegal — Uma outra forma encontrada pelas administradoras para burlar o congelamento, segundo a Sunab e o Procon, é o reajuste das taxas de administração. Neide diz que imobiliárias do Rio estão cobrando o valor de um mês de aluguel pelo preenchimento do cadastro e outros papéis. Melchiades Ferreira garante que a taxa de intermediação do imóvel — que não pode exceder a 5% do valor de um ano de contrato, segundo as administradoras — é ilegal. "A empresa anuncia as locações em jornais. Dificilmente sai à procura de moradia para alguém", afirma.

Luiz Claudio Nasser afirma que a cobrança das taxas é vital para as administradoras. "Estamos prestando um serviço", observa, lembrando que mesmo não sendo legal, esta prática já foi incorporada pelos sindicatos e associações de corretores. Na queda-de-braço entre inquilinos, proprietários e imobiliárias, a Sunab atua como pode: multando.

Massarani

A disparada do consumo

Poupador ganha com alta dos juros e aumenta consumo

Joyce Jane

O juro elevado, que foi adotado pelo governo para conter o consumo e os estoques especulativos, está passando de mocinho a bandido: além de custar caro ao governo, ele está funcionando como um abono de salário, mas que atinge apenas as pessoas que têm dinheiro aplicado no mercado financeiro. Só nos meses de fevereiro e março, os ganhos da poupança conseguiram dar ao poupador um aumento em seu poder aquisitivo de quase 50%, para uma inflação acumulada de, aproximadamente, 10%. Esses ganhos extras estão funcionando como o abono concedido no Plano Cruzado. Só que o Plano Verão escolheu uma parte seleta da população para receber esse aumento, discriminando quem ganha menos e não consegue poupar.

Uma pesquisa feita pelo **JORNAL DO BRASIL** detectou aumento de consumo em praticamente todos os setores da economia. "Os juros estão criando excesso de demanda. O fenômeno é semelhante ao que aconteceu no Plano Cruzado, quando todo mundo começou a gastar. Só que agora ao invés de abono são juros", sustenta o economista Antônio Carlos Porto Gonçalves, da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

URP financeira — Não é difícil entender o que está acontecendo. Em janeiro, o Plano Verão congelou preços e salários e, para evitar corrida ao consumo, o governo decidiu elevar os juros. A tese era de que, com taxas elevadas, as pessoas poupariam ao invés de gastar. E foi o que aconteceu durante o mês de janeiro e mesmo em fevereiro. Só que os altos rendimentos financeiros passaram a funcionar como uma URP financeira, aumentando todo mês os rendimentos de quem tinha dinheiro aplicado no mercado financeiro.

Com essa URP financeira, o consumidor pôde comprar produtos que ficaram congelados, mas que na época da decretação do Plano Verão eram inacessíveis. Quem tinha NCz$ 350,00 em janeiro, por exemplo, não conseguia comprar uma televisão de 20 polegadas que custava NCz$ 470,00. No fim de fevereiro, essa pessoa tinha NCz$ 511,00 na poupança. Comprou a televisão e ainda levou troco.

Esse foi o caso, por exemplo, da engenheira eletrônica Edir da Cruz Vieira. Desde o ano passado, ela vinha colocando dinheiro na caderneta de poupança para comprar um carro usado, com pagamento à vista. Mas todo mês, por mais que depositasse mais dinheiro, o carro subia mais que os juros (até então empatados com a inflação) lhe rendiam.

A situação mudou com o Plano Verão. Com os preços dos carros congelados e um crescimento de seus ganhos em, aproximadamente, 20% ao mês, ela conseguiu comprar na semana passada um Uno 1986, tal como havia planejado. "Fiquei na poupança e no overnight. Mas sempre de olho nos preços e na possibilidade de descongelamento. Com os juros, meu dinheiro aumentou e eu comprei logo com medo de descongelar", explica ela.

Política monetária concentra a renda

Não foi preciso um grande esforço e nem engenharia financeira para conseguir se beneficiar dos juros elevados. Para ganhá-los, não foi necessário sequer fazer uma aplicação financeira. Isso porque os simples saldos em conta corrente também aumentaram — devido ao advento da conta remunerada — e esses ganhos permitiram gastar mais com combustível ou mesmo pegar um táxi, com o mesmo dinheiro que antes só dava para voltar de ônibus para casa.

"As pessoas ficaram mais *riquinhas* e saíram gastando. O impacto é inflacionário, porque a produção não aumentou. O governo não pode continuar com esses juros elevados. O governo não pode acreditar que só isso resolve. Não se pode sustentar esse Plano sem o braço fiscal", diz o economista da Fundação Getúlio Vargas, Porto Gonçalves.

Juros injustos — Mas esse aumento de renda é, no mínimo, socialmente injusto. Ele está provocando uma enorme concentração de renda, já que todo mundo paga esses juros (através dos impostos) e só uma parte da população recebe os ganhos. Dessa forma, quem não tem nenhum tipo de poupança e pertence às camadas menos privilegiadas economicamente está aumentando os rendimentos de quem tem salário suficiente para fazer poupança.

O diretor da Dívida Pública do Banco Central, Carlos Thadeu de Freitas, reconhece que a política de juros reais elevados está provocando aumento no consumo, mas afirma que esse crescimento teria sido muito maior, com saques colossais para compras, caso o governo não tivesse resolvido prender o consumidor na poupança através de taxas bastante atrativas. "Se as pessoas acreditarem que os juros continuam vantajosos, elas não desaplicam. O problema é o medo do descongelamento", reconhece.

Sem estoques — Há ainda um efeito que poderá ser ainda mais danoso, anulando toda a vantagem das taxas terem conseguido deter o consumo nos primeiros 45 dias após o Plano Verão. É que os consumidores estão desaplicando para gastar, mas as empresas não se preparam para esse aumento de consumo e estão sem estoques. Com isso, pode faltar produtos e voltar o ágio de forma forte, como aconteceu no Plano Cruzado.

E se as empresas estão sem estoques, pode-se atribuir esse fato também à política de juros elevados. Como a taxa era muito atrativa, o empresariado se desfez de todo o estoque que tinha para aplicar no over e garantir os excelentes rendimentos do mercado financeiro. Os estoques foram consumidos de tal forma que nem aqueles rotineiros — existentes antes do plano econômico — foram conservados.

O resultado disso é que o aumento de consumo poderá esbarrar no primeiro momento em depósitos vazios e, num segundo momento, em prateleiras vazias, tal qual ocorreu no Cruzado. Só que, agora, se isso acontecer, o governo vai ter gasto muito com juros elevados para chegar a uma situação tão desconsertante quanto a de 1986. Há quem diga, dentro do Banco Central, que o erro é do Ministério da Fazenda, que está demorando muito para descongelar os preços, forçando uma situação que não tem como se manter por um período longo de tempo. (J.J.)

Comércio vive dias parecidos com o Cruzado

Cida Taiar

SÃO PAULO — O ganho extra na poupança ou em aplicações no over e o prenúncio de um descongelamento gradual no preços de alguns produtos ajudaram a criar, nas última semanas, o perfil do consumidor inesperado, uma surpresa no Plano Verão. São típicos representantes da classe média que, com uma poupança discreta, se viram beneficiados por rechonchudos acréscimos em suas contas. Quem tinha NCz$ 1.000,00 na poupança em janeiro, por exemplo, está hoje com um saldo próximo dos NCz$ 1.500,00, com a soma vantajosa de uma inflação acumulada que não chega a 10%. Comprar, então, para escapar à explosão do descongelamento, acaba parecendo à maioria uma saída inteligente.

"A situação é preocupante, embora nossas caixas registradoras estejam trabalhando a mil por hora", diz Eusébio Serrano Júnior, gerente comercial da cadeia de eletrodomésticos G. Aronson, que tem 22 lojas na Grande São Paulo. Não se trata, segundo Serrano, de uma simples corrida ao essencial. Na listagem do consumo acelerado entram hoje, como carro-forte, eletrodomésticos suntuosos, de segunda necessidade — como o forno microondas ou a máquina de lavar louça. Antes do Plano Verão, por exemplo, as lojas G. Aronson vendiam quando muito 30 fornos de microondas por semana. Hoje um lote de 500 unidades mal dá para sete dias, vendidos com preços NCz$ 500,00 e NCz$ 600,00.

Paranóia — "Posso dizer que entrei mesmo na paranóia do descongelamento", admite a apresentadora da TV Bandeirantes Tereza Cristina de Miranda, casada, uma filha de dois anos. "Estou entulhando minha casa com coisas novas, no momento oportuno, para melhorar minha qualidade de vida." Tereza Cristina, que se mudou recentemente para um apartamento na Vila Madalena, bairro residencial de classe média na Zona Oeste de São Paulo, aplicou no over os NCz$ 5.000,00 que recebeu como sinal pela venda de um imóvel.

O raciocínio de Tereza Cristina não é incomum — os vendedores que trabalham nas quatro lojas da rede Jean Bittar relatam um mesmo sentimento de urgência observado entre seus clientes. "Objetivamente, posso dizer que nosso movimento cresceu mais de 50% nos últimos meses", compara Jean Bittar, o dono da empresa.

Para uma fatia premiada da classe média, o Plano Verão tem um ligeiro sabor de Plano Cruzado — quando a febre do consumo esvaziou as prateleiras das lojas e supermercaos e lotou os restaurantes, casas noturnas, teatros e cinemas. Desta vez, porém, o consumo parece ser mais racional. "Sinto que hoje as pessoas gastam num sonho maior — elas vão ver o show do Rod Stewart ou do A-Ha, mas preferem comer em casa, ou tomar uma cerveja em vez de um vinho", observa o agitador cultural Antônio Machado, um dos proprietários do restaurante Spazio Pirandello, na zona central de São Paulo, ponto de encontro dos artistas e intelectuais da cidade.

Cautela — Machado sente que houve uma mudança radical no comportamento de sua clientela — além de uma ligeira queda de freqüência, ele constata que caiu em cerca de 30% o consumo médio por pessoa. Mesmo os pontos chiques de São Paulo não registram euforia de consumo. Massimo Ferrari, dono do restaurante classe A que leva seu nome, garante que não há nada próximo da agitação do Plao Cruzado. "O movimento se mantém estável, nada mais que isso", resume. Até mesmo no que se refere aos serviços, os gastos continuam controlados. "As pessoas continuam pensando duas vezes antes de pegar um táxi", diz Giovani Romano, secretário da presidência do Sindicato dos Condutores Autônomos de Veículos de São Paulo.

Há mais que cuidado no comportamento de certos consumidores. Alguns não deixam de temer o descongelamento e por isso compram, mas agem com cautela, e preferem usar o dinheiro de maneira mais razoável. É o caso de Lúcia Aparecida Pereira, viúva, dois filhos de 18 e 20 anos, vendedora de máquinas de costura Singer. Assustada com uma futura alta de preços, Lúcia decidiu não perder a oportunidade comprar o freezer, que, espera, vai facilitar sua vida.

Também para aproveitar o momento favorável à compra, vendeu dois dos três telefones que possuía e, com o total arrecadado, de NCz$ 4.000,00 comprou um Chevette Hatch 1981.

Maílson não quer fazer alterações

Miriam Leitão

"O drama de qualquer política de juros altos", afirma o ministro Maílson da Nóbrega, "é exatamente este: aumentar o custo e transferir renda". Mesmo admitindo estes problemas, o ministro continua convencido de que sua política monetária está certa e acha que não é exatamente o juro alto que está incendiando o consumo e sim os freqüentes boatos de início imediato do descongelamento. "Algumas pessoas dentro do governo têm incentivado estes boatos", admite.

Maílson confirma que no Ministério da Fazenda tem sido discutido intensamente nos últimos dias este aumento do consumo que poderia ser provocado pelo efeito riqueza do rendimento mais acentuado do overnight e da poupança. "Ainda há muita ilusão monetária no Brasil e tem muita gente sacando os juros para consumir, sentindo-se mais rico, sem perceber que está dilapidando a sua poupança."

O ministro nega que os juros altos incentivando o consumo seja na verdade o feitiço contra o feiticeiro. "Não foi apenas para conter o consumo que os juros ficaram elevados nestes primeiros meses do Plano Verão", defende o ministro. Ele lembra que dos vários objetivos, o mais importante era o de "quebrar a expectativa inflacionária", e acha que isto foi conseguido.

Maílson: Ainda há fôlego

De quebra, o país arrematou uma quantidade considerável de reservas cambiais, quando os exportadores decidiram entregar mais rapidamente seus contratos cambiais ao Banco Central. O ministro não diz, obviamente, em que pé estão as reservas, mas afirma que o nível é satisfatório e próximo ao período anterior ao plano Cruzado (na época elas passavam de US$ 7 bilhões).

Os efeitos colaterais como o aumento do custo e, agora, incentivo ao consumo são menos preocupantes do que parecem na opinião do ministro. Já as conseqüências benéficas não estão sendo devidamente valorizadas. Por isto, o ministro garante que a política monetária continuará a mesma. "Se ainda temos fôlego? Com a política econômica dando certo haverá cada vez mais fôlego para se manter esta política", diz Maílson.

Espectro do consumismo volta a rondar a economia nacional

*José Antônio Martins**

A onda consumista, apontada pelo governo como responsável pela falência do Plano Cruzado, começa a ganhar corpo no Plano Verão. As pessoas estão lotando lojas, restaurantes, casas noturnas e táxis. O trânsito na cidade que está cada vez mais caótico, com engarrafamentos intermináveis. O aumento de passageiros para carros de praça cresceu 47% em março, segundo o motorista Hermes Chaves, que agora roda em média 250 quilômetros por dia contra os 170 quilômetros que rodava normalmente. "Hoje qualquer *pé rapado* anda de táxi", brinca Chaves. Para este mês, os empresários de todos os setores estão esperando um crescimento ainda maior, com a queda da poupança e do overnight.

No comércio, as vendas também estão começando a esquentar. No shopping Rio Sul os consumidores compraram 25% mais em fevereiro em relação ao mesmo período do ano passado, segundo o diretor geral, Flávio Rizzo. Para o mês de março, que ainda não estava fechado, ele espera um crescimento superior a fevereiro, mas não quis arriscar um número. "Este ano está atípico, pois esperávamos queda com o Plano Verão e nossas vendas não param de aumentar", observa Rizzo.

Nas lojas de eletrodomésticos do Ponto Frio as vendas caíram em janeiro e fevereiro cerca de 20%, informa o diretor comercial da rede, Albert Arar. "Em março houve uma recuperação pequena, mas comparado com fevereiro crescemos cerca de 25%", calcula Arar. Ele atribui a elevação das vendas ao imposto sobre o overnight, a baixa dos juros, ao medo do descongelamento e aos ganhos com a poupança.

Pelas contas de Ricardo Cid, gerente de Marketing do Shopping Norte, as lojas daquele centro comercial devem ter fechado março com um aumento real de vendas de 30% sobre igual mês do ano passado. "Alguém está mentindo em relação ao Plano Verão. O trabalhador diz que seu salário foi achatado, o governo anuncia que os depósitos em cadernetas de poupança aumentaram e o comércio está vendendo tudo. Já há até falta de alguns eletrodomésticos e eletroeletrônicos", analisa.

Fernanda Mayrink

Chaves: "Hoje qualquer pé rapado anda de táxi"

Shows — As casas de shows e restaurantes do empresário Chico Recarey também estão registrando alta na freqüência. "Em janeiro nosso movimento ficou igual, mas em fevereiro e março tivemos um crescimento de público de cerca de 10%", garante Recarey. Para ele, o plano atual foi mais calmo que o Cruzado. No entanto, sua expectativa para abril é de um aumento mais significativo que os meses passados.

No Mario's, tradicional restaurante carioca, o movimento subiu cerca de 7% em março, após ter registrado quedas de 30% em janeiro e de 20% em fevereiro, segundo o vice-presidente, Osmar Fontana. Ele alerta que um pouco da redução da freqüência de seus restaurantes está diretamente associada ao pouco caso das autoridades resposáveis com o turismo. "Cerca de 30% do nosso público é de turistas. Porém, com a cidade largada do jeito que está, perdemos grande parte desta fatia que não vê crise", diz Fontana.

Trânsito — Hermes Chaves, "sem querer discriminar", disse que agora todo mundo quer andar de táxi. "Vendedor de algodão doce, babá, cobrador de ônibus e até pedinte quer ir de carro para casa", afirma Hermes. Para ele, as tarifas estão muito baratas; no entanto, concorda que o aumento de passageiros começou a crescer nos últimos 45 dias.

A professora de educação física, Suelly Worelzek, de 29 anos, moradora de Ipanema, é o exemplo do aumento de passageiros para este tipo de transporte. Ela afirma que tem andado pouco de ônibus em comparação com o mês passado. "O percurso de Ipanema até Botafogo, que fazia sempre de ônibus, para ir até meu trabalho, agora só faço de táxi. É mais rápido e melhor", conta Suelly, que gasta NCz$ 3,90 por dia.

O trânsito da cidade, que já era difícil, está agora insuportável, segundo o motorista de táxi José Antônio de Mello, que dirige seu carro de 7h às 19h, todos os dias. "Depois do Plano Verão os engarrafamentos estão virando rotina no Rio", conta José Antônio. Ele disse que nunca tinha visto, nem no Plano Cruzado, o trânsito carioca tão caótico como ultimamente. Segundo um guarda da Polícia Militar, que não quis se identificar, os engarrafamentos ficaram pelo menos 30% mais intensos.

*Colaborou Elane Maciel

Índice de março expõe deficiências do plano

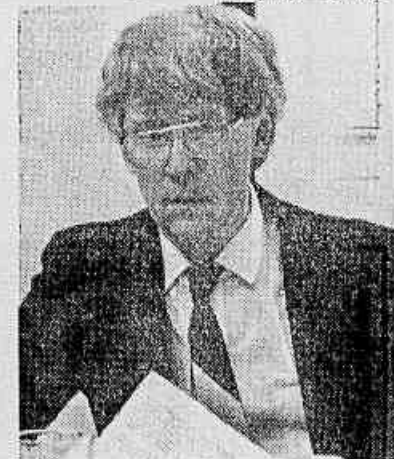
Kido Guerra

O resultado do IPC de março, divulgado pelo governo na última sexta-feira, além de trazer um resultado acima do esperado, com uma taxa de variação de 6,09%, trouxe ao mesmo tempo uma constatação (o congelamento está funcionando praticamente apenas para os produtos oficialmente controlados) e uma dúvida (como se justifica que, em pleno congelamento, vários preços chegaram a subir em torno de 20% e alguns superaram a marca dos 50%?).

É o caso específico das roupas infantis que, em apenas 40 dias (período em que foram coletados os dados para os índices oficiais de fevereiro e março), foram aumentadas, em média, 56,56%, de acordo com o IBGE. Os calçados, no mesmo período, foram aumentados em 28,40%, as roupas femininas tiveram reajustes médios de 27,68%, enquanto os preços das masculinas, só no índice de março, acusaram uma taxa de 8,75%, apesar da coleta do IBGE ter sido feita no início das liqüidações de verão

O próprio IBGE admite - as variações só não foram maiores por causa das liquidações — e reconhece a dificuldade do governo em fiscalizar os artigos de vestuário que "têm permanentemente ofertas intensas de novos modelos no mercado e, em período de congelamento, tal estratégia de vendas é também uma estratégia de preços."

Esse artifício utilizado pelo setor praticamente anula a eficácia do controle do governo, mas não pode servir de justificativa para aumentos, por exemplo, nos preços de televisores (14,87%, desde o Plano Verão), eletrodomésticos (8,32%), utensílios domésticos (12,06%, só em março), demonstrando as dificuldades que o governo vem enfrentando para manter congelados os chamados os preços livres.

"Não queremos criar um Estado policial", justifica Michal Gartenkraut, assessor especial do Ministério da Fazenda, acrescentando que os resultados obtidos demonstram que o congelamento está sendo "razoavelmente respeitado". Mas ele mesmo depois reconhece a fragilidade do controle de preços: "Sabe quantos fiscais a Sunab tem em todo o país? Não chega a dois mil."

Arquivo — 25.10.87

Gonçalez: fatores espúrios

Sua opinião é endossada pelo presidente da Comissão de Acompanhamento do Plano Verão, o economista Cláudio Adilson Gonçalez, que observa: "Não fossem os fatores espúrios da inflação de março — aumentos dos aluguéis (29,5%), carros usados (39,09%) e mensalidades de associações esportivas (25,62%) captados pelo IBGE —, o IPC teria ficado em 3,5%, o que seria um ótimo resultado." Segundo ele, o que importa não são os aumentos isolados de produtos, mas a média da variação dos preços. E nesse aspecto, "o congelamento tem sido eficaz, apesar de algumas altas de caráter especulativo".

Outros preços livres, motivados por questões sazonais, também têm dado saltos surpreendentes em pleno congelamento, como os das hortaliças e verduras (só em março, um aumento de 32,29% justificado pela entressafra, mas insuficiente para pressionar a inflação, pois seu peso na formação do índice é pequeno). Talvez por isso, o item não tem sido classificado como "espúrio" pelo governo. Um adjetivo que poderá passar a ser utilizado para justificar os prováveis futuros aumentos dos preços de produtos de grande peso, como os vestuários (devido aos lançamentos da próxima estação) e a carne. A entressafra vem aí. E o ágio já chegou.

Vendas fictícias trazem de volta escândalo da Delfin

Ronaldo Lapa

Os dois terrenos que o grupo Delfin passou ao BNH há seis anos — numa rumorosa operação de dação que resultou na liqüidação extrajudicial do grupo — estão novamente sob suspeita de escândalo. Vários apartamentos construídos no local foram *vendidos* irregularmente por um grupo de pessoas, que se diziam ligadas a três cooperativas habitacionais, com a conivência de funcionários da Caixa Econômica Federal (CEF).

As *vendas* começaram em agosto de 1986, quase à mesma época em que três cooperativas (X-Rio, Cohasep e Cooperativa dos Subtenentes e Sargentos do Exército) tentavam comercializar parte dos 1.700 apartamentos construídos no local. A promessa, na época, era de que as unidades estariam disponíveis num prazo máximo de seis meses, mas tanto os compradores que se inscreveram nas cooperativas como aqueles que adquiriram os imóveis no esquema *por fora* estão até hoje esperando suas habitações.

Um apartamento de dois quartos, varanda e vaga na garagem, entre as ruas Engenheiro Souza Filho e a Estrada Velha da Barra, na Barra da Tijuca, era oferecido no início da operação por apenas Cz$ 25,00. Bastava que o comprador assinasse um documento em branco, conhecido na CEF como "entrevista-proposta", para ter garantido um financiamento que prometia prestações seriam menores do que qualquer aluguel nas imediações. O comprador sequer precisava comparecer à sede da Caixa para assinar o documento: um *agente* se encarregava de levá-lo à sua residência. Uma das principais *agentes* dessa chamada operação *por fora*, Nancy Barcelar Lima, se fazia passar por funcionária do extinto BNH para atrair os incautos.

A operação era facilitada porque a maior parte dos interessados estavam cadastrados nas três cooperativas e estas, além de exigirem uma renda familiar compatível com os preços do financiamento pretendido, condicionavam a entrega dos apartamentos a um sorteio prévio. Mas se o candidato à compra aceitasse fazer o pagamento sem exigir recibo essa etapa seria agilizada sem qualquer burocracia pelos *agentes*. Ou seja, o sorteio deixava de acontecer.

Impedimento — Informações colhidas na CEF e também junto aos ex-controladores do grupo Delfin indicam, no entanto, que dificilmente aqueles imóveis serão liberados para comercialização. Além da inexistência da infra-estrutura necessária ao empreendimento existe correndo na Justiça uma ação impetrada pelos sócios da Delfin solicitando o impedimento das vendas até que duas outras ações populares sejam julgadas. Os autores dessas duas ações são o deputado Mariano Gonçalves (PDT-RJ) e o advogado paulista Walter Amaral, que ainda tentam, através da Justiça, impedir a operação de dação dos terrenos, realizada pelo ex controlador majoritário do grupo Delfin, Ronald Levinsohn, e o extinto BNH.

Apartamentos valem hoje 10 mil OTNs

Nos terrenos que o grupo Delfin passou ao BNH, no Rio, foram construídos até o momento oito prédios com 18 andares cada, totalizando 1.600 apartamentos. Um desses edifícios ficou com o ex-controlador da Delfin, Ronald Guimarães Levinsohn. Os outros permaneceram em poder das três construtoras (Cojan, Master-Incosa e Balbo), que mais tarde repassaram os empreendimentos às três cooperativas agenciadas pela Ascop: X-Rio, Cohasep e Cooperativa dos Subtenentes e Sargentos do Exército.

No contrato de dação feito entre a Delfin e o BNH, cada apartamento foi estimado pelo seu valor potencial em 822 OTNs de janeiro de 1983. Quando as construtoras repassaram as unidades para as cooperativas, o preço dos apartamentos já alcançava 2.800 OTNs. Agora, cada uma delas já custa em torno de 3.250 OTNs, o que para o presidente da Ascop, José Martins Cutz, ainda está muito aquém do valor de mercado estimado por ele em 7 mil OTNs por apartamento de dois quartos e varanda.

Tasso Marcelo

1.600 apartamentos vazios

Os imóveis estão localizados nos terrenos onde há poucos trechos urbanizados e outros onde nada se fez até agora, além da terraplenagem. O maior deles, situado no Eixo Barra da Tijuca/Jacarepaguá é dividido pela Avenida Engenheiro Souza Filho em duas glebas inteiramente distintas. Inexiste também qualquer atividade comercial nas proximidades, a não ser as "biroscas" da Favela Rio das Pedras, com aproximadamente 10 mil moradores, e que mantém o seu contínuo crescimento ao redor dos imóveis. Ambos os terrenos situam-se ainda na área planejada por Lúcio Costa — o Plano Piloto da Barra da Tijuca.

O presidente da Ascop lembra também que caso a CEF decida realmente realizar as obras de infra-estrutura, os imóveis serão comercializados, com financiamento de 30 anos a todas as pessoas cadastradas e que tenham renda compatível com o novo custo também estimado por ele em mais ou menos 10 mil OTNs.

Ascop espera a atuação da CEF

José Matias Cutz

José Matias Cutz, presidente da Ascop, entidade responsável pela coordenação das três cooperativas envolvidas na comercialização das unidades habitacionais que pertenceram ao Grupo Delfin, afirma que tomou conhecimento das operações irregulares, mas pouca coisa pôde fazer. "Vários escritórios falando em nome das cooperativas ofereceram facilidades que nunca existiram, fomos obrigados a entrar com queixa-crime na Delegacia de Defraudações, mas os acusadores desapareceram." Nenhum dos lesados, inclusive vários oficiais militares, segundo explicou, apareceu para testemunhar quando o caso foi parar na polícia.

Apontando a "máquina burocrática" do extinto BNH como a principal responsavel pela paralisação das obras de infra-estrutura que deveriam ser feitas no local, ele diz que não pretende criar falsas expectivas nos potenciais compradores. Havia 10 mil candidatos inscritos para apenas 1.040 apartamentos disponíveis. "Fizemos o sorteio, escolhemos 3 mil candidatos, mas todos foram informados de que não existia qualquer prazo estipulado para a entrega do empreendimento. Agora temos que esperar que a CEF cumpra suas obrigações", explica.

Pecuaristas apostam na alta e mantêm boi no pasto

Lia Carneiro

SÃO PAULO E RIBEIRÃO PRETO — Enquanto nas grandes capitais os consumidores enfrentam, mais uma vez, a decepção de encontrar as vitrines vazias em açougues e supermercados, na pequena cidade de Cajuru, a 309 quilômetros de São Paulo, na região de Ribeirão Preto, a população começa a se preocupar com a nova onda de desabastecimento. No final desta semana, a justificativa para a fila na frente de um açougue cajuruense eram os comentários sobre uma possível falta de carne. A dúvida que surgiu, debaixo do sol forte, foi simples: por que fila? Efetivamente, ainda há carne em Cajuru. E em Ribeirão Preto também. Até mesmo os pecuaristas que moram na região criando e engordando o boi nas suas fazendas em Goiás, confirmam: ainda tem boi gordo na praça.

O problema da carne, como já aconteceu na época do falecido Plano Cruzado, pode ser atribuído ao descuido do governo e à intransigência do pecuarista. "O governo age como se não tivesse memória. O estoque regulador tem que ser feito sempre e não na hora que a coisa estoura", diz o presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Carne do Estado de São Paulo, Manoel Henrique Farias Ramos. "Eu não vendo o meu boi gordo. Se quiserem confiscar, podem vir", rebate o pecuarista. "Mas contratem os mocinhos do Malboro porque, pelo menos eles entendem de boi," brinca, referindo-se às operações de 1986, quando a Polícia Federal foi colocada no encalço do gado.

Causas — Para entender os motivos da falta de um produto que pasta tranquilamente nas fazendas de Lazzarini em Cajuru e Goiás — ele tem 3.000 cabeças de gado por ano em suas fazendas — é preciso ter muitos ouvidos. "A principal razão é o desalinhamento entre os preços da carne e do frango", interpreta o presidente da Sociedade Rural Brasileira, Flávio Teles de Menezes, um dos maiores pecuaristas do país, com duas fazendas no Centro-Oeste. Como um quilo de frango corresponde, em termos de carne sem osso, a um quilo de alcatra, Menezes acredita que a dona-de-casa paulistana, por exemplo, não hesita em pagar NCz$ 2,70 pela alcatra, contra NCz$ 1,42 pelo frango. "Com o Plano Verão, o consumo de carne cresceu."

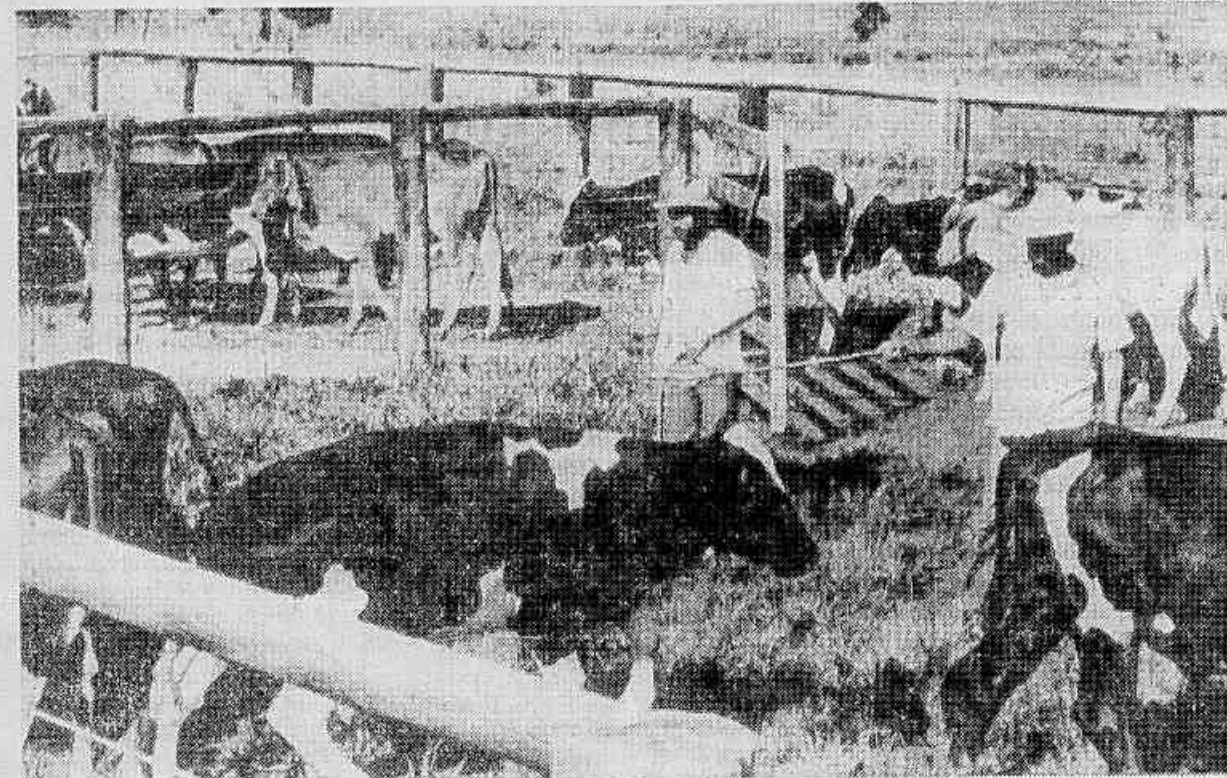
O presidente do Sindicato dos Açougueiros garante que o boi gordo anda "escondido" graças à uma combinação entre estiagem prolongada — a safra deveria ter começado em novembro, não em janeiro — e mercado externo atraente. "Com a diminuição da oferta interna, o que sobra vai para o mercado externo, já que os exportadores têm preço competitivo e incentivos", explica Farias Ramos. "Estamos adiando e negociando os contratos futuros", garante o diretor-executivo da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras das Carnes Industrializadas, José Milton Dallari Soares.

Na verdade, se a carne sumiu das vitrines e o boi gordo não saiu do pasto, não há frango, estiagem ou exportações suficientes para explicar a atual situação do consumidor. "Essa história de exportações não leva à nada. O problema é mesmo o pecuarista.", diz Lazzarini. Para ele, a novela da alta da carne começa como uma reação dos pecuaristas aos chamados "pardais da roça". São os pequenos empresários que ganharam com os juros do over e compraram terra.Só que os pardais da roça também compraram bezerros para suas terras.

O aquecimento da demanda no primeiro degrau do ciclo da carne — bezerro, garrote, boi magro e boi gordo —, desequilibrou o resto. "Antes, com o que se recebia por um boi gordo, pagava-se de 1,5 a 2 bois magros. Hoje, a relação é de 1,3", garante Lazzarini. O problema é que nem todo pecuarista precisa vender e comprar seus bois neste momento. Principalmente quando se sabe que, para a entressafra, a partir do segundo semestre, a tendência do preço do boi gordo é de alta, dada a redução na oferta, e a do boi magro é de baixa. "O Plano Verão não segura esses juros por muito tempo e os pardais da roça vão desaparecer", acredita Lazzarini.

Enquanto isso, o pecuarista segura o boi gordo e especula. "Posso aguentar mais um mês. E nessa, quando oferecerem 30, só vendo por 33", explica Lazzarini. "Isso é capitalismo. Ou então, o negócio é fazer uma clínica de emagrecimento de boi." Para Lazzarini, o governo deveria fazer o mesmo que o ex-ministro da Fazenda, Luis Carlos Bresser Pereira, fez no congelamento de 1987: congelar o dianteiro e deixar liberado o traseiro (carnes nobres) do boi.

Depois de terem vencido a guerra contra o governo em 1986, os pecuaristas estão para lá de confiantes de que a de hoje também será vitoriosa. Três pecuaristas residentes em Ribeirão Preto, mas que possuem fazendas em Goiás, concordam em gênero e grau com Lazzarini. "O governo tem que deixar o mercado funcionar sozinho", sugere o pecuarista Júlio Gallo, que prefere não revelar quantas cabeças de gado tem na fazenda goiana. "Se resolverem confiscar, vai ser outro vexame", afirma Sérgio Cardoso de Almeida, pecuarista e ex-deputado federal pelo PDS, que também não fala em números. "O Sarney quer ganhar a eleição e, mais uma vez, está apelando para o preço da carne", lembra Waldo Silveira Junior, dono de 2.500 cabeças de gado e advogado tributarista. Para eles pacto social é a lei da oferta e da procura. Para o consummidor, é pagar o pato e comer frango.

Ariovaldo Santos

Enquanto o consumidor enfrenta o ágio e as filas o boi gordo fica retido no pasto

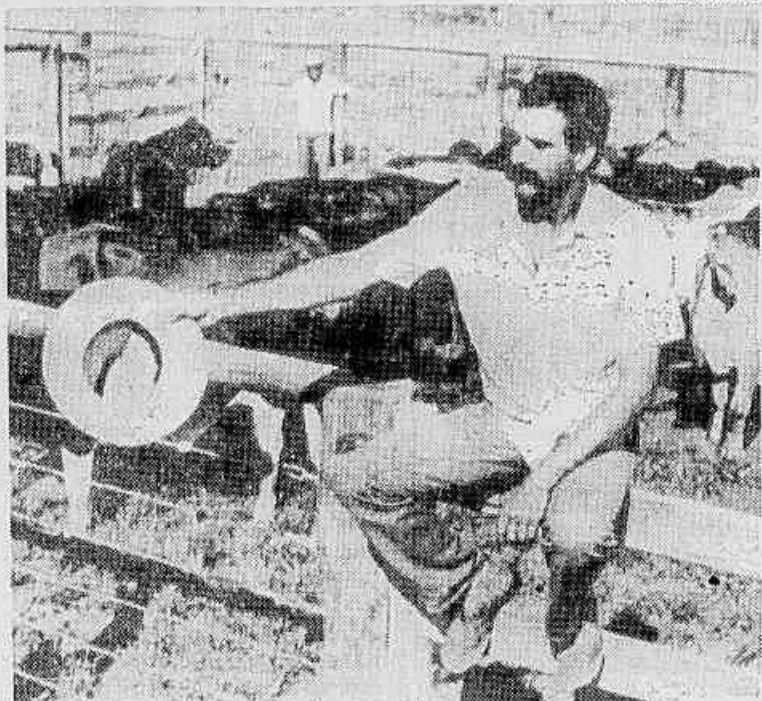
Brasil é um dos maiores exportadores

Na ciranda de explicações sobre o sumiço da carne nos açougues e a permanência do boi gordo no pasto, a predileta dos açougueiros — e a mais rechaçada pelos pecuaristas — é responsabilizar as exportações.

Apesar de tanta confusão em torno da carne nos últimos anos, o Brasil continua entre os maiores exportadores de carne do mundo — perde para os Estados Unidos e a Austrália. E se o Plano Verão não tivesse modificado a lei da oferta e da procura, os exportadores aumentariam suas vendas este ano de 500 mil para 600 mil toneladas. "Agora, não dá para prever nem qual será redução", diz o diretor-executivo da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras das Carnes Industrializadas, José Milton Dallari Soares.

Pelos dados de Soares, os grandes frigoríficos do país estão trabalhando com 50% de capacidade ociosa e já deram 20 dias de férias coletivas para metade dos funcionários. "Nossa oferta é de NCz$ 20 a arroba", diz Soares. "E já tomamos um prejuízo de NCz$ 2, já que o preço congelado é de NCz$ 18." A reinvindicação dos exportadores é que, nos próximos 30 dias, o governo reedite a medida do Plano Cruzado, reduzindo o ICM, previsto em 12% em abril, para apenas 1%. A segunda medida: aumentar os preços nos cortes básicos do traseiro do boi (carnes nobres).

Exportação — *Na verdade, os exportadores já ganharam muito dinheiro com a desvalorização do cruzado em 17%, logo no início do Plano Verão. "A matéria-prima ficou 17% mais barata e ainda teve o mecanismo das antecipações dos contratos de câmbio. Os exportadores tiveram a possibilidade de receber quantias superiores às previstas nos contratos", lembra Flávio Teles de Menezes, presidente da Sociedade Rural Brasileira. Como um dos maiores pecuaristas do país, Menezes é dos poucos a admitir os ganhos dos exportadores com o Plano Verão. E um dos muitos a não encarar o fato como um provável início de alta dos preços do boi gordo.*

Ariovaldo Santos

Darci: esperar o fim do congelamento para vender

Menos de um mês após a desvalorização da moeda, Manoel Henrique Farias Ramos, presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Carne no Estado de São Paulo, denunciava a alta no preço da arroba do boi. Os pecuaristas já estavam pedindo até NCz$ 20, ao invés dos NCz$ 18 do tabelamento."Os pecuaristas perceberam o lucro que os frigoríficos estavam conseguindo e resolveram participar da festa", alertou na época Farias Ramos. "Depois que os efeitos da estiagem prolongada começaram a aparecer, o preço disparou ainda mais. Agora, só pagando ágio", diz Farias Ramos.

Mas os pecuaristas negam essa versão da novela do boi. "Isso é boato. Parece que esses planos provocam psicose nas pessoas. E a culpa sempre é dos pecuaristas", desabafa Sérgio Cardoso de Almeida, ex-deputado federal pelo PDS e pecuarista na região de Goiás. Cardoso de Almeida mora em Ribeirão Preto — depois de Goiânia, Ribeirão é o maior centro residencial de pecuaristas do país — tem uma fazenda de cana-de-açúcar na região e amigos pecuaristas que endossam suas palavras. "Não sou contra o Plano Verão, mas parece que o congelamento dos preços não é o caminho. Se o governo acabar com esse Plano, é possível que a carne apareça", aposta Júlio Gallo, fazendeiro em Goiás e em Ribeirão Preto. "Ou então esperamos acabar o congelamento e vendemos pelo preço que quisermos", sugere Darcu de Paula Guimarães, gerente da fazenda de Lazzarini em Cajuru

Mas há quem aponte outros culpados pelos açougues fechados. "Não dá para querer que um quilo de carne custe NCz$ 2,40, quando o quilo do pimentão custa a mesma coisa", explica o presidente do Sindicato Nacional dos Pecuaristas de Gado de Corte, Antonio Oliveira Pereira — numa das feiras mais caras de São Paulo, a do bairro do Pacaembu, o quilo do pimentão verde, de tamanho médio, custa no máximo, NCz$ 1,60.

Para a UDR, até mesmo a reforma agrária e o frei Leonardo Boff são responsáveis pelo desabastecimento de carne. "É claro que o preço da carne tinha que subir. Antes, o aluguel do pasto sempre custou o equivalente a um quarto de arroba por boi. Depois do desincentivo aos pecuaristas e das reformas do frei Boff, o preço pulou para meia arroba", acusa o advogado tributarista, fundador da UDR em Ribeirão Preto e pecuarista goiano, Waldo Silveira Junior. (L.C.)

Criatividade substitui o bife e pode combater ágio e filas

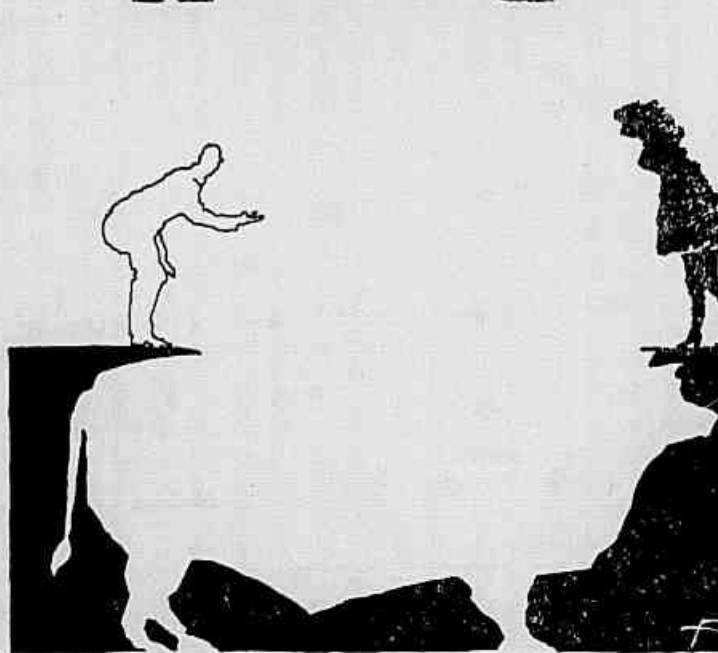
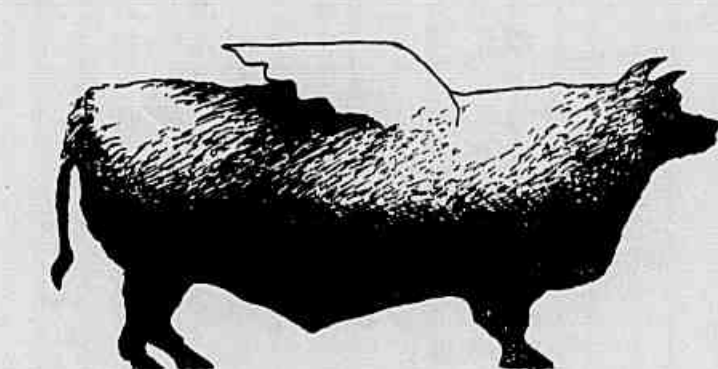
Aliedo

Já está na hora do brasileiro declarar sua independência em relação à carne bovina — produto que, a cada plano de estabilização econômica, seja na safra ou entressafra, desaparece e leva milhares de pessoas a enfrentar filas e a pagar ágio, como se não existissem substitutos à altura. Ao invés de se submeter às vontades e cotações dos pecuaristas, os consumidores podem e devem criar um cardápio variado com produtos muitas vezes até mais baratos do que o tradicional bife.

Limitar o sofrimento, causado ora pelos altos preços ora pela escassez da carne bovina, significa adotar novos hábitos alimentares que levem à mesa opções tão ou mais sedutoras. Mas parece que isso não é fácil para quem está acostumado a fazer do bife prato diário. Na sexta-feira, um verdadeiro drama se desenrolava nas Casas Sendas, em Botafogo. Seis donas de casa, depois de constatarem que não poderiam contar com a chã (NCz$ 2,56) ou alcatra (NCz$ 2,73), partiram para a seção de frangos. Só que não havia mais frango, apenas asas. Desapontadas, entreolhavam-se e repetiam: "E agora, o que vou dar aos meus filhos?"

A resposta mais rápida seria: dê ovos. Mas, como o produto também concorre para o título de vilão do Plano Verão (os avicultores querem mais aumentos), raramente é encontrado nos supermercados — aparece, no entanto, nas feiras-livres e camelôs, temperado com ágio. Na tabela, a dúzia do tipo grande está a NCz$ 0,87, enquanto no mercado negro chega a NCz$ 1,30. Apesar desses problemas, não se pode ignorar que os ovos continuam sendo substitutos baratos do bife. Um omelete recheado de batatas fritas, acompanhado de uma temperada salada de alface tem grandes chances de agradar à geração da carne bovina. Tudo isso, sem falar nos ovos de codorna, vendidos por até NCz$ 1,50 em caixas com uma dúzia e meia.

Economia — Mesmo com leves ameaças de ágio, o frango volta a ganhar destaque na época de vacas-magras. A grande dica é fugir das feiras e partir para os supermercados, onde o preço é tabelado e o abastecimento normal (as seis dramáticas donas-de-casa foram vítimas do acaso do destino). Vale lembrar que o governo fixou em NCz$ 1,44 o preço do frango fresco e em NCz$ 1,32 o congelado. Assim, com economia e charme, pode-se oferecer em um jantar para até oito pessoas um frango com creme de milho, sem nenhum perigo de comprometer o orçamento doméstico.

E para o dia-a-dia, o frango pode ser desdobrado em tantas opções quanto a criatividade da cozinheira permitir. Mas, se forem poucos os dotes culinários, o jeito é procurar os produtos congelados semi-prontos. Nos balcões refrigerados dos supermercados, há hamburgueres e almôndegas de frango. Os primeiros custam cerca de NCz$ 1,60 a caixa com seis unidades (540 gramas), enquanto as almôndegas saem por algo em torno de NCz$ 2,20 (500 gramas, 20 unidades). Entre as aves, pode-se apelar também para o natalino peru temperado e congelado da Sadia, vendido a Ncz$ 2.30 o quilo.

Ainda na linha do bom e barato aparece a sardinha. Até quem tem forte preconceito contra o produto é capaz de degustar uma torta — feita também com repolho, azeitonas, salsinha, tomates, cebolas — sem descobrir que o principal ingrediente é a sardinha. "Costumo chamá-la de Torta de Frutos-do-Mar, pois, ao comê-la, sentimos o gosto de camarão e siri", garante a autora da receita, Antonietta Noratt Guimarães, 69 anos, moradora de Teresópolis. A sardinha também pode assumir ares de bacalhau, num prato preparado à base de batatas, no estilo espanhol. A lata de 135 gramas de sardinha está tabelada a NCz$ 0,45. Com atum (preço da lata gira em torno de NCz$ 1,00) é possível também fazer rápidos e gostosos improvisos.

Massas — Já os italianos fazem das massas os pratos principais de qualquer refeição. Seus seguidores, aqui no Brasil, podem comprar, com menos de NCz$ 1,00, um pacote de 500 gramas de massa para canelone e deixar o recheio por conta da ricota — NCz$ 2,54 o quilo na tabela de preços congelados. Para a lasanha, dois ingredientes fundamentais também estão com os preços congelados: presunto, a NCz$ 5,00 o quilo e muzzarela, a NCz$ 4,41 o quilo. E quem quiser inovar pode substituir a massa por folhas de repolho cozidas. Engorda menos.

Mas a falta de carne bovina pode levar a variações ainda maiores em relação ao tradicional do cotidiano. Nos supermercados, o pato congelado da Sadia é vendido por cerca de NCz$ 1,75 o quilo. O coelho sai bem mais caro — NCz$ 3,30, o quilo —, mas acaba tornando-se barato se comparado ao preço do filé mignon: NCz$ 3,50 na tabela (praticamente impossível de se encontrar) ou até NCz$ 5,00 nos açougues que cobram ágio. Quem dispõe de orçamento folgado, tem como opção ainda o lombinho (NCz$ 5,13 o quilo na tabela), as variadas lingüiças de porco (na faixa de NCz$ 5,80 o quilo) e o bacalhau (o produto é tabelado e custa entre NCz$ 6,40 e NCz$ 10,10 o quilo, dependendo do tipo).

Assim, não se sustenta a desculpa de que, para o bife, não há substitutos. Pelo contrário, eles surgem em número cada vez maior, dependendo da imaginação de quem está à frente do fogão. Para Danúsia Bárbara, repórter especializada em gastronomia do *JORNAL DO BRASIL*, o importante é saber como preparar os pratos. Segundo ela, a cozinha chinesa, por exemplo, é reconhecida por dezenas de *gourmets* como a mais sofisticada do mundo. "E eles usam de tudo, inclusive cobra, para criarem pratos finíssimos e deliciosos."

Frango com milho

1 quilo e meio de frango
5 espigas (ou duas latas) de milho
1 litro de leite
2 colheres (sopa) de manteiga
5 colheres (sopa) de farinha de trigo
Refogar o frango com temperos (alho, cebola, pimenta do reino)
Fazer o creme branco com farinha de trigo, manteiga e leite.
Juntar o milho e seu caldo
Misturar o creme de milho ao frango já desfiado, levando ao forno coberto com queijo parmesão para gratinar
Sirva com arroz branco - Porção para 8 pessoas

Lasanha de repolho

1 repolho grande (2 quilos)
2 colheres (sopa) de manteiga
2 colheres (sopa) de farinha de trigo
1 litro de leite
250 gramas de presunto
250 gramas de muzzarela
Cozinhar as folhas do repolho Guardar a água onde foram cozinhadas
Fazer o creme branco com farinha de trigo, manteiga, leite e juntar a água do repolho
Untar o tabuleiro com manteiga. Colocar uma camada de repolho, uma de creme, uma de muzzarela e uma de presunto, sucessivamente
Cobrir com queijo parmesão e levar ao forno para gratinar
Porção para 6 pessoas

Atum ao forno

250g de macarrão parafuso
Uma lata de atum
1/2 xícara de maionese
1/2 xícara de leite
1/2 lata de ervilhas
Azeitonas verdes picadas
Cozinhe o macarrrão e escorra
Amasse o atum
Misture o atum aos demais ingredientes
Acrescente o macarrão cozido à mistura
Coloque tudo num pirex
Cubra com parmezão ralado
Leve ao forno por 20 minutos
Siva bem quente
Porção para 4 pessoas

Hamburguer de grão de bico

1 1/2 xícara de grão de bico
1 cebola grande
4 colheres (sopa) de suco de limão
2 colheres (sopa) de salsa picada
2 colheres (chá) de alho espremido
2 colheres (chá) de sal
1 1/2 colher (chá) de fermento em pó
2 colheres (chá) de coentro picado
1 colher (chá) de cominho
2 ovos batidos
2 pitadas de pimenta do reino
Colocar a água (4 xícaras de chá) no fogo para ferver o grão de bico por 2 minutos
Deixar de molho durante 1 hora (se der tempo deixe de molho de um dia para o outro) e depois escorrer a água
Passar o grão de bico junto com a cebola na máquina de moer
Colocar numa vasilha funda e adicionar os ingredientes restantes (com exceção dos ovos). Misturar bem
Deixar a massa atingir a temperatura ambiente
Juntar os ovos batidos e misturar tudo novamente
Fazer os hamburguers e fritá-los em uma frigideira tefal untada de óleo
Porção para 4 pessoas

Torta de "Frutos do Mar"

1 kg de repolho
2 latas pequenas de sardinhas no azeite
salsa
cebolinha
coentro
1 cebola grande
1 tomate grande
150 gramas de azeitonas pretas
100 gramas de coco ralado
2 colheres (sopa) de farinha de trigo
8 ovos
Cortar o repolho bem fino e escaldá-lo em bastante água fervendo Deixar escorrer
Limpar as sardinhas e guardar o azeite
Picar salsa, cebolinha, coentro tomate e azeitonas (bem miúdos) e
colocar tudo em um recipiente, adicionando o repolho, cebola ralada, coco ralado as sardinhas e finalmente a farinha de trigo
Bater os ovos no liquidificador e adicioná-los à mistura do recipiente
Provar para testar o sal
Untar a forma com o azeite da sardinha e colocr a mistura
Enfeitar com rodelas de cebola, tomate pimentão
Levar ao forno quente por meia hora
Porção para 8 pessoas

Sardinha do Porto

6 batatas grandes
3 cebolas grandes
1 lata de sardinha
1 ovo
Pimentão cortadinho
Salsa
Azeite
Orégano
50 g de azeitonas (verdes e/ou pretas)
Corte as batatas em quadrados grandes
Leve-as ao fogo para cozinhar bem
Retire a espinha central das sardinhas
Esfarele as sardinhas em pedaços miúdos
Corte as cebolas em rodelas
Coloque as batatas bem cozidas em tigela refratária
Regue com bastante azeite enquanto as batatas estiverem quentes
Misture a sardinha esfarelada
Jogue as rodelas de cebola por cima
Acrescente o pimentão
Coloque as azeitonas e bastante orégano
Salpique a salsa cortadinha
Volte a regar com azeite
Bata o ovo inteiro e jogue por cima
Leve ao forno brando por 20 minutos
Porção para 4 pessoas

Custo da dívida pública supera gastos com servidor

Joyce Jane

A dívida pública — em circulação no mercado financeiro — é hoje um dos maiores problemas do governo. Os juros pagos mensalmente por ela (previsão de NCz$ 1,2 bilhão a partir de maio) equivalem a uma despesa maior do que a folha de pagamento de pessoal da União (NCz$ 1,1 bilhão ao mês). Superior a US$ 50 bilhões (20% do Produto Interno Bruto), seu tamanho e concentração no curtíssimo prazo preocupam o governo e Thadeu de Freitas, diretor da Dívida Pública do Banco Central, afirma: "O que está errado não é a dívida. O que precisa ser revisto é tudo aquilo que ela financia". O ministro Maílson da Nóbrega também defende a tese de que está tudo bem e usa um bom termômetro: na sexta-feira foram oferecidos títulos ao mercado no valor de NCz$ 3,6 bilhões e apareceram propostas no valor de NCz$ 7,6 bilhões, provando que a dívida continua tendo bons e numerosos financiadores.

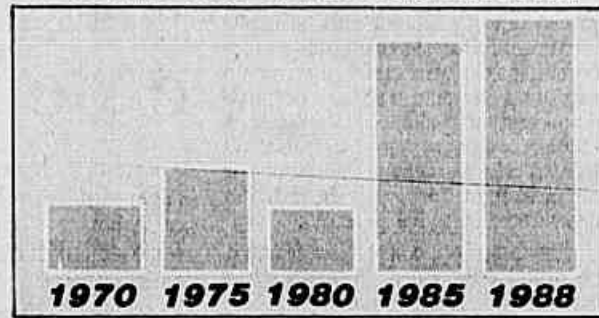
Mas nesses meses do Plano Verão, a situação se agravou porque, por razões de política econômica, o governo decidiu elevar as taxas de juros, aumentando consideravelmente seu custo. Técnicos do governo estão prevendo que a dívida vai atingir 40% do PIB até o fim do ano. Para agravar essa situação, o Banco Central se depara com um ano eleitoral, onde as dúvidas em relação à política que o novo governo adotará para o mercado financeiro podem prejudicar a rolagem diária dessa cifra assustadora, que equivale a mil vezes o volume diário negociado pela Bolsa de Valores do Rio de Janeiro.

Segurança — *A grande preocupação é até quando o governo consegue manter o financiamento dessa dívida, pagando juros reais para conseguir atrair aplicadores. A necessidade diária de poupança já faz com que o governo detenha hoje mais de 90% de toda a poupança financeira disponível no país.*

Grandes aplicadores já questionam a segurança de aplicar em títulos federais, com medo de que alguma medida venha a prejudicar seus investimentos. Nesse caso, encontra-se por exemplo um grande banco estrangeiro que atua no país, credor do Brasil, que decidiu suspender a compra de títulos federais. O governo está encurralado, entre outros motivos, porque a economia brasileira se desacelerou nos últimos cinco anos, mas as depesas do governo não se reduziram. O resultado é que a dívida pulou de 4,9% do PIB em 1980 para 20% do PIB no ano passado.

Getúlio Vilanova

	Dívida Mobiliária Federal(*)	(*) Base Monetária	(*) Dívida + Base
70	5,0%	6,2%	11,2%
75	8,0%	5,0%	13,0%
80	4,9%	4,6%	9,5%
85	18,2%	3,2%	21,4%
88	20,00%	2,7%	22,7%

(*) Com relação ao PIB

Fernanda Mayrink — 08.12.88

Thadeu de Freitas prevê para este ano um endividamento maior que o do ano passado

Thadeu se preocupa com prazo

"A dívida pública hoje é o maior problema do governo". Quem faz essa afirmação é o próprio, Carlos Thadeu de Freitas, que ressalta, entretanto, que a dívida é mera conseqüência de todos os demais problemas da economia. "Hoje, tudo acaba em dívida. O que está errado é tudo que a gera", avalia.

Thadeu de Freitas não tem estimativa de crescimento do endividamento interno para este ano. "Ela vai ser maior do que a do ano passado", admite. Na sua opinião, o tamanho da dívida não chega a ser assustador porque ela ainda é administrável. Ele considera como o grande problema da dívida o fato de ela ser toda administrável no curtíssimo prazo. "O problema é que as incertezas políticas e econômicas não permitem alongar prazo", diz ele.

Este ano, Thadeu de Freitas se prepara para enfrentar um período difícil. Por ser um ano eleitoral, ele sabe que sua administração vai estar vinculada ao discurso político. "Se o Ibope der um candidato com retórica exacerbada, o mercado vai se retrair", prevê ele, que no momento garante não estar enfrentando dificuldades na venda de papéis federais.

Crescimento — Thadeu de Freitas não concorda com a análise de que as crescentes taxas de juros adotadas depois do Plano Verão façam a dívida interna dar um salto. "Ainda não cresceu estupidamente depois do Plano Verão porque houve uma *capada* nas taxas de juros no mês de janeiro", defende-se ele.

Ele compara o tamanho da dívida brasileira ao de outros países e conclui que não é esse o problema. "Na Itália, ela é quase 100% do PIB e nos Estados Unidos é mais de 50%. É um paradoxo porque esses países conseguem se financiar com juros muito menores do que o Brasil. Isso é possível porque as incertezas são muito menores", alega ele.

Para resolver esse impasse, ele propõe a independência do Banco Central. Thadeu de Freitas acredita que, no momento em que o Banco Central for subordinado ao Congresso, a administração da dívida será mais fácil. E invoca a história da Itália, onde depois da guerra já assumiram mais de 50 governos, mas pelo Banco Central só passaram cinco presidentes.*(J.J.)*

Mercado teme comprar novo título federal

A dívida pública interna que gira no mercado financeiro já ultrapassou os US$ 50 bilhões e o governo não tem superávit de caixa para poder resgatar parte dos títulos que vão vencendo. A solução é emitir novos papéis públicos para substituir os antigos. Mas, assim como aconteceu em 1984 — quando o país se mobilizava pela eleições diretas — parte do mercado financeiro começa a temer a compra de novos papéis federais, que estão sendo vendidos agora mas vão vencer no próximo governo (que não se sabe que política adotará para o mercado financeiro).

Os temores começam a se cristalizar na forma de ação. Um banco estrangeiro que opera no Brasil — que é um dos três maiores credores da dívida externa brasileira — resolveu não comprar mais nenhum título do governo para sua carteira de investimento. E essa instituição era muito ativa na aquisição de títulos públicos. Tanto assim que, em um passado não muito distante, esse banco tentou ser dealer (representante) do Banco Central no mercado aberto.

Riscos — *De acordo com informações de fontes do Banco Central, o que ocorre é que esse banco é visto pela sua matriz apenas como uma agência que atua no Brasil. Em função disso, qualquer problema que houver na administração da dívida pública, que traga prejuízos ao banco, obrigará a prestações de contas a seus acionistas fora do Brasil. Até com risco de responder processos pelo prejuízo. Para evitar possíveis complicações, esse banco preferiu deixar de comprar papéis do governo brasileiro.*

O comportamento desse banco não é isolado e o Banco Central começa a se conscientizar de que este ano será difícil na administração da dívida. O diretor da Dívida Pública, Carlos Thadeu de Freitas, já anunciou que fará uma revisão no sistema de dealers para que eles ajudem o governo na administração da dívida interna. Este mês, o sistema de dealers começa a ser revisto.

Candidatos — *O Banco Central sabe que a colocação ou não de títulos no mercado vai depender do discurso dos candidatos que forem favoritos. Se o mais provável futuro presidente da República começar a dizer, por exemplo, que quando assumir vai fazer uma moratória da dívida interna, a administração da dívida pode se tornar inviável. E incertezas se refletem em juros cada vez mais altos, ou seja, quanto mais o mercado financeiro colocar em xeque a administração da dívida, mais ele vai exigir taxas de juros elevadas para compensar os riscos. Isso provocaria um crescimento ainda mais assustador da dívida interna.*

Em 1984, por exemplo, o então candidato à presidência, Tancredo Neves, teve que escrever vários documentos informando qual seria a sua política para a área financeira. Só depois de muita certeza de que mesmo a posse do PMDB (na época ele era visto como partido de esquerda) não haveria surpresas com o gerenciamento da dívida é que o mercado financeiro voltou a comprar os títulos federais.

Viabilidade é incógnita

Existe uma grande dúvida em relação ao futuro da dívida interna. A necessidade do governo, de todo dia conseguir investidores interessados em aplicar mais de US$ 50 bilhões em títulos oficiais — e sem ter condições de devolver esse dinheiro caso as pessoas resolvessem não mais fazer aplicações — é um problema capaz de tirar o sono de qualquer administrador de Dívida Pública. Roberto Castello Branco, diretor do Banco Boavista e ex-diretor do Banco Central, acha que o tamanho da dívida não chega a ser problema. "É fácil financiar essa dívida, desde que exista confiança no governo."

O grande problema é o prazo da dívida. Nunca, em toda a história do mercado financeiro brasileiro, a dívida interna esteve totalmante financiada no dia-a-dia como está acontecendo agora. O próprio governo perdeu no curto prazo as esperanças de tentar alongar o prazo da dívida, porque sabe que não há espaço para isso. Na última quinta-feira, por exemplo, o Banco Central tentou vender títulos com prazo médio de 16 dias, mas a falta de consenso em relação à taxa de juros exigida levou a autoridade monetária a desistir da idéia.

Limite — Na opinião de Roberto Castello Branco, se a economia continuar como está a dívida pública já atingiu o seu limite. "Se as coisas não melhorarem, vai ser cada vez mais difícil o Banco Central financiar seu déficit através da emissão de títulos públicos. Já começa a haver desconfiança em relação ao governo. Alguns bancos estão deixando de comprar papéis federais por medo", diz ele.

Roberto Castello Branco

A desconfiança em relação ao governo vem criando ainda outro efeito mais danoso: a fuga de capital ocorrida nos últimos dois anos, confirmada pelo aumento da atividade de *private banking* dos bancos internacionais. De acordo com Castello Branco, no ano passado e neste o movimento de dinheiro para fora do país cresceu muito.

Mas também tem uma massa grande de dinheiro especulativo que saiu das contas internacionais e entrou no Brasil via mercado paralelo. Com esse movimento — conhecido como operação catraca — muita gente trouxe dinheiro para o Brasil apenas para aproveitar as elevadas taxas de juros e se prepara para fazer o caminho inverso no momento em que as taxas baixarem. É um dinheiro que não trouxe nenhum benefício à economia nacional e só fez engordar a conta de brasileiros no exterior.

Questionamento — Aliás, essa elevada taxa de juros é questionada por muitos economistas. Antônio Carlos Porto Gonçalves, economista da Fundação Getúlio Vargas (FGV), diz que em apenas um mês depois do Plano Verão, o governo gastou 1,5% do PIB para pagar os juros, no mesmo momento em que fazia um grande esforço para cortar seu déficit, reduzindo em 0,5% do PIB as despesas com estatais. Isso significa que o corte das despesas foi inferior ao pagamento de juros. Essa política monetária está sendo acusada de custar à dívida pública, apenas em pagamento de juros, US$ 20 bilhões nesses três primeiros meses.

Como não há superávit fiscal para que o governo recompre parte de sua dívida interna, nesse momento de juros reais elevados a dívida cresce pelo menos na mesma proporção dos juros. Ou seja, a cada 20% de taxa real ao mês (como ocorreu agora em março), o tamanho da dívida dá um pulo dos mesmos 20% reais.

O economista Paulo Mallmann, ex-presidente da Diverj, acha que se a dívida continuar como está ela será um problema, mas não será o único. "Há problemas mais sérios, como a falta de investimento. Mas se a economia voltar a crescer em seus níveis históricos (entre 5% e 7% ao ano) e se fizer um saneamento das contas públicas, ela se torna de fácil administração", pondera ele.

Outro ponto levantado por Mallmann é que se o pagamento de juros da dívida externa realmente cair, o crescimento da dívida interna também cai. "O aumento da dívida interna se deu também devido à necessidade de compra de dólares de exportadores para pagamento dos juros. Se isso se reduz, a dívida interna pode crescer menos", acredita ele.

Como pagar — Há muitas considerações a fazer para saber se, no futuro, a dívida será um problema ou não. Porém, como o financiamento é diário, o que aconteceria caso houvesse uma grande desconfiança em relação ao governo e todo mundo resolvesse sacar do over? Ninguém quer nem responder, mas não haveria como pagar a todos esses aplicadores. É como o banco que está com problema e todo mundo resolve sacar: mesmo que tivesse saída para sua crise, ele acaba quebrando.

Certa vez, em um almoço com empresários, um economista perguntou se aqueles empresários deixariam seu dinheiro no over caso estivessem vivendo o segundo turno das eleições presidenciais e os candidatos fossem Lula (PT) e Brizola (PDT). Todos (mesmo os que confessaram ainda não ter pensado no assunto) responderam que sacariam.

Mas, se todo mundo resolvesse sacar suas aplicações do overnight, o governo só teria duas saídas: ou dizia que não pagava (e aí mobilizaria dinheiro de empresas, que não pagariam aos seus funcionários e coisas afins que levariam a economia aos caos) ou emitia moeda para pagar a todos e o país entraria em uma hiperinflação capaz de fazer inveja à Alemanha do pós-guerra. Definitivamente, o governo precisa ter muita seriedade para administrar esse problema daqui para a frente. Ele não pode mais ser "rolado com a barriga". Na pior das hipóteses, será uma herança ingrata para o próximo presidente. (J.J.)

Eleições fazem PDT e PT mudar a retórica

No vocabulário de Lula e Brizola moratória inexiste

Coriolano Gatto

Rogério Montenegro — 13.12.87

Contra a moratória da dívida interna, Lula e Brizola estão de mãos dadas

O mercado financeiro pode ficar tranqüilo: os dois partidos mais cotados para vencer as eleições presidenciais, o PDT e o PT, já abandonaram do seu dicionário a expressão moratória da dívida interna, proposta que no passado encantou até mesmo o PMDB. Cada um a seu modo, porém, quer introduzir mudanças na administração da dívida pública, que representa um movimento diário superior a NCz$ 50 bilhões.

"Não vamos tentar entrar em uma aventura dessas", avisa o economista Carlos Eduardo Carvalho, coordenador do grupo do Plano de Ação de governo da candidatura de Luís Inácio Lula da Silva, ao rebater enfaticamente a tese da moratória. O deputado César Maia (PDT-RJ), apontado como o mais graduado assessor econômico do presidenciável Leonel Brizola, pensa da mesma forma, e receita de saída o alongamento do perfil da dívida interna.

E o secretário de Finanças do município de São Paulo, Amir Khair, do PT, acha que antes de resolver o problema do endividamento interno, o governo precisa suspender o pagamento dos juros da dívida externa e mudar o modelo econômico, hoje voltado para a exportação. Responsável por administrar uma dívida no mercado financeiro de NCz$ 280 milhões, Khair qualifica como "excelente" a aceitação do título da dívida da capital paulista.

Na sua opinião, se houver uma mudança profunda na política econômica, o que implicaria também no corte drástico dos subsídios ao setor privado, fica muito mais fácil para os estados e municípios administrarem as suas dívidas. Isso porque, calcula, a grande soma de dólares enviada ao exterior — no ano passado foram US$ 17 bilhões a título de pagamento dos juros e amortização da dívida externa segundo a Fundação Getúlio Vargas — seria estancada e sobrariam recursos para serem aplicados no país. Khair também não poupa críticas aos efeitos negativos dos juros elevados sobre o endividamento interno.

Concentração — O deputado César Maia é mais moderado ao examinar essa trajetória dos juros. Ao contrário de muitos críticos do Plano Verão, o deputado acha que o nível das taxas ainda não é preocupante para as contas do governo. É que pelas suas contas nos meses de janeiro e fevereiro, tomando por base a inflação real medida pelo INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor), a taxa ficou negativa e, portanto, o Tesouro Nacional teve um ganho de caixa ao colocar, via o Banco Central, os seus títulos no mercado financeiro.

"O governo tem fôlego para manter essas taxas por algum tempo", calcula. O seu diagnóstico do tamanho do problema é idêntico ao do diretor da Dívida Pública do Banco Central, Carlos Thadeu de Freitas Gomes: o obstáculo principal não é o montante da dívida — 20% do PIB ou pouco mais de US$ 70 bilhões —, mas o fato de praticamente toda esta cifra ficar concentrada no curtíssimo prazo.

O PDT e o PT não têm propostas acertadas para administrar esta dívida, mas algumas idéias começam a ser costuradas nas cúpulas dos dois partidos, com vistas a evitar o enorme grau de concentração de riquezas gerado pela atual política monetária, através da Letra Financeira do Tesouro, a LFT.

Imposto — Maia imagina, por exemplo, que há espaços dentro do mercado para o lançamento de um papel de longo prazo — com vencimento superior a dois anos — desde que naturalmente a inflação fique em níveis reduzidos, ou pelo menos sob controle absoluto do governo. Além de assegurar a correção integral deste título, conta César Maia, o BC, na hipótese de Brizola aterrissar no Palácio, ofereceria como garantia a redução dos tributos pagos pelos grandes investidores, em troca da remuneração.

O PT pensa em uma direção parecida. Carlos Eduardo defende uma ampla negociação entre o governo de Lula e os empresários financeiros, no qual o setor público daria como cota de sacrifício um saneamento nas suas contas, e a iniciativa privada se comprometeria a adquirir papéis com compradores finais, fugindo, desta forma, do financiamento diário no overnight.

"Somos a favor de um mercado secundário ativo", resume o economista do PT, um crítico contundente das elevadas taxas de juros praticadas no Plano Verão.

As duas agremiações da esquerda brasileira estão muito preocupados com a hipótese de fuga maciça de capitais do mercado financeiro, na hipótese de vitória. Mas o deputado pedetista não acredita que esta fuga, representando um deslocamento de capitais superior a US$ 25 bilhões, tendo como direção os ativos reais (ouro, dólar e imóveis), possa funcionar como uma estratégia bem sucedida. "Haveria, num primeiro momento, uma sobrevalorização", resume César Maia e, depois, certamente perdas para todos.

"Se houvesse a certeza de que o mercado ganharia, partiríamos para o confronto", adianta o ex-secretário estadual de Fazenda no Rio no governo Brizola. Como esses ganhos não vão ocorrer, Maia garante que só resta o diálogo, buscando as entidades representativas do setor, tais como a Andima (Associação Nacional das Instituições do Mercado Aberto).

Carlos Eduardo concorda com a estrategia e revela que dentro do partido há uma proposta de redução da dívida pública, com a recompra de uma parte dos títulos em poder do público, com o dinheiro arrecadado pelo aumento da carga tributária. Mas uma outra corrente petista defende o destino da verba para projetos na área social. Cauteloso, o economista acha difícil definir com exatidão a primeira semana da administração petista, seguindo certamente um velho ditado dos técnicos do Banco Central: política monetária é feita no dia

Endividamento interno já passou dos NCz$ 100 bilhões

Maria Luiza Abbott

BRASÍLIA — A dívida mobiliária federal ultrapassou a barreira dos NCz$ 100 bilhões (em títulos na carteira do Banco Central, nas estatais e colocados junto ao público) no final de fevereiro por seu critério mais amplo e ficou apenas NCz$ 15 bilhões abaixo da dívida externa, ao câmbio de hoje. O estoque de títulos da dívida é tão grande que a previsão da área econômica é que até o final do ano o aumento real dessa dívida chegue a NCz$ 40 bilhões, praticamente igual à toda arrecadação fiscal da União em 1989.

O tamanho da dívida é compatível com a variedade de critérios para medi-la de acordo com os papéis que a compõem. Se forem computadas as OTNs remanescentes na carteira do Banco Central, as OTNs com correção cambial em poder do público, as Letras Financeiras do Tesouro (LFTs) na carteira do BC e no mercado e ainda as LTNs (Letras do Tesouro Nacional) especiais — que estão no BC e foram emitidas apenas para transferência da dívida do Tesouro que tinha sido assumida pelo Banco Central — o total do estoque em fevereiro atingia exatos NCz$ 100 bilhões e 789 milhões.

Outro critério para avaliar o estoque da dívida exclui NCz$ 23,9 bilhões de LTNs especiais — que são remuneradas anualmente pela correção monetária, mas que serão resgatadas em até 20 anos —, porque elas não chegarão ao mercado. Sem estas LTNs, o valor total da dívida mobiliária atingiu, em fevereiro, NCz$ 76 bilhões e 882 milhões. Existe ainda o critério que considera apenas a parcela da dívida que está em poder do público, girando diariamente no overnight, ou em OTNs cambiais, com prazo de três meses e que tem correção pela variação do dólar e que chega a um total de NCz$ 47 bilhões e 409 milhões.

Ortodoxia — O Banco Central detinha, no final de fevereiro, outros NCz$ 7 bilhões em LFTs em sua carteira e, por isso, a soma de todas as LFTs na economia chegava a NCz$ 54 bilhões e 409 milhões. A taxa de juros do overnight efetiva em março ficou em 20,4% e, por isso, no final deste mês, a União ficou mais endividada em NCz$ 11,2 bilhões, já que o estoque de LFTs aumentou para NCz$ 65,6 bilhões. Este foi o efeito da política monetária restritiva, receita ortodoxa para reduzir a inflação.

Em março, a arrecadação fiscal prevista é de NCz$ 2,4 bilhões, apenas 3,6% desta parcela da dívida que garante o rendimento das aplicações financeiras da maior parte da poupança dos brasileiros. Se o governo decidisse resgatar todo o estoque de papéis em março, excluindo as LTNs especiais, seria necessário que a receita em março tivesse sido 32 vezes maior. Para pagar o aumento real de todos estes papéis até o final do ano, avaliado em NCz$ 40 bilhões, seria preciso cortar 400 vezes o total de recursos previstos para a Norte/Sul este ano, ou quase dez vezes o valor de todos os cortes no orçamento, que chegou a NCz$ 4,7 bilhões — deixando a pesquisa brasileira praticamente sem verbas.

Juros — As LFTs são emitidas com prazos de 273 dias ou 182 dias, o que significa que as que venceram e foram resgatadas em fevereiro foram emitidas em maio do ano passado e tiveram a maior parcela de sua remuneração garantida pelo rendimento do overnight anterior à elevação das taxas determinada pelo Plano Verão. A partir de abril, no entanto, e mantidos os juros reais elevados, os resgates das LFTs deverão pagar o rendimento que computa cada vez mais os custos da nova política monetária.

Em função desse perfil de vencimento das LFTs, os juros pagos pelo Tesouro nos três primeiros meses do ano somaram NCz$ 1,2 bilhão, sendo que mais de 50% desse valor foi utilizado para resgatar as letras que venceram em março. A previsão dos técnicos é que, a partir de maio — com uma taxa nos próximos meses que não é revelada —, o Tesouro tenha que gastar NCz$ 1,2 bilhão — metade da arrecadação de março — por mês somente para pagar os encargos da dívida em LFTs, e que é afetada por esta política de juros altos.

Se o governo demitisse todos os servidores da administração direta, fundações e autarquias — até mesmo os funcionários do Tesouro Nacional, encarregados de calcular e mandar pagar estes juros — economizaria NCz$ 1,1 bilhão de gastos mensais. Isto é, não haveria mais quem mandasse pagar a dívida, mas, ainda assim, faltariam NCz$ 100 milhões para cobrir os juros reais — descontada a inflação — que garantirão a remuneração do overnight.

Tentativa do BC de alongar prazos foi infrutífera

BRASÍLIA — O tamanho da dívida mobiliária federal, a sua concentração em títulos que giram diariamente no mercado, remunerados pelo Tesouro Nacional a taxas elevadas e que já devastaram as finanças públicas, e o fim da indexação dos papéis colocaram o governo numa armadilha. As autoridades econômicas querem alongar os prazos de vencimento dessa dívida e reduzir os juros das aplicações diárias, mas as tentativas feitas até agora foram infrutíferas.

Na semana passada, o Banco Central tentou vender ao mercado LTNs (Letras do Tesouro Nacional), com prazos de até 35 dias e remuneração prefixada. Não teve sucesso, porque as taxas que o mercado exigia estavam incompatíveis com os objetivos de estabilização da economia. O sinal de que os juros do over poderiam cair provocou uma alarmante guinada do mercado para ouro, dólar e ativos reais, o que foi interpretado no governo como um alerta para a possibilidade da hiperinflação.

Por causa destes fatores, graduados funcionários da área econômica admitem que o governo pode ser forçado a reindexar os títulos públicos, como única alternativa viável para reduzir as taxas de juros sem o risco da hiperinflação. Segundo uma fonte do governo, embora a situação desconfortável, o Tesouro aposta na situação dos aplicadores no mercado financeiro, que é também muito difícil. "Só quem toma dinheiro no mercado é o governo", lembra.

Calote — *Apesar dessas dificuldades, outro assessor do governo, o secretário do Tesouro Nacional, Luiz Antonio Gonçalves, afasta qualquer possibilidade de um calote na dívida ou de obrigar o mercado a uma troca dos papéis de curto prazo pelos de longo prazo. "O governo acabaria com a credibilidade dos seus papéis e não encontraria mais aplicadores para financiar o déficit do Tesouro", diz.*

Até mesmo os boatos de que um calote poderia ser a solução para a dívida, segundo o secretário, aumentam a instabilidade do mercado e dificultam a busca de uma saída. Outro assessor lembra que esta desconfiança foi agravada pelos planos Cruzado e Verão. O primeiro determinou a aplicação da tablita sobre os papéis com remuneração prefixada, e o segundo acabou com a pós-fixação e praticamente inviabilizou os papéis com rendimento desse tipo. Esses dois fatores empurraram cada vez mais os aplicadores para as operações diárias, temendo novos prejuízos.

A possibilidade de volta da indexação para os títulos públicos — como acontecia com a OTN — e que é vista como uma alternativa para aumentar os prazos de vencimento da dívida e possibilitar a redução do total de juros pagos mensalmente enfrenta uma dificuldade: qual será o indexador dos papéis? Uma fonte da área econômica admite que, se até mesmo o governo desconfia de manipulação do IPC — índice oficial da inflação — o mercado não teria razões para aceitá-lo. Por todas estas razões, a área econômica sabe que enfrenta uma séria dificuldade: precisa baixar os juros para garantir as estabilidades de preços e precisa garantir a estabilidade dos preços para baixar os juros.

Receitas e despesas da União

Item	Valor
Previsão de receita fiscal para o ano —	NCz$ 41 bilhões
Previsão de aumento real da dívida no ano —	NCz$ 40 bilhões
Receita Orçamentária do Fundo para Previdência Social —	NCz$ 23,9 bilhões (quase a metade)
Previsão de Recursos para a Ferrovia Norte/Sul —	NCz$ 100 milhões (o aumento da dívida é de 400 vezes maior)
Previsão para o pagamento de juros da dívida mobiliária por mês, a partir de maio	— NCz$ 1,2 bilhão
Previsão para o pagamento de pessoal por mês —	NCz$ 1,1 bilhão

Tamanho não preocupa governo

A escalada da dívida é crescente. Em 1970, ela correspondia a 5% do PIB, chegou a cair para 4,9% em 1980 mas em 1985 já tinha alcançado 18,2%. Mas o governo costuma buscar dados referentes a outros países para mostrar que esse tamanho não chega a ser assustador. Nos Estados Unidos, por exemplo, a dívida atinge 55% do PIB, só que lá há títulos com vencimento em até 30 anos e com taxa de juros muito menor do que as que são pagas no Brasil. Além disso, os Estados Unidos possuem investidores externos interessados em financiar essa dívida, ao contrário do governo brasileiro que tem que disputar a parca poupança interna para financiar seus gastos.

Despesas — Um outro país que tem uma dívida grande é a Espanha, onde a dívida interna atinge 40% do PIB. Só que lá o financiamento é mais baixo (ocupa 16% do orçamento para finanças do governo) e o governo espanhol, ao contrário do brasileiro, vem conseguindo reduzir sensivelmente o déficit público, que caiu de 8,5% (1982) para 2% (1988). Só que esses gastos são usados para investimentos e gastos sociais. No Brasil, há alguns anos o governo vem sendo acusado de ter abandonado investimentos e vem usando o dinheiro da dívida para financiar despesas.

Uma das conseqüências desse aumento crescente da dívida pública interna é que o governo abocanha uma parcela cada vez maior da poupança interna. Segundo dados fornecidos recentemente pela Andima (Associação Nacional das Instituições de Mercado Aberto), o governo já detinha mais de 90% de toda a poupança nacional.

Conspiração — O economista Paulo Mallmann, ex-presidente da Distribuidora de Valores do Estado do Rio de Janeiro (Diverj), explica que não há uma conspiração do governo para carrear toda a poupança. "Na verdade, isso é conseqüência do déficit orçamentário do governo. Como as empresas privadas estão líquidas, elas aplicam no setor público".

Não se pode deixar de ressaltar que o dinheiro captado com a venda de títulos privados é usado para fazer empréstimos às empresas que quisessem investir. Como a economia está estagnada e se investe cada vez menos, os bancos não têm como vender uma quantidade grande de títulos — e drenar parte da poupança financeira — porque não teriam a quem emprestar esse dinheiro. Então, essas empresas privadas geram caixa para o governo, recebendo juros em troca do empréstimo desse dinheiro.

Motivos — De acordo com a análise de Paulo Mallmann, dois fatores contribuíram para o crescimento da dívida. O primeiro deles foi a consolidação da dívida da União em dívida interna. "Até 1970 o governo tinha várias formas de captação, indo de atraso no pagamento de seus débitos até empréstimos compulsórios sobre gasolina. Agora, tudo se tranformou em dívida mobiliária, o que é melhor porque a sociedade pode fiscalizar", garante ele.

Outro fator para a expansão do endividamento apontado por ele é a crise do setor público. "A poupança externa se reduziu e a economia se desacelerou nos últimos cinco anos. Mas as despesas do governo permaneceram do mesmo tamanho", explica Mallmann. Ou seja, como o Brasil passou a ganhar menos e o governo continuou a gastar do mesmo jeito, seu débito é cada vez maior.

Esse ano, o crescimento pode ser ainda mais desequilibrado. Dois fatores poderão ajudar muito: primeiro são os juros elevados que o governo resolveu pagar depois do Plano Verão (estima-se em US$20 bilhões o pagamento de juros só nesses meses após o Plano). O segundo motivo deverá ser as incertezas políticas desse ano eleitoral, onde as dúvidas poderão levar os compradores de títulos do governo a exigir taxas cada vez mais altas.(J.J.)

Aumento real de 4% em 3 meses

BRASÍLIA — Todo o ganho do governo em janeiro com a remuneração do overnight tendo ficado abaixo do índice de inflação — a remuneração do over foi de 22,97% enquanto que a inflação medida pelo INPC foi de 35,48% — foi diluído em fevereiro e março, trazendo um aumento real da dívida pública de 4%.

Em fevereiro, por exemplo, o governo pagou por seus títulos 18,25%, enquanto a inflação medida pelo INPC, que é o índice que vem sendo considerado desde janeiro pelo BC, foi de 16,35%. Em março a expectativa do Banco Central é de que o ganho real do investidor no mercado aberto seja ainda maior, já que a remuneração dos títulos ficará em torno de 20,40%, enquanto a estimativa é de que o INPC fique em torno de 7%.

"Tudo o que o governo ganhou em janeiro já está perdido", explica um funcionário do Banco Central.

Mas o governo vem sendo o grande perdedor deste jogo desde 1982. Em alguns períodos, como durante o Plano Cruzado, quando a dívida pública teve uma redução, e nos primeiros meses do Plano Bresser, o governo conseguiu obter alguns ganhos em relação ao aplicador, quando a inflação acabou sendo maior que a remuneração dos títulos, mas logo em seguida o governo teve que conceder remunerações tão altas que o ganho foi diluído.

A dívida, na verdade, vem crescendo assustadoramente desde 1981, mas o grande salto e que causou um grande desequilíbrio nas contas internas, ocorreu no ano passado. Até dezembro de 87, o estoque total da dívida interna não ultrapassava NCz$ 3,9 bilhões. Em dezembro de 88 a dívida já havia saltado para NCz$ 56,2 bilhões, atingindo a NCz$ 76,8 bilhões em fevereiro deste ano. A dívida em poder do público pulou de NCz$ 2,2 bilhões em 87, para NCz$ 31,5 bilhões em dezembro, e para NCz$ 47,4 bilhões em fevereiro deste ano. Isto representa um aumento nominal de 1.421%, e real (descontada a inflação), de 33%.

Os técnicos alertam que superávits na balança comercial seriam favoráveis à economia se fossem crescendo gradualmente. O problema é que houve um aumento brusco nestes saldos, que passaram de US$ 780 milhões em 82, para US$ 6,4 bilhões em 83, e para US$ 13 bilhões em 84.

"Não há economia que resista a um crescimento tão elevado na sua balança comercial sem ter, como resultado, um forte impacto sobre a inflação e, conseqüentemente sobre a dívida pública", analisa um funcionário do Banco Central.

Para março, a previsão do governo é de que os títulos em poder do público atinjam a NCz$ 58 bilhões, contra os NCz$ 47 bilhões de fevereiro. A dívida em carteira do BC ficou em NCz$ 29,4 bilhões em fevereiro.

A dívida em poder do público são os títulos que o governo negocia diariamente no mercado aberto, enquanto que os títulos em carteira são aqueles com que o BC pratica sua política monetária, colocando mais papéis no mercado, se for o caso. A grande preocupação é que a maior parte dos títulos está em poder do público, no curtíssimo prazo. Caso haja uma corrida para saque para aplicação em outros ativos, o governo teria dificuldades de pagar o resgate sem causar sérios danos à economia.

Mercado de brinquedo pode crescer 40% até junho

Valéria da Silva

SÃO PAULO — Uma guerra dos brinquedos está para ser detonada. Como todo ano, ela explode na abertura da 6ª Abrin-Feira Nacional dos Briquedos, onde são feitos os lançamentos dos principais fabricantes do setor. Nessa feira, são realizados também 20% dos negócios do mercado que movimenta cerca de US$ 600 milhões anualmente. Com os 16.3 mil metros quadrados da Bienal no Ibirapuera totalmente tomados por 140 empresas, espera-se um público visitante de 20 mil compradores.

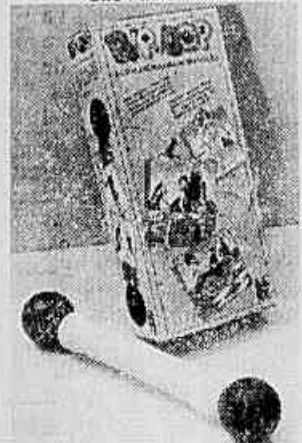
A seriedade da indústria de brinquedos na economia brasileira traduz-se em 350 empresas, 40 mil empregados, uma produção interna de 5 mil tipos de artigos e exportação anual de US$ 17 milhões. Embora poderoso, esse setor sempre enfrentou o grande problema da sazonalidade das vendas, que, no ano passado, agravado pela crise econômica do país, atingiu o índice de apenas 30% de vendas no primeiro semestre.

Estratégias — Desde então, contudo, as indústrias resolveram enfrentar essa situação incômoda. A Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos (Abrinq) vem realizando constantes campanhas publicitárias para desconcentrar as vendas do Natal e Dia da Criança, incentivando os pais a presentearem os filhos com brinquedos também na Páscoa, festas juninas e aniversários. Além disso, as empresas estão, individualmente, adotando diferenciadas estratégias de lançamento para tentar engordar o nível de consumo do primeiro semestre para 40%.

A líder absoluta do mercado, a Manufatura de Brinquedos Estrela S.A. (segundo ela, com a gorda fatia de 55%), adota a diversificação de produtos como tática de vendas para driblar a sazonalidade, além de constantes lançamentos. A empresa procura lançar brinquedos para todas as faixas etárias e tamanhos de bolso. A Estrela mantém uma linha de 500 produtos, sendo que 30% deles são renovados a cada ano. Um dos carros-chefes que a empresa reserva para esta feira, a ser lançado em maio, ao preço de NCz$ 45, é a boneca Magic Face (que tem sua maquiagem apagada com água quente e refeita com água gelada), com uma comercialização prevista para este ano de 120 mil unidades.

Simplicidade — Outro com otimistas estimativas de comercialização é o pintinho Piu-Piu (que pia ao contato com a mão), devendo alcançar uma venda de 250 mil unidades. Embora esteja relançando o Gênius, um brinquedo eletrônico que fez muito sucesso há alguns anos, a Estrela está dando maior ênfase em seus lançamentos a produtos simples, mas que despertem a ternura da criança. "A garotada se cansou dos brinquedos sofisticados e quer algo mais humano que toque no coração", sentencia Mário Arthur Adler, presidente da Estrela que coleciona um invejável faturamento de NCz$ 550 milhões previstos para este ano — o do ano passado foi de Cz$ 126 bilhões.

Para quebrar com a sazonalidade, a Estrela está também preparando uma campanha publicitária a ser veiculada entre 16 de abril até 10 de junho, absorvendo uma verba de US$ 1 milhão (o investimento total em propaganda deste ano será US$ 10,54 milhões).

São Paulo — J.C.Brasil

Bip-Bop: uma das novas armas da Grow

A árdua disputa do segundo lugar

SÃO PAULO — A liderança do mercado de brinquedos está incontestavelmente nas mãos da Estrela. A briga acontece pela segunda posição, onde as empresas Bandeirantes e Glasslite afirmam ocupar o segundo lugar. A Mimo está em terceiro. Para vencer essa disputa, a Brinquedos Bandeirantes S.A., por exemplo, optou este ano pela diversificação de produtos, tentando driblar a crise econômica. A chamada linha leve (jogos de cozinha, salão de beleza etc) voltada para o público feminino, será enfatizada sem desconsiderar o segmento de triciclos e bicicletas infantis, do qual a Bandeirantes é dona de 90%.

A grande novidade d Bandeirantes este ano feira será o automóvel com bateria recarregável, no qual uma criança de 3 a 8 anos poderá dirigir a uma velocidade de até 20 quilômetros por hora. Com uma venda esperada de 250 mil unidades, esse carrinho deverá ser lançado em final de junho ao preço de NCz$ 180 (a valores de hoje). "Diversificar a linha e atingir todas as faixas etárias é a grande saída para a crise", explica Pedro Pucci, diretor comercial da empresa, que pretende faturar este ano US$ 75 milhões (o que representa um crescimento de 20%) e aplicar uma verba de US$ 1.2 milhão basicamente em propaganda em TV.

Fantasia — Com o mesmo procedimento mercadológico da Bandeirantes, a Mimo está também fortalecendo os segmentos de atuação mais fraca. Entretanto, ao contrário da Bandeirante, ela pretende enfatizar a sua linha de produtos masculinos. O grande trunfo da Mimo contra a sazonalidade são os lançamentos do primeiro semestre de produtos mais baratos, tentando incentivar as vendas neste período. "Procuramos dar ao brinquedo uma conotação de realidade sem prejudicar a fantasia", afirma Francisco Pônzio Filho, diretor de marketing e comercial da Mimo que prevê um faturamento este ano de US$ 60 milhões, representando um crescimento real de 20% sobre o ano passado.

A Grow Jogos e Brinquedos S.A., que nasceu com a especialização de jogos para adultos, está adotando uma firme estratégia de lançamento para vender o ano inteiro. Trata-se de produtos, como jogos e livros infantis diferenciados, que não possuem uma conotação sazonal. "Estamos nos armando contra a sazonalidade", resume Márcio Hegenberg, diretor de marketing da Grow, que faturou no ano passado US$ 23 milhões (sem qualquer lucro) e pretende atingir em 89 US$ 26 milhões, com uma margem de lucro entre 5 e 10%.

Educativos — Para acompanhar as ágeis mudanças da economia brasileira, a subsidiária dinamarquesa Lego do Amazonas Brinquedos Ltda. (especializada em brinquedos educativos) está passando por uma intrincada reformulação administrativa e de estratégia de comunicação. As mudanças se iniciaram com a renovação (e rejuvenescimento) de seu quadro de executivos onde o presidente Osmir Martins tem apenas 33 anos, o diretor comercial possui 36 anos e o gerente de produto e marketing, Ricardo Alberto Ávila, tem somente 25 anos. A verba publicitária também está sendo dividida de outra forma, com maior ênfase para a realização de eventos.

EUA abrem nove contenciosos comerciais com o Brasil

Rosental Calmon Alves
Correspondente

WASHINGTON — Uma nova arma dos Estados Unidos contra os países que, na opinião dos americanos, se utilizam de práticas desleais de comércio começou a ser usada esta semana. A mira foi apontada para vários países, entre eles o Brasil. Trata-se da chamada *super 301*, um novo dispositivo da lei de comércio, que permite a qualquer americano pedir a abertura de processos de investigação visando a retaliações comerciais contra países estrangeiros. Entre as 49 petições apresentadas ao USTR (United States Trade Representative), a seção comercial da Casa Branca, nove incluem o Brasil entre os acusados.

Sentem-se prejudicados os antigos reclamantes, como os produtores farmacêuticos e de computadores, mas também as indústrias de chocolates e doces, autopeças, vinhos, filmes e vídeos, máquinas fotográficas e filmes instantâneos Polaroid, entre outras. A indústria farmacêutica americana pede que se aumentem as já pesadas retaliações comerciais adotadas no ano passado e que o governo americano pense até em tirar o Brasil do Sistema Preferencial de Comércio, que beneficia as exportações brasileiras para os Estados Unidos. O setor de computadores quer ver a reativação do velho processo contra o Brasil, se não derem certo negociações que, sugere, devem ser feitas após as eleições de novembro.

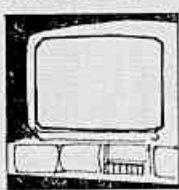
A principal novidade da *super 301* é que agora os processo vão além dos casos específicos, como os que quase levaram às sanções no caso da informática, ou os que resultaram numa pesada retaliação contra o Brasil, em outubro do ano passado, devido à divergência sobre patentes farmacêuticas e de química fina. Desta vez, a lei americana prevê principalmente a abertura de investigações mais genéricas.

"Como um cidadão não pode processar um país estrangeiro, de acordo com as tradições jurídicas internacionais, a idéia dos legisladores ao criarem a *super 301* foi a de lhes dar um meio de fazer com que os Estados Unidos pressionem ou sancionem o país acusado de práticas desleais de comércio", explicou o advogado Royal Daniel III, que trabalha em Washington para firmas brasileiras.

Na quarta-feira passada, venceu o prazo para o USTR receber reclamações ou comentários do público, nas quais deverá basear a elaboração de uma lista de países e de práticas desleais de comércio que será enviada ao Congresso até o dia 30 de maio. De acordo com a lei, o USTR se compromete a investigar esses países e casos, de forma prioritária, para verificar o cabimento de negociações, pressões ou até sanções.

Os nove pedidos de aberturas de investigações prioritárias que envolvem o Brasil são os seguintes:

Comércio em geral — Essa reclamação, apresentada pela Câmara de Comércio dos Estados Unidos talvez seja a mais grave, por usar precisamente o novo dispositivo legal criado no ano passado, que permite queixas genéricas contra um país. Neste caso, a mira está apontada para o coração da política comercial brasileira e o pedido é de que se aperte o gatilho. A lista das "barreiras comerciais e distorções prioritárias" que devem ser atacadas no Brasil começa com a nova Constituição ou mais precisamente com o artigo 171, que estabelece "proteção e incentivos" para o desenvolvimento de indústrias nacionais e cria certas limitações para a atuação no país de empresas estrangeiras. Segue-se o sistema de reservas de mercado utilizado no Brasil em várias áreas, com destaque para o exemplo da informática (assinala o documento que a indústria americana de computadores deverá deixar de ganhar no Brasil até 1992 US$ 12 bilhões). O objetivo seguinte é a lei de similares, que limita a importação de produtos fabricados no país. Seguem-se, outras restrições à importação, a falta de legislação apropriada de propriedade intelectual e problemas na transferência de registro de tecnologia (reclamam até falta de confidencialidade nos processos no INPI).

Propriedade intelectual — A Aliança Internacional de Propriedade Intelectual cita o Brasil entre 12 países que não respeitam os direitos autorais em vários campos. A entidade, que representa 1 mil e 600 empresas americanas donas de uma fatia de 5% do PIB, estima que os Estados Unidos perderam, no ano passado, "pelo menos US$ 30 milhões", devido a problemas de propriedade intelectual. Reclama de pirataria de vídeos e de programas de computador, atribuindo o problema à negativa do governo Brasil em permitir o acesso de empresas de cinema e de *software* ao mercado brasileiro. Adverte que para evitar as sanções comerciais previstas na lei, o Brasil tem de acabar com "a discriminação contra a indústria dos Estados Unidos". Mas reconhece que "a pirataria de livros e a de fitas cassete de áudio parece ter diminuído nos últimos quatro anos".

Produtos eletrônicos — A Associação Americana de Eletrônicos, que reúne 3 mil e 500 firmas de todos os segmentos do setor, incluindo computadores, *software* e equipamentos de telecomunicações, colocou o Brasil entre os quatro países com as piores barreiras comerciais para seus produtos (os outros são Japão, Índia e Coréia). No caso brasileiro, a petição ressalta que já existe um processo aberto, atualmente suspenso, mas recomenda que deve ser usado na eventualidade de se adotar alguma ação contra o Brasil na área da informática. "Depois das eleições brasileiras, no outono (do hemisfério norte) de 1989, os Estados Unidos e o Brasil devem considerar, no mais alto nível, a melhor maneira de se chegar a um ambiente comercial positivo", diz o documento.

Cinema e TV — A a associação que reúne a indústria cinematográfica americana apresentou uma extensa reclamação contra a legislação brasileira no setor, especialmente as restrições para a atuação de companhias estrangeiras e os privilégios dados às nacionais. As queixas começam com o caso dos videocassetes de filmes, cuja comercialização estabelece quotas para as produções brasileiras. O mesmo problema ocorre nos cinemas, que têm de apresentar filmes nacionais 140 dias por ano. As outras reclamações são contra: a cobrança de uma *taxa de censura*, para que os filmes tanto de cinema quanto de televisão sejam previamente examinados por censores; a exigência de que os filmes coloridos a serem exibidos em cinemas no país tenham de ser copiados em laboratórios nacionais; a exigência de que os filmes estrangeiros tenham de ser exibidos em cidades com mais de 100 mil habitantes sempre junto com um curta-metragem nacional; a falta de proteção à propriedade intelectual, "embora a pirataria de vídeos tenha diminuído substancialmente de 95% em 1986 para cerca de 60% em 1988".

Indústria farmacêutica — O novo ataque da Associação da Indústria Farmacêutica americana contra o Brasil lembra que estão em vigor, desde outubro do ano passado, severas sanções comerciais devido à sua reclamação contra a falta de uma lei de patentes no país. Mas afirma que "posteriores declarações de funcionários brasileiros atacando essa ação (as retaliações comerciais) indicam claramente para nós que o Brasil deve ser incluído entre os países que devem receber atenção prioritária sob a Lei de Comércio de 1988". O documento lembra que o Brasil apresentou um protesto formal no Gatt (Acordo Geral de Tarifas e Comércio) contra essas retaliações. Mas recomenda que o governo americano deve "se opor fortemente" ante esses protestos no Gatt e, além disso, se preparar para "aumentar a pressão, através de mais sanções e de qualquer outro meio disponível". Finalmente, o documento sugere que uma dessas novas sanções seria tirar o Brasil do Sistema Preferencial de Comércio, que dá certas vantagens tarifárias aos produtos brasileiros exportados para os Estados Unidos.

Indústria de autopeças — A associação americana da indústria de autopeças e acessórios opina que o Brasil deve ser motivo de investigação prioritária do USTR neste setor, devido às restrições à importação de componentes para os veículos produzidos no país. Além de reclamar maior abertura do mercado, faz uma série de queixas sobre as restrições impostas pelo governo às indústrias instaladas no país, inclusive quanto ao congelamento dos preços.

Câmeras polaroid — O Brasil é citado, logo no início desse documento, como exemplo de país onde as tarifas e as barreiras para as câmeras de revelação instantânea exportadas pelos Estados Unidos "representam um efetivo embargo" aos negócios da Polaroid Coroporation. A empresa também reclama das restrições para a importação de filmes usados por suas máquinas, citando o Brasil numa lista de 10 países que levantam barreiras tarifárias ou não contra os produtos Polaroid.

Indústria de chocolate — A Associação da Indústria de Chocolates e a Associação Nacional de Produtores de Confeites colocaram o Brasil numa lista de 10 países, acusados de fixarem tarifas muito altas para a importação de seus produtos, comparadas com as cobradas nos Estados Unidos. No caso brasileiro, citam um imposto de 55%. O problema é que, pelas regras do Gatt, o estabelecimento de tarifas é perfeitamente legal.

Indústria vinícola — Duas associações que reúnem os produtores vinícolas dos Estados Unidos elaboraram uma extensa lista de 35 países que deveriam ser investigados por não permitirem, através de barreiras tarifárias e não-tarifárias, a entrada de vinhos americanos. O Brasil é um desses países, mencionado com tarifas de 75% a 85% e taxas adicionais que vão de 105% a 205%.

A criatividade japonesa no mercado

Consumidor adora relógios de papel e alho sem cheiro

Fred Hiatt
The Washington Post

TÓQUIO — Nunca diga que os japoneses não são um povo inventivo. Pelo menos, não antes de experimentar o perfume das cabines telefônicas da rua Namiki. Ou as panelas automáticas que podem ser acionadas via telefone.

Os fabricantes japoneses têm produzido sem cessar bens de consumo de última geração, de tecidos a aparelhagem eletrônica, de detergentes a cerveja. E tendo em vista o alcance dos exportadores deste país, um produto que esteja na moda este ano em Tóquio poderá estar sendo disputado nas lojas de Rodeo Drive, em Los Angeles, ou da 5ª Avenida, em Nova Iorque, no ano que vem.

Na verdade, para a indústria daqui a inventividade não é uma questão de escolha, mas de necessidade. Os lares japoneses estão tão coalhados de produtos eletrônicos como televisores e vídeo-cassetes que as empresas precisam estar constantemente lançando novos produtos que os consumidores não conhecem. E um produto realmente novo *pega* no mercado com uma grande velocidade.

É esse o caso, neste ano, dos vibradores, usados para relaxar os músculos, que vêm acompanhados de equipamentos que jogam água e ar quente nas costas dos usuários. Tudo isto sai por US$ 1 mil e pode ser encontrado em 10% dos banheiros japoneses.

Mas, nem todo os produtos que fazem sucesso no Japão atendem às necessidades dos consumidores, por exemplo, dos Estados Unidos. Uma invenção que filtra e purifica a água do banheiro pode representar alguma coisa num país onde as pessoas se lavam antes de entrar para tomar o banho propriamente dito. Mas, a US$ 3 mil a unidade, não deve despertar muito interesse no estrangeiro.

É também o caso da novíssima panela automática para cozinhar arroz — alimento básico na dieta japonesa. Respondendo a comandos por telefone, a máquina pode sugar uma determinada quantidade do produto da despensa, pô-lo na panela, cozinhá-lo e conservá-lo quente até o momento em que a família chegar em casa para o jantar.

Não é o caso de produtos como o Walkman da Sony, que faz parte das quinquilharias eletrônicas de milhares de pessoas em todo o mundo e cujo sucesso alimenta a esperança do fabricante de repetir a dose com o vídeo portátil Watchman.

A Sony não está sozinha na tentativa de criar uma demanda mundial para seus produtos. Há quem ache que haverá compradores em outros lugares para flores de plástico que dançam, máquinas fax para o carro, valises à prova de furto, relógios de papel, janelas que se fecham automaticamente quando chove e não tem ninguém em casa, tecidos de alta tecnologia para limpar lentes de óculos e, claro, as cabines telefônicas perfumadas.

De fato, um surpreendente número de produtos recentemente introduzidos no mercado são relacionados à necessidade de perfumar ambientes. Um fenômeno que talvez esteja relacionado com o fato de, neste país que é uma ilha pouco maior que o estado de Montana, viverem cerca de 120 milhões de pessoas...

A Matsushita Eletric, uma empresa líder em produtos aromáticos, vende uma pequena máquina que emite um odor semelhante ao de uma torradeira usada na época de nossos avós — a escolher, menta, jasmim e limão. Um cientista inventou um meio de produzir alho sem cheiro e uma companhia farmacêutica está vendendo, por US$ 130, um dispositivo que permite ao consumidor saber como está seu hálito. Se bom, acende-se uma luz verde; se mais ou menos, uma luz amarela; se for daquele tipo insuportável, a luz é vermelha.

Mas nem tudo por aqui tem como objetivo fazer o ar mais agradável. Os relógios de papel da Sony, por exemplo, não têm qualquer odor e estão se tornando o mais recente sucesso de vendas. Cerca de 4 milhões de unidades dessas peças que podem ser coladas na pele já foram postas no mercado e em dezenas de tipos.

As máquinas fax, agora largamente utilizadas em todo o mundo para transmitir cópias de documentos a distância, devem parte de seu sucesso aos estudantes japoneses, que as usavam para oferecer orações que os levassem a obter boas notas nos exames. As empresas aqui agora produzem fax para serem instaladas até mesmo no interior de veículos.

Outros itens conduzem aperfeiçoamentos a funções tradicionalmente de baixa tecnologia. Um sabão superconcentrado, introduzido há dois anos, revolucionou a tarefa de lavagem de roupas aqui e agora uma empresa têxtil quer conseguir o mesmo com um tecido feito de fibras sintéticas destinadas a limpar lentes de óculos. A empresa, a Toray Industries, pretende vender 15 milhões de unidades este ano.

Produtos sem qualquer função aparente, e mesmo sem uma justificativa sociológica ou psicológica mais convincente, também têm lugar no mercado japonês. Desde novembro, por exemplo, são vendidas aqui as *rock flowers*, ou flores feitas de plástico, algumas vestindo trajes de banho e outrs empunhando guitarras, que têm sensores acústicos destinados a movimentá-las ao ritmo de música quando alguma canção é tocada ou cantada por perto. Cada flor custa US$ 30 e a Takara, seu fabricante, pretende vender 20 milhões de unidades em todo o mundo.

O porta-voz da Takara explicou o porquê das flores (e do sucesso delas) com um argumento que talvez possa justificar as outras quinquilharias tecnológicas deste país: "Os japoneses às vezes não se dão muito bem nas festas".

Superávit do trimestre pode alcançar US$ 4 bilhões

Beatriz Abreu

BRASÍLIA — O ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, está atônito. Na semana passada, foi informado de que o superávit comercial poderá atingir US$ 4 bilhões no primeiro trimestre, em comparação ao resultado de US$ 3.178 bilhões do mesmo período do ano passado, com um crescimento de 23% nas exportações e de 40% nas importações, em relação a igual período de 1988. Um resultado que ao mesmo tempo é comemorado — porque se traduz em maior produção e emprego — e visto com cautela, na medida em que sinaliza fortes pressões sobre a expansão da base monetária (emissão primária da moeda), pondo em risco a política de combate à inflação.

O comportamento excepcional das exportações anima o ministro, por outro lado, a se manter firme no congelamento do câmbio. "Com três meses de câmbio congelado, as vendas externas estão crescentes, imagine se o governo desse uma pequena desvalorização", comenta, irônico, um assessor que defende a manutenção da paridade cambial inalterada. O que surpreende os técnicos do governo é o fato de que 95% do volume das exportações são representados por contratos efetivados, ou seja, que não significam apenas antecipação de guia de exportação expedida pela Carteira de Comércio Exterior (Cacex). E, neste caso, os juros atrativos oferecidos no rendimento do **overnight** explicam este movimento: os exportadores fecham o contrato, pegam os cruzados e aplicam no mercado financeiro.

Importações — Também o bom desempenho das importações tem suas explicações na área técnica. "A sensação é de que os importadores temem o futuro e querem se prevenir fechando compras agora", sugere um membro do governo, acenando, inclusive, com o medo dos empresários de que, no próximo ano, candidatos como Leonel Brizola ou Luiz Inácio Lula da Silva conquistem a Presidência da República e ponham em prática a tese da "moratória por tempo indeterminado."

Este tipo de análise ganha força quando se constata que, neste primeiro trimestre não se importou alimentos ou bens supérfluos para a economia. O volume de compras tem se traduzido na entrada maciça de bens de capital. E este procedimento está sendo interpretado também como uma perspectiva de que, este ano, não se experimentará uma forte recessão: "Afinal, ninguém importa máquina para mantê-la ociosa no pátio", comenta um técnico. Outro componente importante e que também justifica este crescimento nas compras do exterior é o fato de os importadores estarem aproveitando a reabertura das linhas de financiamento de importação pelos Eximbank, a partir da conclusão do acordo com o Clube de Paris.

Metas — Este resultado recorde na balança comercial, além de gerar problemas na expansão da base monetária, poderá acabar obrigando o governo a rever a meta de um superávit este ano da ordem de US$ 14,5 bilhões. Neste cálculo, as exportações ficariam aos níveis de US$ 31,5 bilhões e as importações na casa dos US$ 17 bilhões. Como tradicionalmente o primeiro trimestre sempre é fraco na obtenção de superávits, para manter a meta programada será necessário que nos próximos nove meses o resultado entre as exportações e importações fique contido em saldos mensais da ordem de US$ 1,2 bilhão, o que é muito difícil porque as vendas ao exterior tem maior impulso justamente no segundo semestre.

Polícia apura sabotagem em túnel

O secretário de Polícia Civil, Hélio Saboya, pedirá amanhã instauração de inquérito policial para apurar denúncia, feita sábado pelo JORNAL DO BRASIL, de que Cláudio Teles de Freitas, agente administrativo do Departamento de Estradas de Rodagem (DER) e operador do Rebouças, interrompeu de propósito o trânsito no túnel, parando na pista central da galeria Lagoa—Rio Comprido o Chevette branco de placa UN 9434. O inquérito que investigará a sabotagem será presidido pelo corregedor-geral de Polícia, delegado Valdino Azevedo, e Cláudio Teles pode ser enquadrado por exposição a perigo de meios de transporte público, previsto no artigo 262 do Código Penal.

A Corregedoria-Geral de Polícia tem prazo de 30 dias para concluir o inquérito, mas Hélio Saboya espera que Valdino Azevedo termine as apurações "bem antes disso". O presidente do DER, Mário Rozencwajg, anunciou que formará amanhã, em caráter de urgência, comissão de inquérito administrativo para apurar a denúncia e identificar culpados. A conclusão dessa comissão será incorporada ao inquérito policial.

O artigo 262 do Código Penal, que classifica como crime "expor a perigo meio de transporte público, impedir-lhe ou dificultar-lhe o funcionamento", prevê pena de um a dois anos. Cláudio e os outros ocupantes do carro estariam sujeitos a pena maior — reclusão de dois a cinco anos — se durante o engarrafamento que provocaram ocorresse algum acidente.

Com a greve dos 8 mil funcionários do DER — responsável pela manutenção e operação de túneis e estradas estaduais — por melhorias salariais, durante dois dias, a população do Rio enfrentou engarrafamentos e retenções no Túnel Rebouças, que liga o Centro à Zona Sul. Sexta-feira, às 9h45, registrou-se outra paralisação do tráfego por causa do Chevette parado na pista central, com os quatro ocupantes do lado de fora, como se o carro estivesse enguiçado. A saída repentina do automóvel provocou suspeitas e um dos motoristas presos no engarrafamento recebeu resposta irônica de Cláudio, que dirigia o Chevette: rindo, ele explicou que faltou gasolina.

O governador Moreira Franco disse considerar a denúncia de sabotagem do tráfego do Rebouças um caso de abuso do direito de greve, porque pôs em risco a vida das pessoas e a segurança do trânsito. "A greve é um direito que eu faço questão de respeitar. Sabotagem, nunca", afirmou o governador, que apóia a decisão do secretário de Polícia Civil de abrir inquérito policial para apurar a denúncia.

"Espero que nenhum juiz venha a trancar o inquérito, sob a alegação de exercício do direito de greve. Não se pode interpretar uma norma constitucional de tal maneira que elimine as outras", disse Hélio Saboya. O secretário acrescentou que "é preciso levar em consideração as implicações que esse tipo de atitude provocam em relação a outros direitos previstos pela Constituição e que revoltam a população".

Marialdo Araújo

□ *Revoltados com o "péssimo atendimento" da empresa Auto Viação Jabour, situada em Campo Grande (Zona Oeste), 25 homens encapuzados, armados de paus e pedras, invadiram o ônibus da linha 867 (Campo Grande—Barra de Guaratiba), placa RJ XN 1194, no final da noite de sexta-feira, e auxiliados por mais 100 pessoas — inclusive crianças — ordenaram que os passageiros saíssem e jogaram o coletivo no quebra-mar, sobre as pedras da Praia do Canto, Barra de Guaratiba. O ônibus caiu de uma altura de aproximadamente 20 metros. Lataria, vidros e pára-brisas ficaram completamente destruídos. Ninguém saiu ferido. As principais reclamações foram contra a escassez de ônibus em circulação depois das 22h, quando apenas um carro passa de hora em hora.*

Tempo

RIO/NITERÓI
Claro passando a nublado com chuvas no fim do período. Visibilidade de boa a moderada. Ventos de Noroeste a Sudoeste, fracos a moderados, com rajadas ocasionais. Temperatura estável. Máxima e mínima de ontem: 34.8° em Santa Teresa e 18.5° no Alto da Boa Vista.

MARÉS

Preamar:
06h26min 1.2
11h48min 1.1

Baixa-mar:
06h33min 0.5
18h29min 0.2

O SOL

Nascente: 06h00min
Ocaso: 17h51min

A LUA

Minguante: Até 05 04 | Nova: 06 04
Crescente: 12 04 | Cheia: 21 04

A frente fria que está no litoral Sul do país, embora esteja com pouca atividade, poderá a partir de hoje influenciar o tempo no Sudeste, causando aumento de nebulosidade e instabilidade.

Na região Sul ainda existe nebulosidade e condições de chuvas isoladas. No restante do país o tempo irá variar de claro a nublado com pancadas de chuva e trovoadas em algumas áreas.

NOS ESTADOS

UF	Condições	Máx.	Mín.
RO	encoberto	-	22.5
AC	encoberto	-	-
AM	encoberto	30.1	21.9
RR	encoberto	26.6	20.4
PA	encoberto	30.2	21.8
AP	encoberto	29.6	24.6
MA	nublado	-	22.1
PI	nublado	30.3	21.9
CE	nublado	29.2	22.2
RN	nublado	-	-
PB	nublado	-	12.1
PE	nublado	31.5	22.1
AL	nublado	32.2	22.0
SE	nublado	29.4	22.9
BA	nublado	28.2	23.6
MG	nublado	29.0	20.0
ES	claro	31.1	23.8
SP	nublado	27.6	19.6
PR	pte.nublado	23.6	17.0
SC	pte.nublado	26.0	21.1
RS	pte.nublado	24.9	16.0
DF	claro	27.0	17.3
MS	claro	-	20.1
MT	claro	-	23.1
GO	claro	30.5	18.3

NO MUNDO

Cidade	Condições	Máx.	Mín.
Amsterdã	claro	17	6
Assunção	nublado	28	18
Atenas	claro	23	8
Berlim	nublado	19	8
Bogotá	nublado	19	7
Bonn	claro	17	4
Bruxelas	claro	20	11
Buenos Aires	chuvoso	22	12
Caracas	claro	25	17
Genebra	claro	21	5
Guatemala	claro	27	15
Havana	claro	32	17
La Paz	claro	14	3
Lima	claro	26	17
Lisboa	claro	18	11
Londres	claro	18	3
Los Angeles	claro	25	13
Madri	chuvoso	18	4
México	claro	25	9
Miami	nublado	27	22
Montevidéu	nublado	19	12
Moscou	claro	5	-2
Nova Iorque	chuvoso	10	4
Paris	claro	23	11
Pequim	claro	23	6
Roma	claro	24	5
Tóquio	chuvoso	16	9
Washington	chuvoso	18	7

Laércio diz por que não foi ao debate

O presidente do Conselho Federal de Entorpecentes Laércio Pellegrino justificou ontem sua ausência no 1º Tribunal Popular da Política Nacional de Drogas, realizado no último dia 29, na Uerj, onde desempenharia o papel de advogado de defesa. Os organizadores do evento comunicaram à platéia de cerca de 400 pessoas que Laércio tinha confirmado presença mas não compareceu ao encontro e sequer deu explicações.

O advogado criminalista enviou telex na véspera do encontro, que foi recebido pelo coordenador do projeto, Geraldo Rocco, da Uerj. Laércio explicava que passa três dias por semana em Brasília e que os compromissos assumidos junto ao Conselho Federal de Entorpecentes o impediram de viajar para o Rio a tempo de participar do júri simulado. "Também desejo esclarecer que não fui encontrado no dia 29 à noite em minha casa de Petrópolis porque não possuo residência nesta cidade e, sim, em Teresópolis.

Coronel proíbe reunião e prende 15 bombeiros

Uma assembléia de cabos e soldados do Corpo de Bombeiros, na quadra de ensaios da Escola de Samba Império Serrano, em Madureira, terminou com a prisão do soldado Heleno Teixeira dos Santos, presidente da diretoria provisória da Associação de Cabos e Soldados do Corpo de Bombeiros e do vice-presidente, cabo Nery Francisco Inácio. O Centro de Operações dos Bombeiros informou que mais de 15 bombeiros foram levados presos para quartéis da corporação e para o Grupo de Salvamento Marítimo, em Botafogo.

As prisões — quatro delas confirmadas pelo comandante José Albucassys Manso de Castro — foram feitas pelo subcomandante dos Bombeiros, coronel José Carlos Rosas, na quadra do Império Serrano, após obrigar os 50 bombeiros a encerrar a reunião. Ao chegar à Escola de Samba, o coronel Rosas tratou repórteres com ironias. Para os bombeiros, que depois se reuniram na Associação de Cabos e Soldados da Polícia Militar, a atitude do subcomandante foi "uma violação de domicílio, com invasão de uma propriedade privada, para impedir uma reunião amparada pela Constituição federal".

O comandante do Corpo de Bombeiros, coronel Albucassys, não quis divulgar os nomes dos quatro presos oficiais, "porque eles resistiram a uma ordem do subcomandante para encerrar a reunião". O coronel disse que "militar não pode se reunir para reivindicar aumento de salários". Depois de dizer que desconhece a associação — em fase de organização por cabos e soldados dos Bombeiros — Albucassys lembrou que o governador Moreira Franco concedeu aumento recentemente à corporação e que por isso "a reunião não tem sentido". Os cabos e soldados garantem que o motivo da assembléia não foi reivindicatório, mas apenas para eleger a diretoria da nova associação.

Incêndio pára Central por duas horas

Um princípio de incêndio na subestação D. Pedro II, na Central do Brasil, paralisou ontem a circulação dos trens suburbanos entre 14h50 e 16 horas. Equipes de combate a incêndios da Rede Ferroviária Federal conseguiram dominar o fogo logo no início e suspeitam que o motivo tenha sido a quebra de um cabo de alta tensão. A paralisação dos trens por mais de uma hora revoltou vários usuários — a maioria pessoas que voltavam das praias — que apedrejaram algumas composições mas a Polícia Ferroviária conteve o tumulto.

Obituário

Rio de Janeiro

Geraldo Braz da Silva, 55 anos, de meningite, no Hospital Municipal Souza Aguiar, no Centro. Mineiro, funcionário público, solteiro, morava em Madureira e foi sepultado ontem no Caju.

Exterior

Pierre Lepine, 87 anos, em Paris, França, como informou ontem o escritório parisiense da agência Ansa, sem especificar a causa. Professor, foi um dos mais importantes especialistas mundiais em vírus e microscopia eletrônica e deu grande contribuição à preparação de uma vacina contra a poliomielite. Lepine começou sua carreira aos 24 anos como professor na Universidade Norte-americana de Beirute, foi assistente no Colégio de França, chefiou o Laboratório e o Departamento de Vírus no Instituto Pasteur, dirigiu o Instituto Pasteur de Atenas e lecionou na Universidade de Montreal. Pierre Lepine foi membro das academias nacionais de Medicina, Cirurgia e Farmácia e do Instituto de França, da Academia de Ciências Médicas da URSS, das Academias de Medicina de Roma, Nova Iorque, Madri, da Bélgica e do Brasil e recebeu a condecoração da Legião de Honra da França.

Escândalo agita esporte universitário nos EUA

Manoel Francisco Brito
Correspondente

WASHINGTON - Para os quase 50 milhões de espectadores que, ao longo do mês de março, grudaram seus olhos na televisão para assistir a 64 times de basquete de universidades, escolhidos a dedo, entre quase 300 pretendentes, disputarem o campeonato nacional da categoria, este fim de semana é considerado quase que um periodo santo. Os quatro semifinalistas — Seaton Hall, Duke, Michigan e Illinois —, quatro respeitádas escolas universitárias americanas, estarão medindo forças para saber quem vai disputar a cobiçadissima final, na terça-feira à noite.

Os jovens atletas que estarão adentrando à quadra do estádio de Seattle, onde serão jogadas as semifinais e a final, são rapazes altos, fortes, saudáveis e, pelo menos em teoria, estudantes dedicados, que suam a camisa de suas universidades em troca de, supostamente, uma bolsa que lhes dá o direito a uma educação de nivel superior. Esta, pelo menos, é a idéia por detrás dos esportes universitários nos Estados Unidos, uma bem azeitada máquina controlada pela NCAA (National Collegiate Athletics Association), que promove todos os tipos de esporte, mas principalmente o basquete e o futebol americano, em campeonatos organizadissimos, alguns transmitidos em cadeia nacional de televisão, com anunciantes do porte de Ford, IBM e GM.

A prática, na maioria das vezes, é outra. O montante de dinheiro envolvido em campeonatos de esportes amadores e universitários e a franca obsessão da sociedade americana com a competição e a vitória acabaram por transformar esta atividade num antro de corrupção e exploração. O esporte universitário americano navega num mar de lama, onde boiam atletas quase analfabetos e instituições universitárias que, para manter algum jovem de talento atlético indiscutível, mas com qualificações intelectuais duvidosas em seu time, mancham sua tradição acadêmica e deixam seus jogadores tomarem cursos como bilhar, pintura e atividades para o lazer.

Isto aconteceu na Universidade de Iowa, citada nominalmente no processo movido por ex-jogadores contra dois empresários esportivos em Chicago. Mas Iowa, infelizmente, não está sozinha e, certamente, não é nem o caso mais grave, se comparada ao que acontece atualmente com o departamento de futebol americano da universidade de Oklahoma State. Lá, uma dura investigação da NCAA revelou que não apenas os técnicos violavam as regras mais elementares no recrutamento de seus atletas — como, por exemplo, o pagamento de um salário camuflado com o nome de ajuda de custo — como também alteravam suas notas junto à burocracia universitária, para que eles não ficassem impedidos de jogar.

Vista grossa — A NCAA, em fevereiro, excluiu a escola de aparição em campeonatos, por dois anos, e proibiu a transmissão de seus jogos pela televisão pelos próximos quatro anos. Apesar da dureza das sanções, não são poucas as escolas que não apenas quebram as regras do jogo, mas fazem a mais completa vista grossa ao comportamento social e educacional de seus atletas.

"Todo mundo sabe que todo mundo rouba, mas ninguém diz nada, a não ser quando alguém exagera", diz Ed Tapscott, técnico de basquete da American University. Sucesso, como qualifica Tapscott, é o nome verdadeiro do esporte amador promovido pelas universidades e que, só para ficar no exemplo do basquete, já produziu este ano um retorno de US$ 64 milhões.

A NCAA exige que os futuros jogadores universitários tenham uma média minima em suas notas escolares e no vestibular — que, mal traduzindo, seria comparável a obter média 4 no vestibular para as universidades brasileiras — e proibe expressamente que os atletas recebam qualquer tipo de ajuda financeira para convencê-los a vestir a camisa de uma determinada instituição. Mas não é bem assim que as coisas acontecem. Billy King, que até há dois anos era o principal jogador da Universidade de Duke, com apenas 14 anos de idade, já tinha recebido 200 cartas de universidades americanas que gostariam de vê-lo com sua camisa. "Meu pai e minha mãe foram cobertos de dinheiro e jóias e eu, com elogios. Minhas notas eram horríveis, mas ninguém falava delas", conta King.

Para sua sorte, King decidiu ir para Duke, uma universidade com tradição tanto esportiva quanto acadêmica e que faz questão de prover seus atletas com uma boa educação antes de ganhar um jogo. Mas universidades assim, que chegam inclusive a retirar seus atletas de competições, caso eles não demonstrem um bom desempenho acadêmico, são raríssimas. Além de Duke, em geral, mencionam-se apenas Georgetown, Providence, Mississipi e Arizona. É mínimo o número de estudantes-atletas que conseguem sair de sua experiência universitária com um diploma debaixo do braço — em torno de 20% do total. Também, não é para menos, pois a maioria dos atletas universitários americanos mal sabem escrever seu próprio nome.

"Estes garotos passaram todo o tempo de suas vidas jogando basquete ou futebol, tendo seus problemas, financeiros ou acadêmicos, resolvidos por alguma outra pessoa, tudo por conta de suas habilidades físicas", diz Wayne Embry, diretor dos Cavaleiros de Cleveland, um time profissional de basquete, e ele próprio um ex-jogador universitário. "Todo mundo faz tudo por esses garotos quando eles estão na escola ou na universidade, mas nunca dizem para eles que as chances de profissionalização são mínimas e que eles devem se preparar para fazer alguma coisa diferente de futebol ou basquete depois que deixam os estudos".

Campeão brasileiro de xadrez ensina os segredos do esporte

Atenção, raciocinio rápido e poder de concentração são alguns dos principais requisitos para um enxadrista, segundo Flávio Anand Moura Srivastava, 16 anos, vencedor do Campeonato Brasileiro, disputado semana passada em Brasilia, na categoria cadete (até 16 anos). "Um jogo que para os não iniciados poderia parecer cansativo pode tornar-se mais emocionante do que um video-game", afirma o campeão.

"É como uma batalha que a pessoa trava com outra. Aí, arma-se uma tática para vencer", diz. A tática a que Flávio se refere é a tentativa de definir os movimentos do adversário e antecipá-los, método que influi até em sua vida particular. "O xadrez ajuda em tudo", explicou Flávio, "auxilia a conhecer outras pessoas através da observação".

O amor pelo xadrez foi aprendido aos seis anos com a mãe, assim como os primeiros movimentos, que, aliás, estimulou toda a familia: suas três irmãs (das quais apenas uma compete) e seu irmão gêmeo. Mesmo tendo aprendido a jogar há dez anos, Flávio começou a disputar torneios em 87. Os títulos surgiram rapidamente, como o de campeão carioca neste ano e de vice-estadual, em 87 e 88.

Apesar do bom resultado obtido no Brasileiro, ele disputou sete rodadas, venceu cinco e empatou duas, o estudante da primeira série do segundo grau do Colégio Princesa Isabel enfrenta um problema comum em outros esportes: a falta de patrocinio. O enxadrista quer competir no Mundial da categoria em julho, em Porto Rico. E está sendo dificil realizar o sonho por enquanto.

"Queria ir para a Europa, onde o xadrez é muito mais valorizado que no Brasil", desabafou. "Mas, estes planos serão adiados pelos próximos dois anos. O importante agora é pensar no Mundial e nas dificuldades que terei para participar." Enquanto não consegue um patrocinador, Flávio se dedica aos estudos e a outras atividades. "Um enxadrista não é louco, como muita gente pensa, nem joga xadrez durante o dia todo. Ele vai à praia e joga futebol também", garante.

Flávio Rodrigues — 29/3/89

Flávio começou a disputar torneios há dois anos

O esporte já se antecipa ao futuro

EUA e URSS estão fabricando atletas em laboratórios

O atleta do futuro não será resultado apenas da observação empirica de técnicos diante de garotos de rua aparentemente bem dotados. Ele virá de laboratórios, onde se estudarão suas potencialidades a partir de nutrições adequadas, mecânica de seus movimentos, habilidade mental de concentração e até mesmo de testes genéticos ainda na infância. Assim está começando a ser feito nos Estados Unidos, assim já se trabalha na União Soviética.

A perfeição atlética significa a entrada da ciência no esporte. A partir dela pode-se entender porque um músculo funciona bem ou mal, como se previne ou se trata de uma contusão sem a necessidade de cirurgias e, acima de tudo, como é possivel treinar e tratar atletas e o que esperar de suas performances.

A biomecânica é a mais avançada delas. Através do uso de computadores, cientistas e treinadores têm a chance de visualizar o que o olho humano não pode. Arie Selinger, técnico da equipe feminina de vôlei dos Estados Unidos em 1984, converteu imagens de videoteipe em desenhos coloridos de três dimensões. Com os informações que apareciam na tela, ele e Gideon Ariel (especialista em biomecânica e computação) tinham o ângulo preciso das juntas das atletas enquanto elas saltavam, sacavam e cortavam, por exemplo.

A partir da análise dos movimentos das juntas, que são pontos chaves para se entender o trabalho dos músculos, Selinger visualizou quais deles operavam em excesso, quais os menos exigidos e, a partir daí, traçou programas de treinamento especificos para suas jogadoras. O resultado prático deste trabalho é que seu time levou a medalha de prata nos Jogos Olimpicos de Seul — melhor colocação da história do vôlei americano.

Nutrição — A bioquímica também tem papel importante na evolução dos atletas, principalmente pelos caminhos que caracterizam força. Enquanto alguns preferem a solução dos esteróides, outros se interessam em saber como abastecer um super-atleta. "Achamos que a nutrição é, provavelmente, a principal área de intensificação de performances", diz o dr. Robert D. Voy, maior autoridade médica do Comitê Olimpico dos Estados Unidos.

Basicamente, ele e seus colegas acreditam que um atleta deficiente pode melhorar seus resultados através de nutrição adequada. O passo a seguir é determinar as necessidades nutricionais dos individuos.

"Nós descobrimos que a interação entre minerais como zinco e cobre, que os atletas usam freqüentemente, é critica", explica Helene Guttman, do Centro de Pesquisa de Nutrição Humana de Beltsville. "Um excesso de zinco interfere no uso de cobre pelo organismo. E pouco cobre, associado a um stress atlético, poderia levar a uma perigosa — e até mesmo fatal — deficiência de cobre."

Estes cientistas calculam que até o ano 2000 será possivel determinar o que cada atleta necessita em relação ao seu programa de treinamento. O ideal, dizem, será trabalhar no computador dados colhidos desde a infância e trilhar o caminho nutriente normal para o resto de sua vida.

Genética — No futuro, o potencial de um atleta poderá ser medido ainda no berçário. O canadense Claude Bouchard, geneticista e fisiologista da Universidade Laval, em Quebec, Canadá, diz que isto será possivel a partir de pesquisas que já começaram: "O que estamos fazendo é tentar achar os determinantes genéticos que permitem alguém a se adaptar bem a exercícios", diz ele. "Estamos falando em identificar aqueles que têm a combinação de genes que mostram um atleta talentoso."

Ele concentra seu trabalho nos genes ligados ao reabastecimento do ATP (adenosina trifosfata), uma substância que mantêm os homens correndo. Quanto mais reabastecido é o ATP, maior será a eficiência do ser humano.

Para elucidar seu trabalho, Bouchard treinou durante semanas, num programa padronizado, pessoas que nunca tiveram atividade esportiva. Ao final de algumas semanas, ele mediu a capacidade máxima de oxigênio (um modo de se determinar qual a eficiência do individuo em reabastecer ATP). "Nós descobrimos algumas sem ganho algum. Outras, melhoraram em 100%", disse o médico.

Retribuição — Os que não melhoraram Bouchard classificou de não-retribuidores. E de alto-retribuidores os que foram adiante. "Esses últimos são aqueles raros, aparentemente felizardos, que se adaptam rapidamente a exercicios", contou o especialista.

O alvo do trabalho é este: descobrir os indicadores genéticos que fazem de uma pessoa um alto-retribuidor. Em 20 anos, Bouchard acha que esta busca estará limitado de 10 a 20 genes, tendo eliminado outros 50 mil. "Com mais uma década", continua Bouchard, "esperamos ter uma bateria de sondas de genes que os identificarão associados a atletas talentosos. Com esta pesquisa, poderemos selecionar crianças em programas iniciais de treinamentos."

A habilidade mental de concentração pode dar em treinamentos especificos. Segundo o fisiologista Ron Kendis, da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, "há um mundo de talento muscular" nas mentes humanas. Nos atletas, isso pode significar uma vitória ou um 20º lugar. "Se o aspecto mental falha, eles não atuam em seus niveis mais altos."

A primeira etapa é preparar o atleta para mantê-lo mentalmente inteiro, não só para uma jogada, como para toda a partida. A isso se chama construção e manutenção da habilidade de concentração. A outra é a visualização.

Neste ponto, esquiadores olimpicos são conectados a um equipamento de realimentação eletrônica e treinados para imaginar um percurso. Eles entram em atividade muscular a partir deste instante e, então, músculos e mentes sabem exatamente o que esperar em cada curva e quando usarem suas energias. Em suma, melhorarem suas performances.

Copa do Mundo

Oldemário Touguinhó

Espião da CBF já desvenda os segredos da Venezuela

A Confederação Brasileira de Futebol incluiu em seu esquema de preparação para a Copa de 90 a figura do *espião*. O trabalho já começou no amistoso da Venezuela, primeiro adversário do Brasil nas eliminatórias, com o Paraguai, semana passada, que foi acompanhado atentamente por Jairo Santos, 43 anos, capitão de mar e guerra e engenheiro, que executa missões especiais no futebol desde 77, quando o falecido Cláudio Coutinho era técnico da Seleção Brasileira.

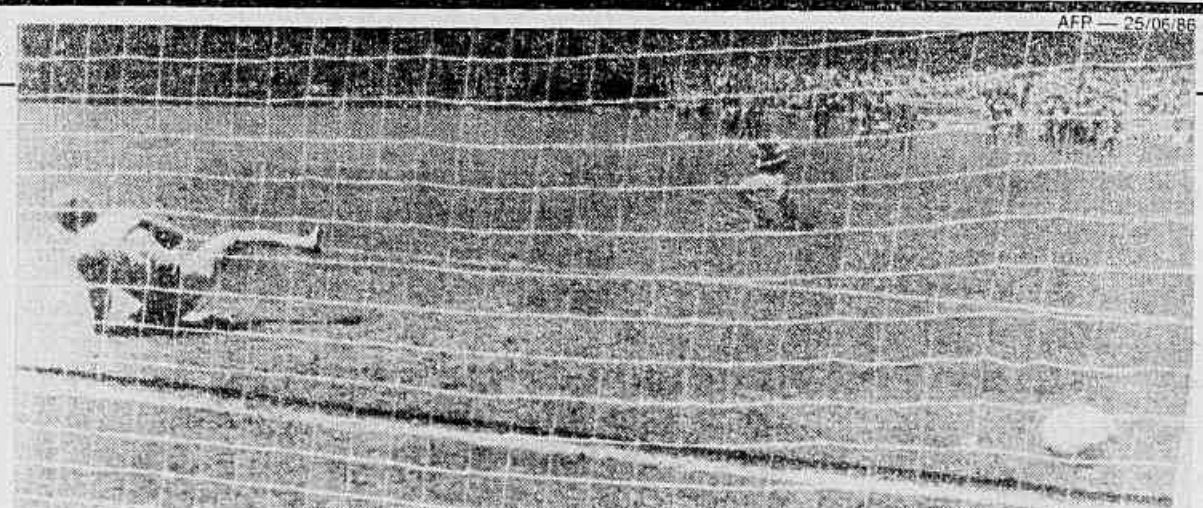
Jairo, profissional de espionagem em futebol, começou a se interessar pelo esporte quando participou de um curso em Belfast, Irlanda do Norte, onde conheceu o inglês John MacDonald, tambem oficial de marinha e ex-treinador da Coréia do Norte, na Copa do Mundo de 1966, quando os coreanos eliminaram a Itália. Os dois conversaram muito e John o incentivou a estagiar em clubes ingleses. O conselho foi seguido: Jairo fez cursos na Inglaterra, Alemanha Ocidental e Holanda e depois trabalhou para a Seleção Brasileira nas Copas de 78, 82 e 86.

De novo, ele volta à atividade, com um método ainda mais aprimorado. A CBF mandou confeccionar um formulário detalhado, onde Jairo anota até suas observações sobre o comportamento de um determinado jogador. Para ele, a Venezuela tem a mesma importância que a Alemanha Ocidental:

"Espião que se preza não olha a camisa da equipe, considera todas da mesma cor. O resto é com o treinador."

Na Copa de 86, no México, Jairo fez um detalhado estudo, para Telê Santana, sobre a Seleção Francesa. Alertava até sobre o canto em que cada francês costumava cobrar os pênaltis. Se essa recomendação tivesse sido seguida à risca, talvez o resultado fosse outro. No relatório, Jairo informava que o atacante Fernandes batia quase sempre à esquerda e por isso não se conformou quando Carlos saltou para o lado oposto ao que recomendara, quando Fernandes cobrou o pênalti que deu a vitória à França. Terminado o jogo, ele foi ao vestiário saber por que Carlos saltara para o lado errado. O goleiro confessou que havia se esquecido qual era o lado preferido de Fernandes.

"Seria a consagração de qualquer informante, se ele tivesse saltado para o canto certo e classificasse o Brasil", desabafa Jairo.

AFP — 25/06/86

O 'desobediente' Carlos cai do lado errado, Fernandez tira o Brasil da Copa

Eliminatórias — Os jogos das eliminatórias, em abril, são os seguintes: dia 2 - Nova Zelândia x Austrália e Costa Rica x Guatemala; 5 - Arábia Saudita x Yêmen do Norte; 9 - Nova Zelândia x Israel; 12 - Alemanha Oriental x Turquia e Hungria x Malta; 16 - Austrália x Israel e Costa Rica x EUA; 22 - Escócia x Chipre; 25 - Portugal x Suíça; 26 - Grécia x Romênia, Bulgária x Dinamarca, Inglaterra x Albânia e Holanda x Alemanha Ocidental; 29 - França x Iugoslávia; e 30 - EUA x Costa Rica.

Brasileiros — Zagalo já classificou os Emirados Árabes para a segunda fase das eliminatórias asiáticas da Copa. Agora, quem já está quase na mesma situação é Carlos Alberto Parreira. A Arábia Saudita depende apenas de um empate no último jogo do grupo, contra o fraquissimo Yêmen do Norte, que perdeu todos os três jogos. E como o jogo é em Jeddah, Parreira está em excelente situação. O Yêmen é dirigido também por um brasileiro, o ex-lateral do América, Luciano. A segunda fase reunirá os ganhadores dos seis grupos, com todos se enfrentando em jogos de ida e volta, em disputa de duas vagas para a Copa.

Depois dos calçados, o melhor negócio em Franca é o basquete

Mariucha Moneró

FRANCA, SP — A diferença começa pela torcida. Ela entende e conhece. Em Franca, a 400 quilômetros de São Paulo, na terra do calçado, com 250 mil habitantes, todo mundo parece saber o que é basquete. Seus jogadores viram ídolos, as crianças o praticam nas ruas, enquanto o time, agora com o patrocínio da Ravelli, briga por títulos. A tradição da cidade no esporte começou nos anos trinta, quando Franca ajudou a criar os Jogos Abertos, cuja única modalidade era o basquete.

Pedro Mourilla Fuentes, o Pedroca, que chegou à cidade em 51, foi um dos grandes responsáveis pela evolução do esporte. "Naquela época o basquete era só poesia. Viemos para atualizar, modernizar e criar equipes de alto nível", conta Pedroca, que virou nome do ginásio Poliesportivo, batizado de Pedrocão.

E sua missão foi cumprida. Um homem sempre ligado ao basquete — foi assitente técnico de Kanela nos Jogos Olímpicos de Munique, em 72; de Cláudio Mortari na Olimpíada de Moscou, em 80; e campeão no Pan-Americano de Cáli, em 71, ao lado de Édson Bispo —, ele sabia que para chegar aos títulos não bastava confiar no talento natural dos jogadores de Franca. Treinando várias horas por dia, Pedroca comandou equipes competitivas que se caracterizavam por serem sempre muito velozes no ataque e fortes na marcação. "Uma maneira de superar a pouca altura dos jogadores", explica ele.

A equipe nasceu com o nome de Clube dos Bagres, mais tarde passou a se chamar Emanuel e posteriormente de Amazonas, nome de uma fábrica de artefatos de borracha, que ajudou financeiramente o time, se tornando o primeiro patrocinador do basquete de Franca. Depois foi a vez de virar Francana Basqueteball e em seguida Associação Atlética Francana. Há menos de um ano adotou o nome da Ravelli, uma das mais novas fábrica de calçados da cidade.

Investimento — Com apenas 12 anos de existência e um faturamento de US$ 2 milhões mensais, a Ravelli já ocupa o terceiro lugar no ranking da preferência nacional. Sem completar um ano patrocinando o time, a Ravelli conquistou o título de campeã paulista, que passava longe de Franca há 12 anos.

O título foi conseqüência dos US$ 30 mil investidos na equipe, que conta com jogadores como o uruguaio Tato Lopez, com salário de US$ 5 mil. Além dele, a Ravelli trouxe o norte-americano Patrick Reynolds, sem falar de pratas da casa, como Guerrinha e o jovem Paulo Berger. O técnico Hélio Rubens, que passará a dirigir a seleção brasileira, jogou pelo time até o final dos anos 70.

Sem nunca ter jogado basquete na vida, Agostinho Ferreira Sobrinho, 32 anos, dono da Ravelli, resolveu investir no esporte e não se arrepende. "O retorno é a massificação do nosso nome e a simpatia popular. Hoje, todo mundo já ouviu falar em Ravelli", se orgulha o mais novo apaixonado pelo esporte. "Aprendi a gostar de basquete", diz ele, que fica no banco em todas as partidas do time.

E se a Ravelli ajuda o basquete, o inverso é verdadeiro. Captalizando o sucesso dentro das quadras, a Ravelli começa a ampliar sua atuação e, além dos calçados, já fabrica cintos, roupas de moleton e, dentro de quatro meses, lança um perfume com sua marca. Ultrapassar a fronteira também está nos planos. Na renovação do contrato, o maior ídolo do time, Tato Lopez deixa

rá de ser apenas jogador para ser o representante da grife Ravelli no Uruguai.

Mas tudo em Franca parece estar ligado ao sexo masculino. Enquanto a indústria de calçados é predominantemente masculina, o basquete também parece privilégio dos homens. "É o preconceito que sempre houve", confidencia Pedroca.A Ravelli nega a fama de machista. Para ela, a formação de uma equipe feminina é um projeto a longo prazo. "Demos seqüência ao que já existia. No feminino estamos investindo nas crianças", explica Agostinho Ferreira Sobrinho, se referindo à clínica comandada pelos jogadores Guerinha, Carlão e Bota, este assistente de Hélio Rubens, que reúne cerca de 200 crianças.

As turmas são limitadas a no máximo 24 alunos, de 7 a 14 anos, e existe uma lista de espera com mais de 100 nomes. Fora a clínica, ministrada pela iniciativa privada, o poder público de Franca também apóia o basquete, através de escolinhas.

"Acho que 90% da população de Franca já jogou ou joga basquete", observa Eugênio Lira, estudante e integrante da fanática e inteligente torcida francana, que lota os ginásios."E essa torcida que prefere as cestas aos gols do Francana, time que participa da divisão especial do Campeonato Paulista. Está no sangue. Basquete em Franca é mais do que paixão, é tradição de muitas décadas.

Briga — O jogador Paulão, do Sírio, acusado de ter começado a briga nos vestiários entre as equipes do Sírio e Ravelli-Franca, no intervalo do jogo entre os dois times, nega qualquer incidente. "Só dei um esbarrão em Tato Lopez. Coisa normal", afirma ele. Com seus 2,17m, um tranco de Paulão não deve ser dois mais corriqueiros. O jogo foi sempre tumultuado e no final a polícia interviu numa briga na arquibancada e provocou um corre-corre. O Sírio venceu o Ravelli por 106 a 101.

Festa — Os jogos de basquete em Franca são verdadeiros acontecimentos. Além de apresentações de dança entre uma partida e outra, nos intervalos do primeiro para o segundo tempo potentes caixas de som animam a galera. A música preferida é a dos baianos da Banda Reflexus, Madagascar

Monumento — O basquete é um esporte tão popular em Franca que o prefeito Maurício Sandoval Ribeiro inaugurou ontem um monumento ao esporte. Um jogador encestando uma bola de bandeja foi esculpido em uma chapa de aço, que foi colocada em frente ao ginásio Pedrocão. Mais uma reverência da cidade ao seu esporte predileto.

Sofrimento — Uma das pessoas que mais sofreu com a partida entre Sírio e Ravelli foi o técnico do Flamengo, Zé Boquinha. Da arquibancada, Boquinha torcia freneticamente pelo Sírio e enterrava o boné branco na cabeça a cada ponto da Ravelli. Para o Flamengo só a vitória do Sírio interessava.

Procura-se — Nas colunas do ginásio Pedrocão cartazes procuram revelações do basquete feminino. Com o título de procura-se uma Hortência, eles convocam as meninas para entrar na escolinha de basquete, iniciação esportiva de vários ídolos de Franca

Torcida — Em resposta aos fracos gritos de "Mengo" dos cinco únicos torcedores rubronegros que vieram a Franca torcer para Paulinho Vilas Boas e companhia, os torcedores da cidade, que enchem o ginásio em todas as partidas do Ravelli- Franca, dispararam: "Rocinha, rocinha". Os flamenguistas não se intimidaram. "Ei, ei, ei, Escadinha é o nosso rei", reagiram.

Rio Claro vence o cansado Sírio

A equipe do Sírio, que na madrugada de sexta-feira surpreendeu ao vencer o Ravelli-Franca, foi derrotada ontem pelo time de Rio Claro por 114 a 102 (67 a 52), no ginásio poliesportivo de Franca, em partida válida pela terceira rodada da Taça Brasil masculina de basquete. O Sírio, único invicto na competição, sentiu o esforço do jogo na véspera e falhou muito na marcação.

Enquanto os jogadores do Sírio deixavam a quadra abatidos e o técnico Dódi criticava a postura do time, "que subestimou os adversário", José Medalha, treinador de Rio Claro, elogiava pela primeira vez sua equipe. "Jogamos mal nas duas rodadas iniciais e só agora conseguimos apresentar um basquete mais definido". A rodada de hoje terá as seguintes partidas: Sírio x Monte Líbano, às 15h30; Ravelli-Franca x Pirelli, às 17h, com transmissão da Rede Bandeirantes; e Flamengo x Rio Claro, às 19 horas.

Paulo Nicolella

Robson recebeu medalha e camisa de Jorge Barbosa

Robson não vai treinar os 100 metros nos EUA

Quando começar a treinar nos Estados Unidos, o brasileiro Robson Caetano, medalha de bronze nos 200 metros nos Jogos Olímpicos de Seul, vai abandonar definitivamente as provas, nacionais e internacionais, dos 100 metros. Robson embarca no dia 24 de maioe passará a treinar na Universidade San Diego State ao lado de seu técnico Carlos Alberto Cavalhero. Ontem, na Escola de Educação Física do Exército, o atleta foi homenageado como sócio honorário do Renascença, seu clube, e ganhou uma medalha e uma camisa do dirigente Jorge Barbosa.

"Corri os 100 metros abaixo de 10 segundos e sei que posso baixar ainda mais minha marca. Mas prefiro passar para outras distâncias", comentou Robson. Além dos 200 metros, o atleta pretende se dedicar aos 300 metros, que não é uma prova olímpica. "Pretendo bater o recorde dos 300 metros no Meeting de São Paulo, dia 21 de maio". A atual marca, 31s76, é do norte-americano Walter McKoy. "Treinei antes de Seul e fiz um tempo de 31s51", comentou ele.

Para seu técnico, Carlos Alberto Cavalhero, a ida para os Estados Unidos é a única saída para a continuação dos treinamentos. Depois de Robson, Cavalhero pretende levar outros quatro atletas: Arnaldo de Oliveira, Fernando Botasso, Sérgio Luiz Campos Ribeiro e Marcelo Bengoechet. Dia 20 de julho, eles retornam ao Brasil para disputar o Troféu Brasil.

Márcio proíbe adversário de entrar no Fla

Está se tornando patética a situação envolvendo a permanência de Márcio Braga na presidência do Flamengo. Munido do despacho da juíza da 1ª Vara Federal, Tânia Hayne, sustando parecer do CND — que prorrogava o mandato de Márcio e toda a diretoria —, o candidato de oposição, Júlio Gomes, não reconhece o poder de Márcio. Este, por sua vez, suspendeu Júlio Gomes, que é sócio do clube e está impedido de entrar nas suas dependências, mas tenta, com uma ação cautelar, anular a determinação.

Enquanto isso, o presidente da Federação de Futebol do Rio de Janeiro, Eduardo Viana, diz que já escolheu até o nome do interventor no clube, Roberto Abranches, mas não quer tomar tal decisão. Chegou mesmo a sugerir que "uma Federação mais antiga" o faça. Em resumo: não sobra quem diga que a permanência de Márcio é ilegal, mas não há quem tome a decisão de pedir a intervenção no clube.

Como se não bastasse tudo isso, Márcio jurou que vai desengavetar processos internos do clube que provam desvio de verbas na gestão de Antônio Augusto Dunshee de Abranches — ex-presidente, que vendeu Zico para o Udinese e renunciou. Disse não ter feito isso antes para preservar "a figura jurídica do presidente do Flamengo." Respondendo a esta ameaça, Dunshee afirmou que "Márcio Braga é viciado em cocaína" e que, se necessário, confessará em juízo ser testemunha ocular deste vício. Márcio, defendendo sua carreira, promete processá-lo.

Em Três Rios, o campeão da terceira divisão, América de Três Rios, empatou em 1 a 1 com o Flamengo, gols do centroavante Pião e de Renato, de falta, ambos no segundo tempo.

Sabatini vence Evert e conquista US$ 100 mil

KEY BISCAINE, EUA — A argentina Gabriela Sabatina, de 19 anos, engordou sua conta bancária em US$ 100 mil dólares ao conquistar ontem o título do Torneio Lipton. Sabatini derrotou na final a norte-americana Chris Evert, 14 anos mais velha, por 6/1, 4/6 e 6/2 numa partida que durou quase duas horas. No torneio masculino, o tcheco Ivan Lendl, número 1 do mundo, ficou com o título sem precisar jogar a final. Seu adversário, o austríaco Thomas Muster, sofreu um acidente de automóvel e não poderá disputar a decisão, que estava marcada para hoje.

A final feminina variou entre o brilho e a mediocridade mas foi sempre marcado pelas longas trocas de bola. O primeiro set foi muito ruim. Gabriela Sabatini manteve-se no fundo de quadra mas variava pouco seus golpes. Chris Evert cometia erros primários e não conseguia acertar seus saques. A argentina quebrou todos os serviços da norte-americana e fechou o set com facilidade em 6/1. No segundo set, Evert teve momentos brilhantes e exibiu um repertório de boas curtas, de efeito ou sem força para virar de 2/4 para 6/4. Evert estava levando vantagem nas trocas de bola mas cansou e Sabatini acabou fechando o terceiro set em 6/2.

O tcheco Ivan Lendl não precisou suar como Sabatini para ser campeão. O austríaco Thomas Muster, após vencer Yannick Noah por 3 a 2 (5/7, 3/6, 6/3, 6/3 e 6/2), sofreu um acidente de automóvel. Ele está internado no Mercy Hospital com uma contusão nos ligamentos do joelho direito.

Jovem paulista vence prova JB de hipismo

SÃO PAULO — O paulista Bartholomeu Bueno Miranda, 16 anos, montando Filac, venceu ontem a prova JORNAL DO BRASIL (Troféu Dorothy Carlson), categoria hunter seat, disputada na Sociedade Hípica Paulista. Campeão brasileiro desta categoria em 87 e campeão estadual em 88, Bartholomeu competiu com outros 26 jovens, com idades entre 10 e 17 anos. Em segundo lugar ficou Paulo Vitor Foroni, montando Apolo Método.

Na categoria plano, o primeiro lugar ficou com Marcos Antônio da Costa Ribeiro, com Itautec He Gra Atila. Com Cheyene, Carlos Eduardo Motta Ribas terminou em segundo lugar. Na prova da série preliminar, a vencedora foi a carioca Andréa Schamma, montando Fappe Tiroleza, com o tempo de 61s91.

GP Gervásio Seabra só tem quatro disputantes

Com um campo reduzido, apenas quatro concorrentes, e sem maiores atrações devido ao amplo domínio da parelha Dieter Jet e Delvecchio, do Haras Santa Ana do Rio Grande, será disputado hoje à tarde na Gávea o Grande Prêmio Gervásio Seabra, prova tradicional do calendário turfístico carioca realizada pela primeira vez em 1950.

Várias razões contribuíram decisivamente para que uma prova de tal gabarito este ano perdesse todo o encanto. Em primeiro lugar a proximidade de duas provas importantes, a Trump Cup, para animais de três anos e mais idade, e principalmente a Taça de Ouro, que excluiu praticamente todos os três anos devido ao valor superior da dotação.

Além do aspecto financeiro — se o aumento dos prêmios fosse anunciado antes, talvez tivessem ocorrido mais inscrições — também influenciou o forte calor que castiga os animais na Gávea, causando problemas constantes em vários animais. A exigência burocrática de apresentar laudo veterinário para a inscrição de vários animais também tem prejudicado. Nem sempre há veterinários a disposição para atender a todos. Enfim, o Jóquei Clube precisa se modernizar.

Domínio — Dieter Jet e Delvecchio dominam amplamente o páreo e pode-se esperar um autêntico mano a mano desde a largada. O perfil da prova é mais favorável a Delvecchio, muito ligeiro, e bem colocado no percurso. Dieter Jet, entretanto, atravessa fase de franca evolução e se não houver a preocupação de favorecer os rivais partindo para cima do companheiro de número, pode correr perto e superá-lo no final. Se for mantido acomodado não alcançará Delvecchio. Rimmel tem corrido pouco e Dragão Negro vem enfrentar companhia forte demais.

□ **O programa de hoje na Gávea terá atrativo suplementar para os turfistas, que, além de torcer por seus jóqueis e cavalos preferidos, terão a oportunidade de acompanhar carreira reservada à jóqueis amadores — iniciativa retomada pelo dirigentes do turfe do Rio em 1987 após 10 anos de interrupção em provas do gênero.Com partida prevista para às 17h, o sexto páreo da reunião levará sete concorrentes à disputa da primeira das quatro provas do campeonato de amadores de 1989. O Jóquei Clube adotou contagem de pontos semelhante ao da Fórmula-1, na qual marcam pontos os seis primeiros colocados de cada etapa, que definirá o campeão após a quarta prova, em dezembro.Oriundos de experiências diferentes no dorso de eqüinos, nem todos os pilotos dominam à perfeição a técnica de manejar as rédeas do puro-sangue de corrida. O detalhe aparentemente insignificante, garante, no entanto, o interesse do público em acompanhar o desempenho dos jóqueis em busca da vitória.**

Encartadeira é destaque para corrida de hoje

Encartadeira, do Haras Santa Ana do Rio Grande, foi o destaque nos exercícios para a corrida desta tarde no Hipódromo da Gávea. Sem ser apurada em parte alguma do percurso assinalou 42s2/5 nos 700 metros a puro galope. Está em grande forma a pensionista de Atílio Rocha e dificilmente será derrotada.

Taught, inscrito no segundo páreo, aprontou suave os 700 metros em 45s cravados. Message, em grande forma, entrou na raia pouco antes das 9h e impressionou com 50s nos 800 metros. Declaração, com o aprendiz S.Santos, passou os 1.000 metros em 66s2/5.

Dieter Jet atravessa fase magnífica e voltou a se exercitar de maneira espetacular. Conduzido por Jorge Ricardo, o defensor do Haras Santa Ana do Rio Grande assinalou 50s nos 800 metros. Bem colocado no percurso deve decidir a carreira com o companheiro Delvecchio.

Lysandre foi o melhor nos exercícios para disputar a quinta prova. Conduzido por C.Vasconcelos passou os 1.000 metros em 64s cravados. Laurier também agradou com o exercício de 65s na mesma distância. Easy Won, o favorito, não foi apurado por Jorge Ricardo e cravou 66s no percurso. Abadon aprontou suave com Goncinha e assinalou 69s.

Jimmy Jones, muito ligeiro, aprontou bem para o páreo de amadores. Passou os 700 metros em 43s2/5. Grimaldine passou os 800 metros em 51s2/5 para disputar a sétima prova. Lord Sandwich aumentou para 52s2/5, com sobras. Gonnabeachamp fechou o percurso em 51s3/5

Hoje na Gávea

1º PÁREO — Às 14h30min — 1.400 metros — (GRAMA) NCz$ 600,00 — DUPLA-EXATA — Kg. PRÊMIO DULCE

Nº	Cavalo, Jóquei		Kg
1	Livenza, R. Rodrigues	2	56
2	Blois, Não Corre	3	52
3	Presepeira, G.F.Almeida	4	56
4	Erva Milagrosa, J.Aurelio	5	56
5	Encartadeira, J.Ricardo	1	56
"	Elaps, W.Gonçalves	6	52

2º PÁREO — Às 15 horas — 1.400 metros — (GRAMA) NCz$ 400,00 — TRIEXATA — DUPLA — EXATA (INÍCIO DO CONCURSO DE SETE PONTOS) — PRÊMIO DUPLEX

Nº	Cavalo, Jóquei		Kg
1	Allpermint, E.Marinho	1	58
2	Condorama, E.Caminha	2	52
3	Kind Man, F.Pereira Fº	3	58
4	Monético, D.Neto	4	58
5	Ituango, M.B.Santos	5	58
6	Message, M.Cardoso	6	58
7	Il Razzo, C.Vasconcelos	7	58
8	Songa Monga, E.R.Ferreira	8	54
9	Abongentuso, M.Penafiel	9	58
10	Ko-Ombo, J.Pinto	10	58
11	Taught, J.Ricardo	11	58

3º PÁREO — Às 15h30m — 2.000 metros (GRAMA) NCz$ 490,00 — TRIEXATA DUPLA-EXATA — PRÊMIO EMERALD HILL —

Nº	Cavalo, Jóquei		Kg
1	Sugar Loaf C.Laver	1	57
2	Gubrante P.Cardoso	2	57
3	Declaração S.Santos	3	55
4	Once in Ottawa A.Ramos	4	57
5	Ana Care M.Cardoso	5	55

4º PÁREO — Às 16 horas — 1.600 metros — (GRAMA) NCz$ 1.800,00 — DUPLA-EXATA— G.P.GERVÁSIO SEABRA — GRUPO II

Nº	Cavalo, Jóquei		Kg
1	Delvecchio J.M.Silva	2	60
"	Dieter Jet J.Ricardo	4	59
2	Rimmel F.Pereira Fº	1	60
3	Dragão Negro J.Pessanha	3	60

5º Páreo-Às 15h30m-2.000 metros(GRAMA) NCz$600,00-TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO EMERSON

Nº	Cavalo, Jóquei		Kg
1	Hatch J.Aurelio	1	52
2	Tipsy Task M.Cardoso	6	56
3	Abadon, G.F.Almeida	7	52
4	Elias El Arab, J.Queiroz	2	52
"	Easy Won, J.Ricardo	4	56
5	Laurier R. Rodrigues	3	52
"	Lysandre, C.Vasconcelos	5	52

6º Páreo-Às 17 horas-1.300 metros — (AREIA) NCz$ 980,00-TRIEXTA-DUPLA-EXATA-PRÊMIO STUDI ELLE ET MOI-Kg

Nº	Cavalo, Jóquei	
1	Jimmy Jones, N.Kaufmann	1
2	Self-Control, J.R.Alencar	2
3	Núcleo, C.Evaristo	4
4	Great Knight, P.Ramalho	5
5	Grand Bar, C.Arroxelas	7
6	Emerot, J.C.Neves	3
"	Lord Blue, M.L.Almeida	6

7º Páreo — Às 17h30m — 1.600 metros — (GRAMA) NCz$ 600,00 — TRIEXATA — DUPLA-EXATA — PRÊMIO ESCORIAL —

Nº	Cavalo, Jóquei		Kg
1	Lecanto, J.Ricardo	1	56
2	Frionalma, J.Pinto	2	56
3	Grimaldine, E.S.Gomes	3	54
4	Falafel, J.M.Silva	4	56
5	Gonnabeachamp, C.Lavor	5	54
6	Lord Sandwich, M.Cardoso	6	56
7	Litigante, L.F.Gomes	7	56
8	Yellow Flag, W.Gonçalves	8	56

8º PÁREO — Às 18 horas — 1.600 metros — (AREIA) NCZ$ 600,00 — TRIEXATA — DUPLA-EXATA — PRÊMIO TIROLESA

Nº	Cavalo, Jóquei		Kg
1	Ansarah E.S.Rodrigues	1	56
2	Juca Porto J.M.Silva	2	56
3	La Strega C.Vasconcelos	3	54
4	Kit Light L.A.Alves	4	56
5	Jolie Domestique L.S.Santos	5	54
6	Port Svision C.Lavor	6	54
7	El Prestto J.Ricardo	7	56
8	Tharap J.Pessanha	8	56

Indicações

1º Páreo: Encartadeira ■ Presepeira ■ Elaps
2º Páreo: Message ■ Ko-Ombo ■ Allpermint
3º Páreo: Declaração ■ Once In Ottawa ■ Sugar Loaf
4º Páreo: Dieter Jet ■ Delvecchio ■ Rimmel
5º Páreo: Easy Won ■ Lysandre ■ Abadon
6º Páreo: Grand Bar ■ Self-Control ■ Núcleo
7º Páreo: Falafel ■ Lecanto ■ Yellow Flag
8º Páreo: Port's Vision ■ Kit Light ■ El Prestto
Acumulada: 1º 5 (Encartadeira), 4º 1 (Dieter Jet) e 5º 4 (Easy Won)

Depois dos calçados, o melhor negócio em Franca é o basquete

Mariucha Moneró

FRANCA, SP — A diferença começa pela torcida. Ela entende e conhece. Em Franca, a 400 quilômetros de São Paulo, na terra do calçado, com 250 mil habitantes, todo mundo parece saber o que é basquete. Seus jogadores viram ídolos, as crianças o praticam nas ruas, enquanto o time, agora com o patrocínio da Ravelli, briga por títulos. A tradição da cidade no esporte começou nos anos trinta, quando Franca ajudou a criar os Jogos Abertos, cuja única modalidade era o basquete.

Pedro Mourilla Fuentes, o Pedroca, que chegou à cidade em 51, foi um dos grandes responsáveis pela evolução do esporte. "Naquela época o basquete era só poesia. Viemos para atualizar, modernizar e criar equipes de alto nível", conta Pedroca, que virou nome do ginásio Poliesportivo, batizado de Pedrocão.

E sua missão foi cumprida. Um homem sempre ligado ao basquete — foi assitente técnico de Kanela nos Jogos Olímpicos de Munique, em 72; de Cláudio Mortari na Olimpíada de Moscou, em 80; e campeão no Pan-Americano de Cáli, em 71, ao lado de Édson Bispo —, ele sabia que para chegar aos títulos não bastava confiar no talento natural dos jogadores de Franca. Treinando várias horas por dia, Pedroca comandou equipes competitivas que se caracterizavam por serem sempre muito velozes no ataque e fortes na marcação. "Uma maneira de superar a pouca altura dos jogadores", explica ele.

A equipe nasceu com o nome de Clube dos Bagres, mais tarde passou a se chamar Emanuel e posteriormente de Amazonas, nome de uma fábrica de artefatos de borracha, que ajudou financeiramente o time, se tornando o primeiro patrocinador do basquete de Franca. Depois foi a vez de virar Francana Basqueteball e em seguida Associação Atlética Francana. Há menos de um ano adotou o nome da Ravelli, uma das mais novas fábrica de calçados da cidade.

Investimento — Com apenas 12 anos de existência e um faturamento de US$ 2 milhões mensais, a Ravelli já ocupa o terceiro lugar no ranking da preferência nacional. Sem completar um ano patrocinando o time, a Ravelli conquistou o título de campeã paulista, que passava longe de Franca há 12 anos.

O título foi conseqüência dos US$ 30 mil investidos na equipe, que conta com jogadores como o uruguaio Tato Lopez, com salário de US$ 5 mil. Além dele, a Ravelli trouxe o norte-americano Patrick Reynolds, sem falar de pratas da casa, como Guerrinha e o jovem Paulo Berger. O técnico Hélio Rubens, que passará a dirigir a seleção brasileira, jogou pelo time até o final dos anos 70.

Sem nunca ter jogado basquete na vida, Agostinho Ferreira Sobrinho, 32 anos, dono da Ravelli, resolveu investir no esporte e não se arrepende. "O retorno é a massificação do nosso nome e a simpatia popular. Hoje, todo mundo já ouviu falar em Ravelli", se orgulha o mais novo apaixonado pelo esporte. "Aprendi a gostar de basquete", diz ele, que fica no banco em todas as partidas do time.

E se a Ravelli ajuda o basquete, o inverso é verdadeiro. Captalizando o sucesso dentro das quadras, a Ravelli começa a ampliar sua atuação e, além dos calçados, já fabrica cintos, roupas de moleton e, dentro de quatro meses, lança um perfume com sua marca. Ultrapassar a fronteira também está nos planos. Na renovação do contrato, o maior ídolo do time, Tato Lopez deixa

rá de ser apenas jogador para ser o representante da grife Ravelli no Uruguai.

Mas tudo em Franca parece estar ligado ao sexo masculino. Enquanto a indústria de calçados é predominantemente masculina, o basquete também parece privilégio dos homens. "É o preconceito que sempre houve", confidencia Pedroca.A Ravelli nega a fama de machista. Para ela, a formação de uma equipe feminina é um projeto a longo prazo. "Demos seqüência ao que já existia. No feminino estamos investindo nas crianças", explica Agostinho Ferreira Sobrinho, se referindo à clínica comandada pelos jogadores Guerinha, Carlão e Bota, este assistente de Hélio Rubens, que reúne cerca de 200 crianças.

As turmas são limitadas a no máximo 24 alunos, de 7 a 14 anos, e existe uma lista de espera com mais de 100 nomes. Fora a clínica, ministrada pela iniciativa privada, o poder público de Franca também apóia o basquete, através de escolinhas.

"Acho que 90% da população de Franca já jogou ou joga basquete", observa Eugênio Lira, estudante e integrante da fanática e inteligente torcida francana, que lota os ginásios."E essa torcida que prefere as cestas aos gols do Francana, time que participa da divisão especial do Campeonato Paulista. Está no sangue. Basquete em Franca é mais do que paixão, é tradição de muitas décadas.

Briga — O jogador Paulão, do Sirio, acusado de ter começado a briga nos vestiários entre as equipes do Sirio e Ravelli-Franca, no intervalo do jogo entre os dois times, nega qualquer incidente. "Só dei um esbarrão em Tato Lopez. Coisa normal", afirma ele. Com seus 2,17m, um tranco de Paulão não deve ser dois mais corriqueiros. O jogo foi sempre tumultuado e no final a polícia interviu numa briga na arquibancada e provocou um corre-corre. O Sirio venceu o Ravelli por 106 a 101.

Festa — Os jogos de basquete em Franca são verdadeiros acontecimentos. Além de apresentações de dança entre uma partida e outra, nos intervalos do primeiro para o segundo tempo potentes caixas de som animam a galera. A música preferida é a dos baianos da Banda Reflexus, Madagascar.

Monumento — O basquete é um esporte tão popular em Franca que o prefeito Maurício Sandoval Ribeiro inaugurou ontem um monumento ao esporte. Um jogador encestando uma bola de bandeja foi esculpido em uma chapa de aço, que foi colocada em frente ao ginásio Pedrocão. Mais uma reverência da cidade ao seu esporte predileto.

Sofrimento — Uma das pessoas que mais sofreu com a partida entre Sirio e Ravelli foi o técnico do Flamengo, Zé Boquinha. Da arquibancada, Boquinha torcia freneticamente pelo Sirio e enterrava o boné branco na cabeça a cada ponto da Ravelli. Para o Flamengo só a vitória do Sirio interessava.

Procura-se — Nas colunas do ginásio Pedrocão cartazes procuram revelações do basquete feminino. Com o título de procura-se uma Hortência, eles convocam as meninas para entrar na escolinha de basquete, iniciação esportiva de vários ídolos de Franca

Torcida — Em resposta aos fracos gritos de "Mengo" dos cinco únicos torcedores rubronegros que vieram a Franca torcer para Paulinho Vilas Boas e companhia, os torcedores da cidade, que enchem o ginásio em todas as partidas do Ravelli- Franca, dispararam: "Rocinha, rocinha". Os flamenguistas não se intimidaram. "Ei, ei, ei, Escadinha é o nosso rei", reagiram.

Fla joga bem e derrota Pirelli

Na sua melhor apresentação desde o começo da fase final da Taça Brasil masculina de basquete, o Flamengo derrotou a Pirelli por 122 a 106, ontem à noite no ginásio poliesportivo de Franca, e continua sonhando com o título. Maury, Cadum e Paulinho Villas-Boas foram os grandes nomes do Flamengo no jogo. Hoje, às 19h, na terceira partida da rodada, o Flamengo enfrentará o time de Rio Claro.

O primeiro jogo da rodada de ontem teve resultado surpreendente. O Sirio, que na sexta-feira derrotou o Ravelli-Franca e era o único invicto na competição, perdeu para o Rio Claro por 114 a 102. Irritado com a atuação do time, o técnico Dódi criticou o comportamento dos jogadores, "que subestimaram o adversário". Hoje, o Sirio enfrentará o Monte Líbano, às 15h30. Em seguida, com transmissão da Rede Bandeirantes, o Ravelli-Franca enfrentará a Pirelli.

Paulo Nicolella

Robson recebeu medalha e camisa de Jorge Barbosa

Robson não vai treinar os 100 metros nos EUA

Quando começar a treinar nos Estados Unidos, o brasileiro Robson Caetano, medalha de bronze nos 200 metros nos Jogos Olímpicos de Seul, vai abandonar definitivamente as provas, nacionais e internacionais, dos 100 metros. Robson embarca no dia 24 de maioe passará a treinar na Universidade San Diego State ao lado de seu técnico Carlos Alberto Cavalhero. Ontem, na Escola de Educação Física do Exército, o atleta foi homenageado como sócio honorário do Renascença, seu clube, e ganhou uma medalha e uma camisa do dirigente Jorge Barbosa.

"Corri os 100 metros abaixo de 10 segundos e sei que posso baixar ainda mais minha marca. Mas prefiro passar para outras distâncias", comentou Robson. Além dos 200 metros, o atleta pretende se dedicar aos 300 metros, que não é uma prova olímpica. "Pretendo bater o recorde dos 300 metros no Meeting de São Paulo, dia 21 de maio". A atual marca, 31s76, é do norte-americano Walter McKoy. "Treinei antes de Seul e fiz um tempo de 31s51", comentou ele.

Para seu técnico, Carlos Alberto Cavalhero, a ida para os Estados Unidos é a única saída para a continuação dos treinamentos. Depois de Robson, Cavalhero pretende levar outros quatro atletas: Arnaldo de Oliveira, Fernando Botasso, Sérgio Luiz Campos Ribeiro e Marcelo Bengoechet. Dia 20 de julho, eles retornam ao Brasil para disputar o Troféu Brasil.

Sabatini vence Evert e conquista US$ 100 mil

KEY BISCAINE, EUA — A argentina Gabriela Sabatina, de 19 anos, engordou sua conta bancária em US$ 100 mil dólares ao conquistar ontem o título do Torneio Lipton. Sabatini derrotou na final a norte-americana Chris Evert, 14 anos mais velha, por 6/1, 4/6 e 6/2 numa partida que durou quase duas horas. No torneio masculino, o tcheco Ivan Lendl, número 1 do mundo, ficou com o título sem precisar jogar a final. Seu adversário, o austríaco Thomas Muster, sofreu um acidente de automóvel e não poderá disputar a decisão, que estava marcada para hoje.

A final feminina variou entre o brilho e a mediocridade mas foi sempre marcado pelas longas trocas de bola. O primeiro set foi muito ruim. Gabriela Sabatini manteve-se no fundo de quadra mas variava pouco seus golpes. Chris Evert cometia erros primários e não conseguia acertar seus saques. A argentina quebrou todos os serviços da norte-americana e fechou o set com facilidade em 6/1. No segundo set, Evert teve momentos brilhantes e exibiu um repertório de boas curtas, de efeito ou sem força para virar de 2/4 para 6/4. Evert estava levando vantagem nas trocas de bola mas cansou e Sabatini acabou fechando o terceiro set em 6/2.

O tcheco Ivan Lendl não precisou suar como Sabatini para ser campeão. O austríaco Thomas Muster, após vencer Yannick Noah por 3 a 2 (5/7, 3/6, 6/3, 6/3 e 6/2), sofreu um acidente de automóvel. Ele está internado no Mercy Hospital com uma contusão nos ligamentos do joelho direito.

Márcio proíbe adversário de entrar no Fla

Está se tornando patética a situação envolvendo a permanência de Márcio Braga na presidência do Flamengo. Munido do despacho da juíza da 1ª Vara Federal, Tânia Hayne, sustando parecer do CND — que prorrogava o mandato de Márcio e toda a diretoria —, o candidato de oposição, Júlio Gomes, não reconhece o poder de Márcio. Este, por sua vez, suspendeu Júlio Gomes, que é sócio do clube e está impedido de entrar nas suas dependências, mas tenta, com uma ação cautelar, anular a determinação.

Enquanto isso, o presidente da Federação de Futebol do Rio de Janeiro, Eduardo Viana, diz que já escolheu até o nome do interventor no clube, Roberto Abranches, mas não quer tomar tal decisão. Chegou mesmo a sugerir que "uma Federação mais antiga" o faça. Em resumo: não sobra quem diga que a permanência de Márcio é ilegal, mas não há quem tome a decisão de pedir a intervenção no clube.

Como se não bastasse tudo isso, Márcio jurou que vai desengavetar processos internos do clube que provam desvio de verbas na gestão de Antônio Augusto Dunshee de Abranches — ex-presidente, que vendeu Zico para o Udinese e renunciou. Disse não ter feito isso antes para preservar "a figura jurídica do presidente do Flamengo." Respondendo a esta ameaça, Dunshee afirmou que "Márcio Braga é viciado em cocaína" e que, se necessário, confessará em juízo ser testemunha ocular deste vício. Márcio, defendendo sua carreira, promete processá-lo.

Em Três Rios, o campeão da terceira divisão, América de Três Rios, empatou em 1 a 1 com o Flamengo, gols de centroavante Pião e de Renato, de falta, ambos no segundo tempo.

Jovem paulista vence prova JB de hipismo

SÃO PAULO — O paulista Bartholomeu Bueno Miranda, 16 anos, montando Filac, venceu ontem a prova JORNAL DO BRASIL (Troféu Dorothy Carlson), categoria hunter seat, disputada na Sociedade Hípica Paulista. Campeão brasileiro desta categoria em 87 e campeão estadual em 88, Bartholomeu competiu com outros 26 jovens, com idades entre 10 e 17 anos. Em segundo lugar ficou Paulo Vitor Foroni, montando Apolo Método.

Na categoria plano, o primeiro lugar ficou com Marcos Antônio da Costa Ribeiro, com Itautec He Gra Atila. Com Cheyene, Carlos Eduardo Motta Ribas terminou em segundo lugar. Na prova da série preliminar, a vencedora foi a carioca Andréa Schamma, montando Fappe Tiroleza, com o tempo de 61s91.

GP Gervásio Seabra só tem quatro disputantes

Com um campo reduzido, apenas quatro concorrentes, e sem maiores atrações devido ao amplo domínio da parelha Dieter Jet e Delvecchio, do Haras Santa Ana do Rio Grande, será disputado hoje à tarde na Gávea o Grande Prêmio Gervásio Seabra, prova tradicional do calendário turfístico carioca realizada pela primeira vez em 1950.

Várias razões contribuiram decisivamente para que uma prova de tal gabarito este ano perdesse todo o encanto. Em primeiro lugar a proximidade de duas provas importantes, a Trump Cup, para animais de três anos e mais idade, e principalmente a Taça de Ouro, que excluiu praticamente todos os três anos devido ao valor superior da dotação.

Além do aspecto financeiro — se o aumento dos prêmios fosse anunciado antes, talvez tivessem ocorrido mais inscrições — também influenciou o forte calor que castiga os animais na Gávea, causando problemas constantes em vários animais. A exigência burocrática de apresentar laudo veterinário para a inscrição de vários animais também tem prejudicado. Nem sempre há veterinários a disposição para atender a todos. Enfim, o Jóquei Clube precisa se modernizar.

Domínio — Dieter Jet e Delvecchio dominam amplamente o páreo e pode-se esperar um autêntico mano a mano desde a largada. O perfil da prova é mais favorável a Delvecchio, muito ligeiro, e bem colocado no percurso. Dieter Jet, entretanto, atravessa fase de franca evolução e se não houver a preocupação de favorecer os rivais partindo para cima do companheiro de número, pode correr perto e superá-lo no final. Se for mantido acomodado não alcançará Delvecchio. Rimmel tem corrido pouco e Dragão Negro vem enfrentar companhia forte demais.

□ **O programa de hoje na Gávea terá atrativo suplementar para os turfistas, que, além de torcer por seus jóqueis e cavalos preferidos, terão a oportunidade de acompanhar carreira reservada à jóqueis amadores — iniciativa retomada pelo dirigentes do turfe do Rio em 1987 após 10 anos de interrupção em provas do gênero.Com partida prevista para às 17h, o sexto páreo da reunião levará sete concorrentes à disputa da primeira das quatro provas do campeonato de amadores de 1989. O Jóquei Clube adotou contagem de pontos semelhante ao da Fórmula-1, na qual marcam pontos os seis primeiros colocados de cada etapa, que definirá o campeão após a quarta prova, em dezembro.Oriundos de experiências diferentes no dorso de eqüinos, nem todos os pilotos dominam à perfeição a técnica de manejar as rédeas do puro-sangue de corrida. O detalhe aparentemente insignificante, garante, no entanto, o interesse do público em acompanhar o desempenho dos jóqueis em busca da vitória.**

Ontem na Gávea

1º Páreo: 1º Unusual Light C.Lavor 2º Mister Jonas J.Aurélio 3º Midas King J.F.Reis Vencedor(4)1,1 Inexata(24)1,2 Placês(4)1,0 (2)1,0 Exata(4-2)2,3 tempo: 1m14s2/5

2º Páreo: 1º Gentle Acclaim E.S.Rodrigues 2º Quawnh J.Pinto 3º Quotation J.M.Silva Vencedor(3)3,1 Inexata(34)2,9 Placês(3)1,1 (4)1,0 Exata(3-4)3,6 tempo: 1m15s

3º Páreo: 1º Denera W.Guimarães 2º Tropical Kiss J.Queiroz 3º Equilibrio J.Garcia Vencedor(1)2,6 Inexata(18)14,6 Placês(1)2,2 (8)2,7 Exata(1-8)17,9 Triexata(1-8-3)116,0 tempo: 58s

4º Páreo: 1º Coldre E.S.Rodrigues 2º Canalou J.Ricardo 3º Ingratz J.Pinto Vencedor(3)8,1 Inexata(34)6,9 Placês(3)2,1 (4)1,2 Exata(3-4)18,6 Triexata(3-4-2)40,0 tempo: 2m01s4/5

5º Páreo: 1º Your Song J.Machado 2º Anacapri Heaven M.Cardoso 3º Centelha de Fogo E.S.Gomes Vencedor(1)2,4 Inexata(12)5,3 Placês(1)1,7 (2)1,5 Exata(1-2)9,9 tempo: 57s3/5

6º Páreo: 1º Nudge G.F.Silva 2º Fina Liz J.Freire 3º Princesa Carioca M.Cardoso Vencedor(6)3,0 Inexata(46)23,8 Placês(6)2,0 (4)3,6 Exata(6-4)50,8 Triexata(6-4-7)40,0 tempo: 59s

7º Páreo: 1º Deese Des Champs J.Ricardo 2º Mal D'Amour L.F.Gomes 3º Cavada E.S.Gomes Vencedor(1)1,3 Inexata(13)21,5 Placês(1)1,4 (3)2,7 Exata(1-3)13,9 Triexata(1-3-4)146,0 tempo: 1m14s2/5

8º Páreo: 1º Dadril J.Machado 2º Flaring Lady J.Pessanha 3º Licania J.Ricardo Vencedor(3)5,4 Inexata(23)5,5 Placês(3)1,3 (2)1,1 Exata(3-2)10,4 Triexata(3-2-5)18,0 tempo: 1m16s4/5

9º Páreo: 1º Dardanel G.Guimarães 2º Arabesco J.Ricardo 3º Dilema Arabesco G.F.Silva Vencedor(9)7,4 Inexata(69)8,5 Placês(9)2,8 (6)2,1 Exata(9-6)34,0 Triexata(9-6-3)88,0 tempo: 1m43s1/5

Hoje na Gávea

1º PÁREO — Às 14h30min — 1.400 metros — (GRAMA) NCz$ 600,00 — DUPLA-EXATA — Kg. PRÊMIO DULCE

1	Livenza, R. Rodrigues	2	56
2	Bois, Não Corre	3	52
3	Presepeira, G.F.Almeida	4	56
4	Erva Milagrosa, J.Aurelio	5	56
5	Encartadeira, J.Ricardo	1	56
"	Elaps, W.Gonçalves	6	52

2º PÁREO — Às 15 horas — 1.400 metros — (GRAMA) NCz$ 400,00 — TRIEXATA — DUPLA — EXATA (INÍCIO DO CONCURSO DE SETE PONTOS) — PRÊMIO DUPLEX

1	Alpermint, E.Marinho	1	58
2	Condorama, E.Caminha	2	52
3	Kind Man, F. Pereira Fº	3	58
4	Monetoo, D.Neto	4	58
5	Ituango, M.B.Santos	5	58
6	Message, M.Cardoso	6	58
7	Il Razzo, C.Vasconcelos	7	58
8	Songa Monga, E.R.Ferreira	8	54
9	Abongeniuso, M.Penafiel	9	58
10	Ko-Ombo, J.Pinto	10	58
11	Taught, J.Ricardo	11	58

3º PÁREO — Às 15h30m — 2.000 metros (GRAMA) NCZ$ 490,00 — TRIEXATA DUPLA-EXATA — PRÊMIO EMERALD HILL —

"	Sugar Loaf C.Lavor	1	57
2	Gubrante P.Cardoso	2	57
3	Declaração S.Santos	3	55
4	Once in Ottawa A.Ramos	4	57
5	Ana Care M.Cardoso	5	55

4º PÁREO — Às 16 horas — 1.600 metros — (GRAMA) NCZ$ 1.800,00 — DUPLA-EXATA — G.P.GERVÁSIO SEABRA — GRUPO II

1	Delvecchio J.M.Silva	2	60
"	Dieter Jet J.Ricardo	4	59
2	Rimmel F.Pereira Fº	1	60
3	Dragão Negro J.Pessanha	3	60

5º Páreo-Às16h30m-2.000 metros(GRAMA) NCz$600,00-TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO EMERSON

1	Hatch J.Aurelio	1	52
2	Tipsy Task M.Cardoso	6	56
3	Abadon, G.F.Almeida	7	52
4	Elias El Arab, J.Queiroz	2	52
"	Easy Won J.Ricardo	4	56
5	Launer, R. Rodrigues	3	52
"	Lysandre, C.Vasconcelos	5	52

6º Páreo-Às17 horas-1.300 metros — (AREIA) NCz$ 980,00-TRIEXTA-DUPLA-EXATA-PRÊMIO STUDI ELLE ET MOI-Kg

1	Jimmy Jones, N.Kaufmann	1
2	Self-Control, J.R.Alencar	2
3	Nucleo, C.Evaristo	4
4	Great Knight, P.Romulho	5
5	Grand Bar, C.Amaxiles	7
6	Emerot, J.C.Neves	3
"	Lord Blue, M.L.Almeida	6

7º Páreo — Às 17h30m — 1.600 metros — (GRAMA) NCz$ 600,00 — TRIEXATA — DUPLA-EXATA — PRÊMIO ESCORIAL —

1	Lecanto, J.Ricardo	1	56
2	Fnonalma, J.Pinto	2	56
3	Grimaldine, E.S.Gomes	3	54
4	FAlafel, J.M.Silva	4	56
5	Gonnabeachamp, C.Lavor	5	54
6	Lord Sandwich, M.Cardoso	6	56
7	Lingante, L.F.Gomes	7	56
8	Yellow Flag, W.Gonçalves	8	56

8º PÁREO — Às 18 horas — 1.600 metros — (AREIA) NCZ$ 600,00 — TRIEXATA — DUPLA-EXATA — PRÊMIO TIROLESA

1	Ansarah E.S.Rodrigues	1	56
2	Juca Porto J.M.Silva	2	56
3	La Strega C.Vasconcelos	3	54
4	Kit Light L.A.Alves	4	56
5	Jolie Bomestique L.S.Santos	5	54
6	Port Svision C.Lavor	6	54
7	El-Presto J.Ricardo	7	56
8	Tharlap J.Pessanha	8	56

Indicações

1º Páreo: Encartadeira ■ Presepeira ■ Elaps
2º Páreo: Message ■ Ko-Ombo ■ Allpermint
3º Páreo: Declaração ■ Once In Ottawa ■ Sugar Loaf
4º Páreo: Dieter Jet ■ Delvecchio ■ Rimmel
5º Páreo: Easy Won ■ Lysandre ■ Abadon
6º Páreo: Grand Bar ■ Self-Control ■ Núcleo
7º Páreo: Falafel ■ Lecanto ■ Yellow Flag
8º Páreo: Port's Vision ■ Kit Light ■ El Prestto
Acumulada 1º 5 (Encartadeira), 4º 1 (Dieter Jet) e 5º 4 (Easy Won)

Botafogo luta pela liderança isolada

Ricardo Gonzalez

O Botafogo sabe que, se vencer o Americano hoje (18h, com transmissão pela Rede Manchete), em São Januário, assume a liderança isolada e fica a 180 minutos de uma vaga nas finais do Campeonato Estadual. Isso não ocorre desde 1976, quando o time conquistou o segundo turno e se classificou para o quadrangular decisivo.

O centroavante Milton Cruz, após marcar um gol contra o Porto Alegre, ganhou a vaga de Mazolinha: "Sempre tive boa recuperação física e agora estou pronto para jogar 90 minutos. A ótima fase que o time atravessa certamente vai facilitar meu trabalho", disse o jogador.

O presidente do Americano, Maurício Martins, decidiu dobrar a gratificação por uma vitória sobre o Botafogo, para tentar estimular os jogadores. O time não terá o atacante Carlinhos Mineiro, contundido, e o técnico Zé Maria vai adiantar o meio-campo Fernando Cruz.

Botafogo	Americano
Ricardo Cruz 1	1 Zé Carlos
Josimar 2	2 Zé Paulo
Wilson Gotardo 3	3 Luciano
Mauro Galvão 4	4 Geovani
Marquinhos 6	6 Zé Carlos II
Carlos Alberto 5	5 Índio
Luisinho 8	9 Haroldo
Paulinho Criciúma 10	8 Carlos
Maurício 7	7 Zé Vitor
Milton Cruz 9	10 Fernando Cruz
Jefferson 11	11 Gilson
Técnico: Valdir Espinoza	**Técnico:** Zé Maria
Reservas: Gabriel, Joelmar, Vitor, Mazolinha e Gustavo	**Reservas:** Jorge Luís, Silvano, Sérgio Rodrigues, Cléber e Índio II

Local: São Januário; **Horário:** 18h; **Juiz:** Valter Senra; **Ingressos:** NCZ$ 2,00; A TV Manchete transmite o jogo ao vivo.

Sérgio Moraes

Boa fase botafoguense traz torcida de volta até aos treinos, atrás de ídolos como Criciúma

Pensamentos de um técnico vencedor

● **Eleição presidencial:** "Não escolhi um candidato. Ele deve ser um líder, ou representar uma liderança. E, é claro, ser honesto."

● **Plano Verão:** "Só os salários estão congelados, os preços dos produtos, não. O fato de os preços não subirem e os salários serem justos não devia estar num plano especial. Isso devia ser o normal".

● **Organização sindical e a classe dos jogadores:** "Os grandes desníveis salariais do país fazem com que busquemos o favorecimento do particular em detrimento do coletivo, aí a culpa é nossa. A classe ainda é muito desunida. O movimento das férias, no ano passado, mostrou que ainda falta muito para os jogadores se organizarem."

● **A vida do atleta e o sexo antes dos jogos:** "Sou liberal. Quando o jogador assina um contrato, ele tem que ser profissional e pedir o que acha justo. Depois, tem que ser amador, amar o clube. Se você falar isso para um ex-júnior ele vai rir na tua cara. Não sou contra cervejinha, carteado e nem contra sexo no dia do jogo, se for o caso. Isso nunca fez mal. O que faz mal é a culpa que o cara fica."

● **Homossexualismo em geral e no futebol:** "Cada um faz o que quer. O que acho um absurdo é o sujeito entrar no meio do futebol para se satisfazer. Isso existe e muito. É um meio em que há garotos e muitos entram em cargos diretivos para se aproveitar deles."

● **Disciplina:** "Disciplina não quer dizer um carrasco com o chicote na mão. Sempre fui amigo dos jogadores e isso nunca me atrapalha, desde que se tenha respeito e consciência do grau de intimadade possível."

● **Craques:** "O treinador não deve dar qualquer privilégio aos chamados craques. Eles sim é que, por sua condição, devem dar exemplo e se empenhar mais nos treinos e jogos."

● **Seleção brasileira:** "Devem voltar valores antigos. Antes, uma convocação era a maior glória do jogador. Hoje, só querem saber do bicho. A cobrança tem que aumentar e diminuir as convocações políticas."

● **O título:** "A estratégia é lutar. Nunca prometemos ganhar o campeonato, mas apenas lutar muito para vencê-lo. Sei o que vai representar, porém ninguém no time está preocupado antecipadamente. Sabemos que, depois de alcançarmos o objetivo, as recompensas chegam." (R.G.)

Espinoza põe fim à agonia

"O Botafogo esteve perto da morte. Passou pelo CTI e agora começa a dar seus primeiros sinais de recuperação. Em breve, vai caminhar firme e será campeão". A afirmativa em tom premonitório é do vice-presidente de futebol, Emil Pinheiro, que passou por várias etapas da agonia alvinegra. Com a chegada do técnico Valdir Espinoza, ele vê o time ressurgir das cinzas e tornar-se o melhor do campeonato estadual e ainda, a três rodadas do final, ter chances reais de chegar à final, vencendo o primeiro turno.

Como explicar essa ressurreição, que levou o time à liderança invicta, sabendo-se que o grupo de jogadores é praticamente o mesmo do ano passado e que o clube alterou muito pouco suas deficiências estruturais crônicas de um ano para cá? A resposta é unânime em Marechal: Espinoza. O treinador, a partir de sua chegada em 18 de janeiro, começou a isolar o futebol profissional do restante das confusões do clube e colocou na mente dos jogadores, apenas na base da conversa franca, a obstinada idéia de conquistar o título.

Fora desse casulo, dificilmente o time não se envolveria, por exemplo, na política do clube, que deve esquentar a partir de abril. A cirurgia de implantação de duas pontes de safena a que o presidente Althemar Dutra de Castilho se submeterá na primeira quinzena do mês acena com a possibilidade de eleições ainda este ano: "Não é a boa fase que vai diminuir nossa fiscalização, por exemplo, nas finanças", afirma um representante da oposição.

O presidente em exercício, Roberto Dreux, contudo, garante que a paz trazida por Espinoza reina também fora do campo: "O presidente tem, de acordo com o estatuto do clube, dois meses para voltar e ainda falta um. Mesmo que não esteja inteiramente recuperado, pode assumir por uns dias e se licenciar novamente. Em último caso, o Guilherme Arinos (presidente do conselho deliberativo) convoca eleições num prazo de três meses, onde só os conselheiros votam", explica Dreux que, embora não admita, é candidato e pode se beneficiar com a conquista do título.

A pequena revolução promovida por Espinoza começou na semana que o time passou em Friburgo, no final de janeiro: "Cheguei dois dias depois e não entendi nada: estava o grupo reunido, feliz, em torno de um churrasco. Nunca tinha visto isso no Botafogo", conta o artilheiro Paulinho Criciúma. Com a total autonomia que recebeu de Emil, o técnico exigiu que alguns jogadores considerados desagregadores fossem vendidos (à época, deixaram o clube Helinho, Vágner, Carlos, Jorge Lourenço, entre outros): "A prazo, à vista, de qualquer modo. Tive que vendê-los", explica Emil.

A própria forma de atuar do dirigente também mudou. Antes, um afoito comprador, Emil este ano só fez duas contratações (Marquinhos, por NCZ$ 100 mil, e Milton Cruz, emprestado por NCZ$ 25 mil), ambas indicadas pelo técnico, e agora titulares. Nos bastidores da federação, também o Botafogo está revolucionando. O juiz Paulo Roberto Chaves não apita jogos do clube e árbitros como Pedro Carlos Bregalda, Valter Senra e Wilson Carlos dos Santos, todos do agrado de Emil, apitam frequentemente, graças à atuação do representante Edenir dos Santos.

Dentro de campo a transformação foi de semelhante envergadura. Nos últimos dez anos, o Botafogo era um time apático, que dificilmente se recuperava ao tomar um gol e raramente tinha a iniciativa dos jogos. Atualmente, sua determinação é tamanha que os jogos tornam-se fáceis. "Hoje, todos os adversários respeitam o Botafogo. Antes, vinha qualquer *picareta* e partia para dentro. Agora, sabem que se não abrirem o olho, vão ser goleados", explica o auxiliar-técnico Gil, que atribui também a Espinoza a mudança na filosofia do grupo.

O preparador físico Nardo Siqueira também viu seu trabalho facilitado pela chegada do treinador: "Os jogadores estão tão bem de cabeça, que o condicionamento físico chega muito mais facilmente". E também premonitoriamente, o também auxiliar-técnico Leônidas, campeão em 68, opina sobre o novo Botafogo: "Desde 68 não vejo um clima assim. O ambiente atual é exatamente o mesmo de quando fomos campeões." (R.G.)

Um antídoto para jogador problema

"Vou me agarrar a esse homem. Ele é a minha última esperança." A frase do ponta Mazolinha, dita no final de janeiro, em Friburgo, quando pensava em abandonar o futebol, é um exemplo do que significa para o Botafogo o gaúcho Valdir Espinoza. Hoje, jogadores com temperamento tradicionalmente problemático, como Marinho e Josimar, e outros que jamais haviam justificado sua contratação, como Carlos Alberto e Maurício, estão recuperados.

"Não sou eu quem muda os jogadores. Só tento fazer com que eles mudem", afirma humildemente Espinoza. Mesmo longe do duro estilo gaúcho, ele tem colocado nos eixos times e jogadores que antes apresentavam problemas. Foi assim com o Grêmio, em 83, quando comandava Renato Gaúcho, que vivia literalmente às turras com a imprensa, Mário Sérgio e Paulo César *Caju*. "Falo a linguagem deles, olho nos olhos do jogador. Embora os comande, não estou em degrau acima."

Após chegar ao título de campeão mundial interclubes, Espinoza levou no ano passado o Cerro Porteño, do Paraguai, cuja torcida é tão fanática quanto a do Botafogo, a quebrar um jejum de dez anos: "Javier Villalba era o ídolo da torcida. Mas ao contrário de todo o grupo, só treinava quando queria e foi barrado. No terceiro jogo, com o rival Olimpia, faixas no estádio pediam minha saída. Vencemos e foi assim até sermos campeões."

Este ano, sua primeira árdua tarefa no Botafogo foi a de unir os três grupos de jogadores: os atletas cujo passe pertence ao vice de futebol, Emil Pinheiro, os que têm contrato com o Botafogo e os júniores recém-promovidos à equipe principal. "Sabia que não adiantaria ficar reclamando da estrutura. Botei na cabeça de cada jogador que, para acabar com os problemas do clube, basta um título. E este só depende de nós", acrescenta Espinoza.

A antiga rigidez nas concentrações foi substituída pela liberdade. Hoje, é comum os jogadores participarem de um carteado ou tomarem uma cerveja sem precisar fazê-lo às escondidas. (R.G.)

João Saldanha

De boa pedra

Foi em 1926, na Chácara do Imperador, também conhecida como Chacrinha do Imperador, que foi lançada a pedra fundamental do estádio do Vasco. Ficou sendo conhecido como o estádio de São Januário. E foi mais ou menos assim: o Vasco foi campeão em 1923. Seu time estava cheio de mulatos e brancos. Ganhou bem, pois era o melhor time. Mas garfaram o Vasco, excluindo-o da Liga. Não tinha campo. O que apresentara era um *galinheiro*, e como diziam os paredros do Fluminense, Botafogo e Flamengo: "Um perigo para o público."

Mas mais perigoso do que tudo era o timaço que o Vasco mandara a campo. E veio da segunda divisão para ganhar o campeonato da primeira.

Fizeram a sujeira e barraram o Vasco. Mas o Vasco se queimou e o comendador berrou: "Não temos campo... pois vocês vão ver". Dito e feito. Parece que estava almoçando na Parreira do Vizeu, ali na Andradas. Foi ao telefone do sobrado ao lado, de guardanapo enrolado no pescoço e foi falando: "Quanto vais dar para o nosso estádio?"

Depois, falou para a turma do Minhota, para a *Garota do Minho*, para o *Santo Thirso*, lá no mercado. Todos ficaram furibundos e quando terminou a tarde já tinha dinheiro vivo para dois estádios. O comendador disse: "O Vasco é uma potência". Diz o Aporeli, que não foi bem assim. O comendador teria dito: "U Basco é uma putência". Não importa, em pouco mais de um ano, fizeram e inauguraram o melhor estádio da América do Sul.

Até parece que mandaram buscar o Mestre D'Aviz. Em cima do estádio poderiam colocar o Castelo de São Jorge ou o Castelo da Pena. Fácil, de tão forte. Para se ter uma idéia, basta dizer que fizeram degraus imensos nas arquibancadas. Tão grandes, que depois fizeram, de tijolos, um degrau entremeado. Duplicaram a capacidade e está lá, até hoje. Praticamente, outro estádio em cima. Talvez, seja o mais rijo e forte estádio do mundo.

Só foi invadido uma vez e foi antes do alambrado, aquele que os garotos pulam em todos os jogos. Mas eu conto. Foi em 1939, e veio a seleção argetina disputar a Copa Roca. Eles deram na gente de 5 a 0. Um combinado Fla-Flu que nos representava. Carlito Rocha ficou meio queimado e tomou o poder, expulsando a *comissão tricolor* e formando outro time. Ganhamos. Bem, quer dizer, se vale pênalti cobrado sem goleiro e sem time adversário no campo, nós ganhamos de 3 a 2. Ah, ia esquecendo a invasão.

Os argentinos pediram garantias e nós demos duas mil garantias. Dois mil solados do exército ficaram de braços dados, em volta do campo. Quando o juiz Tijolo deu o pênalti. Dois metros fora da área, mas o Leônidas foi se esparramar lá dentro e ficou como Cristo, de braços abertos e deitado no chão molhado da chuva.

Chueco Garcia disse-lhe: "Tchê Leônidas, levantate o pegas una peneumonia". Mas os argentinos não se conformaram e saíram de campo. Que desafôro. Os dois mil seguranças baixaram o sabre. Até o Arubina, aquele do sapo que tinha jogado a preliminar, entrou bem. A camisa do Andaraí era verde e branca, parecida com a dos gringos, azul e branca. Porrada nele e Arubina gritou: "Onde é que você já viu crioulo na seleção argentina?" Os gringos foram embora, uns para o hotel, outros para o hospital. Em 62 anos de história, esta foi a única invasão em São Januário. Não pude entender os temores do Eurico e o Calçada em relação ao seu patrimônio. Afinal, o estádio é de boa pedra.

Três meses depois, um novo Palmeiras

Ouhydes Fonseca

SÃO PAULO — Para uma equipe que começou a ser preparada em menos de três meses, são surpreendentes os resultados que o Palmeiras vêm conseguindo no campeonato paulista, que atualmente lidera. Sua exigente torcida está apoiando integralmente o trabalho da diretoria e da comissão técnica, e reacenderam-se as esperanças de que, finalmente, será quebrado o jejum de títulos, pelo menos o estadual, que o clube experimenta desde 1977.

As explicações para o sucesso que ocorre até agora podem ser encontradas com o novo presidente Carlos Facchina e o diretor de futebol Márcio Papa. Eles reorganizaram o departamento de futebol, a partir de uma filosofia empresarial, e montaram um time de primeira qualidade. "É única forma de resgatar o prestígio do Palmeiras", afirma Facchina. De fato, o clube, que só tinha 12 jogadores — a ponto de o ex-treinador Ênio Andrade suspender coletivos por não poder formar duas equipes —, contratou 13, chegou a 28 e está se desfazendo de alguns para ficar com apenas 24.

Como o dinheiro do próprio clube para o futebol era pouco (cerca de NCz$ 300 mil), o jeito foi usar a imaginação e fechar um acordo de patrocínio com o grupo empresarial Susa-Ultracred, que entrou logo com mais NCz$ 400 mil. Os reforços foram chegando, com Neto e Careca (Guarani), Júnior (São José), Dario Pereyra (Flamengo), Abelardo (Americano), Paulinho Carioca e Edson (Corintians) e Buião (Marília), entre outros.

Márcio Papa ressalta que a presença de Leão no comando do time é a pedra de toque dos novos tempos. "O Palmeiras já é um dos maiores clubes do País e tem a terceira maior torcida. Se conseguirmos manter um time forte e conquistar o campeonato, estaremos competindo com o Flamengo pelo título de mais popular do País. E acho que a presença do Leão, líder e ídolo da comunidade palmeirense, é fundamental para esse objetivo", afirma.

São Paulo — Pedro Monagati

Leão conseguiu controlar temperamento impulsivo de Edu

Um salto sob o comando de Leão

SÃO PAULO — Se é verdade que, pelas leis do futebol, quando um time anda mal o remédio adequado é a dispensa do técnico, deve-se também reconhecer que, no caso do Palmeiras de hoje — líder isolado do campeonato paulista, melhor em arrecadação e já apontado como principal favorito ao título — tudo o que de bom tem acontecido tem que ser creditado ao seu treinador. Ou seja, o ex-goleiro Émerson Leão, que numa tão reluzente quanto rápida carreira de técnico ganhou a admiração de dirigentes, jogadores e torcedores. E de tal forma, que a impressão geral no velho estádio Palestra Itália, encravado no bairro classe média da Água Branca, é de que, se existe alguém capaz de levar o time outra vez a um título regional, só pode ser Leão.

Titular do time que conquistou o último campeonato paulista, em 1976, Leão adota como treinador os mesmos princípios que eram sua marca registrada de goleiro: muita responsabilidade, seriedade e franqueza na exposição de suas idéias. Tal comportamento se revela em quaisquer circunstâncias, como na tarde de quarta-feira, no hotel em que a equipe se concentrava para o jogo da noite contra o XV de Jaú: insatisfeito com o serviço do restaurante, Leão procurou o gerente e ameaçou não levar mais os jogadores para aquele lugar, caso o problema não fosse resolvido imediatamente.

O técnico reconhece que sua independência econômica permite total liberdade para trabalhar apenas onde conta com as condições consideradas ideais. "Foi por isso que fiquei pouco tempo no Coritiba, no final do ano passado", lembra. Naquela altura, Leão já era um treinador em franca ascensão, cobiçado por grandes clubes graças ao trabalho que realizara no Sport Recife e no São José. Foi no Sport que ele encerrou a carreira de atleta e começou a de treinador, em 1987. Tudo deu certo e ele foi campeão brasileiro.

Eurico reúne time para exigir que Vasco bote seu potencial para fora

Eurico Miranda deixou claro o que quer dos jogadores do Vasco: "É botar o potencial para fora." Depois do treino realizado ontem de manhã em São Januário, Eurico reuniu os jogadores e a comissão técnica para uma conversa que durou duas horas, onde exigiu que o time "volte para os trilhos e que os bons resultados apareçam."

Foi uma conversa "franca e aberta", bem ao estilo de Eurico, onde ele explicitou sua certeza de que o Vasco "é o melhor time e tem todas as condições de ser o campeão estadual." Exigiu que os jogadores demonstrem isso em campo, cobrando produção, certo de que a solução está no atual grupo, e não em reforços.

"O time esteve bem no campeonato brasileiro e começou bem o Estadual, mas por motivos subjetivos, de queda individual e coletiva, não está jogando como deve." Eurico preferiu não citar quais jogadores julga em queda individual, mas deixou claro que "cada um deve se conscientizar para o bem do time."

Como o Vasco só joga pelo Estadual no próximo fim de semana, contra o Bangu, Eurico quer ver, neste jogo, o resultado do "puxão de orelha" da manhã de ontem. Quanto aos reforços, disse que falou "telefonicamente" (sic) com o empresário Juan Figger e pretende encontrá-lo ainda hoje para concretizar a contratação do zagueiro Ricardo (ex-Guarani) ao Sport de Portugal.

Estadual — O América perdeu ontem por 2 a 1 para o Nova Cidade, na Ilha do Governador. Lopes marcou para o Nova Cidade ainda no primeiro tempo e Josenilton empatou. No segundo, Chico fez o gol da vitória, de pênalti. No fim, os jogadores do América, revoltados com a marcação do pênalti, tentaram agredir o árbitro João José Loureiro. Hoje, além de Botafogo e Americano, jogam Volta Redonda e Olaria, em Volta Redonda, Cabofriense e Porto Alegre, em Cabo Frio.

Napoli perde — A Internazionale de Milão está cada vez mais perto de conquistar o *scudetto* de campeão italiano. O vice-líder Napoli foi derrotado ontem por 4 a 2 pela Juventus e ficará seis pontos atrás da líder Inter caso o time milanês vença hoje ao Como, um dos últimos colocados no campeonato. Desfalcado de Maradona, o Napoli foi dominado durante a maior parte apesar dos esforços do brasileiro Careca que marcou um gol, seu 13º no campeonato. Ainda pela 23ª rodada — faltam 11 para o fim — o Milan derrotou o Atalanta por 2 a 1.

Vitória dará título brasileiro para Pirelli

Pampa

Ele recomenda muita malícia e experiência

Ouhydes Fonseca

Santo André, SP — Pedro Monagatti

SÃO PAULO — As estatísticas das três partidas anteriores contra o Fiat-Minas mostram que o atacante de ponta Pampa, ao lado de Carlão, fez o maior número de pontos em contra-ataques da Pirelli: 23 cada um. O contra-ataque é a jogada preferida de André Felipe Falbo Ferreira, 1,94m, 24 anos, o Pampa, e que, ao contrário do que o apelido sugere, não é gaúcho, mas pernambucano. "Uma vez, disseram que minha cortada tinha a força de um cavalo dos pampas, e nasceu o apelido", recorda.

A potência na cortada e a privilegiada impulsão serão, outra vez, as principais armas de Pampa para tentar levar sua equipe à vitória, como ocorreu na primeira e na terceira partidas. Mas ele está ciente de que do outro lado da rede ninguém menos do que Pelé estará jogando com o mesmo objetivo, buscando desequilibrar a partida em favor do Fiat-Minas, como no segundo confronto. Ou seja, a expectativa é de que ataque e bloqueio voltem a ser fundamentos decisivos.

"Será preciso muita malícia, experiência e categoria para passar pelo bloqueio deles", analisa o jogador da Pirelli. Essa experiência e o conhecimento do estilo de jogo dos adversário é que determinou o comportamento no momento do lance. Como explica Pampa, é preciso observar bem quem estará no bloqueio adversário para executar a cortada. "Se você vê que vão subir o Henriquinho e o Jorge Edson, é claro que tem que explorar a altura menor do Henriquinho", explica.

Pampa acha que ele e Pelé, pelas próprias características, têm virtudes e defeitos semelhantes. Atacam e bloqueiam bem e são deficientes no passe, porque pela função tática que executam não precisam dá-los e, na verdde, quase nem treinam esse tipo de fundamento. "Mas a grande qualidade do Pelé é o ataque da área dos três metros, quando ele vem do fundo com muita velocidade e fica difícil prever onde vai mandar a bola. Aí, o melhor é fazer a marcação por zona, esperando que a bola caia no setor coberto", acrescenta.

No caso de uma jogada de confronto direto com o atacante mineiro, Pampa não vê problemas maiores se o bloqueio for individual, homem a homem. Nessas ocasiões, quem estiver atacando leva vantagem, já que terá mais opções de onde colocar a bola, fechando a diagonal ou buscando o corredor lateral da quadra adversária. Na opinião do atacante da Pirelli, Pelé é um dos adversários mais difíceis, "por sua experiência em partidas decisivas e pelo jogo rápido que em certa ocasiões desequilibra em favor do seu time."

Pampa prefere os lances de contra-ataques, que normalmente dão o ponto ao time, motivando os jogadores. Mas o local do lance pouco importa: pode ser na ponta, no meio ou no fundo, desde que a bola seja bem alta para que ele aproveite a força de impulsão que o acompanha desde menino.

O público que vai lotar hoje o ginásio do Mineirinho, onde Pirelli e Fiat-Minas decidem o Campeonato Brasileiro masculino de vôlei, assistirá ao quarto duelo entre dois jogadores que foram peças fundamentais nesta decisão em cinco partidas, que a Pirelli lidera por 2 a 1. Nos três primeiros jogos, os atacantes Pampa, da Pirelli, e Pelé, do Fiat-Mians, foram solicitados nos ataques mais difíceis de seus times e responsáveis pela marcação um ao outro.

No primeiro jogo, em São Paulo, a Pirelli venceu por 3 a 0 (15/7, 15/8 e 15/13) com ótima atuação de Pampa no ataque. A segunda partida foi em Minas e o time da casa ganhou por 3 a 2, após perder os dois primeiros sets, e Pelé foi o principal atacante.

O bloqueio dos paulistas simplesmente não conseguiu marcar o atacante de ponta do Fiat, que surpreendeu com jogadas da linha dos três metros e até pelo meio. Na partida de domingo passado, quando a Pirelli ganhou por 3 a 1 (15/8, 16/14, 11/15 e 15/5), novamente brilhou a estrela de Pampa, que desta vez destacou-se exatamente no bloqueio a Pelé.

Se vencer o jogo de hoje (as TVs Globo e Manchete transmitem a partir das 10h), a Pirelli conquistará seu quarto título brasileiro — a equipe foi campeã em 1980, 1982, 1984, sempre comandada pelo levantador William e treinada por José Carlos Brunoro. O Fiat-Minas precisa da vitória para adiar a decisão para a quinta partida que, se for necessária, será disputada em São Paulo, provavelmente no próximo domingo. O Fiat-Minas também busca seu quarto título. Foi tricampeão em 84/85/86, dirigido pelo técnico Yong Wan Sohn.

Fiat-Minas

Nº	Jogador	Idade	Altura	Posição
1	Urbaninho	22	1,74	levantador
2	Jorge Edson	22	1,92	atacante de meio
3	Helder	29	1,84	levantador
4	Ximenes	18	1,96	atacante de ponta
5	Felipe	20	1,86	levantador
6	Eduardo	19	2,06	atacante de ponta
7	Pelé	31	1,90	atacante de ponta
8	Marcelo	19	2,00	atacante de meio
9	Silvio	24	1,92	atacante de ponta
10	Henrique	27	1,75	atacante de ponta
11	Cidão	23	1,97	atacante de meio
12	Ricardo	21	1,84	atacante de ponta
13	Boni	25	1,91	atacante de ponta
14	Ângelo	18	1,95	atacante de ponta
15	Manfrin	25	1,94	atacante de meio

Pirelli

Nº	Jogador	Idade	Altura	Posição
1	Madeira	18	1,82	levantador
2	Marcelo	19	1,84	atacante de ponta
3	Hernani	17	1,91	atacante de ponta
4	Celso	18	1,86	atacante de ponta
5	Carlão	23	1,98	atacante de ponta
6	Pinha	16	1,92	atacante de ponta
7	William	34	1,85	levantador
8	Douglas	18	1,99	atacante de ponta
9	Maurício Jaú	26	1,87	atacante de ponta
10	Junior	18	1,91	atacante de ponta
11	Claudinei	18	1,97	atacante de meio
12	Pampa	24	1,94	atacante de ponta
13	Gerulaitis	18	1,93	atacante de meio
14	Luiz Alexandre	23	1,96	atacante de meio
15	Wagão	30	1,95	atacante de meio

Pelé

Mais magro e com a certeza da vitória

Fernando Lacerda

Jurandir Silveira — 25/9/87

BELO HORIZONTE — Três quilos mais magro, mas recuperado da sinusite que chegou a ameaçar a sua presença na quarta partida contra a Pirelli, o atacante Pelé, principal esperança de vitória do Fiat-Minas, garantiu que desta vez levará a melhor sobre Pampa, com quem vem travando verdadeiro duelo desde o início das finais do campeonato brasileiro. "O que aconteceu em São Paulo, domingo passado, não se repetirá. Aquilo foi um acidente", afirmou Pelé, referindo-se à marcação feita por Pampa, que conseguiu bloqueá-lo diversas vezes.

Admitindo que as suas características são semelhantes as de Pampa, ou seja, ambos têm na potência de ataque a principal arma, Pelé afirmou que o passe será o fundamento que vai definir o vencedor do duelo entre os dois nesta partida. "Em São Paulo, o passe chegou redondo às mãos do William, que acionava sempre o Pampa. Aí ele teve condições de virar quase todas as bolas. No primeiro jogo em Belo Horizonte aconteceu o contrário e nós é que dominamos o bloqueio", analisou Pelé.

Segundo o jogador, quando o passe está deficiente, a única alternativa que resta ao levantador, por melhor que seja, é colocar bola alta na ponta, facilitando a tarefa do bloqueio adversário. "Por isso as duas equipes procuram forçar o saque, dificultando ao máximo a recepção", ressaltou o atacante, que promete repetir sempre o ataque da linha dos três metros. "Não estou nem lembrando que o Pampa me marcou bem lá em São Paulo. Sou um jogador experiente e vou entrar na quadra com muita confiança", assegurou.

O ataque do fundo de quadra, em velocidade, foi apontado por Pelé como o mais eficiente de Pampa e, conseqüentemente, o mais difícil de ser marcado. "Nosso time tem de procurar bloquear bem no início para deixar o ataque deles sem confiança. Agora, não podemos nos preocupar excessivamente com o Pampa, esquecendo os outros ótimos jogadores da Pirelli", alertou Pelé, 31 anos e 1,90 de altura.

Desde o primeiro título brasileiro, conquistado pelo Fiat-Minas há cinco anos, Pelé se transformou na principal opção de ataque da equipe. Responsável por 70% das bolas atacadas, ao contrário de se sentir sobrecarregado, ele garante que essa responsabilidade aumenta a sua motivação. "Gosto de ter a confiança dos meus companheiros. Acho que isso me ajuda a bater sempre com mais força", comentou.

A confiança de Pelé numa grande atuação hoje contra a Pirelli tem uma explicação. Ele é o jogador de maior prestígio no estado e sempre cresce de produção nas partidas realizadas no Mineirinho. Foi assim no segundo confronto entre Fiat-Minas e Pirelli, em Belo Horizonte. Além de superar o bloqueio dos adversários, ele também acalmou a inquieta torcida.

Tanto prestígio, no entanto, não o levou a participar de uma Olimpíada. Pelé sempre ficou fora das convocações para a principal competição esportiva do mundo.

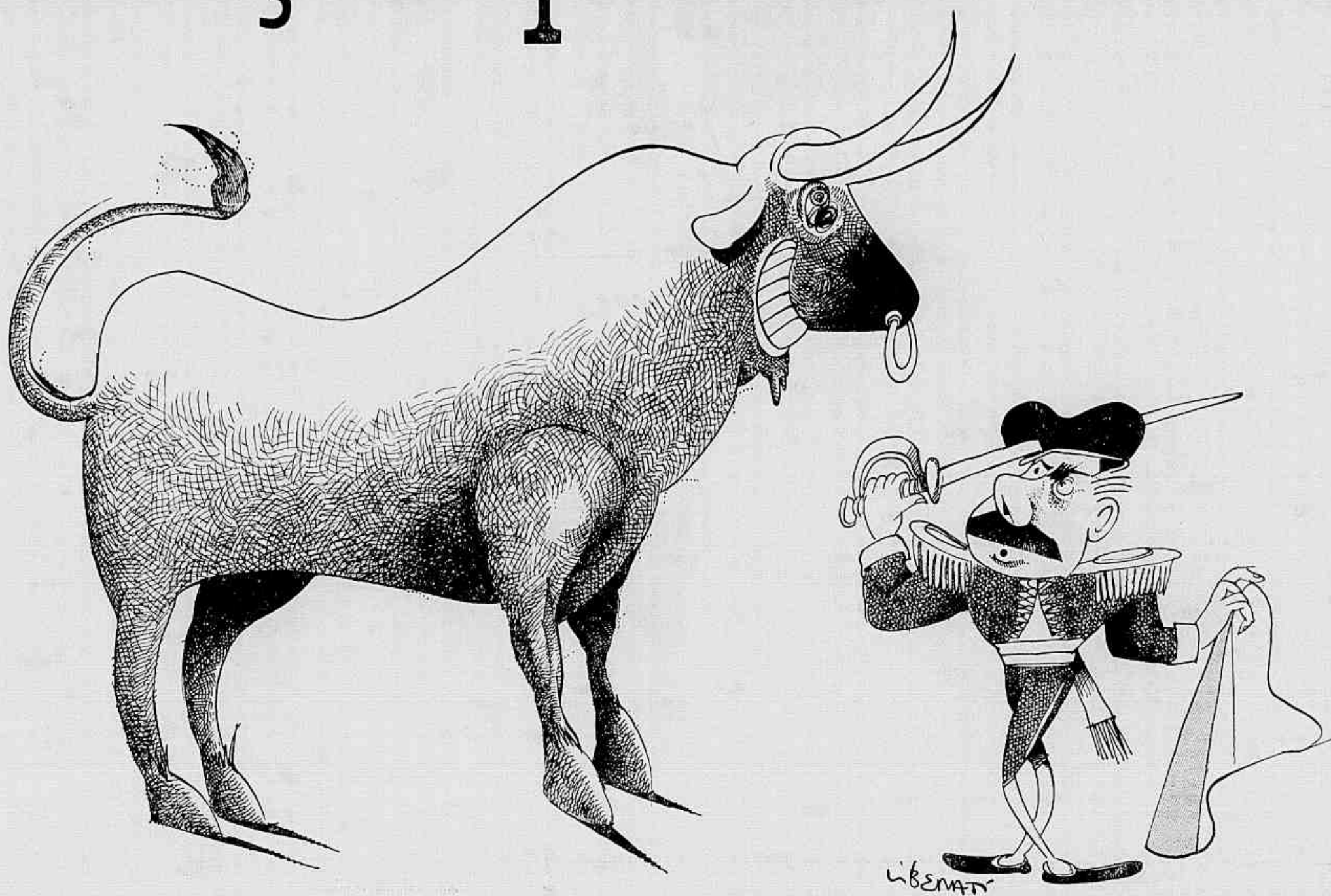
JORNAL DO BRASIL

B ESPECIAL

Entrevista: Juan José Linz (página 8)

■ Espanha

A transição que deu certo

Reunidos na última segunda-feira no auditório do **JORNAL DO BRASIL**, historiadores, sociólogos, economistas e políticos espanhóis e brasileiros debateram, durante três horas, as semelhanças e diferenças entre a transição política em seus respectivos países. O encontro fez parte do lançamento do livro **A transição que deu certo**, da editora **Trajetória**, apresentado pelo senador Fernando Henrique Cardoso e prefaciado pelo ex-presidente espanhol Adolfo Suárez. Abaixo, e nas páginas 4, 5 e 8, artigos e entrevistas sobre os principais temas abordados em uma reflexão paralela sobre os caminhos da democracia.

Educação: a sociedade no comando

Claudio Bojunga

Doutorado pela Universidade de Oxford, catedrático de Sociologia na Universidade Complutense de Madri, membro da comissão executiva do Partido Socialista Espanhol, José Maria Maravall é um homem conciso, direto, simples. Seu rosto jovial briga com a imagem-clichê do "notável", e nenhum dos turistas que transitam apressadamente pelo saguão do seu hotel poderia supor que aquele jovem, com uma suéter casualmente jogada sobre os ombros, foi ministro da Educação e Ciência da Espanha entre 1982 e 1988. Na verdade, José Maria Maravall tem os traços da moderna Espanha de Felipe González.

Como ministro, esse jovem esteve na linha de frente das reformas que, no início dos anos oitenta, democratizaram seu país. Recapitulemos: em 1984, meio milhão de pessoas saem às ruas de Madri para protestar contra o sistema educacional do governo socialista. Os organizadores da passeata são a Confederação Católica dos Alunos e a Confederação Espanhola dos Centros de Ensino (o sindicato dos proprietários das escolas). A Igreja apóia esses protestos através das pastorais de seus bispos: clama-se contra a " abolição do ensino privado"; exige-se o" direito de livre orientação das escolas". Entre os manifestantes, figuram os líderes conservadores da época, como Manuel Fraga, da

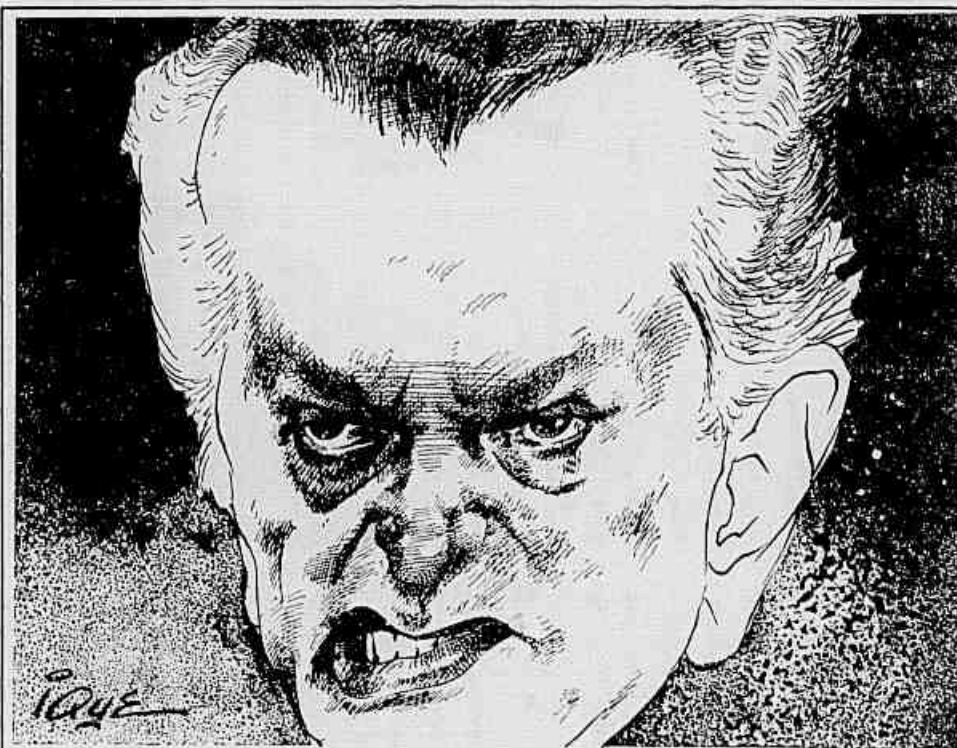
Continua na página 4

Economia: a opção pelo capitalismo

Miriam Leitão

Jair Meneguelli, o presidente da CUT, sentou-se nesta semana à mesa de negociação e fulminou os outros participantes do diálogo sobre a reposição das perdas salariais: "Sempre que eu inicio negociações com empresários e governo, acho que já estou perdendo de dois a um" A julgar pelo que lembraram nesta semana sociólogos e economistas espanhóis, foi bem diferente o clima que reinou na Espanha quando se tratou de conjurar uma inflação que, anualizada, chegava a 36% em agosto de 1977 e ameaçava bater em 42% nos meses seguintes.

Diante dessa inflação, escandalosa para os padrões europeus, os espanhóis, como se sabe, trataram de salvar o regime democrático e o projeto de modernização da Espanha através do Pacto de Moncloa. O ponto de partida do acordo provocaria reações furiosas na CUT brasileira: os trabalhadores espanhóis aceitavam amargar perdas salariais em troca da busca da estabilidade. Até então, os reajustes salariais ocorriam sempre no mês de janeiro e eram do exato tamanho da inflação do ano anterior. Pelo acordo, os trabalhadores aceitavam ter reajustes de um ponto

Continua na página 5

■ INÉDITO

Memórias que desfazem a fantasia

Um livro de memórias de Celso Furtado, **A fantasia desfeita**, que a Paz e Terra distribui às livrarias nos próximos dias, reconstrói um rico período da vida brasileira, que vai de Juscelino Kubitschek ao golpe militar de 64. Aqui, trechos inéditos

Kubitschek

Kubitschek era um homem que seduzia antes de convencer. Como bom intuitivo, racionalizava mais do que raciocinava. Tudo o que sua inteligência rápida captava era posto a serviço de teses *a priori* adotadas. Naquele momento, eu o estava vendo e ouvindo pela primeira vez, e não conseguia se-

continua na página 6

Paulo Mendes Campos

Cartas de Vinicius

L. Brigido

Paulinho querido, –

Vê se me coloca essas coisas aí: os artigos no **Diário Carioca** e o poeminha no **Correio da Manhã** (se acharem forte, coloca no **Diário Carioca**). Vê se me consegue pelo menos Cr$ 300,00 por cada um. É material altamente vendável, e de interesse público vasto (os artigos). Talvez v. consiga colocar no **Correio**, onde pagam melhor.

Vou mandá-los por intermédio do Braga, mas como ele está de partida, tenho medo que o material se extravie. Fale com ele a respeito, se ele ainda estiver aí.

Quero que me faças um favor. Tenho duas coisas (um poema e uma crônica: **O camelô do amor** e **Meu Deus, não seja já**, publicados no **Diário** e um poema creio que no **Correio** (Tati me disse que não tinha saído até a partida dela — mas é capaz de já ter). Vê se me recolhes a gaita correspondente a essas três publicações, juntas com a dessas três novas, e me mandas, porque a caixa está fraquíssima aqui. Desconta o que for necessário para a remessa. Manda por intermédio do The National Bank of Los Angeles. O cheque correspondente você me remete para o Consulado, aéreo. O endereço é 6606 Sunset Blvd. Los Angeles, California.

Avisa ao Banco aí que o "branch" do First-Security que me serve aqui é de Hollywood & Cahuenga.

Mas faz isso que oportunamente te darei um beijo. Estou muito precisado de dinheiro, para pagar dívidas, e a vida aqui é caríssima.

Se você ir me colocando os artigos, tenho mais. Faça um arranjo com o **Diário** com quem simpatizo mais, mas com o **Correio** também serve. Quero é que me paguem. Ando muito comercial.

Escreve também dando novas. Como vai Fernando e Helena, e o Otto e os amigos todos. Que é que você tem feito de bom em matéria de poesia? Mande alguma coisa.

Com tempo te escrevo melhor. Por ora um grande abraço do

Vinicius.

P.S.: Vê, por favor, se v. guarda e manda o que sair de meu, ou sobre mim aí. Desculpe a chateação. Se precisar de reconhecimento de firma, ali em Graça Aranha, dois blocos depois do Vermelhinho, quase em baixo da marquise onde o pessoal pega ônibus.

Montevidéu, 19 10 58

Paulinho querido,

Já que v. não está aqui para me dar um abraço pelo meu "niver", abraço a mim próprio em seu nome. Estou celebrando-o a dois, na paz do lar, com um bolinho pequeno e uma vela só.

Tenho achado tuas crônicas da **Manchete ótimas**.

Estou juntando dois poemas feitos aqui, recentemente. A balada, não creio que os jornais aceitem: em todo caso experimenta o **Diário Carioca**. Se não aceitarem, dá ao Moacir para **Para Todos** (mas sem dizer que experimentei o D.C. para não dar vez a ciumadas: qualquer forma, prefiro publicar agora fora de **Para Todos** pelas razões que você já deve saber. A "Canção para a Amiga Dormindo" é barbada. Pode dar ao Calado, para o **Correio** ou ao **Diário**, indiferentemente.

Queria também que você sondasse o Adolfo Bloch no sentido de eu mandar semanalmente matéria para cobrir duas páginas de **Manchete**, gênero colcha de retalhos, mas onde haja sempre um poema, seja sério, seja de circunstância. O resto seria enchido com uma pequena crônica, aforismos, **faits-divers** e a publicação seriada de **Ugh e Igh — Venturas e Desventuras de um Casal Pré-Histórico**. Com uma boa paginação, moderna e inteligente, poderia ficar gozado. Sugeriria como ilustração pequenos desenhos **à propos** do Thiré e uma fotomontagem semanal do Athos. Quero 30 contos pela brincadeira. Se ele espernear, deixo por 25: nem um tostão menos. Preciso muito de cruzeiros aí, pois as minhas pensões estão me castigando. A matéria consistiria de 4 laudas semanais, o que me parece bastante, considerando o espaço para a ilustração que ora pode ser do poema, ora da crônica, ora da série **Ugh e Igh**. Prometo toda a semana um poema em condições, dentro de todos os gêneros, pois tenho bastante coisa inédita, e, além disso, estou escrevendo muito. Estou juntando uma amostra do que seria a matéria, para ajudar a dar duro nele. O poema, este, vale para as duas coisas: serve, no caso, também de amostra. Mas se interessar também ao Bloch, ele pode começar com este (ou com o outro, o que acho mais difícil).

Abraços em Joan. Lembra-me aos amigos do barzinho aí junto. Estou, **hélàs**, fazendo tubagens para a esvaziar a vesícula: portanto abstêmio. Saudades, responde logo. Vinicius. (vire)

P/S — A outra balada vai depois. Resolvi dar uns retoques. A **Canção para a amiga dormindo**, caso o Bloch não der ponto (nesse caso que revista você sugeriria: **O mundo ilustrado**? Você acha que o Joel se interessaria por matéria assim de 30 contos — insista nos 30!). De qualquer modo, baratine o Bloch bastante antes de tentar qualquer outra coisa. Se não der jeito, o Samuel, eu estou quase certo, se interessará pela matéria. Mas não creio que me pague 30. Nesse caso deixo por 25. O que é importante é que comece a produzir cruzeiros aí.

Pensei como título **O caderno de notas de V. de M.** Mas pode ser qualquer outra coisa no mesmo jeito, ou melhor, se você encontrar. Há no **L'Express** o **Le note book de François Mauriac**. Mas não há de ser nada.

Abraço,
Vin.

Se não der em nada, publique a "**Canção**" no **Diário**.

Cante logo a matéria, insista, diga que vai ser um livro — porque me parece que o corpo de cronistas de **Manchete** já deve estar completo. Mas como a matéria é um pouco sui-generis, entre com o seu nhé-nhé-nhé.

Caso o B. aceite — que me escreva sobre o tamanho da matéria, etc.

A revelação de Carlos

Antônio Accioly Netto

FOI em 1922. Naquela época, era matriculado no Colégio Anchieta, em Friburgo, o aluno Carlos Drummond de Andrade. Ia cursar o último período escolar. Para nós, aquele jovem alto, magro e discreto, não era mais que um novo colega. Desconhecíamos a estória, que "nascera acatando ordens de um anjo torto, para ser **gauche** na vida". Não um canhoto, desajeitado, canhestro — mas em francês mesmo — segundo a definição do Larrouse, **du coté, ou se fait sentir les bâtements du coeur**. Um sentimental, em suma.

Foi talvez, ou seguramente, naquela mesma semana de junho, que Carlos Drummond de Andrade deu demonstração de ser "diferente", na primeira prova de literatura de nossa classe. Era mestre da disciplina, o padre Armand Lochú. Assim foi que o jesuíta, em poucas palavras, forneceu o tema da composição: a tempestade.

Drummond

Todos nós estávamos radiantes em demonstrar conhecimentos sobre o assunto, ledores que éramos da chamada "literatura dos mares do sul" — Robert Estevenson, da **Ilha do tesouro**; Sommerset Maughan, em **Contos dos mares do sul**; e principalmente Joseph Conrad, em **O tufão**. Assim, pois, embarcamos em imaginários bergantins, que faziam o comércio habitual, entre as ilhas do Pacífico.

No tempo previsto o professor veio recolher as provas. Durante uma semana esperamos pelas notas que seriam ótimas! Na quarta feira o padre voltou com os originais revisados, e deu o veredito: "Gostei muito das composições dos senhores, onde estão as tempestades — o oceano revolto em ondas gigantescas, chuva torrencial e ventos arrasadores. Cheguei a tremer pelo destinos das frágeis embarcações, com velas rotas, ameaçados de colisão com pedras submersas e perigosos arrecifes de coral. Entretanto uma só, do novo aluno Carlos Drummond de Andrade, trocou o mar pelas areias ardentes do deserto do Saara. Seus personagens são valentes tuaregs, que acompanham certa caravana, surpreendidos na rota de Tombuctu, romântica sede da Legião Estrangeira. A tormenta que levanta nuvens de areia escaldantes, a alturas inconcebíveis. A descrição do fenômeno é feita com realismo, sobriedade e bom estilo. Por isso dou a esta prova, verdadeiramente original e **diferente**, nota dez — aos outros, nota nove que também é uma ótima classificação.

Carlos Drummond de Andrade recebeu a consagração modestamente. Ele naturalmente ignorava que naquele justo momento dera demonstração de seu lado **gauche**, que marcou para sempre a sua personalidade psicológica. Para nós, certamente passou a ser um ídolo, no pequeno grupo que formava, entre os alunos da quinta série, a pomposa "legião dos desesperados", grupo literário juvenil, jovens que, segundo Giovani Papini, aos dezesseis anos já haviam lido um milhão de livros... Conhecia como nós o "uomo finito" e emprestou, para estudos, sua composição.

Da mesma forma, incluído entre os redatores da Aurora Colegial, jornalzinho que editávamos numa impressora rotoplena, montada no porão do colégio. Foi encarregado da secção dos acontecimentos literários. Infelizmente Carlos Drummond de Andrade abandonou, voluntariamente, o Anchieta, "por não se habituar a um clima restritivo das liberdades humanas, onde só se ouvia falar durante três vezes por dia, e as refeições feitas em silêncio, usando-se de mímica para pedir os pratos".

Meses depois, já em 1940, visitando o belo edifício do Ministério da Educação, de Gustavo Capanema, encontrei-o como burocrata exemplar, e juntos admiramos Cândido Portinari, pintando os afrescos de **Café e jogos pueris**. Daí por diante, privei esporadicamente de sua intimidade, com meu tempo dedicado integralmente à revista O Cruzeiro, enquanto Carlos Drummond de Andrade já se iniciava em sua prodigiosa obra literária. Portanto só me encontrava ocasionalmente com aquele mineiro de Itabira, pelos livros que escrevia e pela colaboração intensa nos jornais, principalmente no JORNAL DO BRASIL, onde deixou sua mais notável coleção de crônicas.

Morando como eu em Copacabana, na Rua Conselheiro Lafayete, do posto 6, depois de aposentados, começamos a nos encontrar mais assiduamente. Eu mal podendo acompanhar os passos largos do homem magro que cumprimentava amavelmente a todos que o saldavam, conhecidos e desconhecidos. Diariamente estávamos na Agência dos Correios da Avenida Nossa Senhora de Copacabana, onde despachava sua correspondência.

Um dos últimos contatos que tive com Carlos Drummond de Andrade, foi quando em uma de suas belas crônicas do JORNAL DO BRASIL se confessava carente de sua terra natal, restando-lhe apenas uma fotografia antiga, dependurada na parede do escritório. Pintei-lhe uma paisagem a óleo, em cores fortes. Ele não tardou a responder agradecendo: "Você me levou de volta a Itabira, à Igreja da Saúde e ao casario em redor com todas as implicações, que veio revelar por meio de um belo quadro e tão requintada composição. Um abraço amigo e admiração do seu velho colega do Anchieta."

Algum tempo depois, já oitentão, não conseguiu sobreviver à morte dolorosa da única filha e confidente, a escritora Maria Julieta. Seu coração parou para sempre. E deixou, serenamente, o mundo.

Maria Lucia Dahl

O feijão e o sonho

Os amigos fazem cara feia porque atendo o telefone sonolenta, de manhã.

Ainda atordoada pela discussão da véspera não recebo o pedreiro que vem me dar o orçamento da infiltração.

A tartaruga faz malcriação por ter saído pro seu passeio matinal às duas horas da tarde.

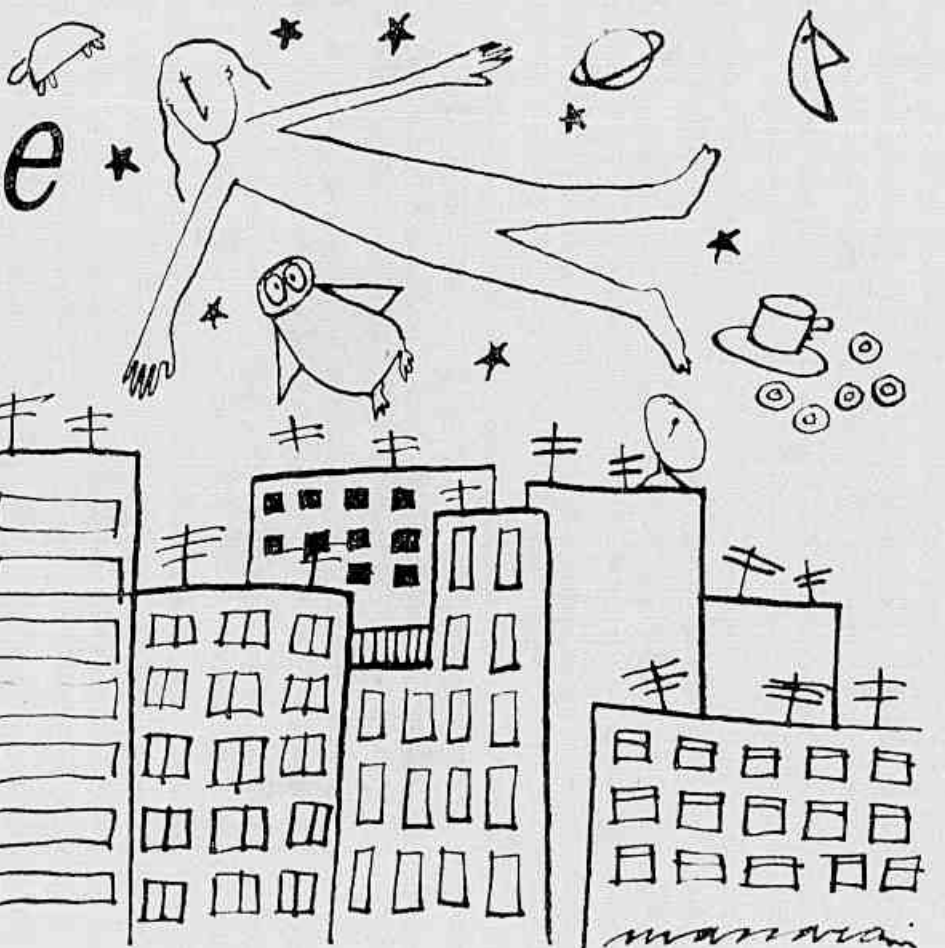
Mais fácil seria adotar uma coruja que coincidisse seus horários com os meus e me esperasse de madrugada com um chazinho de camomila pra acalmar os meus nervos do excesso de uísque de alguns notívagos transformado em agressões pessoais.

Acompanharíamos nosso chá com biscoitinhos de gergilim, acenderíamos incensos e velas coloridas e cantaríamos e dançaríamos **Tea for two** numa versão colorizada dos filmes de Doris Day.

Seríamos um casal perfeito, sonharíamos uma com a outra e acordaríamos no final da tarde com um sorriso bem humorado pros guardanapos do café da manhã escrito: "Bom-dia."

Ela colocaria pra mim a fita corretiva da máquina, (que opero com a maior dificuldade), e eu lhe escreveria poemas de amor e algumas crônicas aos domingos.

Tudo isso sem trocarmos palavra, numa harmonia perfeita a cada troca de olhar.

De hoje em diante só quero me relacionar com os bichos e fazer para os homens uma enorme fogueira das vaidades, onde assaria batatas-doces nas brasas acesas de antigas plumas e paetês.

Leria a biografia de um iogue, transcenderia, e faríamos viagens astrais, livre de acusações, suposições, intenções, insinuações, decepções, conclusões.

Voaríamos por cima dos edifícios, distanciando-nos cada vez mais da maldade faiscando nas luzes de mercúrio da cidade.

E cada vez voando mais alto, receberíamos mensagens transmitidas por uma estrela semente, e, de mãos dadas, deslizaríamos no céu como nuvens brancas no espaço.

Mas a campainha toca insistentemente e me tira desse sonho pra enfrentar o dia-a-dia transmitido pela voz irritada da vizinha que vem me cobrar a conta comunitária de luz.

Explico que acordo tarde porque trabalho até tarde, mas ela não se convence, tomando o meu sono por negligência.

Tento lavar a louça que já se empilha na pia da cozinha, mas a campainha toca novamente.

Agora é o Macro-Nature.

Atordoada pelo cotidiano, bato o portão e fico de fora com uma quentinha e um suco de laranja na mão.

Literalmente sem saída, sento no chão e começo a comer, temperando com lágrimas o bolinho de soja e o arroz integral, até ser salva por minha hóspede que chega esbaforida de um programa de televisão.

Atrasada pro teatro procuro a tartaruga, que aproveitou o **vaudeville** dominical pra se esconder do meu mau-humor.

Deixo a tarefa de protegê-la dos gatos noturnos à minha amiga, visto o primeiro **jeans** surrado que encontro no armário, calço a sapatilha de pano e sinto a tartaruga refestelada dentro do pé direito.

Zózimo

À Erundina

● A "doutrina Erundina", revolução petista no trânsito paulistano, pela qual "é preciso educar a população, porque multa é repressão", tem produzido resultados curiosos, além de colossais engarrafamentos.

● Na sexta-feira, num dos pontos mais fervilhantes da região dos Jardins, na esquina das ruas Haddock Lobo e Antonio Carlos, dois guardas de trânsito ajudavam com toda cortesia a motorista de uma Brasília creme a estacionar.

● Bem debaixo de uma placa de estacionamento proibido.

■ ■ ■

Versão urbana

● A passeata dos açougueiros, reprimida com jatos de água cor-de-rosa pela PM paulista na quinta-feira passada, já ganhou um apelido maldoso.

● Farra do boi.

■ ■ ■

Reverso

● No prédio que abriga o Serviço Nacional de Informações, localizado no distante Setor de Áreas Isoladas de Brasília, as paredes estão decoradas com avisos enigmáticos:

"Cuidado. Podem confundir a sua opinião pessoal com a do SNI".

● E daí?

● O SNI não vive confundindo opiniões pessoais dos outros?

■ ■ ■

Coisas da vida

● Não é só com o humorista Jô Soares que a TV Globo fumou o cachimbo da paz, anunciando em sua telinha o show Gordo ao Vivo que estreou semana passada em São Paulo.

● Também com Chico Anysio — às vésperas de bandear-se para o SBT — a Globo demonstrou relações cordiais, colocando no ar a notícia do roubo de todo o sofisticado equipamento de seu show no teatro João Caetano.

Sem rumo

● Quem parece estar com a bússola quebrada é a Sunab.

● Em vez de dar umas voltinhas nas feiras e supermercados, anda passando o pente fino nos hotéis cinco estrelas para ver se estão cumprindo o tabelamento.

● A cesta básica de caviar e champanha está garantida.

■ ■ ■

Spa

● *Do presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, Octávio de Mello Alvarenga, comentando numa roda de amigos a política do governo para a carne:*

— O boi gordo é tabelado em NCz$ 23 a arroba e o boi magro a NCz$ 28. Por isso, não vejo a menor necessidade de importar carne, basta que o governo abra um spa bovino.

Paulo Jabur

Rod Stewart e Vera Gimenez animando a noite do Calígola

Novo passo

● *Incansável Humberto Saade, que partiu ontem para a Europa, esconde no fundo da mala um de seus mais ambiciosos projetos.*

● *Fará uma segunda rodada de conversações com Bernie Ecclestone — o todo poderoso da Fórmula 1 — para vir a ter em breve a marca Dijon nas pistas.*

● *Será o primeiro passo para o ingresso da griffe Dijon em patrocínios esportivos.*

■ ■ ■

Bola cheia

● Engana-se quem pensa que o Sr. Jorge Murad perdeu prestígio ao deixar o posto de secretário particular do presidente José Sarney.

● Mesmo demissionário, Murad recusou a presidência da Caixa Econômica Federal.

■ ■ ■

Pé na estrada

● *O grupo Ticket, detentor de 60% do mercado brasileiro de vales-refeições, prepara-se para um novo e grande negócio.*

● *À semelhança do que já existe nas auto-estradas européias, o Ticket tem prontinho um projeto para fincar raízes às margens das principais rodovias do país, oferecendo serviços de hospedagem e fast food.*

● *É negócio para alguns milhões de dólares.*

Roda-Viva

● Na estréia do show **Gordo ao Vivo**, de Jô Soares, em São Paulo, o presidente da Câmara municipal paulistana, Eduardo Matarazzo Suplicy, e a mulher, a sexóloga Martha Suplicy, às gargalhadas.

● **Maria Celina e Carlos Flexa Ribeiro estão convidando para jantar no dia 4.**

● **A Universidade Federal Fluminense concedeu por unanimidade o título de professor emérito ao Dr. Paulo Dias da Costa, catedrático de clínica médica daquela instituição.**

● Laís e Hugo Gouthier oferecem um coquetel no dia 12 em homenagem à filha, Cláudia Niedzielsky.

● **Será inaugurada no dia 4, às 18h30, no centro cultural Cândido Mendes, na cidade, a exposição Tradição, reunindo ceramistas japoneses no Brasil e ceramistas cariocas como Cláudia Amorim e Gilberto Paim.**

● Fernanda e Jua Hafers, homenageados na quinta-feira com um bonito jantar por Guiomar e Gustavo Magalhães, voam na terça-feira para São Paulo.

● **O ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, voou ontem para Paris, esticando viagem até a Alemanha.**

● A Sra. Perla Mattison reúne um grupo pequeno de amigas para almoço no dia 5.

● **E para jantar en petit comité, recebem no dia 6, o embaixador e Sra. Carlos Veras.**

● A discoteca Columbus dará início a sua temporada 89 promovendo no próximo dia 5 uma festa egípcia. Com direito até à dança do ventre.

● **O jornalista Fausto Wolf é o novo diretor executivo da Rioarte.**

Reclamação

● *Freqüentadores do gabinete do presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos, Luiz Antonio de Medeiros, na rua do Carmo, no centro velho de São Paulo, queixam-se da beberagem que ali espreita os visitantes.*

● *Há sempre uma garrafa de Old Eight, legítimo.*

● *Também conhecido como uísque de resultados.*

■ ■ ■

Casa de ferreiro

● Um produto está em falta há três dias na despensa da sede do IBC no Rio.

● Café.

● Para manter funcionando o serviço do cafezinho em seu gabinete, o presidente da casa, Jório Dauster, foi obrigado a mandar comprar um pacote de um quilo em supermercado.

● Pagou a conta do próprio bolso.

Lá não é cá

● **Uma turista de 90 anos sugeriu à prefeitura de Jerusalém que instale em cada poste da cidade um anúncio luminoso dos dez mandamentos.**

● **A sugestão foi prontamente aceita.**

* * *

● **Se a moda pega, bem que os postes da Baixada Fluminense andam precisando de um "não matarás".**

● **E na orla marítima, bem alto, o "não desejarás a mulher do próximo".**

■ ■ ■

Projetaço

● *Virá à luz no início da próxima semana um dos maiores lançamentos imobiliários do Rio.*

● *Trata-se do primeiro* intelligent building *comercial do Brasil, construído pela Gomes de Almeida, Fernandes.*

● *O prédio é dotado de sistema computadorizado capaz de ligar e desligar luzes, regular aparelhos de ar refrigerado a gosto de cada inquilino, detectar sinais de fumaça, rastrear movimentos de pessoas indesejáveis — enfim, um verdadeiro gênio da raça.*

● *Será erguido na Avenida Rio Branco, entre as ruas da Alfândega e Buenos Aires, com 29 andares e 60 metros de fachada.*

Quem vem

● Desembarca dia 25 em São Paulo a atriz Sigourney Weaver, que concorreu a dois Oscar, o de melhor atriz com o filme **Na montanha dos gorilas**, e o de coadjuvante com **Uma secretária de futuro**.

● Vem ao Brasil justamente para participar do lançamento nacional de **Na montanha...**

● Sigourney, que estrelou os dois filmes da série **Aliens**, vem convidada pela Determined Productions e pela ITC, entidades dedicadas à preservação de espécies em extinção.

Na terra

● *O empresário Olacyr de Moraes vai entrar no Estado do Rio com investimentos pesados.*

● *Quem conhece seus planos garante que podem irrigar a agricultura do Rio.*

● *Aliás, o rei da soja está bem acompanhado.*

● *Chega ciceroneado por uma experiente e bem sucedida fazendeira da região.*

■ ■ ■

Estatística

● **E se um leitor da obra literária do ministro Oscar Dias Corrêa cruzar na rua com um cliente da banca de advocacia do ex-ministro Aluízio Alves?**

● **Hein?**

■ ■ ■

É nosso

● *Está sendo fechada nesse final de semana a compra de um dos mais cobiçados garanhões do planeta.*

● *É o cavalo Babor, um dos maiores craques da Argentina e pai de vários campeões.*

● *Reunidos num sindicato, os compradores são os maiores haras do Brasil, dispostos a pagar alguns milhares de dólares para ter Babor em seu plantel.*

■ ■ ■

Ao léu

● Quem passava sexta-feira pela esquina da Avenida Rio Branco com rua Buenos Aires deparava-se com centenas de moedas de 1 cruzado jogadas ao pé de uma árvore.

● E mais espantoso é que a árvore não secou.

■ ■ ■

Nas alturas

● **Se a animadora Angélica vier a trocar a TV Manchete pela TV Globo, aposentará o refrão "vou de táxi".**

● **Pelos termos e cifras da proposta, Angélica pretende ir, no mínimo, de limusine.**

Miriam Lage, com sucursais

Espanha

Política: a importância da liderança

A distância que separa um Adolfo Suárez ou um Felipe González de um Sarney ou de um Ulysses só pode ser medida em anos-luz

Luciano Martins

A Espanha é reconhecidamente o caso mais bem-sucedido de passagem — e de passagem rápida — de um regime autoritário longamente estabelecido para um regime democrático plenamente consolidado. É natural, portanto, que o caso espanhol figure como uma referência necessária nos estudos que procuram uma perspectiva comparativa para entender, por contraste, outros casos menos exitosos de transição.

São vários os países (a rigor, a maioria) que se encontram nessa última condição e entre eles certamente se situa o Brasil. Quando mais não seja porque a "transição" brasileira já dura mais que o próprio regime autoritário. Pode-se escrever páginas e páginas sobre as razões dessas transições "engasgadas", mas basta uma linha para dizer o que elas têm em comum: o estabelecimento, após a liquidação do regime autoritário, de uma situação democrática, sem que isso signifique a instituição da democracia. Para dizer de forma simplificada: restabelecem-se garantias individuais, direitos políticos e formas democráticas de governo, mas sem que sejam eliminados os riscos de natureza econômica ou política de rupturas institucionais e regressões autoritárias. São democracias sob "sursis".

Diferente é o caso de países em que há efetiva implantação de um regime democrático. Significa dizer: de um conjunto de instituições e de práticas capazes de absorver eventuais crises de governabilidade e, ao mesmo tempo, capazes de criar canais e métodos consensualmente aceitos para a resolução de conflitos existentes na sociedade, o que inclui o respeito pela alternância de partidos no poder. Foi esse tipo de regime que a Espanha foi capaz de instituir em menos de sete anos: da morte de Franco (1975) à ascensão ao poder do partido socialista de Felipe González (1982). Justifica-se, portanto, a pergunta: o que a Espanha teve que outros países não têm.

A atitude usual seria a de privilegiar na resposta a essa pergunta a existência ou ausência de certas condições estruturais (econômicas, sociais, etc.) supostamente indispensáveis à implantação de uma democracia. Há toda uma corrente hoje, em ciência política, que qualifica a importância do que seriam os "pré-requisitos" a uma democracia. O argumento é que a identificação desses pré-requisitos resulta de uma visão **ex-post**: nem sempre eles existiam onde nasceram as democracias modernas; antes, se foram gerando a partir da própria prática democrática. Não é bem assim. Um mínimo de condições objetivas é necessário. Uma nação de fraca integração econômica e social, ou ainda impregnada por uma cultura tribal, por exemplo, terá menos chances de gerar uma democracia representativa. Mas o mérito do argumento está em ter relativizado supostos determinismos históricos e revalorizado certas condições subjetivas, dentre as quais ressaltam a qualidade da representação política e a competência de suas lideranças na condução de um processo de transição. É nesse particular que a Espanha, sobretudo quando contrastada com o caso brasileiro, apresenta-se como um caso exemplar. A distância que separa um Adolfo Suárez ou um Felipe González de um Sarney ou de um Ulysses só pode ser medida em anos-luz.

É preciso recordar que a Espanha inicia e realiza seu processo de transição com uma herança pesada: quarenta anos de um regime de extração fascista, a lembrança persistente de uma dramática guerra civil, um regime monárquico nascido da ditadura franquista e destituído de qualquer legitimidade, uma economia quase estagnada e sob o impacto dos choques do petróleo, índices elevados de desemprego e inflação, sindicatos na clandestinidade, ausência de partidos políticos legalmente organizados, tentativas de golpe militar e, ainda por cima, tendo que enfrentar o grave problema das nacionalidades e do terrorismo basco. Quase tudo para não dar certo. Menos, justamente, um conjunto excepcional de lideranças políticas, tanto à direita quanto à esquerda, cujas ações se revelaram nos principais planos seguintes.

Primeiro, através da lúcida percepção da natureza do processo em curso e das tarefas políticas a realizar: não se tratava apenas de restaurar direitos políticos e dotar o país de uma constituição democrática, mas de construir a democracia. Segundo, através de uma excelente noção de **timing** para que a transição não se eternizasse, correndo-se logo os riscos de certos avanços (a legalização do partido comunista, por exemplo) para quebrar a inércia de uma cultura política excludente. Terceiro, eliminando, de saída, fantasmas e percepções de risco por parte do empresariado e das classes médias, através da aceitação formal, por parte de sindicatos e organizações políticas, da preservação de uma economia capitalista. Quarto, integrando numa mesma estratégia, através de concessões recíprocas entre os atores sociais e políticos, o projeto econômico e o projeto político da construção democrática (Pactos de Moncloa). E a enumeração certamente não cessaria aí se quiséssemos continuar exemplificando a capacidade demonstrada pelas lideranças espanholas em distinguir com clareza o que era principal do que era secundário para o processo de construção democrática. Para resumir: na Espanha, ao contrário do Brasil, tratou-se, primeiro, de rapidamente definir e instituir, por consenso, as regras do jogo político; para que, em seguida, os interesses conflitantes se pudessem manifestar através dessas regras já consolidadas.

Luciano Martins é sociólogo, foi "Edward Thinker" Professor na Universidade de Columbia (Nova Iorque), pesquisador do Centre National de la Recherche Scientifique (Paris) e, atualmente, é professor de Ciência Política na Unicamp.

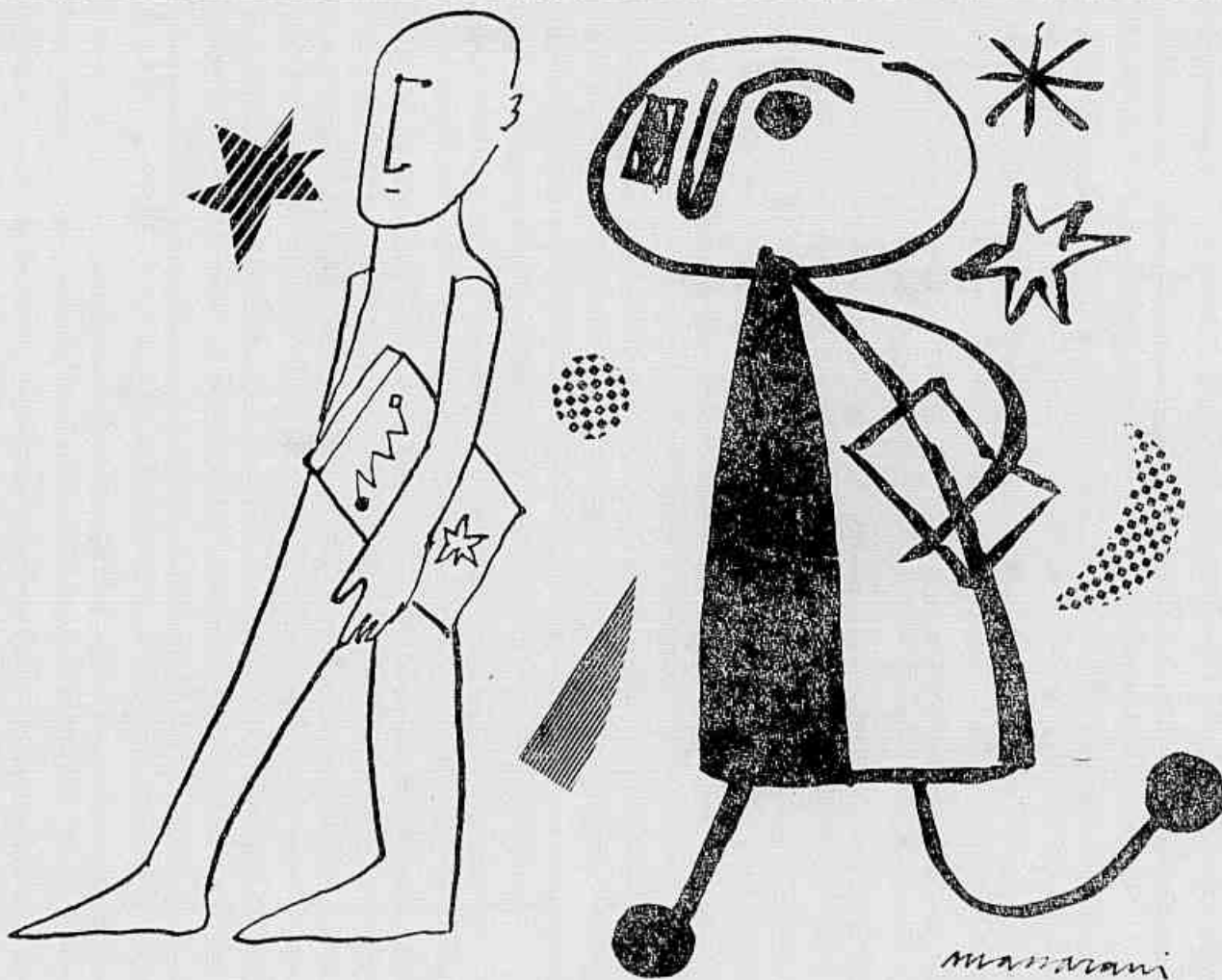
Educação: a sociedade no comando

Continuação da página 1

Aliança Popular e outros ex-franquistas. Ministro da Educação naqueles dias, José Maravall fuzilou: "Os que se opõem à lei orgânica do direito à educação (lode) são os mesmos que concebem a educação apenas como fonte de lucro".

E o que diz o ex-ministro hoje? Segundo Maravall, a educação na Espanha sempre foi um assunto com implicações políticas, especialmente durante o franquismo. " Por ocasião dos trabalhos constitucionais que precederam a carta de 1978", diz ele," a educação foi o tema mais conflitivo". Ora, na opinião do ex-ministro, os governos de centro que estiveram no poder até 1982 não elaboraram ou aprovaram as leis complementares exigidas pela Constituição no campo da Educação. Elas eram basicamente duas: uma destinada a regular o direito à educação e o financiamento do ensino privado; a outra, regulando o ensino universitário e a autonomia das universidades.

Quando chegaram ao poder, em 1982, os socialistas apresentaram ao parlamento as duas leis exigidas e que acabaram sendo aprovadas entre 1983 e 1985, apesar de grande resistência por parte dos conservadores. " Eles chegaram mesmo a submeter a Lode ao Tribunal Constitucional que, após dois anos de exame, decidiu-se, afinal, por sua constitucionalidade", explica ele.

Mas em que consistia a nova política educacional e por que provocou tanta resistência? Maravall diz que o ensino privado na Espanha, particularmente o religioso, sempre teve uma nítida predominância sobre o ensino público. A nova legislação pretendia estabelecer um equilíbrio entre ambos. Ele explica: "O Estado, que dava muito dinheiro ao ensino privado religioso, passava a impor condições à concessão desse subsídio. Por exemplo, colégios subsidiados não poderiam mais cobrar mensalidades e teriam que respeitar os direitos constitucionais de liberdade de consciência e de expressão dos alunos. Além disso, estavam proibidos de praticar qualquer tipo de discriminação na hora da admissão".

José Maria Maravall: um ministro com a cara da nova Espanha

A legislação colocava assim em pauta temas relativos ao financiamento do ensino e temas relativos aos princípios constitucionais gerais. Além disso, ampliava-se o acesso à educação: os dados de Maravall revelam que a metade dos colégios que hoje existem em Madri foram construídos a partir de 1982. Entre 1982 e 1988, o ensino secundário e o ensino superior receberam um contingente suplementar de 750 mil alunos. No mesmo período, o orçamento para a educação foi multiplicado por sete.

Mas a ampliação do acesso ao ensino não bastava. Maravall sustenta que a palavra "democratização" significa duas coisas (que, para ele, não são atendidas pelos governos ditatoriais de direita): 1- — Igualdade de oportunidades, o que implicava no fim da discriminação de acesso às escolas de elite que recebiam fundos públicos; 2 - Controle social sobre o ensino. Com a Lode, prossegue ele," foram introduzidas formas de participação através dos conselhos escolares, no qual figuravam pais, professores e alunos. E nos colégios privados que se beneficiavam de fundos públicos, esses conselhos escolares tomariam parte na eleição do diretor."

Também foram criados mecanismos de participação nas universidades: os chamados conselhos sociais passavam a fiscalizar os órgãos de gestão universitária. Contudo, diz Maravall, "as universidades se mantinham autônomas, decidiam o que fazer com suas verbas, recrutavam como bem entendiam seus professores, mas tinham de prestar contas à sociedade". É o binômio da nova Espanha: igualdade de oportunidades e participação da sociedade civil.

Maravall explica que os colégios privados recebiam simultaneamente do estado e das famílias, o que, do ponto de vista do estado, era uma injustiça: tal situação privilegiava as famílias que podiam pagar impostos e ainda por cima mensalidades. "Debaixo da retórica da *liberdade de ensino* advogada pela direita", diz o ex-ministro, " havia o desejo de violar os direitos constitucionais de uma parte dos alunos, e de continuar a receber fundos públicos sem qualquer tipo de controle social"

Maravall coloca a questão no quadro mais amplo da luta pela cidadania: " A partir de 1977 e, sobretudo, com a Constituição de 1978, os espanhóis recuperaram as liberdades políticas e tiveram seus direitos fundamentais regulados. No entanto, a cidadania inclui também direitos sociais e econômicos que não estavam sendo atendidos pelos governos do centro até 1982. Foi a partir dessa data que colocamos em prática uma seria de reformas, no campo da saúde, das pensões, da legislação trabalhista, da educação que liqüidaram com as velhas discriminações e instauraram o controle social sobre a economia do país".

E a reforma continua: atualmente está sendo debatido um novo capítulo que inclui uma extensão do ensino obrigatório (até os 18 anos) e um reforço da formação profissional. Para José Maria Maravall, "isso é muito importante para um país com sérios problemas de desemprego e também para uma economia que pretende ser competitiva na perspectiva da integração européia, marcada para 1992". Nesse momento não haverá mais fronteiras para limitar a mobilidade dos europeus. Nesse momento, é importante que os espanhóis tenham formação adequada para não estarem em posição de inferioridade em relação aos seus vizinhos.

■ Espanha

Brasil: entre o projeto e o desejo

Entre nós, a democracia tornou-se uma abstração que serve para significar qualquer noção

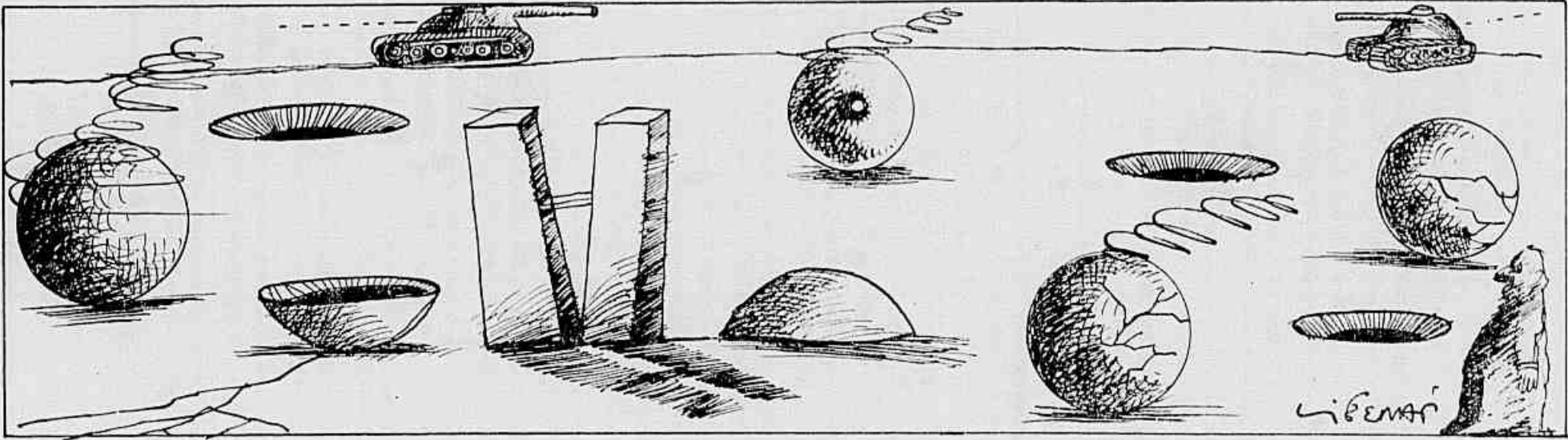
Sérgio de Abranches

"Por que há regras no jogo de bolinhas de gude? — Para não ficarmos brigando o tempo todo, nós precisamos de regras e, então, jogar direito. — Como começaram as regras? — alguns garotos chegaram a um acordo entre eles e as fizeram."

Esse diálogo é parte de entrevista com Ross, um garoto suíço de 12 anos, relatada pelo psicólogo Jean Piaget em seu livro O julgamento moral da criança. O julgamento moral desenvolve-se, entre 12 e 14 anos, baseado na consciência da necessidade de regras que estabeleçam os limites da convivência social.

É a partir de regras e instituições que se pode determinar, inclusive em toda sua relatividade, o certo e o errado, o justo e o injusto, o "direito" e a trapaça, o permitido e o interditado. Há regras "autoritárias" — impostas pela fé, pela tradição ou pela força — e regras "democráticas" aceitas, porque nascidas do "acordo" da grande maioria ou da totalidade dos parceiros. Essas últimas passam a predominar a partir do momento em que a criança adquire plena consciência de si como indivíduo autônomo e como ser social.

Nenhum jogo é possível sem regras que permitam solucionar conflitos de forma razoavelmente justa e sem que se "jogue direito", isto é, de acordo com as regras. Daí nasce a possibilidade da convivência e pode-se jogar: associar-se, "fazer camaradagem", competir.

Na sua forma básica o jogo tem as mesmas características da política. O "jogo político democrático" tem princípios muito semelhantes àqueles observados no último estágio da formação moral da criança e que se reflete no jogo dos pré-adolescentes. Funda-se na autonomia: as regras do jogo não são mais uma externalidade, mas o resultado da decisão livre e merecedoras de respeito porque baseadas no consentimento mútuo. Legitima a mudança: as regras não são perenes e imutáveis. Podem ser mudadas, desde que todos votem a favor e na medida em que as novas decisões sejam respeitadas. É pluralista: toda opinião é respeitada, desde que seus protagonistas busquem sua aceitação por "meios legais". Pode-se experimentar e inovar se há respaldo na opinião coletiva. Tudo é possível, se for "feito direito".

O leitor que já tenha começado a comparar a lógica desse universo moral que se desenvolve naturalmente, com o que se passa na experiência mais recente do Brasil, já deverá ter percebido a diferença fundamental. É como se estivéssemos vivendo, coletivamente, no estágio anterior descrito por Piaget, do "egocentrismo". Jogando de uma maneira individualista, mas já com material social. Um "monólogo coletivo". Estou persuadido que é esta diferença que marca, também, a distância entre o processo político brasileiro e as "transições que deram certo", no caso particular a transição pactada espanhola.

As várias exposições sobre a transição na Espanha mostram que ela correspondeu, em cada estágio, a acordos coletivos que definiram claramente as "regras do jogo". Fez-se acordo sobre as regras e os estágios da transição. Firmou-se um pacto, com regras bem definidas, para as decisões econômicas de curto e médio prazo. Finalmente, com base nas regras previamente acordadas, foram definidas as regras do jogo principal — da democracia — inscritas no "pacto constitucional". Todas as condições estiveram presentes: autonomia, mudança legítima, pluralismo, adesão ao processo.

Assim como em qualquer jogo, desde os infantis, tornam-se plenamente reconhecíveis os protagonistas e seus papéis — contendores e aliados — e as instituições. Fica nítida a diferença entre o Governo, peça transitória, e o Regime, peça dinâmica mas permanente, que se confunde com o próprio jogo e compromete a todos. A legitimidade do Regime não se confunde com a eficácia do Governo. O primeiro é de todos, o segundo dos vencedores ocasionais.

Essas características fizeram da democracia um projeto concreto na Espanha. Necessidade fundamental coletiva, princípio de uma nova vida social. No Brasil, não se passou desse modo. A abertura começou tutelada. O processo de transição foi ambíguo, seja porque ainda se confinava aos limites da ordem autoritária, seja porque, findo o último governo militar, não se fez acordo sobre as regras para a transição, nem sobre as regras para a definição do jogo democrático.

Entre nós, a democracia tornou-se uma abstração, um conceito inscrito no "monólogo coletivo", que servia para significar qualquer noção, sonho, desejo ou preconceito individual. Individualismo com material social.

O Governo civil que precedeu o Regime constituiu-se por regras ilegítimas — porque contrárias à vontade majoritária expressa no movimento pelas "Diretas Já". Não soube assumir o único papel autorizado pelas circunstâncias e admitido pela vontade geral: o de Governo de transição, um protagonista isento, cujo papel se esgotaria tão logo se chegasse a um acordo sobre as regras para o regime democrático. Ao contrário, imiscuiu-se no processo constituinte, tomou decisões econômicas e políticas sem regras consentidas e sem acordo prévio. Restaurou os velhos procedimentos do passado republicano civil que, como na Espanha, haviam colhido seu fracasso no golpe militar, o qual interrompeu, pela força, um jogo já inviável. Na Espanha de forma mais trágica, marcada por uma guerra civil, razão suficiente para que os espanhóis tenham se precavido de qualquer restauração: de métodos, protagonistas, lideranças ou projetos. Fazer de novo, para fazer melhor.

No Brasil, restauramos. Mergulhamos no presidencialismo de coalizão, no republicanismo clientelista e populista, sem regra, régua ou compasso. E ficamos à deriva.

A transição brasileira foi, assim, parcialmente abortada. Mesmo após a promulgação da Constituição continuamos com governo, mas sem Regime. As regras constitucionais têm sido desrespeitadas por todos, Governo, Estado — Executivo, Legislativo e Judiciário — e Sociedade — dos indivíduos às organizações coletivas de qualquer espécie, públicas e privadas.

A confusão entre Governo e Regime rotinizou, vulgarizou o processo constituinte, impedindo que ele promovesse uma ruptura clara, instaurasse uma nova ordem. A Constituição tem sido vista quase como uma lei ordinária e contém inúmeras cláusulas que estão, de fato, no escopo da legislação ordinária. Não se reconhecendo a existência do regime, não existem regras para todos, o que significa não haver regra para ninguém. A legitimidade só pode decorrer da eficácia do Governo, não pode ser atribuída ao Regime. Se o governo vai mal, nada é legítimo ou, o que dá no mesmo, tudo é possível, mas não existem regras consensuais sobre o que é "direito".

Estamos a oito meses das primeiras eleições presidenciais e ainda não há regras para elas. A Constituição não teve força sequer para definir com clareza como seria escolhido o Chefe do Primeiro Governo do novo Regime. Agora, mesmo que sejam as mais justas, jamais deixarão de ser "casuistas", individualistas. Elas serão criadas, quando parte dos contendores já está definida. Regra feita sem acordo prévio, quando todos têm o mesmo tipo de interesse no jogo, é sempre denunciada **a posteriori**.

A transição parou, bloqueada pelas ambigüidades do processo. Assim como o Brasil parou, bloqueado pelas ambigüidades desse "monólogo coletivo" em que se transformou o jogo político. Será necessária uma depuração política, um reexame coletivo das regras e da convivência, para que se cumpra a transição brasileira. Entre mortos e feridos certamente não se salvarão todos. E pelo princípio da autonomia ninguém pode, individualmente, salvar a pátria. Qualquer solução adequada dependerá da vontade livre de todos e do respeito mútuo às regras e à participação plural.

Só depois que romper-se a fase individualista do processo e houver reconhecimento recíproco e acordo sobre o regime de todos, haverá possibilidade de Governo. Aí será possível "parar de brigar" e "jogar direito".

Sérgio de Abranches é cientista político do IUPERJ

Economia: a opção pelo capitalismo

Continuação da página 1

percentual a menos que a inflação projetada para o ano em que se entrava. Havia um sistema de garantia: se a inflação no primeiro semestre fosse mais da metade da projeção, seria concedido um aumento extra. Mas, eles faziam uma barganha inteligente: aceitavam perder, desde que o governo, que estava se comprometendo a cortar gastos e vender empresas improdutivas, injetasse mais recursos na área social.

Prometido e feito. Mesmo não tendo jamais criado a máxima *Tudo pelo social*, o governo espanhol aumentou os gastos sociais em 9% do total do orçamento para se aproximar da média européia, que bate em 25%, segundo contou o sociólogo e ex-ministro da Educação, Juan María Marraval. É verdade que parte desses gastos é consumida pelos 18% de desempregados que a economia do país exibe. Um indicador preocupante, como admitiram os espanhóis. Só que, inteiramente convencidos da correção do próprio modelo, eles fazem algumas ponderações. Marraval lembra que a economia espanhola está criando 1 mil empregos por dia, e que nos últimos dois anos e meio foram oferecidos 1 milhão e 280 mil novos postos de trabalho no país de Felipe Gonzalez. O economista Guilhermo De La Dehesa, ex-secretário de estado da Economia, explica que, com o fim do franquismo, houve uma melhora da estatística do país, as mulheres passaram a ingressar em massa no mercado de trabalho e os que estavam fora por motivos políticos voltaram. "Portanto, são 18% bem contados", diz.

O acordo funcionou. Em três meses a inflação anualizada caiu para 24%. E hoje o desafio é levá-la abaixo de 8% ao ano. Com uma série de cortes nos gastos, fechamento e vendas de empresas estatais improdutivas, o Estado espanhol conseguiu reduzir o déficit público de 8,5% em 1982 para 2,5% no ano passado. "Hoje a maioria dos gastos é produto de investimentos na produção e na área social", lembra o economista Emilio de la Fuente. Outra forma utilizada para combater o déficit público foi o velho método, sempre ameaçado e nunca usado no Brasil: o combate à sonegação, que tem produzido o milagre de aumentar em 12% ao ano a receita fiscal da Espanha.

O país tem óbvios indicadores positivos, como a exuberante reserva cambial de US$ 42 bilhões (no Brasil, o máximo a que se chegou foi a US$ 12 bilhões, no fim do governo Geisel, época de entrada de empréstimos externos); ou uma acanhada dívida externa de US$ 30 bilhões, de 10% do PIB (a nossa é de 30%). Apesar desta superioridade, uma questão levantada pela professora Maria da Conceição Tavares, durante debate esta semana, deixou os espanhóis claramente irritados.

Ela quis saber qual era, afinal, o projeto nacional espanhol. "Não tenho a mínima idéia como as empresas espanholas vão, de repente, se transformar em européias", disparou. Lembrou que vários setores industriais espanhóis não são competitivos e podem ser dizimados a partir da integração européia de 1992. "O núcleo central da metal-mecânica, a grande metalurgia, a indústria automobilística, a naval, a linha branca e a informática, são setores velhos", alfinetou, no seu conhecido estilo, e colocou outra questão que feriu mais fundo os brios espanhóis: "O passaporte europeu vai significar apenas mais liberdade para a elite espanhola, mas os outros cidadãos terão, no máximo, chance de serem varredores de rua nos outros países europeus, porque os empregos, que existiam na década de 60, não existem mais".

Os espanhóis reagiram fazendo o contraponto com o Brasil. "Somos mais modestos em tudo: nos gastos públicos e no projeto de ser potência" ironizou De La Dehesa. "Temos um governo eleito majoritariamente e com um projeto econômico definido", acrescentou. Para os intelectuais espanhóis presentes nesta semana no Brasil, como, por exemplo, o conselheiro José Antonio García Lopes, a grande diferença entre os dois países é que a Espanha fez uma opção clara e consensual pelo capitalismo e não tem medo do capital estrangeiro. "O Brasil é um país maduro e se comporta como um menino de cinco anos", disse Dehesa, criticando o excessivo protecionismo brasileiro contra o capital estrangeiro. "Discriminar um capital pela sua origem é burrice", completou García Lopes, dando um exemplo de como os espanhóis de hoje encaram a questão nacional: "se os franceses quiserem vir aqui e comprar o *aceite* Carbonell, não haverá o menor impedimento". Vender a Carbonell, a mais tradicional indústria de azeite espanhol, que é o mais tradicional produto do país, equivaleria a permitir capital estrangeiro na Petrobrás. Eles aceitam como normal, um fato que no Brasil seria considerado herético pela esquerda e pela direita.

García Lopes: a grande diferença entre a Espanha e o Brasil é que optamos claramente pelo capitalismo

De La Dehesa: "com o fim do franquismo, as mulheres ingressaram em massa no mercado de trabalho"

Emilio de la Fuente: "a maioria de nossos gastos é produto de investimentos na produção e na área social"

INÉDITO

Memórias que desfazem a fantasia

Celso Furtado, em um novo livro, recorda um período da vida brasileira em que o sonho dava as cartas

continuação da primeira página

quer fixar-me em sua imagem, tão grande era a tensão em que me encontrava, decidido a jogar tudo por tudo. A idéia, que acariciara por tantos anos, de um dia contribuir de forma decisiva para "mudar o Nordeste" iria esfumar-se ou plantar raízes em uns instantes mais. Em tempo futuro, eu, que iria colaborar estreitamente com Kubitschek, pude dar-me conta de que se tratava de personalidade mais complexa do que parecia. Ao lado da obstinação, era dotado de faculdade de ajuizamento em grau que só os verdadeiros estadistas possuem. Não obstante seu enorme ego, nunca entrava por caminho incerto, ou, se o fazia, era como um visionário, o que ocorreu no caso da construção de Brasília. Esforçava-se por ouvir e compreender o interlocutor. Não era dotado de grande poder de concentração, e seus conhecimentos sistemáticos eram limitados. Daí aparentar desconfiança com respeito a quem pretendia convencê-lo com raciocínios sofisticados. Só decidia com base em suas intuições. Disse-me uma vez: "Tudo se pode provar. Alkmin e Lucas têm idéias opostas sobre política cafeeira, e os dois demonstram que estão certos."

SARTRE

Tomei conhecimento pelos jornais de que Jean-Paul Sartre estava no Recife e faria uma conferência na Escola de Arquitetura. Era um fim de tarde de sexta-feira, pela metade de outubro de 1960. Fui dirigindo a caminhonete Aero-Willys a fim de não ocupar o chofer, que trabalhara desde cedo.

Sartre sempre me pareceu dessas personalidades que produz a cultura francesa em quem a inteligência domina, diria mesmo atropela, tudo o mais. Por isso mesmo, cometeu falhas de ajuizamento que o arrastaram a caminhos que mais tarde abandonaria sem explicação. Sua capacidade criativa não conhecia limites. Mas, talvez porque escrevesse improvisando, tanto podia alcançar grande profundidade como permanecer na superfície dos temas que abordava. As pessoas que o citam raramente o leram a sério. Seu estilo pode ser puro e cristalino, mas também difuso e monótono. Em todo caso, era sempre sedutor, como são as pessoas verdadeiramente inteligentes. Sentei-me num canto da sala para ouvi-lo, mas logo se criou um impasse, porquanto não havia providenciado um intérprete. Fizeram um apelo aos presentes e eu me ofereci para dar uma ajuda.

O carro-chefe da exposição foi Brasília. Não poupou críticas à concepção urbanística da cidade. Argumentou que a "unidade de vizinhança" era algo que tendia a eliminar a vida privada, assemelhando-se a refúgios. Seu argumento era que, em nossa civilização, a vida pública tende a tudo invadir, alastrando-se em torno de nós de forma asfixiante. Contribuir para desprivatizar o que resta de espaço privado é desumano. Ele mesmo tivera oportunidade de assistir a briga de marido e mulher através de vidraças de apartamentos. Transitar de uma "unidade de vizinhança" à outra requeria um veículo. "Tomemos um carro para atravessar a rua", disse chacoteando. Na tradução, eu tentava imitar o tom em que ele falava, arredondando as frases e escandindo as palavras, como bom *normalien* que era.

Alguém indagou como era possível que homens de esquerda, caso notório de Oscar Niemeyer, houvessem concebido uma cidade que impunha um estilo de vida fascista. Sartre atalhou observando que a palavra fascista era demasiado forte. Disse que ia fazer uma revelação: ouvira do próprio Niemeyer que não é possível criar uma cidade capaz de conduzir a um sistema socialista de coabitação em um país que não é socialista. A idéia de Niemeyer, acrescentou, fora construir um sistema onde partilhassem o mesmo espaço habitacional, sem distinção, pessoas que servem e pessoas que são servidas. Mas fora obrigado a descartar essa idéia, forçado pelas circunstâncias.

KENNEDY

Na manhã do dia 14, o presidente Kennedy recebeu-me na Casa Branca, na presença de várias autoridades americanas e do encarregado de negócios do Brasil, ministro-conselheiro Carlos Bernardes. Eu era portador de uma carta do presidente Jânio Quadros, que Kennedy leu atentamente em minha frente. O tratamento era "Grande e bom amigo", e no primeiro parágrafo dizia: "A necessidade de um diálogo corajoso e construtivo sobre os problemas continentais, entre dois dos maiores países do hemisfério, nunca foi tão presente como hoje. O amadurecimento político e cultural das populações latino-americanas despertou-as para a consciência insuportável de sua miséria, no mundo em que os progressos da tecnologia e da ciência tornaram possível enfrentar com êxito o obstáculo representado pela estagnação econômica. Este acordar, en-

tretanto, é hoje objeto de competição ideológica entre os sistemas e as fórmulas que pretendem resolver esse desafio histórico. Hoje, o homem latino-americano compara, a cada instante, o método democrático e o totalitário, à procura do que lhe permita atingir, no mais curto espaço de tempo, o desenvolvimento econômico e o progresso social. É preciso, sem demora, provar às populações ansiosas do hemisfério que a democracia não se esgota na enumeração teórica de direitos irrealizáveis, mas constitui um caminho seguro e eficaz de ascensão coletiva. Neste sentido, vejo com alegria que a iniciativa da Operação Pan-americana deitou raízes no continente e que movimentos como a Aliança para o Progresso vêm provar que nossas aspirações e enfoques convergem, dia a dia, para um terreno comum". Referia-se, em seguida, ao interesse já demonstrado por Kennedy pelos problemas do Nordeste brasileiro, interesse que se traduzira no convite feito a mim para expor no mais alto nível "o projeto governamental para aquela área, dentro do Plano Qüinqüenal de minha administração". E concluía dizendo: "Dirijo-me aos herdeiros de uma tradição do governo sempre criadora que soube, inclusive, quando o imperativo se fez sentir, colocar o planejamento a serviço de sua prosperidade".

GUEVARA

Guevara recebeu-me com simpatia e disse-me, em tom de burla, que tantas foram as vezes em que meu nome apareceu em suas conversas com Noyola que chegara a ter ciúme de mim. Meio encolhido na cadeira, mantinha na mão a bombinha contra asma. Estava descontraído, mas um ar meio constrangido que não o abandonava parecia encobrir alguma dor física. Talvez fosse uma maneira de manter-se em posição de reserva contra perguntas indiscretas ou incômodas lisonjas. Seus olhos pareciam recobertos por uma sombra de tristeza, mas seu olhar era incisivo e penetrante. A conversa encaminhou-se para o Nordeste e logo pude dar-me conta de que ele havia absorvido a visão mítica que Francisco Julião transmitia a interlocutores que tudo ignoravam da região. Ele imaginava as Ligas Camponesas como vigorosas organizações de massa, capacitadas para pôr em xeque qualquer iniciativa da direita visando modificar a relação de forças em benefício próprio. Superestimava Julião como líder e como organizador, e subestimava as estruturas de poder enraizadas secularmente no Nordeste. A idéia que eu fazia de Julião era muito distinta: um homem sensível, poeta, sujeito a crises psicossomáticas periódicas, capaz de perder o rumo por influência de uma mulher, mais um advogado astucioso e brilhante do que um líder capaz de dirigir as massas em ações violentas.

JÂNIO

A impressão que dava o governo Jânio Quadros era de uma nau em mar proceloso, sem rumo definido. Em sua carta ao presidente Kennedy, Quadros referira-se ao "Plano Qüinqüenal" de seu governo, mas passados seis meses não se havia reunido nenhum grupo para debater as possíveis diretrizes desse plano. A resolução 204 podia ser interpretada como elemento de uma política de estabilização no sentido de retorno à unidade das taxas de câmbio e de eliminação de subsídios. Para levar adiante essa política, seria necessário um entendimento com o Congresso, posto que peça essencial da mesma seria uma reforma fiscal capaz de proporcionar ao governo meios para prosseguir com o esforço de investimento em que o país se havia engajado.

O presidente multiplicava as iniciativas. Falou-se algum tempo que ele convidaria Rômulo Almeida para organizar sua assessoria econômica. A escolha não poderia ser mais acertada, dada a competência e a experiência de Rômulo, que fora chefe da brilhante assessoria econômica do segundo governo Vargas, havendo sido anteriormente o principal assessor de Roberto Simonsen e Euvaldo Lodi, os dois líderes de mais descortino que a classe industrial brasileira produziu até o presente. Mas esse convite não se concretizou. O dr. Cândido Mendes, professor de ciências políticas, que assumira um posto de assessor de Quadros, começou a envidar esforços para esboçar um plano. Mais de uma vez presenciei o presidente dar-lhe instruções pelo **telespeaker** para que incluísse no futuro plano esse ou aquele projeto. Tinha a impressão de que ele o fazia para impressionar o político presente que lhe formulara o pedido. Um plano elaborado por aquele método não seria mais que um rol de pré-projetos de obras. Também é possível que aquelas ordens a distância não fossem para ser tomadas a sério, tendo sido o professor Cândido Mendes adrede advertido.

Com freqüência, o presidente agia de forma a desorientar as pessoas, quiçá para submetê-las mais facilmente a seus desígnios. As relações do governo com a alta hierarquia da Igreja Católica foram, a esse respeito, exemplares. Quadros permitiu que se criasse um clima de desentendimento, e mesmo de conflito verbal, com alguns hierarcas, em particular com o núncio apostólico. Quando o clima parecia mais tenso, o presidente convocou-os a Brasília.. Era como se desejasse precipitar aquilo que os americanos gostam de chamar de um **show-down**. Criou-se uma grande expectativa no país, cujos reflexos eram perceptíveis no próprio Palácio do Planalto, onde por acaso me achava no exato momento em que se daria o encontro presidencial com os dignitários da Igreja. Não sei por que razão, estes foram reunidos em sala muito distante de onde se encontrava o presidente. Em vez de recebê-los, como de costume, nas dependências de seu gabinete, Quadros decidiu caminhar até onde estavam os prelados, e fê-lo de forma tão contundente que o ruído causado por seus sapatos ressoava ao longe, o que pareceu dar um tom extremamente agressivo à sua aproximação. Percebi que a tensão entre os prelados era grande, e que aumentava com o **stacatto** daquelas passadas que se aproximavam. Enfim, abriu-se a porta e apareceu o presidente, com o rosto tenso. Seus olhos circularam para fixarem-se no hierarca mais graduado. Caminhou então em passos rápidos para ele e precipitou-se em joelhos a seus pés, beijando-lhe as mãos. Era como se houvesse esticado a corda ao máximo para soltá-la abruptamente.

ARRAES

Na SUDENE, nossa atividade era febril, pois eu desejava que tudo estivesse em ordem para qualquer eventualidade. No dia 31 de março, estava em meu gabinete quando, às 22h30, entrou um auxiliar para informar-me de que ouvira pela *Voz da América* que uma sublevação militar brotava em Minas Gerais, citando os nomes dos cabeças etc. Engoli meu travo de humilhação pensando que seria sempre pelos "irmãos do Norte" que tomaríamos conhecimento do que de importante acontecia entre nós. Várias confirmações chegaram em seguida. À meia-noite, um vigia subiu nervoso informando que militares haviam postado uma metralhadora em face do edifício. Saí do meu gabinete à 1h30 de 1º de abril, e a metralhadora havia sido escondida, ou eu não a vi.

Dirigi-me para casa, em Boa Viagem. A meio do caminho, veio-me ao espírito, como uma faísca que subitamente deixa ver no meio do escuro, que tudo podia estar sendo decidido naquele instante. Em casa, eu seria facilmente preso e posto à margem de tudo. Se havia de ser preso, desejava antes assumir uma posição que me identificasse com as forças que lutavam para preservar a ordem democrática no país. Disse ao motorista que desse meia-volta e se dirigisse ao Palácio das Princesas, sede do governo estadual. Lá encontrei um grupo de pessoas em torno ao governador Miguel Arraes, que falava ao telefone. Tinha aspecto cansado, e mesmo doente, exibindo uma forte inflamação em um dos olhos. Vestia roupão, como se houvesse saído da cama. Enquanto ele falava, observei as fisionomias apreensivas dos presentes.

Às 3h, Arraes recolheu-se para repousar e, passadas as 4 horas, decidi ir até minha residência, onde vivia sozinho, tendo como única companhia um cachorro. Aqui e acolá cruzei tanques de guerra, mas em nenhum momento meu carro, de placa do governo federal, foi convidado a parar. Às 8h30 da manhã, estava de volta à cidade, dirigindo-me à SUDENE. A associação dos funcionários, seguindo ordens do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), decretara greve. A mim me pareceu uma insensatez esse ato, servindo apenas para debilitar a posição de Arraes, um dos governadores da região (o segundo era Seixas Dória, de Sergipe) que efetivamente tinha o mandato ameaçado. Voltei ao Palácio do Governo e encontrei Arraes apreensivo com a movimentação dos militares locais. (...)

Voltei rapidamente ao Palácio e pude perceber que Arraes estava a portas fechadas parlamentando com um grupo de oficiais. Como também participava o prefeito do Recife, Pelópidas Silveira, decidi empurrar a porta e aproximar-me. Arraes chamou-me para que me sentasse a seu lado. À sua esquerda, estavam três oficiais do Exército em traje de campanha, dois coronéis e um tenente-coronel. — identifiquei o coronel João Dutra de Castilho, comandante do 14º Regimento de Infantaria; à direita estava o vice-almirante Augusto Rodrigues Dias Fernandes, comandante do III Distrito Naval, e, um pouco afastado, um major do Exército. O vice-almirante dizia que estavam ali solicitando a cooperação do governador. Este tinha influência junto ao

presidente e poderia demovê-lo de sua atual posição. Afirmou que todos os demais governadores do Nordeste estavam unidos ao IV Exército, o qual havia tomado todas as medidas de segurança e era totalmente senhor da situação. Arraes respondeu que não podia parlamentar, senão na condição de governador, no pleno exercício de seu mandato, e que os militares, lançando de antemão um manifesto, haviam prefixado condições de negociação que ele não aceitava. Como político, e mesmo como cidadão, não tinha ele condições de sobreviver caso não defendesse o seu mandato até o fim. Era pai de nove filhos, e estes não o respeitariam se não defendesse suas prerrogativas de mandatário do povo que nele votara.

FREYRE

Desses jornalistas, hábeis observadores, recebi mais de uma informação curiosa. Assim, um holandês, homem de grande experiência que, havendo antes visitado Cuba, encheu-se de entusiasmo pelo trabalho que realizávamos, disse-me que nosso conselheiro Gilberto Freyre lhe fizera uma catilinária contra a direção da SUDENE, transformada em "perigoso antro de comunistas". Gilberto Freyre fora convidado por mim — contra a opinião de Kubitschek, que desaprovou a escolha — para integrar o Conselho Deliberativo do antigo CODENO, permanecendo na SUDENE, onde representava o Ministério da Educação. Era assíduo às reuniões, mas mantinha uma atitude displicente, e mesmo indiferente. Jamais tomara a iniciativa de um projeto, como se desejasse deixar claro que não estava "envolvido" ou que não atribuía importância ao que dizia, como se desejasse precaver-se contra adulterações de suas palavras nas atas que registravam os debates. A hipertrofia de seu ego e sua vaidade desvairada eram motivos de chacota geral, mas todos, que muito havíamos aprendido em sua obra, lhe tributávamos um tratamento respeitoso. Eu atribuía seu comportamento a certa ojeriza pela economia, matéria que não lhe despertava qualquer interesse e da qual poucos conhecimentos tinha. Certamente ele via economicismo em tudo o que fazia a SUDENE, mas sendo um homem de elevado nível cultural, que habitava o Recife, onde estava o grosso de nosso *staff*, eu não via explicação para que nos caracterizasse daquela forma a representantes da imprensa internacional. Em face desse antecedente, despertou-me preocupação que ele, na fase em que éramos mais atacados, tenha feito uma representação verbal contra a administração da SUDENE, acusando-a de haver falsificado a sua assinatura para surrupiar o seu *jeton*.

Universidade

De volta para o futuro

O reitor da Universidade Nacional de Brasília publica nesta semana um contundente livro — *Na fronteira do futuro (O projeto da UNB)* — onde aponta as mazelas atuais do ensino acadêmico, a sua falta de perspectiva, o corporativismo dos professores, a atuação reacionária da esquerda, e lança um desafio para que a universidade saia do marasmo. Aqui, alguns trechos de seu incisivo diagnóstico:

Cristovam Buarque

Medo

Não há menor inimigo da produção do que o medo. Todavia, ele tem estado muito presente na universidade. Primeiro, o medo do mercado de trabalho. Os alunos, preocupados com a obtenção de emprego e conhecendo as leis de mercado, sabem que o mais recomendável é o bom comportamento. Em vez de idéias novas e atrativas, aprendem a manejar ferramentas para responderem, sem criticar, aos problemas formulados pelos futuros empregadores.

Os alunos percebem que os que criticam, têm idéias próprias e são ousados, podem às vezes ter sucesso, mas também podem ser rejeitados no processo. Para evitar riscos, deixam que o medo conduza a formação profissional, estudando apenas conforme o professor ensina, limitando-se a mostrar que aprenderam as lições.

Alguns professores, em geral, os mais inseguros, abusam da arrogância e do poder de que dispõem, como forma de defenderem-se de outro medo: o de perderem a reputação, que em grande parte depende dos alunos.

Em regime ditatorial a estes medos internos soma-se o medo do Estado e do aparelho repressivo, pelo seu poder de aumentar e reduzir os recursos à universidade, impor controles, censurar ou prender quem contesta. Medo que não desaparece com a democracia, onde mudam os instrumentos de repressão, mas continua o controle das legislações. A democracia não elimina o medo, modifica seus agentes e as formas de sua manifestação.

Perda de sedução

Ao longo de sua história uma das características da universidade brasileira foi o seu enorme poder de sedução para a juventude. Para os jovens, a universidade era a meta a atingir. A aventura a ser vivida. O caminho ideal para a conquista do mundo. O universitário era um jovem orgulhoso de seu status.

Nos últimos anos, a perda do status social, a pulverização dos cursos, o risco do desemprego, a aprovação quase automática, o ensino massificado, levaram à perda do poder de sedução. Hoje, o aluno já não sente o prazer que antes sentia à universidade.

A perda do poder de sedução faz o estudante ver como aborrecida parte de sua vida, a ser cumprida com paciência, sem mobilização, interesse e participação.

Como qualquer instância social, nos momentos de evolução a universidade vive em euforia e tem mística. Nas crises, cai no pessimismo. Ao perderem a clareza do papel utilitário, ao perceberem a crise da instituição, ao compararem seus salários com os dos profissionais menos preparados, e a sofrerem de forma generalizada os efeitos do envelhecimento sem substituição por jovens, os professores esquecem o élan e caem no pessimismo.

Não seria absurdo dizer-se que hoje muitos professores e alunos não acreditam em propostas novas e até mesmo desejam, no íntimo, o fracasso de qualquer inovação. Como conseqüência, a universidade perde a alegria e o entusiasmo que deveriam caracterizá-la.

A universidade das "Carmina Burana," dos trotes, da festa permanente, cedeu lugar à instituição dominada pela tristeza, com bolsões de alegria. Em parte este pessiminsmo é herança do passado: a exigência da imolação cristã; o culto à melancolia entre os intelectuais desde o século 18; a amargura de revolucionários no século 19, formaram a idéia de que a atividade universitária exige carranca de tristeza. A palavra seriedade tanto pode significar quem-não-ri como quem-é-rigoroso-no-trabalho-intelectual. Esta identidade criou dentro da universidade a aversão ao humor; como se não fosse possível demonstrar alegria ao mesmo tempo que se produz com rigor.

Como causa ou efeito, a tristeza dificulta a formação de grupos, a consolidação da amizade e a militância — em todos os sentidos — aprisionando a universidade e impedindo-a de ser elemento de criação da liberdade e local da prática do prazer de usar esta liberdade.

Sob as ditaduras, a falta de alegria é compensada pela resistência contra o autoritarismo. Na democracia, porém, é apenas cadeia a mais de aprisionamento.

Mesmice

Recentemente, uma professora da Universidade Federal da Bahia dedicou todo o seu fim-de-semana a preparar sua aula, que era composta de noções sem sentido. Na segunda-feira, durante 20 minutos, deu sua aula para a atenta e cuidadosa platéia de alunos que copiavam tudo o que ela dizia. Quando não resistiu mais a farsa, a professora gritou aos alunos, chamando-os à realidade e mostrando-lhes a quantidade de asneiras que deliberadamente tinha exposto. Para sua surpresa, dois ou três alunos continuaram anotando suas últimas considerações. Os demais, atônitos, esperavam que ela "voltasse" aos assuntos do curso. Mesmo assim, a partir de então, melhorou o curso, com mais participação.

Nada pode fazer o aluno crescer mais do que o professor que ensine, oriente-o na descoberta e uso de um método para que, juntos, façam avançar o entendimento. Nada impede mais o crescimento do aluno do que o professor cuja aula se transforme em bonitas apostilas eficientes para que ele passe nos exames, substituindo o método da descoberta pelo discurso de memória.

A memória aprisiona a universidade. Os alunos, ao concentrarem-se no desenvolvimento do potencial mimético, se despreocupam com o entendimento. Relegam o sentimento, a intuição e a compreensão, em favor da pura e simples *decoreba*. Isto impede os alunos de desenvolverem a própria criatividade.

O professor-pensador que a universidade exige não surgirá enquanto não se perceber a transitoriedade e a fragilidade de qualquer perfeição, de toda a beleza e mesmo do maior rigor teórico, graças à contestação, à busca de alternativas através de dúvidas, contra a mesmice.

Preconceito

É comum, na universidade, que um professor não compareça às conferências de colegas, para não prestigiá-los, quando tenha posições teóricas diferentes sobre o problema a ser debatido. As pessoas evitam comparecer às conferências de expositores que não dirão exatamente o que elas gostariam de ouvir. Os conferencistas, em sua maior parte, também não gostam de ter ouvintes que discordem e façam perguntas contestatórias. No conjunto, expositores e assistentes só se encontram com a motivação básica do aplauso.

Este comportamento é uma forma de suicídio acadêmico; além de ser, também, muitas vezes, prova de covardia intelectual. Em vez de sintonia de idéias preconcebidas, é preciso incentivar, ao máximo, o respeitoso choque de idéias opositoras, em processo de formulação de sínteses de novas idéias.

Exige, no entanto, comportamento inteiramente diferente dos atores da universidade. É preciso que alunos e professores percam a preferência pelo monólogo e assumam a procura do enfrentamento teórico, através do diálogo firme, mas respeitoso entre posições divergentes.

Corporativismo

Grande parte da culpa pela crise de evasão de profissionais decorre da visão corporativista que toma conta das universidades. Em algumas é comum observar-se a xenofobia com que professores mais antigos marginalizam os que vêm de fora. Ou o preconceito com que os de uma ideologia ou linha teórica tentam atrapalhar os que pensam diferente. E o egoísmo com que muitos professores defendem uma política de cargos e salários incompatível com a autonomia e a dinâmica de cada universidade. Ou ainda a convivência com que o conjunto dos professores tolera a inoperância e a irresponsabilidade de muitos.

Outra grave manifestação de corporativismo é a *defesa* da instituição contra o risco de participação da sociedade nos destinos da universidade. Muitos professores, em nome da autonomia sem compromissos, repudiam critérios de avaliação, mecanismos mais rígidos de controle da carreira e a cobrança de resultados reais para a sociedade.

Mas não é apenas na defesa contra o mundo exterior que se manifesta o corporativismo. Internamente, cada unidade da universidade se apega a seus direitos e privilégios contra as demais unidades (...) Às vezes, o subcorporativismo chega às raias do absurdo, como no caso de alguns que lutam contra o aumento de salário de determinada categoria de profissionais, se o aumento não for extensivo aos demais. Mesmo sabendo que esta categoria necessita, pelo mercado, de tratamento diferenciado. A política salarial e o Plano de Cargos e Salários terminam aprisionando a universidade, que se vê impedida de usar a sua liberdade.

Entre as categorias, o subcorporativismo é muitas vezes gritante. Professores impedem que profissionais de comprovada competência participem como docentes. Funcionários impedem contratações de pessoal que a instituição necessita.

No conjunto, porém, aliados, ambos segmentos, com o apoio de alunos, defendem hoje a mais absurda forma de corporativismo: a idéia de repartir a universidade entre os seus três segmentos. Não importa qual a proporção assumida, esta segmentação, paritária ou não, é a negação da visão unitária global e livre da universidade.

Esquerda conservadora

O conservadorismo na universidade não tem a coerência do mundo em geral. No mundo externo, os conservadores dispõem de ideologia consistente, reagindo contra toda a mudança. Na universidade, muitos dos mais arraigados defensores do *status quo* acadêmico são pessoas de fortes tendências de esquerda, defensores de reformas e revoluções nos costumes, na economia, na vida social e política, mas que, reacionariamente, reagem contra qualquer mudança na estrutura acadêmica.

A esquerda na universidade passou a ver o *status quo* acadêmico como fruto de conquistas políticas, que por isto deveriam ser imutáveis. Vêem a democracia interna como fim e não como meio para servir à sociedade, exigindo constantes reformas. O mais grave é que o conservadorismo de esquerda vem também da visão socialmente reacionária, onde as mudanças são indesejáveis porque exigiriam novos esforços e a perda de privilégios.

Para manter privilégios, a esquerda universitária manifesta-se contra qualquer mudança acadêmica, com a desculpa de que elas só seriam possíveis e justificáveis depois da revolução social. Até lá seria preciso manter a atual estrutura, privilégios e acomodamentos.

Uma das razões que explicam este comportamento é a dualidade entre o discurso e o compromisso da esquerda acadêmica. Elabora o mais radical discurso e, no entanto, mantém o mais refinado e aristocrático compromisso com a elite.

Cristovam Buarque é reitor da Universidade de Brasília

UNIVERSIDADE / *Tina Correia*

República Brasileira

■ Com a palestra sobre **A cidade e a República**, a professora Maria Alice Rezende de Carvalho abre nesta terça-feir, no Riodatacentro (PUC), o **Congresso Internacional do Centenário da República Brasileira**. Organizado pela UFRJ, Uerj, UFF, PUC, Museu de Astronomia, CNPq, CPDOC, Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, Casa de Rui Barbosa, Casa de Oswaldo Cruz, Centro da Memória da Eletricidade e pelo Museu da República, o congresso — de abril a dezembro — será dividido em módulos. O objetivo é realizar um balanço crítico da sociedade brasileira no Império, um perfil e um levantamento da produção historiográfica sobre a idéia da República. Até sexta-feira serão discutidos os temas **Cultura, política e cidade**, **A República e a cidade das letras** e **República, tradição e progresso**.

■ Abertas as inscrições para o Congresso Internacional **A Revolução Francesa e o Brasil — Imagens e repercussões** de 22 a 27 de maio, comemorativo do Bicentenário da Revolução Francesa. As conferências e mesas-redondas serão sobre os temas **O impacto da Revolução Francesa no Brasil**, **A Revolução Francesa e as concepções de nação e estado**, **Revoluções, economia e sociedade**, **a Revolução Francesa, a ciência e a cultura** e **A Revolução Francesa e a luta social**. Promovido pelo IFICS UFRJ, a coordenação do congresso está sendo feita pela professora Célia Freire, do IFICS, e pelo professor Michel Vovelle, diretor do Instituto de História da Revolução Francesa, na Sorbonne. Informações pelos telefones 520-9259 e 221-0341.

Primeiro presidente da República: Marechal Deodoro da Fonseca — 1889 a 1891

Estudante profissional

Se depender do reitor da Uerj, professor Ivo Barbieri, está decretado o fim do **estudante profissional** — aquele aluno que ano após ano repete o ritual de matricular-se e depois trancar o curso. No ano passado, dos 16 mil alunos regularmente inscritos, 1500 não assistiram a uma aula sequer, o que equivale a quase 10% dos universitários.

Este ano a **operação limpeza** já afastou cerca de 170 "inquilinos universitários", alguns com mais de 10 anos de casa, e estabeleceu um prazo de seis a sete anos para a conclusão de um curso.

Afinal, universidade é para quem estuda...

Caixa vazia

Os reitores Paulo Renato de Souza, da Unicamp, e José Goldemberg, da USP, não escondiam na semana passada, durante solenidade em São Paulo, a preocupação com o tamanho do abacaxi recebido pelo engenheiro Décio Leal de Zagotti, nomeado para a nova Secretaria Especial de Ciência e Tecnologia.

É que o novo órgão, vinculado à Presidência da República, nasce sem um tostão em caixa. As verbas dependem do Congresso e não há previsão de quando serão aprovadas.

Pirataria

Desapareceram entre o campus e o caminho de casa alguns bolsistas da Capes beneficiados pelo PICD (Programa Institucional de Capacitação Docente), que permite ao professor acumular o salário da universidade de origem com bolsas de NCz$ 475,00 para mestrado e NCz$ 588,00 para doutorado. Esses "desaparecidos" receberam o dinheiro da bolsa e sumiram sem concluir o curso. Há ainda os que concluem o curso, mas ficam seduzidos pela Cidade Maravilhosa e não retornam, embora tenham, durante algum tempo, recebido salários de suas universidades. Isto é que os acadêmicos chamam de "pirataria de docentes."

Há estudantes que encaram o benefício como uma complementação do orçamento familiar. Uns conseguem acumular bolsas de instituições diferentes — o que é ilegal, segundo a coordenadora de bolsas no país, Ângela Santana. Na PUC/RJ uma turma inteira de bolsistas não conseguiu cumprir os créditos no tempo regular e alguns alunos esticaram tanto as prorrogações que perderam a vaga e após novo exame de seleção recomeçaram os estudos.

Desta vez, certamente, sem direito a bolsas.

Lembrete

O CNPq recebe inscrições até o dia 15 para diversas modalidades de bolsas no país, desde auxílio individual à pesquisa, aperfeiçoamento e especialização (tipo A), pesquisador visitante, mestrado, doutorado até pós-doutorado.

Curso

Encontra-se no Rio o professor de História Latino-Americana da California State University, Sheldon Maram, para ministrar o curso **Evolução industrial do Brasil — de 1930 a 1964**, durante este semestre no departamento de História do IFICS.

O profeta da abertura brasileira

O espanhol Juan José Linz, professor de sociologia na Universidade de Yale, EUA, e autor, entre outros trabalhos, de **Crises y cambio: electores y partido en la España de los años ochenta**, publicado em 1986 em Madri, é hoje um dos principais estudiosos da transição política espanhola. Linz, porém, não limita seu olhar ao processo de redemocratização de seu próprio país. Postado em sua cátedra em Yale, ele se habitou a acompanhar a transição política latinoamericana, o que o levou a fazer longos e estimulantes exercícios comparativos entre o que ocorre em nosso continente e o que se passa em seu próprio país. O professor Linz foi, já no início dos anos 70, um dos primeiros estudiosos a vislumbrar uma luz no fim do túnel autoritário brasileiro, num momento em que todas as evidências apontavam para a longevidade do regime militar. Parlamentarista convicto, ele vê com muitas restrições a opção brasileira pelo presidencialismo, para ele a verdadeira origem da fraqueza dos partidos e da perpetuação de velhos líderes carismáticos. Linz vê com maus olhos o processo constituinte brasileiro que, segundo ele, desembocou num texto constitucional largo demais, que pretende abarcar o país com as pernas, e assim emperra a transição. Nesta entrevista, dada horas depois de participar de uma mesa-redonda de lançamento de um livro de que é co-autor (**A transição que deu certo**, da editora Trajetório), no auditório do JORNAL DO BRASIL, ele nos fala de seu otimismo em relação à transição espanhola e de suas restrições à transição brasileira. Mesmo com estas restrições, porém, ele é otimista e julga que o Brasil está em definitivo fadado à democracia.

R.T. Fasanello

José Castello

— O senhor foi um dos primeiros estudiosos a antever, antes mesmo do governo Geisel, a transição brasileira para a democracia. Como isso se deu?

— Minha análise era que, dadas as características sociais, políticas e históricas do Brasil, não havia base ideológica para a institucionalização do regime militar no país. Mais cedo ou mais tarde, a transição para a democracia, a abertura, teria que chegar. Não cabia uma saída à moda do fascismo, não cabia um partido único dominante como no México, não havia solução que pudesse fornecer uma continuidade para o regime militar. A crise brasileira não tinha sido tão profunda quanto a argentina, que se caracterizou pela ação terrorista. Não houve a hostilidade, nem o medo, que dominou os setores conservadores do Chile. Havia, todo o tempo, uma consciência latente de que o país teria que retornar a uma situação democrática. Aos líderes políticos bastou ver que havia uma disposição para a abertura e que lentamente se tinha que fazer uma transição, porque não havia outra saída.

Presidencialismo
O enfraquecimento dos partidos não é apenas um problema brasileiro, ele é um problema inerente à opção pelo presidencialismo

— O senhor apontou a opção pelo presidencialismo como um caminho que enfraqueceu a transição brasileira. Por que?

— Costuma-se dizer que a transição brasileira é lenta porque os partidos políticos brasileiros são fracos, sem identidade. Acontece que este enfraquecimento dos partidos não é um problema apenas brasileiro, ele é um problema inerente à opção pelo presidencialismo. No presidencialismo, o Congresso atua como um crítico constante do presidente, um franco atirador que obriga o presidente a negociar constantemente. Os partidos não dividem responsabilidades de poder, e por isso não amadurecem. Isso acontece inclusive nos Estados Unidos, onde os partidos políticos igualmente não têm solidez ideológica. Este não é um problema brasileiro, ou americano; é um problema inerente ao sistema presidencial.

— Que diferenças principais o senhor vê entre a transição brasileira e a espanhola?

— A primeira diferença importante está exatamente no regime de governo. A Espanha fez uma opção pelo parlamentarismo, com uma monarquia constituciuonal, o que possibilitou que nas eleições cada partido aparecesse com uma personalidade própria, sem a presença deformante das coalizões. Não houve, por exemplo, a situação de ameaça que poderia ser representada por uma frente popular, que incluísse socialistas e comunistas. Cada partido apareceu, desde o início, com sua própria personalidade. Os partidos tiveram que colaborar entre si para manter o governo no poder e também para governar. Sem uma maioria absoluta, só restava aos partidos trabalhar na base da colaboração.

Diferenças
A transição brasileira encontrou uma forte tradição nacionalista, além de ter um problema militar mais complexo que o espanhol

— De todo modo, o ponto de partida das transições espanhola e brasileira é diferente.

— Havia em comum o fato de que, em ambos os países, o regime autoritário resultava inviável e nem por isso havia qualquer possibilidade revolucionária que pudesse ameaçar o autoritarismo. Os atores no poder também sentiam que era preciso abrir mão do poder e havia em consequência uma grande disposição para a negociação — muito maior do que, por exemplo, encontramos hoje no Chile de Pinochet. Tanto na Espanha quanto no Brasil houve uma reforma baseada em um pacto, ainda que no caso espanhol tenha havido muito mais uma ruptura através de um pacto, enquanto no Brasil não se pode falar em ruptura.

— Que outras dificuldades caracterizam, a seu ver, a transição brasileira?

— A transição brasileira tem componentes que dificultam muito a ação dos políticos. Em especial, a forte tradição nacionalista que domina certas concepções de política econômica e social, nódulos que precisariam ser amplamente discutidos. Além da tradição nacionalista, o Brasil tem um problema militar mais complexo que o espanhol. Depois, o Brasil fez sua nova Constituição de uma forma demasiado complicada, gerando expectativas que uma Constituição não pode, nem deve tentar satisfazer. Uma Constituição não é um instrumento para implementar políticas econômicas ou sociais, mas sim um marco de liberdades públicas e de direitos fundamentais. Além do que a Constituição brasileira foi especialmente lenta, especialmente complexa para estabelecer as regras do jogo — e esta sim é uma tarefa urgente da Constituição.

Democracia
Ela não garante que o governo vai funcionar desta ou daquela maneira, mas deixa o país livre tanto do golpismo quanto da revolução

— No caso brasileiro, com muita rapidez, as grandes esperanças jogadas na redemocratização se esvaneceram e o país caiu no pessimismo. Isto não houve na Espanha?

— Na Espanha também houve. Foi o período, em torno dos anos 79-80, que os jornalistas chamaram de desencanto, causado por problemas e crises reais. Mas não podemos confundir a perda de confiança em um governo com uma crise da democracia, com a perda de fé na democracia como fórmula política. A confiança nas instituições democráticas, na Espanha, se mantém constante, apesar da perda concreta de confiança em determinadas situações políticas. Esta é uma distinção importante que deve ser matéria de reflexão para a transição brasileira. O modelo pode ser bom, apesar de às vezes funcionar mal. Estou certo de não há no Brasil, hoje, um desejo de retorno a um sistema autoritário. As pessoas às vezes dizem que sob o sistema autoritário havia prosperidade econômica, mas isso não significa que deva haver sistema autoritário, nem que a prosperidade econômica só se dá sob o autoritarismo. Na Espanha, ao menos, as pessoas sabem muito bem distinguir a democracia — com as instituições democráticas, a liberdade — da obtenção imediata de resultados econômicos desejáveis.

— Um dos pontos levantados no debate de segunda-feira foi que a idéia de democracia, na transição brasileira, tornou-se demasiadamente abstrata. O que o senhor pensa disso?

— Há uma tendência do pensamento político nos últimos 20 ou 30 anos de identificar o sistema político e social com um conteúdo econômico concreto. Em lugar de ver o sistema político como uma regra para o jogo entre as diversas tendências políticas, uma regra que busca harmonizá-las, tende-se a ver a democracia como um sistema que indicaria a maneira como o governo vai funcionar. A democracia não garante que o goverño vá funcionar desta ou daquela maneira; garante apenas que as regras do jogo são competentes para resolver os conflitos pacificamente, que o país está livre tanto da revolução como do golpismo. Garante que, quando um governo vai mal, há a possibilidade, ainda que dentro de um tempo limitado, de substituí-lo por outro. Mas o economiscismo ataca estas garantias. O economicismo, vale destacar, não é só de esquerda. A linguagem, os argumentos de um Pinochet, se o ouvimos com atenção, são tão economicistas, tão marxistas quanto os argumentos dos mais marxistas. Pinochet no início acreditava, por exemplo, que com o desenvolvimento econômico os partidos de esquerda desapareceriam, as diferenças sociais desapareceriam, crendo que a economia define tudo. Não é verdade. Pinochet jamais seria identificado por alguém como um marxista; pois ele pensa como um marxista.

— Qual seria, em essência, a diferença entre as transições brasileira e espanhola?

— A diferença básica entre as transições latinoamericanas e a espanhola é que na Espanha a ruptura com o passado, com o franquismo, foi total, enquanto nos países latinoamericanos houve uma restauração do passado. O exemplo mais gritante me parece ser o do Uruguai. Todo o sistema complicadíssimo da política uruguaia passada voltou a existir com a redemocratização, como se nada se tivesse se passado. No Brasil não tanto, mas aqui também a transição tem um elemento importante de restauração. Na Espanha nós optamos por renovar, nos vimos obrigados a renovar. Quem poderia imaginar que a Espanha, em plena segunda metade do século 20, iria instaurar uma nova monarquia parlamentar? No entanto, a Espanha tem uma monarquia constitucional estabelecida. Ou seja, a Espanha soube usar peças do passado para olhar para o futuro, enquanto que na América Latina as transições estão sempre preocupada em reconstituir o passado, em revivê-lo.

Inovação
Quem poderia imaginar que a Espanha, em plena segunda metade do século 20, iria instaurar uma nova monarquia parlamentar?

— Em seu artigo, no livro lançado pela editora Trajetória, o senhor fala do aparecimento das novas lideranças espanhola. Como elas surgiram?

— Sim, o cenário político espanhol hoje tem homens jovens, de idéias novas, que não estão mais dispostos a se ver atados pelo passado. O mesmo se devia dar no Brasil. Se, com a transição, vocês têm um país novo, as lideranças deveriam se renovar. Quantos brasileiros hoje viveram sob o regime de João Goulart, eram adultos e atuantes na época? Agora, não me pergunte a fórmula, ela não existe. Não existem líderes fabricados, as situações históricas é que criam líderes. O importante é perceber que o regime presidencialista emperra a renovação de lideranças, é um regime que se prende às velhas lideranças carismáticas, que tem uma estrutura muito rígida e de difícil renovação. No parlamentarismo, os líderes só sobrevivem, só duram enquanto continuam a merecer a confiança da população. Se perdem a confiança, perdem também a liderança.

— Apesar destas limitações que o senhor aponta, o senhor continua a confiar no suceso da transição brasileira.

— Mas claro. Há no Brasil um clima de tolerância básico e isso é importante porque existe uma diversidade muito grande de forças sociais em jogo, pois o país é muito heterogêneo. Há, de fato, um pessimismo, mas, como já disse, penso que no Brasil existe também uma consciência de que, apesar de todo o pessimismo e toda a decepção, o retorno ao regime autoritário não é uma solução. O país está pronto para ser uma democracia. Resta saber se o caminho democrático será mais ou menos legítimo.

— O que o senhor pensa da habilidade dos sindicatos brasileiros para negociar a democracia?

— É preciso ver, primeiro, que na Espanha a repressão ao movimento operário foi muito maior que no Brasil. O movimento operário no Brasil surge, ou se fortalece, dentro do próprio regime autoritário. Talvez por isso os líderes operários brasileiros não tenham tanta consciência, como os espanhóis, da importância da democracia para a liberdade sindical. Na Espanha os sindicatos têm muito mais consciência de que vale a pena fazer sacrifícios, abrir mão de interesses imediatos de seus filiados, em troca da construção democrática. É verdade que na Espanha a transição surge num momento em que o nível de vida, as condições sociais, o padrão de renda é superior ao brasileiro, e isso também não se pode esquecer. Se o padrão de vida é mais elevado, é mais fácil abrir mão de algumas vantagens imediatas.

Sindicatos
Na Espanha, eles tiveram consciência de que deveriam abrir mão de seus interesses mais imediatos em troca da construção democrática

— Quais foram as maiores dificuldades na transição espanhola?

— Nós tivemos que enfrentar alguns problemas bastante graves como, por exemplo, a questão da autonomia catalã e basca. Hoje, com dez anos de Constituição e quase doze de transição, nós espanhóis nos orgulhamos do que fizemos justamente porque sabemos que não foi fácil, que houve muitos momentos de desespero. Na transição espanhola tivemos muitos mais mortos do que na transição brasileira — basta pensar no terrorismo da ETA. Mas, contra tudo isso, houve uma convicção política de que a transição devia ser feita. Houve uma vontade de colaborar muito forte, uma decisão de ter sucesso muito determinada, um espírito de sacrifício — de interesses, vantagens pessoais, etc — muito forte. Queríamos fazer, decidimos que íriamos fazer, e fizemos.

— O senhor pensa que a transição democrática espanhola tornou-se um modelo para outros países, ou transformá-la em modelo é perigoso?

— Não penso muito em modelos. É verdade que não incorremos em erros como, por exemplo, na transição portuguesa, em que a democracia correu riscos. Não houve, nem de longe, qualquer ameaça de se repetir o que aconteceu em Cuba ou na Nicaragua, países que optaram por outras fórmulas de transição — e cujas transições terminaram em resultados não democráticos. É claro, tudo fica mais fácil se existe boa vontade da parte dos herdeiros do regime anterior. Por exemplo, no caso chileno o grupo que está no poder faz tudo o que pode para tornar a transição democrática difícil. As transições, em si, não são fáceis. A espanhola envolveu dificuldades especiais dadas as características do regime de Franco, que era um regime muito institucionalizado. Não havia uma guerra colonial fracassada como a portuguesa para acelerar o processo, ou uma situação conflituada e desesperada como na Grécia, e no entanto fizemos a transição. No início também tivemos, como na Argentina, forças políticas que desejavam se vingar do passado, julgá-lo, condená-lo; mas logo predominou a posição de que isso não levaria a parte alguma. Além do que há na Espanha uma consciência de que o Estado não pode resolver todos os problemas da população. Uma pesquisa de opinião recente em Madri quis saber: "que problemas o Estado pode resolver? Todos? Quase todos? Bastante problemas? Alguns? ou Nenhum?" O resultado mostrou que a maior parte da gente sabe que o Estado não pode resolver todos os problemas, ou quase todos. A transição na Espanha foi feita dentro deste espírito: de que aos políticos não cabia tudo, que todos tinham que entrar com sua cota de colaboração para que a democracia fosse construída.

Dificuldades
Sabemos que a nossa transição não foi fácil. Tivemos mais mortos do que na transição brasileira — basta pensar no terrorismo da ETA

DOMINGO

JORNAL DO BRASIL

A b eca de cada um

Ano 13, nº 674, 2 de abril de 1989. Não pode ser vendida separadamente

BELEZA

A HIDRAT

Índices: a idéia que mudou tudo.

Enfim descoberta a solução definitiva para o problema da desidratação.

Helena Rubinstein desenvolveu o maior estudo científico já realizado até hoje sobre o mais importante fenômeno da pele: a hidratação. Mais de mil pessoas foram examinadas por dermatologistas renomados, nos laboratórios de Helena Rubinstein. As descobertas científicas decorrentes desta pesquisa foram revolucionárias:

- O nível de hidratação de uma pessoa é único e seu índice geneticamente determinado.
- Foram definidos dois grandes grupos: o primeiro de pessoas com peles normais ou levemente desidratadas; o segundo, pessoas com peles extremamente desidratadas. E ambos os grupos podem passar por períodos de intensa desidratação.
- Os níveis de hidratação não são afetados pela idade.
- Os níveis de hidratação da pele sofrem influências das condições do meio ambiente, como temperatura e umidade, e de situações como stress e gravidez.
- Tanto as peles secas como as oleosas sofrem o problema da desidratação.

Diante de tais descobertas, a equipe internacional dos laboratórios de Helena Rubinstein partiu em busca de uma solução definitiva, que veio com a descoberta do complexo hidrogênico. Este complexo funciona na pele como uma esponja de moléculas de água, impregnando-a e hidratando-a instantaneamente, mesmo ao nível das camadas mais profundas.

Desta forma, a pele readquire imediatamente flexibilidade, maciez e conforto.

Agora, o mais importante é que a hidratação adquirida pela pele é mantida a um excelente nível, por 8 horas.

Finalmente, para atender as diferentes necessidades dos dois grandes grupos, Helena Rubinstein desenvolveu Précision H_2O, através da concentração do complexo hidrogênico em índices diferentes, de forma a atender a necessidade exata de água para cada pele.

- Précision H_2O, índice 4: para peles com teor hídrico normal ou levemente desidratadas.
- Précision H_2O, índice 7: restabelece o nível de hidratação de peles extremamente desidratadas, eliminando imediatamente as sensações de repuxo.
- Précision H_2O, gel de hidratação total: tratamento intensivo para aqueles períodos de extrema desidratação da pele.
- Agora, mulheres de todo mundo já podem fazer um tratamento hidratante personalizado, muito mais eficaz e preciso, mantendo suas peles sempre saudáveis e bonitas.

Quem vai ao ar...

Quem vai ao ar — dizia-se outrora — perde o lugar. A receita é segura. E só não a repetem mais porque, hoje em dia, os provérbios caíram em desuso.

Contava-se, também, há certo tempo, a história tristíssima e instrutiva da jovem que morreu solteira porque dançou com o Príncipe de Gales, em Minas. Para dizer a verdade, nem sei se o Príncipe de Gales (o que depois, por tempo mais breve que o de um suspiro, foi Eduardo VIII antes de casar-se com uma americana arrivista) chegou a ir a Minas, quando esteve por aqui. Mas pouco importa que tenha ido ou não. Dançou com a jovem. Ou, talvez, nem isso — conversou com a moça. O fato é que esta ficou enfatuadíssima.

Depois disso, nada mais a agradou. Não havia riqueza bastante rica, nem nobreza que chegasse aos pés da realeza da Casa de Windsor. Se foi feliz ou infeliz, não sei e bem pouco me importa. Me interessa aqui só como exemplo.

Pois não é que, ponderado leitor, fiquei eu assim depois que, outro dia, jantei no *Laurent*? Foi de tal modo o jantar felicíssimo que, por uns tempos, nada me agradou e diante de qualquer prato, ainda que fino, torcia, com impaciência, o nariz. A alma humana é muito aborrecida! E mesmo mais de uma semana depois do tal jantar, quando tentava, com Mme K., encontrar algum digno restaurante onde pudéssemos ir, não o encontrava. Pensamos e sofremos até que me lembrei do *Le Streghe*. "A idéia é excelente!", aprovou minha amiga.

Fomos. Mas Stefano, o dono, não estava lá. De que outras coisas cuidava, não me disse o *maître*, nem poderia dizer, que não lhe perguntei. Mas, sem ligar muito à coisa, pedimos, de início, uns *penote* com aspargos, massa que, se não tivesse demorado quase uma hora inteira para chegar, nos teria dado prazer razoável. Mas me encontrou tão mal-humorado e triste de esperar que nem ela, nem a lagosta à Catalana (que vem a ser uma salada) de Mme K. fez minha amiga ficar feliz, embora fosse saborosa a coisa.

Mais esperávamos do que vinha depois. Uma costeleta de vitela à milanesa, com um risoto de cogumelos para Mme K. e, para mim, uns miolos de vitela, à milanesa também e com *funghi* e funcho. São pratos que a casa faz com inegável maestria. No entanto, estavam razoáveis só. Talvez nem tanto, que o empanado da vitela se soltava e estava longe de ser fino e digno. Quanto aos miolos — de tempero, bons — estavam mais moles do que deveriam. E miolo mole boa coisa não é.

Dirá o leitor que, com dedo preciso, mostrei a causa da decepção. Como a infeliz moça de Minas, tínhamos provado de algo melhor. Mas não creio que tenha sido só isto. Sem o dono ao lado, as casas definham. Por isso duram os restaurantes daqui (o que não será o caso do *Le Streghe*) o tempo de fazer sucesso e pffffft e adeus!

CREDICARD ABRE O APETITE.

Credicard apresenta algumas sugestões para o seu almoço ou jantar: carnes, frutos do mar, frango e massas em ambientes acolhedores e refinados. Credicard sugere. Você escolhe. Bom apetite!

DINHO'S PLACE

Rua Dias Ferreira, 57/A - Leblon
Tel.: (021) 294-2297
Tradicional churrascaria paulista.
Dois anos de sucesso no Rio com suas saborosas carnes diferenciadas, servidas em ambiente de alta classe, tendo como seu carro-chefe o consagrado *"Bife-de-Tira"*, uma exclusividade inigualável, além de um farto cardápio "À la Carte" de um verdadeiro show em carnes nobres. Aos sábados, a mais concorrida *"Feijoada"* do Rio e, às 3ªs, 5ªs, 6ªs, sábados e domingos, no almoço, *"Buffet de Grelhados"*, self service, a preço fixo.
Crianças grátis.
Ar-refrigerado perfeito e manobristas.

CALIFA DE BAGDAD

Av. Sernambetiba, 6000 - Barra da Tijuca
Tel.: (021) 385-3322
É a primeira casa com show árabe do Rio, onde se pode apreciar a famosa "dança do ventre". Além do show, todas as noites, de 5ªs, 6ªs e sábados há cantores e músicos ao vivo. A decoração, também caracterizada por toques orientais, provoca um clima perfeito para o show. A casa conta com pratos de primeira da cozinha árabe. Faça sua reserva e curta o Califa de Bagdad, onde o Oriente está sempre presente.

THE QUEEN'S LEG'S

Av. Epitácio Pessoa, 5030 - Lagoa
Tel.: (021) 226-3648
Ambiente descontraído em casa típica inglesa. Enquanto você toma seus drinques, poderá também jogar variados jogos de mesa, bem como o tradicional inglês "jogo de dardos". Você brinca, namora, paquera, joga, enfim o The Queen's Leg's é democrático, o espaço é seu. O estilo "Pub Inglês" lhe reserva o melhor.
Variados petiscos, num total de vinte tipos para drinque nenhum ficar "sozinho". Vá conferir!

DINHO'S PLACE

RIO'S

Parque do Flamengo s/nº - Flamengo
Tel.: (021) 551-1131
Localizado à beira da Baía da Guanabara, o Rio's oferece um belo visual, como também uma cozinha internacional de alta qualidade. Nos seus salões circulam, freqüentemente, políticos famosos, empresários e, claro, você.
Para os que não sabem, o Rio's não é só um restaurante 5 estrelas, é um descontraído bar, ao ar livre, onde se sente a brisa do mar no rosto.
Perfeito para um animado bate-papo de fim-de-tarde carioca.
A pedida da semana - *"Parrilhada de Frutos do Mar"* - porção para duas pessoas.

PLATAFORMA I

Rua Adalberto Ferreira, 32 - Leblon
Tel.: (021) 274-4022
Ponto de encontro dos artistas globais, a Plataforma I, com dois ambientes, oferece no primeiro piso clima de festa e as melhores carnes, dentre elas, a *Picanha Fatiada.* No segundo andar, o belíssimo e luxuoso show típico brasileiro. Com um guarda-roupa e artistas de alto padrão, o show de sucesso internacional acontece todas as noites às 22:00h.

CANECO 2

Rua Almirante Tamandaré, 77 - Flamengo
Tel.: (021) 285-7472
Isso mesmo, o Caneco 2 é "filho" do Caneco 70 do Leblon. Conserva todas as características do "pai" e, lógico, o chopinho bem tirado! Está completando o primeiro ano de inauguração. Bem localizado, no Flamengo, Largo do Machado, fica pertinho da saída do metrô, facilitando uma esticada no fim do trabalho tanto para molhar a garganta como para o almoço. O Caneco 2 conta com 2 ambientes: um com ar-condicionado e uma varanda com uma cozinha bem brasileira e internacional.

Complete seu programa indo ao teatro. Compre o ingresso com o seu cartão Credicard em um dos estandes da ACET - Praça N. Sra. da Paz, Ipanema, esquina Rua Maria Quitéria, Rio Sul Shopping Center - 1º Piso ao lado da Caixa Econômica Federal e Largo da Carioca, esquina Rua Uruguaiana.

Os restaurantes que Credicard indica são mesmo de dar água na boca. E todos aceitam com prazer o seu cartão Credicard. Faça sua escolha. Você tem 30 dias em média para pagar, ou pode utilizar o seu Crédito Rotativo ou Credicard Plus. Se você ainda não tem Credicard, solicite o seu pelos telefones: Rio de Janeiro (021) 233-5614. São Paulo e demais localidades: (011) 814-3244 e (011) 815-4946.
Ou passe em uma das agências dos Bancos Associados ao sistema.

CONVERSA DE DOMINGO

Dilmar Cavalher

O charme do biscuit *nostálgico continua com muitos cultores em pleno império da Barbie*

Não parece, mas a Barbie, a boneca com jeito de mocinha perua, está fazendo 30 anos. Ela já forma um bloco de 500 milhões de balzaquianas — algumas de cabelo roxo, a maioria, porém, loura — que, de mãos dadas, daria quatro voltas no planeta. É, sem dúvida, o maior sucesso entre as bonecas, um brinquedo que foi encontrado nas escavações do império grego e que permanece, enfrentando todas as modas do consumo, imbatível entre as crianças e alguns adultos (Elba Ramalho tem pierrôs de rostinho branco no quarto, Ney Latorraca não se desgruda de um velho Pinóquio de pano).

Neste momento em que a Estrela aproveita os festejos e lança no mercado uma coleção de novas Barbies e suas amiguinhas, os psicólogos lembram que é saudável a criança ter um "objeto de projeção de suas fantasias". Mas se assustam com a voracidade com que a indústria lança novos modelos e tenta jogar a boneca do mês passado para um canto do armário. Tudo isso — o fascínio das Barbies, o culto dos nostálgicos *biscuits,* os novos adoradores, a polêmica psi — está na matéria que começa na página 22, de Cristiane Costa. Leia para sua boneca.

Joaquim F. dos Santos

DOMINGO

Editores Alfredo Ribeiro e Joaquim Ferreira dos Santos

Subeditor Paulo Vasconcellos

Repórteres Cláudio Figueiredo, Helena Tavares, Maria Sílvia Camargo, Márcia Vieira, Mauro Ventura, Sidney Garambone

Diagramadores David Lacerda, Eliana Krajcsi, Ila Maria Kohen

Colaboradores Bráulio Tavares, Dulce Caldeira, Ingo Ostrovsky, Liliane Shwob, Marcelo Gomes, Tutty Vasques, Pojucan, Gil, Eduardo Marini, Roni Filgueiras, Cristiane Costa

Secretária Oneir Pinho

Fotografia Bruno Veiga, Dilmar Cavalher, Flávio Rodrigues, Sérgio Moraes, Orlando Brito (chefe)

Moda Regina Martelli, Guiga Soares (produção)

Projeto gráfico Bitiz Afflalo

Secretário gráfico José Hildemar

Gerência comercial Heloysa Helena C. Magalhães — RJ Tels. 585-4324 e 585-4322; Tille Avelaira — SP. Tel. (011) 284-8133.

Redação Av. Brasil 500/6º andar. Tel. 585-4697

Composição e Fotolito JORNAL DO BRASIL

Impressão JB Indústrias Gráficas S/A Rua P. nº 200, Penha. Uma publicação do **JORNAL DO BRASIL.**

Nº 674, 2 de abril de 1989
Capa: Foto de Dilmar Cavalher

Sumário

As Cobras

Luís Fernando Veríssimo

ALFREDO FORTES, 44, artista plástico, pagou o parto de sua mulher com obras de arte. Parece notícia de jornal sensacionalista num país em crise, mas é uma tendência cada vez maior também entre artistas sofisticados. "A minha moeda é o meu trabalho, pago com ele", diz Alfredo, segurando orgulhoso a filha Maria Juliana, que nasceu na Sociedade Espanhola de Beneficência, assistida pelo médico German Rios. "Se fosse pagar a casa de saúde e o médico ficaria em NCz$ 2 mil. Não tenho esse dinheiro." Alfredo é dono da galeria Ligação Suburbana, no Riachuelo, e está enfrentando uma temporada de poucas vendas. "Tô pagando meu aluguel com quadros. É o jeito."

MARISA FURTADO, 25, é a cabeleireira mais intelectualizada do Rio. Ela fez o curso de programadora visual da Escola de Belas Artes e o de *coiffeuse* do Instituto L'Oreal, de Paris, e está aplicando o resultado da mistura sobre cabeças sensíveis. "Trabalhar sobre organismos vivos torna minhas "obras" um tanto efêmeras", diz. "Mas possibilita um movimento e um dinamismo únicos. É uma escultura que cresce." Ela atende no seu ateliê e não aciona a tesoura antes de conversar e sentir o que o cliente quer dizer com a cabeleira. Cita, e talvez seja a única cabeleireira carioca capaz disso, um pensamento de Miguel Angelo: "Ele dizia que não esculpia no mármore, apenas libertava as criaturas que ali habitavam. Faço o mesmo. Parto das formas da pessoa para o resultado, e não o contrário."

A cabeleireira Marisa cita Miguel Angelo para explicar as esculturas que faz nas cabeças

O artista plástico Alfredo mostra a filha Maria Juliana, que nasceu de um parto pago com esculturas que ele criou

Foto de Orlando Brito

FATIMA QUEIROZ e ARNALDO GUIMARÃES trabalharam tanto na noite que estão preparando um show de bonecos sobre o ridículo dos Baixos. Bêbados, doidos, solitários, garçons folclóricos. O espetáculo cabe numa mesa. "Bonecos de espuma expressam bem os personagens da noite", dizem.

ADAGOBERTO ARRUDA convida para o primeiro *spa* cultural. Vai ser numa pousada de Saquarema. Num fim de semana você faz work shops de arte ao redor de árvores. "É lazer e criação integrados com a natureza", diz. "Nada de sair da cidade só para ficar coarando ao sol."

Os bonecos de Fátima e Arnaldo falam da noite; Adagoberto faz um spa cultural em Saquarema

O Rio é bom demais

Quem garante é o inglês Tristan Pearson, que, cansado da depressão londrina, investe na loucura carioca

Tristan Marcus Ivan Pearson cansou de tanta civilização. Londrino de Waterloo, aos 26 anos tomou uma decisão. Londres não é um bom lugar para se viver. "A cidade me deprimia. Nós ingleses carregamos séculos de história. E isto pesa muito." Tristan preferia um país mais real. Tinha duas opções. Trabalhar num iate pelas ilhas gregas, cheio de mordomia e dólares. Ou entrar de sócio num bar no Rio. Preferiu a última. Sete anos depois, certo de que nunca mais volta a morar em Londres, Tristan é sócio do Crepúsculo de Cubatão, da crêperie Belle du Jour, que funciona há um mês no centro, e tem planos para abrir outros restaurantes e até um hotel no Nordeste. Para ele o Rio é bom não só para viver, como também para investir.

"Em Londres, todo homem se sente obrigado a dar lugar para uma mulher no ônibus. Mesmo de má vontade. Aqui, se você está passando na roleta e só tem um lugar para sentar, é só dar um empurrão e sair correndo para pegar o lugar. Todo mundo entende. Isto é que é real." Tristan não tem dúvidas: "O brasileiro vive em 1989 sabendo que existe o futuro. O inglês vive em 1889 consciente de que a Inglaterra tem um passado." Aos 19 anos, Tristan já sabia que Londres não era o seu lugar. Depois de trabalhar cinco anos no Tatlers, um restaurante em Norwich, onde começou lavando pratos e terminou como chefe de cozinha, aceitou convite para trabalhar em um hotel em Norheimsund, na Noruega. "O dinheiro era bom, mas o lugar um horror. Um frio danado e umas pessoas muito esquisitas."

Decidiu tentar algo mais quente. Pegou os dólares que ganhou em seis meses, e voltou para Londres. Só agüentou duas semanas. Fez as malas e partiu para o Peru. "Queria subir uma montanha dos Andes." Fez mais do que isso. Passou quatro meses entre Peru, Bolívia e Chile. Em Quito comeu lagarto num bairro pobre, cercado de urubu e lixo. Em La Paz, conviveu sem problemas com o estado de sítio e os policiais armados até os dentes nas esquinas. Dormiu em rede e bebeu cerveja quente às margens do Rio Amazonas. Achou tudo uma maravilha.

Quando o dinheiro acabou, foi obrigado a voltar para a Inglaterra. Mas aproveitou uma escala nos Estados Unidos e passou cinco meses trabalhando num fast food em Los Angeles. O visto acabou e aí não teve jeito, voltou a Londres. Sem emprego e sem dinheiro, aceitou trabalhar na cozinha de uma casa de prostituição. "Era um salário muito bom, mas não agüentei a barra. Acabei ficando mais deprimido e me demiti." Para curar a depressão, Tristan desembarcou no Rio em 81 como um dos sócios do Cochrane. Foi ele quem defendeu a entrada de brasileiros no bar, contrariando a vontade dos fregueses ingleses. "Eles achavam um absurdo brasileiro freqüentar o bar. Eu achava um absurdo um grupo de estrangeiros virem para o Brasil e não quererem conviver com as pessoas daqui."

Tristan, que saiu do Cochrane na época em que virou praticamente um reduto de gays, é o oposto de um turista tradicional. Em sete anos de Rio, só foi ao Corcovado uma vez, para levar uns amigos, nunca subiu até o Pão de Açúcar, e nem freqüentou os shows de mulatas do Oba-Oba. Preferiu ir ao Morro da Urca assistir Angela Ro Ro e Paralamas do Sucesso, e para conhecer o samba foi ao ensaio da Mocidade Independente de Padre Miguel. Praia nem pensar. "No Rio, é muito suja. Bom é em Natal e em Florianópolis, onde se pode nadar com tranqüilidade, sem cocô." Os cariocas não precisam ficar ofendidos. Tristan é um apaixonado pela cidade. "Aqui as pessoas são pobres, mas felizes. Os londrinos não têm problemas de dinheiro, mas são tristes."

Nem a violência da cidade atingiu Tristan. Só foi assaltado uma vez, num ônibus da linha 123 (Leblon — Central). "Fiquei com raiva porque a culpa foi minha. Coloquei NCz$ 40 no bolso e deixei as notas aparecendo. Seria assaltado aqui ou em qualquer outro lugar no mundo." Tristan só se irrita com os carros estacionados na calçada da Rua Lopes Quintas, por onde passa todos os dias para chegar até a sua casa, na Rua Peri. "Isto é falta de civilidade." Saudades ele tem do vidro de leite, que o leiteiro deixa todas as manhãs nas portas das casas londrinas. "Este saco plástico de leite daqui é nojento."

Tristan também sente falta da vida cultural. Mas não muito. "Quando se tem à disposição, trinta concertos de rock, dez de música clássica e vinte de jazz num mesmo dia, acaba não se indo a nenhum." Mas entende os brasileiros que vão para Londres atrás desta variedade cultural. "Quem sai daqui para ser garçonete em Londres, sabe que um dia vai voltar ao Brasil. Por uns tempos, é bom." Tristan vive uma situação oposta. "Estou aqui há sete anos, e sei que nunca mais vou voltar a morar em Londres. É uma sensação maravilhosa."

Mesmo que aqui ganhe muito menos do que conseguiria se estivesse em Londre, apesar de trabalhar 14 horas por dia para dirigir o Crepúsculo de Cubatão, em Copacabana, e a Belle du Jour, no Centro. São duas casas completamente diferentes. O Crepúsculo, aberto em 84, já foi um ponto dark, e agora toca todo tipo de música. A Belle du Jour, freqüentada por funcionários do Consulado Geral dos Estados Unidos, e da Vale do Rio Doce, é especialista em crêpes, galletes (uma crêpe feita com trigo sarraceno), saladas e diferentes tipos de café.

"Eu sentia falta de lugar onde se pudesse sentar à tarde para ler um jornal, jogar uma partida de xadrez ou gamão, tomando um cafezinho." Tristan tomou alguns cuidados especiais. As mesas são bem separadas, as luzes são fracas e a música (jazz anos 30, 40 e 50 no final da tarde, e clássica na hora do almoço) ajuda a relaxar. "Comida não é tudo num restaurante. O importante é se sentir à vontade."

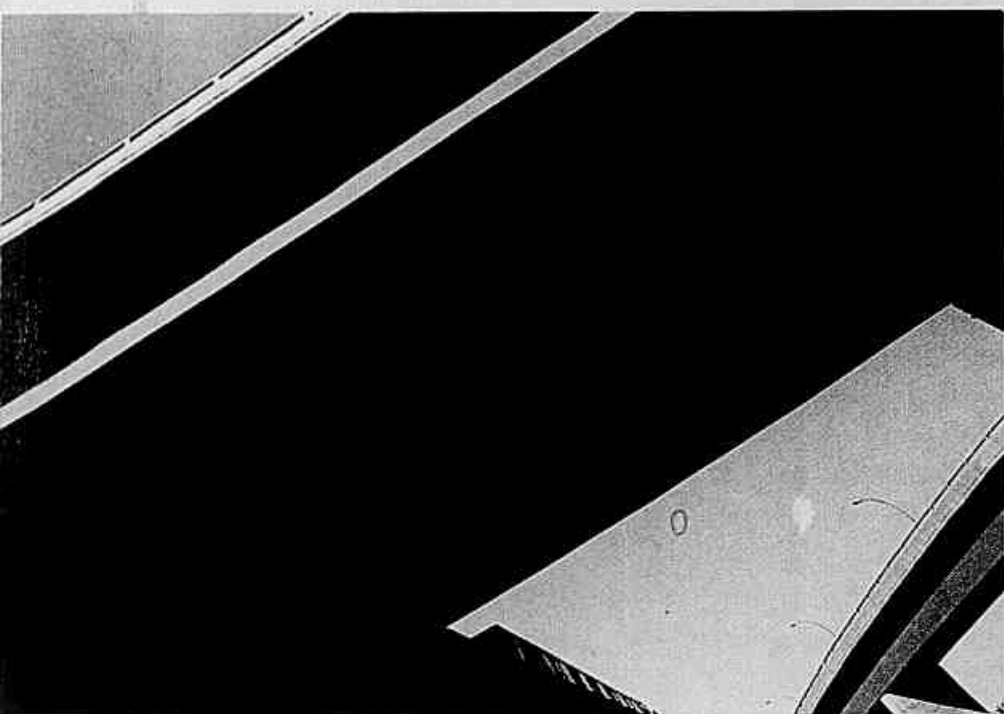
Márcia Vieira

Tristan acaba de abrir seu segundo restaurante no Rio, a crêperie Belle du Jour, e garante que não volta mais para Londres

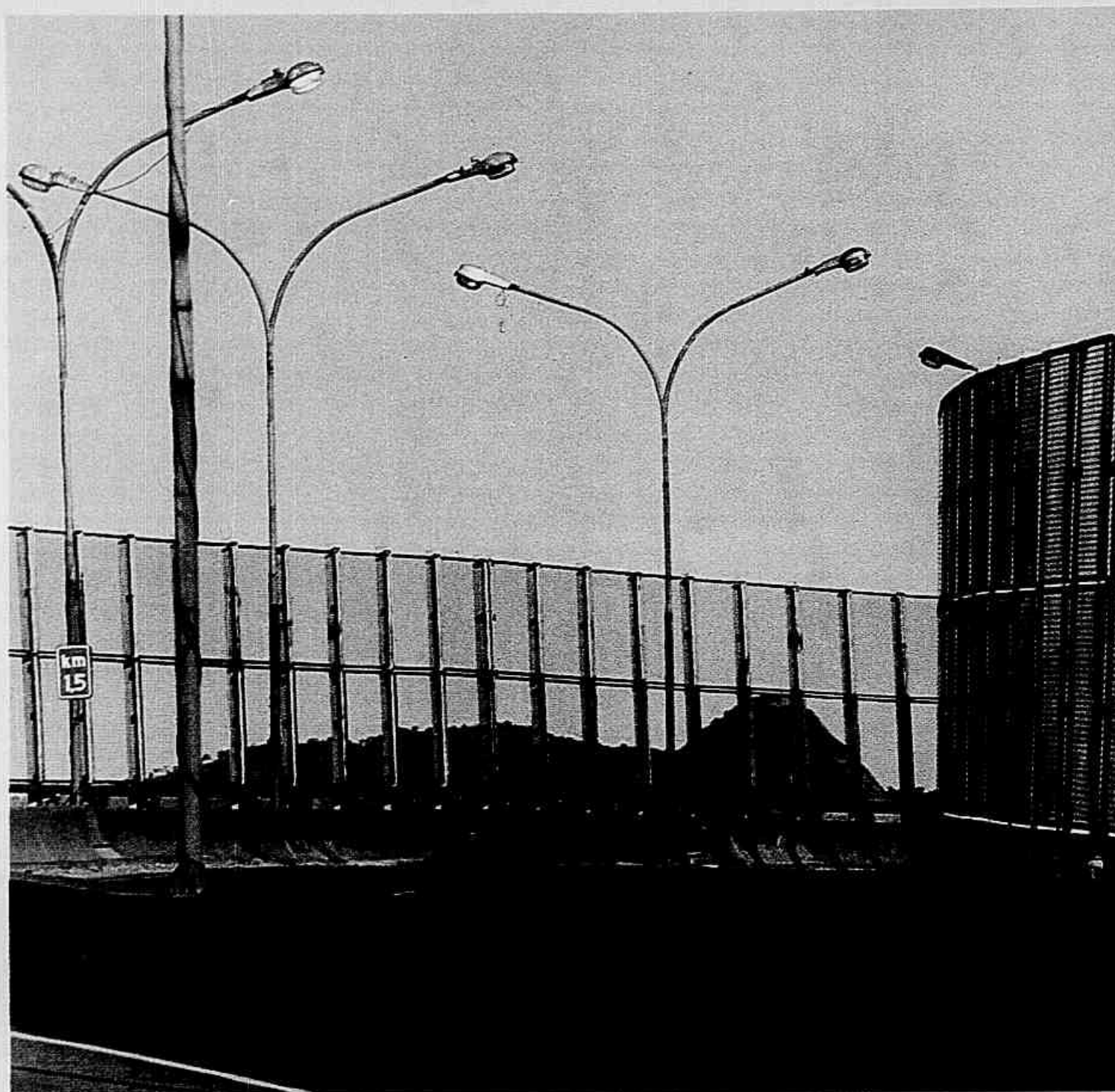
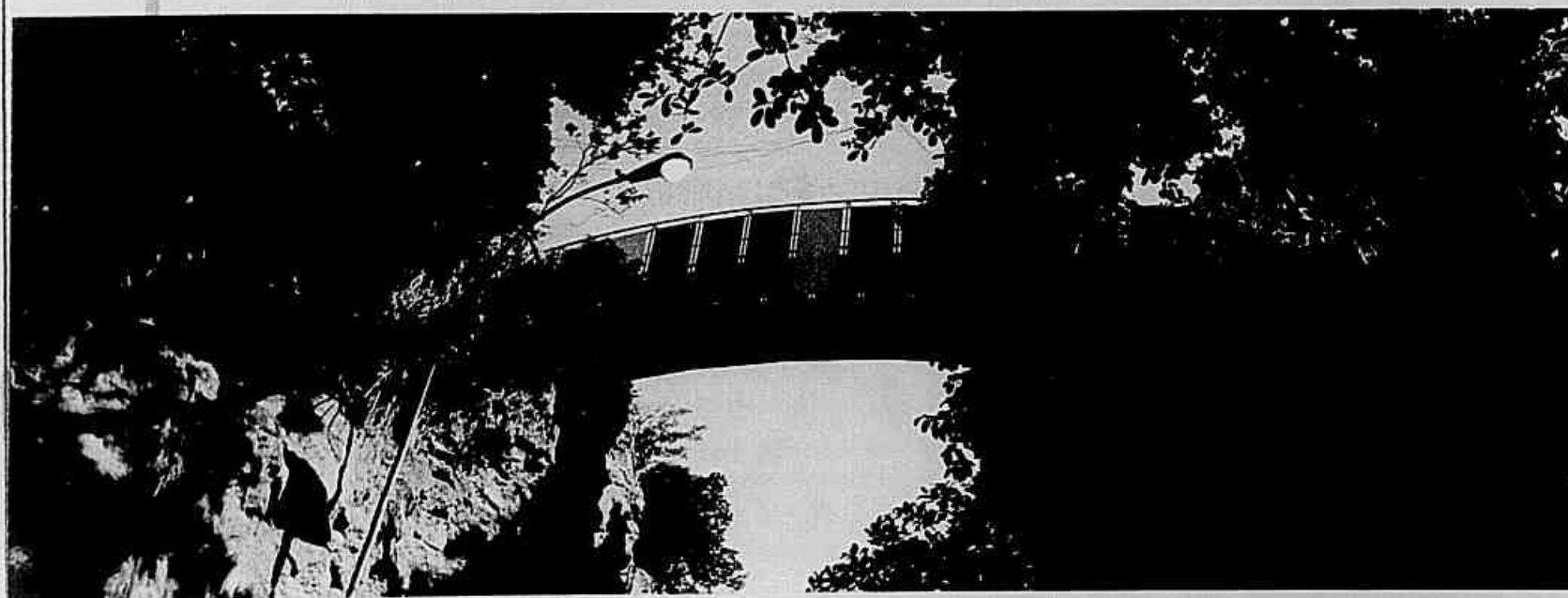
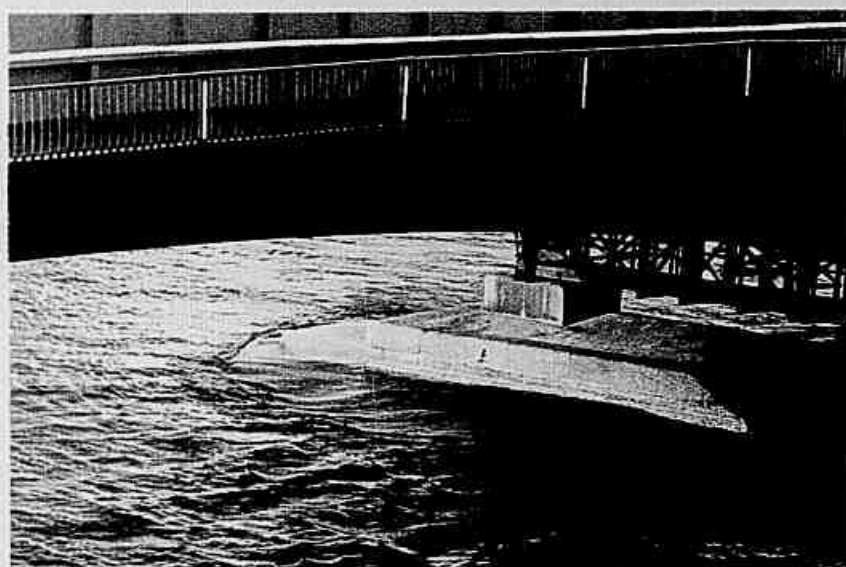
Foto de Dilmar Cavalher

A poesia do sobe-e-desce

As linhas da passarela de pedestres se harmonizam com a descida de um dos troncos da Rio—Niterói, em frente ao Caju

Pontes e viadutos pedem um minuto de atenção. Quando se passa por eles é em alta velocidade e nem sempre se pode notar o que a lente sensível do fotógrafo FLÁVIO RODRIGUES *trouxe para este ensaio: há beleza naquelas toneladas de concreto, com suas linhas retas chocando-se contra o redondo dos morros no horizonte carioca. Alguns levam seus passageiros direto para o apocalipse de* Blade Runner*; outros são delicados e dignos de cartão-postal, como os do Aterro do Flamengo, de linhas curvas e harmonizados com a paisagem tropical em volta.*

Um corte geométrico na paisagem do Trevo dos Marinheiros

A ponte da Via 11 foi transformada em outdoor *político*

A Ponte Ferroviária Lauro Müller (acima) parece um cenário **dark** *de* **Blade Runner**; *abaixo, no Aterro, tudo é mais leve*

A pista da Perimetral é uma moldura pouco comum para o Pão de Açúcar (ao lado); abaixo, esquerda, um acesso da Ilha Fiscal; à direita, o viaduto Pizarro Rufino envolto pela poluição de S. Cristóvão

Parece uma ponte de brinquedo, e a finalidade é justamente essa: toda colorida, ela leva os meninos do Morro do Vidigal para a escola do lado da praia, sem enfrentar o tráfego da Niemeyer

Enquanto seu lobo não vem

A Floresta da Tijuca vira rota de passeios naturalistas

Cada um tem a festa de aniversário que merece. Tatiane Mainhard, por exemplo: decidiu festejar seus nove anos com um passeio na Floresta da Tijuca, arrebanhou um grupo de colegas corajosas que toparam enfrentar o desafio e no domingo, 12, foi comemorar em meio ao cheiro de terra, barulho de rio e o canto de passarinhos. O programa começou na Praça Afonso Vizeu, no Alto da Boa Vista, e terminou na Estrada Grajaú—Jacarepaguá, em frente ao restaurante Cabana da Serra. Foi uma experiência diferente para crianças acostumadas a apartamento, asfalto e ar poluído. Um passeio com oito horas de caminhada por trilhas pouco nítidas, ora no meio da mata, ora por pequenos riachos e cachoeiras, num ambiente intacto. Tudo tão natural que depois de cantar parabéns as meninas se dividiram entre o bolo e laranjas e maçãs. Coca-Cola, nada. A festinha foi refrigerada a água.

"Gosto deste programa", comenta Tatiane, que já escalou o Pão de Açúcar e os picos da Tijuca e das Agulhas Negras. Ela acha natural comemorar o aniversário no meio do mato, escolheu o presente, convidou sete colegas do Instituto Bennett e deixou nas mãos da mãe a bananosa de armar o passeio. Uma situação difícil, se Dona Bruna, a mãe, não conhecesse Fernando Cavaliere, fundador há dois anos do Grupo Ar Livre e Você. Professor de Educação Física, Fernando, 26 anos, tomou gosto por esses passeios na infância, através de um monge do Colégio São Bento dado a essas eventuras. Hoje é capaz de realizar caminhadas na Floresta da Tijuca e escaladas em locais como o Pico da Caledônia, em Friburgo, e o Pico da Tijuca. Sua programação é mensal. Basta ligar para 208-3029 e se inscrever para receber o roteiro em casa. Grupos com mais de 10 pessoas têm o privilégio de escolher um passeio especial. O guia estuda o programa e dá o preço. "Essa travessia Alto da Boa Vista-Jacarepaguá, para principiantes e crianças, saiu a NCz$ 4 por pessoa", explica Fernando.

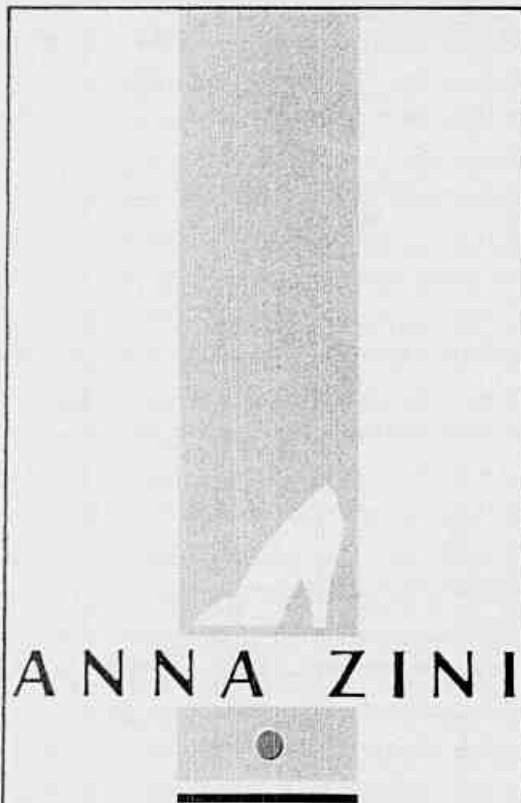
Além das colegas de Tatiane, juntaram-se ao grupo mais 10 crianças e 20 adultos. A saída foi da pracinha do Alto, às 9h5, em direção à Praça do

As caminhadas na Floresta da Tijuca exigem pouco: NCz$ 4 por pessoa, em média, e um guia experiente como Fernando (na frente)

A aventura por trilhas difíceis (acima) é compensada pelo banho de cachoeira (abaixo)

Bom Retiro. Cauteloso, o guia aconselhou as crianças a seguirem este primeiro percurso de carro. Mas os mais dispostos, como Lorenzo Carneiro Granville, 6 anos, caminharam com os adultos. Na frente do grupo, o menino seguia os passos do pai e nem parecia sentir o cansaço da caminhada. "É a terceira vez que ele faz o passeio", contou Sérgio Granville, um matemático que aproveita o programa para se aproximar mais dos filhos. "Além disso, a coisa funciona como um sonífero. Eles chegam em casa e batem direto na cama."

Espírito montanhês. A aventura é um relaxante também para os adultos. Na Estrada da Cascatinha, o papo já corre

As dificuldades nos primeiros contatos com a natureza são muitas, mas a maioria sempre manifesta o desejo de voltar

variado quando alguém arrisca um palpite sobre inflação — acaba vaiado sem apelação. Nessas horas, está todo mundo muito mais a fim de gastar saliva contando histórias, falando de comida, aproveitando o silêncio. Marcelo Montenegro, 27 anos, o bem-humorado sócio de Fernando, entra com a sabedoria de guia. Explica que nas matas têm esquilo, sagüi, macaco, cutia, tatu e muitos pássaros. André Freire, 10 anos, encontra apenas uma pequena minhoca — e ainda assim fica satisfeito. O passeio também não é novidade para ele. Excursões como essa fazem parte da rotina de sua família. "Descobrimos o Fernando no ano passado e desde então o espírito de cabrito montanhês baixou lá em casa", conta a mãe do menino, a bibliotecária Tânia Freire. "Sempre gostamos de programas naturais."

Depois de um tempo para descansar e beber água, na Praça do Bom Retiro, Fernando chama para explicar que o verdadeiro passeio começa agora, com uma subida íngreme. É o bastante para despertar a curiosidade de Manuela Cavalcanti Carneiro, 9 anos, que quer saber o que é "ingride". A risada geral acaba quando a trilha se estreita. Apenas o sol penetra tímido por entre as árvores, as pernas parecem dormentes, tem gente que escorrega nas pedras e machuca as mãos nos espinhos. Arthur Vieira, 62 anos, o veterano do grupo, troca idéias com o guia. Conta que perdeu a esposa há um ano e meio e que estes passeios funcionam como uma terapia. "Faz parte da minha busca para reencontrar o sentido da vida." Coisa que não consola Suzana Rito Plotkowski, 7 anos. Cansada, ela repete a toda hora que quer voltar logo para casa. Mas dá pulos de alegria quando sabe que na rota ainda tem uma cachoeira. Mais do que de descanso, é hora do pique-nique e de um refrescante mergulho.

A melhor lembrança de um passeio para ninguém botar defeito. E tempo de retomar o caminho de volta pra casa. A turma de Tatiane aproveita para cantar e animar o grupo. O guia Fernando vai na frente e seu auxiliar Marcelo, atrás. Já se ouve o barulho dos carros que passam pela Estrada Grajaú—Jacarepaguá. O relógio marca 17h20. O corpo dói e muita gente só pede uma cama macia. É natural: a natureza cansa tanto quanto descansa. Como ninguém é de ferro, a vitória vem em forma de comemoração no Cabana da Serra. A maioria se entrega ao chope e à Coca-Cola. Mas Fernanda Cavalcanti Carneiro, 10 anos, é quem resume tudo: "Levei quatro tombos, mas vou voltar." E quem não voltaria?!

Helena Tavares
Fotos de Sérgio Moraes

O superstar de fraque

leia na pág. 24

Zubin Mehta rege a Filarmônica de Israel, quarta-feira, no Municipal

Ano 4, nº 674, 2 de abril de 1989

Conversa ao pé do vídeo

Sai de mim, tecnoglobal!

Não vem ao caso se o Faustão é bom ou não. É claro que ele é bom de TV, é evidente que ele domina como poucos um auditório, seja uma churrascaria na Rio—São Paulo, um teatro no Bixiga, em Sampa, ou o teatro Fênix aqui no Jardim Botânico. TV ao vivo é pra quem sabe e ele sabe.

Fausto Silva não foi inventado no domingo de Páscoa. Ele tem escola de sobra pra abrir seu show com um "abaixa essa *merda* aí" dito com a mesma naturalidade com que você pede pra seu filho abaixar o som, como se aquela audiência toda não estivesse ali, como se fosse a maneira mais correta de traduzir a famosa saudação dos artistas franceses em noite de estréia: *merde pour toi aussi, Faustô.*

Fausto Silva tem anos e anos de jornalismo (de rádio e TV) e sabe como poucos encontrar a *deixa* certa para cortar uma entrevista que se alonga, mesmo que o entrevistado seja o provecto D. Helder Câmara, que nas ondas da Globo pedia justiça social e reforma agrária.

Fausto Silva é isso e muito mais. Ele tem cancha de sobra para se acostumar ao *tempo*, ao *ritmo* global, onde entrevista tem que ser curta, corte tem que ser rápido, roteiro tem que ser respeitado e *praça* (no caso S.P., Belô, Recife, Brasília) tem hora certa pra entrar no ar. Fausto Silva tem peso (em todos os sentidos) para, sozinho, navegar com tranqüilidade no vendaval da produção estilo TV Globo.

Bruno Veiga

Fausto Silva é bom demais para mudar o seu estilo de sempre

Fausto Silva tem tarimba de sobra e vai se acostumar a distribuir prêmios, muitos prêmios. É uma premiação meio individual para quem pensa em concorrer com a massificação do prêmio à la Silvio Santos. A diferença entre o prêmio da Globo e o prêmio da TVS é que, lá no Baú, qualquer dez cruzados são saudados como se fossem a quina da Loto. Mas o Faustão vai tirar isso de letra também.

Tudo isso a gente sabe sobre o Faustão e, realmente, não vem ao caso. Eu pergunto o seguinte: O que você esperava de um programa que está sendo anunciado há 3 meses? O que você esperava que ia ver nas domingueiras globais depois do bombardeio de chamadas a que vem assistindo desde o carnaval? O que você imaginou que ia acontecer no seu vídeo depois de saber que o *Domingão* estava até gravando pilotos? Que pirotecnias visuais você achou que iam acontecer depois de saber que, por trás do apresentador, estava uma bem azeitada e talentosa equipe de criação?

Pois, olha, se encheram a tua bola como encheram a minha, você deve ter arregalado bem os olhos para acreditar que na estréia do Faustão, depois de tudo isto relatado aí em cima, depois das chamadas durante o GP de Fórmula-1, depois de ver o Gugelmin no pódio, eis que chega a hora e a grande novidade, a estrondosa abertura do mais esperado programa de TV dos últimos meses, o que que é? É a Xuxa cantando *Ilariê* em playback!!!!!

Gente, é brincadeira. E de criança.

Me desculpe, Faustão. Eu sou seu fã desde o tempo em que toda a sua produção se resumia a um nome de mulher, Lucimara Parisi. Torço pro seu programa dar certo, mas nesse comecinho aí puxaram o teu tapete, meu velho. Te venderam gato por lebre, o que é ainda mais grave em domingo de coelhos.

Nada contra a Xuxa, entende? É que há 6 meses ela vem cantando *Ilariê*, no xou dela, no *Globo de Ouro* e em nove entre cada dez FMs do Brasil inteiro. Colocar isto na abertura do seu primeiro programa é pedir pra uma boa parte da audiência voltar pra praia sem as crianças, é pedir pra neguinho voltar à mesa pra traçar o cozido, é chamar para uma boa soneca...

Me deu saudades do Chacrinha. Sabe por quê? Porque ele foi um profissional que nunca deixou de ser o mesmo, apesar de todos os terremotos e xiliques da TV Globo. Esquece a tecnologia, Faustão; esquece o telão, que ele nada contribui com seu humor; esquece o pré-gravado, que ele tira metade da sua esperteza; seja mais perdido nas tardes de domingo. A história já registra o caso de um Fausto que vendeu a alma ao diabo para ganhar mais uns pontos de audiência. Não deixes o diabo tecnoglobal tomar conta da sua alma de artista...

Ingo Ostrovsky

Estética & Beleza

Por Laura Fabris. Tel.: 287-3266.

SER MANEQUIM É UM PRIVILÉGIO

• Única escola filiada ao Membro da **World Modeling Association**, reconhecida pelo **MEC**, a **Escola Proposta**, dirigida por **Yolande Hargreaves**, já está aceitando inscrições para novas turmas com início em **Abril**. O curso compreende **maquilagem, etiqueta, vestuário** e **expressão corporal**. A partir do dia **15 de abril**, também se dará um **seminario de uma semana** para **cursos sociais**. Inscreva-se já, pois as vagas são limitadas. Quem tiver requisitos para **manequim**, após ser submetida a um teste de seleção, poderá obter uma bolsa de estudos. A **Escola Proposta** fica na Rua Barão de Mesquita, 131, perto do Colégio Militar. Mais detalhes pelo telefone **264-1080**.

CIRURGIA ESTÉTICA AMBULATORIAL

• O **Centro Médico Integrado da Barra** (CRM-5297008-6) tem condições de realizar várias **cirurgias estéticas (lipoaspiração, enxêrto de gordura, face, nariz, pálpebra, prótese mamária, ginecomastia etc.)**, **sem** a necessidade de **internação**. Tudo é realizado mediante **rigorosa avaliação (clínica e psicológica)** prévia do paciente. A responsabilidade está afeta ao **Dr. Francisco Pantaleão** (CRM-31270-8). Para maiores detalhes, telefone 325-5020.

VOCÊ TAMBÉM PODE SER MODELO

• **Maria Augusta**, pioneira em cursos de **Modelo e Manequim** no **País**, com várias turmas em fase final, está **reformulando** completamente sua **metodologia** a fim de atender às **exigências atuais**, com **intercâmbio internacional**. A partir de **abril** você também pode fazer o curso intensivo em apenas **06 meses** com **03 aulas semanais**. Se você gosta de desfilar e se o mundo da moda e publicidade lhe fascina, procure obter maiores in-ormações pelos telefones (021) **205-7272** ramais 1009 e 558 ou **225-7893**.

MAQUILAGEM DEFINITIVA

• Substitua o **lápis de sobrancelhas** pela **maquilagem definitiva**. O método é totalmente **seguro** e **aprovado** para todas as pessoas em qualquer faixa etária. É facílimo. **Você também pode aprender**. Aproveite e inscreva-se já, pois as vagas são limitadas. Maiores informações pelos telefones **385-2809 - 385-2898** e **359-6678**, na Barra, com a **esteticista Vera**.

IMPLANTOLOGIA ORAL

• A **reposição de dentes perdidos** já pode ser feita com toda a segurança e sem prejuízo dos dentes vizinhos, através de **implantes**. O material usado não provoca rejeição e o tratamento é **indolor**. Maiores informações pelo telefone (021) **325-9494** com o **Dr. Ricardo Bittencourt** (CRO-12.502) ou à Av. das Américas, 4.790 — sala 210, no Centro Profissional Barra Shopping.

CIRURGIA PLÁSTICA

Satisfação de criar sua própria imagem

• O que representa a cirurgia plástica atual pelas novas técnicas é a segurança dos resultados. Graças a estes avanços, o cirurgião pode esculpir uma imagem quase ideal, que satisfaça diante do espelho. Segundo o **Dr. Onofre Moreira** (CRM-52-10741-3), com sua longa experiência e atualização neste assunto, novos e preciosos adventos técnicos associados ao senso artístico também estão sendo aplicados em outras áreas da cirurgia estética. Com a arte de um escultor, o Dr. Onofre Moreira rejuvenesce — uma face corrigindo o excesso de rugas e de gordura, **sem esticar excessivamente a pele**, fazendo a Lipoaspiração na papada, injetando gordura nos sulcos, levantando a expressão e dando à face uma graça natural. O queixo pode ser aumentado ou diminuido **sem nenhuma cicatriz externa**, assim como o nariz desgracioso também por dentro. A Lipoaspiração elimina a gordura localizada no **abdome**, **culote**, **coxas**, **costas**, **braços**, **pernas** e **Ginecomastia** (busto em homem). As mamas, mesmo as volumosas, são operadas sem cicatrizes medianas. Utiliza-se da inclusão de **silicone** para corrigir mamas, nádegas e outras partes do corpo. As correções de cicatrizes de operações, acidentes, queimaduras, tatuagens e a cirurgia dos defeitos da face são realizadas com dedicação e experiência. Os cuidados pós-operatórios em centro de recuperação especializado são essenciais. **Dr. Onofre Moreira** é Mestre em cirurgia pela U.F.R.J., Member of the International College of Surgeons e Escultor pela Escola de Belas Artes. Maiores informações poderão ser obtidas pelo telefone (021) 265-6565 ou 245-4545.

AERÓBICA SENSACIONAL

• Nada melhor para você que quer **melhorar seu corpo** do que curtir uma boa **ginástica aeróbica** de alto e baixo impacto, juntamente com **exercícios localizados e de alongamento**. O **Prof. Rodney** tem a receita exata para fazer você **perder calorias**, melhorar seu corpo e disposição. Vale à pena conhecer a **Academia Rodney**, alí na Av. Copacabana, 728, sobreloja. Você vai gostar. Maiores detalhes pelo telefone **235-7670**.

SEJA ESBELTA COMO UM MODELO

• Conhecendo o tratamento da esteticista **Cidinha**, você tem a possibilidade de manter-se **jovem e bela** como um **manequim**, sem prejuízo de sua saúde. O segredo está no uso de **proteínas e colágeno Natuvita** que combatem a **flacidez**, a **obesidade** e **previne o envelhecimento precoce**. Além do tratamento estético, **Cidinha** também faz **galvanopuntura (rugas)**, **hidratação** e **limpeza de pele**. Para o tratamento dos cabelos, usa um método inédito no Brasil, que **previne a calvície**. Mais informações pelos telefones **342-0370** ou **325-3577**.

A ARTE DE REJUVENESCER ATRAVÉS DE UM CORTE DE CABELOS ANATÔMICO

• Os cabelos são a **moldura do rosto**. Para realçar o rosto, o primeiro detalhe é um **corte de cabelos adequado com seu tipo, estatura e personalidade**. Um bom corte dispensa até a sofisticação de um penteado. Com este lema, **Mattos** e **Afonso** Cabeleireiros já acumularam vários troféus e possuem entre sua clientela, artistas e celebridades que não medem distâncias para se tornarem belas. Homens e mulheres permanecem fiéis às avançadas técnicas aplicadas por **Mattos e Afonso** juntamente com sua equipe de cabeleireiros que atendem em Copacabana, à Rua Barata Ribeiro nº 668-A. Para marcar hora, telefone **255-7948**.

TRATAMENTO DE VARIZES E MICRO-VARIZES

• Na Clínica do **Dr. Ivan S. de Almeida** (CRM-52.07.620-4) você trata de suas varizes no menor prazo de tempo possível, com excelente resultado. O tratamento é feito com material descartável, **não** havendo necessidade de **enfaixar** e podendo **ir à praia**. **É indolor e não deixa marca**. A Clínica do Dr. **Ivan** fica à Av. Copacabana, 613, Sala 804 e o telefone para consultas é (021) **235-6701**.

ENVELHECIMENTO PRECOCE

• Bollier Centro Médico de Tratamento e Beleza, com sua técnica e produtos naturais trazidos da Suíça, assegura um tratamento que rejuvenesce e previne o envelhecimento precoce. Mais informações com Elizabeth Maurer à Av. Copacabana, 500 Sobreloja. Telefone 255-9462.

Violência à moda da casa

Para variar — mesmo — a programação deste domingo está bem sortida. Tem da violência musculosa de *Conan, o Destruidor* (*Conan the Destroyer*, EUA, 1984), de Richard Fleischer, à violencia autoral de *Amor Bandido* (Brasil, 1978). Entre os dois tem a violência inédita de *O Anjo Guerreiro* (*Angel in Green*, EUA, 1987), de Marvin Chomsky, a violência simpática e reprisada de *Atire a Primeira Pedra* (*Destry Rides Again*, EUA, 1939), de George Marshall, a violência equivocada de *O Tesouro do Fundo do Mar* (*The Deep*, EUA, 1978), de Peter Yates, e a violência sexual e feita para a TV de *Inocência Ultrajada* (*Born Innocent*, EUA, 1974), de Donald Wrye.

Amor Bandido, de Bruno Barreto, é a atração da Globo (23h50)

As melhores opções são as da Globo. *Conan the Destroyer* é segunda aparição no cinema do popular herói dos quadrinhos. Mais uma vez o personagem encarna nos muitos músculos de Arnold Schwarzenegger. Bastante ação e pouca coerência fazem um filme divertido e esquecível, perfeito para se assistir com pipoca e sodinha. Já Bruno Barreto tenta fazer arte com a violência urbana em seu *Amor Bandido*. Com a nervosa história de um triangulo amoroso entre um pai policial, sua filha dançarina de *striptease* e o amante, um jovem assassino, o cineasta carioca faz um de seus filmes mais interessantes.

Rogério Durst

CONAN, O DESTRUIDOR
TV Globo — 14h5
(*Conan the Destroyer*) de Richard Fleischer. Com Arnold Schwarzenegger, Grace Jones, Mako e Olivia D'Abo. EUA, 1984.
Aventura. Poderoso guerreiro bárbaro recruta quatro companheiros para ajudá-lo na busca da pedra sagrada de uma princesa. *Cor* (100').

O ANJO GUERREIRO
TV Bandeirantes — 20h
(*Angel in green*) de Marvin J. Chomsky. Com Susan Dey, Bruce Boxleitner, Milo O'Shea, Pete Smith e Dan Laurie. EUA, 1987.
Numa ilha do Pacífico Sul, jovem freira se vê só e ameaçada por violentos rebeldes. Para sobreviver, ela precisa da ajuda de um rude militar, com quem acaba se envolvendo. Telefilme inédito um tanto inpirado em *Uma Aventura na África*, de John Huston. *Cor* (96').

ATIRE A PRIMEIRA PEDRA
TVE — 21h
(*Destry rides again*) de George Marshall. Com Marlene Dietrich, James Stewart, Brian Donlevy e Charles Winninger. EUA, 1939.
Faroeste. Para ajudá-lo a limpar uma perigosa cidade, xerife chama o filho de um velho amigo. Mas o rapaz quer resolver tudo só com papo e punhos. Até que o próprio xerife é baleado. Ótimo faroeste humorístico que a TVE reprisa em excesso. *P&B* (95').

O TESOURO DO FUNDO DO MAR
TVS — 22h
(*The Deep*) de Peter Yates. Com Robert Shaw, Jacqueline Bisset, Nick Nolte e Eli Wallach. EUA, 1977.
Aventura. Nas Bermudas, casal de mergulhadores encontra um tesouro submerso: um enorme carregamento de morfina. Depois de *Tubarão* o diretor Yates tentou fazer de outro romance de Peter Benchley um campeão de bilheteria. Mas nem mesmo o genial Spielberg conseguiria fazer um bom filme com uma história que mistura monstros marinhos, drogas, vudu, gangsters negros e Jackie Bisset de camiseta molhada. *Cor* (124').

AMOR BANDIDO
TV Globo — 23h50
De Bruno Barreto. Com Paulo Gracindo, Cristina Aché, Paulo Guarnieri, Hélio Ary e José Dumont. Brasil, 1978.
Policial. Velho detetive investiga o envolvimento de sua filha em crimes relacionados a um jovem explorador de prostitutas. *Cor* (96')

INOCÊNCIA ULTRAJADA
TV Bandeiranes — 1h
(*Born Innocent*) de Donald Wrye. Com Linda Blair, Joanna Miles, Kim Hunter, Richard Jaeckel e Mitch Vogel. EUA, 1974.
Drama carcerário. Aos 14 anos, jovem é internada em reformatório por tentar fugir de casa. Mas a instituição é um lugar assustador e a menina se vê exposta a todo o tipo de violência física, moral e sexual. Apelativo telefilme que causou sucesso na época graças às cenas fortes. *Cor* (92').

MANHÃ

6h 6 PROGRAMAÇÃO EDUCATIVA

6h30 4 SANTA MISSA EM SEU LAR — Religioso

7h 6 MANCHETE RURAL — Informativo sobre o campo
7 PARE E PENSE — Religioso

7h20 4 PEQUENAS EMPRESAS, GRANDES NEGÓCIOS — Informativo sobre pequenas e médias empresas

7h30 7 PROGRAMA JIMMY SWAGART — Religioso
11 MÃOS MÁGICAS — Educativo

7h45 13 PROGRAMAÇÃO EVANGÉLICA

7h55 4 GLOBO RURAL — Informativo sobre o campo
11 CLUBE IRMÃO CAMINHONEIRO SHELL

8h 6 HOMENS E LIVROS — Noticiário sobre mercado editorial. Apresentação de Lourivaldo Filho
10 TVE RIO — Transmissão da programação do Rio

8h05 11 BOOMER — Seriado

8h30 6 JORNAL DO PROFESSOR — Programa educativo. Apresentação de Eliane Furtado
7 ANUNCIAMOS JESUS — Religioso
11 TARZAN — Seriado

8h45 2 TELECURSO 2º GRAU — Hoje: **Química**

8h55 4 SOM BRASIL — Programa de música regional. Apresentação de Lima Duarte

9h 2 MISSA AO VIVO — Culto religioso
6 VERSO E REVERSO — Programa educativo. Apresentação de Álvaro Goulart
7 PRIMEIRO PLANO
9 COMUNIDADE NA TV — Programa de entrevistas organizadas pela Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro.

9h30 6 ESTAÇÃO CIÊNCIA — Informativo. Apresentação de Tânia Viegas e Gonzaga Motta
7 O GORDO E O MAGRO — Seriado
11 CINEDISNEY — Seriado

9h45 2 PALAVRAS DE VIDA — Mensagem de D. Eugênio Sales

10h 4 FINAL DE VÔLEI MASCULINO — Jogo: **Fiat-Minas x Pirelli**
6 CAMPEONATO NACIONAL DE VOLÉI/FINAL MASCULINO. Jogo: **Fiat-Minas x Pirelli**
7 SHOW DO ESPORTE — Noticiário esportivo
9 POSSO CRER NO AMANHÃ — Religioso

10h30 2 ESPECIAL PARÁ — Hoje: **Pinduca, o rei do carimbó.** Produção da TV Cultura do Pará
11 ESQUADRÃO CLASSE A — Seriado

11h 2 AR LIMAÇÃO — Musical. Apresentação de Saulo Laranjeira
9 QUEM TEM A RESPOSTA? — Religioso. Apresentação Mesquita Bráulio
13 STADIUM — Programa esportivo

William está na final de vôlei

11h30 11 DUCK TALES/OS CAÇADORES DE AVENTURAS — Desenho

11h45 4 FESTIVAL DE DESENHOS

TARDE

12h 2 GLOBO CIÊNCIA — Jornalístico
6 ESPORTE E AÇÃO — Noticiário esportivo
9 SELEÇÕES PORTUGUESAS — O SHOW DA MALTA — Musical. Apresentação de Jorge Sereno
11 PROGRAMA SÍLVIO SANTOS — Programa de auditório
13 OS TRÊS BIRUTAS — Infantil

12h15 4 AVENTURA SUBMARINA — Seriado. Hoje: **Terremoto submarino**

12h30 2 FUTEBOL — Vt completo

12h45 4 ALF — O ET...EIMOSO — Seriado. Episódio: **A briga**

13h 6 ESPORTE 89 — Noticiário esportivo
9 PROGRAMA SÍLVIO SANTOS — Programa de auditório
13 RIO HIT PARADE — Musical

13h15 4 PROFISSÃO PERIGO — Seriado. Episódio: **Irmãos de sangue**

14h 2 STADIUM — Programa esportivo
13 SOM E ENERGIA I — Entrevistas e clips musicais

14h05 4 TEMPERATURA MÁXIMA — Filme: **Conan, o destruidor**

15h 2 EM DEBATE — Programa de atualidades.
6 DOMINGO NO CINEMA — Filme: **O homem aranha**

16h 2 BALEIA VERDE — Espaço aberto para a ecologia
4 DOMINGÃO DO FAUSTÃO — Ao vivo
13 TÚNEL DO TEMPO — Seriado. Episódio: **a programar**

17h 2 A CONQUISTA DA TERRA — Documentário
6 NASHVILLE — Programa de música country. Apresentação de Odilon Wagner
13 PERDIDOS NO ESPAÇO — Seriado. Episódio: **a programar**

NOITE

18h 2 INTERVALO — Informativo sobre a propagadanda no Brasil e no mundo
6 COPA RIO — Jogo: **Americano x Botafogo**
10 DOCUMENTÁRIO — Hoje: **Búzios, um estado de espírito.** Apresentação de Ana Luisa Cascão
13 HIT PARADE ESPECIAL — Melhores clips da semana. Apresentação de Maria Lúcia Priolli.

18h50 2 JORNAL VISUAL — Noticiário dedicado a surdos-mudos

18h55 4 OS TRAPALHÕES — Humorístico

19h 2 JORNAL DE DOMINGO — Noticiário nacional e internacional.
10 TVE/RIO — Retransmissão do Jornal de Domingo

19h55 6 PROGRAMA DE DOMINGO — Variedades

20h 4 FANTÁSTICO — Variedades
7 CINEMAX — Filme: **O anjo guerreiro**
10 VARIEDADES INTERNACIONAIS — Hoje: **Tradições japonesas.** Apresentação de Teresa Piffer
13 RIO IN CONCERT - Vídeos. Apresentação de Tessy Callado.

20h30 10 BÚZIOS ECOLOGIANDO — **Entrevista com o prefeito Ivo Saldanha.** Apresentação de Tito Rosemberg. (3ª parte)

20h40 2 JORNAL DE ESPORTE — Noticiário esportivo

20h50 2 JORNAL VISUAL — Noticioso exclusivamente dedicado aos surdos-mudos

21h 2 CINECLUBE — Filme: **Atire a primeira pedra**
10 REALCE — Entrevistas. Apresentação de Ricardo Bocão, Patrícia Barros e Antônio Ricardo

21h45 6 SHOW DE GOLS — Esportivo

22h 6 TORNEIO PÃO DE AÇÚCAR DE HIPISMO
7 CARA A CARA — Entrevistas com Marília Gabriela
9 CAMISA NOVE — Mesa-redonda sobre esporte
10 BÚZIOS SERVIÇO — Hoje: **Desaparecimento das dunas de Tucûns**
11 SESSÃO DAS DEZ — Filme: **O tesouro do fundo do mar**
13 COLUMBO — Seriado. Episódio: **a programar**

22h05 4 ESPORTE ESPETACULAR — Resumo das notícias esportivas do dia
10 THUNDERBIRDS & CIA — Desenho: **Resgate no espaço** (3ª parte)

22h15 6 TORNEIO LIPTON DE TÊNIS

23h 2 ESPORTE VISÃO — Mesa-redonda sobre esporte
7 ESPECIAL — Hoje: **Drogas: diga não**

23h05 4 O HOMEM DA MÁFIA — Seriado. Episódio: **Mercador da morte**

23h20 13 O FUGITIVO — Seriado. Episódio: **a programar**

23h35 10 BÚZIOS ESPORTE — Hoje: **Desafios aéreos**

23h50 4 CORUJÃO NACIONAL — Filme: **Amor bandido**

0h 7 CRÍTICA E AUTOCRÍTICA — Entrevistas políticas. Apresentação de Dirceu Brizola e Antônio Severo
11 REPRISE DA SESSÃO DAS DEZ

0h05 10 BOA NOITE BÚZIOS — Tema: **Canta Búzios.** Apresentação de Flávia Werger

0h20 13 RIO VIP — Variedades. Apresentação de Gilberto Ribeiro

1h 7 CINEMA NA MADRUGADA — Filme: **Inocência ultrajada**

(A programação da TV Búzios, canal 10, só pode ser captada na Armação de Búzios)

JORNAL DO BRASIL AM 940 KHz ESTÉREO

JBI — Jornal do Brasil Informa — de 2ª a 6ª, às 7h30, 12h30, 18h30 e 0h30; sáb., dom. e feriados, às 8h30, 12h30, 18h30 e 0h30.
Repórter JB — de 2ª a dom. informativo às horas certas.
Arte Final Jazz — dom, às 22h, produção de Célio Alzer e J. Carlos. Apresentação de Maurício Figueiredo. Hoje: Lew Tabackin, Richie Cole & Art Pepper, Ronnie Mathews, Quincy Jones, Johnny Hodges e Dave Matthews.

FM ESTÉREO 99,7MHz

10 h — **CDs a raio laser: Variações um tema de Haydn, op. 56a** de Brahms (Fil. Berlim, Karajan — 18:55); **Miserere**, de Allegri (Westminster, Preston — 11:46); **Concerto grosso em mi menor**, de William Boyce (Thames Ch. O Londres — 12:20); **Aubade — Concerto coreográfico para piano e 18 instrumentos**, de Francis Poulenic (Os Lamoureux, Serge Baudo — 20:35); **Abertura da ópera Boyarina Vera Sheloga**, de Rimsky-Korsakoff (ON Búlgara, Angelov — 7:38); **Psalite, O heilige Nacht, In dulci jubilo e Adeste fideles — Primeiro volume da serie Árvore de natal, para piano a quatro mãos**, de Liszt (Tusa e Lantos — 13:09); **Sinfonia nº 3, em Mi bemol — Eroica, op.** 55 de Beethoven (CE Drede, Hiroshi Wakasugi — 53:20); **Concerto nº 14, em Mi bemol maior, para piano e orquestra K 449** de Mozart (Maria João Pires, OC Gulbenkian, Guschlbauer — 22:55).
20 h — **CDs a raio laser: Rigoletto, ópera em três atos**, de Verdi (Domingo, Cappuccilli, Cotrubas, Ghiarov, Obraztsova, Coro, Fil. Viena, Giulini — 56:12, 30:30 e 32:34); **Sonata em Dó Maior: Allegro con spirito, Andante un poco adagio e Rondeau, K 309** de Mozart (Arrau — 23:48); **Introdução e Rondó caprichoso, para violino e orquestra, op. 28** de Saint-Saens (Heifetz, RCA, Steinberg — Grav. 1951 — 8:26); **Le festin de l'Araignée — fragmentos sinfônicos do ballet-pantomina, op. 17** de Albert Roussel (Fil. Tcheca, Kosler — 18:04).

FM 105 — 105,1 MHz

105 na Madrugada — à 0h.
As mais Pedidas da Madrugada — às 5h.
Vale a Pena Ouvir de Novo — às 12h.
Roberto Carlos em Detalhes — às 13h.
105 sem Parar — às 14h.
Melhor da Hora — aos 55min de cada hora.

RÁDIO CIDADE — 102,9 MHz

Saudade Cidade — às 7h.
Cidade Disparada — às 10h, 13h, 16h e 19h.
102 Decibéis — às 22h
Cidade Rock Stories — à meia-noite.

FILMES DA SEMANA

DIA	CANAL/H	FILMES	SINOPSE
seg 3	4 · 14:20	UMA NOITE NO RIO (That Night in Rio) EUA, 1941, cor, 90'. De Irving Cummings. Com Carmen Miranda e Don Ameche.	Comédia musical. Artista americano personifica um magnata brasileiro para enganar seus concorrentes nos negócios.
	4 · 21:30	CURTINDO A VIDA ADOIDADO (Ferris Bueller's Day Off) EUA, 1986, cor, 102'. De John Hughes. Com Matthew Broderick.	Comédia. Adolescente esperto mata aula na escola e leva seu reprimido melhor amigo para uma farra na cidade.
	4 · 00:00	DUAS GAROTAS ROMÂNTICAS (Les Demoiselles de Rochefort) França, 1966, cor, 125'. De Jacques Demy. Com Gene Kelly.	Musical. Numa cidadezinha da França duas gêmeas sonham em se apaixonar e tornarem-se grandes estrelas de musical.
	7 · 01:00	HERÓI OU ASSASSINO (Deadly Hero) EUA, 1976, cor, 96'. De Ivan Nagy. Com Don Murray e James Earl Jones.	Suspense. Policial mata raptor para defender uma moça mas a jovem vítima começa a desconfiar dos motivos do tira.
ter 4	4 · 14:20	FUNERAL EM BERLIM (Funeral in Berlin) Ingl., 1966, cor, 102'. De Guy Hamilton. Com Michael Caine e Eva Renzi.	Espionagem. Agente secreto inglês deve fazer um desertor soviético atravessar a Cortina de Ferro são e salvo.
	9 · 21:30	O PROTÓTIPO (Prototype) EUA, 1983, cor, 104'. De David Greene. Com Christopher Plummer e David Morse.	Ficção científica. Gênio americano cria um andróide perfeito mas recusa-se a usá-lo com fins militaristas.
	11 · 23:30	GAROTA DOURADA. Brasil, 1983, cor, 105'. De Antonio Calmon. Com André de Biasi, Bianca Byington e Carlos Wilson	Romance. Surfista Valente vai a praia do Encantado onde encontra linda loura e o irmão de um amigo morto.
	4 · 00:00	OS PODEROSOS (The Power) EUA, 1967, cor, 104'. De Byron Haskins. Com George Hamilton e Suzanne Pleshette.	Suspense. Criatura com incríveis poderes mentais começa a assassinar um a um os membros de um grupo de cientistas.
qua 5	4 · 14:20	O IRRESISTÍVEL FORASTEIRO (The Sheepman) EUA, 1958, cor, 87'. De George Marshall. Com Glenn Ford e Shirley McLaine	Faroeste. Forasteiro durão resolve criar ovelhas bem no meio de um região de vaqueiros e sofre as consequências.
	7 · 21:30	REUNIÃO DA MÁFIA (Corleone) Itália, 1978, cro, 114'. De Pasquale Squitieri. Com Giuliano Gema e Claudia Cardinale	Drama criminal. Numa pequena cidade da Sicília, agricul tor ascende de forma meteórica na carreira política.
	9 · 21:30	SEIS SEMANAS (Six Weeks) EUA, 1982, cor, 107'. De Tony Bill. Com Dudley Moore, Mary Tyler Moore e Kate Healey.	Drama. Menina com pouco tempo de vida faz um último pedido a sua mão milionária: ajudar a carreira de um político
	11 · 21:30	CLUBE PARA MULHERES (For Ladies Only) EUA, 1981, cor, 97' De Mel Damski. Com Gregory Harrison e Marc Singer.	Drama. Ator desempregado arruma emprego num clube onde e febos se desnudam para o deleite de senhoras.
	6 · 22:30	O BANCO DOS TRAPACEIROS (Silver Bears) Ingl., 1978, cor, 113'. De Ivan Passer. Com Micahel Caine e Louis Jourdan.	Comédia policial. Gangster de Las Vegas vai a Suíça com prar uma casa de câmbio mas acaba envolvido numa intriga.
	4 · 00:00	O HOMEM DE ALCATRAZ (The Birdman of Alcatraz) EUA, 1962, cor, 148'. De John Frankenheimer. Com Burt Lancaster.	Drama carcerário. Na prisão de Alcatraz, perigoso bandido vai se transformando num sensível amante dos pássaros.
	7 · 01:00	A ESPIÃ (S.H.E.) EUA, 1979, cor, 100'. De Robert Lewis. Com Cornelia Sharpe, Omar Shariff e Robert Lansing.	Espionagem. Agente americana usa seus encantos para se in filtrar numa perigosa organização criminosa internacional
qui 6	4 · 14:20	CAVALGADA DE PAIXÕES (Wait Till the Sun Shines, Nellie) EUA, 1952, cor, 107'. De Henry King. Com David Wayne.	Drama. A vida de um barbeiro de cidade do interior que acaba abandonado pela mulher que quer viver na metrópole.
	4 · 01:00	ATTICA (Attica) EUA, 1980, cor, 98'. De Marvin Chomsky. Com George Grizzard, Charles Durning e Roger E. Mosley.	Drama carcerário. Editor do The New York Times é testemunha do drámatico motim na prisão de Attica em 1971.
sexta 7	4 · 14:20	A GATINHA QUE EU QUERO (Una Coppia Tranquilla) Itália, 1968, cor, 89'. De Francesco Masselli. Com Rock Hudson.	Comédia policial. Detetive americano ajuda ladra italiana arrependida a devolver o produto de seus vários roubos.
	9 · 21:30	OS VIKINGS (Last of the Vikings) Itália, 1960, cor, 102'. De Giacomo Gentilomo. Com Cameron Mitchell e Helene Remy.	Aventura. Filhos do rei Viking voltam a sua terra e lutam para evitar uma aliança entre a Dinamarca e a Noruega.
	7 · 22:30	O ESPELHO PARTIDO (The Miror Crack'd) Ingl., 1981, cor, 105'. De Guy Hamilton. Com Angela Lansbury e Tony Curtis.	Mistério. Durante uma filmagem ocorre um assassinato mas a detetive amadora Miss Marple acaba resolvendo o crime.
	9 · 00:05	MARIA E JOSÉ:UMA HISTÓRIA DE FÉ (Mary and Joseph: A Story of Faith) EUA, 1979, cor, 104'. De Eric Till.	Drama bíblico. A romance e o casamento de Maria e José antes do nascimento se seu filho, Jesus Cristo.
	11 · 00:15	SACRIFÍCIOS À MEIA NOITE (Midnight Offerings) EUA, cor, 1981, 94'. De Rod Holcomb. Com Melissa Sue Anderson.	Terror. Jovem bruxa usa de magia negra e satanismo para alcançar seus nefastos objetivos. Feito para a TV.
	4 · 00:30	O ÚLTIMO BRAVO (Apache) EUA, 1954, cor, 91'. De Robert Aldrich. Com Burt Lancaster, Jean Peters e Charles Bronson.	Faroeste. Belicoso chefe indígena é cassado pelo exército mas quando seu filho nasce ele resolve viver em paz.
	7 · 02:00	O GRANDE ESPERTALHÃO (Le Grand Escogriffe) França, 1976, cor, 105'. De Claude Pinoteau. Com Yves Montand.	Comédia criminal. Vigarista tenta convencer um colega a participar de mais uma de sua trapaças quase infalíveis.
	4 · 02:05	MORTE NA RUA (Street Killing) EUA, 1976, cor, 73'. De Harvey Hart. Com Andy Griffith e Bradford Dillman.	Policial. Promotor público arrisca a vida para provar que um magnata e um político estão envolvidos num crime.
	4 · 03:50	TODOS MUITO ESTRANHOS (All the Kind Strangers) EUA, 1974, cor, 74'. De Burt Kennedy. Com Stacy Keach e John Savage.	Suspense. Sete sinistras crianças órfãs aprisionam um fotógrafo e uma jovem em sua casa no interior do Kentucky.
sab 8	11 · 15:00	MONTANHAS DA LUA (Mountains of the Moon) EUA, cor, 90'. De Harmon Jones. Com Ron Ely e Manoel Padilha Jr.	Aventura. Tarzan evita que selvagens africanos massacrem um grupo de invasores que se instalou em suas terras.
	11 · 17:00	PRÓDIGO (The Prodigal Son) EUA, 1985, 99'. De Paul Michael Glaser. Com Don Johnson e Philip M. Thomas.	Policial. Episódio em longa-metragem da série Miami vice Os tiras Sonny e Tubs perseguem um vilão até Nova Iorque
	4 · 21:30	O SOL DA MEIA NOITE (White Nights) EUA, 1985, cor, 135'. De Taylor Hackford. Com Mikhail Barishnikov.	Musical anticomunista. Avião de bailarino dissidente cai na URSS e ele tenta fugir do Império do Mal.
	4 · 23:45	ALTA INCOMPETÊNCIA (Crackers) EUA, 1984, cor, 92'. De Louis Malle. Com Donald Sutherland e Jack Warden.	Comédia criminal. Grupo de desempregados planeja assalto a uma loja de penhores. Mas são todos muito desastrados.
	6 · 00:30	OS FARSANTES (The Comedians) EUA, 1968, cor, 147'. De Peter Glenville. Com Richard Burton e Elizabeth Taylor.	Drama. Excêntrico grupo de ingleses se vê aprisionado no Haiti durante a violenta ditadura de Papa Doc.
	7 · 00:30	O HOMEM QUE ODIAVA AS MULHERES (The Boston Strangler) EUA, 68, cor, 99'. De Richard Fleischer. Com Tony Curtis	Criminal. Perigoso maníaco sexual estrangula mulheres impunemente até que é caçado por implacável investigador.

Esta é uma seleção dos melhores filmes, entre os programados pelas emissoras de TV para esta semana. Acompanhe a programação, diariamente, pelo Caderno B

Recomendações

CENA ABERTA

Regina Rito

A vendedora Lucinha Lins

Muambando...

Lucinha Lins, a Angela de *O Salvador da Pátria*, arranjou uma boa maneira de faturar uma grana extra nos intervalos das gravações.

Semana passada, ela deu uma de muambeira e vendeu bolsas e cangas de Bali nos bastidores da novela.

Detalhe: vendeu tudo a preços que variavam entre US$20,00 a US$100,00.

Prêmio

O quadro *Domingo no Palco* que vai ao ar nas manhãs de domingo, pela TV Manchete, foi indicado para concorrer ao prêmio Mambembe, na categoria grupo movimento ou personalidade.

No ar desde outubro passado, o programa é o primeiro espaço conquistado pelo teatro infantil para divulgação na TV brasileira.

Convites

Yolanda Cardoso aceitou o convite da TV Globo para fazer uma participação especial em Que Rei Sou Eu?.

A atriz vai fazer o papel de uma velhinha de 100 anos e será a responsável por uma grande mudança no rumo da história.

Por falar em Yolanda ela foi convidada também por Mauro Rasi para interpretar um dos principais papéis em sua peça *A Estrela do Lar*, ao lado de Marieta Severo.

Minissérie

Marcos Paulo está todo prosa.

Recebeu um convite do diretor Dênis Carvalho para integrar o elenco da minissérie *A, E, I, O, Urca*, que vai ao ar na Globo em meados deste ano.

Marcos vai fazer o papel de um galã dos anos 40.

Bons amigos...

Visto na platéia de *Lillian* aplaudindo freneticamente a performance da atriz Beatriz Segall, o ator Paulo Pilla, que foi o primeiro namorado italiano de Odete Roittman na novela *Vale Tudo*.

Mas eles se dizem apenas bons amigos.

Dinamite: futebol em Avilan

Futebol

O elenco de Que Rei Sou Eu? recebeu esta semana um visitante ilustre: o jogador Roberto Dinamite.

O craque participou das gravações do capítulo 55, quando o Conselheiro Charles Muller (Luis Gustavo) resolve apresentar o futebol a corte de Avilan e convida Dinamite para fazer uma demonstração.

Gilberto Braga nos anos 60

Projeto

Depois de retornar de Nova Iorque, onde passou todo o mês de janeiro, o novelista Gilberto Braga embarca dia 9 de abril para um *tour* pela Europa, continuando seu descanso pós novela *Vale Tudo*.

Na volta, Gilberto vem com a corda toda para atacar seu novo projeto, que se depender dele, será *Anos de Chumbo*, uma história sobre a juventude alienada dos anos 60.

Mudanças

Sassá Mutema, quem diria, vai trocar a professorinha Clotilde (Maitê Proença) por Gilda (Susana Vieira), a "mulher" de Severo Blanco (Francisco Cuoco).

É que na acirrada disputa pela prefeitura de Tangará, Sassá ganha as eleições. Como Gilda perde Severo para Bárbara (Lúcia Veríssimo), a melhor saída que ela encontra é cair nos braços do novo prefeito.

Censura

A censura interna da TV Globo resolveu mais uma vez passar a tesoura na novela *O Salvador da Pátria*.

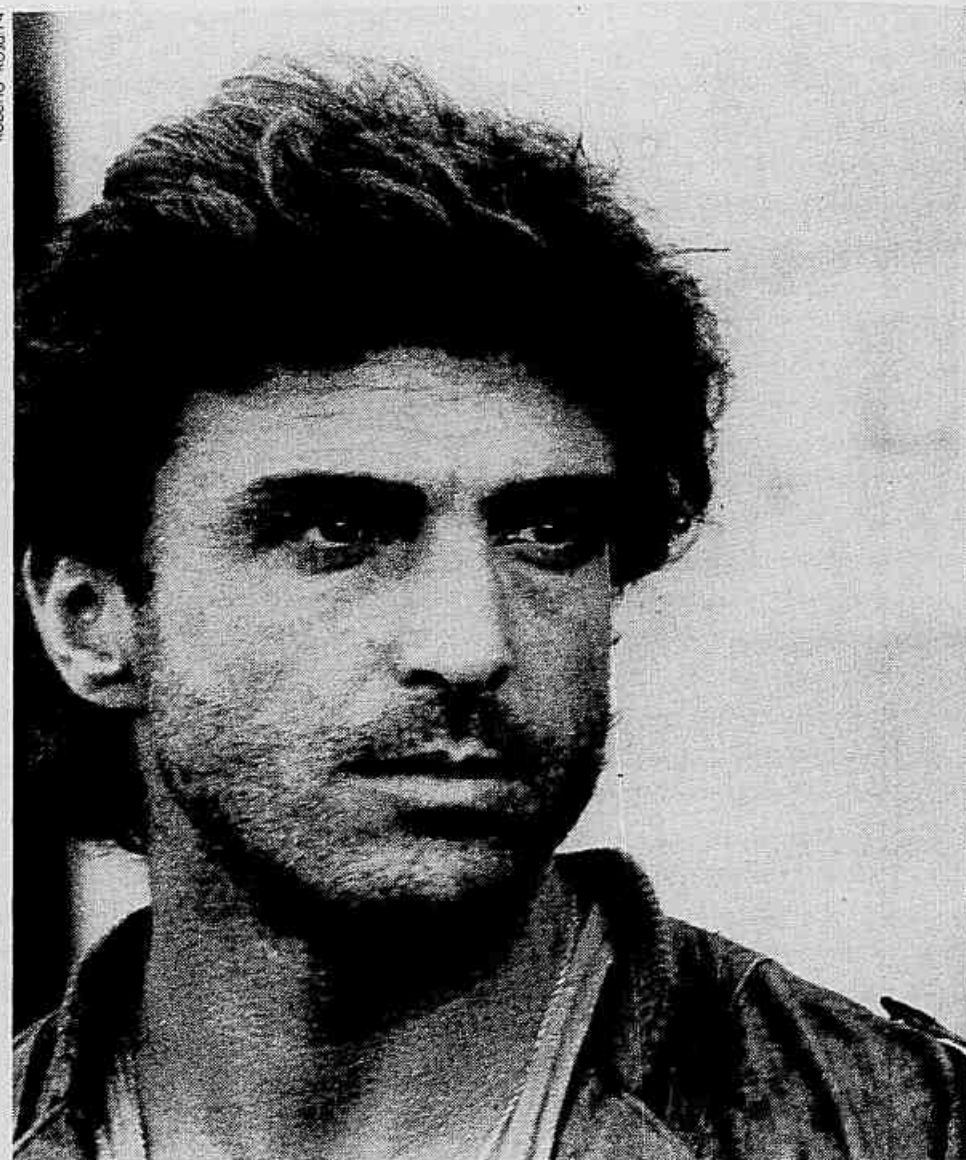
Desta vez o alvo foi a frase " a professora veio da zona"escrita no quadro negro da escolinha de Tangará. Depois de já gravada a cena teve que ser refeita e a palavra *zona* foi substituída por *bordel*.

Lançamentos

UMA CHAMA NO MEU CORAÇÃO (**Une flamme dans mon coeur**), de Alain Tanner. Com Myriam Mézières, Aziz Kabouche, Benoit Régent e André Marcon. **Studio-Copacabana** (Rua Raul Pompeia, 102 — 247-8900): 15h, 17h10, 19h20, 21h30. (16 anos).
A dramática história de uma mulher para quem as relações amorosas se colocam sempre em termos de vida ou morte. França/1987.

A SÉTIMA PROFECIA (**The seventh sign**), de Carl Schultz. Com Demi Moore, Michael Biehn, Jurgen Prochnow e Peter Friedman. **Art-Copacabana** (Av. Copacabana, 759 — 235-4895), **Art-Fashion Mall 2** (Estrada da Gávea, 899 — 322-1258): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Art-Casashopping 2** (Av. Alvorada, Via 11, 2.150 — 325-0746), **Art-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 406 — 254-9578), **Art-Madureira 2** (Shopping Center de Madureira — 390-1827), **Paratodos** (Rua Arquias Cordeiro, 350 — 281-3628), **Campo Grande** (Rua Campo Grande, 880 — 394-4452): 14h, 17h30, 21h. **Pathé** (Praça Floriano, 45 — 220-3135): de 2ª a 6ª, às 12h, 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. Sábado e domingo, a partir das 14h. (14 anos).
Suspense. Depois que as seis profecias do Apocalipse são cumpridas, uma mulher descobre que só ela e o filho que vai nascer podem impedir o cumprimento da sétima. EUA/1988.

MISSISSIPPI EM CHAMAS (**Mississippi burning**), de Alan Parker. Com Gene Hackman, Willem Dafoe, Frances McDormand e Brad Dourif. **Odeon** (Praça Mahatma Gandhi, 2 — 220-3835), **Tijuca-Palace 1** (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4610), **Madureira-3** (Rua João Vicente, 15 — 593-2146), **Art-Méier** (Rua Silva Rabelo, 20 — 249-4544), **Ramos** (Rua Leopoldina Rego, 52 — 230-1889): 13h30, 16h, 18h30, 21h. **São Luiz 1** (Rua do Catete, 307 — 285-2296), **Ópera-2** (Praia de Botafogo, 340 — 552-4945), **Cinema-1** (Av. Prado Júnior, 281 — 295-2889), **Leblon-2** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-5048), **Barra-1** (Av. das Américas, 4.666 — 325-6487): 14h, 16h30, 19h, 21h30. (14 anos).
Baseado em fatos reais ocorridos em 1964. Dois brancos e um negro são mortos provocando a maior caçada humana da história do FBI e uma guerra pelos direitos civis. Oscar de melhor fotografia. EUA/1988.

LIGAÇÕES PERIGOSAS (**Dangerous liaisons**), de Stephen Frears. Com Glenn Close, John Malkovich, Michelle Pfeiffer e Swoosie Kurtz. **Palácio-2** (Rua do Passeio, 40 — 240-6541), **Tijuca-2** (Rua Conde de Bonfim, 422 — 264-5246), **Madureira-1** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338): 14h, 16h20, 18h40, 21h. **São Luiz 2** (Rua do Catete, 307 — 285-2296), **Copacabana** (Av. Copacabana, 801 — 255-0953), **Rio-Sul** (Rua Marquês de São Vicente, 52 — 274-4532), **Barra-2** (Av. das Américas, 4.666 — 325-6487): 14h30, 16h50, 19h10, 21h30. (14 anos).
Na sociedade parisiense do século XVIII, uma marquesa e seu ex-amante brincam de envolver as pessoas em um jogo erótico, sem nenhum escrúpulo. Baseado na obra de Choderlos de Laclos. Oscar de melhor cenografia, figurino e roteiro adaptado. Inglaterra/1988.

Carlos Alberto Riccelli e Glória Pires em **Jorge, um Brasileiro**

OS VIVOS E OS MORTOS (**The dead**), de John Huston. Com Anjelica Huston, Donal McCann, Helena Carroll e Cathleen Delany. **Art-Fashion Mall 1** (Estrada da Gávea, 899 — 322-1258): 15h15, 17h, 18h45, 20h30, 22h15. **Ricamar** (Av. Copacabana, 360 — 237-9932): 20h30, 22h. (10 anos).
Dublin, 1904. Durante uma festa, velhas recordações vêm à tona, e um casal faz um balanço de suas vidas, descobrindo verdades ocultas durante muitos anos. Baseado em um conto de James Joyce. Último filme de Huston. EUA/1987.

UM PEIXE CHAMADO WANDA (**A fish called Wanda**), de Charles Crichton. Com John Cleese, Jamie Lee Curtis, Kevin Kline e Michael Palin. **Largo do Machado 2** (Largo do Machado, 29 — 205-6842): 15h, 17h10, 19h20, 21h30. (10 anos).
O roubo de jóias valiosas aproxima um advogado tipicamente inglês de uma jovem tipicamente americana. Comédia de mistério criada por John Cleese, do grupo inglês Monty Python. Oscar de melhor ator coadjuvante. Inglaterra/1988.

UMA CILADA PARA ROGER RABBIT (**Who framed Roger Rabbit**), de Robert Zemeckis. Com Bob Hoskins, Christopher Lloyd, Joanna Cassidy e Charles Fleischer. **Lido-2** (Praia do Flamengo, 72 — 285-0642): 15h30, 17h30, 19h30, 21h30. (Livre).
Misturando atores de verdade com desenho animado, o filme conta a história de um coelho casado com uma vamp e suspeito de matar um homem. Para resolver o mistério conta com a ajuda de um detetive. Oscar de melhor montagem, montagem de som e efeitos visuais. EUA/1988.

MINHA VIDA DE CACHORRO (**My life as a dog**), de Lass Hallström. Com Anton Glanzelius, Manfred Semer e Anki Lidén. **Ricamar** (Av. Copacabana, 360 — 237-9932): 14h, 16h, 18h. (10 anos).
Adolescente procura manter os problemas à distância, usando para isso seu especial senso de humor. Suécia/1987.

BOM-DIA BABILÔNIA (**Good morning Babilonia**), de Paolo e Vittorio Taviani. Com Vincent Spand, Joaquim de Almeida, Greta Scacchi, Omero Antonutti e Charles Dance. **Star-Ipanema** (Rua Visconde de Pirajá, 371 — 521-4690): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Art-Fashion Mall 3** (Estrada da Gávea, 899 — 322-1258): 15h30, 17h40, 19h50, 22h. **Paissandu** (Rua Senador Vergueiro, 35 — 265-4653): 15h, 17h15, 19h30, 21h45. **Bruni-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 370 — 254-8975): 15h, 17h, 19h, 21h. (14 anos).
No começo do século, dois jovens da região de Toscana, na Itália, emigram para os Estados Unidos em busca de dinheiro e acabam em Hollywood fazendo os cenários para o filme **Intolerance**, de D. W. Griffith. Itália/1986.

RAIN MAN (**Rain man**), de Barry Levinson. Com Dustin Hoffman, Tom Cruise e Valeria Golino. **Metro Boavista** (Rua do Passeio, 62 — 240-1291), **América** (Rua Conde de Bonfim, 334 — 264-4246), **Madureira-2** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338), **Olaria** (Rua Uranos, 1.474 — 230-2666): 13h30, 16h, 18h30, 21h. **Condor Copacabana** (Rua Figueiredo Magalhães, 286 — 255-2610), **Largo do Machado 1** (Largo do Machado, 29 — 205-6842), **Leblon-1** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-5048), **Barra-3** (Av. das Américas, 4.666 — 325-6487): 14h, 16h30, 19h, 21h30. (Livre).
Jovem em sérias dificuldades financeiras descobre que o irmão mais velho, um autista, recebeu 3 milhões de herança e sequestra-o da fundação onde vive para ficar com o dinheiro. Oscar de melhor filme, diretor, ator e roteiro original. EUA/1988.

UMA SECRETÁRIA DE FUTURO (**Working girl**), de Mike Nichols. Com Harrison Ford, Sigourney Weaver, Melanie Griffith e Alec Baldwin. **Palácio-1** (Rua do Passeio, 40 — 240-6541): 14h, 16h10, 18h20, 20h30. **Roxy** (Av. Copacabana, 945 — 236-6245), **Ópera-1** (Praia de Botafogo, 340 — 552-4945): 15h, 17h10, 19h20, 21h30.

Carioca (Rua Conde de Bonfim, 338 — 228-8178): 14h30, 16h40, 18h50, 21h. **Palácio** (Campo Grande): 16h, 18h10, 20h20. (10 anos).
Comédia dramática sobre uma secretária determinada a usar toda a inteligência e charme para conseguir seu lugar na cobiçada bolsa de valores de Nova Iorque. Oscar de melhor canção original. EUA/1988.

ACUSADOS (The accused), de Jonathan Kaplan. Com Jodie Foster, Kelly McGillis, Bernie Coulson e Leo Rossi. **Veneza** (Av. Pasteur, 184 — 295-8349): 15h, 17h10, 19h20, 21h30. **Tijuca-1** (Rua Conde de Bonfim, 422 — 264-5246): 14h30, 16h40, 18h50, 21h30. (14 anos).
Advogada enfrenta ameaças quando pretende colocar na cadeia os acusados de um estupro. Oscar de melhor atriz. EUA/1988.

GOSTO DE SANGUE (Blood simple), de Joel Coen. Com John Gertz, Frances McDormand, Dan Hedaya e M. Emmet Walsh. **Art-Casashopping 1** (Av. Alvorada, Via 11, 2.150 — 325-0746): 15h, 17h, 19h, 21h. (16 anos).
Thriller de suspense sobre um marido traído, que resolve contratar um detetive particular para matar a mulher e o amante dela. EUA/1983.

A HORA DO ESPANTO II (Fright night — Part II), de Tommy Lee Wallace. Com Roddy McDowall, William Ragsdale, Traci Lin e Julie Carmen. **Art-Casashopping 3** (Av. Alvorada, Via 11, 2.150 — 325-0746). **Art-Madureira 1** (Shopping Center de Madureira — 390-1827): 15h, 17h, 19h, 21h. **Bruni-Copacabana** (Rua Barata Ribeiro, 502 — 256-4588): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (16 anos).
Terror. Nesta continuação, uma sedutora vampira volta para aterrorizar o adolescente que matou seu irmão no primeiro filme. EUA/1988.

IRMÃOS GÊMEOS (Twins), de Ivan Reitman. Com Arnold Schwarzenegger, Danny DeVito, Kelly Preston e Chloe Webb. **Lido-1** (Praia do Flamengo, 72 — 285-0642): 15h30, 17h30, 19h30, 21h30. **Tijuca-Palace 2** (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4610), **Baronesa** (Rua Cândido Benício, 1.747 — 390-5745): 15h, 17h, 19h, 21h. (Livre).
Comédia. Irmãos gêmeos, totalmente diferentes, encontram-se depois de adultos e embarcam numa viagem tumultuada para localizar a mãe. EUA/1988.

Reprises

A FESTA DE BABETTE (Babette's feast), de Gabriel Axel. Com Stephane Audran, Birgitte Federspiel, Bodil Kjere e Vibeke Hastrup. **Art-Fashion Mall 4** (Estrada da Gávea, 899 — 322-1258): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (Livre).
Mulher misteriosa vai trabalhar na casa de duas irmãs, num vilarejo perdido da costa dinamarquesa. Tempos mais tarde ela recebe um prêmio de loteria e gasta toda a fortuna preparando um autêntico banquete francês. Oscar de melhor filme estrangeiro. Dinamarca/1988.

DE CASO COM A MÁFIA (Married to the Mob), de Jonathan Demme. Com Matthew Modine, Michelle Pfeiffer, Dean Stockwell e Alec Baldwin. **Jóia** (Av. Copacabana, 680 — 255-7121): 15h30, 17h30, 19h30, 21h30. (14 anos).
Dona-de casa classe média, viúva de mafioso, decide levar uma vida honesta, mas encontra resistência do FBI e da própria Máfia. EUA/1988.

BUSCA FRENÉTICA (Frantic), de Roman Polanski. Com Harrison Ford, Betty Buckley e Emmanuelle Seigner. **Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63 — 267-7295): 16h30, 19h, 21h30. (10 anos).
Cirurgião vai até Paris passar as férias com a mulher. Ela desaparece misteriosamente do hotel e ele começa uma busca desesperada que o leva ao submundo do crime. EUA/1988.

TERRA PARA ROSE (Brasileiro), documentário de Teté Moraes. Narração de Lucélia Santos. **Estação 3** (Rua Voluntários da Pátria, 88 — 286-6149): 17h30, 19h, 20h30. Até dia 9. (Livre).
A reforma agrária no Brasil contada a partir da ocupação da Fazenda Anoni e da história de Rose, mãe do primeiro bebê nascido no acampamento. Produção de 1987.

OS FANTASMAS SE DIVERTEM (Beetlejuice), de Tim Burton. Com Michael Keaton, Alec Baldwin, Geena Davis e Annie McEnroe. **Bristol** (Av. Ministro Edgar Romero, 460 — 391-4822): 14h, 16h. (10 anos).
Comédia. Casal vai morar numa casa de campo mas logo descobre que ela continua habitada pelos fantasmas dos antigos moradores, que se recusam a sair mesmo depois de mortos. Oscar de melhor maquiagem. EUA/1988.

NICO: ACIMA DA LEI (Above the law), de Andrew Davis. Com Steven Seagal, Pam Grier, Henry Silva e Ron Dean. **Bristol** (Av. Ministro Edgar Romero, 460 — 391-4822): 18h, 19h50, 21h30. (14 anos).
História de um policial idealista, experiente nas artes marciais, ex-combatente do Vietnã, que acredita poder melhorar o mundo se puder fazer alguma coisa por seu quarteirão. EUA/1988.

JORGE, UM BRASILEIRO (Brasileiro), de Paulo Thiago. Com Carlos Alberto Riccelli, Glória Pires, Dean Stockwell e Denise Dummont. **Lagoa Drive-In** (Av. Borges de Medeiros, 1.426 — 274-7999): 20h, 22h30. Até quarta. (14 anos).
Baseado no livro homônimo de Oswaldo França Jr., o filme narra o cotidiano de um caminhoneiro pelas estradas do interior do país. Produção de 1988.

LA BAMBA (La Bamba), de Luiz Valdez. Com Lou Diamond Phillips, Esai Morales, Rosana De Soto e Elizabeth Peña. **Campo Grande** (Rua Campo Grande, 880 — 394-4452): 15h50, 19h20. (14 anos).
Baseado na história verídica de um jovem operário mexicano, que se torna um superastro depois do lançamento da música **La Bamba**, mas tem a carreira interrompida 8 meses depois. EUA/1986.

Extra

MAUVAIS SANG (Mauvais sang), de Leos Carax. Com Michel Piccoli, Juliette Binoche e Denis Lavant. Hoje, às 17h, 19h10, 21h20, no **Estação 2**, Rua Voluntários da Pátria, 88.
Jovem planeja fugir com a namorada do amigo, depois de roubar de um laboratório um vírus mortal, transmissível através de carícias. França/1986.

NOVA GERAÇÃO DE CINEASTAS ALEMÃES — Hoje: **Concerto para a mão direita (Konzert für die rechte hand)**, de Michael Bartlett. Com Miklós Königer, Henry Akyna, Sushila Day e Ivo Kviring. **Estação 1** (Rua Voluntários da Pátria, 88 — 286-6149): 19h30, 21h30, com legendas em espanhol.

O braço de um manequim de vitrine está sendo usado como prótese por um homem. Muitas confusões acontecem com esse braço que cria vida própria como no conto **O coração denunciador**, de Edgar Allan Poe. Alemanha/1986.

CENTENÁRIO DE CHAPLIN (VIII) — Hoje: **O vagabundo (The vagabond)**, **Sobre rodas (The rink)**, **Casa de penhores (The Pawnshop)** e **A uma da madrugada (One A.M.)**, filmes dirigidos por Charles Chaplin. Com Chaplin e Edna Purviance. **Cinemateca do MAM** (Av. Beira-Mar, s/nº): 16h30.

HOMENAGEM PÓSTUMA À ATRIZ MARGO LION — Hoje: **Alibi (L'alibi)**, de Pierre Chenal. Com Jany Holt, Margo Lion, Louis Jouvet e Erich von Stroheim. **Cinemateca do MAM** (Av. Beira-Mar, s/nº): 18h30.
Drama policial envolvendo uma comunidade de telepatas. França/1937.

EXTRA — Hoje: **D. Quixote (Don Kihot)**, de Grigori Kozintzev. Com Nikolai Tcherkassov, Yuri Tolubeiev e T. Agamirova. **Cinemateca do MAM** (Av. Beira-Mar, s/nº): 20h30.
Versão cômica do clássico sobre a solidão de dois heróis em um mundo hostil. URSS/1957.

Devido à decisão das distribuidoras Warner Brothers, UIP e Fox Filmes de suspender a divulgação do número de espectadores e renda de seus filmes, deixamos de publicar a partir deste número a seção Campeões de Bilheteria.

Curta na tela

1924 — BENDITA REVOLUÇÃO — De Sérgio Sanderson. Cinemas: **Palácio-2**, **Ramos** e **Studio-Copacabana**

CHICO CARUSO — De Joatan Vilela Berbel. Cinema: **Bristol**

COLOMBINA FOREVER — De David Quintana. Cinema: **Bruni-Tijuca**

IMPRESSO À BALA — De Ricardo de Barros Fávila. Cinema: **Madureira-1**

JENNER AUGUSTO — De Fernando Coni Campos. Cinema: **Art-Casashopping 2**

KULTURA TÁ NA RUA — De Octávio Bezerra. Cinema: **Tijuca-1** e **Art-Fashion Mall 4**

LAMPIÃO, CAPITÃO MALAZARTE — De Octávio Bezerra. Cinema: **Ricamar**

LÍVIO ABRAMO — GRAVURAS — De Fernando Coni Campos. Cinemas: **Jóia** e **Art-Madureira 2**

MADAME CARTÔ — De Nelson Nadotti. Cinema: **Pathé**

MELODRAMA — De Jorge Mansur. Cinema: **Campo Grande**

MEMÓRIA DAS MINAS — De Luiz Keller e Tânia Quaresma. Cinema: **Art-Casashopping 1**

MERCADORES DE SÃO JOSÉ — De Sani Lafon Pádua. Cinema: **Paissandu**

MORANGOS MOFADOS — De Rubem Corveto. Cinema: **Art-Copacabana**

NEM TUDO SÃO FLORES — De Paulo Maurício Caldas. Cinema: **Art-Madureira 1**

Ó DE CASA — De Katia Messel. Cinema: **Art-Casashopping 3**

OS ROMANCES DE DONA OLINDA OLANDA — De Katia Messel. Cinemas: **Cinema-1**, **Art-Fashion Mall 1** e **Leblon-2**

PALÁCIO MONROE, UMA ÉPOCA EM RUÍNAS — De Célio Gonçalves. Cinemas: **Art-Fashion Mall 2** e **Bruni-Copacabana**

V'AM P'RA DISNEYLÂNDIA — De Nelson Xavier. Cinemas: **Paratodos** e **Art-Fashion Mall 3**

VIOLURB — De Cleumo Segond. Cinema: **Art-Tijuca**

GRUPO SEVERIANO RIBEIRO
HOJE
STUDIO COPACABANA
3-5.10-7.20-9.30
ALVORADA apresenta
UMA
CHAMA
NO MEU CORAÇÃO
ALAIN TANNER
16 anos
MYRIAM MÉZIÈRES
"OSCAR" de MELHOR ATRIZ JODIE FOSTER
HOJE
VENEZA
3-5.10-7.20-9.30
TIJUCA
2.30-4.40-6.50-9
14 anos
KELLY McGILLIS JODIE FOSTER
ACUSADOS
3ª SEMANA
O único crime onde a vítima precisa provar sua inocência.
Globo de Ouro MELHOR ATRIZ Jodie Foster
Dos mesmos produtores de "ATRAÇÃO FATAL"
PARAMOUNT PICTURES
JAFFE LANSING
KELLY McGILLIS
JODIE FOSTER
STANLEY R. JAFFE
SHERRY LANSING
JONATHAN KAPLAN
LS • CINEMA É A MAIOR DIVERSÃO •

HOJE
HORÁRIOS DIVERSOS
PALÁCIO 1
ROXY
OPERA 1
CARIOCA
CENTER ICARAÍ
PALÁCIO CAMPO GRANDE
CENTER 1 N. IGUAÇU
D. PEDRO
4 PRÊMIOS DO GLOBO DE OURO
MELHOR FILME (Comédia) • MELANIE GRIFFITH (Melhor Atriz - Comédia)
SIGOURNEY WEAVER (Melhor Atriz Coadjuvante) • MELHOR CANÇÃO ORIGINAL
10 anos
VENCEDOR DO OSCAR
MELHOR CANÇÃO
"LET THE RIVER RUN"-CARLY SIMON
Harrison Ford
Melanie Griffith
Sigourney Weaver
UM FILME DE MIKE NICHOLS
Uma Secretária de Futuro
2 semana!
TWENTIETH CENTURY FOX HARRISON FORD • SIGOURNEY WEAVER • MELANIE GRIFFITH
MIKE NICHOLS WORKING GIRL CARLY SIMON ROB MOUNSEY PATRIZIA VON BRANDENSTEIN
MICHAEL BALLHAUS A.S.C. SAM O'STEEN ROBERT GREENHUT e LAURENCE MARK
KEVIN WADE DOUGLAS WICK MIKE NICHOLS
TRILHA SONORA EM DISCOS E FITAS BMG
APOIO Hering

A VERDADEIRA CONTINUAÇÃO DE "A HORA DO ESPANTO"
MAIS DE 1.200.000 PESSOAS JÁ VIRAM!
INADEQUADO P/ MENORES DE 16 ANOS
5ª SEMANA
HOJE
HORÁRIOS DIVERSOS
BRUNI COPACABANA
ART CASASHOPPING 3
ART MADUREIRA 1
ILHA AUTO CINE
STA. ROSA 1 CAXIAS
CENTER 2 N. IGUAÇU
NITERÓI SHOPPING 2
CINE STAR S. GONÇALO
ART BAUHAUS
RIVIERA B. Mansa
A HORA DO ESPANTO 2
Muito mais que um filme-seqüência
FRIGHT NIGHT PART 2
APOIO

Séculos atrás foi profetizado que o fim do mundo
seria precedido por sete avisos.
O tempo está se esgotando. O apocalipse está próximo.
HOJE
HORÁRIOS DIVERSOS
PATHE
ART COPACABANA
ART FASHION MALL 2
ART CASASHOPPING 2
ART TIJUCA
PARATODOS
ART MADUREIRA 2
CAMPO GRANDE
NITERÓI SHOPPING 1
WINDSOR ICARAÍ
14 ANOS
DEMI MOORE
APOIO PHILCO HITACHI
A SÉTIMA PROFECIA
A esperança de uma mulher é tudo que nos resta.
FM 105

A OBRA PRIMA DOS IRMÃOS TAVIANI
O ESTADO DE S. PAULO
UM FILME DE
PAOLO E VITTORIO TAVIANI
APOIO PHILCO HITACHI
Distribuidor em vídeo FJL FILMES
14 ANOS
BOM DIA BABILONIA
(GOOD MORNING BABILONIA)
VINCENT SPANO · JOAQUIM DE ALMEIDA · GRETA SCACCHI
DESIREE BECKER · OMERO ANTONUTTI · CHARLES DANCE
HOJE
HORÁRIOS DIVERSOS
2ª SEMANA
STAR Ipanema
ART FASHION MALL 3
PAISSANDU
BRUNI TIJUCA

CONCURSO

LIGAÇÕES Perigosas

O JORNAL DO BRASIL
A SKY TURISMO
E A WARNER BROS. LEVAM VOCÊ A

PARIS

PARA CONCORRER A 2(DUAS) PASSAGENS DA "SKY TURISMO", PARA PARIS É SÓ ASSISTIR O FILME

LIGAÇÕES Perigosas

E RESPONDER:

PREENCHA, RECORTE E ENVIE ESTE CUPOM PARA A CAIXA POSTAL 2623 CORREIO CENTRAL - RJ

O RESULTADO SAIRÁ NO DIA 06/04/89 NO JORNAL DO BRASIL

promoção:

JORNAL DO BRASIL

RADIO JORNAL DO BRASIL FM

apoio:

SAMBOLSA
DTVM

1 - QUAL O SÉCULO E QUAL O PAÍS ONDE O FILME SE PASSA?

2 - QUANTAS INDICAÇÕES PARA O OSCAR O FILME RECEBEU.

NOME   END.

EM EXIBIÇÃO NUM CINEMA PERTO DE VOCÊ

Solitária é a mãe

Colunista espanta saudade de Zuenir com declarações de amor a Criciúma e de voto a Lula

Neste exato momento em que meu amigo do peito, irmão, camarada Dorival Caymmi está compondo um rock, percebo que nem tudo está perdido. É que esta semana eu me senti assim como a Lucinha Lins, sofrendo como um doido. Não que o José Wilker seja o homem dos meus sonhos. Nada disso! Mas desde que o Zuenir Ventura partiu em expedição pela Amazônia fiquei arrasado. Roguei praga à Amazônia. Queime a floresta, blasfemei nos ouvidos do Ronaldo Caiado. Faria qualquer coisa para manter a cultura de abobrinhas no aquário do Mestre-Zu. Tive vontade de fazer com a floresta o que o Marco Nanini quer fazer com a Marília Pera. Esganá-la! Numa boa, nada de pessoal. É que não podem roubar da gente aquilo que a gente precisa para viver. Tem gente que gosta de dinheiro, eu gosto do Zu-Zu. Não! Não é a síndrome de Dona Lily de Carvalho. Não estou a fim de um coroa bem sucedido, mas não suporto pensar que o meu Zu está lá, sendo comido pelos mosquitos, se é que um outro bicho ainda maior não o abocanhou.

Eu não sei como é que um homem que vende mais que Iacocca vai se meter em Xapuri. Eu também não sei o que que o Artur Xexéo tem contra o Ronaldo Costa Couto para continuar por aí fazendo gracinhas com a poupança do ministro. Marrelógico que eu não sei! Nunca vi o cocô do cachorro do Lima Duarte para ver se é mesmo sequinho do jeito que ele diz na propaganda da TV. Não sei o que o John Lurie tem contra o inglês do Matinas Suzuki Jr.. Sabe-se lá porque o homem que namora a Xuxa pega um avião daquele para romper a barreira do som. Marrelene que eu não sei! Só sei que Zu-Zu partiu sem me dizer adeus e eu estava assim como a Lucinha Lins quando o telefone tocou e era o velho Dorival a cantar o rock que está compondo.

Também não sei o que uma coisa tem a ver com a outra, mas foi ouvindo o rock do Dorival que me lembrei do sangue alvinegro que corre em minhas veias. Talvez por me sentir assim como uma estrela solitária nesses dias sem Zu. Talvez por perceber que se Dorival pode fazer rock, o Botafogo também pode ser campeão. Me anima pensar que quem tem Paulinho Criciúma pode muito bem viver sem Zuenir. E, talvez por isso, o estilo dessa coluna mude na próxima semana. Estarei mais agressivo, cheio de garra, escrevendo com o coração, subindo pelo alambrado das páginas. Vocês já viram o Paulinho Criciúma comemorando gol? É mais emocionante do que o enterro do Tancredo Neves. E graças a Deus não tem nenhum Sarney no banco do Botafogo. Nossa equipe é mais combativa que a CUT, mais maliciosa que o Robertão. E quem precisa de Zuenir na comunidade alvinegra. Nossa meta é conquistar a Taça Guanabara e depois partir para a decisão final com a seleção da Refrigeração Cascadura, no clássico da rua Padre Telêmaco. Dizem que o Criciúma é imbatível no paralelepípeto. A peleja está sendo organizada pela botafoguense Lecy Brandão, Rainha da comunidade de Marechal Hermes, muito embora tenha grandes amigos na comunidade de Cascadura.

E quem precisa de Zuenir Ventura se, além do Botafogo, a semana nos reserva uma festa de lançamento da campanha do Lula para presidente (sexta-feira, 22h, no Circo Voador). Ainda sonho com a dupla Lula-Crisciúma a fazer um país surpreendente, cheio de garra, de vida, ainda que de vez em quando nada dê certo para o nosso lado. Isto é uma declaração de amor e de voto. Imparcial são os outros. Só espero que a campanha me poupe dos bolinhos de carne da Lucélia Santos. Os cachorrinhos do Lima Duarte é que estão certos!

PS: Há um novo Marcos entre nós. Cresça esperto, moreno!

Tutty Vasquez

Ivan Lima

Edson Celulari e Xuxa Lopes em **Louco de Amor**, *texto de Sam Sheppard, no Teatro dos Quatro*

40° — Texto de Regiana Antonini e Sérgio Rossi. Direção de Luiz Fernando Lobo. Com Vivien Rocha, Maria Sita, Daniela Aragão, Luiz Pareto e outros. **Teatro de Bolso Aurimar Rocha**, Av. Ataulfo de Paiva, 269 (239-1498). De 5ª a sáb., às 21h30; dom., às 20h30. Ingressos 5ª e dom. a NCz$ 5,00; 6ª e sáb. a NCz$ 7,00.

LILLIAN — Monólogo de William Luce. Tradução de Flávio Marinho. Direção de José Possi Neto. Com Beatriz Segall. **Teatro Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63 (267-7295). De 4ª a sáb., às 21h30; dom., às 20h; vesp. de 5ª, às 17h. Ingressos 4ª e 5ª a NCz$ 6,00; 6ª e dom. a NCz$ 8,00 e sáb. a NCz$ 10,00. Até domingo, os trinta primeiros espectadores pagam NCz$ 6,00.

A GERAÇÃO TRIANON — Texto de Ana Maria Nunes. Direção de Eduardo Wotzik. Com Gustavo Otoni, Isio Ghelman, Lourival Prudêncio e outros. **Teatro Glauce Rocha**, Av. Rio Branco, 179 (220-0259). De 5ª a sáb., às 21h e dom., às 19h; vesp. 6ª, às 18h30. Ingressos a NCz$ 5,00; e vesp. de 6ª a NCz$ 4,00.

O LOBO DE RAY-BAN — Texto de Renato Borghi. Direção de José Possi Neto. Com Raul Cortez, Christiane Torloni, Tadeu Aguiar e José Rosa. **Teatro Casa Grande**, Av. Afrânio de Melo Franco, 290 (239-4046). De 4ª a sáb., às 21h30 e dom., às 19h. Ingressos 4ª, 5ª e dom. a NCz$ 8,00 e 6ª e sáb. a NCz$ 10,00.

A ÚLTIMA FILA — Texto de Elbe Holanda. Direção de Hiran Costa Jr. Com o grupo Gatig. **Lona da Cultura**, Aterro do Cocotá, s/nº. Todos os domingos, às 20h. Ingressos a NCz$ 1,00. Até dia 28 de maio. Desconto de 20% mediante apresentação do cartão de leitor do **J.B.**.

CONVERSA GALANTE — Roteiro e direção de Alberto Renault. Com Bel Garcia, Eduardo Laus e Paulo Trajano. **Teatro da Aliança Francesa de Botafogo**, Rua Muniz Barreto, 730 (286-4248). De 5ª a dom., às 21h30. Ingressos a NCz$ 3,00. Não é permitida a entrada após o início do espetáculo. Duração: 50 minutos (18 anos).

LOUCO DE AMOR — Texto de Sam Sheppard. Tradução de Marcos Renaux e Thomas Frey. Direção de Hector Babenco. Com Xuxa Lopes, Edson Celulari, Otávio Müller e Lineu Dias. **Teatro dos Quatro**, Rua Marquês de São Vicente, 52 (274-9895). 5ª e 6ª, às 21h30; sáb., às 20h e 22h30 e dom., às 19h. Ingressos a NCz$ 6,00 (5ª), NCz$ 8,00 (6ª e dom.) e NCz$ 10,00 (sáb.). Às 6ªs, menores de 18 anos e maiores de 60 pagam NCz$ 6,00. Não é permitida a entrada após o início do espetáculo, que começa rigorosamente no horário.

AS NOVIÇAS REBELDES — Texto de Dan Godin. Tradução de Flávio Marinho. Direção de Wolf Maia. Com Cininha de Paula, Fafi Siqueira, Dudu Moraes, Sílvia Massari, entre outros. **Teatro Princesa Isabel**, Av. Princesa Isabel, 186 (275-3346). De 4ª a 6ª, às 21h30; sáb., às 20h e 22h30 e dom., às 18h30 e 21h30. Ingressos a NCz$ 5,00 (4ª e 5ª) e NCz$ 6,00 (6ª, sáb. e dom.). Até dia 8 de abril.

EU AMO — Texto original de Maiakovski. Tradução de Emílio Carrera Guerra. Roteiro e direção de Helvécio Alves Jr. Com Ana Palma, Gislane Bongiorno, Glei Pélias, Helvécio Alves Jr. e Miguel Mudrik. **Sala Monteiro Lobato, Teatro Villa Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695). De 5ª a sáb., às 21h30. Dom., às 20h. Ingressos a NCz$ 2,50. Às 5ªs, casais pagam somente uma entrada. Duração: 1h.

PREZADO AMIGO — Texto de Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade. Direção e roteiro de Walmor Chagas. Com Tarcísio Ortiz, Sílvia Aderne, Ana Rosa e Clara Becker. De 4ª a sáb., às 21h30; dom., às 18h. Ingressos a NCz$ 3,00 (de 4ª a 6ª e dom.) e NCz$ 3,50 (sáb.) **Teatro Ziembinski**, Rua Urbano Duarte, 22 (228-3071). Duração: 1h20.

BAILEI NA CURVA — Direção de Paulo Reis. Com Rafaela Amado, Jacqueline

Ensaiando

Uma forma irreverente de tapear a morte

André Câmara

El Herrero y La Muerte *traz a latinidade aos palcos do Rio*

Qualquer espectador atento da cena teatral carioca terá dificuldades em responder qual foi a última vez que se montou um texto de autor latino-americano na cidade. O que animou no entanto três atrizes recém-formadas pelo Centro de Artes de Laranjeiras a aglutinar um grupo para montar *El Herrero y La Muerte*, dos uruguaios Jorge Curi e Mercedes Rein, não foi nenhum rompante patriótico latino. "É um texto de qualidade que tem uma validade universal", justifica Vera Lúcia Ribeiro que, junto com Letícia Monte e Paula Saboya, assistiu a uma montagem da peça por um grupo gaúcho na Mostra de Verão, em 88. Antonio Grassi tem se ocupado da direção e Caique Botkay da direção de arte, enquanto Paulo José vem colaborando como assessor de dramaturgia. A dupla Curi e Rein participa de um dos mais importantes grupos do Uruguai, o Teatro Circular. Encenada pela primeira vez em 1981, *El Herrero* teve grande repercussão e ficou cinco anos em cartaz em Montevidéu. A estréia da versão brasileira está marcada para o dia 10 de maio no Teatro Cacilda Becker.

A peça, uma fábula em tom de farsa, é uma variante das muitas histórias de origem popular onde um herói tenta o impossível: tapear a morte. "Só que o texto não aborda este tema de modo filosófico, pesado. Ao contrário, é sempre irreverente", garante Grassi. Num vilarejo em local e época indefinidos, um aldeão, graças a um favor concedido por Jesus Cristo em pessoa, consegue armar um estratagema para adiar a chegada da morte. "E isso torna relativa a idéia da morte. Com a ausência da morte, a vida fica sem sentido", explica o diretor. Para Paula Saboya, "o texto foi inspirado em lendas ibéricas, escandinavas e histórias de gaúcho". Mas, ao contrário do que isso poderia sugerir, *El Herrero*, segundo Vera Lúcia, "penetra no imaginário do brasileiro" graças a referências comuns à literatura de cordel, às histórias de Guimarães Rosa e a contribuição do gênero fantástico à literatura brasileira. No elenco, estão ainda Alexandre Zachia, Athaide Arco Verde, Chico Diaz, Henrique Cukierman, Roberto Guimarães e Sérgio Shumacker. Animado com a montagem, o grupo só não sabe ainda se manterá o título original da peça. Eles temem que seu tom soturno possa acabar afastando o público de um texto que se pretende irreverente.

Claudio Figueiredo

Sperantio, Mário Louza e outros. **Teatro Benjamin Constant**, Av. Pasteur, 350 (295-3448). De 4ª a sáb., às 21h30. Dom., às 20h. Ingressos a NCz$ 3,00. Desconto de 20% mediante apresentação do cartão de leitor do **J.B.**. Entrada franca para professores. Duração: 1h50.

BRASIL A PEÇA — Texto de Miguel Falabella, Luís Carlos Góes, Maria Lúcia Dahl e Vicente Pereira. Direção de Jacqueline Laurence. Com Edwin Luisi e Thaís Portinho. **Teatro Posto 6**, Rua Francisco Sá, 51 (247-5443). De 4ª a dom., às 21h30. Ingressos de 4ª a 6ª a NCz$ 3,00 e NCz$ 2,00 e sáb. e dom. a NCz$ 4,00. Desconto de 20% mediante apresentação do cartão de leitor do **J.B.**. Duração: 1h30.

MARTINI SECO — Texto de Fernando Sabino. Direção de Roberto Talma. Com Leina Krespi, Jorge Fernando, Paulo Cesar Grande, Rodolfo Bottino e outros. **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695). De 4ª a 6ª, às 21h30; sáb., às 20h e 22h30 e dom., às 19h. Ingressos 4ª e 5ª a NCz$ 4,00 e 6ª, sáb. e dom. a NCz$ 5,00. Duração: 1h15.

SPLISH SPLASH — Texto de Flávio Marinho. Direção de Wolf Maia. Coreografias de Olenka Raia. Com Alexandre Frota, Raul Gazolla, Marilu Bueno, Cláudia Raia, Liane Maia e outros. **Teatro Ginástico**, Av. Graça Aranha, 187 (220-8394). De 4ª a 6ª, às 21h; vesp. 5ª, às 18h; sáb, às 20h e 22h30 e dom, às 18h e 20h30. Ingressos 4ª e 5ª a NCz$ 4,00; vesp. de 5ª a NCz$ 2,50 e de 6ª a dom a NCz$ 5,00 (Livre). Duração: 1h30. O espetáculo começa rigorosamente no horário.

A PRESIDENTA — Comédia de Bricaire e Lasaygues. Direção de José Renato. Com Jorge Dória, Carvalhinho, Jorge Cherques, Betty Berardo e outros. **Teatro Vanucci**, Rua Marquês de S. Vicente, 52 (274-7246). De 4ª a 6ª, às 21h30, sáb., às 20h e 22h30 e dom., às 19h e 21h30. Ingressos 4ª e 5ª a NCz$ 4,00; 6ª e dom. a NCz$ 5,00 e sáb. a NCz$ 6,00. Desconto de 10% no ingresso de 4ª a 6ª e dom. mediante apresentação do cartão de leitor do **J.B.**. Duração: 2h.

Beatriz Segall no monólogo Lillian, *no Cândido Mendes*

Frederico Mendes

TRAIR E COÇAR... É SÓ COMEÇAR — Comédia de Marcos Caruso. Direção de Attílio Riccó. Com Tony Ferreira, Maria Lúcia Dahl, Mário Cardoso, Denise Fraga e Lu Mendonça. **Teatro do Barrashopping**, Av. das Américas, 4666 (325-5844). 5ª, às 17h30 e 21h; 6ª, às 21h; sáb., às 19h30 e 22h e dom., às 20h. Ingressos 5ª a NCz$ 3,50 (vesp.) e NCz$ 4,00 (2ª sessão) e de 6ª a dom. a NCz$ 5,00. Duração: 2h.

POR DEBAIXO DO LENÇOL — Comédia de Gugu Olimecha. Direção de Lúcio Mauro. Com Helena Werneck, Luiz Pimentel, Marco Ortiz e Gugu Olimecha. **Teatro Cawell**, Rua Desembargador Isidro, 10 (541-5331). 6ª, às 21h30 sáb., às 19h e 21h30 e dom., às 20h30. Ingressos a NCz$ 3,00. Desconto de 40% mediante apresentação do cartão de leitor do **J.B.**. Duração: 1h40 (16 anos).

A NOITE DAS MAL DORMIDAS — Comédia de Niels Petersen. Direção de Renato Prieto. Com Marcos Hamelin, Lula Medeiros e Luí Dias. **Teatro Sesc de Engenho de Dentro**, Av. Amaro Cavalcante, 1.661 (249-1391). Dom., às 20h. Ingressos a NCz$ 1,50. Duração: 1h30. Até dia 30 de abril.

Show

O PEQUENO FRANKENSTEIN — Adaptação e direção de Cláudio MacDowell. Com o grupo Tapa. **Teatro Sesc da Tijuca**, Rua Barão de Mesquita, 539 (208-5332). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a NCz$ 2,00. Até julho.

M'BOI GUAÇU — A LENDA DA COBRA GRANDE — Texto de Carlos Carvalho. Direção de Júlio César Saraiva. **Teatro Cacilda Becker**, Rua do Catete, 338 (265-9933). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a NCz$ 2,00. Até maio.

VALE A PENA — Texto, adaptação e direção de Sura Berditchevsky. **Teatro Posto Seis**, Rua Francisco Sá, 51 (247-5443). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a NCz$ 3,00.

DANÇA DAS FLORES — Texto de Hana Nesi. Direção de Gedivan de Albuquerque. Com o grupo Dançarte Já. Participação especial de Amanda Bloch. **Teatro Tereza Raquel**, Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a NCz$ 2,00. Adulto acompanhado de mais de duas crianças não paga.

BECO LAMBANÇA — Musical de Christian Machado e Luís Igreja. Direção de Luís Igreja. **Teatro do Planetário da Gávea**, Av. Pde. Leonel Franca, 240 (274-0046). Sáb. e dom., às 18h. Ingressos a NCz$ 2,00.

A BRUXINHA E O PRÍNCIPE — Texto de Limachem Cherem. Direção de Marcos Cinelli. **Casa de Cultura Lima Barreto**, Av. Heitor Beltrão, 353 (228-2938). Dom., às 18h. Ingressos a NCz$ 2,00.

BRINCANDO E TRANSFORMANDO — Texto de Jurema Oliveira e Pedro Oliveira. Direção de Marcelo Silveira. **Teatro da Cidade**, Av. Epitácio Pessoa, 1664 (287-1145). Sáb. e dom., às 17h30. Ingressos a NCz$ 1,50. Desconto de 20% mediante apresentação de cartão de leitor do **J.B.** Último dia.

O DIAMANTE DO GRÃO-MOGOL — Musical de Maria Clara Machado. Direção de Milton Dobbin. **Teatro João Caetano**, Pça. Tiradentes, s/nº (221-0305). Sáb. e dom., às 16h30. Ingressos a NCz$ 1,50. Até dia 16.

TISTU O MENINO DO DEDO VERDE — Musical infantil. Texto de Maurice Druon. Tradução e adaptação de Oscar Felipe e Neyde Mendonça. Direção de Ivan Merlino. Com Carvalhinho e outros. **Teatro Vannucci**, Rua Marquês de São Vicente, 52 (274-7246). Sáb. e dom., às 17h30. Ingressos a NCz$ 5,00. O espetáculo começa rigorosamente no horário.

CHAPEUZINHO VERMELHO — EM BUSCA DO CORAÇÃO SECRETO — Adaptação e direção de Tônio Carvalho. **Teatro Sesc da Tijuca**, Rua Barão de Mesquita, 539 (208-5332). Sáb. e dom., às 16h e 18h. Ingressos a NCz$ 2,50.

A BELA ABORRECIDA — Texto de Paulo César Coutinho. Direção de Edwin Luisi e Flávio Marinho. Com Zezé Polessa. **Teatro Vanucci**, Rua Marquês de S. Vicente, 52/3º (274-7246). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a NCz$ 2,00. Desconto de 25% mediante apresentação do cartão de leitor do **J.B.**

O SEGREDO DA COCACHIM — Texto de Denise Crispun. Direção de Carina Cooper. **Teatro Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63 (267-7295). Sáb. às 17h e dom., às 16h e 17h. Ingressos a NCz$ 3,00. Desconto de 20% no ingresso mediante apresentação de cartão de leitor do **J.B.**

BABO ZEIRAS — Musical de João Batista e Tânia Nardini. Direção e coreografias de Tânia Nardini. Músicas de Lamartine Babo. **Teatro Ipanema**, Rua Prudente de Morais, 824 (247-9794). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a NCz$ 1,50. Desconto de 20% no ingresso mediante apresentação de cartão de leitor do **J.B.**. Até dia 30 de abril.

Claudia Ferreira

No Teatro Posto Seis, Vale a Pena, *peça de Sura Berditchevsky*

NA COLA DO SAPATEADO — Musical com o grupo Catsapá. Direção de Tânia Nardini. **Teatro Ipanema**, Rua Prudente de Morais, 824 (247-9794). Sáb. e dom., às 17h30. Ingressos a NCz$ 1,50. Desconto de 20% no ingresso mediante apresentação do cartão de leitor do **J.B.**

A GEMA DO OVO DA EMA — Texto de Sílvia Orthof. Direção de Nara de Abreu. **Teatro Villa Lobos**, Av. Princesa Isabel, 400 (275-6695). Sáb., às 17h e dom., às 16h. Ingressos a NCz$ 1,50. Desconto de 20% mediante apresentação de cartão de leitor do **J.B.**.

VAMOS BRINCAR DE SER CRIANÇA — Musical. Texto de Jair Brito de Castro. Direção de William Vita. **Teatro da Funabem**, Rua Clarimundo de Melo, 847 (269-8132). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a NCz$ 1,00. Até dia 30 de abril.

MARIA MINHOCA — Texto de Maria Clara Machado. Direção de Gilson de Barros. Com o grupo Pessoal do Tom. **Teatro do América**, Rua Campos Salles, 118 (234-2068). Sáb. e dom., às 17h30. Ingressos a NCz$ 1,50. Sócios pagam NCz$ 1,20.

O PATINHO FEIO, O ESTRANHO DO NINHO — Texto de Aurimar Rocha. Direção de Wagner Lima. **Teatro de Bolso Aurimar Rocha**, Av. Ataulfo de Paiva, 269 (239-1498). Sáb. e dom., às 18h. Ingressos a NCz$ 2,00. Desconto de 20% no ingresso mediante apresentação do cartão de leitor do **J.B.**.

FORMIGANDO — Texto e direção de Sérgio Coelho. **Teatro do Planetário**, Av. Pe. Leonel Franca, 240 (274-0046). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a NCz$ 2,00. Desconto de 20% mediante apresentação de cartão de leitor do **J.B.**.

OS TRÊS PORQUINHOS E O LOBO MAU — Texto e direção de Jayr Pinheiro. **Teatro Brigitte Blair 1**, Rua Miguel Lemos, 51 (521-2955). Sáb. e dom., às 18h. Ingressos a NCz$ 1,50.

CHAPEUZINHO VERMELHO — Texto de Maria Clara Machado. Direção de Limachem Cherem. **Teatro Imperial**, Praia de Botafogo, 524. Dom., às 18h. Ingressos a NCz$ 2,00. Acompanhante não paga.

CHAPEUZINHO VERMELHO NO BOSQUE — Texto e direção de Jayr Pinheiro. **Teatro Brigitte Blair 1**, Rua Miguel Lemos, 51 (521-2955). Sáb. e dom, às 16h. Ingressos a NCz$ 1,50.

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES — Texto e direção de Jayr Pinheiro. **Teatro Brigitte Blair 1**, Rua Miguel Lemos, 51 (521-2955). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a NCz$ 1,50.

A REVOLTA DOS BRINQUEDOS — De Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga. Direção de José Carlos Chagas. **Teatro da Suam**, Pça. das Nações, 88 (270-7082). Sáb. e dom., às 16h30. Ingressos a NCz$ 1,50. Até dia 30 de abril.

CIRCO ENCANTADO — Texto e direção de Limachem Cherem. **Teatro Imperial**, Praia de Botafogo, 524. Hoje, às 18h. Ingressos a NCz$ 1,50.

O TESTE DA FADA MADRINHA — Texto e direção de Luna Brum. **Teatro do Tijuca Tênis Clube**, Rua Conde de Bonfim, 451. Todos os domingos, às 17h30. Ingresso a NCz$ 0,60.

TRIBOBÓ CITY — Texto e direção de Maria Clara Machado. **Teatro Tablado**, Av. Lineu de Paula Machado, 795 (294-7847). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a NCz$ 1,50.

Silvio Pozatto

Luis Carlos Tourinho e Drica Moraes em O Segredo da Cocachim

Circo

CIRCO D'ITALIA — Palhaços, animais amestrados, globo da morte com três motociclistas juntos, pêndulo duplo, acrobatas e novas atrações. **Pça 11** (252-6255). 5ª, às 14h e 21h; 6ª, às 21h; sáb., às 15h, 17h30 e 21h; dom. e feriados, às 10h15, 17h30 e 20h. Ingressos de arquibancada a NCz$ 3,00 e NCz$ 2,50, crianças de dois a 10 anos; cadeira a NCz$ 3,50 e NCz$ 3,00, crianças de dois a 10 anos e camarote a NCz$ 18,00.

Cinema

CHARLES CHAPLIN — 100 ANOS — Hoje, às 16h: **O conde (The count)**, **À uma da madrugada (One a.m.)**, **O aventureiro (The adventurer)** e **O pintor apaixonado (The face on the bar room floor)** de e com Charles Chaplin. **Estação 1** (Rua Voluntários da Pátria, 88 — 286-6149). (Livre). Todos os curtas são mudos com entretítulos em português.

AS AVENTURAS DE CHATRAN (The adventures of Chatran), de Masanori Hata. Filme com animais, narrado em português. **Lagoa Drive-In**, Av. Borges de Medeiros, 1.426 (274-7999): hoje, às 18h30. (Livre). História da amizade entre um gato e um cachorro e as aventuras que os dois passam para se reencontrarem, depois que o gatinho é arrastado pela correnteza do rio. Japão/1988.

Extra

ÁREA DE LAZER DO JOCKEY CLUB — Ateliers de pintura, brinquedos e brincadeiras, show com palhaços, bateria mirim de escola de samba, mini-fazenda, entre outras atrações. Todos os sábados e domingos, de 13h às 18h. Pça. Santos Dumont, s/nº. Ingressos a NCz$ 6,00. Adulto não paga.

Karaokê

KARAOKÊ DO VOVÔ JEREMIAS — Discoteca, brincadeiras e karaokê com Walter Jeremias. Sáb. e dom., às 17h, no **Gig Video Bar**, Av. Gal. San Martin, 629 (294-3545). Ingressos a NCz$ 1,00.

Hoje é o último dia para se assistir o show de lançamento do novo LP do conjunto Hanói Hanói, no Teatro Ipanema

Show

ADRIANA CALCANHOTO — Show da cantora gaúcha e banda. 4ª e 5ª, às 22h30 e 24h; 6ª e sáb., às 23h e 0h30; dom., às 22h30 e sáb. e dom., às 19h30 (não fumantes). **Mistura Fina**, Rua Garcia D'Ávila, 15 (267-6596). **Couvert** 4ª e 5ª e sáb. e dom. (não fumantes) a NCz$ 5,00; de 6ª a dom. a NCz$ 8,00. Último dia.

EU CANTO SAMBA — Show do cantor e compositor Paulinho da Viola acompanhado de banda. De 4ª a sáb., às 21h30. Dom., às 20h. **Teatro Clara Nunes**, Rua Marquês de São Vicente, 52 (274-9696). Ingressos a NCz$ 6,00 (4ª, 5ª e dom.) e NCz$ 8,00 (6ª e sáb.). Último dia.

AMIGO É PRÁ ESSAS COISAS — Show do grupo vocal MBP4 acompanhado de conjunto. **Scala 1**, Av. Afrânio de Melo Franco, 296 (239-4448). De 5ª a sáb., às 22h e dom., às 20h. Ingressos a NCz$ 10,00, mesa central e a NCz$ 8,00, mesa lateral, por pessoa. Até dia 16 de abril.

HOMEM DE BEM — Apresentação do grupo cantando mantras indianos. Participação de trio de cordas, de Marcos Suzano e Jovi (percussão) e Paulo Russo (baixo). Dom., às 18h30, no **Morro da Urca**, Av. Pasteur, 520. Ingressos a NCz$ 6,00, incluindo a passagem do bondinho.

BOCA LIVRE EM CONCERTO — Apresentação do grupo vocal e instrumental formado por Zé Renato, Lourenço Baeta, David Tygel e Maurício Maestro. **Canecão**, Av. Venceslau Braz, 215 (295-3044). 4ª e 5ª, às 21h30; 6ª e sáb., às 22h30 e dom., às 20h. Ingressos a NCz$ 8,00, mesa central e frisa e NCz$ 6,00, mesa lateral, por pessoa. Último dia.

KUIRÊ - O CONCERTO — Apresentação do Quinteto Violado. **Teatro da Casa de Cultura Laura Alvim**, Av. Vieira Alvim, 176 (47-6946). De 4ª a 6ª, às 21h30; sáb., às 20h e 22h e dom., às 20h. Ingressos de 4ª a 6ª e dom. a NCz$ 6,00, platéia e a NCz$ 5,00, balcão; sáb. a NCz$ 7,00, platéia e a NCz$ 6,00, balcão. Até dia 16.

NONATO LUIZ — Show do violonista. **Teatro João Theotônio**, Rua da Assembléia, 10 (232-1393). 6ª, às 18h30; sáb. e dom., às 20h. Ingressos a NCz$ 3,00.

SANDRA DE SÁ — Apresentação da cantora acompanhada pela banda Serta. **Teatro da SUAM**, Pça das Nações, 88 (270-7082). De 4ª a dom., às 19h. Ingressos a NCz$ 2,00. Último dia.

HANÓI HANÓI — Show de lançamento do segundo Lp do conjunto de rock. **Teatro Ipanema**, Rua Prudente de Morais, 824 (247-9794). De 4ª a dom., às 21h30. Ingressos a NCz$ 4,00. Último dia.

TANGOS Y TANGOS — Apresentação de música e dança portenhas com Jorge Paulo e Marina, Sérgio e Verônica, Ubirajara Silva e outros. **Teatro Rival**, Rua Álvaro Alvim, 33 (240-1135). De 5ª a dom., às 21h. Ingressos a NCz$ 3,00. Último dia.

LOUCA PELO SAXOFONE — Texto e direção de Patrício Bisso. Com Patrício Bisso, os Bokos-Mokos e o trio vocal As Notas Pretas. **Teatro da Praia**, Rua Francisco Sá, 88 (267-7749). 4ª, 5ª e 6ª, às 21h30; sáb., às 20h e 22h30; dom., às 20h. Ingressos a NCz$ 5,00 (4ª, 5ª e dom.) e NCz$ 6,00 (6ª e sáb.). Último dia.

HEAVY METAL — Apresentação das bandas Extermínio, Vulcano e Korzus. Dom., às 15h, no **Caverna II**, ao lado do Canecão. Ingressos a NCz$ 3,00.

ADRIANO GIFFONI — Apresentação do baixista e conjunto. Sáb. e dom., às 18h, nas arcadas da **Casa de Cultura Laura Alvim**, Av. Vieira Souto, 176 (267-1647). Ingressos a NCz$ 2,50.

QUEM VOTOU PARA PRESIDENTE? — Texto e interpretação de Carlos Eduardo Novaes. Direção de Benjamin Santos. **Teatro Glória**, Rua do Russel, 632 (245-5527). De 4ª a 6ª, às 21h30; sáb., às 22h e dom., às 19h. Ingressos de 4ª a 6ª e dom. a NCz$ 6,00 e sáb. a NCz$ 8,00.

UM HOMEM NA PRAÇA — Textos de Chico Anysio, Ghiaroni, José Sampaio, Mário Tupinambá, Nani e outros. Direção de Cininha de Paula e Lug Paula. Com Chico Anysio. **Teatro João Caetano**, Pça Tiradentes, s/nº (221-0305). 6ª e sáb., às 21h30 e dom., às 20h. Ingressos a NCz$ 7,00, platéia e a NCz$ 5,00, balcão.

O BURACO DO URUTU — Texto do cartunista e humorista Nani. Com a comediante Nádia Maria. Direção de Luiz Figueiredo. **Teatro do Ibam**, Lgo do Ibam, 1 (266-6622). 5ª e 6ª, às 21h30; sáb, às 20h e 22h e dom, às 18h e 20h30. Ingressos 5ª e dom a NCz$ 2,50; 6ª e sáb a NCz$ 3,00. (18 anos). Estacionamento próprio.

JOÃO KLEBER — Show do humorista. Direção de Chico Anysio. **Teatro da Cidade**, Av. Epitácio Pessoa, 1664 (247-3292). De 5ª a sáb., às 21h30; dom., às 20h30. Ingressos a NCz$ 4,00.

COSTINHA O REI DO RISO — Texto de Costinha e Lauretti Gouzardi. Direção de Lauretti Gouzardi. Com Costinha. **Teatro Armando Gonzaga**, Av. Gal. Cordeiro de Farias, 511 (350-6733). De 5ª a dom., às 20h30. Ingressos 5ª e 6ª a NCz$ 2,50 e sáb. e dom., às 3,00.

Revista

PANTERAS DO POSTO SEIS — Texto de José Fernando Bastos e Veruska. Direção de João Paulo Pinheiro. Com Kiriaki, Marlene Casanova, Veruska, Camile e outros. **Teatro Alasca**, Av. Copacabana, 1241 (247-9842). De 4ª a sáb., às 21h30 e dom., às 19h. Ingressos 4ª e 5ª a NCz$ 3,50; de 6ª a dom. a NCz$ 4,00.

A RECEITA DO VEADO — Texto e direção de Brigitte Blair. Com Clovis Gierkens, Tássia Veríssimo, Twiggy. **Teatro Brigitte Blair 2**, Rua Senador Dantas, 13 (220-5033). 5ª e 6ª, às 21h15; sáb. e dom., às 18h30 e 21h15. Ingressos 5ª e 6ª a NCz$ 4,00; sáb. e dom. a NCz$ 5,00.

NOITE DOS LEOPARDOS — Show erótico com o travesti Eloína e modelos masculinos. **Teatro Alasca**, Av. Copacabana, 1241 (247-9842). 6ª e sáb., às 24h e dom., às 21h30. Ingressos a NCz$ 5,00.

AS BONECAS DO CUZADO NOVO — Texto e direção de Jair Pinheiro. Com os travestis Fabiane, Diana Fisk e Luiz Valentim. **Teatro Brigitte Blair 1**, Rua Miguel Lemos, 51 (521-2955). De 5ª a dom., às 21h. Ingressos 5ª e 6ª a NCz$ 4,00; sáb. e dom. a NCz$ 5,00.

Leny Andrade, no Botecoteco

Casas noturnas

LENY ANDRADE — Show da cantora acompanhada de conjunto. Participação de Paulinho Trompete. **Botecoteco**. Av. 28 de setembro, 205 (204-2727). 5ª, às 22h30; 6ª e sáb., às 23h30 e dom., às 21h30. Ingressos 5ª e dom. a NCz$ 5,00 e 6ª e sáb. a NCz$ 7,00. Até dia 9 de abril.

OBSCENO — Show do cantor Wando acompanhado de conjunto. **Gafieira Asa Branca**, Rua Men de Sá, 17 (252-4428). 4ª e 5ª, às 22h; 6ª e sáb., às 22h30 e dom., às 20h. Ingressos 4ª e 5ª a NCz$ 7,00; 6ª e sáb. a NCz$ 10,00 e dom. a NCz$ 6,00.

GRUPO TERRA MOLHADA — Música dos Beatles. Dom. e 2ª, às 22h30. **People**, Av. Bartolomeu Mitre, 370 (294-0547). **Couvert** a NCz$ 4,00.

TEATRO — Apresentação do cantor Juan de Bourbon. Rua Vinícius de Moraes, 118 (267-1245). De 3ª a 5ª, às 23h e de 6ª a dom., às 23h30. **Couvert** a NCz$ 5,00. Até domingo.

CLUB 1 — Programação: de 2ª a sáb., música ao vivo, com Manuel Gusmão (baixo) e Fernando Martins (piano). De 4ª a sáb., apresentação de Lígia Gomes (piano e voz), Alexandre (percussão) e Leonardo (baixo). De dom. a 3ª, Poli (guitarra) e Cristiane (voz). Diariamente, a partir das 22h. Rua Paul Redfern, 40 (259-3148). **Couvert** a NCz$ 3,00 e consumação a NCz$ 3,50.

BECO DA PIMENTA — Programação: 5ª, às 21h30, o cantor João Filardi; 6ª e sáb., às 22h30, o cantor Mongol; dom., às 21h, os cantores Cláudia, Jadiel e Miguel, com a participação de João Francisco. **Couvert** de 5ª a sáb., a NCz$ 1,50; e dom. a NCz$ 1,00. Rua Real Grandeza, 176 (266-5746).

POKER BAR — Programação: de 3ª a dom. o pianista D'Ângelo. Às 3ªs, samba e pagode com Miguelzinho e sua gente. Às 6ªs e sáb a cantora Cacy. **Couvert** a NCz$ 0,80. Rua Almte. Gonçalves, 50 (521-4999).

CÁLICE — Apresentação dos pianistas Aécio Flávio (de 2ª a 5ª, à 0h15; 6ª e sáb., às 21h) e Gilberto Alban (de 3ª a 5ª, às 19h30; 6ª e sáb., à meia-noite e dom., às 21h30) e das cantoras Clarisse Grova e Áurea Martins. De 2ª a 5ª, às 22h, Nonato Luiz (violão). Consumação de dom a 5ª a NCz$ 4,00; 6ª, sáb e véspera de feriado a NCz$ 5,00. Rua Dias Ferreira, 571 (274-4946).

O VIRO DA IPIRANGA — Programação: 6ª, a cantora Denise Dallal; sáb., a banda Quadro Negro e dom., Nivaldo Fiuza e banda. Rua Ipiranga, 54 (225-4762). 6ª e sáb., às 23h e dom., às 21h30. **Couvert** 6ª a NCz$ 3,50; sáb. a NCz$ 1,50 e dom a NCz$ 2,00.

TUDO BEM EU CANTO AGONIA — Apresentação do cantor e compositor Mongol. Dom., às 20h30, no **Calabar**, Rua Dr. Satamini, 244. **Couvert** a NCz$ 2,50. Até dia 30.

Pagode e gafieira

CAFÉ DA MANHÃ — Pagode com o conjunto. Apresentação de Everaldo e Nelsinho. Dom., às 17h, na Rua Figueiredo Pimentel, 55, Abolição. Sem **couvert**, sem consumação.

VÍDEO

VÍDEO—SHOW — Exibição de vídeo inédito com o **Genesis**. Às 16h, 18h, 20h, 22h, na **Sala de Vídeo Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63.

ZIMBAR VÍDEO — Hoje, às 20h e 22h: **The glass spider tour**, com David Bowie. No **Teatro Ziembinski**, Rua Urbano Duarte, 22 (em frente ao metrô São Francisco Xavier). Entrada franca.

VÍDEOS NO TULLULA — Hoje, às 16h30 e 19h: **Led Zeppelin**. No **Núcleo Tullula/Atalho**, Av. Ministro Edgar Romero, 338/sala 201 (751-4341).

VÍDEO NO MHN — Exibição do vídeo **Histórias do cotidiano**. Hoje, às 15h, 16h.

DANCETERIA

DOMINGUEIRA VOADORA — Apresentação da Orquestra Tabajara do maestro Severino Araújo. Dom., às 22h, no **Circo Voador**, Lapa. Ingressos a NCz$ 2,00.

BALIBAR — Música a cargo de Fernando Costa. De 5ª a dom., a partir das 22h30. Estrada da Barra, 1636 (399-3460). Ingressos a NCz$ 3,00 (homem) e NCz$ 2,00 (mulher).

CARINHOSO — Música para dançar com a banda da casa e o conjunto da cantora Dora. Diariamente a partir das 22h, na Rua Visc. de Pirajá, 22 (287-0302). **Couvert** de dom. a 5ª a NCz$ 2,50 e 6ª, sáb. e véspera de feriado a NCz$ 3,50.

PSICOSE — Música mecânica de 4ª a dom., a partir das 22h e vesp. de dom., às 15h, com os discotecários Oswaldo e Valter. Ingressos 4ª e 5ª a NCz$ 1,20, homem e NCz$ 0,80, mulher; 6ª e dom. a NCz$ 1,50, homem e NCz$ 1,00, mulher e sáb. a NCz$ 2,00, homem e NCz$ 1,50, mulher e vesp. a NCz$ 0,50. Rua Mariz e Barros, 1050 (284-1796). Dom., matinée infantil, das 15h às 19h. Ingresso a NCz$ 1,00.

HELP — Discoteca. Av. Atlântica, 4332 (521-1296). Diariamente a partir das 22h. Ingressos a NCz$ 4,50.

ZODÍACO — Música de fita para dançar. Consumação de dom. a 5ª a NCz$ 3,0; 6ª, sáb. e véspera de feriado a NCz$ 6,0. Av. Sernambetiba, 1996 (399-0375).

ZOOM — Discoteca com Tony D'Carlo, Gustavo de Caux e Adão. De 4ª a dom., às 22h e vesp. dom., às 15h. Lgo. de S. Conrado, 20 (322-4179). Ingressos 4ª, 5ª e dom. a NCz$ 3,00, homem e NCz$ 2,00, mulher; 6ª a NCz$ 3,50, homem e NCz$ 2,50, mulher; sáb. a NCz$ 4,00, homem e NCz$ 3,00, mulher; vesp. a NCz$ 1,00.

LEON'S DISCO — Discoteca e música ao vivo, com os discotecários Adilson e Edinho. De 5ª a dom., às 20h e vesp. sáb. e dom., às 15h. Ingressos 5ª a NCz$ 0,80; 6ª a NCz$ 2,00, homem e NCz$ 1,50, mulher; sáb. a NCz$ 2,50, homem e NCz$ 2,00, mulher; dom. a NCz$ 1,50, homem e NCz$ 1,00, mulher e vesp. de sáb. a NCz$ 0,80 e de dom. a NCz$ 1,00. Travessa Almerinda Freitas, 42 (359-0277).

VINÍCIUS — Música ao vivo para dançar, a partir das 22h, com a Bigband e os cantores Regina Falcão, Vítor Hugo e Luís Carlos. **Couvert** de dom a 5ª a NCz$ 2,00; 6ª, sáb. e véspera de feriado a NCz$ 3,50. Av. Copacabana, 1144 (267-1497).

SOBRE AS ONDAS — Música ao vivo para dançar, diariamente a partir das 21h, com a banda do maestro Miguel Nobre e a cantora Consuelo; a banda do João Carlos e o cantor Betho; dom. o conjunto Barbas. **Couvert** de dom a 5ª a NCz$ 2,50 e 6ª, sáb. e véspera de feriado a NCz$ 4,00. Av. Atlântica, 3432 (521-1296).

COLUMBUS — Discoteca. Ingressos de dom. a 5ª a NCz$ 5,00 e, de 6ª e sáb., a NCz$ 6,00. Diariamente, a partir das 22h. Rua Raul Pompéia, 94 (521-0279).

PRESS — Discoteca e vídeos a cargo de Roger Nascimento Silva e Cícero Vazquez. Aberta de 3ª a dom., a partir das 22h, com música de fita. Consumação de dom. a 5ª a NCz$ 3,50 e 6ª, sáb. e véspera de feriado a NCz$ 5,00. Av. Sernambetiba, 4700 (385-2813).

BOITE VOGUE — Música ao vivo com o conjunto da casa e discoteca. A partir das 22h. Aos domingos, apresentação da banda Hangar 18. **Couvert** de dom. a 5ª a NCz$ 3,00 e 6ª, sáb. e véspera de feriado a NCz$ 5,00. Consumação de dom. a 5ª a NCz$ 3,00 e 6ª, sáb. e véspera de feriado a NCz$ 5,00. Rua Cupertino Durão, 173 (274-4145).

EXPOSIÇÃO

AQUARELAS INGLESAS — SÉCULOS XVIII E XIX — Coletiva com aquarelas do acervo do **Norwich Castle Museum**. **Museu Nacional de Belas Artes**, Av. Rio Branco, 199. Das 15h às 18h. Até dia 10 de abril.

RIO, PRAIA E PARQUE — Exposição com trabalhos de 30 fotógrafos do **Jornal do Brasil**. **Escola de Artes Visuais do Parque Lage**, Rua Jardim Botânico, 414. Das 10h às 18h. Até dia 11 de abril.

MODERNISTA? FUTURISTA? NÃO! SENSÍVEL E ARTISTA — Desenhos e ilustrações de Le Corbusier usados em suas palestras de 1936. **Sala Clarival do Prado Valladares do MNBA**, Av. Rio Branco, 199. Das 15h às 18h. Até dia 23.

ANTÔNIO DE GASTÃO — Peças de artesanato do pescador. **Museu do Folclore Edison Carneiro**, Rua do Catete, 179. Das 10h às 18h. Último dia.

UNIVERSO DA CERÂMICA — Coletiva de ceramistas. **Rio Design Center**, Av. Ataulfo de Paiva, 270. Das 12h às 20h. Exibição de vídeos diariamente, das 14h às 17h, no **show room**. Último dia.

FEIRA DE ANTIGUIDADES — Barracas que expõem obras de arte como cristais, porcelanas e quadros. Das 10h às 19h, no **Casashopping**.

ANTIGUIDADES E OBJETOS DE ARTE — Exposição e venda de diversos objetos de arte e antiguidades. **Ocean Side Plaza do Hotel Intercontinental**, Av. Prefeito Mendes de Moraes, 222. Das 10h às 18h.

PERCY DEANE — Desenhos e pinturas. **Sala Bernardelli do MNBA**, Av. Rio Branco, 199. Das 15h às 18h. Até dia 23.

MALU FATORELLI — Têmperas. **Galeria de Arte do Centro Empresarial Rio**, Praia de Botafogo, 228. Das 13h às 18h. Até dia 23.

ACERVO DA ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DA CASA DE CULTURA LAURA ALVIM — Exposição de fotografias, gravuras, desenhos, esculturas e instalações. **Casa de Cultura Laura Alvim**, Av. Vieira Souto, 176. Das 16h às 19h. Até dia 23.

FERNANDO PINTO — Exposição com as fantasias e alegorias criadas pelo carnavalesco. **Museu do Carnaval**, Praça da Apoteose. Das 11h às 17h. Até dia 30 de abril.

PRAÇA XV — 1580 A 1988 — Painés de Guta (Carlos Gustavo Nunes Pereira). **Sala da Maquete do Paço Imperial**, Praça XV. Das 11h às 18h30. Até julho.

MARQUESA DE SANTOS — Objetos pessoais, cartas e reproduções fotográficas sobre a vida da marquesa. **Museu do Primeiro Reinado**, Av. Pedro II, 293. Das 13h às 17h. Exposição permanente.

COLONIZAÇÃO E DEPENDÊNCIA — Documentos históricos que traçam a evolução econômica do país, desde a colônia. **Museu Histórico Nacional**, Praça Marechal Âncora, s/nº. Das 14h30 às 17h30. Exposição permanente.

Michelangelo Veltri

DON PASQUALE — Ópera de Donizetti sob a regência de Michelangelo Veltri. Direção de Hugo de Ana. Solistas: Pierre Charboneau, Eduardo Gimenez, Enedina Lloris, Ricardo Yost e Nicolino Cupello. **Teatro Municipal**, Cinelândia (262-3935). Dom., às 16h30 e dias 4 e 6 de abril, às 21h e dia 8, às 19h. Ingressos a NCz$ 150,00, frisa e camarote; a NCz$ 25,00, platéia e balcão nobre; a NCz$ 14,00, balcão simples; a NCz$ 5,00, galeria e a NCz$ 2,50, estudantes e maiores de 65 anos, nas galerias.

Uma ópera bem humorada

A temporada de ópera do Teatro Municipal começa hoje na clave do bom-humor. *Don Pasquale*, de Donizetti, é uma ópera bufa na tradição do *Barbeiro de Sevilha*, e uma das obras deste compositor italiano que realmente se firmaram no repertório. Nascido em 1797, Donizetti forma com Bellini e Rossini o trio operístico que precede a "era Verdi". Durante algum tempo, brilhou sozinho, porque Bellini morreu moço e Rossini fechou sua oficina depois do *Guilherme Tell*, dedicando-se sobretudo aos prazeres da mesa. Donizetti supria o mercado, com tal liberalidade que foi acusado de escrever uma ópera por semana. Num tal ritmo, não se pode criar um *Don Giovanni* ou um *Tristão*; e do enorme catálogo de Donizetti, muitos títulos caíram no esquecimento. Desde os anos 50, entretanto, esse artista jovial e bom caráter beneficiou-se de um verdadeiro retorno, porque Maria Callas e Joan Sutherland provaram que por trás dos florilégios vocais de *Lucia di Lammermoor* havia o fogo da verdadeira tragédia. Versátil, Donizetti ia da tragédia de Lucia ao clima envolvente do *Elixir de Amor* e ao humor fino de *Don Pasquale*. Depois de torcerem o nariz para esse "velho estilo", os críticos agora reconhecem que não está ao alcance de qualquer um o melodismo do *Elixir* (*Una Furtiva Lacrima* ...), e que no gênero bufo *Don Pasquale* em nada fica a dever ao *Barbeiro*. Trabalhando para além de Rossini, Donizetti também chegou a incorporar à sua técnica um senso harmônico apurado; e no *Don Pasquale*, que é de 1843, refinamentos mozartianos estão presentes. Era quase uma despedida: o amável Donizetti, acabrunhado pela morte de sua mulher e dos três filhos, que não passaram da primeira infância, mergulhou na melancolia, para ser apanhado, logo em seguida, por uma infecção de origem sifilítica que o desintegrou física e moralmente. Ainda não chegara aos 50 anos quando foi internado num asilo, morrendo pouco depois. O *Don Pasquale* que estréia hoje, co-produção com o Teatro Colón de Buenos Aires, tem um bom maestro argentino — Michelangelo Veltri — e cantores promissores.

Luiz Paulo Horta

O BARATO DO DOMINGO

O que há para fazer gastando pouco ou nada

8h

Quem pratica montanhismo pode participar da abertura da temporada do esporte, na Praça General Tibúrcio (Urca). Os que vão só para olhar, podem assistir à escalada do Pão de Açúcar. **DE GRAÇA**

9h

Nos jardins do Planetário, na Gávea (R. Padre Leonel Franca, 240) uma equipe especializada ensina a plantar flores. Depois, animadores culturais porão as crianças para desenhar. **DE GRAÇA**

9h30

Leve a garotada para visitar o Jardim Zoológico (São Cristóvão). Não deixe de passar pela jaula do macaco Tião. Quem tiver mais de 1 metro paga NCz$ 0,80.

10h

Ligue sua TV no canal 4 e acompanhe de perto a final do Campeonato Brasileiro de Vôlei Masculino. O jogo de hoje é entre as equipes da Fiat-Minas e Pirelli. **DE GRAÇA**

Carneiro à moda árabe

Leve a família para almoçar no restaurante Mustafá (Rua Santa Clara, 139 — Copacabana) e peça o carneiro recheado à moda árabe. Vem ensopado, dá para dois e custa NCz$ 5,50.

Almoço democrático

Vá à Padaria e Confeitaria Belegarde (R. General Belegarde, 156—A / Engenho de Dentro) e curta o almoço democrático. Vem maionese, arroz, farofa, macarrão e frango assado. NCz$ 1,05.

Língua ao molho madeira

Quem for à Cantina Veneziana (R. Siqueira Campos, 18—B/ Copacabana) pode provar a língua ao molho madeira com purê de batata. O prato custa apenas NCz$ 2,40.

Galinha de gabidela

Prove a galinha de gabidela (ou ao molho pardo) servida no restaurante Arataca (R. Dias Ferreira, 535 — Leblon). Dá para dois e vem com arroz e farofa. Custa NCz$ 3,60.

14h

Visite o Museu Naval e Oceanográfico (R. Dom Manuel, 15 — Centro) e conheça navios de guerra, cartas, instrumentos náuticos, armas e equipamentos de bordo. **DE GRAÇA**

16h

Leve seus filhos ao Museu de Astronomia (R. General Bruce, 586 — São Cristóvão) e participe com eles de brincadeiras relacionadas à eletricidade e magnetismo. **DE GRAÇA**

16h30

Passe na Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176 — Ipanema) e aprecie a exposição de fotos, estandartes e material do 1º Salão Carioca de Humor. **DE GRAÇA**

16h30

Vá à Cinemateca do MAM (Av. Infante Dom Henrique, 85 — Parque do Flamengo) e assista a três filmes de Charles Chaplin. Entre eles **O Vagabundo.** Ingressos a NCz$ 0,40.

20h

Leve sua namorada para dançar na gafieira que acontece na Praça da Prefeitura da UFRJ (Ilha do Fundão). A animação fica por conta da orquestra Raul de Barros. **DE GRAÇA**

20h30

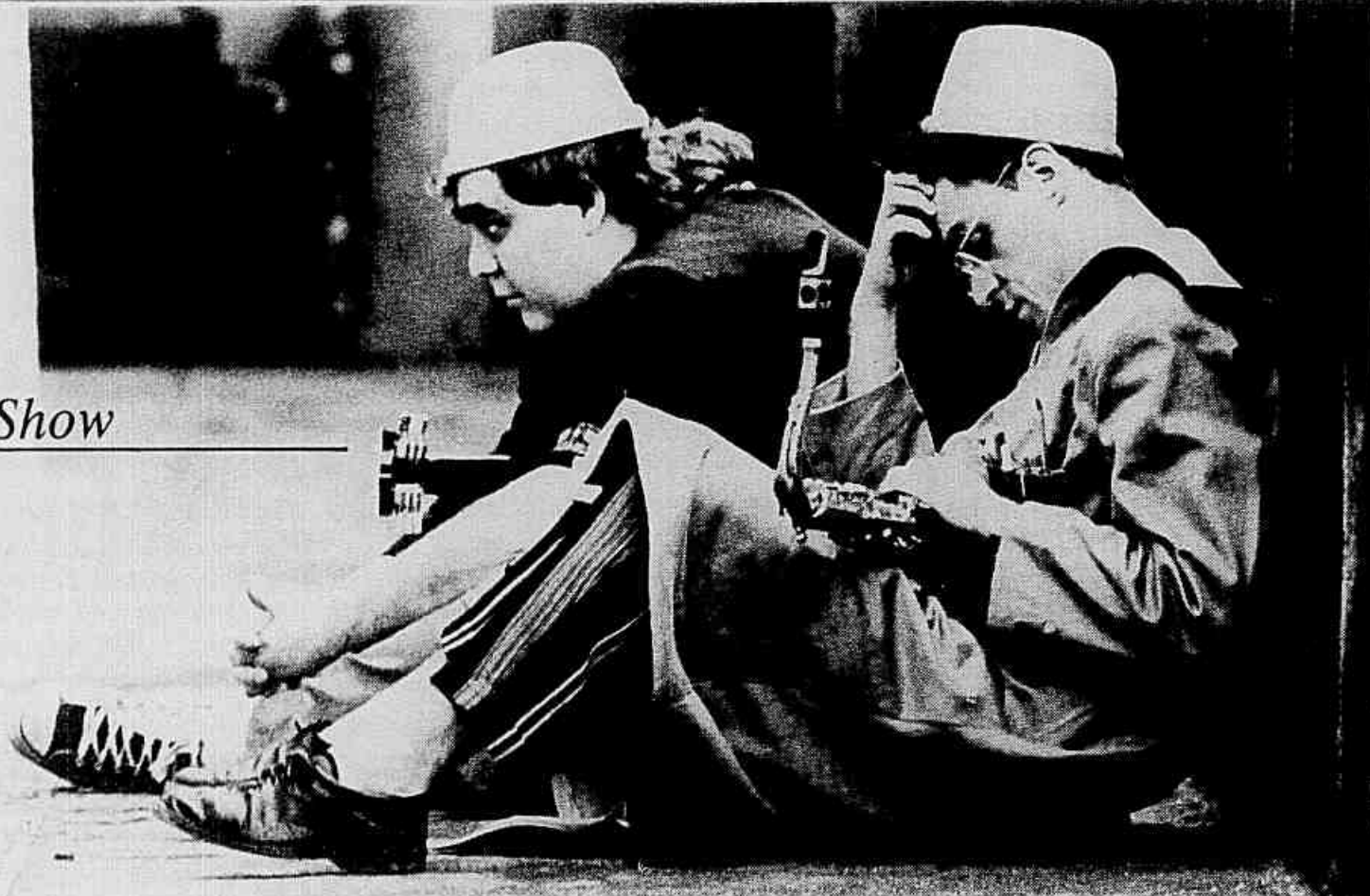
Aproveite a noite fresca e vá passear na Praia de Copacabana. A iluminação do calçadão chega até à areia e dá para arriscar um mergulho rápido. **DE GRAÇA**

21h

Quem curte a obra de Glauber Rocha deve ir ao Cine Arte UFF, em Niterói (Av. Miguel de Frias, 9 — Icaraí) e assistir ao espetáculo do coreógrafo e bailarino Sylvio Dufrayer. NCz$ 4,00.

22h

Passe no Circo Voador (Arcos da Lapa) e mostre seus dotes para a dança de salão. A gafieira é comandada pelo maestro Severino Araújo. Ingressos a NCz$ 2,00.

Show

A dupla paulista Os Mulheres Negras faz curta temporada de quarta a sábado no Rio Jazz Club do Meridien

Estranhos no nosso ninho

Nenhum de nós se sentirá ultrajado com o roteiro musical da semana, que traz como destaques dois sujeitos brancos que gostam de ser chamados de mulheres negras, uma banda de rock gaúcha (errou quem disse Os Engenheiros do Hawaii) e cinco paulistas berrando "filha da p...". O outro representante de bombachas que invade nossa praia é o Nenhum de Nós, autor do megasucesso *Camila, Camila*, que lança o segundo LP de quinta a domingo no Teatro Ipanema. Já os cinco paulistas integram o debochado Ultraje a Rigor, que mostra a partir de quarta no Canecão o terceiro LP, *Crescendo*. Mas a melhor pedida é mesmo a irreverente dupla paulistana Os Mulheres Negras, que desembarca aqui de quarta a sábado no Rio Jazz Club. Maurício Pereira e André Abujamra são os responsáveis pela trilha da nova minissérie global *Sampa* e vão do pop à lambada no show. Ao lado do conjunto Nouvelle Cuisine, da nova geração de cineastas paulistas e da Luciana Vendramini, o Mulheres Negras é o que de melhor São Paulo tem exportado nos últimos tempos.

O auto-denominado grupo pós-pop-maximalista (o que não diz nada) Mathildas se apresenta amanhã e terça no Jazzmania. Dentro do projeto de se converter num shopping cultural, o Aduana, no Centro, traz como atração na quarta, às 19h, Cláudio Nucci. Mais um nome vem engrossar a safra de cantoras que vem despontando este ano: a carioca Lavinia Cazzani, que faz show terça no Teatro Ipanema. Outra cantora estréia nos palcos: Rosa Nepomuceno, que se apresenta quarta e quinta no People.

A música instrumental está representada pelo saxofonista Beto Saroldi (quinta no Teatro João Theotônio), pelo grupo Jazz Brazzil (quarta no Jazzmania) e pelo baixista Luizão Maia (quinta no Gula Bar). O espetáculo *O Outro Lado* traz as vozes de Rita Peixoto e Marcos Sacramento, o teclado de Paulo Baiano e o baixo de Paulinho Brandão, de sexta a domingo, na Laura Alvim. E o Hojerizah sobe sábado ao palco do Circo Voador. Mas a semana é também de homenagem: Moreira da Silva reúne amigos da música para comemorar 87 anos amanhã, no João Caetano.

Mauro Ventura

Todos os sons daqui

Tárik e Mansur estão entre os autores de **Brasil Musical**, *uma geral na história da MPB*

Marco Antonio Teixeira

Concentrar cinco séculos da história da música popular brasileira em um único livro— dos ritmos indígenas até os mais recentes grupos de rock— é a proposta de *O Brasil Musical*, com lançamento amanhã na Casa Laura Alvim às 19h. Durante a noite de autógrafos, o maestro Júlio Medaglia vai reger a Orquestra de Câmara do Brasil. Em *Brasil Musical* os capítulos relativos ao samba, a bossa nova e ao período dos festivais são assinados por Tárik de Souza, a era do rádio ficou com João Máximo. A grande novidade fica por conta da introdução do rock— uma novidade nesse tipo de obra. A tarefa ficou a cargo de Luiz Carlos Mansur, que foi perseguir as origens do gênero desde o primeiro rock gravado no Brasil — *Rock Around The Clock*, por Nora Ney.

A vez do homem de bem

Não convidem o ex-jogador Gérson para o show *Homem de Bem Canta Mantras Indianos*, sexta, no Morro da Urca, às 18h30. Ele se sentiria deslocado. Afinal, a intenção do musicoterapeuta Tomaz Lima ao formar o grupo Homem de Bem era justamente sepultar a ideologia do sucesso a qualquer preço que vinha prevalecendo na década 80. "O nome alude à nova imagem do homem dos anos 90, mais preocupado com a ecologia e com a dignidade", explica Tomaz. A renda do show, que será gravado em disco, reverterá para a campanha Salve a Amazônia.

Frederico Mendes

Os mantras de Tomas Lima chegam ao Morro da Urca e exaltam a dignidade como o tom para os anos 90

Que ninguém espere uma pregação religiosa ao longo dos 50 minutos de show — apesar do repertório incluir somente mantras, cânticos que fazem menção a divindades. "Cantar mantras traz alegria. Fizemos arranjos brasileiros, mas não modificamos a letra e a linha melódica", diz Tomaz. O arranjador é o maestro Valtel Branco, que trabalha com Cazuza e João Gilberto. E quem apresenta o show é Fernando Gabeira — aliás, um dos dez mais na lista dos homens de bem de Tomaz Lima.

O Repolho eletrônico

Givaldo José dos Santos tinha tudo para ser um músico obscuro. Tem um nome estranho, um apelido pior, é baixinho e, como se não bastasse, toca percussão. Mas para ele qualquer palco é pequeno.

Flávio Rodrigues

Repolho toca na Funarte

Mais conhecido como Repolho, ele se sacode de forma única enquanto batuca estranhos instrumentos feitos de conchas, cerâmica e couro. Agora, na sua mais ousada performance, decidiu seguir carreira solo. Compôs 10 músicas, deu a todas o nome de *Tribal Tecnológico* e, enquanto espera gravadora, se apresenta no Seis e Meia da Sala Funarte, a partir desta terça feira, com a banda Origem.

Pernambucano, filho de um caminhoneiro e uma dona de casa, desde pequeno gostava de batucar nas cadeiras de compensado da casa ou em instrumentos que construía com latas de manteiga e pneus. O apelido Repolho veio dessa época. "Eu era muito gordinho." Auto-didata, ele seguia a mãe, filha de santo, aos candomblés para ouvir o toque dos tambores. Em 79, ao chegar no Rio, Repolho viveu entre o Posto 9 e o Circo Voador, mas só "aconteceu" depois que conheceu Gilberto Gil, em 1981. "Foi como ganhar na loto." Nos sete anos que ficaram juntos, Repolho conheceu o mundo. E tocou com Jorge Mautner, Alceu Valença, Titãs — até chegar a Pepeu Gomes, com quem trabalha atualmente. Foi a partir desta última influência que, há dois anos, decidiu lançar o Tribal Tecnológico. Neste trabalho quem pensar no percussionista primitivo, tocando seu tambor, vai se surpreender. A obra tem muita eletrônica e Repolho também canta em oito músicas. São letras sobre fome, menor abandonado, inflação e problemas raciais. Em *Rep a Repa*, ele desafia: "Como é que a raça sobrevive/numa cidade que não tem onde morar/como sobrevive se não tem/feijão ou café para tomar?". Mas não se espantem: "As músicas do *Tribal* são super dançantes", garante. No Mama África, pelo menos, mais de três mil pessoas têm se eletrizado ao som de Repolho a cada fim de semana.

Em **Mulheres à Beira de Um Ataque de Nervos**, *de Pedro Almodovar, situações-limite entre amigas do mesmo sexo*

Cinema

Do badalado Almodovar

Uma semana sofisticada no grande circuito e entre os alternativos. Quinta-feira estreiam *Mulheres à Beira de Um Ataque de Nervos*, o já badalado filme de Pedro Almodovar, e *Caravaggio*, do inglês Derek Jarman. Além disto o Cineclube Estação Botafogo inaugura sua Mostra de Filmes Franceses, preciosidades para os conhecedores da língua. São filmes de Alain Resnais, Buñuel e Peter Brooks no original francês. No Museu de Arte Moderna, a partir de sábado, a pedida é ver filmes de Chaplin, René Clair e Frank Capra. No Cândido Mendes da Praça 15, começa amanhã o Festival Steven Spielberg, com os filmes mais populares do diretor. A semana tem apenas uma estréia peso-pena na quinta-feira: a aventura *A Volta do Guerreiro Americano*, de Sam Firstenberg, em grande circuito.

Estrela do último FestRio, *Mulheres à Beira de Um Ataque de Nervos* é o filme mais simples de Pedro Almodovar. Conta a história de uma atriz que, no mesmo dia em que é abandonada pelo amante, encontra várias outras mulheres em situações-limite. Todas se reúnem no seu apartamento vivendo cenas engraçadas, de puro *vaudeville. Mulheres à Beira de Um Ataque de Nervos* revela um Almodovar popular, ao mesmo tempo que heterossexual.

Homossexualismo é um dos temas de *Caravaggio*, de Derek Jarman. Jarman apresenta uma visão pessoal do pintor renascentista italiano, de vida tumultuada. Caravaggio escolhia prostitutas e mendigos das ruas como modelos para suas figuras santas. Envolveu-se em inúmeras brigas e se tornou assassino. Em sua interpretação, Jarman vê musculosos rapazes de academia em pinturas de santos como São João, por exemplo. *Caravaggio* é um elogio à estética *gay* e um belo filme.

Maria Silvia Camargo

Teatro

Vale a vontade coletiva

Dois grupos, que se formaram pelo esforço coletivo de levar adiante projetos teatrais, trazem as novidades dessa semana. Amanhã, no Teatro Villa-Lobos estréia *Finíssimo Acabamento*, com o grupo Fosco Aveludado que surgiu do embrião do extinto Centro Brasileiro de Teatro Musicado, que a Secretaria Municipal de Cultura pretendia estabelecer no Teatro João Caetano. A idéia não se desenvolveu, mas o núcleo de 35 atores permaneceu unido em torno da vontade de montar um musical com trechos de canções que integravam vários espetáculos. Com direção geral e musical do competente Luiz Antônio Barcos, *Finíssimo Acabamento* tem no repertório canções do musical *The Sound of Music* e melodia da revista *O Bilontra*, de Arthur Azevedo, trilhas de *Mahagony*, de Brecht e Weill, e de *Geni*, de Chico Buarque de Holanda, entre outras.

E na quarta-feira, um grupo formado por moradores na Cidade de Deus (Zona Oeste), que se chama Raiz da Liberdade, mostra no Teatro Cacilda Becker *Sindicato de Mendigos*, de Joracy Camargo. Peça que deu "seqüência" a *Deus lhe Pague*, esse texto mantém o mesmo espírito de denúncia social e de ingenuidade política da sua matriz. A direção é de Williams Oliveira e Chico Lima responde pela direção musical do espetáculo.

Macksen Luiz

***A Estátua do Comércio e a Rua*, de Eugênio Sigaud, é uma das atrações da mostra *Coleção Banerj — 60 Obras*, a partir de terça-feira no Paço Imperial**

Artes Plásticas

As outras cores do Banerj

Na terça, às 21h, duas inaugurações no shopping da Gávea (R. Marquês de S. Vicente, 52). Uma delas, na Saramenha, reúne pinturas de Gonçalo Ivo, e a outra, na A. M. Niemeyer, apresenta pinturas de Chico Cunha. Ambos pintores característicos da década de 80, eles exemplificam também a diversidade de problemas discutidos no período. Gonçalo trabalha uma abstração construída, mas não geométrica, que em muitos pontos retoma alguns pressupostos de Antônio Bandeira. Carioca de 32 anos, Chico apresenta algumas características curiosas, uma delas uma tentativa de extrair do grafismo de certas imagens uma poética da urbanidade, como a existente nas paisagens de Guignard.

Na mesma terça, o Paço Imperial (Praça 15 de novembro, 48) abre às 18h30 a exposição *Coleção Banerj — 60 obras*, mostra do acervo do Banco do Estado, que reúne algumas obras de peso, especialmente do modernismo brasileiro, como trabalhos de Anita Malfatti, Segall, Tarsila, Di Cavalcanti, Aldo Bonadei, Roberto Burle Marx, Cícero Dias, Djanira, Guignard, Pancetti, Portinari e Santa Rosa. Mas há também alguns nomes de antes — Visconti, Henrique Bernardelli, Parreiras — e de depois — Volpi, Zaluar, Tenreiro, Scliar, Sued, Iberê Camargo, Fayga Ostrower, Mílton Dacosta e outros. A jóia do acervo, contudo, não será mostrada: a coleção de gravuras e de tacos (matrizes) de Goeldi, de quem o Banerj promete uma exposição próxima.

Outras exposições da semana: amanhã, às 21h, na Cândido Mendes de Ipanema (R. Joana Angélica, 63), Arriet Alves Chahin mostra gravuras e pinturas, um "trabalho meticuloso feito através de cena do cotidiano como mesas com objetos, flores, vasos, poltronas, cadeiras, barcos e mar"; na terça, às 18h30, a Pequena Galeria da Cândido Mendes da Praça 15 (R. da Assembléia) inaugura *Tradição Redefinida*, mostra coletiva com trabalhos de nove ceramistas; às 21h da mesma terça, 17 telas e duas serigrafias de Flávio Marinho Rego na Tríade (Epitácio Pessoa, 1264); na quarta, a Jean-Jacques (R. Ramon Franco, 49) mostra individual do primitivo Josinaldo, com o título *Magia do Alto São Francisco*; e, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (R. Jardim Botânico, 414), sábado, às 16h, Luís Áquila, pintor e atualmente diretor da EAV, estará participando do ciclo de encontros entre artistas e público.

Reynaldo Roels

Música

O carisma de um regente

Zubin Mehta: preocupado com a imagem, mas fazendo boa música

Para matar as saudades da grande música sinfônica, o carioca tem apenas de comparecer quarta-feira ao Teatro Municipal e assistir ao concerto da Filarmônica de Israel, pagando os preços algo salgados que tem direito de cobrar uma orquestra desta categoria. A Filarmônica passou por aqui no início da década, regida pelo mesmo Zubin Mehta. É uma orquestra do primeiro time, com um naipe de cordas que faz jus às melhores tradições judáicas (*Fiddler on the roof* inclusive). Mas é claro que ela deve parte do seu brilho atual à figura carismática de Zubin Mehta. As grandes orquestras de hoje, quando podem, lançam mão dessas personalidades cintilantes. Isso ajuda bastante a financiar o caríssimo orçamento de quem queira trabalhar com 100 ou mais músicos de real valor. Uma orquestra sinfônica de primeira classe exige uma administração de primeira classe — ou a temporada fechará no vermelho. Para sorte da Filarmônica, Zubin Mehta não apenas tem carisma como é capaz de fazer boa música. Há quem se irrite com ele — porque ele pensa tão constantemente em termos de *imagem*. Pode ser um vício moderno. Mas esse indiano de Bombaim foi ajudado, a esse respeito, pela natureza. Sua *estampa* respira as conotações heróicas de um Karajan. Para um certo tipo de público, isso faz um efeito certeiro. Maestros de má aparência são menos capazes de desempenhar o papel de locomotivas publicitárias — e essa publicidade conta. Um músico do porte de Pierre Boulez não se aguentou muito tempo à frente da Filarmônica de Nova York (o outro posto efetivo de Zubin Mehta), porque não era um bom *vendedor* do produto, e tinha mania de música contemporânea. Mehta vende; e é mais do que uma simples estampa. Em Mahler, por exemplo (representado pela Sinfonia nº 1, quarta-feira), pode dar muito bem o seu recado. E o som da orquestra é outra garantia deste concerto. Só para ouvir instrumentistas tão bons ele já valeria a pena. Outra opção da semana é a reabertura do IBAM, terça, com o grupo Scola Alquimia.

Luiz Paulo Horta

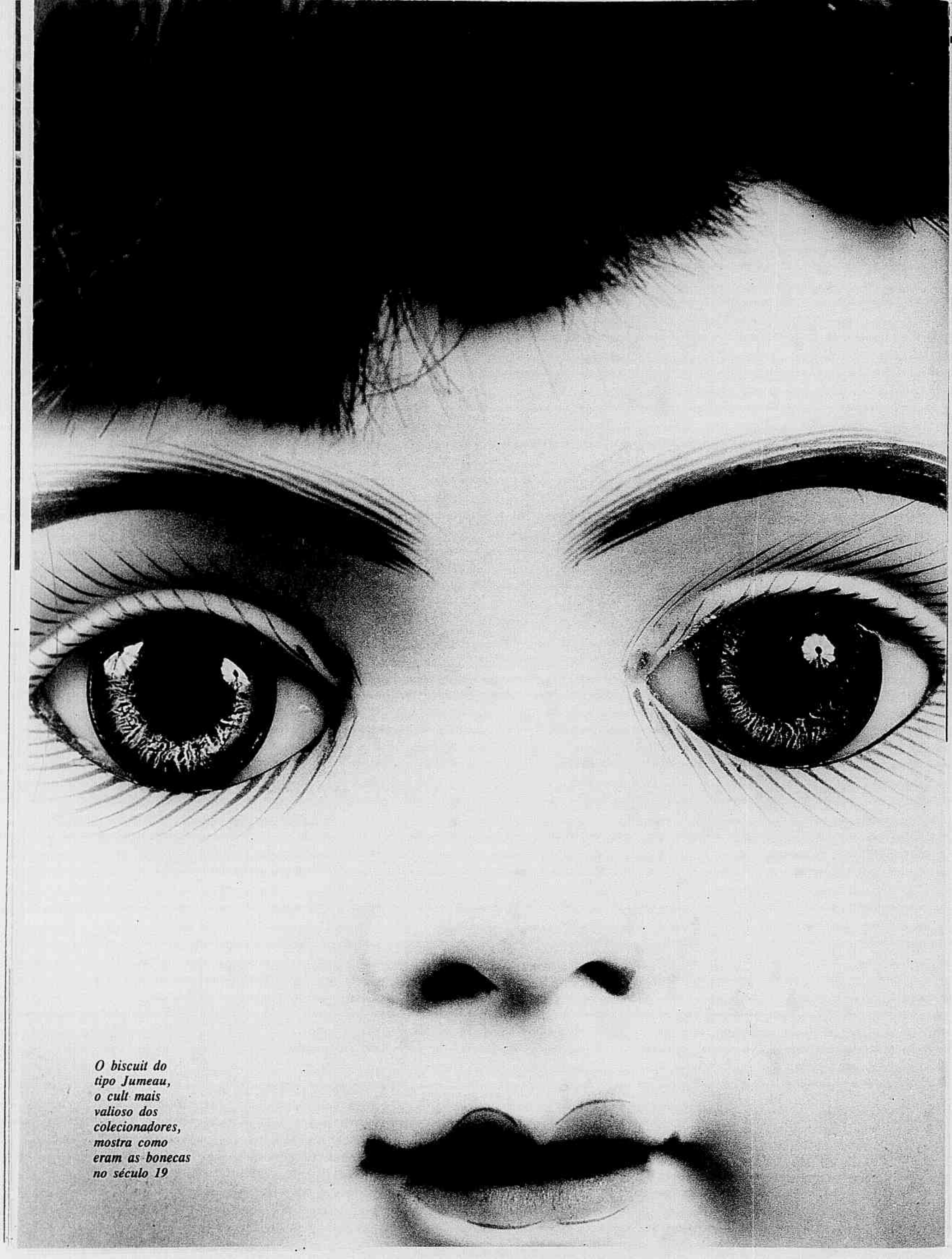
Classe & Mídia

Marco

O coração no calcanhar

A 10ª Maratona do Rio não será apenas um teste de resistência dos atletas, mas uma prova de amor à cidade que vai premiar também a animação das torcidas

É bom correr. A partir de amanhã já estão abertas as inscrições para a 10ª Maratona do Rio, que será disputada no dia 26 de agosto, organizada pela Sports & Marketing, com o apoio do *JORNAL DO BRASIL*. Mesmo quem não pretende se arriscar a cumprir os 42,195 quilômetros, mas gosta de participar da festa que há 10 anos mobiliza a cidade, já pode começar a se preparar. Este ano os organizadores decidiram premiar também a torcida mais animada ao longo do percurso. "Queremos focos de concentrações de torcida. Pode ser um grupo de soul music, rock, samba", avisa Miguel Jabour, diretor da prova. As inscrições da torcida podem ser feitas na Rua da Ajuda, 35, 7º andar — Centro. Para quem gosta mesmo é de correr, basta pegar a ficha de inscrição nas agências de classificados ou nas sucursais do *JORNAL DO BRASIL*.

Este ano a prova é também uma homenagem. *Maratona do Rio, Uma Prova de Amor à Cidade* foi o lema escolhido pelos organizadores. "Queremos resgatar o bairrismo, não deixar mais que pessoas de fora falem mal do Rio", defende Jabour. Por isso, ele acredita que a corrida se transformará numa grande festa ao longo do percurso. "O nosso objetivo é ter um milhão de pessoas assistindo à prova, incentivando o maratonista." O gerente de vendas da Xerox, Sidney de Souza Couto, de 39 anos, conta com isso. Sidney corre por prazer. Já disputou todas as nove maratonas, apesar de seus 82 quilos distribuídos em 1,76 metro. "Sou um pouco gordinho, mas também não me preocupo em chegar na frente. Acho um desafio completar o percurso." Nestes nove anos, ele sempre se emocionou com o incentivo que recebeu do público, principalmente na chegada. Sidney acha o máximo ser um dos últimos colocados. "Quem chega no bolo, junto com a maioria, não tem a mesma atenção. Mas quando se chega destacado no final e todo mundo começa a gritar quando o locutor pede aplausos para mais um corredor que consegue completar a prova, é bom demais."

Um momento de glória para quem trabalha o dia inteiro e só consegue correr três vezes por semana, sempre à noite. É para orientar o treinamento destes maratonistas amadores que o diretor técnico da prova, César Couto, vai organizar até agosto uma série de clínicas. A primeira vai ser em Rezende, no próximo domingo — a inscrição pode ser feita pelo telefone 210-3237 e a passagem de ônibus é grátis. "Nosso objetivo é avaliar em 10 quilômetros o estado das pessoas que pretendem correr. Faremos então um planejamento para o treinamento." As clínicas também vão dar dicas sobre a alimentação mais apropriada para as horas que antecedem a prova. Segredos que podem evitar o vexame de alguns corredores que tiveram diarréia na largada da maratona de 86 em plena Ponte Rio-Niterói. "O pessoal se esquece de que três horas antes não se pode comer mais nada. Só líquidos", avisa César Couto. Até mesmo o experiente australiano Laurie Whitty, campeão em 83, não escapou do vexame. Passou mal no meio da corrida de 86 e não conseguiu completar a prova.

Cuidado especial a organização promete dedicar também à turma que gosta de cruzar a linha de chegada na esperteza. Como os gêmeos que logo na primeira maratona, em 80, resolveram dividir o percurso. Um correu até a metade e o outro cruzou a linha — mas foram pegos pelos fiscais. O sistema pioneiro de computação que a firma de processamento de dados Proceda criou para este ano é à prova de gêmeos. "Os 50 homens e as 30 mulheres que liderarem a prova vão ter seus tempos checados pelos computadores de cinco em cinco quilômetros. Assim, vamos poder saber se algum deles encurtou o percurso", garante Miguel Jabour. Até lá, porém, a Maratona é só festa. Que começa quatro dias antes da prova com a abertura de uma feira armada no Leme. Na véspera da corrida, também numa tenda, será servido o grande jantar de massas para os inscritos. E finalmente no dia 26, às 16 horas, a largada do terceiro evento mais importante da cidade, atrás apenas do Carnaval e do Grande Prêmio de Fórmula-1. Uma grande festa que envolve 1.500 pessoas na organização, além do apoio da Prefeitura, do Detran, do Corpo de Bombeiros, da Comlurb e da Cedae.

O biscuit do tipo Jumeau, o cult mais valioso dos colecionadores, mostra como eram as bonecas no século 19

Juliana, Natasha, Sabrina e Mariana não estão nem aí para as teorias psicanalíticas que criticam suas queridas Barbies

Da Grécia antiga ao reinado da Barbie

As bonecas ganham novas feições e permanecem imbatíveis entre os brinquedos

O que é, o que é? Tem 30 anos e corpo de 20. Mexe os braços e as pernas mas não tem vida. Tem 500 milhões de irmãs que, se dessem as mãos, poderiam dar quatro abraços em volta a terra— mas não passa de 30 centímetros de altura. Adivinhou? É a Barbie, aquela bonequinha que nasceu em 59 nos Estados Unidos e hoje é presença indispensável se não no quarto, pelo menos nos sonhos de qualquer criança. O mais incrível é que dois mil anos se passaram e, no entanto, a mais famosa miniatura de mulher de todo o mundo guarda uma enorme semelhança com outra, encontrada por arqueólogos nas escavações do Império Romano, mas que permanece guardada num museu com suas jóias e roupas, longe das quase sempre curiosas mãozinhas infantis.

Esta história de brinquedo remonta à Grécia antiga, onde foi encontrada a mais antiga boneca que se tem notícia, mas seu ponto alto começa no século 18 com a revolução industrial. As crianças inglesas saíam da rústica idade da madeira para a delicadeza dos rostinhos de louça — um segredo industrial roubado da China —, numa evolução que culminou, no século 19, com a criação das bonecas de biscuit, consideradas as mais perfeitas, bonitas e valiosas de todos os tempos — quase todas se encontram hoje em museus ou nas mãos de colecionadores. Foi a época das francesas Jumeau, Bru, Schimidt e fils e das alemãs Armand Marseille (apesar do nome), que chegam a custar dez mil dólares num antiquário. "Eu tinha uma coleção que era herança da minha avó. Não se podia nem brincar todos os dias. Não esqueço que, quando eu tinha quatro anos, o meu irmão jogou todas pela janela. Foi a morte", lembra a promoteur Ana Maria Tornaghi.

Eder e Bruno, filhos da jogadora de vôlei Vera Mossa, não gostam que a mãe brinque com seus bonecos : "É coisa de homem"

"As boas bonecas são como as boas crianças: têm os olhos abertos e a boca fechada", afirma a maior colecionadora do Rio de Janeiro, uma psicanalista que preferiu não se identificar, apesar de grande parte de suas 120 bonecas raras estarem no seguro. Para a integrante desse seleto grupo que não passa de oito pessoas em toda a cidade, não há comparação entre o biscuit antigo e o que está na moda nos dias de hoje. "Os traços, as roupas, o tom translúcido da pele fizeram delas as cópias mais perfeitas de um ser humano. Hoje tudo leva material sintético para baixar os custos", reclama.

Já no início do século 20, começou na Alemanha um movimento artístico para mudar as caras das bonecas. Nasceram as googlies, de olho esbugalhado, e as character, choronas, marotas ou caricatas. Foi um movimento contra aquele ideal inatingível de rosto, que não se parecia com ninguém. Apareceram também

Uma novidade por semana

O grande sucesso do mercado de bonecas no momento é a Baby Flor, da Estrela, que está esgotada na maioria das lojas. Custa em torno de NCz$ 27,00, e é de pano. Perto dela a Barbie com seus acessórios, incluindo o namorado Ken, já se tornou um clássico com 6 milhões de unidades vendidas. Isso sem falar nas novidades da linha para esse ano: a Barbie nos modelitos Sonho de Perfume, Cor de Verão, Glamour, Passeio, Banho de Sol e Alta Moda. Os preços variam de NCz$ 42,11, na Casa Mattos, a NCz$ 84, na Roselândia. Para quem quer outras caras, mas com o mesmo jeitinho perua, chegaram as amigas Lia(NCz$ 52, na Arapuã), Viky Cor de Verão (NCz$ 68, na Americana) e Diva Rock Star (NCz$ 59). A Família Coração, com pai e filho, está por NCz$ 68,50.

É um mercado voraz, com novos personagens chegando todo dia, embora os meninos tenham a sua disposição apenas os velhos bonecos da série Comando em Ação. Os mais sofisticados, crianças e adultos, talvez prefiram delicadezas de biscuit e porcelana da Companhia da Terra, que custam entre NCz$ 30 e NCz$ 110. No campo oposto, popularíssima, está a coleção Moranguinho, na faixa dos NCz$ 15, e que agrada principalmente as crianças menores, com seus bonecos perfumados: o Balinha, Sorvetinho de Framboesa, de Limão, de Uva, Quindinzinho e Balinha. Quem achar pouco pode esperar os próximos dias, quando entram em cena novas caras: a Garota do Murfy, a Quero Bem, a Beijoca e a Angélica, uma versão tão perfeita da apresentadora de tv que carrega até uma mancha escura na perna. Depois de concorrer com Xuxa nos palcos e discos infantis, Angélica vem para as lojas de brinquedo enfrentar a rival, que não teve muito sucesso em sua miniatura de plástico.

Bonecas de porcelana da Companhia da Terra

as de celulóide — mais tarde descobriu-se que eram altamente inflamáveis —, e as de massa e cera, que se propunham indestrutíveis, mas que ficavam rachadas com o tempo. O plástico só começou a ser usado depois da Segunda Guerra.

A mais famosa dessa geração já virou alvo de colecionadores. "Nos Estados Unidos tem gente que faz de tudo para comprar um modelo raro de Barbie", conta o estilista Amauri, da badalada griffe de couro Frank & Amauri. Ele se inspirou no mais conhecido colecionador, Billy Boy — autor de um livro e uma exposição com a balzaquiana vestida por Yves Saint-Laureant, Dior e outros grandes costureiros — para montar a sua. Amauri possui nada menos que 15 Barbies, algumas homenageando clientes. "Coloquei o nome de Lilibeth Monteiro de Carvalho numa e de Sharlene Shorto em outra, porque algumas são as caras das minhas amigas", revela. A "terapia" dele é fazer roupinhas, cópias de seus modelos para gente grande, para as bonecas, que estarão na vitrine de inverno da loja. "O problema é resistir às súplicas das filhas das clientes pedindo para comprar um vestido de Barbie", diz Amauri. Mas isso ele não vende.

No que se refere a bonecas, a moda parece ter retrocedido tirado de novos baús os velhos modelos de biscuit e pano. Fadas, bailarinas, bebês e pierrôs de rosto branco e olhos nostálgicos frequentam os quartos da moda como o de Elba Ramalho e Maurício Mattar. "Essas de plástico eu não gosto não", comenta Elba. Segundo a proprietária da Companhia da Terra, Vania Penafiel, o estilo romântico dessas bonecas é procurado por crianças de 15 anos para cima. "Criança gosta mesmo é dessas que choram, falam, fazem pipi e trocam a roupinha", declara. Na contramão da era tecnológica, os bichinhos de pelúcia também andam estimulando o lado infantil de muito adulto. "Minha irmã mais nova diz que isso é coisa de criança. Ela deu todas suas bonecas há um ano porque queria ser adulta. Eu e minha mãe ficamos com um monte", conta a modelo Fabiana Kerlakhian, 26 anos. Nesse ponto, ela é tradicionalista: "Eu tenho saudade é da minha Suzi."

A volta dos biscuits abriu o mercado para uma série de fabricantes artesanais, como a socióloga Isabel Gabriel. A partir de formas especiais, ela produz no máximo dez bonecas por semana. "Deus me livre de fazer uma igual a outra, que nem padaria", afirma. De acordo com estado de espírito no momento, o rostinho de gesso coberto de malha para dar uma textura de pele, pode virar uma dama, uma cigana, um pierrô ou uma melindrosa. Para a analista Ana Elisa Vianna, a boneca representa exatamente isso: a possibilidade de projeção de partes do eu. "Deve haver uma ligação afetiva especial com o objeto para que isso se realize. Por isso elas não devem ser dadas em quantidade. O problema é quando a propaganda faz com que uma esteja na moda e logo depois fique no armário para dar lugar à outra", reclama.

O modelo americano por trás do marketing da Barbie tem sido alvo de críticas até nos Estados Unidos. A forma física, o consumismo desenfreado, o carro esporte, a casa toda equipada, a sauna, o salão de cabeleireiro, a piscina e as roupas criam o mito de que, quando crescerem, as meninas serão bonitas e charmosas como a boneca. "Ela representa um ideal quase impossível de alcançar", acredita a médica Susan Wooley, da Faculdade de Medicina de Cininatti. Lançada há apenas oito anos no Brasil, a Barbie teria feito sucesso por refletir um processo de *adultização* precoce das meninas, segundo Ana Elisa. "É o ideal atual das garotas: serem moças. Agora elas querem ser adultas logo, colocando batom, indo à boate, usando roupas sensuais, exibindo um conhecimento exagerado", declara.

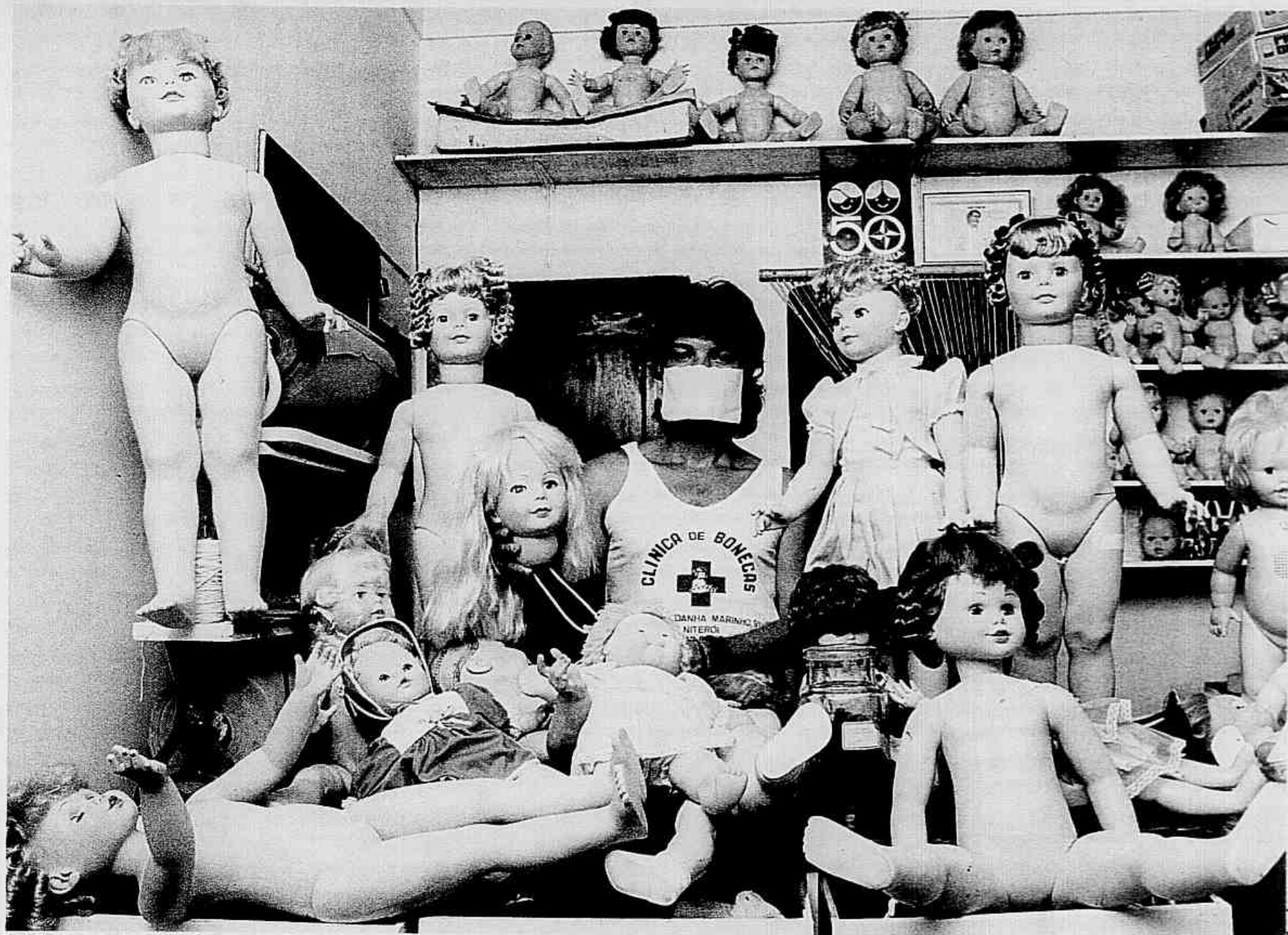
Amauri (esquerda) veste sua coleção de Barbies com os modelos de couro; enquanto Ney Latorraca (abaixo) guarda seu Pinóquio há 40 anos

A manequim Fabiana Kerlakkhian (direita) não tem medo de parecer criança por causa de seu quarto cheio de bichinhos e bonecas da infância

Legítimas bonecas de biscuit valem milhares de dólares e se concentram nas mãos de colecionadores que pedem a proteção do anonimato

Indiferentes à teoria, Mariana e Juliana Braga Rodrigues, 8 e 4 anos, só se preocupam em guardar todos os penduricalhos de suas cinco Barbies em caixinhas, depois de brincar. Hoje, os apetrechos já ocupam um baú na sala de visitas. "A gente guarda para não perder", contam. A mãe, Annie Helena Braga, também não leva em conta as explicações psicanalíticas. "Se você não é o ideal de beleza, nem usa super-roupas, elas sacam que é sonho, que não é vida", afirma, compreensiva, Annie Helena.

"Mesmo para a gente é uma grande curtição", revela Alice Prado, mãe de Natasha e Sabrina, 5 e 7 anos, que se orgulham de ter ganho do pai uma casa da Barbie de dois andares com móveis, compradas num supermercado de Miami por 160 dólares, ainda inédita no Brasil. "Quando uma boneca sai, o segredo é esperar. Passado um tempo, elas deixam de ser lançamento e ficam bem mais baratas", ensina. Tanto

A socióloga Isabel Gabriel fabrica bonecas exclusivas pelo método artesanal, mas só aceita dez encomendas por semana

O técnico de brinquedos Paulo Roberto Santos enfrenta a gozação dos amigos por trabalhar numa clínica de bonecas

Marcia Dorneles, grávida, vai passar sua coleção para o filho

consumismo assusta a manequim e atriz Márcia Dorneles, grávida de cinco meses. "Minha primeira boneca foi uma espiga de milho. Se eu tiver uma filha, ela não vai entrar nessa onda da propaganda nunca", garante. É mais provável que a criança herde sua coleção de bonequinhas e bichinhos de pelúcia. "A última vez que eu contei, tinha 245. E sei a história de cada um deles", diz.

O preconceito que filiava as bonecas a um verdadeiro clube da Luluzinha tem sido devidamente sublimado pela indústria de brinquedo. "Na minha época, menino não brincava de boneca", lembra o ator Ney Latorraca que, no entanto, mantem há 40 anos um Pinóchio de estimação. Os garotos de hoje têm hordas de He-Man, Falcons, Comandos em Ação e Rambos espalhados pela casa. Agora é a vez do clube do Bolinha. "Eles não gostam que eu venha brincar com eles porque é coisa de homem", reclama a jogadora de vôlei Vera Mossa. "O barato é lutar e dar tiro. Não tem nada a ver com o que eu brincava quando menina", compara a mãe de Eder e Bruno, 8 e 2 anos. Apesar de toda a evolução, ainda são poucos os homens que assumem gostar de uma boneca. Paulo Roberto Santos, 23 anos, há quatro trabalhando como técnico de brinquedos numa clínica de bonecas em Niterói até hoje se chateia com a gozação de seus amigos: "Mas a alegria de uma criança reconforta."

Cristiane Costa
Fotos de Dilmar Cavalher

Contrabandos classificados

Quem não pode importar instrumentos musicais recorre ao jornal Balcão

MUAMBA. Escaleta alemã nova. pertenceu a Bernard Sumner do grupo New Order. NCz$ 500. Tratar com Eugênio de Guadalupe.

Não é tarefa difícil garimpar preciosidades como essa entre os quase 1.200 tijolinhos que atracam nas bancas da cidade todas as terças e sextas a bordo da disputada Seção 110 do jornal de classificados *Balcão*. Badalada por músicos e vigiada atentamente pelas autoridades aduaneiras, a coluna cresce a cada edição e tornou-se o ponto de interseção inevitável entre todas as partes envolvidas no comércio de instrumentos musicais. Com textos de até 20 palavras, qualquer um pode ter sua mensagem veiculada gratuitamente sem maiores burocracias, o que acaba permitindo casos como o do programador de computador Eugênio Elias, 18 anos, autor do anúncio *Muamba* (acima).

Ele se valeu da força do *Balcão* para negociar sua preciosa escaleta alemã. Ela aterrissou caprichosamente em seus dedos após patinar sobre as mãos desesperadas de alguns dos milhares de fãs que lotaram o Maracanãzinho no show da banda inglesa New Order, em novembro do ano passado. "O instrumento é importado e raro. Anunciei no *Balcão* porque quero comprar uma moto", justifica-se Eugênio. "É a maior seção de compra e venda de instrumentos importados do país", festeja John Alan Fletcher, 52 anos, diretor-superintendente do jornal.

Fotos de Dilmar Cavalher

Alexandre quer vender seu baixo Fender

Entretanto, a seção adquiriu esse vulto porque todos acreditam que encontrar um instrumento brasileiro de qualidade profissional é uma façanha ainda mais difícil do que esperar cair do céu uma escaleta de um rock star inglês. "Não é possível comparar um instrumento estrangeiro apenas razoável com o melhor similar nacional", diagnostica Herbert Vianna, guitarrista e líder dos Paralamas do Sucesso. "Temos duas guitarras e um baixo Ibanez, além de uma bateria Pearl. Compramos tudo no *Balcão* . A indústria de instrumentos no Brasil é um caos", desabafa o vocalista do grupo Achados e Perdidos, Paulo Bessa, 32 anos. Não é frescura de roqueiro. O músico Jaime Araújo, da Orquestra Tabajara, resume a situação com bom humor. "Todos os nossos

instrumentos, dos acústicos aos elétricos, são importados. Dos nacionais só se salvam o pandeiro e o ganzá."

Numa nota só. O tecladista Chico Dóghia, 36 anos, critica o critério de similaridade usado pela Comissão de Política Aduaneira para definir as rigorosas alíquotas de importação em vigor. "É similar, mas não toca nem o Si, nem o Mi, nem o Lá", ironiza Dóghia. A questão é bem mais complexa no parecer da secretária-executiva do órgão, Heloisa Moreira. Segundo ela, não é fácil estabelecer tratamentos diferenciados para músicos profissionais e iniciantes. "É necessário, contudo, preservar a indústria de instrumentos nacionais", defende-se.

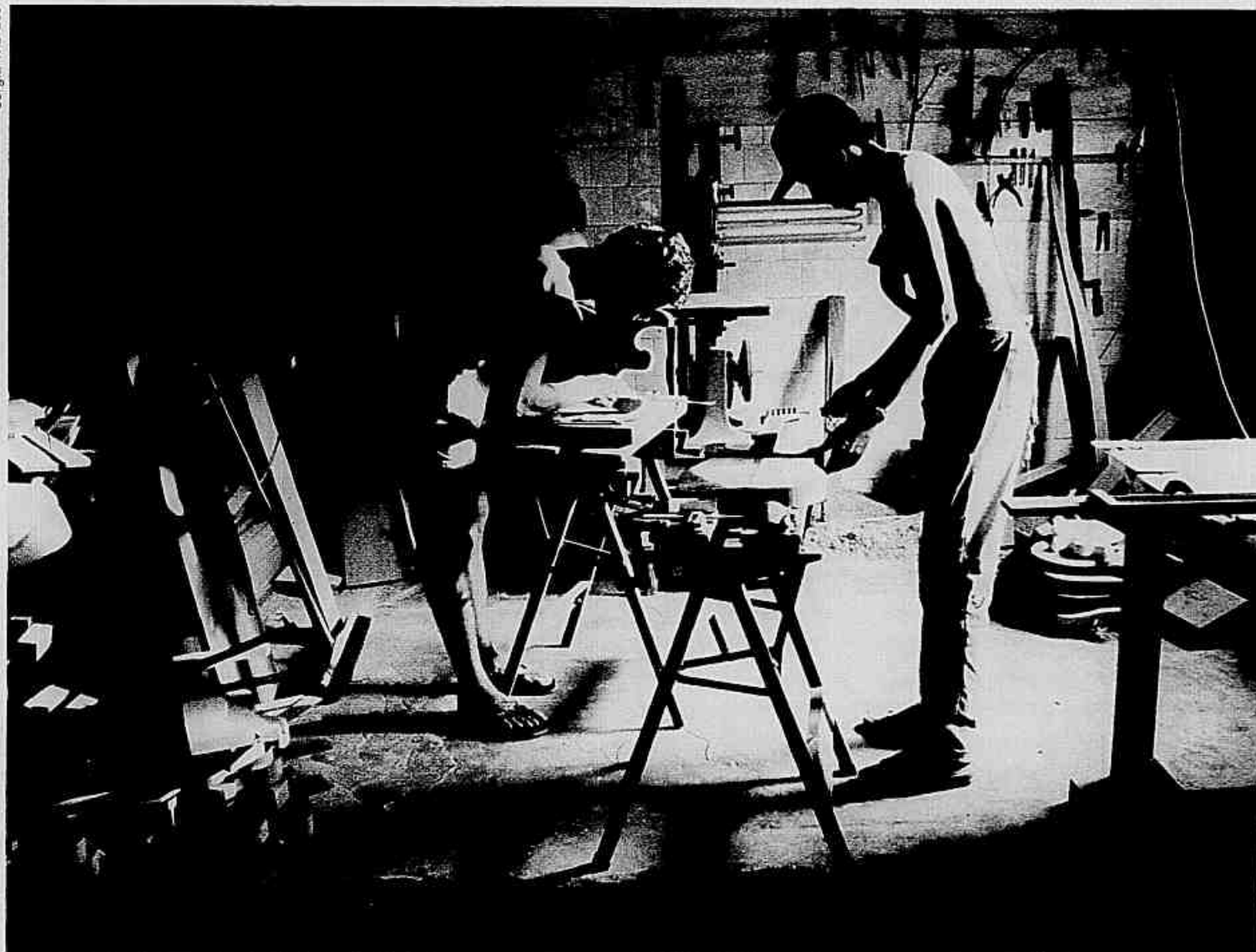
Indiferente a essa polêmica, a passarela do *Balcão* também dá espaço a comerciantes bem menos ambiciosos do que os contrabandistas escondidos em suas páginas. Gente como o publicitário Newton Carpintero, 36 anos, idealizador de uma maneira original de passear nos Estados Unidos sem tocar no próprio bolso. Publicou um anúncio oferecendo-se como cicerone para grupos interessados em comprar instrumentos mais baratos em Miami. "Fiz um roteiro só com lojas especializadas. Garanto bom preço e qualidade", diz Newton.

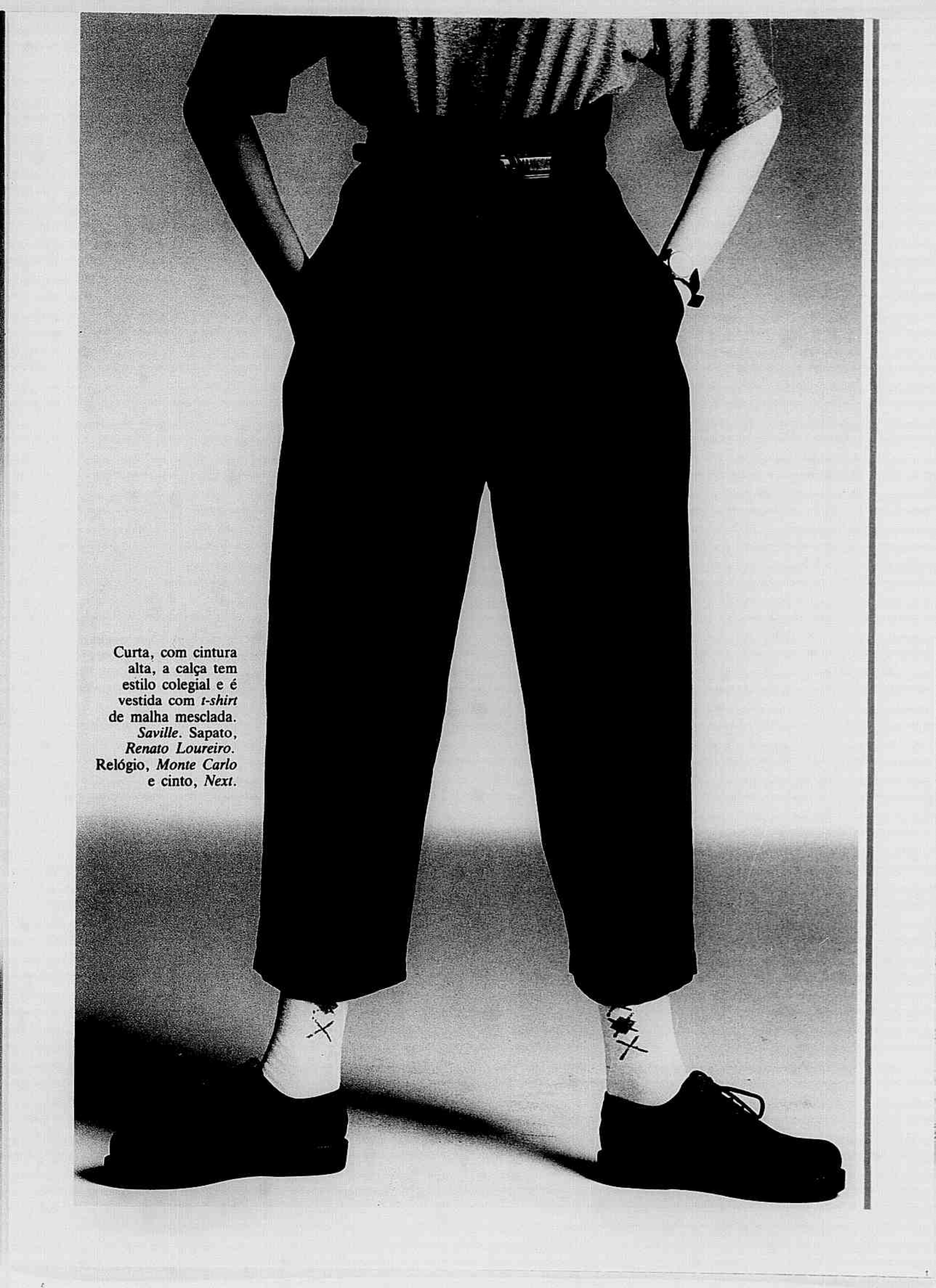
Já o arquiteto Paulo Maranhão, 38, um incorrigível colecionador de obras artesanais, comunicou nas páginas da seção seu desejo de comprar o exótico quissanje — instrumento angolano de sonoridade semelhante ao de um xilofone — e agora espera que algum embaixador africano venha a se sensibilizar com o seu insólito interesse.

Eugenio Elias (ao lado) quer vender a escaleta alemã conquistada num concerto do grupo inglês New Order através dos classificados do jornal **Balcão**

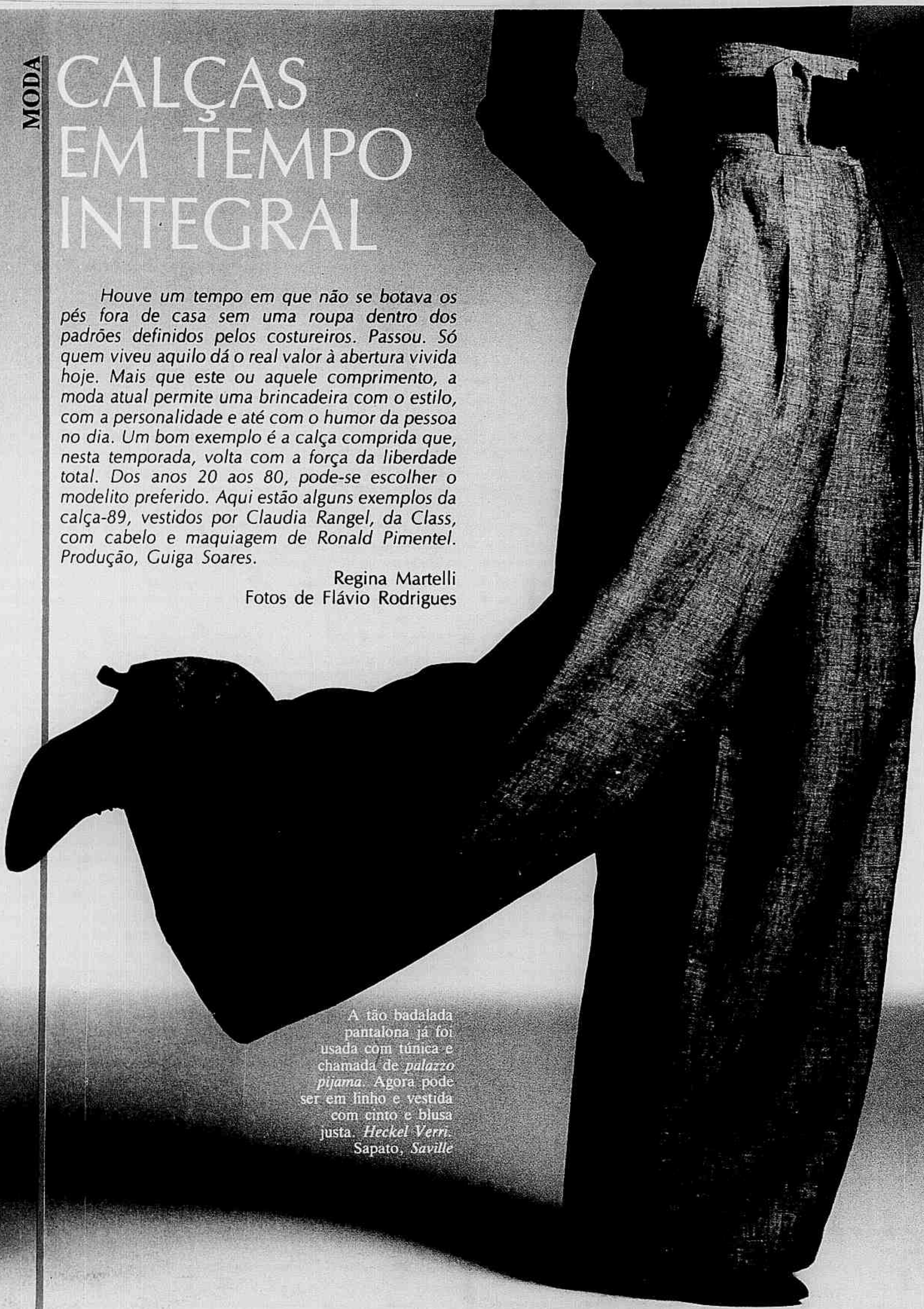
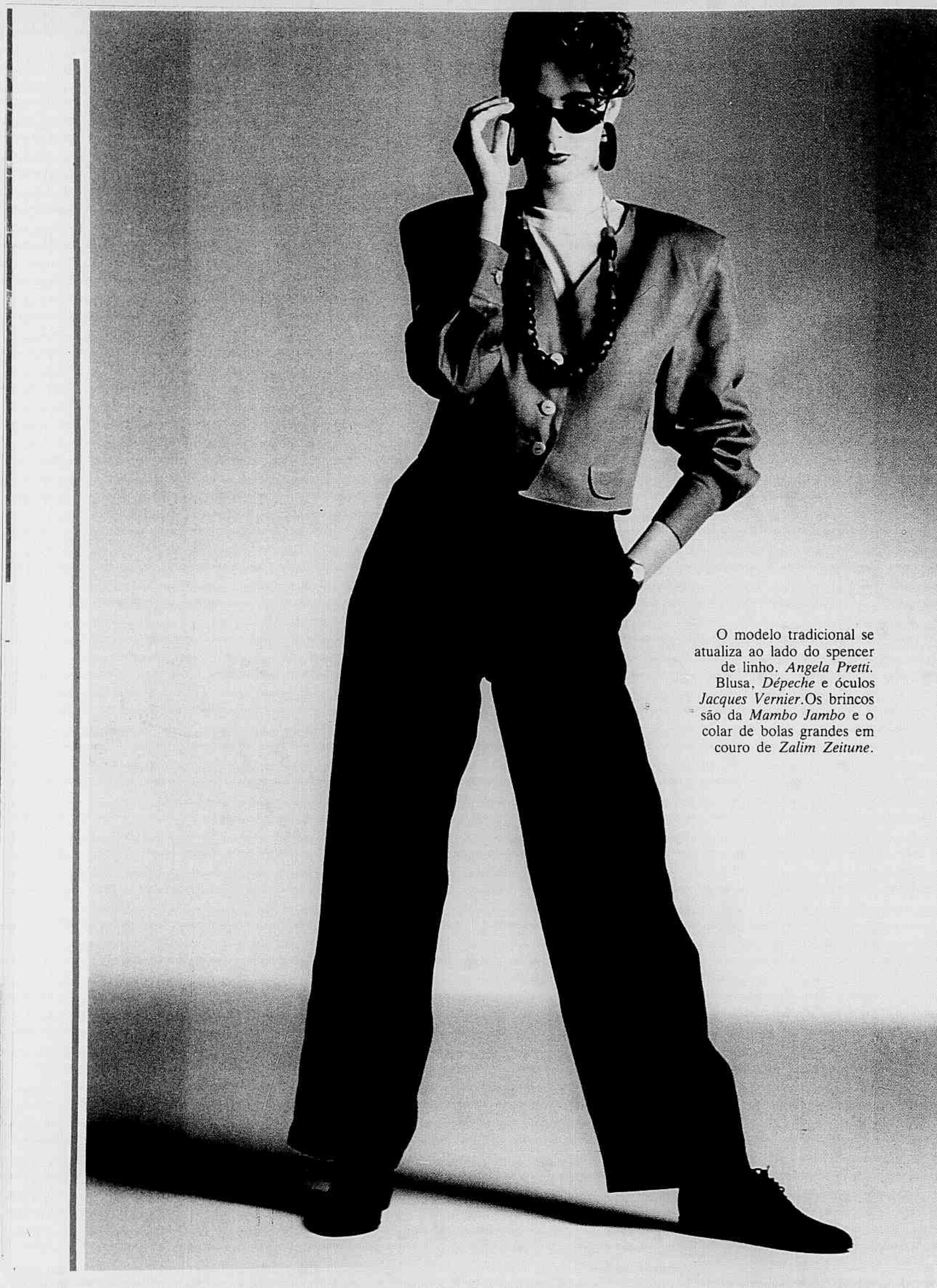
Percebendo o filão escondido atrás da carência de bons instrumentos no mercado, seis habilidosos garotões desentulharam um pequeno galpão no subúrbio carioca de Pilares para montar a Brancatti Luthiers, um ateliê de fabricação de guitarras, contrabaixo e violões de alta qualidade. "Nossa intenção inicial é divulgar o trabalho. Num futuro próximo, pretendemos exportar para países da América Latina", sonha Márcio Rocha, 27 anos. "São instrumentos de qualidade internacional", elogia o virtuose Celso Blues Boy. "Brancatti é uma boa guitarra em qualquer lugar do mundo", exulta Herbert Vianna. Uma opção que o economista Vitor Hugo Campos, chefe-adjunto de Máquinas e Equipamentos da Cacex, certamente deveria ter conhecido antes de presentear seu filho com uma guitarra de um grande fabricante nacional. "Ele queria uma Fender, mas ela custa 800 dólares, sem contar todos os impostos de importação", admite Vitor, que também não recorreu ao *Balcão*. Azar do filho dele.

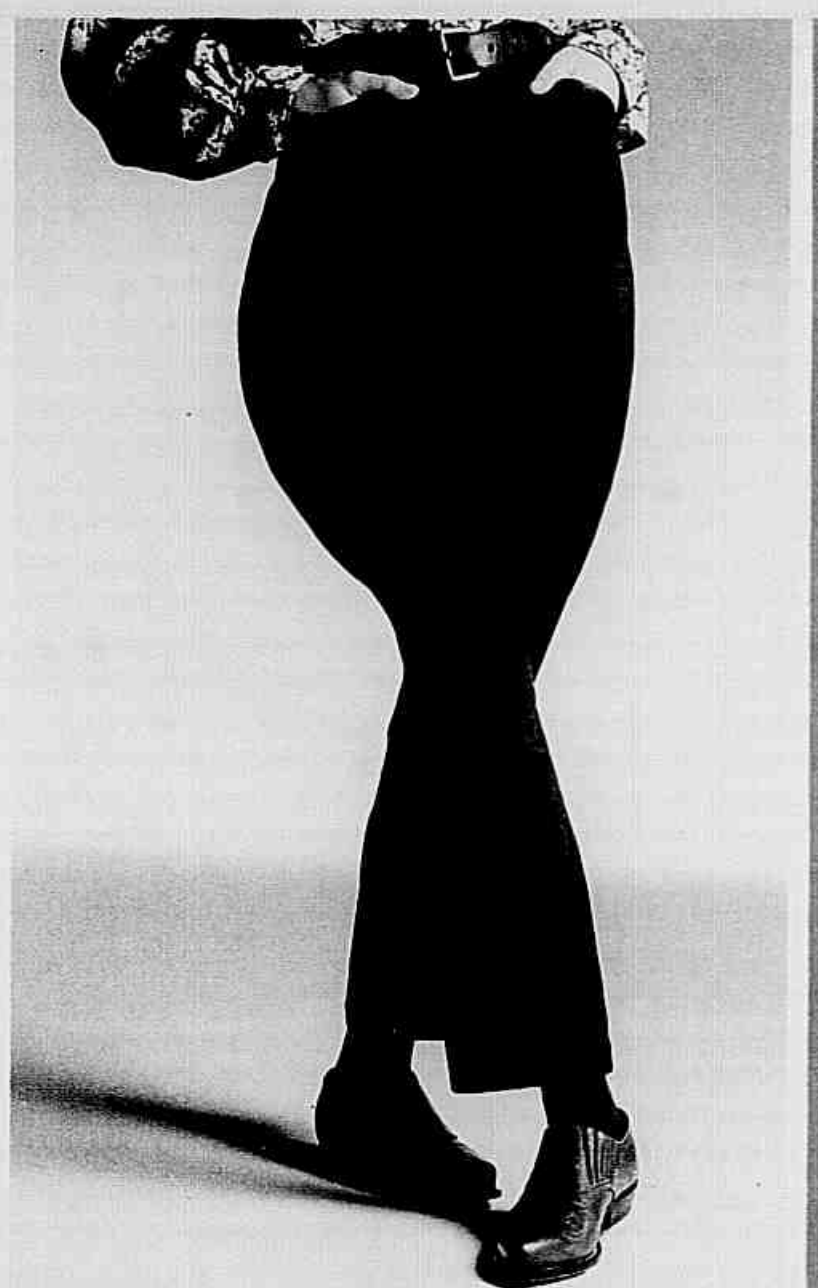
Eduardo Marini

Sérgio Moraes

Marcio e seus colegas fundaram num galpão em Pilares a Brancatti Luthiers, uma fábrica de guitarras que pretende mudar a má imagem da indústria brasileira de instrumentos musicais

CALÇAS EM TEMPO INTEGRAL

Houve um tempo em que não se botava os pés fora de casa sem uma roupa dentro dos padrões definidos pelos costureiros. Passou. Só quem viveu aquilo dá o real valor à abertura vivida hoje. Mais que este ou aquele comprimento, a moda atual permite uma brincadeira com o estilo, com a personalidade e até com o humor da pessoa no dia. Um bom exemplo é a calça comprida que, nesta temporada, volta com a força da liberdade total. Dos anos 20 aos 80, pode-se escolher o modelito preferido. Aqui estão alguns exemplos da calça-89, vestidos por Claudia Rangel, da Class, com cabelo e maquiagem de Ronald Pimentel. Produção, Guiga Soares.

Regina Martelli
Fotos de Flávio Rodrigues

A tão badalada pantalona já foi usada com túnica e chamada de *palazzo pijama*. Agora pode ser em linho e vestida com cinto e blusa justa. *Heckel Verri*. Sapato, *Saville*

Curta, com cintura alta, a calça tem estilo colegial e é vestida com *t-shirt* de malha mesclada. *Saville*. Sapato, *Renato Loureiro*. Relógio, *Monte Carlo* e cinto, *Next*.

O modelo tradicional se atualiza ao lado do spencer de linho. *Angela Pretti.* Blusa, *Dépeche* e óculos *Jacques Vernier.*Os brincos são da *Mambo Jambo* e o colar de bolas grandes em couro de *Zalim Zeitune.*

Acima, à esquerda, uma licença poética em seda. Calça com elástico na barra. *Any Carro*. Sapato, *Saville*. À esquerda, o modelo montaria. *Chopper*. Camisa, *La Bagagerie*, e sapato, *Gureg*.

Endereços da Moda:

Any Carro - (021) 247 4493
Angela Pretti - (021) 235 7500
André Joalheiros - (021) 255 6648
Chopper - Barrashopping
Dépeche - (021) 247 1134
Gureg - São Conrado Fashion Mall
Heckel Verri - Rua Visconde de Pirajá, 547
Jacques Vernier - lojas especializadas
La Bagagerie - Rua Visconde de Pirajá, 351
Mambo Jambo - Rio Sul, 4º piso
Monte Carlo - Rio Sul e Norteshopping
Next - Barrashopping
Salim Zeitune - (021) 580 0542

Flavio Rodrigues

O cineasta Luiz Rosemberg escreveu para avisar que está vivo

A CONTROVÉRSIA DOS XIITAS

Sempre que o *JORNAL DO BRASIL* me telefona pedindo uma opinião, entrevistas, fotos etc...eu tenho me mostrado disponível a esse tipo de colaboração. Há duas semanas atrás a Revista DOMINGO me telefonou a respeito de uma matéria sobre xiitas. Mais uma vez me prontifiquei, conversei com a repórter Maria Silvia Camargo pelo telefone. Qual a minha surpresa quando abro a DOMINGO de 19/3/89 e lá encontro a minha foto acompanhada de um texto onde, diz a revista, eu me considero morto. (Eu disse estar desempregado. Será a mesma coisa?) Isto foi publicado de má fé, uma vez que eu não disse tal coisa e que quando anteriormente o fotógrafo da DOMINGO indelicadamente me perguntou por telefone se eu me "incomodaria" de posar morto, eu lhe respondi categoricamente que não faria isso. Se DOMINGO já me considera morto, não ponha estas palavras na minha boca porque eu não as disse (inclusive porque morto não fala). Assim como também não dei Zé Celso e Gerald Thomas por xiitas, e sim o povo brasileiro que tem saco pra aguentar esse governo opaco, corrupto, vendido, mofado, ruim. E mais esse país que não acontece. Que a DOMINGO assuma a responsabilidade de seu desejo de matar certas pessoas. Peço então à revista o oposto do que quer o astro televisivo: por favor, podem me esquecer. *Luiz Rosemberg Filho, Rio de Janeiro, RJ.*

-

Em relação à reportagem de capa da revista DOMINGO "O Estilo Xiita do Carioca", aqui vai a minha solidariedade. Chatear xiita sempre foi meu passatempo predileto. Até escrevi um livro, muito aplaudido pelas minhas gavetas e por alguns xiitas em férias, chamado *Contos Pra Chatear Xiita*, em 1987. Portanto, na próxima, não esqueçam de mim. *Antonio Carlos Soares, Rio de Janeiro, RJ.*

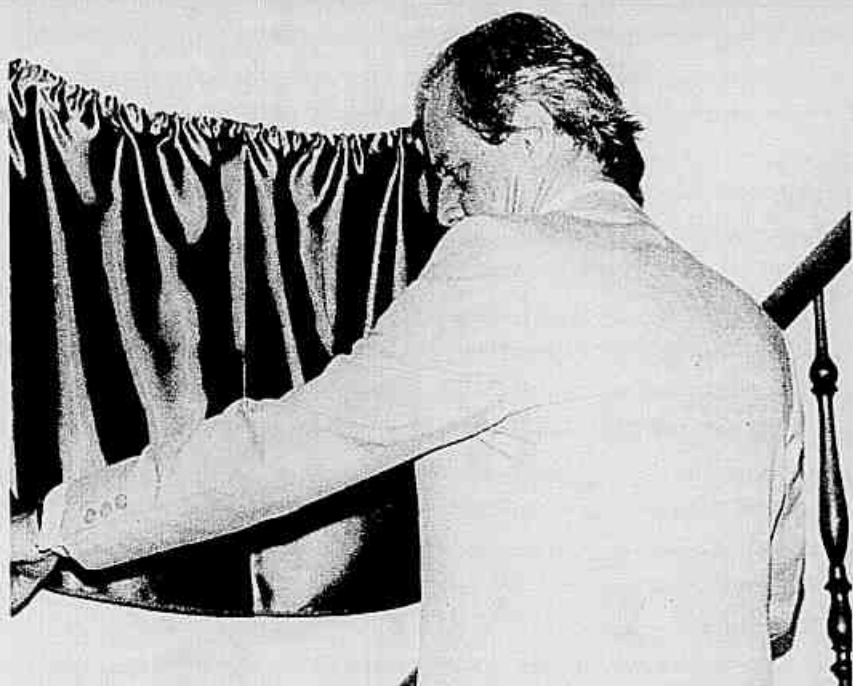
-

Na DOMINGO nº672, encontramos como exemplo do radicalismo ecológico a doce e quase sempre sensata Alba que, salvo alguns momentitos de "travessuras", desempenha com eficiência suas atribuições como funcionária da Secretaria do Meio Ambiente de Niterói. Tadinha da moça! Ser xiita é ir ao fundo das coisas. Há espécies bem mais "xiitas" no movimento ecológico.(...) Um grupo de rapazes e moças chegou às páginas dos jornais ao presentear um deputado, de cujo partido havia sido expulso, com penicos cheios de moedas, numa demonstração do que achávamos do Partido Verde (...). Xiitas somos nós, com muita honra e este título ninguém tira!!! *Cláudio Maciel, Rio de Janeiro, RJ.*

BOTINADA MACHISTA

Ao ler o *JORNAL DO BRASIL* de domingo, 5/03/89, deparamos com um artigo denominado *Macho Marcado Para Morrer*, com estampa de nosso querido Chico Buarque sendo homenageado por alguém. Ele (ou ela) que assina abaixo, tece considerações diversas a respeito do ambiente em que vive no Rio. Pelo teor de seu artigo, vê-se que suas alusões se restringem a núcleos restritos a seu campo de ação e influência intelectual, sexual ou assexual, como queira ele ou ela. Mas, em determinado trecho falou em apoio cultural da Botina Zebu Jeans. Ironias à parte, quem fala em botina diz rusticidade, nunca cultura. Fica, então, evidenciado o sarcasmo da referência à botina Zebu. Nossa cultura, primária, pura, é fácil de ser compreendida e adotada, principalmente pelos pés, pois afinal de contas fabricamos calçados. Contudo, temos esperança de atingir um grau mínimo de compreensão das coisas, principalmente das suas palavras, para afinal podermos dizer que ouvimos e entendemos, não o Bilac, mas aquelas coisas que você escreve no domingo. Aqui vai, portanto, nosso apoio (não cultural) a você. Sempre que escrever, faça referência às botinas Zebu Jeans. Estaremos gratos e atentos. *Zebu Industrial, Uberaba, MG.*

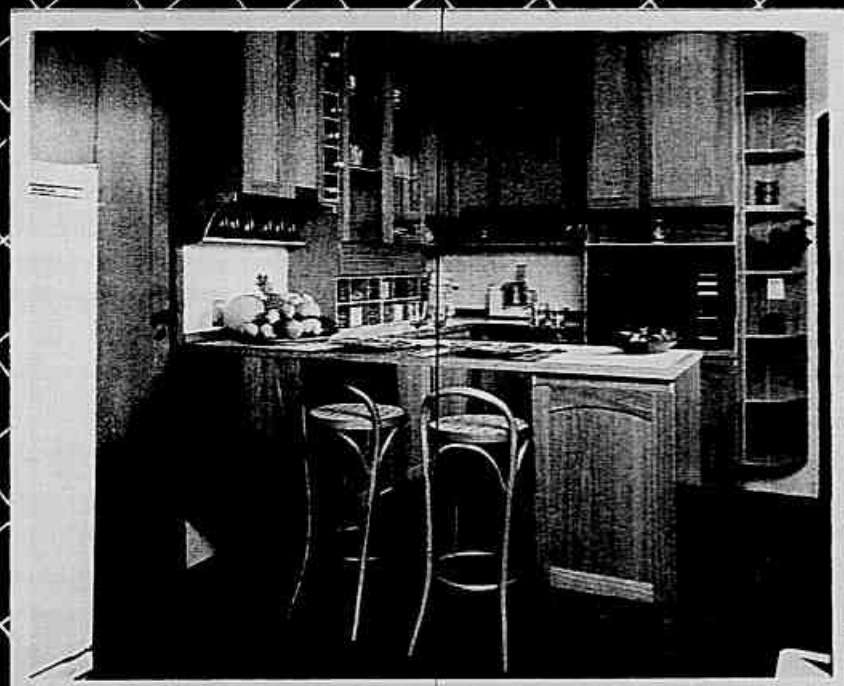
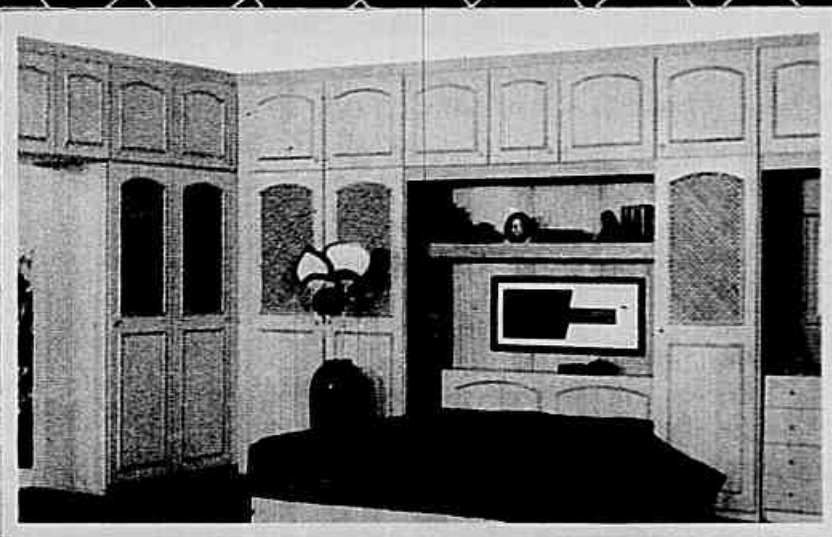
ABACAXI SALVADOR

Imaginei escrever uma carta um tanto irônica para agradecer (...) a TV Globo pela transmissão da novela *O Salvador da Pátria*, porque, já que ela é um tremendo abacaxi, uma estupidez que não tem mais tamanho, estou aproveitando essa hora para ler e escrever, conversar etc...(...) Eu gosto demais do Lima Duarte, acho que ele é um de nossos melhores artistas e não merecia um papel tão caricato e ridículo como o que está representando.(...) *Fanny B. de Samerson, Cabo Frio, RJ.*

A placa em homenagem ao Dr. Milanez inaugurada pelo filho

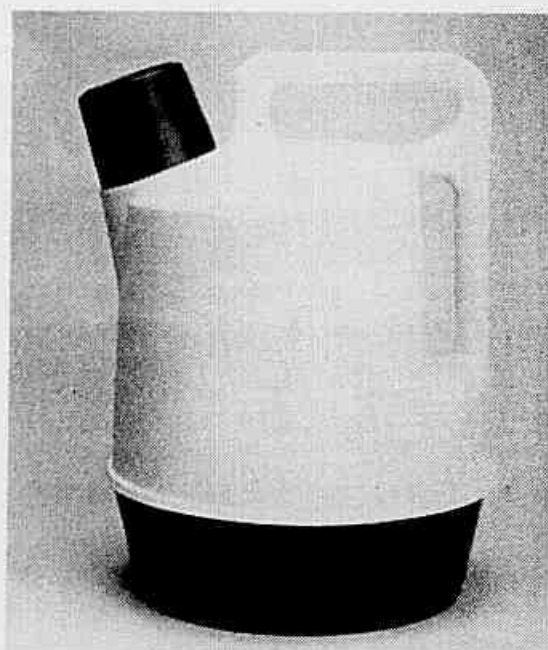
TODAS AS HONRAS AO DR. MILANEZ

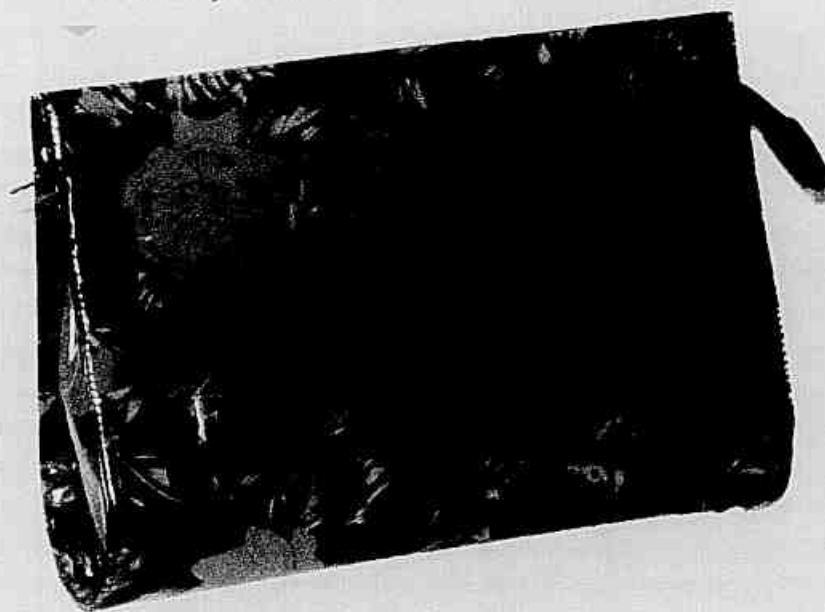
Com referência ao desabafo do Sr. Fernando C. S. Milanez, ocorrido nesta coluna, na DOMINGO nº 672, tenho a informar o seguinte: 1º — Não afirmei que iria transformar nosso Jardim Botânico em uma "casa de ciência", mas sim que a prioridade da casa de D. João VI seria com a investigação científica, no campo da botânica básica. 2º — Em nenhum momento poderia eu ignorar os meus ilustres antecessores que dirigiam aquela casa, tanto que hoje estamos encaminhando a reedição do Hortus Fluminenses, editado em 1894 por um dos mais inspirados dirigentes — Barbosa Rodrigues. 3º — A galeria dos ex-diretores que se encontrava no salão D. João VI está sendo objeto de restauração completa de molduras e fotos e será instalada no Salão Nobre do 2º andar de nosso prédio da Diretoria, ficando o andar térreo para exposições. 4º — A consideração que dispenso ao professor Milanez é tanta que ainda na condição de Diretor Científico do IBDF (...) determinei, através da ordem de serviço nº 002 de 07/07/87 que o prédio da Anatomia Vegetal, totalmente restaurado, se denominasse pavilhão Doutor Milanez, homenageando-o (...), inclusive fazendo questão da presenças de sua família, comparecendo a este ato o próprio Sr. Fernando C. S. Milanez. A reportagem de DOMINGO, por ter tratado de diversos assuntos complexos sobre o Jardim Botânico — pesquisas, arboreto,restauração, museu, etc... — pinçou frases que quando descontextualizadas podem nos levar a avaliações imprecisas. De qualquer maneira, em nenhum momento tive a presunção de ter descoberto fórmulas miraculosas de bem administrar o Jardim Botânico, mas sim procuro conhecer e encaminhar seus problemas, tendo sempre em mente que quem empreende está sujeito a erros, e suas ações podem ter interpretações poliprismáticas, como foi o caso do texto do Sr. Fernando C. S. Milanez, que hoje posso esclarecer. *Sérgio de Almeida Bruni, Diretor do Jardim Botânico, Rio, RJ.*

CRECHES NATURAIS

Ao ler a matéria de Joaquim Ferreira dos Santos, seção Nomes, da revista DOMINGO nº667 de 12/2/89, notei que ele cita a Creche N.Sra. das Vitórias como sendo "a única creche com alimentação exclusivamente natural no Rio". Gostaria de esclarecer que essa afirmação é um equívoco, pois existe pelo menos uma outra, a creche Urussanga, em Jacarepaguá, onde, além da alimentação natural, as crianças vivem em permanente contato com a natureza, numa área verde de 5.000 m2, toda gramada e arborizada, onde correm soltos animais como galinhas, marrecos e coelhos, e onde as crianças comem as frutas diretamente do pé, como jambo, jamelão, côco, amora, goiaba etc ...*Cynthia Fortes Malta, Diretora da Creche Urussanga, Rio de Janeiro, RJ.*

TOME NOTA

Imagine a cozinha de seus sonhos. Agora, vá a **MADEIROL**. Lá, uma equipe de arquitetos competentes vai desenvolver projetos funcionais e sofisticados exclusivos para você. Produzida em compensado naval tratado com o sistema "finish foil", sua cozinha terá acabamentos diferentes, modernos e de maior durabilidade. Compre com quem fabrica. O **show-room** da Madeirol fica na Rua Sotero dos Reis, 13-Pça. Bandeira, RJ. Tel.: 284-7540.

Se você tem algum mistério a elucidar, procure o Instituto de Investigações Científicas e Criminais. Primeiro curso de detetive do Brasil, ele foi criado por Bechara Jalkh, 56 anos e 37 de carreira. O curso envolve, entre outras coisas, a aprendizagem de técnicas para a utilização de microgravadores e até visores infravermelhos e laser. O endereço é Praça Olavo Bilac, 28, sala 1.310. Tel.: 221-2900.

Bonito, resistente e prático. Assim é Modelo Sport, o botijão térmico mais versátil da **INVICTA**. Ele pode ser usado em casa, no **camping**, na escola, no esporte ou no trabalho. Já está à venda em dois modelos: um com capacidade de acondicionamento para três e outro para cinco litros. O botijão pode ser encontrado nas cores: azul claro/escuro, bege/marrom, vermelho/bege.

Panther, Palazzo e Swimming são as novas linhas de bolsas da **FRÁGOLA RIO** com detalhes de brincos e prendedores na mesma estampa. Especializada em bolsas e acessórios em tecido vitrificado, a loja acaba de lançar sua coleção outono/inverno 89, com modelos exclusivos. Vale conferir. O endereço é Av. Nossa Senhora de Copacabana, 291, Lj. G — Copacabana Palace Hotel. Tel.: 235-6443.

Uma rede de lavanderias **self-service** que chegou para facilitar sua vida. Na **LAUNDROMAT**, você lava e seca suas roupas num tempo recorde de uma hora. Muito mais barato que os sistemas tradicionais, a lavanderia possui ainda máquinas simples e fáceis de operar e serviço de passadeiras. Enquanto aguarda, você lê o jornal, toma um cafezinho ou assiste um programa na TV. A matriz da **LAUNDROMAT** é na Rua Haddock Lobo, 311-A, RJ. Ligue já para (021) 254-3754.

Linho, seda pura, tricoline de alta qualidade e lingerie são os tecidos nobres que a Blusaria Rio usa na confecção de suas já famosas blusas e blazeres. Conhecida pelo belíssimo corte e acabamento de seus modelos a loja, diante da insistência de seus clientes, resolveu diversificar. Acrescentou ao seu mostruário peças básicas. São bermudas pantalonas e saias, em tons absolutamente neutros, que devem valorizar ainda mais a já tradicional linha da **BLUSARIA**. O endereço é Rua Barata Ribeiro, 774, Sala 911 — Copacabana. Tel.: 235-5780 e 257-0416.

Áries

21/03 a 20/04

Dias de compensação onde, apesar de forte tensão interior, tudo vai encaminhá-lo a uma situação muito compensadora, com resultados práticos significativos para o amanhã.

Touro

21/04 a 20/05

Predomínio de aspectos financeiros, posicionados de forma vantajosa. Semana que irá revelar bons caminhos pessoais e muita vantagem em família e no amor. Cuidado com a saúde.

Gêmeos

21/05 a 20/06

Disposição invejável para a rotina de trabalho. Equilíbrio financeiro. Forte condicionamento para relações afetivas que assumem importância muito grande neste período. Alegria.

Câncer

21/06 a 21/07

Reconhecimento e prestígio. Tais fatores, ligados à profissão e vida pessoal, são os pontos altos de uma boa semana nessas casas. Mantenha-se atento à ação de outras pessoas.

Leão

22/07 a 22/08

Planos favorecidos em termos materiais. Superação de dificuldades na rotina de trabalho. Entendimento vantajoso com parentes mais próximos. Sentimentos interiorizados.

Virgem

23/08 a 22/09

Resultados financeiros de seu trabalho serão mais vantajosos na semana. Relacionamento pessoal e afetivo em fase de sensíveis mudanças. Alterações benéficas de alguns planos.

Libra

23/09 a 22/10

Dias em que o predomínio de influências se fará sobre o seu comportamento e seus sentimentos, mantendo estabilidade material. Busque ser cuidadoso e mais prudente no amor.

Escorpião

23/10 a 21/11

Semana em que você não se deve abater diante de pequenas dificuldades do cotidiano. Reaja e dê-se um pouco mais à vivência em família. No amor podem ocorrer boas surpresas.

Sagitário

22/11 a 21/12

Sem maior alteração de regência material, você terá semana onde o entusiasmo por nova situação irá concentrar seus pensamentos. Prudência diante de palavras pouco sinceras.

Capricórnio

22/12 a 20/01

Benefício no trabalho. Aspirações atendidas em assuntos pessoais. Benefícios que irão valorizar sua convivência familiar. No amor o quadro mostra agitação e mudanças.

Aquário

21/01 a 19/02

Influência poderosa de uma quadratura entre o Sol e Saturno, com o aparecimento de conflitos no cotidiano. Supere-os com paciência. Valorização pessoal e afetiva. Romance.

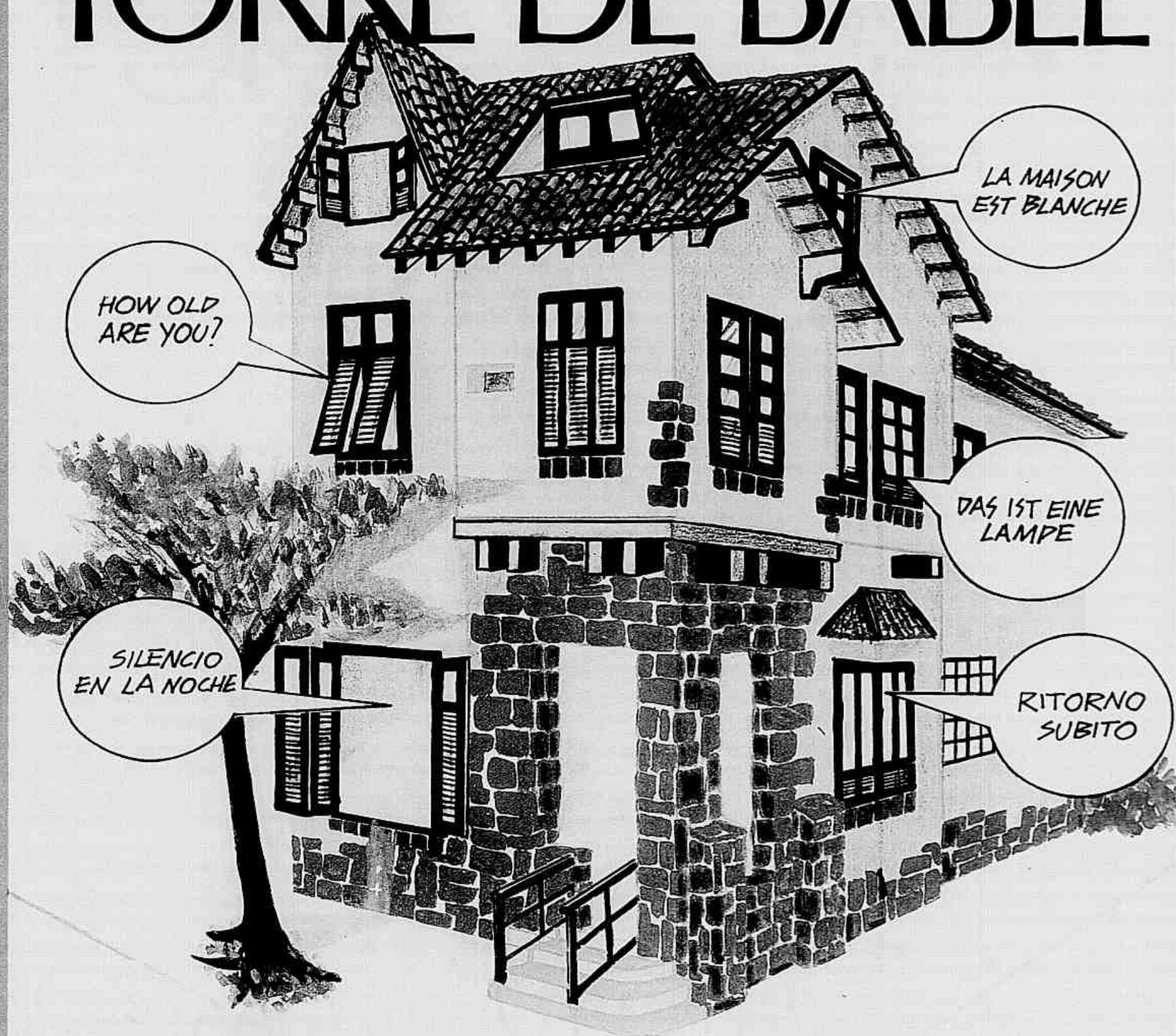
Peixes

20/02 a 20/03

Estão estimulados os novos ganhos e o trato com dinheiro. Satisfação pessoal. Vida íntima que deve ser objeto de maiores cuidados. Satisfação forte em relação ao amanhã.

Max Klim

RADICAL CHIC
MIGUEL PAIVA
MINHA PRIMEIRA BONECA!
MINHA PRIMEIRA ESTRELA DE XERIFE...
... MEU PRIMEIRO SOUTIEN...
MEU PRIMEIRO ABSORVENTE ÍNTIMO...
A MEMÓRIA ¡ÀS VEZES, PARECE UMA FLORESTA COM PLANTAS E ANIMAIS EM EXTINÇÃO... E SEM O STING DEFENDENDO!

TORRE DE BABEL

NOVO CENTRO CULTURAL AUDING NA TIJUCA

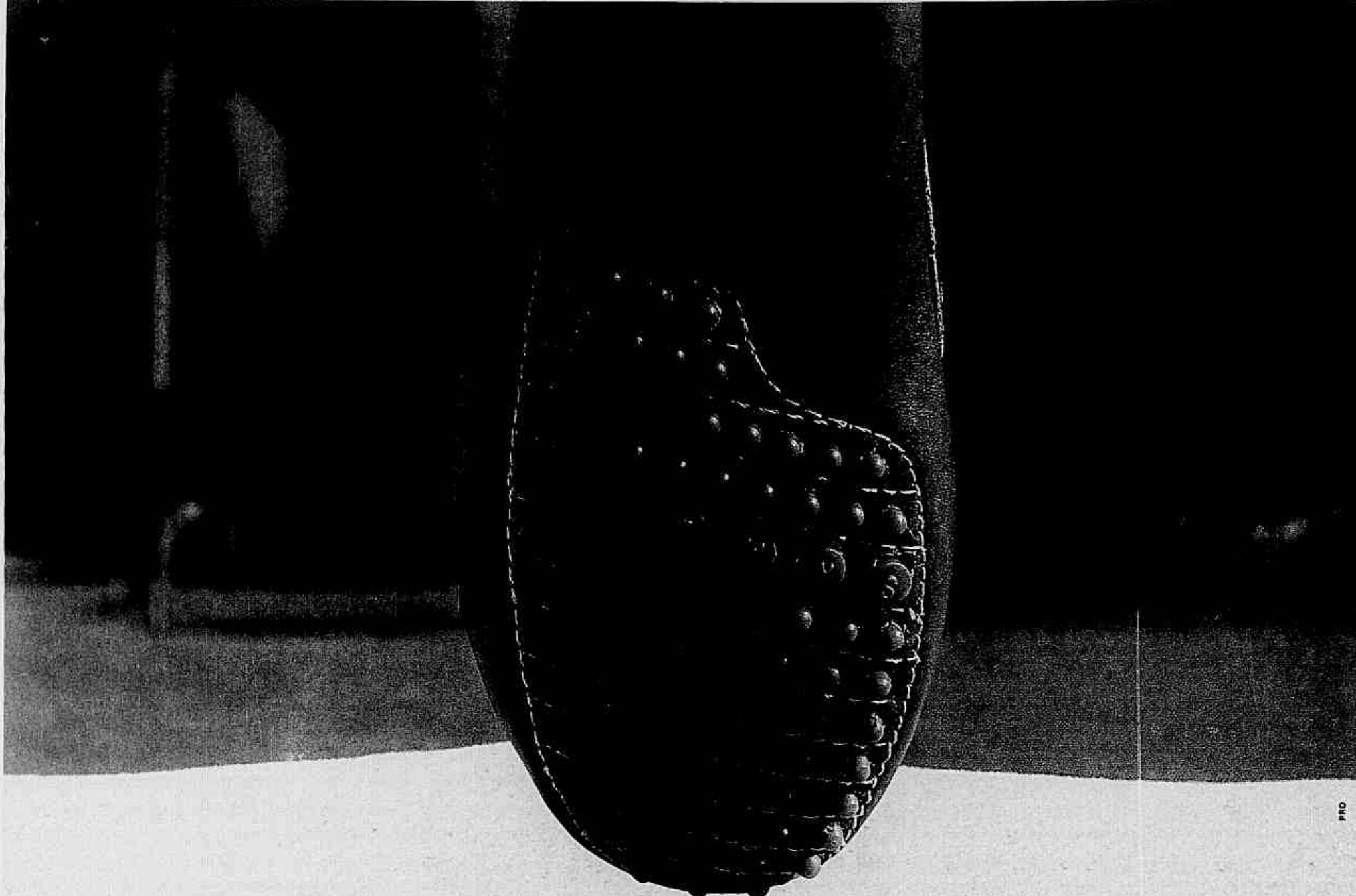
A **Auding Idiomas** inaugura o seu Centro Cultural na Tijuca, à Rua Padre Elias Gorayeb nº 40, bem ao lado do Metrô Saens Peña.

Se você deseja **''Deutsch Sprechen''**, **''Parlare Italiano''**, **''Speak English''**, **''Parler Français''** ou **''Hablar Español''** esse é o endereço certo!

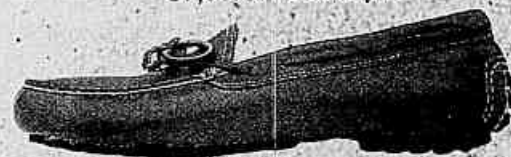
Além do que você também disporá de um pub exclusivo para um happy hour, clube de conversação, salões de vídeo, área de lazer, biblioteca, centro de informática, etc. Tudo isto para aprimorar seu treinamento, com assistência permanente de nossa equipe de professores em aulas de até 10 horas por dia.

Venha para a **Auding**. Onde se falam várias línguas, mas todos se entendem.

AUDING *IDIOMAS*
O CURSO DO SEU TEMPO

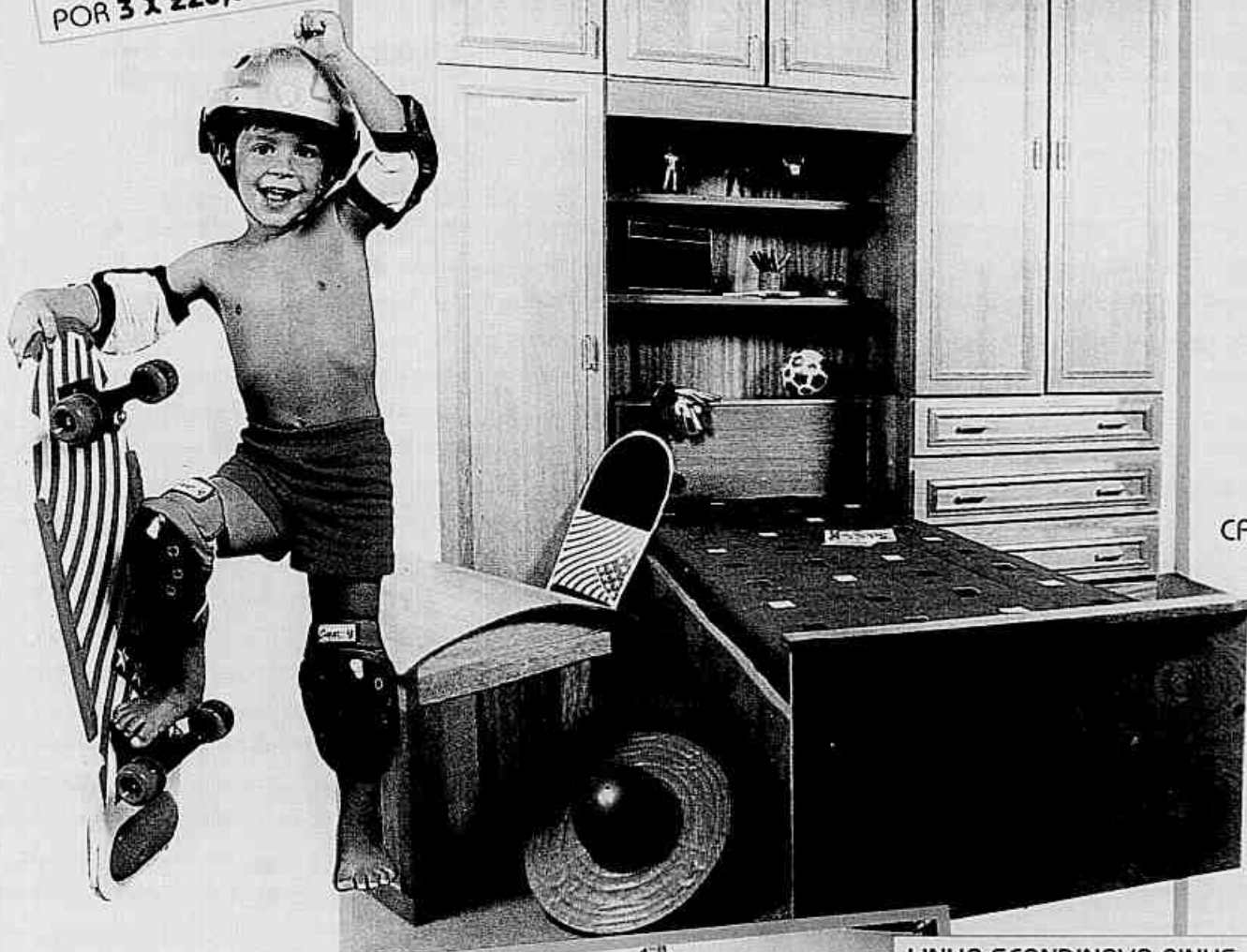
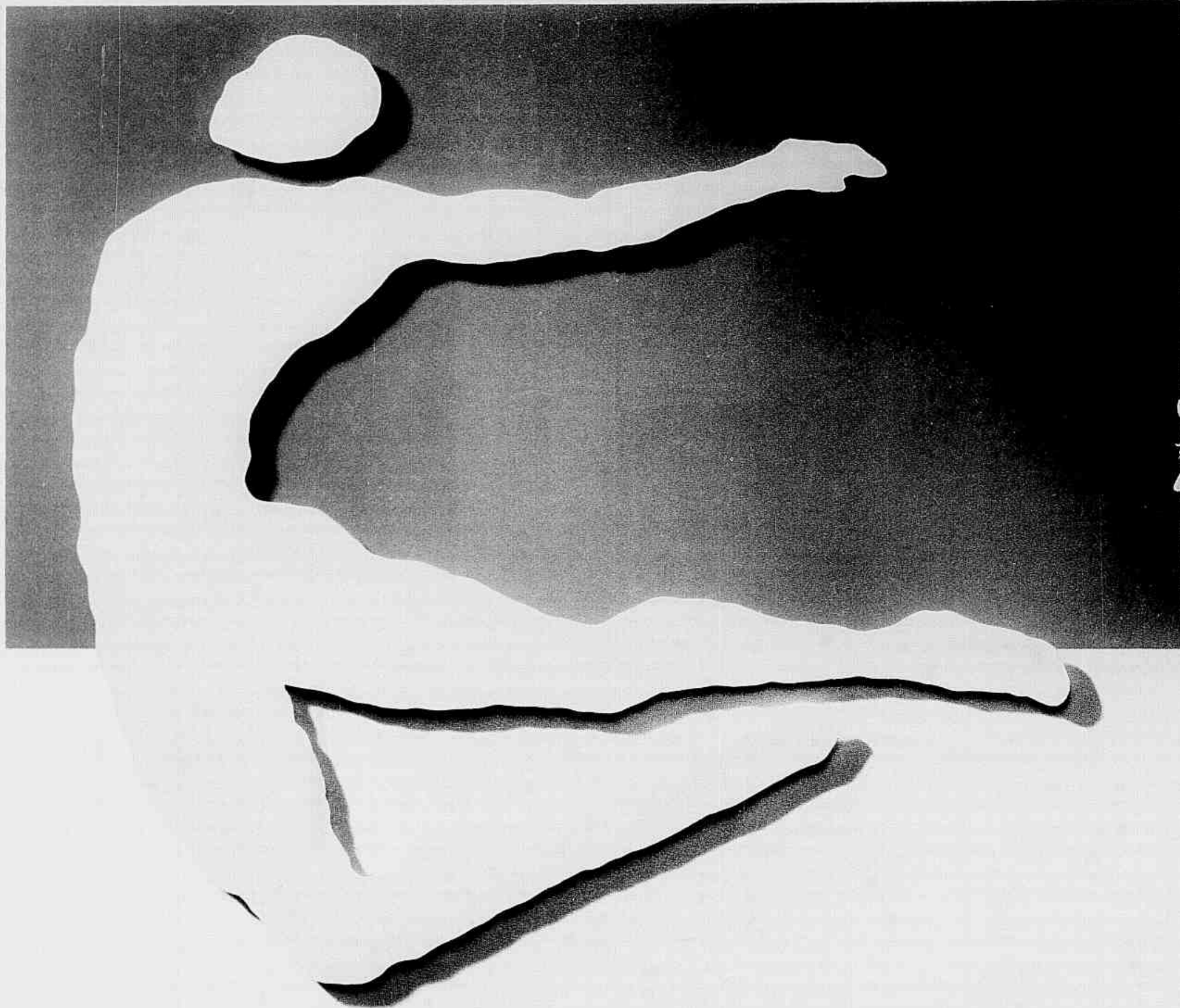
Tijuca: Rua Padre Elias Gorayeb, 40 (sede própria) **- Metrô Saens Peña - PBX 208-4949.**
Centro: Rua da Quitanda, 20 sobreloja (sede própria) **- Tel.: 224-5793.**
N.Y. 175/22º - Fifth Avenue.

Mocassim Samelcar na Mesbla. A maneira mais confortável de andar descalço.

Sabe aquele sapato que é charmosíssimo, uma delícia de andar, supermacio e durável, perfeito pra dirigir e da mais alta qualidade? Aquele sapato é este aqui: Samelcar da Samello. E o melhor de tudo: a Mesbla tem.

Feminino: Couro nobuck. Preto e cáqui. 57,00. À vista: **45,60**

Masculino: Couro graxo. Havana, café e preto. 59,00. À vista: **47,20**

Promoção válida até 08/04/89

PRO

É verdade hoje não é 1º de Abril!
E o CASTELINHO brinca com os preços
DORMITÓRIO CLASSIC COMPLETO C/CAMA, BAÚ, QUEBRA LUZ, EM CEREJEIRA OU MOGNO, OPCIONALMENTE. DE: 700,00 POR 3 X 220,00 OU 536,00 À VISTA.
PROMOÇÃO VÁLIDA ENQUANTO DURAR O ESTOQUE.
CARRINHO L'ONORABILE 76,50 À VISTA.
CARRO / BERÇO BURIGOTTO 82,50 À VISTA.
LINHA SCANDINAVA PINUS
BERÇO S/GAVETAS 3 X 22,80 OU 57,00 À VISTA.
CÔMODA 3 X 23,80 OU 59,80 À VISTA.
ARMÁRIO 3 X 47,50 OU 119,80 À VISTA.
LINHA SONATA INFANTIL
BERÇO S/GAVETAS 3 X 46,50 OU 118,00 À VISTA.
MÓDULO ARMÁRIO / CÔMODA 3 X 89,80 OU 229,00 À VISTA.
CASTELINHO
• COPACABANA - BARATA RIBEIRO, 180 - 295-4499 • TIJUCA - CONDE DE BONFIM, 577
208-0747 • MADUREIRA - CARVALHO DE SOUZA, 240 - 390-7985
• MÉIER - DIAS DA CRUZ, 250-A - 594-3949 • NITERÓI - AURELINO LEAL, 29 - 717-3285
• PONTA DE ESTOQUE: RUA DIOMEDES TROTA, 520 - RAMOS
FOTOS: JOÃO MELO
STUDIO 42

La La La Human Steps

"La La La Human Steps é o expoente da cultura pop dos anos 80. Eles desafiam a gravidade, senso comum e todas as expectativas de quanto trabalho o corpo humano pode agüentar."
Christopher Robin, City Limits.

Apresentação dias 15, 16 e 17 de abril.

ISO Dance Theatre

"ISO mistura a dança moderna e o espetáculo acrobático em caminhos que são inteligentemente consistentes e altamente inspirados."
Stephen Holden, The New York Times.

Apresentação dias 18 e 19 de abril.

Wim Vandekeybus

"Forte, brutal, alegre, irônico e magnífico. Adjetivos parecem passivos demais ao descreverem o trabalho de Wim Vandekeybus."
Anna Kisselgoff, The New York Times.

Apresentação dias 20, 21 e 22 de abril.

Ballet Theatre L'Ensemble

"Micha Van Hoecke recebeu uma lição fundamental que adaptou posteriormente como sua numa maneira particular de dançar: a lição da nova dança como expressão total, da dança como um gesto unido e motivado pela inteligência e pela idéia."
Silvia Polleti, La Citta.

Apresentação dias 20, 21 e 22 de abril.

CARLTON DANCE FESTIVAL

Bem-vindo ao admirável mundo novo da dança.

Carlton concede a você esse raro prazer.
Um evento que traz mais uma vez para os palcos brasileiros o melhor da dança de vanguarda no mundo.
Venha ver, ouvir e sentir o novo.
Fundação Teatro Municipal - 21 horas. Ingressos à venda na bilheteria do teatro.
Informações pelo tel.: (021) 210-2463.

Cisne Negro

"O que deliciou as platéias de Nova Iorque foi o visual fresco que faz com que se goste muito da Companhia bem treinada e de seu repertório dramático."
Jennifer Dunning, The New York Times.

Apresentação dia 18 de abril.

Antonio Nóbrega

"Antonio Nóbrega é um one-man-show. Ele tem a noção de como agarrar o espectador acolhendo-o progressivamente em suas malhas. Viaja pela cantiga tradicional do romanceiro, inverte pelo frevo, executa uma marcha em bloco, põe em música envolvente um belo poema do autor do Auto da Compadecida."
Sábato Magaldi, Jornal da Tarde.

Apresentação dia 19 de abril.

Martha Graham Dance Company

"Entre os artistas geniais nos Estados Unidos, Martha Graham destaca-se. Como pioneira, como instituição, ela continua a enriquecer o legado de sua dança, na 10ª década de sua vida".
Sylviane Gold, USA Today.

Apresentação dias 12, 13 e 14 de abril.

HOTEIS OTHON

VARIG

Fundação Teatro Municipal
Governo do Estado do Rio de Janeiro
Secretaria de Estado de Educação e Cultura

Projeto Incentivado pela Lei nº 7.505

CRIATIVIDADE
EM ALTO ESTILO
COM
O MENOR
PREÇO
PROMOÇÃO
ESPECIAL
CAMA SOLTEIRO
TUBULAR
À PARTIR DE
NCz$ 50,00
Cadeira de tela s/ almofada NCZ$20,00
Pé p/ mesa (unidade) NCZ$ 10 ,00
Tampo p/ mesa Redondo. NCZ$ 59.00
Aceitamos cartões de crédito menos para os moveis em promoção
Sofá 2 lugares s/ vivo (várias cores)2 x 77,00
Sofá 2 lugares c/ vivo (várias cores) 2 x 79,00
Porta revistas-NCZ$ 24,00
Cadeira Viena NCZ$ 36,00 à vista
Tampo p/ mesa NCz$ 49,00 à vista
WAREHOUSE
Av. Heitor Beltrão, 1153 - loja B - Tijuca (esquina c/R. Conde de Bonfim, 429) Tel. 571-7298 R. Barão de Mesquita, 614 loja A — Tijuca Tel. 571-8499
Depois da promoção os preços voltarão ao normal

FABRICAÇÃO PRÓPRIA
MÓVEIS COLONIAIS
SUPER PROMOÇÃO
POUCAS PEÇAS
FABRICAMOS TAMBÉM
BARES, ESTANTES, ARMÁRIOS EMBUTIDOS, DORMITÓRIOS SALA DE JANTAR, COZINHAS, OU PEÇAS ESPECIAIS
FÁBRICA / SHOW ROOM
D'ESTILO
LOJA / SHOW ROOM
D'aldeia
* Rua Guimarães Junior,58-Barreto-Niterói-RJ (021) 719-1313
* Rua Gavião Peixoto, 117 Lj. 101-Icaraí-Niterói-RJ (021) 714-1075
Nosso estacionamento fica em frente à loja/Rua Gavião Peixoto, 124

classe&requinte Tel.: 580-8046

A PROMOÇÃO CONTINUA,
VIROU MANIA...
ME
mobiliária esmeralda
Conjunto de 3 + 2 lugares
À VISTA NCz$ 185,00 ou então
2 x 118,00
PLANTÃO/DOMINGO
de 10 às 16:00 hs.
266-6688
ZONA SUL: R.Jardim Botânico, 216/C - (021) 266-6688
CENTRO: R.Estácio Sá, 163 (021) 273-9248
DESPACHAMOS PARA TODO BRASIL

Modulados para seu Closet ficar cheio de vida,
bonito e extremamente funcional.
Diversas cores e tamanhos.
3 vezes
s/ juros
Closet
Estandes, armários, calceiros, sapateiras, cinteiros,
araras e tudo mais que sua imaginação permitir.
CATETE RUA DO CATETE, 228 S/LOJA 220
TELS. 205-5345 e 285-1296

JORNAL DO BRASIL

Casa & Decoração

ANO I — Nº 61 Rio de Janeiro, 2 de abril de 1989

Reprodução

O console (par) é do estilo Império. Pertenceu à fragata Constituição, que foi a Nápoles em 1843 buscar a imperatriz Dona Tereza Cristina

Móvel do passado em livro

Em trabalho gráfico de alta qualidade, com 192 ilustrações, Tilde Canti, pseudônimo de Clotilde Cavalcanti Albuquerque, nos leva à fascinante viagem pelo mobiliário brasileiro do século passado, no livro **O Móvel do Século XIX no Brasil**. As peças de cada período são apresentadas didaticamente pela autora e cada fotografia ou croquis é acompanhado por legenda minuciosa que explica todos os detalhes. **(Páginas 8 e 9)**

O berço de linhas simples e sóbrias

Bebê tem quarto especial

Com aproveitamento racional do espaço e escolha de móveis de bom gosto, a arquiteta Karina Seelig criou para o bebê um espaço, claro, limpo e arejado. Os tons predominantes no quarto são o branco e um azul bem clarinho. As paredes foram forradas de papel com estampas delicadas e uma barra repetindo os motivos como detalhe. **(Página 2)**

Fotos de Fernando Lemos

Esta geladeira Consul, com mais de 15 anos, ficou como se fosse nova depois de sofrer reforma completa na oficina Eletro-Rio, em Botafogo

Geladeira pode ter conserto

Por mais grave que seja o problema em sua geladeira, quase sempre é possível solucioná-lo com uma reforma, escapando da despesa com uma nova. Para tanto, pode-se contar com a assistência da equipe especializada da SAB, Concessionária da Fábrica Brastemp, ou recorrer a técnicos como Francisco Dell'Uomo, antigo mecânico de aviação, ou Carlos Fischer, profundo conhecedor de modelos antigos. **(Pág. 6 e 7)**

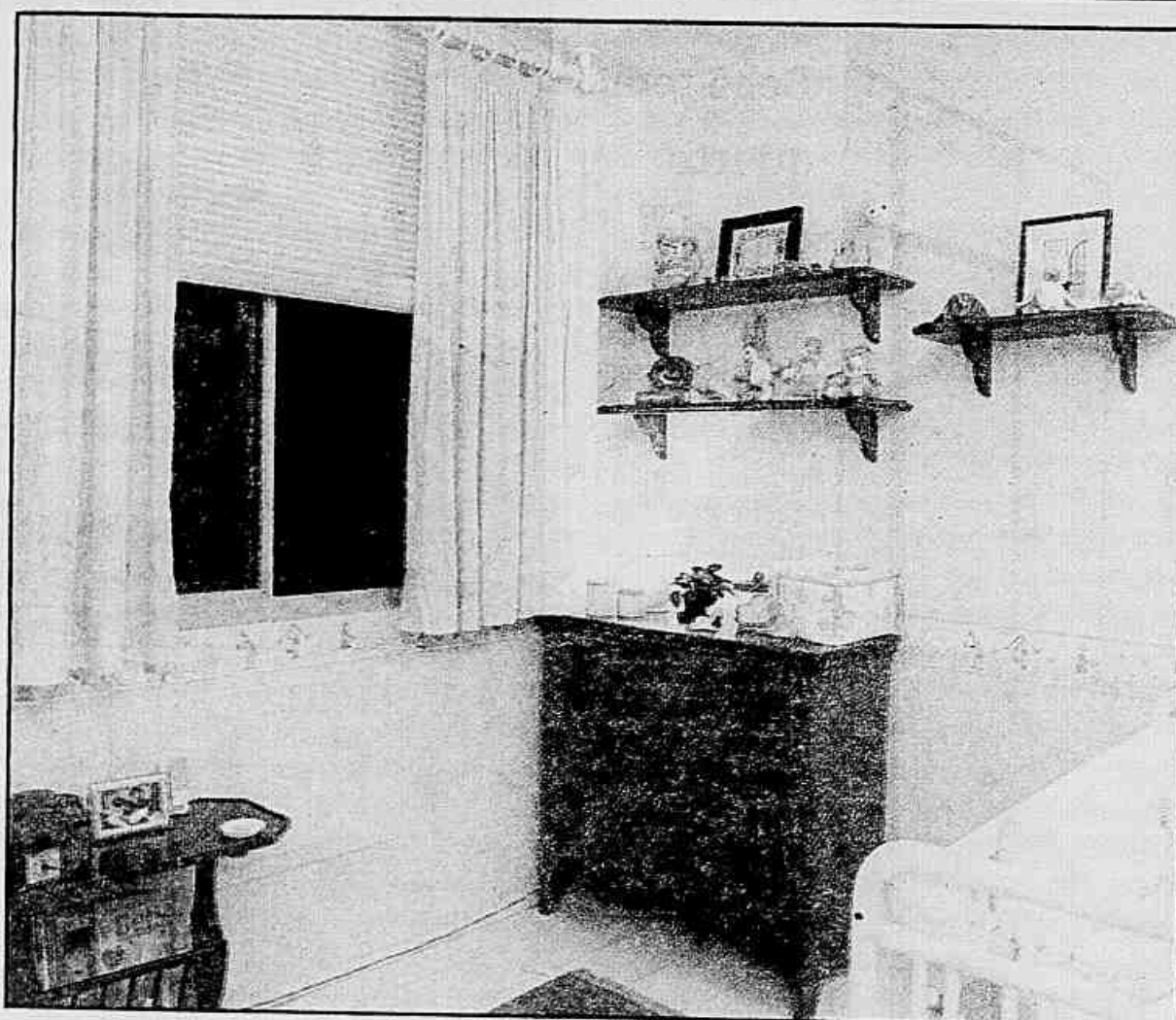
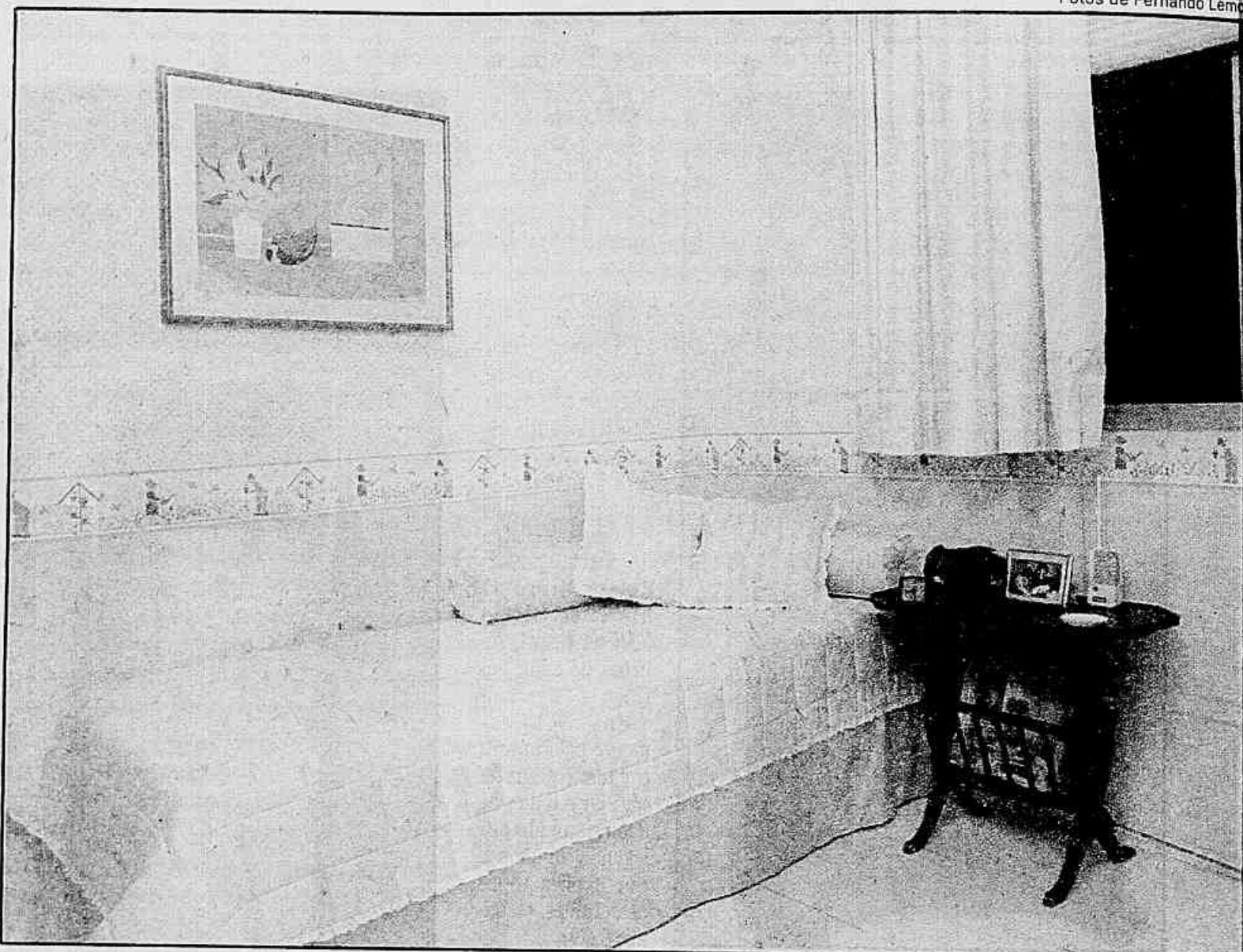
Quarto de bebê / *Projeto aproveita espaço com muita leveza*

Fotos de Fernando Lemos

O quarto para recém-nascido deve ser sempre claro, limpo e arejado. Neste projeto da arquiteta Karina Seelig, o aproveitamento racional do espaço, aliado à escolha de móveis de bom gosto, fez do recanto destinado ao bebê lugar muito especial da casa.

Neste projeto a arquiteta optou por decoração bem clássica, incluindo objetos e móveis antigos muito bem dosados, sem prejudicar a leveza do ambiente. Apenas para reforçar o estilo. Os tons predominantes no quarto são o branco e um azul bem clarinho. Para **alegrar**, as paredes foram forradas de papel com estampas bem delicadas, formando composê, e com uma barra repetindo os motivos como detalhe.

Para guardar os primeiros brinquedos do bebê, dando ao quarto **tom** alegre e colorido, pequenas prateleiras em madeira clara foram colocadas acima do berço e da cômoda. O piso, para garantir a funcionalidade no dia-a-dia e clarear ainda mais o ambiente, foi revestido com tábuas de fórmica e ganhou um tapete Killin no mesmo tom claro de azul.

A janela ganhou cortinas de algodão com listrinhas, terminadas com bordado inglês. Substituindo o feio e prático blecaute, Karina usou uma cortina de palitinho pintada de branco, que ajuda a enfatizar o clima romântico do quarto. A cama da acompanhante do bebê é simples, quase um estrado, mas ganhou outra vida com a colcha, almofadas e rolos que repetem o tecido das cortinas. A mesinha de cabeceira é antiga e de estilo inglês. Para guardar as roupinhas e utensílios o quarto conta com uma cômoda e um armário embutido. Muito prática, a arquiteta escolheu o armário modulado já pensando na possibilidade de futura mudança de casa do casal. O telefone da arquiteta é 205-1523. (A.C.O.)

A mesinha de cabeceira, peça antiga inglesa, confere ao quarto requinte especial. A colcha e as cortinas de algodão com bordado inglês na terminação reforçam o clima romântico

A decoradora substituiu a usual cômoda de bebê, laqueada em tom pastel, por uma antiga encerada. As prateleiras realçam o clima de suavidade

VENTILADOR SINGER

149,90

Ventilador Singer de teto. Ar puro e natural. Lubrificação total e permanente.

Vários modelos e cores. Manhatan, Rainha Vitória e outros. O melhor do mercado.

CL Comunicação

Ventilador 3 pás em aço com lustre, com 2 rolamentos blindados e grafitados.

51,60

Ventilador 3 ou 4 pás em mogno com lustre. O único com lubrificação permanente.

A partir de

89,90 Com regulador de voltagem

SUPORTE PARA TV E VÍDEO

Suporte TV EQUIPO gira e inclina.

19,20

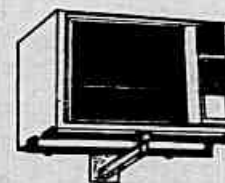
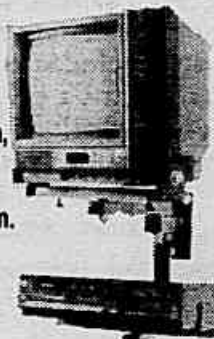
MESA PARA TV E VÍDEO

Mesa com rodinhas e cesta opcional para fitas totalmente garantida contra ferrugem.

OFERTA

SUPORTE PARA TV E VÍDEO

Suporte TV EQUIPO gira e inclina, com o super tratamento anti-ferrugem.

28,70

Suporte para forno e lava-louças. O único do mercado com 2 barras de segurança.

a partir de

10,70

ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO

Rua Visc. de Pirajá, 318 Loja 205 Tel.: 521-6443 - Ipanema
Rua Conde de Bonfim, 346 Loja 208 Tel.: 264-3208 - Tijuca
Rua Manoela Barbosa, 1 loja 107 Tel.: 591-2498 - Méier

PLANTÃO ATÉ 22 HORAS
COMPRE PELO TELEBAUER
521-6443
264-3208 * 591-2498

Acabamento

Tok & Stok tem cozinha nova

A Tok & Stok está lançando novo modelo de cozinha - a Nouvelle Cuisine. Ela ganhou este nome por guardar semelhança com o que é assim chamado na culinária: uma cozinha simples e, ao mesmo tempo, sofisticada, leve, natural, feita com ingredientes de alta qualidade e apresentada impecavelmente. A Nouvelle Cuisine é toda revestida em melanina branca, tendo nas portas detalhes de frisos em madeira natural clara ou em mogno. Dois aspectos especiais fazem com que o novo modelo se destaque dos usuais: as dobradiças utilizadas são de extrema resistência e o armário inferior para a pia é feito em compensado naval, o que assegura maior resistência à umidade. A Nouvelle Cuisine é composta de 12 módulos em dois tamanhos, com uma ou duas portas, armários de canto, paneleiros e acessórios como gavetas aramadas, gavetas em plástico moldado para talheres, gavetões e cestas aramadas que proporcionam aproveitamento mais racional do espaço. Os endereços da Tok & Stok são: Casashopping, na Barra da Tijuca; Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 1417, e Plazashopping, em Niterói.

Solução ec

Reforma pode recuperar a

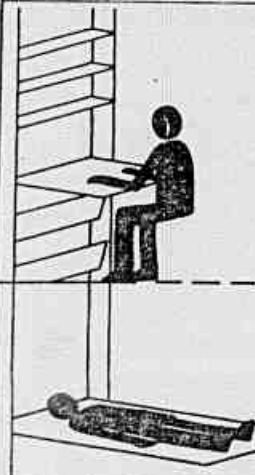
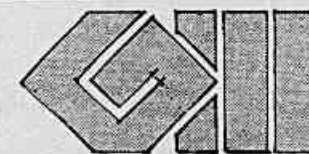
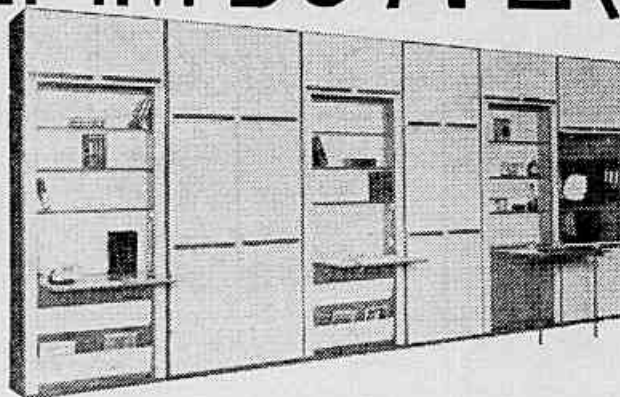
Ana Cláudia de Oliveira

A geladeira é, sem dúvida, o eletrodoméstico mais importante da cozinha. Quando quebra, não conseguimos nem mesmo preparar uma refeição ligeira, o que é possível quando o fogão pifa. Isto sem falar do período em que ela começa a adquirir aspecto desagradável e pouco higiênico, corroídapela ferrugem e com a tinta desgastada. Quando ocorre algum destes problemas, à primeira vista a melhor solução é trocá-la por outra novinha de modelo mais moderno. Ocorre, então, outra surpresa desagradável ao ver os preços nas lojas especializadas. Proibitivos para a grande maioria. Assim, a melhor saída para estes tempos de crise é partir para boa reforma.

Quando o problema é apenas mecânico, uma firma como a SAB, concessionária da fábrica Brastemp, conta com equipe especializada, que na visita domiciliar, ao custo de NCz$ 5,00, apresenta o orçamento para o conserto. Se for aprovado, a visita não é cobrada. Dependendo do defeito, o reparo pode ser feito na hora, ou, no máximo, em cinco dias. A SAB tem 20 filiais espalhadas pelo Rio e oferece garantia de 90 dias para os serviços normais, e de 180 dias, quando é mexida á unidade selada (o motor) do aparelho.

Alternativa para casos mais graves, como recuperação ou troca do gabinete, pinturas e reformas do motor, é chamar os serviços de

O compressor, comumente chamado de motor, e o condensador são as partes mais importantes na mecânica das geladeiras

O chapeamento é a lanter nas geladeiras. Elas voltar

conômica

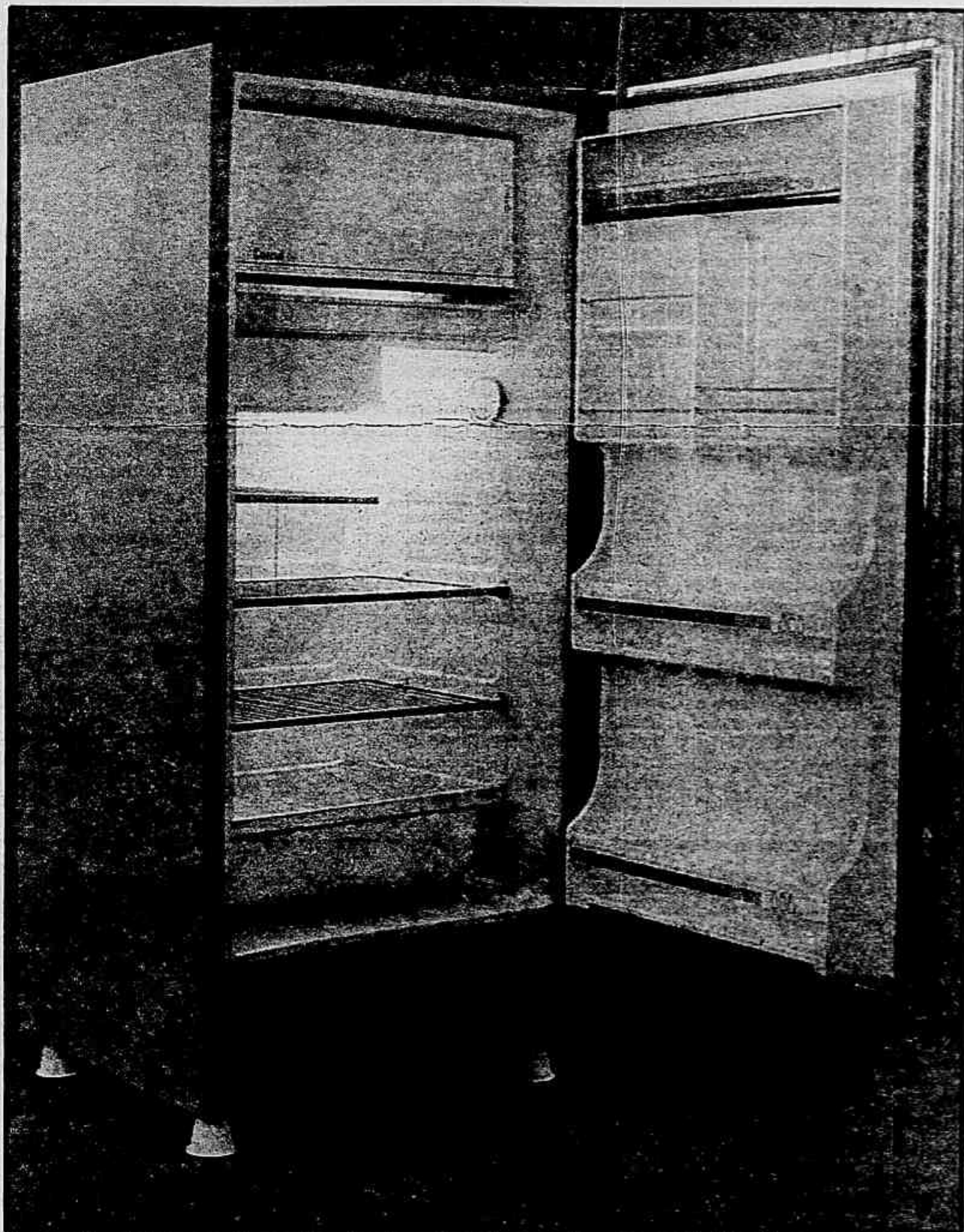
geladeira com problemas

otos de Fernando Lemos

nagem antiferrugem
n a ficar como novas

Francisco Dell'Uomo, antigo mecânico de aviação que se especializou, com o filho técnico em eletrônica, Franscisco José, em consertos de geladeiras. A oficina, Eletro-Rio, fica na Rua Paulino Fernandes, 1, em Botafogo, e ele garante que entrega qualquer serviço em apenas dois dias.

Para isto, conta com afiada equipe de mecânicos, lanterneiros e pintores que também executam o serviço de chapeamento, raridade na cidade. Francisco aceita qualquer marca de geladeira e oferece outro tipo de serviço: recebe a geladeira antiga ou quebrada como parte do pagamento de outra semi-nova, com preço a partir de NCz$ 120,00, recondicionada por ele na oficina (telefone:266-4678). Os serviços também têm garantia de três meses.

Quem tem uma preciosidade em casa, modelo antigo de geladeira de até 40 anos, não precisa mais se desfazer dela achando que virou peça de museu. Estes modelos importados foram fabricados no tempo em que os eletrodomésticos eram feitos para durar a vida toda. Pensando nisso, o técnico autônomo Carlos Fisher, além de aceitar todas as marcas nacionais, tornou-se especialista no assunto e só não trabalha com modelos a gás sulfuroso ou os industriais. No mais, reforma e recompõe, até as partes internas plásticas, quase sem deixar vestígios. Para os interessados, o telefone em horário comercial é 281-9216.

As partes internas do gabinete da geladeira podem ser substituídas ou recuperadas. Dependendo do estado de conservação, ficam perfeitas

Móveis do passado

Livro apresenta preciosidades do século XIX

Atraída pelo álbum que retrata, em desenhos e aquarelas, a viagem de Portugal ao Brasil feita por Charles Landseer em 1825, a professora Clotilde Cavalcante Albuquerque, anos atrás, procurou Cândido Guinle de Paula Machado, o editor do volume, para conversar e mostrar a pesquisa que vinha fazendo sobre o móvel brasileiro no passado.

Deste encontro resultou, primeiro, o volume editado por Paula Machado em 1982, **O Móvel no Brasil — Origens, Evoluções e Características**, e, agora, publicado como obra póstuma, **O Móvel do Século XIX no Brasil**, ambos assinados por Tilde Canti, pseudônimo de Clotilde.

O livro, trabalho gráfico de alta qualidade, com 190 páginas em papel Couché Polar, contém 192 ilustrações com bonita diagramação de João de Souza Leite. Ele foi lançado no Rio segunda-feira, no Paço Imperial, e em São Paulo, no MASP, durante a exposição **Encadernação Contemporânea Francesa**, patrocinada pela Associação Brasileira de Encadernação e Restauro. A publicação, segundo o editor, é muito apropriada ao momento, já que no mundo inteiro existe vivo interesse por coisas do século passado.

A linda capa do livro traz como símbolo do mobiliário do século passado no Brasil a palhinha. Uma das características do móvel na época. Ao longo dos 22 capítulos, Tilde Canti mostra como algumas peças da época foram fabricadas com madeiras nacionais. No período poucas peças eram feitas em jacarandá e muitas em vinhático, como os móveis de estilo tipicamente brasileiro: o pernambucano ou Beranger, fabricados por Julião Beranger e seu filho Francisco.

Os móveis da primeira metade do século XIX eram importados, como as tão conhecidas cadeiras Thonet e os móveis estilo Sheraton, inglês. O trabalho de pesquisa que nos traz o livro é fascinante. Com estrutura didática Tilde, apresenta as peças de cada período do século divididas em móveis de guarda (armário, cômoda, papeleira, escrivaninha), de descanso (cadeira, canapé, assentos em geral), de repouso (cama, leito, marquesa) e de utilidade (mesa, penteadeira, console).

Acompanhando cada fotografia e croquis selecionados pela autora em suas viagens pelo Brasil, de casas, fazendas e museus, uma legenda minuciosa explica cada peça ou detalhe. O livro tem tiragem de 1.500 exemplares numerados e custa NCz$ 200. (A.C.O.)

Reprodução

▲ *Estilo Império. Consolo em madeira e mármore cinza com veios brancos. Primeira metade do século XIX. No centro, as armas imperiais do Brasil*

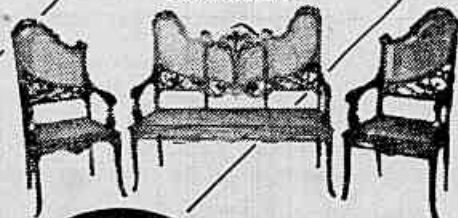
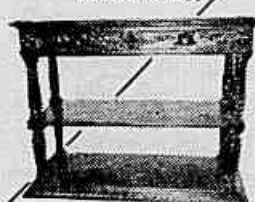
Marquesa em jacarandá, louro e palhinha. Estilo neoclássico Sheraton. A influência do estilo regência pode ser observada nos espaldares

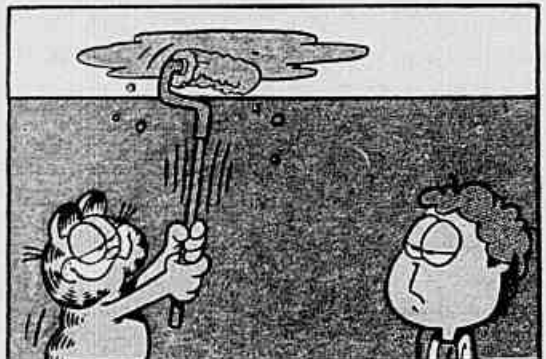
Reprodução

Leito com dossel, em jequitibá rosa, peroba e couro. Segundo quarto do século XIX.

▲ A escrivaninha em jacarandá e madeira clara é do primeiro quarto do século XIX. Em estilo neoclássico do último período D. Maria I

◀ Em estilo Império tardio, a cama da primeira metade do século XIX. Ela pertenceu à dona da casa onde funciona hoje o Museu Casa da Hera

Cadeira em jacarandá e palhinha, estilo diretório do segundo quarto do século XIX. Assento em palhinha com pernas dianteiras torneadas

Garfield

JIM DAVIS

Belinda

DEAN YOUNG E STAN DRAKE

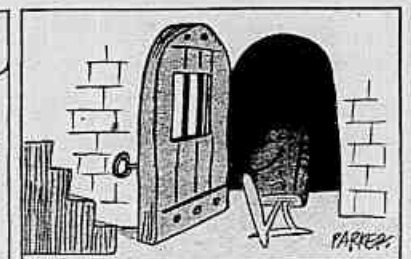
Peanuts

CHARLES M. SCHULZ

Kid Farofa

TOM K. RYAN

O Mago de Id

BRANT PARKER E JOHNNY HART

Ed Mort

L. F. VERÍSSIMO E MIGUEL PAIVA

Horácio

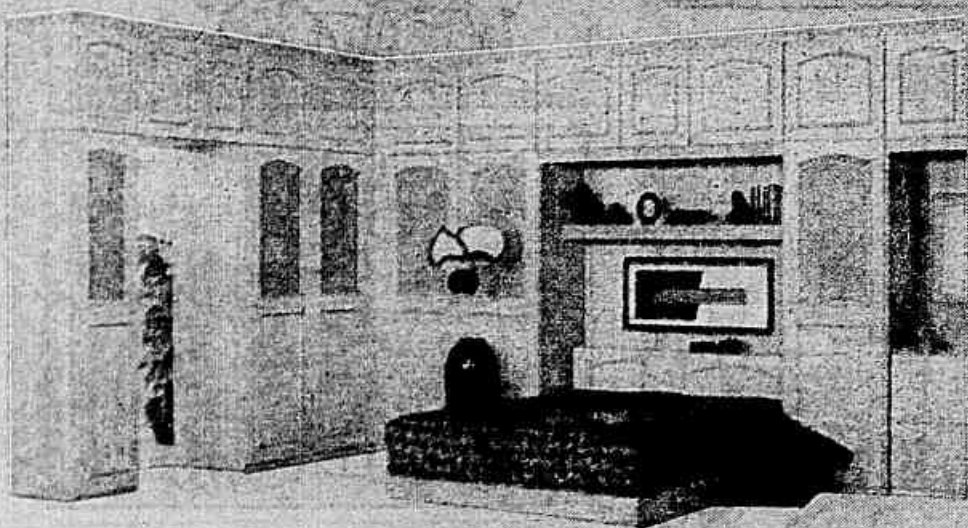
MAURICIO DE SOUZA

Cebolinha

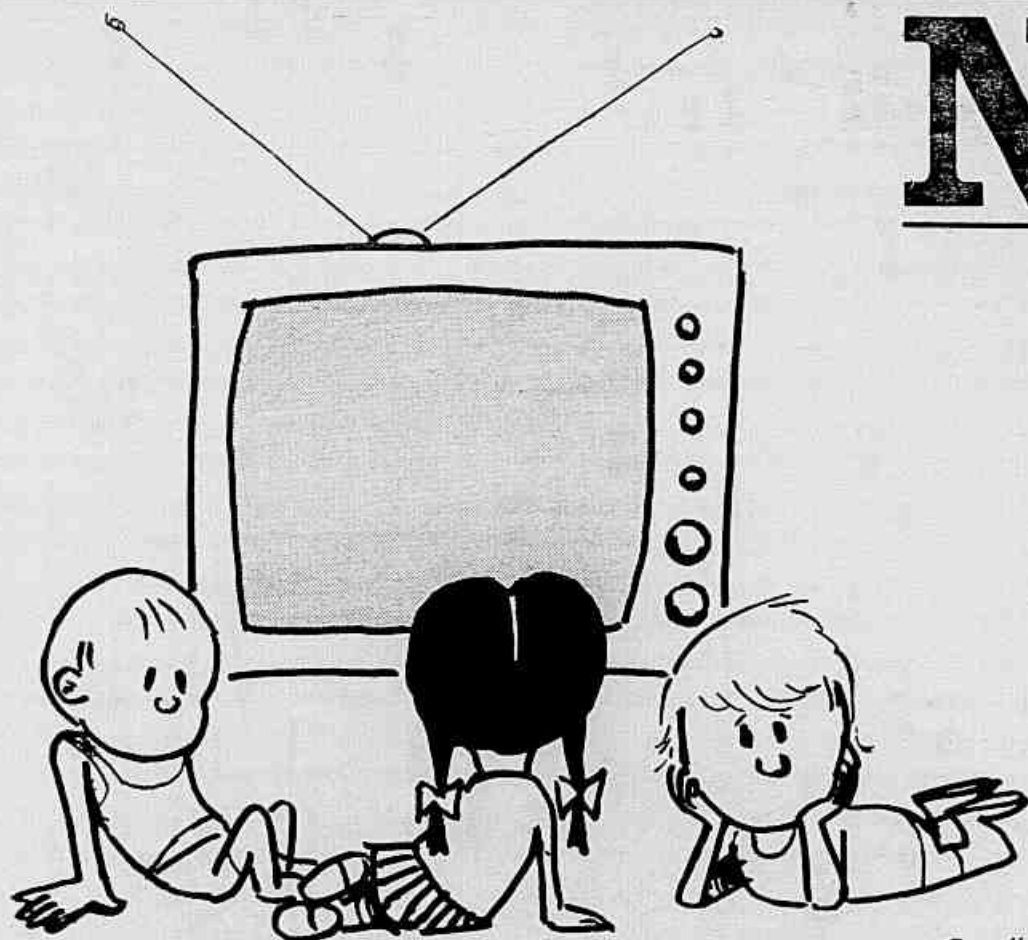
MAURICIO DE SOUZA

Marvin

TOM ARMSTRONG

JORNAL DO BRASIL

Niterói

Brincadeira de marmanjo

pág.6

Sem limite de idade, hora ou lugar, grupos de adultos reúnem-se para se divertir com os mais variados tipos de jogos e matar saudade da infância

2 de abril de 1989 ■ Não pode ser vendido separadamente

Depressa é que ele vai longe

O maratonista José da Silva faz da cidade sua pista para o sucesso

Liane Gonçalves

Ele não é um José da Silva como milhares que vivem no Brasil e enchem páginas de lista telefônica. Muito pelo contrário. Maratonista conhecido internacionalmente, José da Silva já correu em Nova Iorque, Tóquio, Casablanca, Londres e Marrocos. No dia 14, embarca para Milão, na Itália, onde participa da 3ª Copa Mundial de Maratona. Nascido no interior de Minas Gerais há 35 anos, Zezinho, como é chamado por todos, mora há oito em Niterói. "Eu me enraizei nessa cidade. De tudo que faço, correr é uma das melhores coisas. E aqui descobri isso", conta o maratonista. José da Silva é um típico atleta brasileiro. O começo da sua carreira foi por acaso. "Participei em 1980, na faculdade, de uma corrida de sete quilômetros, e o terceiro lugar me incentivou." A força de vontade e a determinação superam seu 1,60m de altura e seus 56kg. "A cada boa colocação, mais me entusiasmo." A emoção é plenamente justificável. Para chegar a 48 segundos do recorde brasileiro da maratona com apenas oito anos de treinamento, o atleta José da Silva, hoje patrocinado pela empresa de material esportivo Canalonga, lavou pilhas de pratos e foi guardador de carros. Diariamente, Zezinho vai ao Rio para treinar. Nem assim, abandonar Niterói passa pela cabeça do corredor. "Não pretendo me mudar. Os melhores acontecimentos da minha vida foram aqui", diz.

Esporte no Brasil: Como em todo país subdesenvolvido, o esporte é o reflexo dos problemas sócio-político-econômicos da nação. Se o Brasil está mal, o esporte no país também está. As pessoas têm dificuldades para sobreviver. Então, como elas vão praticar esporte? Seria bom se o governo pudesse investir. Mas, não adianta nada, se a clientela que vai participar não tem onde morar, o que comer. Se nós tivéssemos condições sócio-econômicas, o esporte viria como conseqüência.

Olimpíada: Já foi o meu sonho. Eu estava empenhado em ir para Seul. Fiquei bem perto, mas não consegui. Agora passou e, na próxima, não vai dar mais. É muito difícil a nossa participação nas Olimpíadas. Como um nadador brasileiro pode competir com um russo que já nasce dentro d'água?

Esporte em Niterói: Aqui temos alguns atletas bons, mas eles conseguem um bom desempenho por si próprios, não por ajuda alheia. Tem a Fernanda Keller, que faz triatlo; a Raquel Fillizola, uma nadadora excelente. E falta também espaço. As únicas pistas que temos são a do Caio Martins e a da Polícia Militar. E são pistas de terra, não são de boa qualidade.

Patrocínio: É difícil. Você só arruma patrocinador se tiver bons resultados. E só arruma bons resultado se tiver patrocinador. É um paradoxo. Imagina só, você ter que trabalhar, estudar e treinar!

Esportista: Admiro o maratonista português Carlos Lopes. Ele foi um sujeito que depois dos 35 anos começou a ganhar tudo que era medalha. Ganhou uma Olimpíada, três vezes a São Silvestre, foi tricampeão de *cross-country*, tem o segundo melhor tempo do mundo nos 10.000 metros. Isso tudo depois de ficar três anos parado.

Alimentação: Como de tudo, mas tenho o cuidado em ter a alimentação mais variada possível. Não tenho muitos hábitos como a maioria dos esportistas. Quero continuar correndo e melhorar sem me violentar. Dizem que nós não podemos beber chope, mas eu gosto e bebo. Nada melhor que um bife com batatas fritas, um arroz soltinho e uma cerveja bem gelada.

Atividades culturais: Gosto de assitir a filmes de aventura, bem dinâmicos. Vou sempre aos cinemas daqui de Niterói, gosto do Central e do Cine Icaraí. Vou também ao bar Tio Cotó, no Gragoatá. Quando estudava na UFF, a gente se reunia lá. Sempre que posso, volto.

Vista: Em Niterói, a vista do Parque da Cidade é a mais bonita. Ficar lá em cima, no barzinho, tomando um chope e vendo as praias de Itaipu, Piratininga e o Rio é muito bom. Já estive em muitos países, mas paisagem mais bonita que a de Niterói não existe. Afinal, aqui é a minha casa. Não adianta...

André Barcinski

José da Silva treina em Itaipu, nos morros e até no Centro da cidade

CULTURA

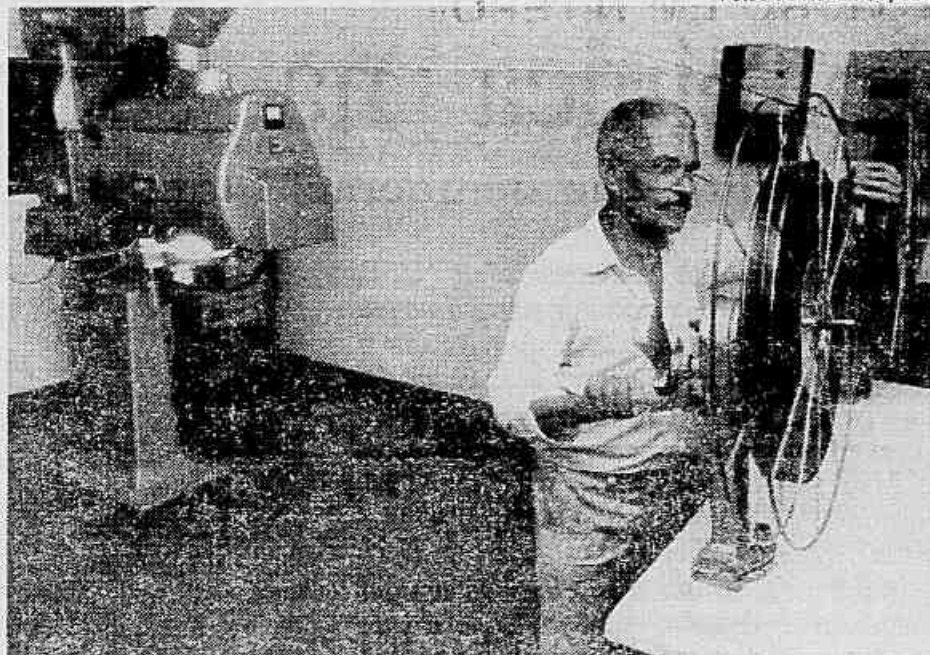
O turista intelectual

No Parthenon, cultura é uma viagem

Quem não gostaria de dar uma volta nas gôndolas de Veneza, conhecer as ruínas da Grécia ou desvendar os mistérios das pirâmides do Egito? Aventureiros, estudiosos e curiosos já podem preparar suas bagagens para conhecer e buscar essas reminiscências com uma boa dose de informação e cultura. Esta é a intenção do projeto da diretora do Centro de Arte e Cultura Parthenon, Verônica Ascetta. Há sete anos, ela se dedica ao turismo cultural por vários países. "A proposta é de expandir a nossa cultura e buscar coisas inusitadas. As pessoas precisam conhecer o que está acontecendo em outros lugares", afirma. O interessante deste projeto são os cursos oferecidos aos viajantes, que podem fazer uma maratona em todos os museus, pintar as paisagens ou fazer equitação nos Castelos no Vale do Loire, na França. "Sempre que levava os grupos para as excursões faltava dar a eles informações básicas. É bom poder valorizar o lugar refazendo fatos, voltando ao passado", diz a diretora. Todos os grupos que vão participar da maratona cultural fazem uma série de encontros para se habituar ao que vão encontrar do outro lado do Atlântico. "Fiz um curso de arte ao vivo", comenta Cléa Zarur, 53, que já fez o roteiro dos museus na França, Itália e Holanda. Para se escrever no intercâmbio basta procurar o Parthenon (Rua Manoel de Abreu, 9) e participar dos encontros. As viagens são a preço reduzido com direito a estadia e passagem, além dos cursos oferecidos. Viajar é preciso.

André Barcinski

Cléa Zarur já foi ao Egito com os colegas de pintura do Parthenon

Fotos de Renan Cepeda

Altamir já viu 300 filmes no Windsor e achou Retratos da Vida *cansativo*

Uma eterna sessão de cinema

Operadores de filmes: uma vida em foco

Apesar de não ser crítico de cinema nem cinéfilo inveterado, o niteroiense Levi Aguiar Alves, 54 anos, já assistiu a mais de 300 filmes. Ele é operador cinematográfico - responsável pela projeção dos filmes — do Cine Niterói, onde trabalha desde 1970. Em uma semana, Levy chega a assistir a 18 sessões de um mesmo filme, o que causaria inveja ao mais ardoroso fã de algum cult-movie ou documentário de rock. Como na maioria dos cinemas do Circuito Luiz Severiano Ribeiro, ao qual pertence o Niterói, os filmes ficam em cartaz durante duas semanas, tem que assistir pacientemente a um mínimo de 36 sessões da mesma fita. Não se pense que é muito. "No caso de grandes sucessos de bilheteria, como foi o filme *E.T. — O Extra Terrestre*, cheguei a assistir a 144 sessões", conta. Haja saco, inclusive de pipoca...

As primeiras exibições de cada filme são as mais importantes para o operador cinematográfico. "Verifico se a fita está em bom estado, sem riscos ou manchas de óleo, além de regular a imagem, as legendas e o som", explica Levi. Depois dessa checagem inicial, ele não precisa ficar com os olhos colados na tela durante todo o tempo, mas o perigo está exatamente aí. Seis horas dentro de um cubículo com duas projetoras pode se tornar monótono. "Os cochilos algumas vezes são inevitáveis", confessa. Para evitar maiores problemas, como aconteceu no Cinema Icaraí, onde um operador cinematográfico dormiu prejudicando a exibição do filme, o Cine Niterói mantém um operador substituto em todas as sessões.

Apesar dos 34 anos como operador cinematográfico, Levi nem pensa em se aposentar. "Mesmo nas férias, costumo vir passear no cinema." De todos os filmes que viu, o preferido é *Suplício de Uma Saudade*, um clássico do gênero melodrama de amor, com Robert Mitchum e Jennifer Jones (aquele da música *Love is a many splendored thing*). "Antigamente os filmes tinham mais romantismo", reclama. Apesar de preferir dramas e romances, Levi já exibiu até filmes pornográficos. Mas ele não é o único operador com vasta experiência em Niterói, evidentemente. Altamir Firmino da Cunha, 59 anos, também trabalha na área há mais de 30 anos. No Cine Windsor, na Moreira César, onde está desde a sua inauguração em 1983, já assistiu em torno de 500 exibições de mais de 100 filmes diferentes. "No início, o trabalho em cinema era apenas biscate. Gostei e acabei ficando", confessa Altamir.

Levi não vive sem cinema

Assim como Levi, ele também tem o ouvido aguçado para qualquer barulho diferente que os projetores façam. "Já estou tão acostumado com as máquinas, que nem preciso ficar olhando para a tela. Quando as projetoras fazem algum ruído estranho, já sei que a fita está com algum probleminha", explica. Altamir diz ainda que para o operador cinematográfico não faz muita diferença exibir um filme de 1h40 ou de 3h, mas confessa ter achado *Retratos da Vida* cansativo. Para Altamir, cinema já deixou de ser diversão há muito tempo. "Não me recordo da última vez que pisei num cinema sem ser para trabalhar", comenta. São os suplícios da atividade...

Sofia Cerqueira

Contra a razão cínica na saúde

■ O sanitarista Márcio Dias acredita que democracia também cura

□ *O professor do Departamento de Saúde da Comunidade, da UFF, Márcio Dias, um paulista de 37 anos, começou a concretizar seu projeto de muitos anos de trabalho na medicina: democratizar a informação sobre a saúde, combater as epidemias e as chamadas "doenças da civilização". No dia 13 de março, ele tomou posse como o novo diretor do Centro de Epidemiologia e Controle de Doenças (SCD), da Secretaria Municipal de Saúde. Médico e sanitarista especializado em doenças infecciosas e parasitárias, Márcio é conhecido em Niterói como um idealista e um batalhador da medicina popular. E tem um objetivo prioritário à frente da entidade que dirige: "Quero levantar todos os dados sobre a saúde na cidade, informar os médicos e a comunidade, recebendo deles também algumas informações sobre a ocorrência de doenças e acidentes de trabalho, para podermos agir em conjunto, o Centro de Epidemiologia, os médicos, os postos de saúde e as comunidades de bairro", explicou ele ao repórter NEY REIS, nessa entrevista.*

Niterói — O que o Sr. pretende fazer no Centro de Epidemiologia?

R — Conhecer de fato o que acontece na cidade em termos de ocorrência de doenças, utilizar esses dados para o planejamento da ação de saúde e repassar essa informação para a comunidade, acabando com o "dogma" de que a informação, em saúde, é um privilégio dos médicos e especialistas.

Niterói — Quais são os problemas de saúde mais freqüentes e como agir?

R — Além das doenças infecciosas, existem as chamadas doenças ocupacionais, os acidentes de trabalho e a intoxicação por agrotóxicos. Um exemplo de doença ocupacional é a que ocorre com um sujeito que trabalha numa pedreira e aspira o pó da sílica, desenvolvendo uma doença pulmonar chamada silicose. Um trabalhador da rede de esgotos pode contrair a leptospirose, uma telefonista pode ficar surda ou um digitador de computador pode ter artrite nos dedos. O Centro de Epidemiologia e Controle de Doenças quer obter informações sobre todos esses eventos.

Niterói — Como vai ser feito esse trabalho?

R — Foi criado um Boletim Individual de Notificação que vai ser distribuído e divulgado amplamente para toda a classe médica do município. Esse boletim contém todas as informações sobre o que fazer em determinado tipo de doença, em que prazo deve-se notificar o SCD etc.

Niterói — No sentido contrário, como a população vai ser informada?

R — Principalmente através das associações de moradores. Essa informação elaborada no Centro vai ser repassada aos postos de saúde, aos hospitais e às associações de moradores, em forma de boletins mensais abordando tópicos diferentes a cada mês.

André Barcinski

Márcio quer o povo e os médicos e informados sobre as doenças

Niterói — Quais são os problemas de saúde atuais na cidade?

R — Em Pendotiba há o problema da transmissão da esquistossomose. Quando trabalhei na região, há alguns anos, detectei um foco importante nos riachos que existem ali. Cerca de 10% das crianças do bairro tinham esquistossomose. Outro exemplo é a epidemia do dengue. Tivemos um surto sério em 86 e em 87. Em 88 não houve porque, segundo se diz, o mosquito transmissor foi controlado. Eu discordo. Ele está por aí e só não tivemos outra epidemia porque os índices foram baixos e porque muita gente está imunizada.

Niterói — Então não há perigo...

R — Errado. Esse é o problema. As pessoas estão imunizadas para o vírus *tipo um*, do dengue clássico. Mas ainda existem três tipos de vírus que não foram introduzidos no país, e portanto as pessoas não estão imunizadas. Eles podem ser introduzidos a qualquer momento, o que causaria uma epidemia de dengue hemorrágico. No caso clássico, a ocorrência de morte é de um caso para cada 5 mil. Mas no caso do dengue hemorrágico, em países onde o sistema de saúde é precário, como o Brasil, os casos fatais variam de 10 a 50% dos casos.

Niterói — O que provoca mais doenças e mortes em Niterói?

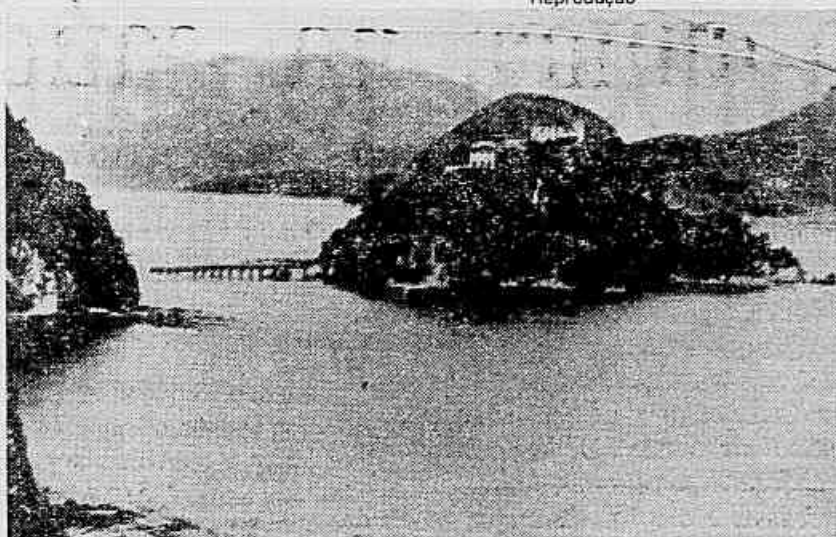
R — O problema realmente grave em Niterói é o do atendimento ao parto. Acontecem muitas doenças infecciosas em crianças recém-nascidas. Dos 301 óbitos ocorridos em Niterói em menores de um ano, 121 foram em crianças de até sete dias de vida. Há também as chamadas doenças da civilização. A maioria das mortes em pessoas de 40 anos ou mais é por causa de doenças cardiovasculares, câncer ou doenças degenerativas respiratórias. Há outros dois problemas seríssimos, que são os acidentes de trânsito e os homicídios. Mais de 60% dos óbitos entre jovens de 15 a 29 anos em Niterói ocorrem por homicídio.

Niterói — Qual o papel do médico nisso tudo?

R — Ele tem que ter maior consciência coletiva. Não sou contra a medicina privada, o consultório, mas cobro um maior compromisso ideológico com o coletivo. Num país onde o psicanalista Jurandir Costa Freire fala da "razão cínica", do "quero me dar bem em tudo", isso acontece também com os médicos. A sociedade brasileira está se lixando pro coletivo. Pretendemos ajudar a mudar isso, com o nosso trabalho.

FOCO NO TEMPO

Reprodução

Renan Cepeda

Localizada entre a Praia das Flechas e a Ponta do Gragoatá, a Ilha da Boa Viagem é sem dúvida um dos pontos mais bonitos de Niterói e uma referência permanente ao passado da cidade. As construções na ilha começaram a ser feitas em meados de 1665 com uma verba testamentária de José Gonçalves, um rico proprietário de terras da época. No ano seguinte, as obras prosseguiram com o auxílio de voluntários que, além da construção do Forte da Boa Viagem, se engajaram nas obras da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, que é a padroeira da ilha. O templo fica situado na parte mais alta e domina toda a entrada da Baía de Guanabara, possuindo uma bela lápide no estilo art-nouveau. Durante uma festa em 1870, a ilha se incendiou e sofreu sérios danos que só em 1909, com a ajuda dos escoteiros do mar, foram reparados. Dois anos depois, o governador Oliveira Botelho dotou-a com luz elétrica e em 1918 a ilha passou à jurisdição do Ministério da Marinha. Atualmente o local está nas mãos da bandeirante Maria Pérola Sodré e tem vários escoteiros do mar sediados nas suas terras. Os portões do lugar se encontram fechados para evitar invasões e possíveis atos de vandalismo nas ruínas do Forte. A Ponte que liga a ilha ao continente foi reconstruída em 1938 e poucos anos depois foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, atual SPHAN.

Carla Andrade

CARTAS

Pau no presidente

Lamentáveis as palavras do Senhor Armando Barcellos, 72 anos, presidente da Câmara Municipal de Niterói, transcritas para este jornal através do suplemento **Niterói**, por motivo de entrevista dada no dia 25/02/89, quando se refere ironicamente a sua colega da cidade do Rio de Janeiro, Regina Gordilho, menosprezando sua atuação e mostrando que, se depender dele, as coisas nas bandas de cá não irão mudar. Tal afirmação pode ser comprovada quando este senhor, do alto da presidência da casa legislativa municipal, critica a medida da secretária Municipal de Educação que acaba com a prática do clientelismo de indicações para a realização de matrículas nos estabelecimentos de ensino da cidade. *Josué de Souza, Niterói, RJ.*

O sertão vai virar mar

É intenção do Governo Estadual construir no 3º distrito de Cachoeiras de Macacu (Guapiaçu), uma represa para abastecimento de Niterói. Por mais nobre que seja a idéia, o método utilizado possui as características que os políticos e as autoridades brasileiras cismam em não largar: o autoritarismo, a não consulta à comunidade. Tal projeto implica no remanejamento de 500 famílias. Esta comunidade que ali reside, está arraigada à terra pela tradição agropecuária de seus ascendentes e que precisam ser respeitados. Encontram-se tensos e passando por grande abalo emocional, sem ter das ditas autoridades o mínimo esclarecimento acerca da real situação. Todo projeto foi feito às escondidas para não permitir interferência da comunidade local. Puro autoritarismo ou pura covardia. Existem outros locais não tão produtivos e de menor importância ecológica, onde este projeto poderia ser executado. *Sílvia Maria das Graças de Figueiredo , Niterói, RJ.*

R.T.Fasanello

Um leitor escreveu criticando o vereador Armando Barcellos

Glasnost para Araribóia

A democratização da informação, embora proclamada nos discursos oficiais, não parece ser esposada efetivamente pelo Núcleo de Educação Comunitária (orgão que representa a Secretaria Estadual de Educação nos municípios) de Niterói, que se negou a divulgar as vagas existentes para professores que querem participar do concurso de remoção. Comportamento este que contrasta fortemente com outros núcleos, como o de São Gonçalo e os três do município do Rio, que indicaram as vagas, como é dever do Estado e direito do cidadão: o acesso à informação. Por que a gerente do NEC de Niterói, Celina Brandão, oculta tais vagas? Será que as reserva para os protegidos e os indicados por pessoas "muito especiais"? *Marcos de Souza Carvalho , Niterói, RJ.*

O Bateau da CONERJ

Em outubro de 1987, o JORNAL DO BRASIL publicou uma carta em que chamávamos a atenção das autoridades para as irregularidades que vinham ocorrendo nas lanchas da Conerj. Salientávamos que os usuários corriam risco de vida, pois as lanchas, no horário de maior fluência, andavam super lotadas, adernadas perigosamente para o bordo da entrada lateral, onde se acumulam as pessoas que vão entrando na embarcação. E acrescentávamos: se não houver uma providência capaz de regularizar a situação, uma verdadeira catástrofe poderá acontecer a qualquer momento. Entretanto, tudo continua no mesmo, somente o preço das passagens é que mudou: foi aumentando exageradamente. Na ocasião apelávamos para o presidente da Conerj e para o Secretário dos Transportes. Diante da insensibilidade dessas autoridades, que nada fizeram, estávamos propensos a recorrer à Capitania dos Portos. Agora, porém, depois da inusitada atuação desse órgão oficial no caso do Bateau Mouche, desistimos da providência — que seria inteiramente inócua, pelo visto — e resolvemos voltar ao assunto deixando no ar o pedido de socorro, pois já não sabemos para quem apelar. O risco de vida a que estão sujeitos diariamente os usuários da Conerj vai continuar? O desastre de proporções incalculáveis está à vista. Vão deixar que aconteça, para então, abrirem um rigoroso inquérito para apurar responsabilidades e punir os culpados, doa a quem doer? A Conerj não é entidade privada, o seu presidente é nomeado pelo Governo Estadual! Ou estamos enganados? *Abílio Minucci Teixeira, Rio de Janeiro, RJ.*

JORNAL DO BRASIL/Niterói
Cartas para a redação: Av. Brasil, 500 — Sala 600 — São Cristóvão, Rio de Janeiro. Telefone: 585-4610. Anúncio/Telefone: 580-5522/717-9900

Os brutos também jogam

Jogos ajudam os adultos a matar as saudades da infância

Ao contrário do famoso personagem Peter Pan ou do garoto no filme *O Tambor*, eles não se recusaram a crescer. Durante quase todo o tempo, são o que se poderia chamar de adultos-padrão. Mas como ninguém é de ferro e saudade não tem idade, acabam virando crianças e brincando como qualquer pirralho, pelo menos por algumas horas. Paulo, Robson, Carlos, Ana Cristina, Vânia, Glaucia, Douglas, Mônica e Ignácio, apesar de crescidinhos, com uma idade média de 27 anos, fazem parte da legião dos viciados em jogos de tabuleiro e são capazes de dispensar tudo pelas emoções do War, Master, Contatos Cósmicos e outros jogos mais excitantes que venham a inventar.

Sempre que podem, eles não deixam de ligar um para o outro e combinar uma reunião no pequeno apartamento de Paulo, em Icaraí, para varar a madrugada se divertindo. A paixão por esta brincadeira já dura mais de 10 anos. No caso de Douglas Amaral, 33 anos, ela vem do berço. "Minha mãe se separou de papai porque, aos 10 meses, eu tive problemas e quase morri. Ela foi chamá-lo e papai não quis largar seu joguinho de buraco. Com esse passado, ninguém pode negar que eu tenha o jogo correndo nas veias", brinca ele. Já Robson Leitão, 26 anos, confessa que desde os oito era um inveterado jogador de víspora, sempre a dinheiro, é claro. Hoje, porém, nenhum deles gosta de botar dinheiro na brincadeira. "Senão, o objetivo do jogo se torna o lucro e não o estipulado na regra. Grana gera ansiedade, tensão e assim a gente perde o grande barato que são as brincadeiras, a descontração", justifica o psicólogo Carlos Bernardi, 33 anos.

Todos são unânimes em dizer que os jogos permitem um certo desligamento da realidade e um mergulho no mundo da fantasia. "Podemos visitar outros países, andar pelas ruas de Londres, viajar pelo Cosmos. Podemos nos transformar em detetives, soldados, seres alienígenas, enfim, dar asas à nossa imaginação", vibra Paulo Mattar, 28 anos, mostrando os jogos Volta Ao Mundo e Contatos Cósmicos. Este, por sinal, foi eleito por eles seu *cult-jogo*. Em Contatos Cósmicos, cada participante se torna um alienígena, dono de poderes que vão desde a capacidade de prever o futuro até a de inverter valores. O objetivo é

Na hora dos adultos jogarem, quem acaba sobrando é a criança, antes a senhora absoluta da brincadeira

Fotos de R. T. Fasanello

Na casa de Margareth (ao centro), em Piratininga, a jogatina traz gente de longe, como Wanderlei Paixão (à esquerda), que deixa a namorada em Pilares para jogar

André Barcinski

Paulo Mattar só apela para o buraco quando não há opção

a conquista de cinco planetas do sistema inimigo. "É o jogo a serviço da megalomania do ser humano. Não satisfeito em conquistar o mundo noutro jogo, o War, inventaram o Contatos Cósmicos para que tenhamos o universo nas mãos", observa Mônica Araripe, 26 anos, que apesar da crítica não esconde seu fascínio pelo *cult-jogo*.

No apartamento de Paulo, o tradicional baralho é desprezado compulsivamente por todos. "É nossa última alternativa. Sabe quando você já jogou tudo e então pergunta o que ainda falta? Aí não tem mais jeito: é o buraco", diz a cineasta Glaucia Mayrinck, 26 anos. Mas isto nunca ocorre. Afinal, eles dispõem de um arsenal com pelo menos 20 jogos, alguns dos quais ainda fechados. "O Diplomacia é estratégico e muito complicado. Logo, demora muito. Mas já senti que é ótimo", aposta o experiente Paulo. A paixão por estes brinquedos ganha contornos maiores em Carlos Bernardi, que não satisfeito por estar tentando traduzir as complexas regras do jogo inglês War Games, criado pela Academia Militar Inglesa, mergulhou de corpo e alma na criação de um jogo baseado na Corte do Rei Artur. "Estou colhendo os elementos principais da história para transformá-los em peças, aliadas às melhores regras que tirei dos outros jogos e condensei", teoriza o psicólogo.

A jogatina também faz a festa numa casa de Piratininga, onde Maria Isabel, Wanderlei, Margareth, Telma, Fátima, Nazaré, José Carlos e Cláudio se reúnem, religiosamente, pelo menos duas vezes por semana. A noitada não tem hora para terminar. "Começamos há um ano com o Master. Agora, estamos viciados no Imagem e Ação que jogamos até amanhecer", conta Margareth Villela. O sobrenome não poderia ser melhor: o desenhista Wanderlei Paixão nem reclama em ter que fazer uma verdadeira viagem de sua casa, no longínquo subúrbio de Pilares, no Rio, até Piratininga só para curtir sua paixão: o jogo. "O único problema são as reclamações da minha namorada, que não aceita minha preferência pelos amigos em detrimento dela." Quem deve se sentir desprezada também é a criançada que se vê obrigada a observar a brincadeira de seus pais num canto da sala. "As crianças ficam à vontade e depois acabam dormindo pela sala mesmo", admite a médica Maria Isabel Simondias, 30 anos, anfitriã dos veteranos jogadores.

Na família Côrtes Freitas, domingo é mais um dia de jogo do que de missa. A matriarca, Dona Felismina, reúne todos na casa de seu filho, o advogado Platão Côrtes Freitas, 37 anos, para desafiarem juntos os seus conhecimentos gerais jogando Master 2. Laços sentimentais à parte, é cada um por si e Deus por todos. Segundo Rosa Elisa, mulher de Platão, as feras são seus cunhados, Carlos Alberto e Otávio. "Eles são verdadeiras enciclopédias humanas. Sabem tudo de geografia, cinema, literatura e até de informática." A opinião muda em relação a outro cunhado. "O Getúlio, que adora dar respostas engraçadas. Outro dia, ele teve que dizer o que um criador de ovinos criava. 'Galinhas', respondeu ele, convicto", lembra Rosa Elisa. Há quem não ature este ludismo. A jornalista Ângela de Mattos, 32 anos, tanto reclamou que seu marido cortou os jogos nos fins de semana em sua casa. "O pessoal não se mancava e ficava até altas horas jogando. E ainda não podiam faltar os salgadinhos", lembra Ângela. Para não criar mais atritos domésticos, Antônio cedeu. Mas não abandonou sua paixão. Adaptou o Gamão para jogar sozinho e engordou sua lista de passatempos com a companhia do desconhecido Einstein. O jogo, evidentemente.

Sofia Cerqueira
Marcelo Gomes e
Ney Reis

CINEMA

RETROSPECTIVA 88 — Hoje: **Bom-dia Vietnã (Good morning, Vietnam)**, de Barry Levinson. Com Robin Williams, Forest Whitaker e Tung Thanh Tran. **Arte-UFF** (717-8080): 16h20, 18h40, 21h. (14 anos).
A guerra do Vietnã, vista com humor, através da história de um disque-jóquei que trabalha na frente de batalha animando as tropas americanas. EUA/1987.

A SÉTIMA PROFECIA (The seventh sign), de Carl Schultz. Com Demi Moore, Michael Biehn, Jurgen Prochnow e Peter Friedman. **Niterói Shopping 2**, **Windsor** (717-6299): 15h, 17h, 19h, 21h. Curta no **Niterói Shopping 2**: **Ressurreição**, de Arthur Omar. Curta no **Windsor**: **A superfície domada, partida, dobrada**, de Newton Silva. (14 anos).
Suspense. Depois que as seis profecias do Apocalipse são cumpridas, uma mulher descobre que só ela e o filho que vai nascer podem impedir o cumprimento da sétima. EUA/1988.

MISSISSIPPI EM CHAMAS (Mississippi burning), de Alan Parker. Com Gene Hackman, Willem Dafoe, Frances McDormand e Brad Dourif. **Niterói** (719-9322): 13h30, 16h, 18h30, 21h. (14 anos).
Baseado em fatos reais ocorridos em 1964. Dois brancos e um negro são mortos provocando a maior caçada humana da história do FBI e uma guerra pelos direitos civis. Oscar de melhor fotografia. EUA/1988.

RAIN MAN (Rain man), de Barry Levinson. Com Dustin Hoffman, Tom Cruise e Valeria Golino. **Icaraí** (717-0120): 13h30, 16h, 18h30, 21h. (Livre).
Jovem em sérias dificuldades financeiras descobre que o irmão mais velho, um autista, recebeu 3 milhões de herança e sequestra-o da fundação onde vive para ficar com o dinheiro. Oscar de melhor filme, diretor, ator e roteiro original. EUA/1988.

LIGAÇÕES PERIGOSAS (Dangerous liaisons), de Stephen Frears. Com Glenn Close, John Malkovich, Michelle Pfeiffer e Swoosie Kurtz. **Central** (717-0367): 14h, 16h20, 18h40, 21h. Curta: **Kultura tá na rua**, de Octávio Bezerra. (14 anos).
Na sociedade parisiense do século XVIII, uma marquesa e seu ex-amante brincam de envolver as pessoas em um jogo erótico, sem nenhum escrúpulo. Baseado na obra de Choderlos de Laclos. Oscar de melhor cenografia, figurino e roteiro adaptado. Inglaterra/1988.

UMA SECRETÁRIA DE FUTURO (Working girl), de Mike Nichols. Com Harrison Ford, Sigourney Weaver, Melanie Griffith e Alec Baldwin. **Center** (711-6909): 14h30, 16h40, 18h50, 21h. (10 anos).
Comédia dramática sobre uma secretária determinada a usar toda a inteligência e charme para conseguir seu lugar na cobiçada bolsa de valores de Nova Iorque. Oscar de melhor canção original. EUA/1988.

A HORA DO ESPANTO II (Fright night — Part II), de Tommy Lee Wallace. Com Roddy McDowall, William Ragsdale, Traci Lin e Julie Carmen. **Niterói Shopping 1**: 15h, 17h, 19h, 21h. Curta: **Violurb**, de Cleumo Segond. **Star** (São Gonçalo): 13h, 15h, 17h, 19h, 21h. Curta: **V'am p'ra Disneylândia**, de Nelson Xavier. (16 anos).
Terror. Nesta continuação, uma sedutora vampira volta para aterrorizar o adolescente que matou seu irmão no primeiro filme. EUA/1988.

TEATRO

DIREITA VOLVER — Comédia de Lauro César Muniz. Direção de Roberto Frota. Com Mauro Mendonça, Rosamaria Murtinho, Ana Maria Nascimento Silva e outros. **Teatro Abel**, Rua Mário Alves, s/nº (719-5711), Niterói. Hoje às 19h. Ingressos a NCz$ 5.

CRIANÇAS

ANNIE, A PEQUENA ÓRFÃ — Adaptação e direção de Eduard Roessler. Com o grupo Papel Crepom. Hoje às 16h. **Teatro do Abel**, Rua Paulo César, 107 (722-3305).

BIA BEDRAN — ENCANTANDO — Apresentação da cantora. **Teatro da UFF**, Rua Miguel de Frias, 9 (717-8080). Hoje às 16h. Ingressos a NCz$ 3.

CLUBINHO DO PLAZA — Encenação da história **Rapunzel e a torre de papel** com os palhaços Chumbinho, Blau-blau e Bacamarte. Hoje às 17h. **Plaza Shopping**, Rua XV de novembro, 8. Entrada franca.

Michael Biehn e Demi Moore estão em A Sétima Profecia, *no Niterói Shopping 2 e Windsor*

SHOW

LEO GANDELMAN — Apresentação do saxofonista. **Teatro Gay Lussac**, Rua Cel. João Brandão, 87, S. Francisco, Niterói (711-5547). 6ª e sáb., às 22h e dom., às 21h. Ingressos a NCz$ 5,00.

SHOW DO PIC NIC — Apresentação do cantor e compositor Yta Moreno. 3ª, 4ª e dom., às 19h, no **Plaza Shopping**, Niterói. Entrada franca. Até dia 12.

BARES

NÓ NA MADEIRA — Programação: 6ª, Eliane e banda; sáb., os cantores César Marques e Biba Ribeiro e dom., o instrumentista Jorge Bacelar. 6ª e dom., às 22h e sáb., às 23h, Av. Almte. Tamandaré, 810, Piratininga, Niterói (709-2308). **Couvert** 6ª e dom. a NCz$ 2,00 e sáb. a NCz$ 3,00. Consumação 6ª e sáb. a NCZ$ 3,00 e dom a NCz$ 2,00.

DANÇA

GLAUBER, A GRANDEZA DO DRAGÃO — Versão teatralizada e coreografada da obra de Glauber Rocha por Sylvio Dufrayer. Com Gilda Rebello e Sylvio Dufrayer. **Teatro da UFF**, Rua Miguel de Frias, 9, Niterói (717-8080). De 6ª a dom., às 21h.
Ingressos a NCz$ 4,00 e NCz$ 3,00, estudantes e classe artística. Último dia.

A SEMANA

EXPOSIÇÃO

IMAGENS ANÔNIMAS — Tema da exposição de Marcellus Schnell que usando tinta acr'lica sobre o papel torna seu trabalho o mais original possível. No Salão Cassino Icaraí (Rua Miguel de Frias, 9). De segunda a sexta, das 9 às 18h. Entrada Franca.

HUMBERTO CERQUEIRA: 40 ANOS DE PINTURA — Exposição dos trabalhos do artista que permanece fiel ao abstracionismo geométrico da pintura. No Museu do Ingá (Rua Pres. Pedreira, 78). De segunda a sexta, das 11 às 17h. Entrada Franca.

ARMANDO MATTOS E O DESENHO — Exposição do artista, que também é gravador, apresentando seus desenhos. No Museu do Ingá (Rua Pres. Pedreira, 78). De segunda a sexta , das 11 às 17h. Entrada Franca.

CINCO ARTISTAS DE PETRÓPOLIS — Cinco artistas reunidos apresentam a fidelidade da arte, cada um com seu mais forte elemento. No Museu do Ingá (Rua Pres. Pedreira, 78). De segunda a sexta, das 11 às 17h. Entrada Franca.

SHOW

CÉSAR MACHADO — Show do compositor, arranjador e baterista acompanhado por Fernando Merlindo (piano e teclados), Davi Ganc (sax), Nando Chagas (guitarra) e Flávio Pereira (baixo). No Dueré (Est. Caetano Monteiro, 1882, Pendotiba). Dia 6, quinta-feira, às 22h. Ingressos a NCZ$ 2.

MAITE-TCHU — Show do grupo formado por Aline de Cabral (soprano), Lilly (soprano), Maria Clara (Contralto), Fred Biasotto (tenor, arranjos e violão) e Guti (barítono, violão e arranjos). No Dueré (Est. Caetano Monteiro, 1882, Pendotiba). Dia 7, sexta-feira, às 23h. Couvert a NCZ$ 4. Consumação Mínima a NCZ$ 2.

TRABALHO SUJO — Show da banda formada por Marcos Penna (voz), Cacau (baixo), Moreno (guitarra e vocal), Carlos Nilton (guitarra solo) e Eduardo Zacharias (bateria). No "Nó na Madeira" (Av Almirante Tamandaré, 810, Piratininga). Dia 7, sexta-feira, às 22h. Couvert a NCZ$ 2. Consumação Mínima a NCZ$ 3.

DICRÓ E ELIANE DIAS — Show dos sambistas acompanhados pela Banda Magia, formada por Pedro (guitarra solo), Ricardo Alves (guitarra base), Amaury (bateria), Dante Carnavalesco (baixo) e João Ayres (percussão). No Samboteco (Praia de Itaipú). Dia 7, sexta-feira, às 22h. Ingressos a NCZ$ 2.

JOÃO NOGUEIRA — Show do cantor e compositor acompanhado por sua banda. No Icaraí Jazz (Praia de Icaraí, 407). Dia 7, sexta-feira, às 23h30m. Ingressos a NCZ$ 32 (mesa com quatro lugares)

MÚSICA

QUINTETO DE SOPROS — Composto por integrantes da Orquestra Sinfônica Nacional da UFF que interpretarão peças de Franz Danzi, Gabriel Pierné e Joseph Haydn. No Centro Educacional Mac Laren (Rua Soares Miranda, 77, Fonseca). Dia 5, quarta-feira, às 20h. Entrada Franca.

TEATRO

ALÉM DA VIDA — Peça psicografada por Chico Xavier e Divaldo P. Franco. Com Lúcio Mauro, Felipe Carone e Léa Bulcão. No Teatro Leopoldo Fróes (Rua Manoel de Abreu, 16). Dia 7, sexta-feira, às 21h. Ingressos a NCZ$ 3.

DIREITA, VOLVER — Comédia de Lauro César Muniz. Com Mauro Mendonça, Rosamaria Murtinho E Ana Maria Nascimento e Silva. No Teatro Abel (Av. Roberto Silveira, 29, Icaraí). Dia 7, sexta-feira, às 21h. Ingressos a NCZ$ 3.

FESTA

DEPOIS DE SOL — A festa é uma despedida aos fortes dias de calor e vai acontecer num clima bem tropical, onde a principal atração será a banda Hangar 18. No Clube Naval (Av. Carlos Ermelindo Marins, 68). Dia 7, sexta-feira, às 11h. Ingressos a NCZ$ 3,5 (para não sócios) e NCZ$ 2 (para sócios).

DEBATE

HAVERÁ ELEIÇÃO PARA PRESIDENTE? — Essa é uma das perguntas que está presente no debate com o jornalista Rogério Coelho Neto, famoso analista político. Na quadra do Gay-Lussac (Rua Coronel João Brandão, 87, São Francisco). Dia 3, segunda-feira, às 12h. Entrada Franca.

O POVO CIGANO DENTRO DA SOCIEDADE — Debate com Mio Vassieth, Antônio Guerreiro de Faria e Cristina da Costa sobre os ciganos. No teatro da Uff (Rua Miguel de Frias, 9). Dia 7, sexta-feira, às 19h. Entrada Franca.

RETROSPECTIVA UFF

Dia	Hora	Filme
3	15:30/17:30 19:30/21:30	TEMPO DE MORRER (Tiempo de Morir), Colômbia, 1985, de Jorge Ali Triana. Com Gustavo Angarita, Maria Eugênia Davila (14 anos)
4	15:30/17:30/ 19:30/21:30	O BAIANO FANTASMA, bras., 1984, de Denny de Oliveira. Com José Dumont, Regina Dourado (16 anos)
5	15:00/17:10/ 19:20/21:30	OS FANTASMAS SE DIVERTEM (Beetlejuice), EUA, 1988, de Tim Burton. Com Michael Keaton, Geena Davis (10 anos)
6	16:00/17:50/ 19:40/21:30	ESTRANHOS NO PARAÍSO (Stranger Than Paradise), EUA, 1985, de Jim Jarmusch. Com John Lurie, Richard Edsonm (10 anos)

IMÓVEIS COMPRA E VENDA
000

CENTRO
012

DESIGN — "INGÁ" — Ótima rua, sl, 2 qts (ste), cz, bh, dep, gr 70 Mil. 714-0404/714-0505 BA 260 C. 15324.

DESIGN — "INGÁ" R. PEREIRA NUNES — Varanda 4 qts (2 ste) 2 grs Só 160 Mil 714-0404 714-0505 BA 406 C. 15324.

DESIGN-"INGA" — Sl 2 qts bh cz só 37 mil 714-0404/714-0505 BA 253. C. 15324.

DESIGN-"P.J. CAETANO" — Salão 4 qts 3 bhs cp/cz dep gr Só 150 mil 714-0404/714-0505 BA 417 C. 15324.

DESIGN — "B. Viagem" prox. praia sl 2 qts c/ dep e gr 3 lances escada só 38 mil 714-0404 714-0505 BA 218 C. 15324.

DESIGN — "B. Viagem" Varanda, sala, qto, cz, bh, gr. Só 35 Mil. 714-0404/714-0505 BA 110 C. 15324.

DESIGN — "Inga" 1º loc. sl 2 qts (ste) 2 bhs cp/ çz dep e gr sinal 40 mil 714-0404/ 714-0505 BA 209 C. 15324.

DESIGN — "INGA" Varanda sl 2 qts c/dep e gr Sinal 47 mil 714-0404/ 714-0505 BA 240 C.15324.

DESIGN — "S. DOMINGOS Sl 2 qts c/dep e gr só 47 mil 714-0404/ 714-0505 BA 258 C.15324.

FRENTE AO MAR(INGÁ) — Frente salão sala (intima) 4 qts (2 suites) 2 banhs cop/coz (c/arm) dps compl 2 gar (PL/4013) 210 mil inf. 714-3744/710-0354 CJ 2696.

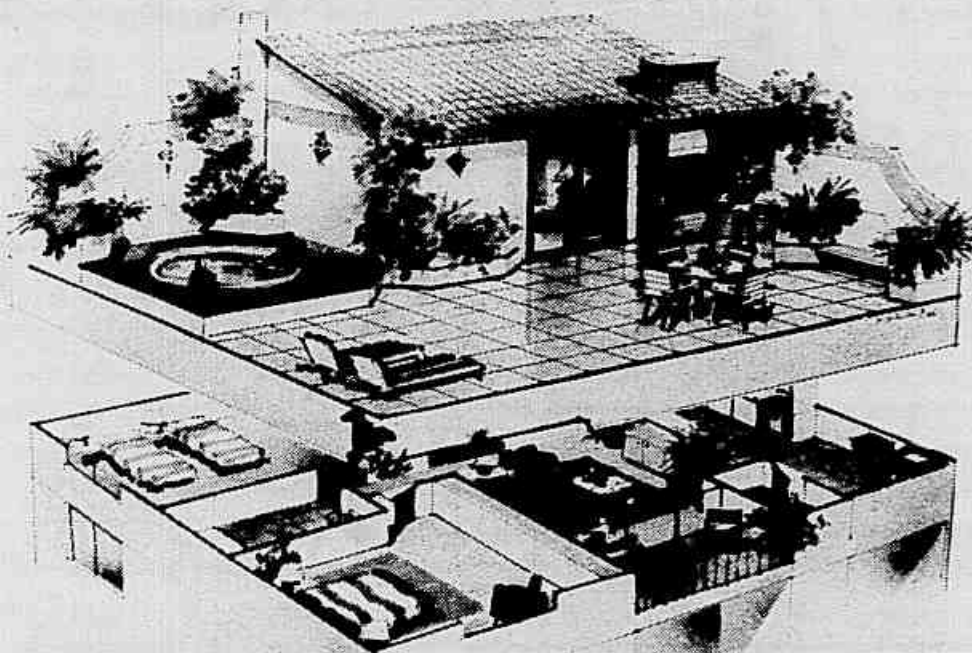
TODO MONTADO — Sala 2 qts c/ armários banh c/ arms coz c/ armários área dps gar 2 ar condicionado play s festa sinal 44 mil prest. 308.00 (PL/2032) 710-0354/ 714-3744 CJ 26.

1ª QUADRA — Sala 2 qts (c/arm) coz c/arms área dps gar play s. festa só 70 mil (quitado) (PL/2003) 710-0354/ 714-3744 CJ 2696.

CLASSIFICADOS JB - 580-5522 Anuncie por telefone de 2ª a 6ª feira para todas as edições até às 18 horas.

ICARAÍ
014

ALTO LUXO — "No miolo" varandão. salão (tb. corrida) 4 qts (2 suites) c/ armários banh (blindex/ armários) coz (c/ armários) lavabo dps área 2 garagem (PL/4004) 710-0354/ 714-3744 CJ 2696.

Acima de tudo, você.

Coberturas Solar do Barão. O endereço à sua altura.

Uma oportunidade única de elevar o seu nível de vida, morando numa cobertura duplex, com amplo salão, living, 2 quartos, 2 banheiros, terraço, churrasqueira e varanda.

Situadas a menos de 20 minutos do Rio, em condomínio fechado cercado por 20.000 m² de área verde, com quadra de esportes, 2 piscinas, sauna, salão de festas e bar.

Prestação fixa por 60 dias e depois acompanhando a equivalência salarial.

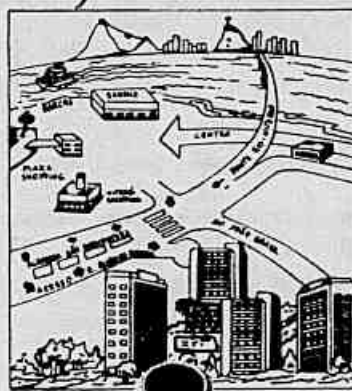
Você liquida tudo em até 20 anos, pelo plano antigo do Fundo de Compensação de Variação Salarial (FCVS).

E não sobra nenhum resíduo para pagar.

Mas atenção: restam apenas 18 unidades. Venha logo garantir a sua.

Quem quer viver bem, merece esta cobertura.

Acima de tudo, você.

PRONTO PARA MORAR MUDE JÁ!

Rua Rubens Brasil, s/n - Fonseca - Niterói
Corretores no local das 9:00 às 18:00 horas.
Para maiores informações ligue 719-2080/263-7233

Use seu fundo de garantia.
Renda Familiar....1.680,00
Prestação.......... 560,00

Incorporação
MASTER - JMC INCORPORAÇÕES LTDA.

Financiamento
CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Vendas
RD sol empreendimentos

IMÓVEL MOEDA FORTE

CRECI CJ 1679/Memorial de Incorporação 12815

TANDEM

A MELHOR COBERTURA ICARAÍ — Salão (50m²) tb. corrida sala j. inverno 4 qts (2 suites) despensa área dps completas piscina sauna terraço 40m² gar (3 vagas) "Vista Cinematográfica" só 600 mil (PL/4003) 710-0354/ 714-3744 CJ 2696.

DESIGN "ICARAI" — Varanda, salão, 3 qts. (ste.), 2 bhs., cp/cz., dep., gr. Sinal 140 mil. 714-0404/ 714-0505 BA-328 CREÇI-15324.

DESIGN "ICARA,I" — Alto luxo, varanda, 4 qts. (2 stes) c/armários, 2 grs. 714-0404/714-0505 BA-411 CRECI-15324.

DESIGN — P. ICARAI" — Fundos. salão, 3 qts, 2 bhs, cz, dep e gr. Só 130 Mil. 714-0404/714-0505 BA 311 C. 15324.

DESIGN "ICARAI" — Sl 2 qts bh coz sinal 25 mil 714-0404/ 714-0505 BA 208 C. 15324.

DESIGN — "ICARA'I" Cobertura 2 sls 4 qts (ste) dep gr Só 180 Mil 714-0404/ 714-0505 BA 405 C. 15324.

DESIGN — "ICARAI" Cobertura c/ sauna piscina toda montada c/ 3 qts (ste) gr Só 115 Mil Dolares 714-0404/ 714-0505 BA 339 C. 15324.

DESIGN — "ICARAI" Vazio sala 3 qts 2 bhs dep gr Só 85 Mil 714-0404/ 714-0505 BA 333 C. 15324.

DESIGN — "P. ICARAI" Salão 4 qts 2 bhs cp/ cz dep gr Sinal 120 mil + peq. saldo 714-0404/ 714-0505 BA 402 C. 15324.

DESIGN — "Icarai" Sala, 3 qts, bh, copa e coz, dep. Sc 55 mil. 714-0404/714-0505 BA 314. C. 15324.

DESIGN — "ICARAI" — Vazio, sl, 2 qts c/arms, cz, bh gr Só 55 Mil 714-0404/714-0505 BA 264 C. 15324.

DESIGN — "ICARAI" — Tenho apt° 3 qts (ste), gr. Troco p/apt° 4 qts em Icaraí, pago diferença. 714-0404/714-0505 BA 305 C. 15324.

DESIGN — "ICARA'I" Vazio sala 3 qts bh copa e cozinha Só 70 Mil 714-0404/ 714-0505 BA 321 C. 15324.

DESIGN — "ICARAI" Sala 3 qts (ste) dep e gr Só 85 Mil 714-0404/ 714-0505 BA 325 C. 15324.

DESIGN "ICARAI" — Sala e quarto bh cz só 32 mil 714-0404/ 714-0505 BA 108 C. 15324.

CLASSIFICADOS JB - 580-5522 Anuncie por telefone de 2ª a 6ª feira para todas as edições até às 18 horas, para as edições de domingo e 2ª feira até às 20 horas de sexta-feira.

DESIGN — "P. ICARAI" COBERTURA" Alto luxo 4 qts c/ 3 vagas grs Fino Acabamento Base 580 Mil 714-0404/ 714-0505 BA 404 C.15324.

DESIGN "ICARAI — Sl., 2 qts., bh., cz., dep. Só 45 mil 714-0404/714-0505 BA-228 CRECI-15324.

DESIGN — "J. Icarai" Casa c/ 2 sls 4 qts (ste) c/ armários cp/ cz dep gr Só 110 mil 714-0404/ 714-0505 BA 541 C. 15324.

PJ JORPLAN IMÓVEIS

de novo só mesmo o nome!

Às suas ordens!

709-2093 709-3248

Estrada de Itaipu nº 8800

DESIGN — "ICARAI" Cobertura triplex 2 sls 3 qts (ste) dep gr Sinal 130 mil 714-0404/ 714-0505 BA 306 C.15324.

DESIGN — "Icaraí" Varandão, salão, 3 qts (ste), todo montado, gr. Sinal 100 Mil. 714-0404/714-0505 BA 326 C. 15324.

DESIGN "ICARAI" — 1º loc., varandas, 4 qts. (ste), 2 grs. Só 180 mil. 714-0404/714-0505 BA-401 CRECI-15324.

DESIGN "ICARA,I" — Sala, 4 qts. (ste), dep., gr. S,o 140 mil: 714-0404/714-0505 BA-415 CRECI-15324.

DESIGN — "COBERTURA" — Sl. 3 qts (ste), dep, 2 gar + terraço. Base 60 Mil Dolares. 714-0404/714-0505 BA 329 C. 15324.

Fale com quem entende.
Solidez e tranquilidade na compra/venda e avaliação do seu imóvel.

Estr. Celso Peçanha, 4830 Lj. 2 Tels: 709-0202/709-2788

DESIGN — "Icarai" Sl, 2 qts, bh, cz, dep. Só 30 Mil. 714-0404/714-0505 BA 231 C. 15324.

DESIGN — "ICARAI" — Sl 3 qts (ste) c/armarios cp/cz gr base 100 Mil 714-0404/715-0505 BA 302 C. 15324.

DESIGN — "Icarai" sl 2 qts c/ dep estacionamento 3 lances escada sinal 27 mil 714-0404/ 714-0505 BA 213 C. 15324.

DESIGN — "Icarai" 1ª loc., sl, 2 qts, c/dep e gr. Sinal 27 Mil. 714-0404/714-0505 BA 250 C. 15324.

DESIGN — "Icarai" Varandas, salão, 4 qts (ste), 3 bhs cp/cz, 3 grs. Sinal 140 Mil. 714-0404/714-0505 BA 410. C. 15324./F

DESIGN-"ICARAI" — Prox. Abel sl 2 qts bh cz gr sinal 15 mil 714-0404/714-0505 BA 263 C. 15324.

DESIGN — "ICARAI" — Salão 3 qts (ste) 2 bhs cp/cz dep gr Sinal 95 MIL + pequeno Saldo 714-0404/714-0505 BA 307 C. 15324.

DESIGN — "P. ICARAI" — Alto Luxo 1 p/and. 3 salas 3 qts (ste) c/ armários 2 dep 2 grs Base 270 Mil BA 304 C. 15324.

FRENTE AO MAR — Salão 3 qts (c/armarios) banh coz (c/arms) área dps garage só 150 mil (PL/3020) 710-0354/ 714-3744 CJ 2696.

ADM. VITOR PAIVA — ICARAÍ, Rua Comendador Queiroz, lindo sala, 3 qts, andar alto, quadra praia, vazio, estado de novo. Inf. 220-6380. CRECI J-2205 ABADI 318

FRENTE MAR — "Quitinete" (vista total mar) só 34 mil à vista (PL/ 1000) 710-0354/ 714-3744 CJ 2696.

O MELHOR DE ICARAÍ — Sala qto banh coz dps gar play s. festa sinal 30 mil prest. 68,00 dps gar play s. festa (PL/ 1002) 710-0354/ 714-3744 CJ 2696.

PERTO DE TUDO — 2 salões 4 qts (suíte) c/armários 2 banhs coz (c/arm) dps área 2 terraços garagem 210 mil (PL/4005) 710-0354/ 714-3744 CJ 2696.

DESIGN — "ICARAÍ" SL 2 amb. 2 qts cz bh só 35 mil 714-0404/ 714-0505 BA 214 C.15324.

SÃO FRANCISCO
015

DESIGN — "S. Francisco" Casa c/3 sls, 4 qts, 3 bhs, piscina, gr. Só 110 Mil. 714-0404/714-0505 BA 526 C. 15324.

A SUA CASA — Sala 3 qts banh coz dps área garage quintal (PL/5013) Sinal 75 mil prest 49,00 inf: 710-0354/ 714-3744 CJ 2696.

DESIGN "S. FRANCISCO" — Aptº sl 2 qts c/ dep s/ elevador só 30 mil 714-0404/ 714-0505 BA 200 C. 15324.

CLASSIFICADOS JB — 580-5522
Anuncie por telefone de 2ª a 6ª feira para todas as edições até às 18 horas, para as edições de domingo e 2ª feira até às 20 horas de sexta-feira.

SANTA ROSA
016

DESIGN-"STª ROSA" — Varanda sl 2 qts dep e gr sinal 40 mil 714-0404/714-0505 BA 233 C. 15324.

DESIGN "STA. ROSA" — Cobertura 2 sls 3 qts (ste) dep gar. Sinal 72 mil 714-0404/ 714-0505 BA 315 C. 15324.

DESIGN "STº ROSA" — Varanda sl 2 qts bh coz dep gr s'o 47 mil 714-0404/ 714-0505 BA 241 C. 15324.

DESIGN "STº ROSA" — Sl 2 qts bh cp/ cz dep e gar só 35 mil 714-0404/ 714-0505 BA 201 C. 15324.

DESIGN — "PÉ PEQUENO" — Aptº sl. 3 qts. 2 bhs. cz. Só 46 Mil. 714-0404/714-0505 BA 341. C. 15324.

DESIGN "STº ROSA" — Sl 2 qts (c/ armários) bh cz dep só 42 mil 714-0404/ 714-0505 BA 207 C. 15324.

DESIGN-"P. PEQUENO" — Sl 2 qts bh lavabo cz gr sinal 30 mil 714-0404/714-0505 BA 230 C. 15324.

DESIGN "V. BRASIL" — Sala qto cz bh dep e gr sinal 25 mil 714-0404/ 714-0505 BA 112 C. 15324.

DESIGN — "STA ROSA" Casa sl 2 qts cz bh quintal Só 26 mil 714-0404/ 714-0505 BA 504 C.15324.

DESIGN — "STA ROSA" Sl 2 qts c/dep e gr só 30 mil 714-0404/ 714-0505 BA 237 C.15324.

DESIGN-"STA. ROSA" — Moleza sl 3 qts c/dep Só 35 mil 714-0404/714-0505 BA 263 C. 15324.

DESIGN — "Sta. Rosa" Cobertura 2 sls, 3 qts, 3 bhs, cp/cz, 2 grs. Sinal 75 mil. 714-0404/714-0505 BA 317. C. 15324.

DESIGN — "Sta Rosa" Sl, 2 qts (ste) c/armários, dep e gr. Sinal 37 Mil. 714-0404/714-0505 BA 251. C. 15324.

FONSECA
017

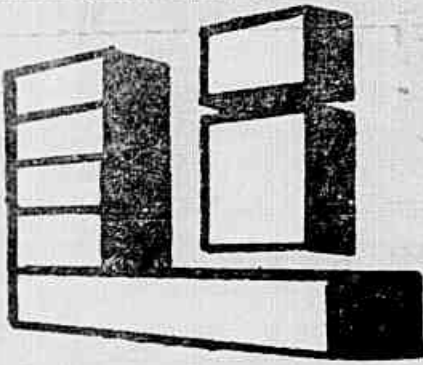
DESIGN — "FONSECA" — Sl. 3 qts. bh. coz. as. Só 25.500. Mil. 714-0404/714-0505 BA 336 C. 15324

DESIGN "FONSECA" — Cond. fechado sl 2 qts cz bh gr Sinal só 15 mil 714-0404/ 714-0505 BA 203 C. 15324.

DESIGN "FONSECA" — Na Alameda sl 2 qts (1 arm.) dep gr Sinal 26 mil. 714-0404/ 714-0505 BA 224 C. 15324.

DESIGN "FONSECA" — Sl 2 qts c/ dep e gr piscina sauna. Sinal 15 mil 714-0404/ 714-0505 BA 221 C. 15324.

DESIGN — "Fonseca" Sl, 2 qts, bh, cp/cz. Sinal 14 Mil. 714-0404/ 714-0505 BA 252 C. 15324.

DESIGN-"FONSECA" — Sl 2 qts cz bh gr sinal 16 mil 714-0404/714-0505 BA 244 C. 15324.

LOOK IMÓVEIS

Para seu maior conforto inauguramos a mais nova loja em Itaipu:
— Estrada de Itaipu, 43 — Tel: 7094343
Oferecemos agora dois pontos de venda em Itaipu:
FILIAL: Estrada de Itaipu, 43 — Tel: 7094343
MATRIZ: Estrada de Itaipu, 1945 Lj 106 — Tels: 7091653/7094677 Veja, com a equipe de corretores mais especializada, as melhores ofertas do mercado: **EXCLUSIVIDADE LOOK IMÓVEIS**

PENDOTIBA — Excel residência, no melhor ponto do bairro, com 02 salões, 04 qts, 02 suítes, lavabo, copa e coz, dep emp, 03 vars, garagem. Tudo isso num terreno de 1000 mts todo plantado. Preço: 110.000,00 LI 939.

PIRATININGA — "Pra quem deseja morar bem". Ótima casa, pertinho da melhor praia da região, com 02 salas, 04 qts (com armários), suíte, banh. soc, copa e coz, dep emp, área de serviço, var, gar, piscina. Marque uma visita! Negócio urgente. LI 870.

ITAIPU — "Financiamento garantido", com apenas 20.000,00 de sinal (facilitados), e o resto através do SFH, você compra uma ótima casa com sala, 02 qts, banh soc, coz, área serv, dep emp, var, gar, no finalzinho da construção, acab de 1ª. Não perca tempo! Ligue agora! LI 863.

ITAIPU — "Fuja do aluguel". Esta é a sua chance de morar no que é seu, ótima casa em local residencial, com salão, 02 qts, banh soc, coz, área de serv, dep emp, varanda, garagem. Fino acabamento, preço total 40.000,00. Chaves na hora! LI 729.

PIRATININGA — "ATENÇÃO". Pechincha! Excel opção para residência ou investimento, ótima casa com 02 salões, 04 qts, 02 suítes, banh soc, coz, dep emp, varandão, gar, terr de 1000 mts, precisando reforma, ótimo local. Preço apenas 35.000,00 LI 942.

PIRATININGA — "Para quem deseja tranquilidade" — Excel. residência, no ponto mais tranquilo de Piratininga, com salão, 03 qts, todos com piso e madeira trabalhada, (suíte), coz, banh. soc, dep. compl, varandão, garagem, piscina 7 x 4, terr. 450 mts. Quem ver compra! Preço: 90.000,00 LI 937.

CONDOMÍNIO — "Residência de Alto Nível", em um dos melhores condomínios de Itaipu com 03 sls, 04 qts (carpete), 02 suítes, lavabo, living, copa-cozinha, dep. emp., varandas, garagem, piscina, sauna, acab. com material de 1ª, e aquele algo mais, que é morar com todo conforto e tranquilidade. Preço: 160.000,00 LI 892.

PIRATININGA — "Para vender hoje", casa em local tranquilo, com sala, 03 qts, 03 suítes, banh. soc, lav, coz, área, dep. emp., var, gar, terr. de 600 mts. Pertinho de tudo. Preço: 50.000,00. Ligue Agora!

PIRATININGA — Excelente terrano, perto do trevo e junto a todo o comércio, são 350 mts, aterrados prontinho para construir, por apenas 16.000,00. Ac/ proposta em 2 vezes com correção. LI 10571.

CAMBOINHAS/JARDIM CAMBOATÁ — Terreno excel., todo plano, única oportunidade. Preço p/vender mesmo 35 milh. LI: 10.566.

TERRENO PLANINHO — Ao lado RINCÃO, excel. oportunidade. Preço hoje só 14 milh. Veja e compre agora. LI: 10.526.

CAMBOINHAS/JARDIM CAMBOATÁ — Resid. excel., vista deslumbrante, varandão, salão (03 ambs), sl estar, 03 dorms c/closed/suíte, copa e coz. amplas, deps compl., gar., pisc., jardins. Ligue e veja hoje. Preço: 280 milh. LI: 938.

STA ROSA/RUA NOBREGA — Excel. casa, vale a pena ver, salão, 04 qts (suíte), copa/coz. decor, deps compl., var., quintal. Preço p/vender 130 milh. **MOLEZA** LI. 934.

MARAVISTA I — Resid. ótimo padrão, 1º loc., toda linda, var., salão, 03 qts (suíte), copa/coz., clara deps, gar., quintal/jardins. Vale a pena ver. Preço: 52 milh. LI. 926.

APART-HOTEL CAMBOINHAS — Única oportunidade, excel. negocio, veja e compre hoje (vazio), sl, 02 qts, var., coz. kit, gar. Sinal: só 35 milh + peq. saldo. LI. 924.

ESSA É P/VENDER AGORA — Casa muito bem localizada, salão, 03 qts, excel. suítes, demais deps, pisc., sauna. Preço: 75 mil. + peq. saldo, prest. 19 mil. MOLEZA MESMO. LI. 923.

BOA VISTA/BAIRRO NOBRE — Ótima casa muito bem localizada, linda sala (02 ambs), 03 qts excel. demais deps, var., gar., quintal, preço p/vender hoje mesmo só 60 milh. LI: 921.

BOA VISTA - Casinha linda, 1º loc. p/vender hoje, var., sl (02 ambs), 02 ót. qts, deps. compl., gar., quintal. Preço: 45 milh. MOLEZA MESMO. LI: 919.

UBÁ III — Alto padrão, melhor condomínio da região, todo comércio ao redor, resid. maravilhosa, fino acabtº, salão (03 ambs), 04 qts, suíte/closed, deps. compl., área lazer, c/pisc., sauna, salão jogos, jardins. Vale a pena ver. Preço: 230 milh. LI. 844.

BOA VISTA/BAIRRO NOBRE — Rua excel., linda casa, sl, 03 qts (suíte), copa/coz., deps., var., gar., pisc., terreno 450mts. Sinal: 60 milh + peq. saldo. LI: 915

Rômulo IMÓVEIS

RESIDÊNCIA EM ITAIPU FINANCIADA — 2 q, sl, cz, ban, dep, próximo condução Preço NCz$ 40.000

TERRENO EM MARIA PAULA FRENTE PARA O ASFALTO — 500m², ótima topografia. Preço NCz$ 2.800

TERRENO EM SÃO FRANCISCO — Local agradável, vista panorâmica, topografia em declive. Preço 6000 dolares.

TERRENO EM PENDOTIBA — Próximo condução (Largo da Batalha), local tranquilo e seguro, ótimo preço.

TERRENO EM PENDOTIBA (RUA PACHE FARIA) — Próximo asfalto, 520m². Preço NCz$ 8.000

RESIDÊNCIA EM PENDOTIBA 3 LOTES DE TERRENO — Com piscina, muita área verde, 3 q, 3 g, dep, etc... Preço NCz$ 120.000

RESIDÊNCIA EM PIRATININGA — Próximo ao Bicho Papão, 4 q (st), sala (2 ambi. dep. g. Preço NCz$ 53.000

RESIDÊNCIA DE ALTO LUXO (ESTILO COLONIAL) EM SÃO FRANCISCO — 4 q (st) salão de festas, sala 4 amb, arm. embutidos 5 ban, escritório, piscina, sauna a vapor, churr, 3 g, 2 dep, situada em local agradável, ter. de 900m² ACEITA RESIDÊNCIA MENOR VALOR PARTE DO PAGAMENTO

RESIDÊNCIA EM SÃO FRANCISCO EM CONDOMINIO — 4 q (st), salão, sala de jantar, adega, churr, sala de estar etc... Preço NCz$ 170.000

RESIDÊNCIA EM CONSTRUÇÃO (ESTÁGIO BEM ADIANTADO) SITUADA NO BAIRRO DE SÃO FRANCISCO — Com vista deslumbrante para o mar, 4 q (st), varandas, 2 sl, casa de caseiro, etc... Ter. 3000m², com grande reserva florestal (arborizado). Preço NCz$ 60.000

TERRENO NO CONDOMINIO UBA 5 — Com toda a infraestrutura, próximo a tudo, área de 780m² planos. Preço NCz$ 29000

AP PRAIA DE SAO FRANCISCO — 2 q, sl, cz, ban, dep, g. Preço 55000

TERRENO PRÓXIMO A LEILA DINIZ — 400m², excelente topografia (plana) vista para o mar. Preço NCz$ 17.000

DOIS LOTES DE TERRENO EM PENDOTIBA — Próximo ao Largo da Batalha, frente p/ o asfalto, 1000m² cada. Preço 8000 por lote.

TERRENO UBÁ 7 EM PENDOTIBA, 500M² — Condominio com toda a infraestrutura. Preço 15000

TERRENO NO CONDOMINIO UBA TERRA NOVA — 570m², em local privilegiado, topografia excelente. Preço NCz$ 24000

TERRENO EM CAMBOINHAS — Próximo a praia, quadra 109, 700m² (NEGÓCIO URGENTE/ MOTIVO VIAGEM) Preço NCz$ 45000

PERMUTO RESIDÊNCIA CONDOMÍNIO EM CHARITAS — Com toda infraestrutura, segurança, piscina, vista p/ o mar, 3 q (st), etc... POR SITIO NAS PROXIMIDADES DE PIRAI E M. VALENÇA.

NOTA — Havendo interesse de COMPRA, VENDA, PERMUTA OU LOCAÇÃO procure o corretor de Imóveis RÔMULO no escritório, nos horários de segunda a sexta de 8:30 as 19:00hs ou sábado das 9:30 as 17:00hs, ou pelo telefone 710-7349

Rua Tupis Nº2 - S Francisco - Tel 710-7349 CRECI Nº 12 771/RJ.

DESIGN "ITAIPU" — Casa estilo colonial c/ 2 qts varanda gr piscina. Sinal 25 mil. 714-0404/ 714-0505 C. 15324 BA 5000.

DESIGN — "Piratininga" Terreno c/406 m. Só 5 mil. 714-0404/714-0505 BA 603 C. 15324.

DESIGN — "Itaipu" cond. Grotão casa c/ 5 qts (ste) piscina fino acabamento sinal 100 mil 714-0404/ 714-0505 BA 521 C. 15324.

JORPLAN - CONDOMINIO UB,A — Itacoatiara, terreno lindo... Lindo! Ótima topografia. Vale a pena ver! JI-7/042 709-2093, 709-3248.

JORPLAN - BAIRRO SANTO ANTONIO — Casa em rua asfaltada e iluminada, salão, 2 quartos, dep. completa. JI-6/006 709-2093, 709-3248.

JORPLAN — Condomino quintas arcos lote paníssimo em localização previlegiada dentro dc condominio 850 m² JI 7/ 016 709-2093 709-3248.

JORPLAN — Só NCz$ 3.000 Engenho do Mato Terreno 450 em local de grande valorização Ligue e marque sua visita JI 7/061 709-2093/ 709-3248.

JORPLAN — MARAVISTA Sem igual no mercado area com 3.400 m² murada e aterrada Toda arborizada Ligue agora JI 7/001 709-2093/ 709-3248.

JORPLAN — ITAIPU MARAVISTA — Pertinho do asfalto em fase de acabamento sala 3 quartos 1 suite Ligue ja JI 6/052 709-2093/ 709-3248.

JORPLAN - MARAVISTA — 3 qtos., sinal NCz$ 15.000. Perto de tudo, casa novinha. Ligue e marque sua visita! JI-6/051 709-2093, 709-3248.

JORPLAN - MARAVISTA AVENIDA CENTRAL — Rua 6, vendo 3 lotes juntos ou separados. Área total: 1.080. JI-7/032 709-2093, 709-3248.

M I - MORORÓ IMÓVEIS

CASAS

ITAIPÚ — Magnífica casa 3 qts. suíte salão copa-coz. na melhor rua de Itaipú, pertinho do asfalto. MC 059

PIRATININGA — Exc. res. próx. trevo 3 qts. suíte salão copa-coz., local nobre venha conferir. Somente 55 mil, estudo sua proposta. MC. 046

ITAIPÚ — Magnífica res. 3 qts. suíte salão banh. c/ box blindex tudo de primeiríssima, casa toda gradeada p/ sua segurança com exc. piscina, venha conferir. 1ª locação MC. 069

CONDOMÍNIO UBÁ — Veja hoje maravilhosa res. preço justo p/ a beleza do imóvel, 3 qts. suíte salão escritório, fino acabamento mais piscina, sauna jardins e garage p/ 3 carros. Venha conferir, o condomínio mais lindo da região MC 055

CAMBOINHAS — Incrível mas é verdade, exc. 3 qts. suíte salão lavabo copa-coz e área lazer com churr. piscina e uma vista maravilhosa, ligue já MC. 073

PRAIA PIRATININGA — Ótima casa 3 qts. suíte sala e demais deps., somente 65 mil urgente. MC 075

LOTES

CAMBOINHAS — Pertinho do mar magnífico lote 650 m², uma verdadeira raridade venha conferir.

ITAIPÚ — Na entrada de Itacoatiara 740 m² ótima rua, preço justo p/ a beleza do imóvel. Somente 18 mil

COND. UBÁ I — Magnífico condomínio em Piratininga, o único lote à venda 1300 m² de pura beleza.

PIRATININGA — Atenção, temos vários lotes apartir de 8 mil, venha conferir.

OBS: Atendimento de 2ª a domingo no horário de 8:30 às 18:30h.

Estr. de Itaipu, 1600 Lj. 104 Piratininga — Tel: 709-0419 CRECI 6232

Obs: Atendimento de 2ª a domingo no horário de 8:30 às 18:30h

---

JORPLAN — Piratininga repasse de financiamento a 50m² da praia 2 salas 3 qtos suite não percam JI 6/ 009 709-3248 709-2093

JORPLAN - PIRATININGA — Mude hoje! 2 salas, 2 quartos, suíte, piscina, churrasqueira. Sinal 43.000 prestação 139,00 JI-6/022 709-3248, 709-2093.

JORPLAN — Faz a avaliação do seu imóvel em Itaipu Piratininga Camboinhas e Itacoatiara por telefone ligue e comprove 709-3248 709-2093.

JORPLAN — Itaipu Avenida Central ótima localização sala 2 quartos ampla cop/coz mude hoje pequeno sinal JI 6/ 054 709-2093 709-3248.

JORPLAN - RARIDADE MESMO! — Condominio Aldeia Itaipú, os três ,ultimos lotes à venda. 750m² cada um. Ligue já! JI-7/013 709-2093, 709-3248.

JORPLAN - MARAVISTA — Pertinho do asfalto, ótima residência com 2 salas, 3 qtos., suíte. Só NCz$ 60.000! Aceito SFH JI-6/049 709-2093, 709-3248.

JORPLAN — Tem clientes cadastrados para comprar seu terreno, mesmo com impostos atrasados ou afastado do asfalto. Ligue agora! 709-2093, 709-3248.

JORPLAN — Maravista Rua 19 Lote Quinze 360m² completamente planos ligue e marque a sua visita JI 7/ 024 709-2093 709-3248.

JORPLAN - BAIRRO SANTO ANTONIO — Local de grande valorização, 2 lotes: vendo juntos ou separados, 720m². Ligue agora! JI-7/06 709-3248, 709-2093.

DEMAIS BAIRROS
019

DESIGN — "S. Pedro Aldeia" Sitio c/48.400m casa principal + casa caseiro. Só 40 Mil. 714-0404/714-0505 BA 513. C. 15324.

DESIGN — "C. Frio" Casa de 2 qts em condominio. Só 10 Mil de sinal. 714-0404/714-0505 BA 519 C. 15324.

PENDOTIBA ITAIPU PIRATININGA
018

CONSTRUA SUA CASA C/ TRANQUILIDADE
• Adm. Obra eqpe própria
• Proj. compl. • aprovo. fin.
ENGº MUCIO MARTINS
SEGURANÇA E QUALIDADE
717-0745

DESIGN — "Piratininga" Casa c/2 sls, 3 qts (ste), dep gr. Só 55 mil. 714-0404/714-0505 BA 523 C. 15324.

DESIGN — "Itaipu" Cond. Grotão terreno c/900m. Só 18 mil. 714-0404/714-0505 BA 617. C. 15324.

CLASSIFICADOS JB - 580-5522
Anuncie por telefone de 2ª a 6ª feira para todas as edições até às 18 horas.

DESIGN — "Piratininga" Terreno plano c/513m. Só 7 Mil. 714-0404/714-0505 BA 615 C. 15324.

DESIGN — "Pendotiba" Cond. J. América, terreno c/ 360 m. Só 7.500 mil. 714-0404/714-0505 BA 600 C. 15324.

DESING — "PIRATININGA" — Sua chance de morar bem, casa c/3 qts (ste) 3 grs coberta rua calçada. So 60 Mil, aceita carro, tel. terreno ou casa 714-0404/714-0505 BA 5001 C. 15324.

DESIGN — "Piratininga" Terreno plano c/656m. Só 15 mil. 714-0404/714-0505 BA 602. C.15324.

DESIGN — "Camboinhas" Casa pré-fabric., sl, 2 qts, cp/cz, quintal gr. Só 37 mil. 714-0404/714-0505 BA 547 C.15324.